"Faltava esta política pública no Brasil... Reconhecer que não podemos mais desconhecer a imensa presença cidadã dessa gente com inesgotável capacidade de resistência e luta... A nossa gente mestre em sua erudição específica e especial nos inúmeros modos de ser, existir, conviver e se expressar. A cultura deixa a sua embalagem de mercadoria para pulsar no meio da rua como os velhos Griôs, saltimbancos da tradição oral, trazidos pelos infames navios negreiros da África, para no Brasil, semeados, ainda percorrem, hoje, os caminhos do sertão. Contam contos e aumentam pontos na auto-estima popular."
Gilberto Gil, em discurso no Ponto de Cultura Barão de Mauá RJ, 2005

... a Ação Griô tem uma organização e uma equipe de coordenação que é referência para o programa cultura viva. Suas vivências me levam para além da minha própria identidade, para caminhar nas trilhas da alteridade.
Célio Turino - Secretário de Programas e Projetos Culturais do Ministério da Cultura

realização:

Grãos de Luz e Griô
Ponto de Cultura

AÇÃO GRIÔ
NACIONAL

patrocinadores:

Cultura

CULTURA VIVA
Programa Nacional de Educação, Cultura e Cidadania

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
Ministério da Cultura

GOVERNO DA Bahia
TERRA DE TODOS OS SANTOS
Secretaria de Cultura

ação cultural:

Instituto Votorantim

NAÇÃO GRIÔ /// O PARTO MÍTICO DA IDENTIDADE DO POVO BRASILEIRO

NAÇÃO GRIÔ
O PARTO MÍTICO DA IDENTIDADE DO POVO BRASILEIRO

Organização: Lílian Pacheco e Márcio Caires
Grãos de Luz e Griô - BA

Sistematização de vivências, invenções e pesquisas compartilhadas dos pontos de cultura da Rede Ação Griô Nacional

Mas, e griô, o que é ?

"O griô vem da África. Ele ensina o que aprendeu com seus avós (tocar instrumento, contar nossas histórias, mitos, cantigas de rodas...) e também tudo que aprendeu em outros cantos. O griô aprende ouvindo, caminhando."

Etevan, Taiarca, Ianca, Hueverton, Renilza e Rose, crianças das oficinas Grãos de Luz e Griô

Nação Griô

O parto mítico da identidade do povo brasileiro

Organização

Líllian Pacheco e Márcio Caires

Grãos de Luz e Griô – BA

Sistematização de vivências,

invenções e pesquisas compartilhadas

dos Pontos de Cultura da

Ação Griô Nacional

Assessoria e apoio na sistematização

Cláudia Monteiro e Fabíola Resende

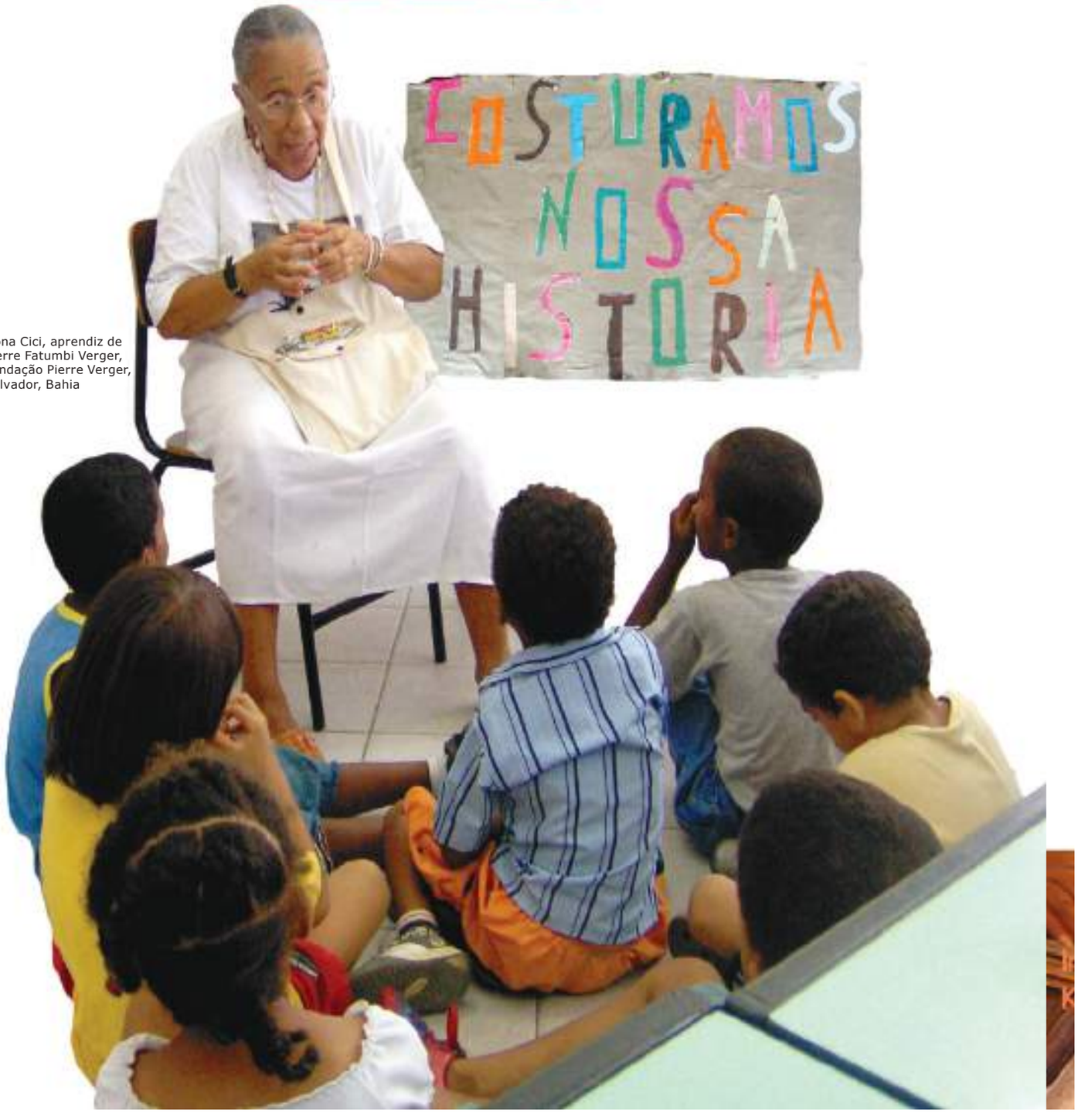
Fátima Freire e Henry Durante

Lúcia dos Prazeres e Guitinho da Xambá

Líllian Pacheco e Alexandre Santini

Ruth Cavalcante e Catarina Ribeiro

Vanda Machado e Márcio Caires



Dona Cici, aprendiz de Pierre Fatumbi Verger, Fundação Pierre Verger, Salvador, Bahia

"O Mestre é a raiz, o Griô é a sua rama."

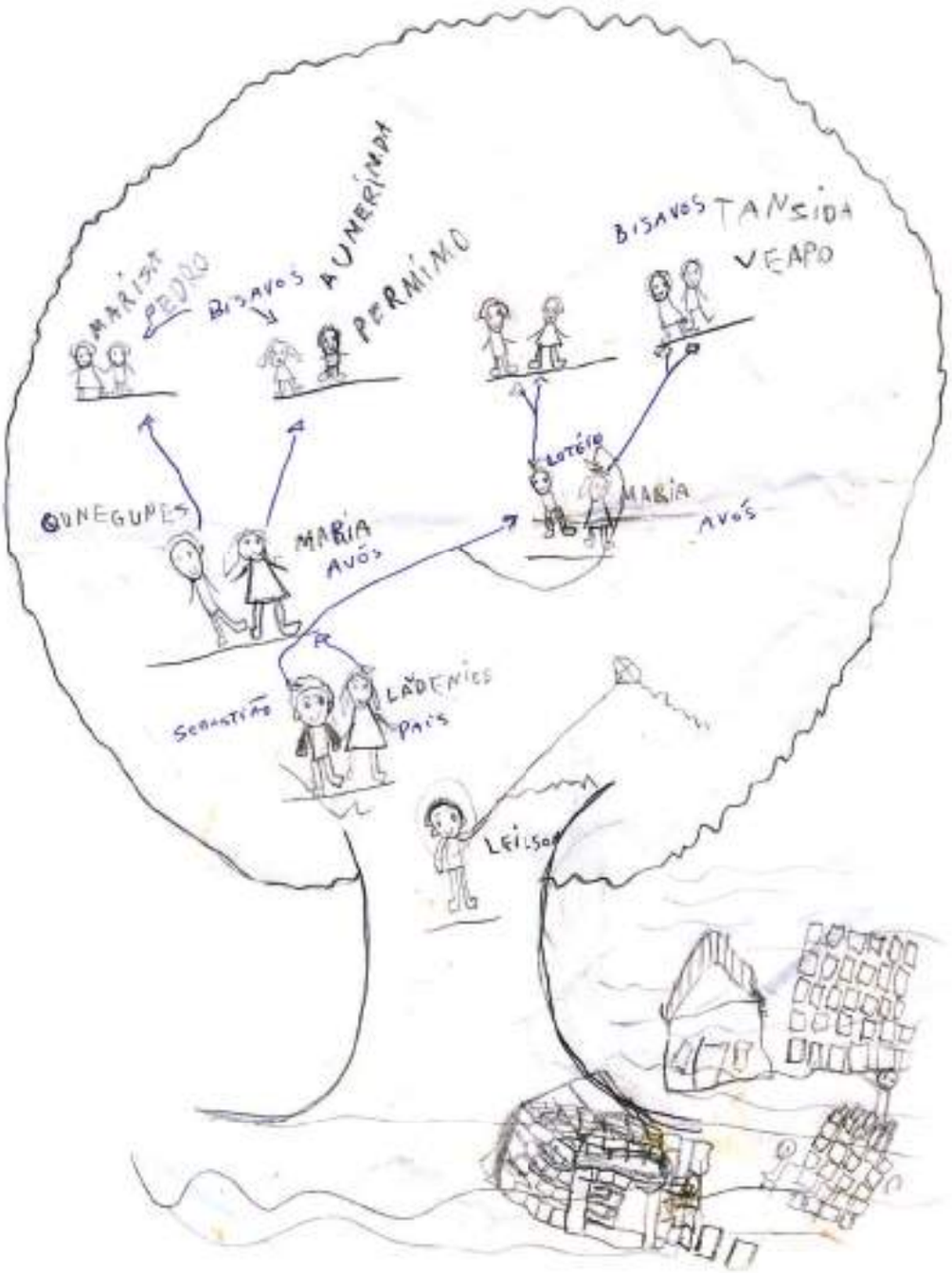
Mestre Dunga, mestre do Grãos de Luz e Griô, Lençóis, BA

"Quem não sabe não enxerga, e quem sabe tem que passar de pai para filho e de filho para neto."

Cantador João Picopeu, griô do Grãos de Luz e Griô, Lençóis, BA

"Correm nas mesas de Brasília mil projetos, disso e daquilo, mas eu juro, tenho muitas idéias e espero que alguém tenha sua atenção voltada para o Projeto Griô e os Pontos de Cultura. O projeto Griô me deu a oportunidade de conhecer outras culturas e outras vivências de que eu só ouvia falar, e a grande oportunidade de contar histórias de deuses, homens, bichos e mil encantamentos. O Projeto Griô fez minhas histórias criarem vida."

Dona Cici, griô da Fundação Pierre Verger, Salvador, BA
(ao lado na foto)



Leilson, 12 anos, Escola da Comunidade do Cantinho. Prof. Argileu Oliveira, Lençóis - BA

"Uma vez que a sociedade africana está fundamentalmente baseada no diálogo entre os indivíduos e na comunicação entre comunidades ou grupos étnicos, os Griots são os agentes ativos e naturais nessas conversações."

Amadou Hampâté Bâ, mestre africano da transmissão oral e especialista no estudo das sociedades negro-africanas das savanas.

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente".

Tierno Bokar Salif passou toda a sua vida em Bandiagara (Mali, África). Grande mestre da ordem muçulmana de Tijaniyya, foi igualmente tradicionalista em assuntos africanos. Falecido em 1940.

(Cf. HAMPÂTÉ BÂ).

Célio Turino, em vivência com educadores municipais de Lençóis, BA; com o Velho Griô; e com as griôs Rosa, Ana, Lina e Pedrina, Grãos de Luz e Griô, Lençóis, BA.

Foi seu avô José Turino
Que lhe trilhou pela fartura
Vender empadinha aos 10 anos
Foi sua primeira formatura
Um visionário desde menino
Quem fala agora é Célio Turino
O herói do ócio e dos Pontos de Cultura

Velho Griô conta a história de Célio Turino e facilita o ritual de abertura da TEIA, inspirado na tradição dos griôs do Mali, África.
TEIA 2007 - Encontro Nacional de Pontos de Cultura, Palácio das Artes, Belo Horizonte - MG

...até hoje peço empadas quando chego a algum lugar, como Swam ao molhar suas madeleines no chá em sua "busca de um tempo perdido", mas nunca reencontrei as empadas de meu avô. Só fui reencontrar o gosto de suas empadas ao escrever esta história, minha história, e contá-la pela primeira vez na terra onde nasci, em Campinas, São Paulo, numa vivência com o Velho Griô de Lençóis. Hoje gostaria de chamar nossa jornada de trabalho de Trilhas Griôs - minhas agradáveis caminhadas da empada. Meu avô era cinéfilo e leitor voraz, e, em nossas caminhadas, aprendi a gostar de cinema e dos livros... Mas, de todos, seu autor preferido era Jack London - *Caninos Brancos* - *Lobo do Mar* - e, como me tornei socialista, este pequeno texto só conheci anos depois, remexendo seus papéis. É um fragmento assim: " o desejo por viver em um tempo em que o homem deverá caminhar para alguma coisa mais valiosa e mais elevada que o seu estômago". Eu lembrava remotamente dessa frase, mas não sabia quem tinha me apresentado a ela. Foi um homem que fazia sonhos e empadas, José Turino, meu avô, meu griô.

História de vida e depoimento de Célio Turino, Mestre em História e Secretário de Programas e Projetos Culturais do Ministério da Cultura do Brasil

Sumário

Apresentação: uma conversa entre um secretário federal, um griô e uma educadora griô interiorana 12

Cordel de lançamento da Ação Griô Nacional - Márcio Caires 15

Carta aos Pontos de Cultura, Ongs e Escolas parceiras 17

Carta da Comissão Nacional dos Griôs e Mestres de Tradição Oral ao presidente Lula 19

Linha do Tempo da Ação Griô Nacional - Líllian Pacheco e Márcio Caires 23

A Pedagogia dos Encontros - Líllian Pacheco e Alexandre Santini 31

A Pedagogia Griô: 61

- Com a palavra Líllian Pacheco 63
- Com a palavra Henry Durante, griô aprendiz Regional Terra 83
- Com a palavra Guitinho da Xambá, griô aprendiz Regional Ventre do Sol 87
- Com a palavra Ruth Cavalcante, assessora pedagógica 90
- Com a palavra Cláudia Monteiro, assessora pedagógica 97
- Com a palavra Lúcia dos Prazeres, assessora pedagógica 99

Vivências e invenções dos Pontos de Cultura das Regionais da Ação Griô .....de 103 a 474

Créditos e parceiros da Ação Griô Nacional 475

Sumário

Regional Bahia
- Expressões Sertanejas: Solange Pamponet e Roquinho de Lima
- Ginga e Malicia: Edmeia Nascimento
- Pankararu: Eliza Pankararu, Tainá Pankararu, Atiã Pankararu, Yuran Pankararu
- Pierre Verger: Ângela Luhning, Alda Neves, D.Cici, e Sandro Felix
- Terra Mirim: Wayra Siveira

Regional Nascente das Veredas
- Casa da Juventude: Kátia Souza
- COEPI: Maria Cristina Campos
- Guaimbê: Daraína Pregnolato
- Humanizarte: Silvio Felix de Souza e Elenice Lopes
- Invenção Brasileira: Fabíola Resende
- Instituto Kairós: Rosana Bianchini
- Manguerê: Elaíse Sonegueti
- Projeto Presente: Fernando Fabrini e Vinicios Moreira,

Regional Terra
- Anima Bonecos: Paulo Nazareno
- Cultura Nativa no Caminho das Tropas: Grilo Seco
- CEACA: Mestre Alcides e Rodrigo Pança
- Chibarro Mix Cultural: Paulo Barbosa
- De Olho na Cultura: Vander de Paula

Regional das Águas e Amazônica
- Bruxa Ta Solta: Catarina Ribeiro
- Oca: Dereck Luan de Vasconcelos
- Acartes: Geraldo Damasceno
- Cultura ao Alcance de Todos: César Crispim, Claudenilson Cordeiro e Anízia Carvalho
- Gameleira: Dalila Moraes
- Beija Flor-Lampião: José Mariano

Regional Rio
- América Futebol Clube: Mary Monteiro e Jairo Mello
- Cartola Centro Cultural:Maíra Ferreira, Lília Langhi, Nilcemar Nogueira e Maria Moura
- Jongo da Serrinha: Carlos Alarcão e Marisa Silva
- Lira de Ouro: Alexandre Marques
- Raízes do Vale – PIM: José Luiz Junior
- Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha: Autoria Coletiva - Nathercia Lacerda, Maria Martha Diniz, Antonio Firmino, Aerson Costa, Carla Sartor, Everton Maia, Lino dos Santos Filho, Lucas Pablo Oliveira e Vicente Barros.
- Ta na Rua: Alexandre Santini e Janecleide Moura

Regional Ventre do Sol
- Alafim Mimi: Fabiano Santos
- Cais do Parto: Suely Carvalho
- Casarão de Ofícios: Raquel Barboza
- Coco de Umbigada: Beth de Oxum
- Cultura para o Desenvolvimento: Maria Consuelo Lopes
- Estrela de Ouro: Severino Vicente
- Olha o Chico: Linete Matias e Dalva Castro

Apresentação

Uma conversa entre um secretário federal, um griô e uma educadora griô interiorana

Célio Turino (12/01/2005)

- ... claro que vocês podem ir em frente. Eu é que lamento o fato de a máquina burocrática não conseguir acompanhar o processo na velocidade de que necessitamos. Portanto, boa sorte com o lançamento do Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô: a tradição viva de Lençóis. Gostaria de aproveitar para solicitar mais informações sobre o Projeto Griô (a palavra é francesa ou africana? em qual idioma?). Na verdade eu escrevia Griot (também está correto?). Por favor, mande informações sobre os Griots, sobre os mestres dos saberes, detentores da memória coletiva. Depois poderei explicar melhor, mas estamos com a intenção de criar um programa dirigido para a Cultura Imaterial e incorporá-la como uma outra ação do Ponto de Cultura e gostaria de dar o nome de Griô. Enfim, a experiência de vocês e toda informação sobre os Griots africanos será bem vinda.

Márcio Griô e Líllian Pacheco

- Para começar a conversa, pedimos a permissão e a bênção dos nossos griôs e mestres para sermos coerentes com a história e o saber da tradição oral.

Gratos pela honra de poder conversar com você sobre este assunto com que trabalhamos há 8 anos em Lençóis, Bahia. Essa conversa é compriiiida. Dá para ler alguns livros, caminhar pelo noroeste da África e pelo sertão da Bahia, por todos os cantos do Brasil, conhecendo um universo encantador, o universo da tradição oral, bem diferente do universo da tradição escrita.

Temos diversos sonhos e projetos de vida concretos realizados e em realização com essa história dos Griôs – essa caminhada é a caminhada de nossa própria vida.

A palavra é mesmo Griot e é absolutamente francesa. A importância de ter sido criada uma palavra em francês *está na comunicação que foi aberta para as diversas línguas do mundo, criando visibilidade para o valor deste lugar social tão presente no noroeste da África, que, nas línguas e dialetos africanos, tem diversos nomes, como, por exemplo, o Dieli, em bamanan. Nós resolvemos abrasileirar a palavra Griot. Então criamos a palavra Griô e estamos cultivando-a no Brasil.*

Bem resumidamente e segundo Hampaté-Bá, na tradição oral dos bambaras, do noroeste da África, os Griots são genealogistas, contadores de histórias, músicos/poetas populares que caminham de aldeia em aldeia aprendendo e ensinando a cultura. Eles às vezes são contratados por uma família nobre para pesquisar e contar sua história e genealogia, seus heróis e glórias. Eles podem, com suas histórias, enfeitar ou alegrar, como os palhaços nos eventos de uma comunidade. Na tradição oral, a palavra tem um poder e um significado bem diferente, é divina, tem um compromisso com a verdade e com os ancestrais. Dar o poder de brincar com as palavras (enfeitá-las e criar fantasias) para a tradição oral é algo polêmico entre os griôs e mestres. Por outro lado, existem os "Griots Reis", que aprendem com os "Domas" a terem o compromisso com a verdade. Eles pedem permissão aos seus ancestrais quando falam, e pedem ajuda para que nem o tom da sua voz crie dúvidas sobre a verdadeira história.

Os "Domas" são doutores em ofícios diversos e grandes iniciadores. Para ilustrar, quando um aprendiz quer ser iniciado por um "Doma", ele pode ser convidado a ficar um ano em silêncio antes de ter direito de fazer a primeira pergunta, olhando um ofício e ouvindo as verdadeiras histórias que ultrapassam gerações e se transformam em mitos. Vamos à África, como estamos indo aos diversos cantos de Lençóis reaprender sobre o universo da tradição oral, que é a raiz de nossa própria história e ancestralidade.

Os Griots, para se formar, têm que viajar e caminhar sempre. Quanto mais viajar e caminhar, mais ouvirá e conhecerá. Na Amazônia, temos pessoas da cultura indígena que têm este mesmo lugar social – o falador. Queremos aprender com eles também.

Temos uma leitura própria do que seja o Doma e o Griô na cultura brasileira, assim como do nosso sertão, da Chapada Diamantina e da Bahia. Buscamos aprender com eles. Buscamos caminhar junto com eles nas escolas e nas comunidades, com essas aprendizagens. Assim nasceu o "Velho Griô", que sou eu (Márcio), inventado, ou melhor, reconhecido e batizado por Líllian. Não como um personagem de teatro. O Griô para nós tem outro sentido. É um arquétipo da minha própria história, e ele tem uma pedagogia, a pedagogia griô, que Líllian vem criando e sistematizando, um jeito de aprender e de ensinar. Caminho com Griôs da tradição oral local e tenho um Doma (um mestre) que me inicia. Vamos lançar um livro – a Pedagogia Griô - e um jogo da trilha griô, que conta nossa caminhada e nossa proposta pedagógica nas escolas. Se quiser vir um dia caminhar por alguma comunidade, será um prazer recebê-lo.

Precisamos contribuir com a criação deste programa que você referiu. Seria um grande sonho ele ter uma filosofia de educação e um resultado político inspirado no projeto Grãos de Luz e Griô de Lençóis - Bahia, porque sabemos do encanto para a educação e para a vida em família e em comunidade, para as ciências e para o mundo da escrita que estamos construindo aqui.

Célio Turino

– Amigos... por coincidência, uns amigos do Ministério estavam passando as férias em Lençóis e até me ligaram entusiasmados para falar do trabalho de vocês e da inauguração do Ponto de Cultura. Parabéns! Quanto às informações sobre o Griô, muito obrigado e tenham certeza de que irei procurá-los para nos auxiliarem neste projeto nacional.

Márcio Griô e Líllian Pacheco

– Célio, na próxima terça feira, 26 de abril de 2005, estaremos em São Paulo num evento promovido pelo Prêmio Itaú Unicef para falarmos sobre o Projeto Grãos de Luz e Griô e o significado do primeiro lugar nacional no Prêmio 2003 entre 1.834 projetos no Brasil. Nesse evento, a edição do Prêmio 2005-2006 será lançada. Já solicitamos à coordenação do Prêmio o envio oficial do convite para você. Estaremos apresentando várias ações e resultados do Grãos de Luz e Griô de 2004 e 2005, que acreditamos terem influência da visibilidade e credibilidade que o 1º lugar no Prêmio Itaú Unicef nos proporcionou. Assim relataremos sobre o Ponto de Cultura e um projeto nacional em parceria com o Ministério da Cultura. Por favor, revise o discurso:

"Neste ano fomos eleitos "Ponto de Cultura" do Brasil pelo Ministério da Cultura. O Ponto de Cultura é a principal ação do Programa Cultura Viva, um programa de encantamento, criatividade e participação social, que também integra outras ações: A Escola Viva, o Agente Cultura Viva e a Cultura Digital. Inspirada em nosso trabalho, a Secretaria de Programas e Projetos Culturais, do Ministério da Cultura, estará lançando, até o final deste ano, mais uma ação do Programa Cultura Viva: o Griô. Nós fomos convidados para criar, propor e gerir de forma compartilhada essa ação."

Célio Turino

- Amigos, está aprovado o discurso no evento do prêmio Itaú Unicef. Parabéns!!! Parceiros ... estou escrevendo um livro e gostaria das referências de vocês sobre a Teoria do Caos, e os estranhos atratores que vocês compararam com os Pontões de Cultura naquela nossa conversa.

Márcio Griô e Líllian Pacheco

- Os estranhos atratores estão bem iniciados no livro de James Gleick chamado CAOS – a criação de uma nova ciência, da Editora Campus. A teoria do CAOS traz um conceito e um modelo físico-matemático que tem uma estética fantástica para modelos de intervenção na realidade em rede, ou em desenvolvimento aproximal. É uma viagem, mas ficamos imaginando que os Pontões são Estranhos Atratores ou Pontos Atratores, que, como Imãs Misteriosos, atraem os movimentos dos Pontos de Cultura, criando órbitas complexas, como na geometria fractal. Nessa lógica doida, os Pontões não são organismos vivos como os Pontos de Cultura, nem organismos a serem criados. São como estratégias regulares, intensas e silenciosas de irradiação, que injetam energia (alma) e criam movimentos de convergência entre os Pontos. É como dar comida ao Santo, entende! Essas formas de ver e de trabalhar com a realidade já existem tanto nas tradições orais quanto nas ciências e precisam ser reveladas e intensificadas. Tentamos pensar assim nas formas do Grãos de Luz e Griô em Lençóis, com teorias da complexidade e outras teorias que podem abarcar a vida e o universo da tradição oral e da educação, como o princípio biocêntrico. Se esses pensamentos não servirem para nada para você, servem para um exercício prazeroso da loucura. Se ela ficar fria, sem exercícios, não cria... Para continuar, queremos convidá-lo para um seminário com crianças, educadores, griôs e mestres. Teremos também a presença de Fátima Freire, assessora pedagógica do Grãos de Luz e Griô, além de parceiros, como a TV Futura e Yara Boesel, coordenadora do Prêmio Itaú Unicef.

Célio Turino

- Obrigado pelas loucas opiniões (assim a gente cria). Já anotei o nome do livro e vou adquiri-lo o quanto antes. Quanto ao período para o seminário, para mim está ótimo.

Márcio Griô e Líllian Pacheco

- Célio, o recurso do Ponto de Cultura entrou. Imaginamos que tenha entrado nos diversos cantos do país. Já realizamos encontros e vivências. Boas noites de sono e sonhe com um monte de pontos de luz no Brasil acendendo com suas criatividades e movimentos educativo-culturais...

Célio Turino

- Ufa !!!!! De fato, esse atraso estava tirando o meu sono.

Um abraço para vocês, queridos amigos dos Pontos de Cultura.

O griô de todo canto

Cordel de lançamento da Ação Griô Nacional
Márcio Griô, 02 de Fevereiro de 2006

Pra começo de conversa
Peço a bênção aos mais velhos
Que me dão sabedoria
Pra brincar com esses versos
E aos meus antepassados
Que deixo a seus cuidados
Como guias do universo

Sou neto de sanfoneiro
E bisneto de rendeira
Ajunta branco, índio e negro
É a familia brasileira
Este projeto foi gerado
Como um filho pegado
Pelas mãos de uma parteira

Este projeto que vos falo
Trata de uma reinvenção
Do griô que veio da África
Do Brasil e da tradição
Dos que guardam na memória
Preservando nossa história
Geração em geração

Um louvor às Mães-de-Santo
Curadores, Congadeiros
Aos Índios e Artesãos
Sambadores, Sanfoneiros
Repentistas e Rendeiras
Foliões e Capoeiras
Mestres, Griôs brasileiros.

"O Mestre é a raiz
E o Griô é a sua rama"
Já dizia o Mestre Dunga
Sábio curador de fama
Tradição é uma vivência
Quando junta com a ciência
Cultura que se proclama

A Rede Ação Griô
Pelo Brasil está caminhando
Da Xambá ao Tá na Rua
Numa Colcha costurando
Cada mestre e griô
Que educar com o seu valor
A história vai mudando

Em Roraima tem a Bruxa
No cerrado o Invenção
No Sudeste o Tamandaré
Construindo uma Nação
O Escalet no Piauí
Do Caburaí ao Chuí
Garantindo uma missão

A Pedagogia Griô
Vem de um Ponto de Cultura
De Lençóis, lá na Bahia
Vida roda se mistura
O Grãos de Luz e Griô
Criança Velho Professor
O criador e a criatura

Todo Ponto de Cultura
Tem sua pedagogia
Juntos todos numa rede
Ação Griô que se recria
Programa Cultura Viva
Um Brasil que se cultiva
Colhendo sabedoria

Me despeço convidando
Com alegria e encanto
Todos os mestres e griôs
Que protegem estes Pontos
No Brasil são diversos
Tecendo com tantos versos
Os griôs de todo canto

Gilberto Passos da Bahia
Passos deu pelo Brasil
Do acordeon caiu na bossa
Quando João Gilberto ouviu
Reinventor, foi um tropicalista
Ajunta o político e o artista
Nasce o Ministro Gil

Versos da História de vida do Ministro Gilberto Gil, contada pelo Velho Griô no ritual de abertura da TEIA 2007, no Palácio das Artes, Belo Horizonte, MG, inspirado na tradição dos Griôs do Mali, África.
Nas fotos ao lado (de Lídio Parente), o Ministro Gil participa de uma vivência da Pedagogia Griô, em Brasília, DF.

"Passos de minha mãe, Gil do meu pai, Gil Moreira, Dr. Gil, um Brasil que nascia para a modernidade, meados do século 20, gente egressa de extratos mais pobres da população brasileira. Na Bahia, dois negros mestiços, meu pai e minha mãe: meu pai se forma em medicina em 1939 na faculdade do Largo do Terreiro. Minha mãe fura as filas, se torna estudante da escola normal do Instituto Normal da Bahia e se forma como professora. Eles dois se conhecem, se casam, ali no Tororó

Fui no Tororó
Beber água e não achei
Encontrei bela morena, que no Tororó deixei
Aproveita minha gente, que uma noite não é nada
Quem não dormir agora dormirá de madrugada
Oh mariazinha, oh mariazinha . . .

Em 1939 se formam e, em 1940, ficam noivos e se casam. Vão para o interior em 1941 e, em 1942, voltam para Salvador, ela barriguda, pra me parir. Essa história é só um exemplo como a história do próprio presidente Lula; esses exemplos desse Brasil que vai arrancando à força, fazendo o seu caminho, abrindo as picadas com essa desenvoltura, esse lado apaixonado, essa sensualidade extraordinária que o Brasil tem, vai fazendo com que os obstáculos não sejam obstáculos, com que a construção se faça, com que o caminho se abra apesar das dificuldades. Enfim, era isso. Eu não vou ler o discurso que preparamos aqui. A TEIA é isso . . ."

Discurso de Gil na abertura da TEIA 2007 para todos os pontos de cultura, depois de ser apresentado pelo Velho Griô.

Carta aos Pontos de Cultura, Ongs e Escolas parceiras

A missão da Ação Griô Nacional é fortalecer a ancestralidade e a identidade do povo brasileiro por meio do reconhecimento do lugar político sócio-cultural e econômico de griôs e mestres de tradição oral na educação.

No primeiro ano de Ação Griô, entre 2007 e 2008, trabalhamos com aproximadamente 250 griôs e mestres, 300 instituições de educação e cultura e 75.000 estudantes. Nossa projeção para 2009 é trabalhar com 650 griôs e mestres, 600 instituições de educação e cultura e 130.000 estudantes.

Como acontece a Rede da Açao Griô Nacional? Nosso trabalho consiste em cultivar a rede de transmissão oral do Brasil. Para isso, caminhamos, invadimos e ocupamos com encantamento as escolas de nossas comunidades. Esse é o nosso primeiro convite. O Grãos de Luz que plantamos. Sonhamos fortalecer e criar vínculos entre escolas, comunidades e ongs. É assim que a educação cresce, desde os grãos da terra de cada um e para todas as direções. A direção da escola, os educadores e estudantes se reencantam com a educação no contato com os griôs e mestres de sua comunidade. Os griôs regionais caminham e costuram a rede, inspirando o diálogo de cada projeto com a sua escola parceira.

Os griôs aprendizes de cada Ponto e Ong realizam seus projetos pedagógicos, mediando o diálogo entre tradição oral e a educação fomal. Registram vivências, cada passo, cada invenção, com textos, fotos, vídeos. E, assim, junto ao representante institucional, criam relatos e registros no portal Nação Griô na internet. São três relatórios quadrimestrais. As assessorias pedagógicas regionais vão acompanhar esses relatos e registros, cuidando para que os projetos sistematizem suas ações e integrem a Ação Griô com a ação da instituição. Além do portal, temos dois encontros regionais para planejar e avaliar, bem como trocar experiências. Esses encontros marcam profundamente nossos corpos com a afetividade e a riqueza de saberes da tradição oral e da pedagogia da Ação Griô (leiam o capítulo "A Pedagogia dos Encontros"). É muito importante que todos os convidados participem. No final deste novo ano de Ação, estaremos lançando novos livros, filmes e produtos didáticos na rede de educação e transmissão oral do País para fortalecer a identidade e ancestralidade dos estudantes e do povo brasileiro.

Estaremos também lutando juntos pela criação e reconhecimento da lei de inicativa popular, a lei nacional dos griôs e mestres de tradição oral do Brasil. A comissão nacional dos griôs e mestres, a coordenação nacional, os griôs e parceiros regionais convidarão a todos para essa mobilização nacional.

A caminhada não começou aqui e nunca terminará. Aqui ela se encontra numa rede, na roda da vida e das idades dessa gente erudita de tradição oral. Vejam os nomes dos griôs e parceiros regionais no final deste livro e esteja em contato conosco.

Boa leitura. Os livros "*Nação Griô: o parto mítico da identidade do povo brasileiro*" e "*Pedagogia Griô: a reinvenção da Roda da Vida*" são referências inspiradoras para todos nós. E nós todos precisamos compartilhar diversas referências inspiradoras para outras ações. A Ação Griô se integra com as ações de cada Ponto e Ong parceira. Grande abraço,

Líllian Pacheco e Márcio Caires
Coordenação Ação Griô Nacional

De Garanhuns, em Pernambuco
Dos Caetés tem sangue forte
Aos 10 anos num pau de arara
Pra Guarujá trilhou seu norte
Foi engraxate de muita gente
De metalúrgico a presidente
Com o povo escreve a sua sorte

Velho Griô conta a história do presidente Lula e facilita o ritual de abertura da TEIA, inspirado na tradição dos griôs do Mali, África.
TEIA 2007 - Encontro Nacional de Pontos de Cultura, Palácio das Artes, Belo Horizonte - MG

Carta ao Presidente Lula

Griôs e Mestres lutam pelo reconhecimento da tradição oral na educação e cultura do povo brasileiro

Destinatário: Presidente Luis Inácio - LULA da Silva

A gente quer falar com você de brasileiro para brasileiro, de semeador para semeador. Como disse Mestre Marquinho, mestre capoeira de São Paulo, muita escrita não traz a emoção que a oralidade tem, mas a gente quer falar, nesta carta, com a arte da tradição oral para trazer essa emoção.

Esta carta brotou de um grupo de festa e trabalho da Rede da Ação Griô Nacional durante a TEIA 2008, em Brasília, entre 12 e 16 de novembro. Dele participaram a Rede das Culturas Populares, Federação do Congado Mineiro, Rede Memórias do Jongo, Campanha Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro, Brasil Memórias em Rede, Redes de Tradições Marajoaras, Folias de São Sebastião e Ladainhas, Rede de Capoeiras, de Parteiras, de país e Mães-de-Santo, de Erveiras, de Jongueiros, Cacuriás, Carimbós, Reizeiros, Cantadores, Tocadores, Contadores de Histórias, Cirandeiros, Maracatus, Cocos, Cavalo Marinho, Artistas de Circo, Teatro de Rua, Teatro de Bonecos, Mamulengueiros, Catireiros, Candomblé, Pastorinhas, Repentistas, Indígenas, Artesãos, Tradições Juninas... muita gente de uma erudição específica, como falou a griô aprendiz Lívia Castro da Bahia. É gente de sabedoria que não se encontra nem será substituída pelos livros de papéis, mas nos livros sempre novos que não precisamos folhear, mas escutar e viver. Gente participante e parceira da rede de pontos de cultura, do programa Cultura Viva (da Secretaria de Programas e Projetos Culturais - Ministério da Cultura)

Neste grupo de festa e trabalho da Ação Griô Nacional utilizamos a pedagogia griô, um jeito de dialogar, de prosear igual a uma oficina de Mestre Dirceu, congadeiro lá de Minas Gerais. Ele conta que pega umas contazinhas que dá num pé verdinho chamado saboneteira, e vai descascando e imaginando aquelas frutinhas e vai emendando uma por uma, uma por uma, até formar uma corrente de rosário, e cada continha passa a ter um significado. Então a gente foi juntando a prosa de dois em dois, de três em três, de cinco em cinco, até formar a prosa da grande roda, formar a corrente do rosário e da gente cheia de significado. Então essa carta lembra uma corrente de rosário feita por continhas, lembra também uma colcha de retalhos que costura as falas de 80 representantes diretos de mais de 1400 grupos culturais, comunidades e povos tradicionais e de 600 organizações de todos os estados e regiões do nosso país. Esse povo que quer falar com você sobre a criação de leis, programas e projetos de reconhecimento e incentivo à construção de nosso lugar político-cultural, educativo e econômico na sociedade brasileira, para o fortalecimento da identidade e ancestralidade de nosso povo.

A gente quer saber o que a gente sabe, a gente quer sair do anonimato diante do Estado. Com o nome de griô, de mestre do saber, de griô aprendiz, de mestre do mundo, de comunidade ou povo tradicional, de tesouro vivo, de patrimônio imaterial e cultural. São muitos nomes. A gente quer e vem saindo do anonimato e, nessa carta, a gente quer marcar na história do Brasil, a história de uma caminhada em uma longa estrada. Como fala Mestre Alcides, de capoeira de são Paulo, essa estrada que não começou agora, a estrada é quem criou a gente, a gente tem 30 anos de capoeira, 50 anos de repentista, 70 anos de parteira, muito mais de 500 anos de oralidade construída, e é com essa estrada que a gente tem que criar as leis e programas federais.

A gente vem estudando as leis estaduais (leis dos estados da Paraíba, Alagoas, da Bahia, do Ceará e do Pernambuco), editais federais (Ação Griô, Prêmio de Culturas Populares, Programa Mestre do Mundo, dentre outros), programas nacionais e estaduais que estão propondo políticas, algumas para a gente, outras, com e entre a gente. Como conversaram o Manzatti, coordenador do Forum de Culturas Populares Márcio Griô e Líllian Pacheco, coordenadores do Grãos de Luz e Griô e da Ação Griô Nacional, aprendizes, educadores, pesquisadores e militantes da cultura, as leis e programas têm no geral três mecanismos realizados através de editais. Cada mecanismo cria desafios para a gente pensar e reinventar caminhos e políticas:

Mecanismo 1 - o reconhecimento do estado através da concessão de um título, o que facilita a saída do anonimato.

A gente é selecionado pela vivência longínqua em um saber específico, pelo reconhecimento da comunidade e seu entorno, incluindo em alguns casos a parceria com a escola e ongs. E por projetos apresentados. O primeiro desafio é o conflito entre oralidade e escrita na apresentação do projeto, existem editais que cuidam da oralidade na forma de apresentação, através de gravações; outros editais responsabilizam as Ongs, os aprendizes e as escolas da comunidade pela formalização dos projetos e documentos buscando criar redes sociais de base; e outros apóiam os fazedores de cultura a escrever os projetos e se apropriar aos poucos da linguagem. O segundo desafio vivido aqui é o nome que se dá a este título, porque cada canto do país tem uma tradição, uma linguagem, e línguas diferentes. E o terceiro desafio é quem seleciona, quem faz parte das bancas avaliadoras, quem vivência e cria conceito ou pré-conceito para avaliar as tradições do Brasil.

Mecanismo 2 - depois do título vem o incentivo financeiro, ou salário vitalício, ou bolsa de incentivo – no valor médio de um salário mínimo

Um valor que é mínimo, mas que tem grande resultado na qualidade de vida porque prioriza pessoas que vivem na pobreza em comunidades que têm carência na saúde, educação, meios de comunicação, fruto da desigualdade social e da superconcentração de renda. O primeiro desafio aqui é que essa bolsa não pode se configurar como uma aposentadoria, ela precisa animar o fazedor de cultura em uma rede de transmissão oral, em uma família, em uma política de educação e cultura, e alguns editais têm buscado isso. O segundo desafio é bem representado na fala Cristiano Ávila, representante de Manaus "se num tem barro, como o mestre vai continuar a fazer e ensinar a fazer a panela de barro ?". Então a bolsa ou salário vitalício não podem mesmo ser uma política desintegrada.

Mecanismo 3 – depois do título e do incentivo financeiro, vem a contrapartida do acordo que é a passagem de conhecimento às pessoas da comunidade.

O maior desafio aqui é o cuidado com o processo de passagem de conhecimento tradicional para não torná-lo algo formal, onde o fazedor de cultura é responsabilizado a trabalhar de uma forma sistematizada que pode contradizer com os seus princípios e práticas, ou o seu conhecimento é apropriado de forma indevida pelas instituições de educação e pesquisa. Como Mestre Deusdete fala - A educação formal que temos nos é imposta dissociada da comunidade. A tradição oral é uma maneira de trabalhar com as mãos, com a palavra, com o corpo, com a alma, é um todo trabalhando, é fonte de conhecimento e desenvolvimento. Aprende-se aos poucos ao longo de muito tempo. Existe edital que cria aqui a figura do griô aprendiz, uma pessoa que é do universo da tradição oral e da tradição escrita e que tem se responsabilizado pela mediação entre os tempos, linguagens e pedagogias dos dois universos e entre as gerações. Como diz o mestre Dito de Oxossi, Sacerdote da Nação de matriz africana Mahi Ewe Fon de Pernambuco " as tradições orais, as tradições de cultura popular são tradições de princípios, sejam eles de matriz africana, ou de qualquer outro segmento, indígenas ou ciganos, é uma beleza a criança passar a entender outra forma de entender." Existem os parâmetros curriculares nacionais, as leis de educação indígena e educação afro-brasileira, mas ainda é um grande desafio para a maioria dos educadores do país superar preconceitos e a falta de formação étnico-cultural.

Esta carta é um passo entre tantos que a gente vem dando juntos. Neste dia histórico, dia 15 de novembro que a gente comemora a proclamação da república, a gente também celebra a criação consensual da primeira comissão nacional dos griôs e mestres de tradição oral e de cultura popular; e a gente celebra e convoca o governo e a sociedade para um encontro nacional em 2009 e mais 7 encontros da Rede da Ação Griô nacional em parceria com os Fóruns de Culturas Populares e diversas redes para criar, propor e plantar uma lei nacional de iniciativa popular com um desenho de um programa político que possa fortalecer a identidade e ancestralidade do povo brasileiro, através do reconhecimento dos griôs e mestres de tradição oral, dos povos, comunidades e das culturas populares.

Oh ! marinheiro é hora, é hora de trabalhar,
é o ceu, e a terra, e o mar
oh ! marinheiro, olha o balanço do mar.

Cantiga aprendida com Formiga, soldado da Irmandade Nossa Senhora do Rosário que aprendeu com o Capitão Carlos Henrique.

Assinam abaixo 80 representantes da Ação Griô Nacional, 600 delegados de 600 pontos de cultura de todos os estados do Brasil e Rede das Culturas Populares, Federação do Congado Mineiro, Rede Memórias do Jongo, Campanha Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro, Brasil Memórias em Rede, Redes de Tradições Marajoaras, folias de São Sebastião e Ladainhas, Rede de Capoeiras, de Parteiras, de país e Mães-de-Santo, de Erveiras, de Jongueiros, Cacuriás, Carimbós, Reizeiros, Cantadores, Tocadores, Contadores de Histórias, Cirandeiros, Maracatus, Cocos, Cavalo Marinho, Artistas de Circo, Teatro de Rua, Teatro de Bonecos, Mamulengueiros, Catireiros, Candomblé, Patorins, Repentistas, Indígenas, Artesãos, Tradições Juninas e outros grupos de tradição oral e cultura popular.

Linha do Tempo da Ação Griô Nacional

2004 – O Grãos de Luz e Griô é reconhecido Ponto de Cultura do Brasil (no primeiro edital da SPPC MinC, secretário Célio Turino e Ministro Gilberto Gil) com seu projeto de educação e tradição oral com o Velho Griô e os griôs e mestres de Lençóis caminhando nas escolas municipais de Lençóis desde 1999, recriando o currículo municipal através das oficinas Grãos de Luz e Griô e da formação de educadores na pedagogia griô.

Janeiro de 2005 – A SPPC MinC reconhece o Grãos de Luz e Griô como ponto de cultura referência no tema de educação e tradição oral e o secretário Célio Turino (SPPC/MinC) inicia uma série de conversas por email com Márcio Griô (Grãos de Luz e Griô) sobre o conceito de griô;

Fevereiro de 2005 – Durante um encontro da 4ª Bienal da UNE, no parque do Ibirapuera (SP), Márcio Griô (Grãos de Luz e Griô) sobe ao palco e conta em cordel a sua caminhada com os Griôs e Mestres de tradição oral de Lençóis até a Bienal. Em seguida, o secretário Célio Turino anuncia publicamente que inspirado na experiência do projeto Grãos de Luz e Griô será lançada mais uma ação no Programa Cultura Viva: a Ação Griô.

Abril de 2005 – No lançamento do Prêmio Itaú/Unicef 2005/2006, a coordenadora do Grãos de Luz e Griô Líllian Pacheco conta a experiência do Grãos de Luz e Griô e divulga o lançamento da Ação Griô Nacional.

Agosto de 2005 – Os dois coordenadores do Grãos de Luz e Griô, Líllian Pacheco e Márcio Caires, são convocados pela SPPC/MinC a participarem do processo de avaliação dos projetos apresentados pelos editais nº 03 e nº 04 de Pontos de Cultura.

Setembro de 2005 – Convite do Secretário Célio Turino (SPPC/MinC) ao Grãos de Luz e Griô para criar e apresentar um projeto para a Ação Griô Nacional numa gestão compartilhada com o MinC;

Novembro de 2005 – O Grãos de Luz e Griô estuda e sistematiza os projetos dos pontos de cultura do Brasil aprovados no primeiro e segundo editais, desenhando e propondo um projeto de rede e gestão compartilhada para a Ação Griô Nacional;

Dezembro 2005 – A SPPC/MinC rubrica em seu orçamento o valor de R$ 1.500.000, para as Bolsas de Incentivo Griô;

2006

Janeiro a Setembro 2006 – O Grãos de Luz e Griô escreve e propõe ao MinC o primeiro edital da Ação Griô Nacional para a rede de pontos de cultura do Brasil, reunindo-se com 4 representantes da SPPC/ MinC, 2 representantes do departamento jurídico do MinC e acompanha o processo jurídico do edital até sua publicação no Diário Oficial da União em Setembro de 2006;

Fevereiro de 2006 - O Grãos de Luz e Griô apresenta e discute a Ação Griô com 4 assessoras pedagógicas para elaboração de sistema de avaliação de resultados previstos;

Março de 2006 - O Grãos de Luz e Griô sistematiza, produz, edita e distribui o livro "Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida", de Líllian Pacheco, acompanhado de 3 documentários em DVD em parceria com a Itinerante Filmes, Prêmio Itaú Unicef e TV Futura, a partir de vivências e pesquisas compartilhadas do ponto de cultura Grãos de Luz e Griô, para 1.500 Pontos de Cultura, Ongs, universidades, pesquisadores, coordenadores de projetos, educadores, representantes do poder público de Lençóis, da Bahia e do Brasil;

Abril de 2006 - O Grãos de Luz e Griô planeja e realiza evento de lançamento da Ação Griô no Encontro TEIA 2006, no Parque Ibirapuera, com o orçamento de 250 bolsas de Incentivo Griô, com cortejo de griôs e mestres, lançamento e debate de documentário e livro da Pedagogia Griô com 200 representantes de pontos de cultura do Brasil; além de atendimento pessoal a 200 representantes de pontos de cultura, foruns regionais e Pontões para explicação da Ação Griô;

Abril de 2006 - O Grãos de Luz e Griô planeja e realiza evento de lançamento da Ação Griô no Itaú Cultural em São Paulo, com lançamento e debate de documentário e livro da Pedagogia Griô, com 250 representantes do movimento negro, universidades, coordenadores de projetos, ongs, MinC;

Maio de 2006 - O Grãos de Luz e Griô produz o site www.graosdeluzegrio.org.br e do grupo de comunicação via e-mail da Ação Griô Nacional, socializando experiências, atividades e produtos; No mês de novembro o site recebeu 2.126 visitas. Nos últimos 4 meses o grupo de comunicação motivou conversas entre 50 Pontos de Cultura do Brasil;

Agosto de 2006 – O Grãos de Luz e Griô produz, imprime e distribui 2.500 cartazes, banners, folhetos e cordéis para todos os pontos de cultura do Brasil, escolas, universidades e grupos culturais, divulgando o edital da Ação Griô e o Projeto do Pontão Ação Griô; Produção de folder virtual e comunicação com todos os pontos de cultura, através de lista de e-mails da SPPC/MinC e de representações regionais;

Setembro de 2006 – A SPPC/MinC publica no Diário Oficial da União o 1º Edital para seleção de 50 projetos pedagógicos e bolsa griô para 250 mestres e Griôs de tradição oral do Brasil.

Setembro 2006 – O Grãos de Luz e Griô e a SPPC/MinC lançam o 1º Edital Ação Griô durante o I Encontro Sul-Americano de Culturas Populares, em Brasília, DF, e lançam a primeira edição do livro "Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida", financiado pela SPPC MinC , com debate do documentário "Sou Negro", da Itinerante Filmes, envolvendo aproximadamente 500 representantes de Pontos de Cultura, associações e grupos culturais do Brasil. Planejamento e realização de 4 Oficinas da Pedagogia Griô durante o Encontro, envolvendo aproximadamente 60 representantes de pontos de cultura convidados para serem divulgadores da Ação no Brasil;

Dezembro de 2006 – O Grãos de Luz e Griô lança a 2ª Edição do livro "Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida" para distribuição pelo Brasil, financiado com recursos do Programa Criança Esperança.

Dezembro de 2006 – A Lei Rouanet aprova projeto apresentado pelo Grãos de Luz e Griô, no valor total para captação de 1 milhão de reais, para investimento no plano de trabalho da rede da Ação Griô nacional.

Jan e Fev de 2007 – Márcio Caires (Grãos de Luz e Griô), realiza a caminhada de iniciação com griôs nas aldeias do Mali, região onde surgiu a tradição Griô na África, convivendo com famílias que estão nas raízes da tradição oral dos Dielis (griôs na língua bamanan do Mali), tendo recebido o nome de Márcio Griô Diabatê;

Fevereiro de 2007 – SPPC MinC assina contrato com a Caixa Econômica Federal para administração de repasse das Bolsas da Ação Griô Nacional para o cadastro de 250 bolsistas durante 1 ano;

Fevereiro de 2007 – Grãos de Luz e Griô organiza a rede de 50 pontos de cultura em 6 regionais e convida 5 pontos de cultura (Tá na Rua, Invenção Brasileira, a Bruxa tá solta, Bola de Meia e Xambá), 5 assessorias pedagógicas (Fátima Freire, Ruth Cavalcante, Líllian Pacheco, Claudia Monteiro e Vanda Machado) para mobilizar e coordenar as ações em rede; faz parceria com o Museu da Pessoa para elaborar e publicar em portal e dvd as histórias de vida dos griôs e mestres; e com o Projeto Bagagem para apoiar a criação das trilhas griôs de educação, cultura oral e economia comunitária;

Fevereiro de 2007 – Grãos de Luz e Griô produz e coordena encontro nacional de planejamento da Ação Griô Nacional 2007/2008 em Lençóis BA com a SPPC/MinC e as redes regionais, propondo um plano de trabalho na rede com caminhadas dos griôs e das assessorias nos pontos, encontros regionais de formação e trocas de experiências, criação colaborativa de produtos didáticos e de comunicação da rede.;

Março de 2007 – Grãos de Luz e Griô e suas assessorias pedagógicas criam e propõe à SPPC/MinC sistema de avaliação dos projetos apresentados ao edital; Capacitação de avaliadores dos projetos pedagógicos da Ação Griô Nacional; Planejamento e Realização de teleconferência na Regional Nordeste da SPPC/MinC para 50 representantes de Pontos de Cultura do Nordeste e representantes regionais;

Março de 2007 – A SPPC/MinC publica no diário oficial resultados de 50 pontos de cultura e 250 grios aprendizes, griôs e mestres de tradição oral aprovados no edital Ação Griô Nacional;

Março de 2007 – As redes regionais criam o cadastro dos pontos de cultura da Ação Griô Nacional e iniciam sistema de comunicação com os pontos;

Março de 2007 a Março de 2008 – as redes regionais (financiadas e apoiadas pelo Grãos de Luz e Griô e SPPC MinC) realizam 50 caminhadas dos griôs aprendizes regionais nos pontos de cultura dando referências do diálogo proposto pela pedagogia griô entre a tradição oral das comunidades e as escolas e universidades públicas;

Março a Setembro de 2007 – Grãos de Luz e Griô e redes regionais realizam: de Oficina da pedagogia Griô envolvendo 36 representantes de 17 pontos de cultura do Rio de Janeiro e Representação Regional da SPPC/MinC; Encontro Redesign Bahia - Planejamento e realização de Oficina/vivência da Pedagogia Griô para 14 estudantes de design de universidades do norte e nordeste; Encontro de Culturas Tradicionais em Goiás; Planejamento e realização de Oficina/vivência da Pedagogia Griô para 30 representantes de Pontos de Cultura, MinC, GESAC, estudantes e coordenadores de projetos; Encontro Nacional Tecendo Redes para a Educação Integral - Planejamento e Realização de Oficina da Pedagogia Griô com 70 projetos participantes do Prêmio Itaú Unicef, coordenadores e educadores de instituições de ensino do Brasil;

Março de 2007 a Março de 2008 - As redes regionais (financiadas e apoiadas pelo Grãos de Luz e Griô e SPPC MinC) realizam 50 visitas de assessorias pedagógicas aos pontos de cultura para revisão das atividades dos projetos e apoio na construção do lugar do griô aprendiz, do(a) educador(a) parceiro(a) e dos griôs e mestres de tradição oral nas atividades com as escolas;

Abril 2007 - Grãos de Luz e Griô lança e distribui na rede caderno da Ação Griô Nacional com sua missão, mapa da rede, ações, resultados, histórico, parceiros e gestão compartilhada;

Maio a Outubro de 2007 – Grãos de Luz e Griô,a SPPC - MinC e as redes regionais produzem e coordenam 7 encontros regionais envolvendo mais de 1.000 griôs aprendizes, griôs e mestres de tradição oral, educadores e representantes de instituições de educação e cultura, para formação na pedagogia griô e suas referências teórico metodológicas; para trocas de experiências entre os pontos da rede; para registro das histórias de vida dos griôs e mestres com o Museu da Pessoa.

Novembro 2007 – Grãos de Luz e Griô coordena em parceria com a SPPC MinC encontro da Ação Griô Nacional na TEIA, criando e facilitando o ritual de abertura do evento envolvendo 2.000 pessoas para ouvir as histórias de vida de personalidades como o presidente Lula, Gilberto Gil e Célio Turino, e os saberes dos griôs e mestres da rede da Ação Griô Nacional; cria e coordena com os pontos de cultura exposição, projeção de filmes e vivências de trocas de experiências da rede;

Novembro 2007 – Grãos de Luz e Griô concorre e ganha Prêmio Primeiro Lugar, Ação Cultural Votorantim para investimento de R$ 1.000.000, (projeto lei Rouanet) na rede da Ação Griô nacional;

Dezembro 2007 – Grãos de Luz e Griô e redes regionais negociam com a SPPC MinC a rubrica de R$ 3.500.000, em seu orçamento para 650 Bolsas de Incentivo Griô em 2009 de 130 pontos de cultura e organizações da sociedade civil que trabalham com educação e tradição oral, e para ações da rede da Ação Griô Nacional.

Fevereiro de 2008 – A SPPC- MinC e o Grãos de Luz e Griô produzem e coordenam o encontro nacional de avaliação de 2007 e planejamento de 2008 da Ação Griô em Brasília DF, revisando o novo edital Bolsa de Incentivo Griô com as assessorias pedagógicas e redes regionais;

Março 2008 – O Museu da Pessoa edita os dvds das histórias de vida de griôs e mestres de tradição oral, distribuindo o produto para os mesmos, para os pontos de cultura da Ação Griô e para o Grãos de Luz e Griô, incluindo histórias de vida no seu portal de comunicação e em livro de Memórias dos Brasileiros;

Março a Junho 2008 – A SPPC- MinC acompanha processo jurídico de edital Bolsa Incentivo Griô 2008 e lança o edital na rede de pontos de cultura e organizações da sociedade civil que trabalham com educação e tradição oral;

Março de 2008 – Grãos de Luz e Griô produz e coordena, em parceria com as redes regionais, 7 encontros das redes regionais envolvendo 140 representantes dos pontos de cultura e coordenações regionais para sistematização dos resultados, sistematização de textos para o livro Nação Griô: o parto mítico da identidade do povo brasileiro;

Março a Setembro 2008 – As redes regionais coordenam oficinas colaborativas de elaboração de projetos envolvendo mais de 500 pessoas de ongs que trabalham com educação e tradição oral para se inscreverem no edital Bolsa Incentivo Griô 2009; o edital foi divulgado através de caminhadas dos griôs aprendizes em vários estados brasileiros, nos CUCAS da UNE em 4 estados brasileiros, no Fórum Brasil Memória em Rede (SP), Encontro de Contadores de Histórias em Campinas, Fórum Nacional dos Museus em Florianópoles, Fórum de Culturas Populares, Fóruns dos Pontos de Cultura, Festival de Inverno de Garanhus, XIII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, Seminários do Plano Nacional de Cultura, Oficina para capoeiristas da Bahia e outros.

Julho de 2008 – A SPPC/MinC publica no Diário Oficial da União o 2º Edital Ação Griô, para seleção de no mínimo 100 projetos pedagógicos que integrem a sabedoria de tradição oral aos currículos das escolas/ universidades;

Julho de 2008 – Dando continuidade ao processo de descentralização da coordenação nacional da Ação Griô para as coordenações regionais da rede, o Grãos de Luz e Griô produz e coordena encontro nacional para planejamento dos projetos regionais, que passa a ser distribuída em 7 regionais:

Regional Bahia (BA) – Márcio Griô e Enilê Griô; Regional Ventre do Sol (PE/PB/SE/AL/RN) – Guitinho da Xambá; Regional das Águas (CE/PI/MA/TO) - Crispim; Regional Amazônica (PA/AM/RR/AC/RO) – Catarina Ribeiro; Regional Nascentes das Veredas (MG/DF/GO/ES/MT/MS) – Fabíola Resende; Regional Rio de Janeiro (RJ) – Alexandre Santini; Regional da Terra (SP/SC/PR/RS) – Henry Durante

Agosto de 2008 – Grãos de Luz e Griô e Itinerante filmes editam filme Eu Griô acompanhados dos filmes dos encontros das redes regionais em 2007; participa da edição do livro Garimpo de Imagens do Fotógrafo Aristides Alves em parceria com a SECULT BA, onde parte do livro são dedicados à tradição oral da Chapada Diamantina e ao trabalho do Grãos de Luz e Griô;

Agosto a dezembro 2008 – O Grãos de Luz e Griô é aprovado pelo Programa Monumenta IPHAN (Unesco e BID) para formação de 6 pontos de cultura e organizações da sociedade civil do nordeste nas Trilhas Griô de educação, tradição oral e economia comunitária, em parceria com o projeto Bagagem – SP;

Setembro 2008 – A SPPC/MinC produz e coordena encontro de avaliação dos projetos apresentados ao edital Bolsa de Incentivo Griô com a participação do Grãos de Luz e Griô e das assessorias pedagógicas da rede Ação Griô nacional;

Outubro 2008 – O MinC publica resultado do edital de Bolsas de Incentivo Griô aprovando 130 projetos e 650 bolsistas para 1 ano de atividades da Ação Griô Nacional;

Novembro 2008 – Grãos de Luz e Griô e TV Brasil escrevem em parceria edital Griô na Escola e na TV a ser lançado na rede da Ação Griô Nacional para a produção de 10 vídeos que expressam de forma audiovisual a construção de conteúdos colaborativos e o diálogo entre os griôs e mestres de tradição oral e os educadores das escolas municipais;

Novembro 2008 – A SPPC/MinC e o Grãos de Luz e Griô e as redes regionais produzem e coordenam encontro nacional da Ação Griô na TEIA 2008, lançando e distribuindo para todos os pontos de cultura e organizações parceiras o filme Eu Griô e o livro Garimpo de Imagens;

Novembro 2008 – O Grãos de Luz e Griô, a SPPC/MinC e as redes regionais produzem e coordenam o encontro com 120 griôs, mestres, e organizações parceiras para criação da carta de lançamento da lei griô nacional para o presidente Lula, e para criação da comissão nacional dos griôs e mestres de tradição oral durante o Encontro da TEIA 2008, em Brasília, DF, envolvendo nas vivências, caminhadas e encontros culturais mais de 1.000 pessoas. Formação da Comissão: Regional Amazônia: Índio Macuchi Queles da Silva e Deusdete Carvalho; Regional das Águas: Severo Barros e João Batista Lima; Regional Bahia: Maria Lucia Neves e Valci Lima (Mestre Marinheiro); Regional Ventre do Sol: Expedito Neves e Maria dos Anjos Mendes; Regional Nascentes das Veredas: Laurita Veiga e Dirceu Ferreira; Regional Rio de Janeiro: Marcelo Bragança e Maria de Fátima; Regional da Terra: Alcides de Lima e Marcos Alberto Simplício;

Dezembro 2008 – o Grãos de Luz e Griô é aprovado como coordenação regional do projeto Ação Griô Bahia em parceria com a SECULT BA; e é aprovado em prêmio nacional de Interações Estéticas para criação do Livro A Alma do Griô com o fotógrafo Aristides Alves para edição das histórias de vida dos griôs e mestres da comissão nacional.

2009

Março 2009 – SPPC/MinC fecha contrato com a Caixa Econômica Federal para administração de repasse das Bolsas Incentivo Griô para o cadastro de 650 bolsistas durante 1 ano, somando um valor aproximado de R$ 3,5 milhões;

Setembro de 2007 a abril de 2009 – As redes regionais revisam projeto regional proposto pelo Grãos de Luz e Griô e inicia processo de regionalização da rede, arrecadando fundos para a coordenação das atividades de plano de trabalho da Rede Ação Griô Nacional;

Março de 2009 – Grãos de Luz e Griô fecha a organização e sistematização do livro Nação Griô com os textos e artes elaborados de forma colaborativa por 40 Pontos de Culturas, suas assessorias, griôs regionais e artistas gráficos;

Março de 2009 – Mais articuladores são envolvidos nas redes regionais para fortalecer as articulações, mobilizações e captações de recursos para os projetos regionais: Daraina (Guaimbê – GO) se junta a Fabíola Resende na Regional Nascentes das Veredas (MG/DF/GO/ES/MT/MS); Marcelo Ferreira (Narradores orais e agentes de leitura – Campinas, SP) e Wine (Museu da Pessoa – SP) se juntam a Henry Durante na Regional da Terra (SP/SC/PR/RS); Vânia Matos (PIM – Vassouras) e Juliana Lopes (Rede de Pontos de Cultura Nova Iguaçu) se juntam a Alexandre Santini na Regional Rio de Janeiro (RJ); Isaac Loureiro (Movimento Carimbó – PA) se junta a Catarina Ribeiro na Regional Amazônica (PA/AM/RR/AC/RO), Marileide (produtora cultural) se junta a Guitinho da Xambá na Regional Ventre do Sol (PE/PB/SE/AL/RN) e Celene Ribeiro a Crispim na regional da Águas (CE/PI/MA/TO) - Ver contatos no final do livro.

Abril de 2009 – Grãos de Luz e Griô produz e coordena encontro nacional de planejamento das ações em 2009, considerando a regionalização da rede, para criação de plano de trabalho de mobilização e assinatura da lei de iniciativa popular dos griôs e mestres de tradição oral; lançamento do edital Griô na Escola e na TV; lançamento do projeto A Alma do Griô, com a participação da SPPC/MinC, SID/MinC, TV Brasil, Secretaria de Cultura da Bahia, TVE Bahia e Projeto Bagagem.

Abril de 2009 – O Grãos de Luz e Griô lança o portal de comunicação da Rede da Ação Griô nacional – o www.nacaogrio.org.br com conteúdos do Grãos de Luz e Griô, da tradição oral, das ongs parceiras, dos griôs e mestres da rede da Ação Griô Nacional; e com sistema de acompanhamento dos projetos das ongs;

PEDAGOGIA DOS ENCONTROS

por Líllian Pacheco e Alexandre Santini

Encontro de Educação e Tradição Oral ...

...foram as palavras, ciências e vivências geradoras da rede de Pontos de Cultura da Ação Griô. Nos encontramos em 2007 para celebrar, aprender e ensinar nossa sabedoria, nossa política e pedagogia, para criar vínculos afetivos, para redescobrir nossa ancestralidade, nos re-identificar, nos apaixonar e pactuar uma missão em rede.

Abertura do Encontro Regional Bahia, Lençóis-BA, julho de 2007

Cuidamos da poética do encontro humano através de rituais de vínculos em sete encontros regionais e um encontro nacional (na TEIA 2007). Desde o momento em que a pessoa chega até o momento em que ela se despede, construímos juntos a pedagogia do encontro, seja para festejar, seja para estudar, seja para compartilhar, seja para caminhar ou se alimentar. Cuidamos da qualidade afetiva do espaço, das distâncias, da organização das salas, da alimentação, do transporte, do tempo, da temperatura, da saúde das pessoas, da comunicação, da recepção, da despedida. Vivemos a pedagogia do encontro, participativa, vivencial, afetiva, prazerosa, transcendente, criativa e alegre, plena de esperança e poder de transformação; e encantamento. Os encontros contaram com avaliações e relatos dos processos vividos pelos participantes.

Os Encontros da Ação Griô têm uma metodologia que troca o palco pelo centro da roda; substitui a palestra por encontros temáticos; no lugar da plenária entra o círculo de cultura; e, no lugar do enfoque puramente teórico, as vivências. Uma novidade saudável, que contribui para uma "pedagogia do encontro", que busca relações de produção e de troca mais afetivos e criativos em coletivos de trabalho. A programação se pauta em atividades vivenciais, dialógicas, festivas, ritualizadas, envolvendo os participantes não só na sua dimensão racional/discursiva ou reflexiva, mas também na sua corporeidade, espiritualidade, emoção e sensibilidade.

Encontro de Educação e Tradição Oral ...

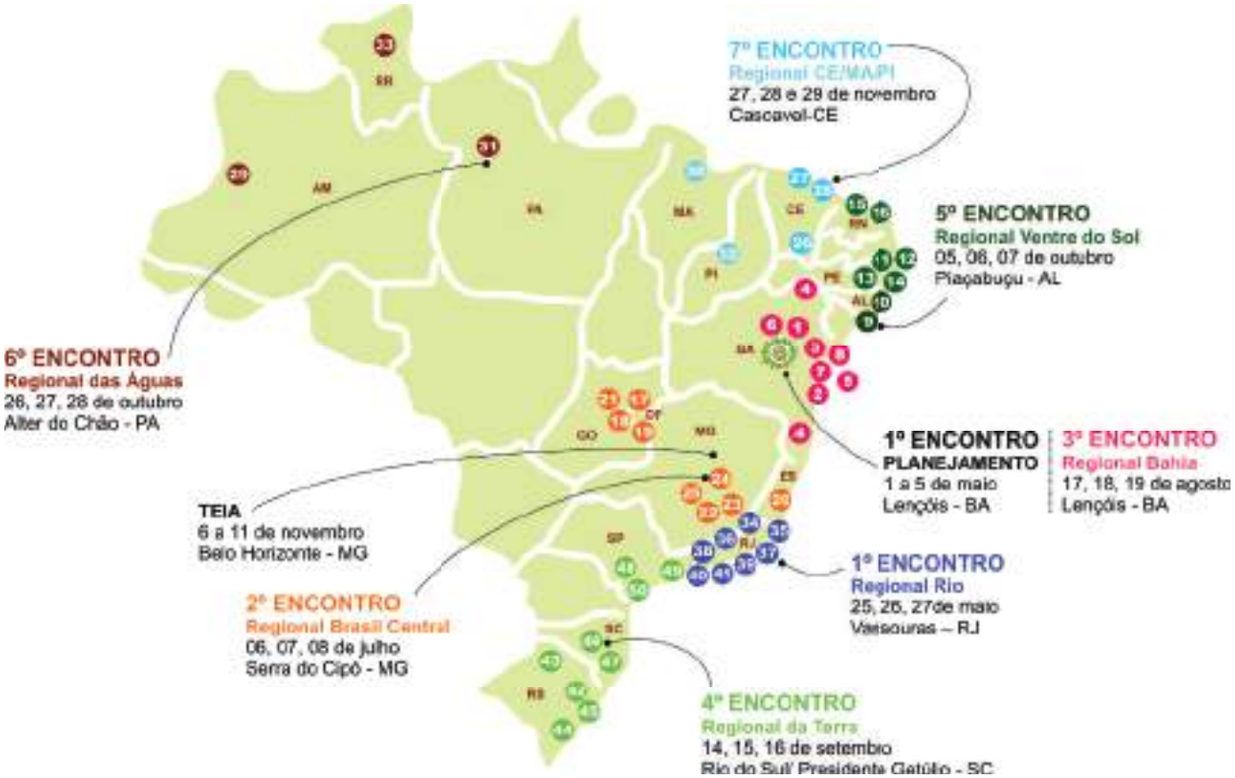
Os encontros reuniram 50 Pontos de Cultura de todas as regiões do país, que compõem a rede da Ação Griô. Ao todo, foram cerca de 200 horas de atividades, reunindo mais de 600 griôs, mestres, griôs aprendizes, representantes de Pontos de Cultura, convidados e educadores de escolas parceiras, que participaram desses momentos de intensa troca e compartilhamento dos saberes e fazeres da cultura oral trabalhados e transmitidos nas escolas, dentro da especificidade de cada comunidade envolvida, em uma construção coletiva inspirada em princípios e práticas da pedagogia griô e de suas referências teórico-metodológicas.

A freqüência média nos encontros foi de 95% dos participantes da rede. Caminhada com o Velho Griô, griôs e mestres na Serra do Cipó - MG

As atividades aconteceram em escolas, praças, ruas, trilhas, beiras de rio, hotéis, auditórios, fazendas, capelas e à sombra de árvores. A opção de realizar todos os encontros em cidades pequenas e fora dos grandes centros urbanos permitiu um encontro com o Brasil profundo, o entranhamento das atividades na vida da comunidade local, e a produção de uma farta e deslumbrante memória desses acontecimentos, expressa nas imagens, nas falas, nas vivências, nos depoimentos e relatos por escrito dos participantes.

Abertura do Encontro Regional das Águas AM, PA e RR, Alter do Chão - PA, outubro de 2007

Rede e Encontros
Ação Griô - 2007 e 2008



Lista de regionais com Pontos de Cultura, griôs aprendizes, articuladores e assessorias

1. REGIONAL BAHIA - *8 pontos - BA*
Griôs aprendizes articuladores: Emilé Griô e Márcio Griô - *Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô/BA* - Assessoria de Vanda Machado

1.	BA	Araci	Capoeira Cidadã Arte e Cultura
2.	BA	Salvador	Ginga e Malícia - Capoeira Instrumento de Educação
3.	BA	Simões Filho	Terra Mirim - Cultura Direto Direito de Todos
4.	BA	Salvador	Índios On Line (Pankaroru e Pataxó Há Há Hãn)
5.	BA	Salvador	Pierre Verger no Centro da Cultura Afro-Brasileira
6.	BA	Feira de Santana	Expressões Sertanejas (Santa Luz-BA)
7.	BA	Cachoeira	Terreiro Cultural
8.	BA	Salvador	UNEGRO/BA

Grãos de Luz e Griô - Em Lençóis, Iraquara e Rio de Contas

2. REGIONAL VENTRE DO SOL - *8 pontos - AL/PE/RN*
Griô aprendiz articulador: Guitinho da Xambá
Assessoria de Lúcio dos Prazeres

9.	AL	Piaçabuçu	Olha o Chico - Caminhos de São Francisco
10.	AL	Arapiraca	Cultura para o Desenvolvimento
11.	PE	Olinda	Carnaval da Ala Alafin Mimi
12.	PE	Olinda	De Antena Ligada
13.	PE	Olinda	Memória e Produção de Cultura Popular Coco de Umbigada
14.	PE	Aliança	Maracatu Estrela de Ouro
15.	RN	Pendências	Casarão de Ofícios
16.	RN	Natal	Conexão Felipe Camarão

3. REGIONAL BRASIL CENTRAL - *8 pontos - DF/ES/GO/MG*
Griôs Aprendizes articuladores: Chico Simões e Fabíola Rezende - *Ponto de Cultura Invenção Brasileira /DF* - Assessoria de Cláudia Monteiro

17.	DF	Brasília	Cultura Viva Tombira
18.	DF	Brasília	Espaço Cultural 100 Dimensão
19.	DF	Brasília	Invenção Brasileira
20.	ES	Vitória	Projeto Marquesa
21.	GO	Pirenópolis	Interarte
22.	MG	Congonhas	Casa da Juventude
23.	MG	Viçosa	Centro de Cultura Popular e Folclore de Viçosa
24.	MG	Santana do Riacho	Ponto de Cultura e Ambiental da Serra do Cipó
25.	MG	Nova Lima	Instituto Xerox

4. REGIONAL DAS ÁGUAS - *8 Pontos - CE/AM/ MA/ PA/ PI/ RR*
Griô aprendiz articuladora: Catarina Ribeiro - *Ponto de Cultura A Bruxa Ix Sobe/ RR*

26.	CE	Missão Velha	Centro de Cultura Gameleira de São Sebastião
27.	CE	Fortaleza	ACARTES - Projeto Escola de Artes
28.	CE	Cascavel	Instituto Baja-Rair - Projeto Lampião de Arte e Cultura
29.	AM	Tabatinga	Amigos da Cultura e do Esporte
30.	MA	Viana	Santo de Casa Faz Milagre
31.	PA	Santarém	Espaço Cultural na Amazônia
32.	PI	Floriano	Cultura ao Alcance de Todos
33.	RR	Rorainópolis	A Bruxa Tá Solta

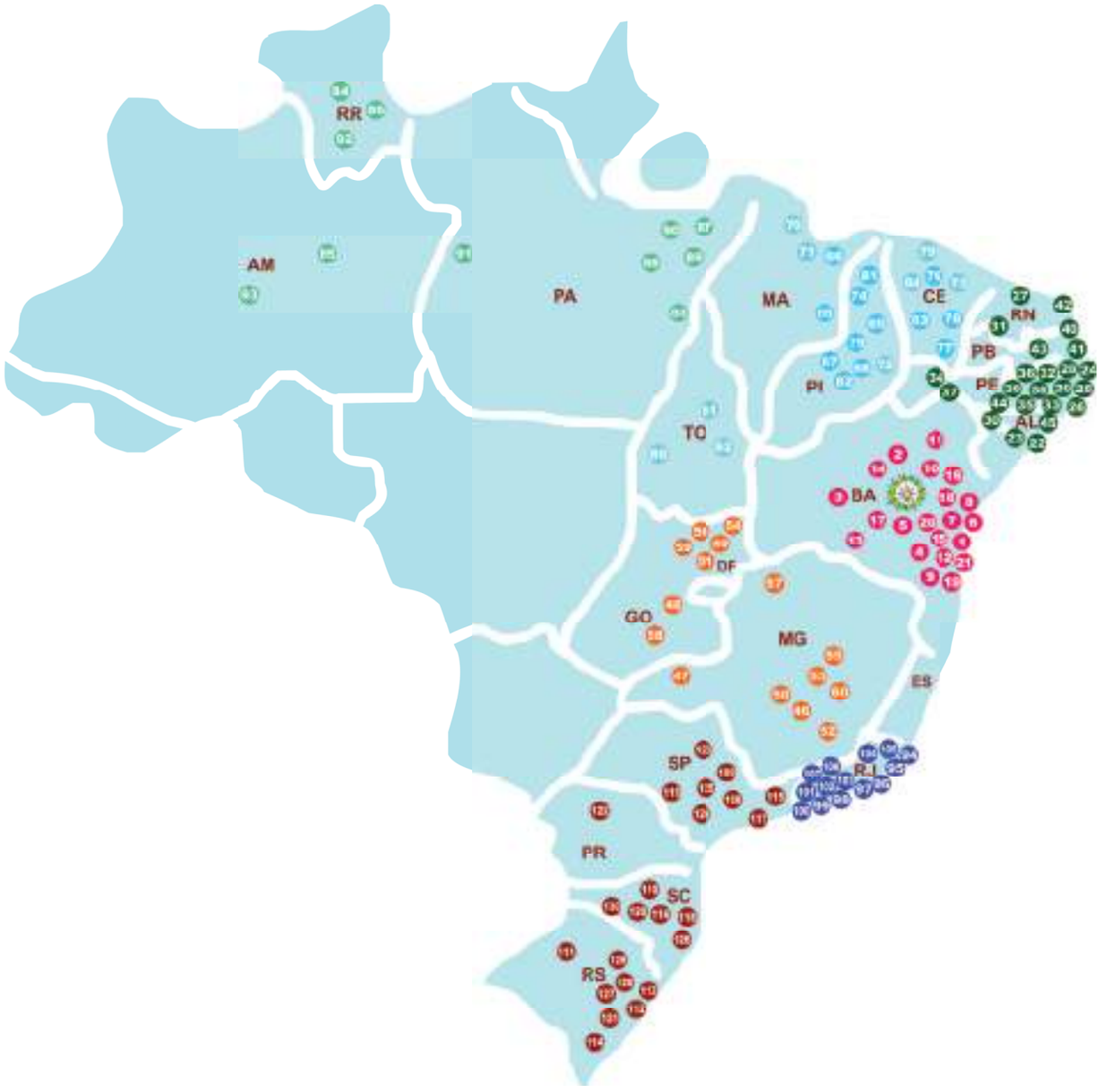
5. REGIONAL RIO - *8 pontos (+4 articulados) - RJ*
Griô aprendiz articulador: Alexandre Santini – *Ponto de Cultura Tá na Rua /RJ*
Assessoria de Lilian Pacheco

34.	RJ	Rio de Janeiro	América: Arte e Cultura na Baixada
35.	RJ	Rio de Janeiro	Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha
36.	RJ	Rio de Janeiro	Escola de Jongo de Serrinha
37.	RJ	Vassouras	Integração pela Música - PIM (parceria com os Pontos de Cultura Quilombo São José, Jongo de Pinheiral, Associação dos Sertanejos e Gente da Terra)
38.	RJ	Rio de Janeiro	Orquestra de Violinos
39.	RJ	Rio de Janeiro	Estação Barão de Mauá
40.	RJ	Duque de Caxias	Projeto Arte, Cultura & Cidadania
41.	RJ	Rio de Janeiro	Tá na Rua Brasil - Escola Carioca de Espetáculo

6. REGIONAL DA TERRA - *9 pontos - RS/ SC/ SP*
Griôs aprendizes articuladores: Jacqueline Baumgratz e Celso Pam
Ponto de Cultura Bola de Meia/SP - Assessoria de Fátima Freire

42.	RS	Ronda Alta	Centro Cultural Kanhgág Jãre (Raízes do Kaingáng)
43.	RS	Pelotas	Chiarino
44.	RS	Alvorada	Se olho na Cultura
45.	RS	Porto Alegre	Maria Mulher
46.	SC	Rio do Sul	Anima Bonecos
47.	SC	Lages	Cultura Nativa no Caminho das Tropas
48.	SP	S. José dos Campos	Bola de Meia
49.	SP	São Paulo	Anicom Rima
50.	SP	Cananéia	Vivendo Arte e Cultura

Rede Ação Griô - 2009



Lista de regionais com Pontos de Cultura, griôs aprendizes articuladores e assessorias

Abertura dos Encontros

"A minha mãe um dia me disse que eu seria respeitado por aquilo que eu faço, por aquilo que eu sou. Esse dia chegou."

Vô Aerson, Mestre de tradição oral, Ponto de Cultura da Rocinha - RJ

Catarina Ribeiro. Abertura do Encontro Regional das Águas - 2007

Guitinho da Xambá. Abertura do Encontro Regional Ventre do Sol - 2007

Velho Griô. Abertura do Encontro da Regional Bahia, Lençóis - BA, 2007

Durante a abertura, foram compartilhadas a missão e organização da rede da Ação Griô, vídeos sobre o Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô e dos pontos de cultura que sediaram o encontro. Representantes do Ministério da Cultura se fizeram presentes contando ao público participante a história da parceria com o Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô para a criação e coordenação da Ação Griô Nacional.

Esse foi o momento de socializar 6.045 produtos de comunicação e produtos artesanais e educativos, criados pelos Pontos de Cultura, apoiados e distribuídos pela Ação Griô Nacional nas belas sacolinhas do encontro.

As cerimônias de abertura foram marcadas por celebrações e atividades que promoveram mobilização e participação da comunidade local, com a presença de mais de 600 convidados, entre autoridades, educadores e lideranças sociais.

Foram realizadas em espaços comunitários, núcleos de artes, pátios de escola, auditórios das prefeituras ou teatros dos pontos.

Invariavelmente, um cortejo liderado pelo Velho Griô de Lençóis, acompanhado de aprendizes, mestres e griôs da comunidade e dos pontos surpreendia a atividade, para inserir aquela cerimônia em uma outra ordem: o espaço-tempo mítico, atemporal e ancestral dos contadores e contadoras de histórias.

Assim se constituía um momento de homenagens, elogios e reconhecimento à sabedoria dos griôs e mestres, à trajetória e prática dos Pontos de Cultura presentes.

Abertura dos Encontros

"Estou muito feliz por ter finalmente encontrado um lugar onde a nossa tradição de parteiras é valorizada, reconhecida com dignidade e respeito. Já imagino todas as parteiras tradicionais do Brasil se reconhecendo como griôs. As propostas e idéias pululam na cabeça, no coração..."

Suely Carvalho, griô aprendiz do Ponto de Cultura CAIS do Parto, Recife - PE

Felipe Camarão, na abertura do Encontro Regional Ventre do Sol em Piaçabuçu - AL

Jongo da Serrinha, Tia Maria, no Encontro Regional Rio em Vassouras - RJ

Cais do Parto, na Abertura do Encontro Regional Ventre do Sol em Piaçabuçu - AL

Tá na Rua, Griô Black, no centro da roda de Abertura do Encontro Regional Rio em Vassouras - RJ

O cortejo desceu as ruas da bela praça e subiu as escadarias do Salão do Paço Municipal de Vassouras. Ali, pela primeira vez, todos os participantes do Encontro estavam reunidos. Formamos uma grande roda com representantes do Ministério da Cultura, da Universidade, da Prefeitura, de Escolas e dos Pontos de Cultura... Quando o Velho Griô declarou aberto o ritual do contador de histórias... foi possível vivenciar quantas histórias, memórias, nomes, vozes, gestos, versos que havia ali naquelas pessoas reunidas... o olhar de um secretário do governo federal se encontrando com o olhar de um griô e mestre de tradição oral. O olhar de uma criança do Ponto de Cultura que se encontrava com o de um reitor da universidade... E, assim, como chegou, o cortejo se despediu e seguiu sua caminhada numa alegre cantoria.

Abertura dos Encontros

"Todas essas pérolas aportaram na praia do Peba. Em sua chegada, os saudamos com a calorosa cantiga: 'Sejam bem-vindos à nossa comunidade!' Para aliviar o cansaço da nossa viagem, todos se sentaram à mesa para jantar e, em seguida, dormiram cobertos pelo céu estrelado das noites do Peba. Na manhã cedinho da sexta-feira, a parteira Aurora fez nascer o Alumiado (meu encantado griô aprendiz), para brincar de filho do Sol. Com o seu pandeiro, faiscava cantiga para acordar quem tem sono de lua-leve, que o levasse, pois o dia já brincava lá fora, chamando gente pra lhe dar mais vida. Depois o Alumiado foi se pôr no mar, para, logo logo voltar a nascer, na abertura do encontro em Piaçabuçu - AL"

Guitinho da Xambá, griô aprendiz - o Alumiado - durante recepção das pessoas da regional Ventre do Sol - AL, RN e PE

" ... E sonhei, porque acredito em sonhos, com mestres, griôs e aprendizes caminhando portão adentro nas escolas, rompendo com amor as grades curriculares, transformando salas quadradas em círculos de cultura, dançando cirandas, contando histórias e vivificando o saber decantado. Nos sonhos, temos a eternidade. No segundo encontro da Ação Griô, na Serra do Cipó, MG, o tempo é curto para tanto querer fazer. Temos que aproveitá-lo bem."

Chico Simões, griô aprendiz mundial, na abertura do Encontro da Região Brasil Central - DF

Abertura dos Encontros

O Projeto Ação Griô
Pelo Brasil vai caminhar
O Ministério da Cultura
Esta rede vai lançar
Cada Mestre e Griô
Que educar com o seu valor
A história vai mudar

Estrofe de cordel, de Márcio Caires

Caminhada de abertura Encontro Regional Bahia

Encontro Cultural, Regional Rio

Saravá, Jongueiro Velho!
Tia Maria me ensinou
Que no morro da Serrinha
O Jongo não se acabou
Salve Darcy, Jongueiro Velho,
Mestre, Boêmio e Griô
Tem violino na Mangueira!
Foi Cartola que me inspirou

Versos do griô aprendiz Alexandre Santini para abertura do Encontro Regional do Rio de Janeiro

"...aos meus 10 anos de idade, eu já ensinava aos meus irmãos mais novos (omogbon) os rituais de cantos para a natureza. Nas casas de matriz africana, fazia eles compreenderem o som dos Batás (tambores religiosos) e a importância que têm os 4 elementos da natureza ... Mas não tinha a dinâmica que precisava para fazer eles compreenderem o resgate e o compartilhamento da nossa cultura afro-descendente. Levei 36 anos para perceber tudo isso, quando estive reunido, com os outros griôs, do dia 05 a 07 de Outubro, em Alagoas. Eu entendi que o encontro era uma oportunidade de saber se eu estava preparado para assumir minha missão como griô. Eu consegui. Estou aqui fazendo esse relatório e respaldando, com toda a firmeza, a importância desse encontro, que me fez ver o mundo de outra forma. Nesse período, eu me descobri, e, mais interessante, é que comecei a olhar os meus irmãos e alunos de outra forma. Aprendi que não estou sozinho. E a minha preocupação, que era de gritar e lutar contra a injustiça que está acontecendo no mundo, ganhou outra conotação. Se eu posso gritar e lutar, posso também transformar. Isso também me encheu de esperança"

Caminhada de abertura do Encontro Regional da Terra, Zé Mira, Vander e Dona Efigênia

Expedito Paula Neves (Dito D'Oxossi), griô do Ponto de Cultura Alafin Oyó, Olinda - PE

Produtos e Exposições

Nas sacolinhas e nas exposições dos encontros foram socializados e distribuídos 4.045 vídeos, cds de músicas, livros, cordéis, banners e produtos artesanais dos Pontos de Cultura apoiados pela Ação Griô Nacional; além de 2000 livros da pedagogia griô, revistas, camisetas, folders e cartazes da Ação Griô Nacional.

Produtos e Exposições

Encontros Temáticos

Encontro dialógico - crianças e assessoras pedagógicas Cláudia Monteiro e Líllian Pacheco

"Com o que eu aprendi só nessa cerimônia de abertura, eu já poderia voltar para casa. Eu nunca tive num encontro onde eu pude conversar olho no olho com um reitor de universidade e com políticos importantes, e ainda ser eleita para representá-los".

Maria Moura, griô de tradição oral do Ponto de Cultura Cartola - RJ

As cerimônias de abertura dos encontros regionais da Ação Griô culminaram com encontros temáticos, metodologia de diálogo coletivo formulada a partir de princípios da educação biocêntrica (criada por Ruth Cavalcante e socializada no livro *Pedagogia Griô: a reinvenção da Roda da Vida,* de Líllian Pacheco), que anuncia posturas e princípios básicos da Ação. Foram vivências em que o grupo se encontrou para dialogar em torno das palavras geradoras *Encontro*, *Educação* e *Tradição Oral,* a partir da fala de cada um dos presentes, da escuta contemplativa, do reconhecimento do lugar do outro, da democratização do poder da palavra. Encontros de duas, três, quatro, cinco, seis pessoas em muitas rodas de conversas simultâneas permitiam que cada um elaborasse e expressasse sua fala, até que cada grupo escolhia e legitimava seus representantes, indivíduos eleitos pelo coletivo que revelavam a multiplicidade dos olhares presentes, gerando palavras, expressando idéias, construindo conceitos. Eram pessoas de todas as idades, gêneros e grupos étnico-culturais, que nos representavam na Mesa de Abertura oficial do encontro.

Maria Moura, griô de tradição oral do Ponto de Cultura Cartola - RJ

Ritualização do Encontro

As atividades mais rotineiras foram transformadas em **rituais** plenos de sentido e celebração da vida, num verdadeiro acordo de convivência existencial. A chegada e a partida dos participantes, o dormir e o acordar, o comer e trabalhar foram envolvidos por uma atmosfera de encantamento através da música, da cantoria, das brincadeiras e conversas de cada lugar. Os rituais integraram aquele aglomerado tão heterogêneo de pessoas, que passaram a se reconhecer como um grupo, uma rede, e nele afirmavam o seu lugar, o seu saber, a sua identidade.

"Na realidade, todo o encontro pode ser traduzido como um momento não apenas de capacitação, mas de festejos por tudo o que significa esta Ação. Oportunidade de nos conhecermos e interagirmos, vivenciarmos novas experiências; espaço de múltiplas aprendizagens, as quais não aprendemos nos bancos das universidades, mas, sim, na participação em eventos como este, de valorização da cultura popular."

Griô Wayra Silveira, griô aprendiz, Fundação Terra Mirim - BA

"Logo ao chegar, com aquelas calorosas boas vindas, eu me emocionei muito. No outro dia, ao amanhecer, o abraço cativo de todos saudando o dia, o grande 'acorda povo', podendo sentir o primeiro calor do sol, coisa que eu não estava fazendo na zona urbana, me fez refletir muito sobre que tipo de vida eu quero para mim."

Fabiano aprendiz - Alafin Oyó

"Não sei se vocês sabem o que é ensaiar um discurso de apresentação durante horas, no hotel, no avião. Nas horas de espera em Recife, revisava cada anotação, relia o livro, queria ter certeza de que estava preparada. Ledo engano. Percebi assim que ouvi a batucada, a cantoria. De repente vi que tinha esquecido tudo... rsrsrsrsrsrs. Após essa linda recepção, os encontros na mesa dos aprendizes, conversar com todas aquelas pessoas tão diferentes de mim e tão iguais, tudo me deu certeza do trabalho que estamos desenvolvendo, sua beleza, seu valor para a comunidade, para a formação de gente, não de profissionais, técnicos, burocratas, mas gente, gente que se importa com a sua história, e deseja manter essa história viva.

Raquel Nascimento, griô aprendiz, Ponto de Cultura Casarão de Ofícios - RN

Caminhada dos Griôs nas Escolas

Uma das prioridades na programação dos encontros da Ação Griô era a realização de caminhadas nas escolas da comunidade local. O convite aos griôs aprendizes e Pontos de Cultura presentes para promover a "chegada de surpresa" no espaço escolar parceiro era um desafio pedagógico e metodológico da pedagogia griô, um chamado ao exercício do encantamento do ambiente escolar: lições sobre métrica - versos decassílabos, alexandrinos, sextilhas - oferecidas pelo repentista Zé Pedreira em plena aula de português e literatura no colégio de Lençóis; dança do toré na quadra de educação física em Piaçabuçu; a lenda do boto cantada e dançada pelos estudantes em Alter do Chão, a brincadeira dos mamulengos de Chico Simões e Fabíola Rezende encantando e divertindo as crianças numa escola da Serra do Cipó; as carteiras enfileiradas se arrodeando em volta de novos e velhos saberes; crianças, jovens e adultos aprendendo e ensinando com a tradição oral. Foram 30 aulas vivenciais para mais de 1.500 estudantes, interagindo a pedagogia griô com a pedagogia de cada Ponto de Cultura.

Catarina Ribeiro, griô aprendiz regional na caminhada na escola em Alter do Chão - PA

Alexandre Santini, griô aprendiz regional com representantes do MinC e outros griôs aprendizes em caminhada na escola em Alter no Chão - PA

Caminhada dos Griôs nas Escolas

"Acredito que devemos estar atentos, quando nos propomos levar para a escola alguma experiência ou conhecimento, (...) não é só chegar naquele espaço e dizer que existe côco de roda, que existe parteira, que existe candomblé, maracatu. Precisamos envolver e buscar naquelas pessoas os elementos da tradição oral, incentivando o aprendizado a partir do conhecimento do sujeito; educação como ato de conhecimento e transformação".

Danieli Siqueira, coordenadora pedagógica Ponto de Cultura CAIS do Parto, Recife - PE

"Nosso sonho é tornar a tradição oral mais do que um projeto nacional, mas uma política nacional de fortalecimento da identidade das crianças, adolescentes, jovens, griôs e mestres brasileiros vinculados à sua ancestralidade".

Lílian Pacheco, coordenadora da Ação Griô Nacional

As atividades nas escolas durante os Encontros diluíam resistências e estimulavam os Pontos de Cultura a surpreenderem as salas de aula de suas comunidades, dialogarem com educadores e equipes pedagógicas, buscarem a cumplicidade dos estudantes como parceiros e agentes dessas transformações. A revisão dos currículos não é uma meta política abstrata que se alcança por decreto, mas um objetivo que se conquista no cotidiano, de baixo para cima, um passo de cada vez. Trata-se de uma revisão profunda de lugares, de hierarquias, de valores e procedimentos arraigados e consolidados na ideologia, no afeto e na prática dos corpos dos educadores, estudantes e na própria relação da comunidade com a escola e vice-versa. Nesse sentido, foi necessário tomar as experiências do griôs aprendizes nas escolas durante os encontros como parâmetro para um processo de avaliação, orientação e crítica construtiva da prática pedagógica dos Pontos de Cultura. As questões levantadas nessas avaliações envolviam:

- o desafio da invenção - por cada Ponto e griô aprendiz - de uma linguagem coerente com a tradição oral, aprendendo e dialogando com a pedagogia griô;
- o desafio de refinar a leitura de grupo e a capacidade de registro das vivências, libertando-se da forma frontal e verticalizada das aulas e palestras;
- a compreensão das diferenças entre jogo, técnica, dinâmica e vivência;
- a inclusão dos educadores e de toda a escola no processo de aprendizado e vínculo vivencial;
- a descoberta do lugar e do perfil do griô aprendiz: sua ancestralidade, seus símbolos, sua linguagem, e seu vínculo com os griôs e mestres de tradição oral;
- a construção do lugar dos griôs e mestres nas vivências do currículo da escola;
- o desafio de efetivar o termo de parceria assinado pela escola.

Caminhada dos Griôs nas Escolas

"Fui recebida pelos outros griôs aprendizes e mestres de tradição oral em ritmo de festa e aprendizado... Conheci o Velho Griô e ele fez o ritual comigo. Me sinto batizada de conhecimentos e meu medo passou. Aprendi muito sobre a importância dos meus antepassados, as suas histórias, suas lendas e seus mistérios, reais e imaginários. As vivências me ajudaram no autoconhecimento, a conhecer o meu corpo e o corpo do outro e, acima de tudo, a respeitar tanto a mim quanto ao outro. E assim eu também pude entender que tudo que eu já fazia junto com meus mestres (meu pai, minha mãe...), com os meninos e no projeto já era a pedagogia griô. Agora eu vou caminhar com mais esperança, mais segura e sem medo, porque eu aprendi a me conhecer com a Ação e eu posso melhorar não só nas ações da escola, como também no projeto, e multiplicar, juntamente com os mestres e futuros "griozinhos", as mudanças no padrão deles, ajudando-os a ter conhecimento sobre seus antepassados, que provavelmente não conhecem."

Neidinha, griô aprendiz do Ponto de Cultura Felipe Camarão, que nos contou com suas lágrimas o desafio de uma mulher de sua idade assumir o Boi do seu pai (na foto abaixo ela realiza sua caminhada na escola).

A Ação Griô, ao mesmo tempo em que referencia sua missão e prática vivencial nos saberes e fazeres de tradição oral de griôs e mestres, atribui um valor fundamental aos relatos e registros escritos pelos seus participantes. Paradoxalmente, é essa sistematização e elaboração escrita que tornará possível o reconhecimento e a legitimação social, política e econômica da cultura de tradição oral no Brasil como política pública. Nesse sentido, tem sido necessário superar o medo e o bloqueio com relação à expressão escrita, sentimento que se origina da compreensão - estimulada e introduzida historicamente pela escola e pela academia - de que a escrita é uma expressão erudita, especializada e acessível somente a pessoas de grupos sociais privilegiados. A sensibilidade e profundidade qualificada dos relatos e avaliações escritos pelos participantes dos encontros revelam a apropriação e elaboração dos temas vivenciados e contribuem para superar a falsa dicotomia entre expressão oral e escrita.

Caminhada dos Griôs nas Escolas

"A figura do griô aprendiz proposta pelo Grãos de Luz e Griô transmite o saber ajuntando esses elementos, para relembrar a essência do ato de educar. Ao trazer a identidade e a vida para o centro da aprendizagem, associando as artes, os ofícios e as histórias da comunidade com o conhecimento dito formal, objetivo e científico, ele facilita um ambiente pedagógico que religa o ser à sua essência coletiva e a sua necessidade vital de compartilhar e celebrar a vida."

Luciana Meireles, griô aprendiz, Invenção Brasileira - DF

Chico Mundi e Fabíola Resende em caminhada na escola em Serra do Cipó - MG

Encontro de Saberes de Tradição Oral

Durante os encontros regionais foram realizadas festas, aulas espetáculo, cortejos e encontros culturais com a comunidade, envolvendo em torno de 700 pessoas dos grupos culturais e suas famílias. No encontro da Bahia, a festa contou com a participação do grupo Alxibeira de Narón, da Espanha.

Mestre Aurino com sua sanfona de 8 baixos, Lençóis BA, em encontro de saberes com o Griô Teodorico do Ponto de Cultura Manguerê - Vitória-ES

Encontro de Saberes de Tradição Oral

"Conta-se que um dia Xangô, o rei de Oyó, convidou os orixás para uma festa. Havia muita fartura e todos estavam muito felizes. No meio da festa, eles se dão conta da ausência de Omolu... Ele não havia sido convidado. Temendo que este ficasse muito zangado, os orixás, por sugestão de Oxum, decidiram ir todos juntos a sua casa, levando comidas para continuar a festa. Com muito jeito, conseguiram ser desculpados pela indelicadeza. A homenagem foi aceita, mas Omolu fez chamar todo povo do lugar para participar daquela festa com ele."

Yrê Ayó, Mitos Afro Brasileiros - Vanda Machado e Carlos Petrovich

CANÇÃO DE BOAS-VINDAS

"Veio lá de Santa Luz
Para aqui nos visitar
Nós queremos lhe abraçar
Com muita categoria
Quando vem traz alegria
Quando vai deixa saudade
Seja Bem-vindo(a) à nossa comunidade!"

Pedro Ivo, Comunidade de Santa Luz - BA

Acima, grupo de reis de Dona Ana, encontro regional Bahia em Lençóis, BA; em seguida Paulo Nazareno do Ponto de Cultura Anima Bonecos com o seu boneco capoeirista; e Jongo do Pinheiral no encontro Regional Rio em Vassouras - RJ.

Estudo e Vivência da Pedagogia Griô

A Vivência da Pedagogia Griô convida os participantes a se religarem consigo mesmos e com o grupo, mergulhando em suas identidades e ancestralidades a partir do pedido de bênção aos nossos mestres com a mão de pilão, símbolo sagrado que une o céu à terra. Na batida do tambor, os pés pisam forte no chão, no ritmo das águas e das cirandas que celebram a chegada do alimento da comunidade. Cantos e danças de trabalho liberam e ativam as energias, o suor, o calor dos corpos, a vibração da vida. Trabalho que é festa. Festa que é trabalho. Até que os corpos das pessoas formam um território, um espaço de expressão da identidade de cada um - a roda e o centro da roda. A ativação energética vai progressivamente dando lugar a um ritmo mais suave, com cantigas de gestos e embalos, gerando uma atmosfera de aconchego, harmonização e introspecção, que conduz a um contato pele a pele com as camadas mais profundas do (in) consciente e do espírito. Passado esse momento, está aberto o ritual dos contadores e contadoras de histórias, em que transbordam mitos e palavras de sabedoria, de encontro, de agradecimento, de bênção, de proteção. As emoções e sentimentos afloram e o grupo se reconhece transformado e vinculado pela experiência vivida e por suas histórias de vida.

Líllian Pacheco facilitando vivência da pedagogia griô no Encontro Regional em Serra do Cipó - MG

Estudo e Vivência da Pedagogia Griô

Márcio Griô facilitando vivência da pedagogia griô no Encontro Regional em Alter do Chão PA. Abaixo Mestre Mussum e o jovem Branco tocando os tambores de Jarê....

A vivência define o seu foco temático em linguagens e conteúdos elaborados e desenvolvidos nas diversas manifestações da cultura oral do povo brasileiro. A cada Encontro, a vivência era enriquecida com novas aprendizagens, danças, histórias, cantigas, temas aprendidos nos encontros anteriores, em um exercício de reelaboração permanente. A própria metodologia do encontro foi sendo avaliada e enriquecida a partir das experiências dos encontros anteriores. Assim, a Ação Griô se reconhece inspirada na pedagogia griô como uma construção processual, dialógica, em desenvolvimento; um convite à aventura de aprender e ensinar com alegria e encantamento, livre de hierarquias, de sistemas e das grades curriculares.

"O ritual de vínculo e aprendizagem integra cantigas, danças, símbolos, versos, mitos, heróis, arquétipos, saberes, provérbios, artes, ofícios e ciências da vida de tradição oral da comunidade e de seu grupo étnico-cultural, numa rede de palavras e temas geradores"

Líllian Pacheco, criadora da pedagogia Griô

"Ação Griô é a escola mais boa que eu já vi no mundo."

Tainã, 7 anos,
Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô - BA

Troca de Experiência

Foi necessário amadurecer, ao longo do processo dos encontros, a compreensão de que este momento de avaliação não era voltado para uma exposição geral das atividades dos Pontos de Cultura, mas um momento de capacitação, focado na atuação dos griôs, mestres e aprendizes nas escolas parceiras e no Ponto de Cultura. Foi um momento que revelou, inclusive, alguns pontos de fragilidade na atuação inicial da rede de Pontos da Ação, particularmente no que diz respeito à efetividade da parceria dos pontos com as escolas e na revisão do perfil de griôs, mestres e aprendizes. Só nos encontros a compreensão da Ação Griô se efetivou, e, a partir deles, alguns griôs e Pontos de Cultura assumiram publicamente e com segurança suas dificuldades. A grande questão foi como integrar as atividades do Projeto da Ação Griô com as atividades dos Pontos e das Escolas parceiras num diálogo que fortalece o papel do educador na escola e fortalece o lugar dos griôs e mestres de tradição oral na educação da comunidade.

Mestre Aurino, Márcio Griô e a jovem griô aprendiz Enilê Griô em vivência de Troca de Experiência - encontro Regional Bahia - Lençóis BA

Dona Bié, griô do Ponto de Cultura Bruxa Tá Solta em vivências de trocas de experiências no encontro regional das Águas em Alter do Chão - PA

Círculo de Cultura
Ritos e Mitos na Escola

Foi vivenciada a metodologia dos Círculos de Cultura proposta pela educação dialógica de Paulo Freire, orientada pelas assessoras pedagógicas Fátima Freire, Ruth Cavalcante, Líllian Pacheco e Cláudia Monteiro, com o tema Rituais e Mitos na Escola. Os grupos trabalharam com palavras geradoras do universo vocabular do livro *Pedagogia Griô: a reinvenção da Roda da Vida,* de Líllian Pacheco. Cada grupo ou pessoa escolhia uma palavra e sintetizava para o coletivo o motivo de sua escolha, problematizando e construindo sentidos, significados, possibilidades de composição e organização espacial daquelas palavras, formando novas rodas, espirais, redes, árvores e mandalas de palavras distribuídas por critérios de forma e conteúdo. Palavras, palavras, palavras, como diria Hamlet. Saber, arte, mito, tradição, religiosidade, transcendência, griô, ritual, transformação, cultura, roda da vida, pedagogia, vivência... palavras que questionam a que valores, princípios e cultura estamos servindo com as histórias que contamos nas escolas, com os simbolos das imagens nas paredes, com os assuntos e temas propostos e inclusive com a língua que aprendemos e falamos.

A vivência sobre rituais e mitos na escola introduz uma reflexão fundamental para a Ação Griô e a pedagogia griô: o lugar da transcendência e da religiosidade nas práticas políticas e pedagógicas de tradição oral. Considerando a diversidade das expressões religiosas presentes nos Pontos de Cultura que participam da Ação, e compreendendo que essa diversidade não está livre de conflitos e manifestações de intolerância religiosa, foi necessário tratar a religiosidade em suas dimensões culturais, políticas, históricas e existenciais.

"Nossos rituais e mitos já estão na escola, mas nós queremos ser donos de nossa língua".
Representante indígena dos kaigang - RS

"Nosso sonho é escrever nossa língua. Eu estou fazendo faculdade para escrever."
Namblá, griô aprendiz de Santa Catarina

"O mito em nossa comunidade é algo vivo, não é um texto de Mário de Andrade. Como podemos falar que falamos português? Nós não falamos português. Nós estamos num território que envolve três países. Nós queremos criar nosso alfabeto."
índio Ingariko do norte

"Nas escolas, não aprendemos o significado que o mito, os símbolos e a musicalidade têm. Nós aprendemos isso na capoeira".
Mestre Alcides - SP

Vivência - Religiosidade e Transcendência na Escola

O conflito religioso é um dos principais fatores de crise no mundo contemporâneo, e grande parte das distorções sociais em nosso país estão amparadas na intolerância étnico-religiosa e na tentativa de imposição de uma única cultura religiosa (branca, cristã, ocidental) pelos grupos sociais dominantes e hegemônicos. Esse cenário desafia a Ação a contribuir para substituir a intolerância pela convivência religiosa, compreendendo o papel estratégico do espaço escolar nessa superação ou na manutenção da intolerância e do preconceito religioso.

Torna-se necessário compreender a importância da religiosidade na formação da identidade de crianças e jovens, não necessariamente do ponto de vista da fé religiosa, mas como manifestação cultural que consolida dimensões de pertencimento social, consciência histórica e ancestralidade; compreender os rituais e mitos religiosos como vivências e narrativas multi-referenciais, que ampliam a consciência de si e do mundo real, o imaginário, e carregam todo um universo simbólico referenciado em territorialidade, oralidade e musicalidade. A construção da identidade, a consciência da história pessoal e a definição de projetos de vida, em uma visão baseada na cosmovisão dos povos de matriz africana e indígena, passa necessariamente pela consciência e reconhecimento da própria ancestralidade.

Ingaricó, líder indígena em vivência no encontro Regional das Águas em Alter do Chão - PA

"Confesso que, como evangélica, tinha dificuldade de entrar na casa de Vô Aerson ou de levar ele comigo para a escola por causa de sua religião. Foi só depois do encontro que eu perdi o medo de me aproximar dele"

Martinha, griô aprendiz da Rocinha, Rio de Janeiro

Vivência - Religiosidade e Transcendência na Escola

A vivência da religiosidade e transcendência facilitada por Cláudia Monteiro, Líllian Pacheco e Ruth Cavalcante com o sistema Biodança (criada pelo antropólogo chileno Rolando Toro) motivou o diálogo dos corpos caminhando no espaço, mãos, braços, olhares que se encontram em abraços, diálogos afetivos, contatos imanentes e transcendentes, descoberta de que amor nunca é demais. Não existe verdade, nem conhecimento, nem sabedoria da vida, que não passa e se expresse verdadeiramente pelo afeto e pela vivência da sacralidade da vida: a descoberta do conhecimento como um ato de amor e de vínculo em rede.

"Até hoje eu pensava que o meu jeito de acreditar no sagrado era o único jeito certo, mas depois desta vivência eu vi que não é"

Vô Aerson, mestre da comunidade da Rocinha

O Lugar do Negro e do Índio na História e na Memória do Brasil

A Ação Griô releva e reconhece o saber das culturas orais das comunidades que historicamente foram colocadas à margem do processo de construção do conhecimento oficial, que determina como e qual história deverá ser contada. A revisão dos currículos educacionais com a introdução de conteúdos, linguagem e saberes de tradição oral é uma importante demanda política das comunidades de matrizes africanas e indígenas representadas em diversos Pontos de Cultura do Brasil. Nesse sentido, as reflexões e as práticas sobre "educação para as relações étnico-raciais positivas" ocupam um espaço importante na programação dos Encontros Regionais. Do sul ao norte, há pontos na Ação Griô que ligam a questão indígena e de matriz africana, realizando cruzamentos temáticos e de articulação em rede. A trajetória militante e as reflexões serenas e firmes de Vanda Machado, com o seu trabalho sobre *O Lugar do Negro na História do Brasil*; o filme *Sou Negro*, produção do Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô, sobre a implementação da lei 10.639 nas escolas de Lençóis, BA; a contribuição de pesquisadores, ativistas e lideranças dos movimentos negro e indígena dos Pontos de Cultura (Andila Kaigang e Nambla Xokleng no sul, Queles Ingariko do norte, Hi Idonice na Bahia) criaram uma frente de discussão política da Ação Griô para a concretização das demandas sociais das comunidades no campo da educação.

"...Nunca perdi a esperança de que essa grande transformação viria a ocorrer. Não apenas por causa dos grandes heróis que já mencionei, mas pela coragem dos homens e mulheres comuns de meu país..." Nelson Mandela

"Não é defeito preta ser a cor. É triste pela inveja roubar-se o valor. O certo é que o Brasil deve desistir da questão da cor, pois que a questão é de valor. E quando varão tiver valor, não se olhará a cor."

SILVA, Eduardo. Dom Obá II D'África, o príncipe do povo

Mãe Rosa do Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô, Lençóis, BA

O Lugar do Negro e do Índio na História e na Memória do Brasil

A questão é uma posição política e de identidade de quem descobre sua diferença e ancestralidade - "eu sou negro(a), eu sou índio(a)" - para sair deste discurso da globalização, da massificação de que somos todos iguais, mestiços e multicores. A questão da ancestralidade é de todos os brasileiros, não só de negros ou de índios.

Ao eleger a escola e a universidade como o espaço privilegiado para esse diálogo, a Ação Griô, sua rede de pontos de cultura participantes, inserem esta questão no campo da disputa de idéias. Fatores ideológicos foram responsáveis pela não vinculação das culturas negras e indígenas no desenvolvimento do processo educacional brasileiro. Estes segmentos não hegemônicos, entretanto, buscaram manter vivas suas manifestações de tradição oral, embora isso tenha ocorrido fora da instituição escolar, que a tais saberes, na maioria dos casos, tem-se mantido fechada, e voltada ao racionalismo, à disciplina e ao desenvolvimento do gosto pelo "belo", associado à produção cultual de origem européia.

A formação da identidade dos estudantes brasileiros, neste horizonte político-cultural e ideológico dos currículos e modelos pedagógicos de nossas escolas e universidades, tem se caracterizado pela exclusão das culturas indígenas e, sobretudo, negras, e pela padronização da moderna cultura ocidental de matriz européia, branca e cristã. Ao construir a identidade dos estudantes a partir da comparação com estes valores, a escola atribui às culturas negras e indígenas um sinal negativo, relacionando estas matrizes culturais a um certo "atraso" e descompasso do Brasil no contexto da cultura mundial.

Índio Matinho do Ponto de Cultura Côco de Umbigada

Compreendemos no entanto, que a estratégia de manutenção, resistência e afirmação destas culturas se deu basicamente através da oralidade. As redes de transmissão oral não foram vencidas nem sobrepostas pelos espaços oficiais de produção do conhecimento, elas estão vivas e presentes na vida das comunidades rurais e urbanas, e fazem parte da formação da identidade e da ancestralidade de todos nós.

O Lugar do Negro e do Índio na História e na Memória do Brasil

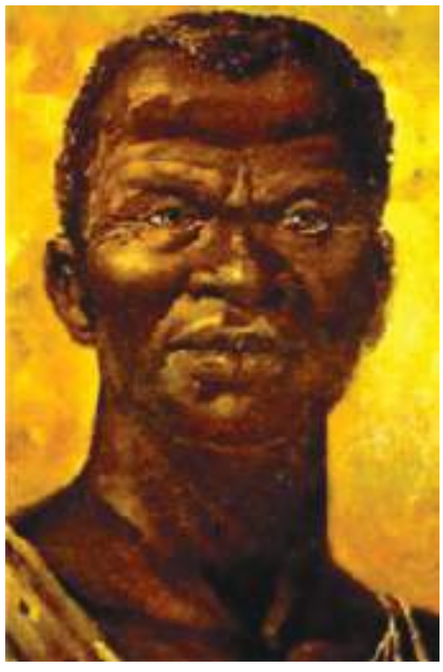
O desafio da Ação Griô é promover o diálogo e a aproximação dentro do espaço da escola, a partir da intervenção de mestres, griôs, aprendizes, pontos de cultura e educadores interessados em pedagogias, linguagens, línguas e saberes que compõem a rede de transmissão oral. É preciso observar, no entanto, que a inserção destes saberes da tradição oral nas escolas significa uma disputa ideológica, uma vez que a escola se constitui atualmente como um aparelho do estado reprodutor da cultura oficial dominante e hegemônica. Diversas línguas e povos morrem no mundo regularmente. Será a opção política global perder a diversidade da inteligência e criação humana? Neste sentido, a Ação Griô influencia diretamente na disputa pela hegemonia política e cultural da sociedade, afirmando e relevando mitos, símbolos e saberes da tradição oral numa perspectiva contra-hegemônica e mesmo revolucionária.

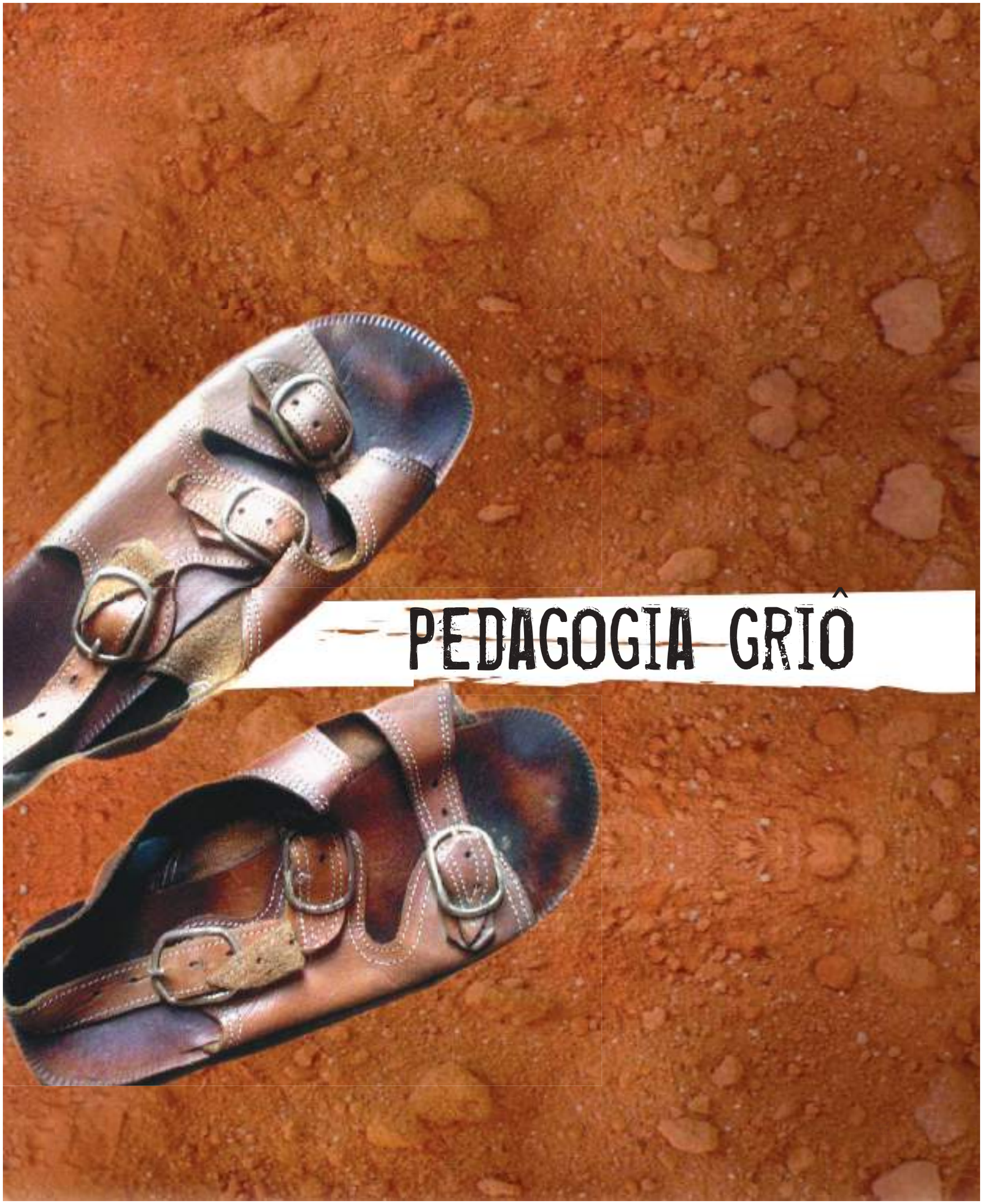
Os movimentos de transformação da sociedade não se esgotaram com o "fim da história" previsto pelos ideólogos do neoliberalismo. Ao contrário, há uma perspectiva de insurgência, de redes articuladas, de mobilização da sociedade em escala global, que busca romper a hegemonia do mercado e da cultura branca-cristã-ocidental-européia herdeira do iluminismo e do positivismo. Nesse contexto, as culturas populares e tradicionais, aliadas a novas tecnologias não poluentes, tem se apresentado como alternativas de sustentabilidade ambiental, social e econômica para o planeta. Tais culturas fazem parte de um conjunto de saberes interligados ao respeito e manutenção da natureza e da vida, que só podem existir se o meio onde se realizam estiver preservado.

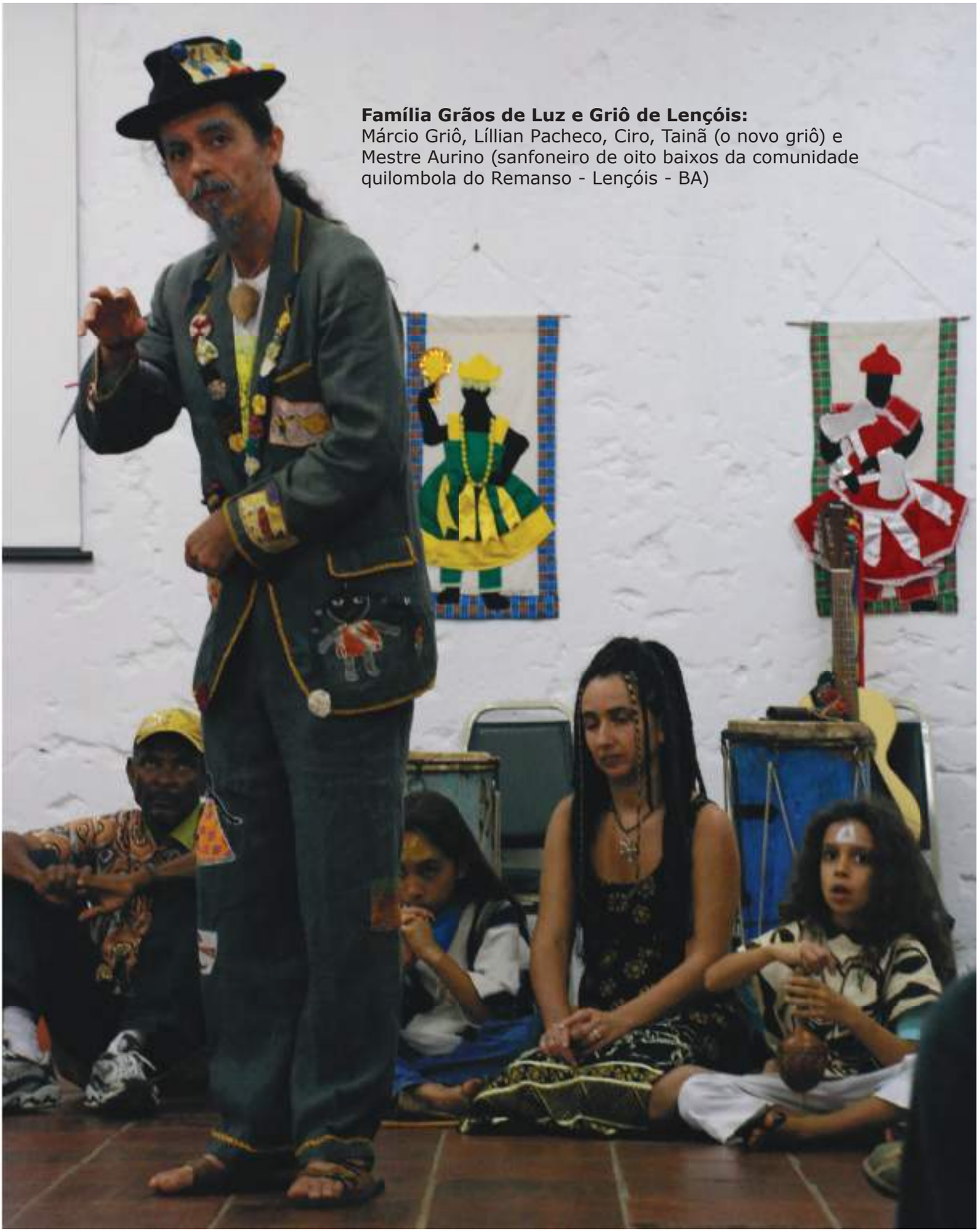
O papel da Ação Griô é contribuir para o pensamento de um outro plano político mundial, em que o respeito às diferenças esteja em pauta. A escola é um espaço para iniciarmos a caminhada, de onde surgirão novas trilhas para o mundo, tendo a palavra como guia de um plano pluriculturalista, onde povos e culturas se re-significam uns nos outros.

"Valeu Zumbi! Do reino negro dos Palmares. Estes dias de vivência na Ação Griô foram tudo de bom. Espero poder dividir essa experiência outras vezes. Obrigada ao Grãos de Luz e a todos os pontos de cultura presentes.
Que tenhamos um feliz regresso…!
Modjumbá Axé! Aquele que é nossa força nos abençoe. Axé!"

Fatinha, griô de tradição oral, Jongo de Pinheiral - RJ




PEDAGOGIA GRIÔ



Família Grãos de Luz e Griô de Lençóis:
Márcio Griô, Líllian Pacheco, Ciro, Tainã (o novo griô) e Mestre Aurino (sanfoneiro de oito baixos da comunidade quilombola do Remanso - Lençóis - BA)

Com a palavra Líllian Pacheco - A pedagogia griô

Por Líllian Pacheco, criadora da pedagogia griô, educadora biocêntrica e coordenadora do Grãos de Luz e Griô e da Ação Griô Nacional

"Para cada estrela no céu, existe um diamante na terra, e cada diamante tem o seu dono" Mito da cultura garimpeira de Lençóis, Chapada Diamantina, Bahia, Brasil

... terra do diamante, esse grão que brilha e encanta com sua luz, terra do Grãos de Luz, lugar onde os meninos e meninas, grãos de luz de Lençóis, todos os dias aprendem a juntar ciência com tradição oral e com as diversas linguagens artísticas; lugar onde elas entram pelo portão e dizem: *"eu quero estudar aqui também, meus amigos me disseram que aqui é bom, porque tem um monte de coisa para a gente aprender e fazer."* E tem mesmo. São oficinas de fotografia, cinema, computação e artes gráficas, comunicação, artes plásticas, trilhas griôs, teatro de bonecos, artesanato em retalhos, gestão financeira, música. Cada dia se inventa mais, tudo permeado pela pedagogia griô.

Mas, e griô, o que é ?

"O griô vem da África. Ele ensina o que aprendeu com seus avós (tocar instrumento, contar nossas histórias, mitos, cantigas de rodas...) e também tudo que aprendeu em outros cantos. O griô aprende ouvindo, caminhando." Hueverton, Etevan, Taiarca, Ianca, Renilza, Rose, crianças das oficinas do Grãos de Luz e Griô.

O Griô é um caminhante, cantador, poeta, contador de histórias, genealogista, mediador político, um "*dieli"*, que na língua bamanan do Mali, noroeste da África, significa "*sangue que circula*". É um educador popular que aprende, ensina e se torna a memória viva da tradição oral. Ele é o sangue que faz circular os saberes e histórias, as lutas e glórias de seu povo, dando vida à rede de transmissão oral de uma região e de um país. A palavra abrasileirada griô vem de griot em francês, que traduz a palavra Dieli na língua bamanan. É um conceito proposto pelo Grãos de Luz e Griô que vem complementar o conceito de Mestres dos Saberes tão utilizado no Brasil. O conceito de mestre nos remete ao sábio, ao curador, ao iniciador das ciências da vida, das artes populares e dos ofícios artesanais, é diferente do Griô.

E Griô no Brasil? o que é? Atravessando o atlântico negro, voltando para a Mãe África, na região em que o Brasil se encaixa como um jogo de quebra cabeça do pangea, a gente se reencontra na história e no encanto da rede de transmissão oral.

"Lá, nos sertões da África, entre aldeias distantes, caminham mulheres e homens aprendendo e ensinando os saberes daquele povo. São griôs. E quando os griôs chegam nas aldeias, as crianças, os jovens, os pais, as mães e os avós sentam na roda, e está aberto o ritual do contador de histórias." Palavras de chegada do Velho Griô nas comunidades de Lençóis e de todo o Brasil.

Caminhada e vivência da comissão nacional
de griôs e mestres da Ação Griô na TEIA 2008, Brasília - DF

Dos sertões da África para os sertões da Bahia, o Grãos de Luz e Griô reinventa o griô, através do Velho Griô, essa figura mítica, caminhante, essa biblioteca viva da tradição oral que entrega a sua corporeidade para aprender e ensinar a história e a cultura de seu povo. Esse arquétipo que revela o poder de nossa ancestralidade guardada nas comunidades de re existência da África e da América pré-colombiana no Brasil. Ele chega caminhando de surpresa em cada comunidade e escola, reverenciando os velhos, cantando, dançando e brincando de roda, contando história e mitos com as crianças e adolescentes, mães, pais, avós, educadores e merendeiras, todas as idades na Roda da Vida.

Tendo a oralidade africana e indígena como inspiração e sabendo que o caminhante aprende com todas os saberes e fazeres das comunidades e culturas orais que formam o povo brasileiro, O Grãos de Luz e Griô reinventa o griô e sua pedagogia, a pedagogia griô. Através da pedagogia griô, a comunidade e a escola sentem e reconhecem a riqueza cultural da magia, do encanto, do poder e da sabedoria ancestral de sua tradição oral, traduzindo-a, reiterpretando-a e integrando-a com as ciências, com o universo da escrita e com a economia local. Não enquanto folclore, mas enquanto pedagogia, sabedoria, ritual de vínculo e aprendizagem, crescimento, arte, ciência, mito, cultura, além de uma economia comunitária que estrutura valores da identidade humana nas comunidades do Brasil.

O processo de mobilização, articulação, ensino e aprendizagem da Ação Griô Nacional é inspirado em práticas pedagógicas da tradição oral, sistematizadas no livro ”Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida”. A Ação Griô propõe a pedagogia griô que facilita o encanto, a participação e a celebração da vida através de diversas práticas que podemos reconhecer como didáticas e vivenciais:

- caminhadas
- oficinas dos saberes
- cortejos
- rituais de cantos e danças
- espaços de convivência e criação coletiva
- ofícios artesanais
- aulas espetáculo
- círculos de cultura
- encontros dialógicos
- rodas da vida e das idades
- rodas de prosa
- danças do trabalho
- danças de celebração
- bênçãos
- rodas de contação de histórias de vida, mitos e causos
- mutirões

Caminhada e vivência da comissão nacional de griôs e mestre da Ação Griô, na TEIA 2008, Brasília - DF

Todas essas e outras diversas práticas são organizadas na vivência da pedagogia griô como um ritual de segredos e mistérios, ciências e mitos, cantigas, danças e histórias de vida que contam sobre a ancestralidade e a identidade de uma gente que resiste e re existe como cidadão brasileiro. O modelo da vivência está referenciado no modelo de vivência da biodança e da educação biocêntrica, adaptado para as linguagens da tradição oral (ver os modelos de vivência apresentados a seguir, e conceitos da educação biocêntrica e da biodança).

Quem participa se redescobre redescobrindo o Brasil e sua grande família étnico-cultural. A vivência não se dá como espetáculo para ser assistido, mas como espaço de intimidade e expressão com a erudição da cultura oral de griôs e mestres brasileiros.

A vivência da pedagogia griô é afetiva e cultural e facilita o diálogo entre as idades, entre a escola e a comunidade, entre grupos étnico-culturais, interagindo saberes ancestrais de tradição oral e as ciências formais para a elaboração do conhecimento e de projetos de vida que tenham como foco o fortalecimento da identidade e a celebração da vida. Nessa pedagogia, inspirada na tradição oral dos griôs do Mali na África e dos griôs e mestres do Brasil, propõe-se a criação do lugar do griô aprendiz na comunidade. A primeira referência de griô aprendiz criada no Brasil é o Velho Griô de Lençóis.

"Quando o vi naquele lugar, à beira de um riacho, ao pé de umas bananeiras e de um (se não me engano) jacarandá lindo, ... vi que a figura do Velho Griô saiu do livro, no qual sempre olhamos, para tornar-se figura viva e concreta à nossa frente. Suas palavras tinham uma simplicidade e uma força de história vivida de suas experiências de caminhadas e aprendizagens ..." Vander, griô aprendiz - De Olho na Cultura

Seu papel é de um educador alegre e afetivo que chega de surpresa, "invadindo e ocupando" escolas e comunidades através do encantamento e da mediação dos saberes da tradição oral com os saberes que estão sendo elaborados nas escolas e universidades. O Velho Griô é um educador aprendiz que canta e conta histórias do povo de cultura lençoense, brasileira, indígena e africana em rodas de vivências, músicas e danças que sensibilizam e integram a escola e a comunidade. Velho porque Velho é o símbolo da sabedoria da vida; e Griô, porque representa esta figura do noroeste da África, que caminha entre comunidades aprendendo e ensinando a cultura da região. Quando o Griô conta e canta, as pessoas se reconhecem, porque ele fala dos avós, bisavós, que interligam a história e a vida daquele povo, suas lutas e glórias.

Este convite expressa a simplicidade da pedagogia griô a todos griôs aprendizes da Ação Griô nacional, como diz Linete, griô aprendiz do Olha o Chico "a pedagogia griô do Grãos de Luz e Griô é como uma bolha que se furou".

Assim como o Velho Griô, todo griô aprendiz aprende com as diversas tradições orais do Brasil e reinventa ou reencontra o seu arquétipo, aquele que é a melhor expressão de si mesmo e de sua sabedoria ancestral que é reflexo de sua caminhada. Por mais que ele já saiba, por mais que tenha aprendido com griôs e mestres do Brasil, ele guarda e compartilha com humildade sua sabedoria com o título de griô aprendiz. Ainda que a oralidade africana seja uma referência de aprendizagem muito importante, não se trata de reeditar no Brasil o griô africano, ou formar os griôs aprendizes como o africano. O Velho Griô, por exemplo, é um caminhante que nasceu no sertão nordestino, neto de uma rendeira, de um tropeiro vendendor de rendas, e de um safoneiro de 8 baixos.

Vivência da pedagogia griô no encontro de comunidades das Trilhas Griô do Nordeste - Lençóis, 2008

Ele tem em suas referências simbólicas, espirituais e ancestrais negros, índios, portugueses, grupos étnicos do Brasil. Sua roupa reflete o reiseiro, o sertanejo, o tocador rural, e seus símbolos traduzem a diversidade de sua caminhada e aprendizagem. Ele se tornou uma referência da pedagogia griô para a construção do lugar dos griôs aprendizes regionais e dos griôs aprendizes dos pontos de cultura do Brasil, na missão de garantir a costura da rede de transmissão oral do nosso país, através do reencanto dos estudantes das novas gerações que estão sendo formadas nas escolas públicas, pelo reencontro consigo mesmos e com a sua ancestralidade, pela descoberta do sentido da vida que a celebre comum - comunidade.

"... fui direcionado pelo Velho Griô para vários elementos da natureza, como as aves, o ar, a lembrança do útero materno, ao adentrarmos em uma gruta, nos fazendo restabelecer nosso vínculo com a Terra e com todos os elementos do universo, até alcançarmos o refúgio restaurador nas águas da grande cachoeira. Ao retornar, repetimos o diálogo por meio de símbolos corporais, e como em um pacto silencioso, sentimos que, ao final da travessia, já não éramos mais a mesma equipe. Tivemos a oportunidade do encontro transformador. A partir daquele ponto, estávamos preparados para nos separar e, cada griô aprendiz, em uma região do país, dar seqüência à missão de inscrever na grande roda do conhecimento - que são a cultura e a educação brasileiras - o encantamento vivido com mestres e griôs. A partir dessa vivência com o Velho Griô, hoje me permito falar poeticamente sobre alguns conceitos pedagógicos presentes nessa caminhada da pedagogia griô". Henry Durante, griô aprendiz regional da Terra

Por outro lado, um mestre ou uma mestra se legitima por ter aprendizes que buscam vivenciar saberes que são de tradição oral. Um mestre tem uma maestria de tradição oral e um aprendiz pode escolher aprender ou não com ele. No Mali, quando um griô aprendiz quer aprender com um mestre, ele lhe doa uma semente, o que nos remete ao grão de luz, grão da sabedoria. Nesse gesto, vivido inclusive pelo Velho Griô com seu mestre *Dieli Mody Diabaté*, na vila de Kita no Mali, ele está legitimando um vínculo de aprendiz com o saber e uma pessoa que sabe. O *Dieli* passou a convidá-lo para vivências e caminhadas de aprendizagem, e depois de cada caminhada, ele sentava no terreiro e contava histórias, histórias que tinham significados e sentidos que organizavam as vivências. Em Lençóis, Mestre Dunga tem o respeito e o reconhecimento de todos os griôs e mestres de tradição oral da região. Para o Velho Griô ele conta mistérios que não conta para ninguém e criou uma relação de cuidados e proteção que se direciona mesmo à distância. Ele diz: "*vá, meu filho, que eu seguro daqui. O mestre é a raiz e o griô é a sua rama*".

Um mestre não se legitima por si só, mas por estar circundado por aprendizes que lhe escolheram – sua história, seu mito, seus saberes e fazeres, seu ofício artesanal – tudo que reflete uma diferença étnica-cultural que, por sua vez, é plena de ciência, arte e de religiosidade, ou, usando outro conceito, independente de religião, plena de espiritualidade, ou ainda um conceito mais científico – plena de transcendência – essa potencialidade de se fundir com totalidades vivas e experimentar a força pulsante do cosmo, de um povo, de uma comunidade, de uma cultura.

Caminhada e vivência da pedagogia griô na Escola Isabel da Silveira, na comunidade do Tomba Lençóis - BA - 2007

Porém, como diz bem Guitinho da Xambá, a palavra "mestre" cria diversas projeções sobre a pessoa que possui uma maestria específica. Inclusive, a projeção:

"... idealista de ser uma pessoa de bondade, espiritualidade e sabedoria iluminada sobre a vida. Mas não quer dizer que devamos esperar dos mestres comportamentos ou conselhos exemplares, que devamos projetar neles a necessidade de uma sabedoria universal ou de qualquer moral, ou ainda de uma espetacular imagem folclorizante. Cada mestre tem sua história de vida. É na sua simplicidade certa e errada cotidiana que mora sua reverência à vida, à sua cultura e erudição. Sua diferença é que o torna único."

É a sua história e o seu saber que nos dá uma referência concreta sobre a nossa história, nossa ancestralidade, a história de nossa comunidade e de seus vínculos com a tradição oral e com a formação étnica do povo brasileiro.

Essas referências colocam a pedagogia griô em movimento e criação. Os griôs aprendizes respondem ao convite da caminhada nas escolas públicas. O fato é que nas caminhadas de ocupação/invasão encantadora das escolas propostas pela pedagogia griô, as diferenças étnico-culturais-religiosas são recorrentes. São diversas as linguagens e símbolos em que a tradição oral expressa sua sabedoria ancestral e suas ciências. Um dia, o griô aprendiz Alexandre Santini, do Rio de Janeiro, "invadiu" uma escola. Imaginem uma escola acontecendo em sua rotina, sala de aula e grade curricular completamente normal. Então surge um griô urbano de tradição oral do teatro de rua, como ele próprio se define o seu arquétipo, com sua "roupa colorida, tênis all-star, colete, uma casaca ancestral que vem de geração em geração há mais de 500 anos, como uma roupa de arlequim da comédia dell'arte, com sua cartola de mágico enfeitada com uma máscara dos carnavais de Veneza, seu zabumba nordestino, agogô de cabaça e gaita de blues, bolsa a tiracolo, bonequinho de broche, colares Xavantes e Tapajoaras". Ele entra em uma escola para brincar e contar a história do príncipe afro-baiano Dom Obá, conterrâneo da região desta autora. Dom Obá foi neto do poderoso Alafin Abiodun, último soberano a manter unido o império de Oyó - mais um herói e império negro desconhecido pela maioria dos autores de nossos livros e projetos didáticos. Não foi nos livros das escolas que Alexandre o viu. Ele o viu no livro da pedagogia griô. Ouviu a banda de jovens e crianças da Família Grãos de Luz e Griô apresentando uma aula espetáculo com a história e música de Dom Obá. E com certeza dançou o famoso samba enredo sobre Dom Obá do carnaval da Mangueira. Dom Obá teve um papel muito importante no século XIX na história do Brasil, inclusive nas disputas políticas relacionadas ao projeto racista de embranquecimento do povo brasileiro. Foi ainda morador da favela da África Pequena, bairro vizinho á escola que Alexandre invadia de surpresa com o seu encantamento de griô aprendiz.

Dom Obá lutou por um mundo novo
Criticou a elite no jornal
Defendeu a liberdade
Freqüentou o palácio imperial
Pirâmide Guizé no imaginário
Estrela Sírius no calendário
De sua sabedoria ancestral

(fragmento de cordel de Márcio Griô e Líllian Pacheco trabalhado em todas as escolas municipais de Lençóis pelo Velho Griô, educadores e estudantes)

Caminhada e vivência
da pedagogia griô na
Escola Isabel da Silveira
na comunidade do Tomba
Lençóis - BA - 2007

Na roda ritual de contação de histórias facilitada por Alexandre havia aproximadamente 300 estudantes, educadores e coordenadores pedagógicos. Alexandre utilizava suas linguagens e didáticas de tradição oral aprendidas na pedagogia griô, no teatro de rua e no movimento estudantil para transportar os estudantes do mundo da rotina para o mundo do ritual – cortejos, cordéis, cirandas, rodas, coros, dramas, ecos. Algumas pessoas se postaram na periferia das rodas, de onde se podia sentir e ouvir os observadores participantes. E de repente, ouve-se uma educadora da disciplina de história, conversando à parte com uma das fiscais de corredores: "...da próxima vez vocês me avisam que vai ter macumba na escola para eu não vir".

Quase o mesmo aconteceu numa das caminhadas do griô aprendiz Guitinho da Xambá, em Pernambuco, que chegou com suas roupas de retalhos coloridos com um sol amarelo brilhante tomando suas costas e o chamando de Alumiado. O Alumiado ecoava sua voz e seu pandeiro em todos os cantos da escola; o Alumiado, esse arquétipo reencontrado nas histórias e olhares de sua avó Biu. A direção da escola fechou a sua porta porque sua opção religiosa não permitia que os estudantes pudessem escutar um tambor. Porque ? Porque novamente isso é coisa da macumba. Nesta resposta encontra-se perdido o porque das coisas. Sentados nas cadeiras das escolas, os estudantes perdem o fio da história do Brasil, o fio da história do tambor, o fio da história de suas vidas amarradas aos griôs e mestres daquela comunidade, daquele estado, o fio da história do artesanato no mundo, da vitalidade do côco, do maracatu. Os estudantes perdem as rimas velozes da línguística pernambucana do Alumiado, de um filho, neto, herdeiro, descendente da primeira comunidade urbana reconhecida quilombola no Brasil, a comunidade de Xambá, que tem sua ancestralidade africana guardada por mulheres guerreiras, tão bem revelada no livro "Nação Xambá do Terreiro aos Palcos" da pesquisadora Marileide Lima.

Os estudantes e o porquê das coisas se perdem por um momento, mas a educação não perde. Essas vivências problematizam princípios básicos da pedagogia griô. As guardamos como tesouros vivos. Guardamos delas o eco dessa palavra geradora e tão grávida de sentidos brasileiros: macumba. Essa palavra que nos faz refletir profundamente a educação no Brasil, seu fazer pedagógico. Que referência de educação pode dar conta de dialogar com essa professora e essa diretora, uma do Rio de Janeiro e outra de Pernambuco? Suas ciências, identidades e ancestralidades? As duas tão nossas, tão verdadeiras e tão importantes nas escolas do Brasil? É preciso referenciá-las, valorizá-las, referenciar a nós mesmos, não ter medo de reinventar um jeito de ensinar e de aprender nos diversos cantos do País. Nossas referências acadêmicas e nossa própria identidade são tão européias e estrangeiras diante de tantas verdades afro-descendentes, índio-descendentes e outras tantas tão brasileiras que moram no nosso corpo e formam nosso espírito, que se torna importante ler o currículo de uma faculdade de educação antes de sonhar com pedagogia. Torna-se importante perguntar quem somos – índios, negros, brancos, brasileiros ?

Caminhada e vivência da pedagogia griô na Escola Isabel da Silveira, na comunidade do Tomba, Lençóis - BA - 2007

Em outra vivência da pedagogia griô, outra professora de história disse: "não existe uma cultura negra no Brasil, não existem negros, somos mestiços". Muita gente no Brasil não entende o valor e o poder de alguém quando diz "SOU Negro", ou diz "SOU índio". Evidentemente que estamos falando de tradição oral que também é universo de povos portugueses, de povos italianos ou de judeus. Mas quem somos? Quem é cada um que nos lê? Qual a diferença de dizer-se afrodescendente ou descendente de japonês?.

Em outra vivência da pedagogia griô, um índio disse para esta educadora interiorana e escritora: – "*Você é uma índia. Pare de dizer apenas que sua avó era índia. Diga – 'eu sou Índia' e assuma a nossa luta que já é sua luta"*. Carlos Petrovich, diretor de teatro e arte-educador baiano, abria seus discursos dizendo *"antes de mais nada quero dizer que sou negro"* diante dos olhos interrogativos de uma platéia que via sua pele branca. O que ele queria dizer é o mesmo que o índio dizia. È uma posição política. Se a cultura for mesmo estruturante para a educação e a formação de um povo, seu desafio é referenciar pedagogias e ciências criadas pela gente que tem o pé no próprio chão. Há uma crise de linguagem e na língua da educação no Brasil. Nossa pátria não é nossa língua. Nossa pátria são mil línguas, mil linguagens. Quando falamos – *"Óia"*, substituindo o i pelo lh, é porque o som do lh não era comum para o povo pré colombiano que habitava estas terras antes da invasão portuguesa. Quando falamos ritual no lugar de rotina, é porque sabemos da facilidade de uma criança construir seu lugar para se incluir em seu grupo de capoeira, e vemos a dificuldade dos educadores, neste espaço escolar que está posto, em facilitar a construção de lugares, grupos, identidades, ancestralidades. Se não existir isso, como e onde incluir alguém? A educação reproduz lugares sociais e fala de uma inclusão social que não existe. Está confundida com reprodução social. O que existe é a possibilidade de pessoas excluídas construírem lugares para se incluir. Nesta questão, o ritual, a vivência, a linguagem e a língua se tornam categorias centrais de uma pedagogia que se referencia na identidade de seu criador ou criadora, de sua comunidade, de sua ciência, da etnia de seu povo e de sua religiosidade. Não há como fazer ciência sem mito, sem transcendência, sem história de um povo, sem auto-criação, sem vida. Não há como fazer ciência com rotinas. O humano se cria nos rituais de seu povo. Maturana fala de autopoieses, mas o povo fala com simplicidade: Eu me criei aqui.

A Pedagogia Griô propõe o ritual de vínculo e aprendizagem e tem como referenciais teóricos e metodológicos a educação biocêntrica de Ruth Cavalcante e Rolando Toro, a educação dialógica de Paulo Freire, a educação para as relações étnico-raciais positivas de Vanda Machado, a arte educação comunitária de Carlos Petrovich, a educação que marca o corpo, de Fátima Freire e a pedagogia que foi construída nos terreiros de candomblé, nas capoeiras, nos torés, nos sambas de roda, nos reisados, nos cantos do trabalho, nas festas populares, nos gêneros literários dos cordelistas e repentistas, na ciência das parteiras, na habilidade das rendeiras, na antevisão dos pais e mães de santo, na medicina dos curadores, erveiras, benzedeiras e xamãs, na biblioteca viva dos contadores de histórias, e em todas as artes integradas aos mitos e às ciências da cultura oral.

Curva da Vivência

Fonte: Pedagogia Griô – A reivenção da Roda da Vida de Lilian Pacheco, 1ª ed. Lençóis-Ba, 2006.

Modelo de vivência sistematizado por Lilian Pacheco e Rath Cavalcante

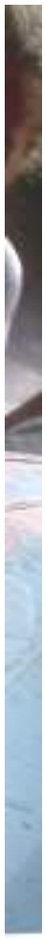
Temos que continuar citando e nos descobrindo, aprendendo a escrever tantos substantivos e derivados de nossa língua nacional: jongueiros, congadeiros, cacuriás, carimbós, cirandeiras, maracatus, côcos, cavalo marinho, artista de circo, teatro de rua, teatro de bonecos, mamulengueiros, catireiros, pastoris, são muitos os responsáveis pela tradição viva. Em toda comunidade brasileira existem griôs e mestres de tradição oral trabalhando espontaneamente e informalmente pela sobrevivência de suas tradições junto à comunidade e às crianças e adolescentes, através de uma economia de partilha, uma economia comunitária. São atores e autores sociais vivos da cultura brasileira que inspiram uma pedagogia recriada no Grãos de Luz e Griô a partir da inteligência pedagógica que se dá sem a escrita e tem transmitido saberes de geração em geração atravessando séculos de exclusão social e perseguição do povo negro, indígena e de baixa renda, garantido a identidade do povo brasileiro.

A pedagogia griô integra escola e seus educadores com as comunidades, grupos, organizações de griôs e mestres das redes de transmissão oral; os saberes das ciências e currículos formais do país com as histórias de vida, mitos e saberes da tradição oral de suas comunidades.

Caminhar, colocar os pés no chão da realidade, viver e conhecer profundamente as comunidades com quem estamos criando educação. É necessário inverter a estratégia epistemológica (epistemologia é um estudo de como se dá o conhecimento). Então, temos que nos perguntar, diante da ciência como ela acontece. Onde está a minha vida, a minha felicidade, a minha identidade (que inclui a alteridade, ancestralidade, a totalidade) ? Todo mundo se perguntou durante muito tempo na escola algo parecido: *"Para que eu estou aprendendo isso ?"* Essa pergunta nasce da inquietação de sentir que a sua própria história e projeto de vida não estão no centro do conhecimento. A pedagogia griô propõe trazer todas estas categorias teóricas para o centro.

É preciso rever o conceito de identidade na educação. O sistema biodança e a educação biocêntrica apontam um caminho para esse conceito, um caminho que integra o si mesmo à alteridade (ao outro), à corporeidade e à totalidade, um caminho que organiza nossas linhas de vivência, crescendo em espiral, na busca do sentido pleno da vida, o princípio biocêntrico. A pedagogia Griô se inspira nesse caminho e propõe um conceito de identidade que tem como centro a história de vida pulsando entre a ancestralidade e a consciência de si, crescendo em espiral e formando as ciências da vida que perpassam pelos mitos, ofícios, arquétipos, artes e outras categorias importantes das tradições orais.

Caminhada e vivência da pedagogia griô na Escola Comunitária da comunidade do Tanquinho Lençóis - BA - 2007 (contação da história de Alqualtune com panôs e bonecos de retalhos das oficinas Grãos de Luz)



No início da caminhada do Velho Griô, antes dele se identificar como Velho Griô, existiam roteiros de entrevistas nas casas dos mestres e dos moradores da comunidade. Várias pessoas com quem o Velho conversava lembravam seus avós e bisavós descendentes de africanos e indígenas. A maioria se auto-declarava analfabeta, dizia que não tinha instrução. O roteiro criava uma linha de histórias orais, porém faltava um sentido, uma ciência, uma identidade nas respostas. Os saberes pesquisados iriam ser parte de um programa de formação dos educadores municipais de Lençóis, com o objetivo de vincular escola e comunidade, tendo a cultura como estruturante. Porém, o resultado das pesquisas estava longe de criar este programa. Era o mesmo sentimento de estar sentado na escola durante anos e anos sem saber para que servia aquele conhecimento, tentando ser um observador participante. Angústia. Tudo errado. Para que aqueles papéis escritos? Tudo para o lixo.

Ao jogar aqueles papéis no lixo, o que sobrou de essencial? Nós, os griôs e os mestres de tradição oral. Então despertamos nossa própria genialidade, nos olhamos no espelho, nos auto-referenciamos. Vamos chegar nas comunidades como somos e lá aprender. Aprender com a maestria do nosso povo. Que jeito é esse? Essa sim foi uma pergunta genial e óbvia. O que sobrou sem o mundo do papel? O universo da memória e da tradição oral, da nossa própria ancestralidade, da vivência do canto, da dança, dos sentimentos, das histórias orais, da transformação de instrumentos de trabalho em instrumentos musicais, dos mitos, dos símbolos, dos ofícios tradicionais, dos cortejos, dos rituais já citados acima e que são descritos no livro da pedagogia griô. Vamos aprender tudo que já sabemos de nós mesmos e o que ainda não sabemos de nós mesmos.

Segundo o mestre africano Tierno Bokar "A escrita é uma coisa, e o saber é outra; a escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si". Então o papel voltou com outro lugar no processo de construção. Criamos a pedagogia griô – a reinvenção da roda da vida – que possui referências, modelo teórico da identidade e ancestralidade – rituais de ensino e aprendizagem em sala de aula; que recria a figura do griô aprendiz, este caminhante que já apresentamos. Criamos tudo isso com os estudantes, educadores, griôs e mestres de Lençóis, caminhando nas comunidades e escolas – e criamos o filme "SOU Negro" que revela a didática e o modelo teórico da identidade e da Roda da Vida e das Idades.

Caminhada e vivência da trilha griô na comunidade rural do Dendê, Cachoeira - BA 2008

Caminhada e vivência da pedagogia griô na escola e comunidade rural da Estiva, Lençóis - BA - 2004

Para que estamos aprendendo isso? Essa pergunta nos levou a olhar e a vincular a identidade (e a história de vida) como centro do saber. Toda ciência gira como uma espiral em volta da identidade, para formá-la local, regional, planetária e universal – como cultura que expressa a vida, como vida que se expressa cultura.

As caminhadas dos griôs em Lençóis nos fizeram criar a pedagogia griô, a Ação Griô Nacional, as trilhas griôs de educação e cultura oral garimpeira e quilombola em Lençóis. E estão sendo a referência em economia comunitária para mais seis trilhas no Brasil, que são sistematizadas pelos jovens do Grãos e das organizações parceiras, numa rede em parceria com o Projeto Bagagem.

Caminhar na trilha é uma escola plena de cultura e vida. A trilha está se transformando também num jogo educativo e cooperativo no qual cada jogador escolhe seu boneco griô e pode começar sua caminhada de qualquer ponto do Brasil. O objetivo principal do jogo é o mesmo objetivo do Grãos de Luz e Griô e da Ação Griô Nacional - fortalecer a identidade e ancestralidade dos jogadores. Assim faz Fátima Freire, assessora pedagógica do Grãos de Luz e Griô e da Ação Griô Nacional,

"Quero partir do Pernambuco porque aqui eu nasci, aqui eu vou e é para cá que eu tenho que voltar".

Existem a missão individual e a missão coletiva, cada desafio conquistado presenteia o jogador com Grãos de Luz - sementes de milho. Os desafios e as regras versam sobre as aprendizagens e princípios do modelo da identidade e vivência proposta na pedagogia griô e vivida pelo Velho Griô em suas caminhadas em comunidades rurais, urbanas em Lençóis e no Brasil, com todos os representantes da erudição de cultura oral.

Os encontros regionais e nacionais da Ação Griô Nacional foram criados com referência na pedagogia griô e em suas fontes de aprendizagem, seu chão de autores, criadores, fazedores, caminhantes da educação e da tradição oral no Brasil.

Vivência da pedagogia griô, com o griô Henry Durante, no Encontro de Biodança e Ação Social - SC, 2009

Com a palavra Henry Durante – conversas poéticas e científicas sobre a pedagogia griô

Henry Durante, da Associação Jongueira do Tamandaré de Guaratinguetá
e griô aprendiz Articulador da regional da Terra

Peço licença ao Velho Griô e a todos os griôs, mestres e aprendizes da Regional da Terra e da Ação Griô Nacional, a Líllian Pacheco, criadora da pedagogia griô e aos mestres generosos Fátima Freire, Alberto Ikeda e Marcos Ferreira Santos, fontes de inquietação e inspiração deste relato.

Este relato trata basicamente da minha caminhada como griô aprendiz na Ação Griô Nacional, articulando a Regional da Terra. Curta caminhada, ainda, embora, para mim, bastante significativa. A partir dela, pude, enquanto educador que sou, vivenciar no encontro com mestres e griôs de várias culturas a possibilidade de ressignificar conceitos pedagógicos fundamentais.

Não posso esquecer o encontro com o Velho Griô no rol desses encontros. Estávamos os griôs aprendizes reunidos em Lençóis, BA, no encontro da Ação Griô Nacional. No início de uma manhã, o Velho Griô nos reuniu e pediu que permitíssemos que fosse nosso mestre naquela ocasião, e também que concordássemos em permanecer em silêncio completo enquanto ele nos guiasse por Lençóis.

Antes de sairmos, porém, o Velho Griô propôs um jogo, no qual cada um de nós se expressava com as mãos ou outra parte do corpo por meio de um símbolo único, revelador de uma identidade muito íntima. Cada um de nós se comunicava por meio da expressão de seu próprio símbolo e da repetição dos símbolos dos outros, que deveriam estar bem fixados na mente.

Em seguida, partimos pelas ruas da cidade, em silêncio. O objetivo era alcançar a linda cachoeira que desliza pelo centro de Lençóis e retornar. Atravessamos o centro de Lençóis, da forma combinada. Adentrando a mata, nossa atenção era dirigida pelo Velho Griô na direção de vários elementos da natureza, como as aves, o ar, a lembrança do útero materno ao adentrarmos em uma gruta, nos fazendo restabelecer nosso vínculo com a Terra e com todos os elementos do universo, até alcançarmos o refúgio restaurador nas águas da grande cachoeira. Em cada momento e ambiente uma roda, uma vivência e um ritual de contação de histórias.

Ao retornar, repetimos o diálogo por meio de símbolos corporais e, como em um pacto silencioso, sentimos que ao final da travessia já não éramos mais a mesma equipe. Tivemos a oportunidade do encontro transformador. A partir daquele ponto, estávamos preparados para nos separar e, cada um em uma região do país, dar seqüência à missão de inscrever na grande roda do conhecimento - que são a cultura e a educação brasileiras - o encantamento vivido com mestres e griôs.

A partir dessa vivência com o Velho Griô, me permito falar poeticamente sobre alguns conceitos pedagógicos presentes nessa caminhada e na pedagogia griô. Educar é palavra de origem latina. Etimologicamente vem de *educare*, que significa alimentar, como, por exemplo, por meio da instrução. Dito desta forma, nos remete a um movimento "de fora para dentro", ao passo que os humanistas, no passado, preferem educere (fazer sair, tirar de dentro) que é um movimento "de dentro para fora". Como lembra Critelli, educere ou exducere também pode significar "tirar de uma dada situação", donde "ducere" significa conduzir, levar; e "ex", pôr à vista, mostrar, pôr para fora ou tirar do escondido. Ensinar, por sua vez, vem de insignare ou insígnia, e tem o sentido de impressão de sinais (inscrever signos) na mente daquele que aprende.

Cabe ao educador, iniciador consciente das novas gerações na cultura, optar por um tipo de educação que se baseie majoritariamente na inserção de conhecimentos nas jovens mentes ou, ao contrário, optar por um caminho em que se saiba que, melhor que educar, seria fazer despertar - de dentro para fora - os símbolos interiores, sinais únicos, reveladores de identidades singulares. Educar, nesse sentido, não é somente fortalecer por meio do alimento - ou instrução, como é, sobretudo, seduzir (do latim seducere) - provocar a sede. A sede que faz com que o aluno desperte no crepúsculo para testemunhar a água imprimindo pacientemente sua vontade nas pedras da cachoeira.

Assim ensinam mestres e griôs, não só por meio de palavras, mas, na vivência da cultura. Mestres e griôs ensinam principalmente pela ritualização da vida, no ciclo das atividades festivas, como se pode verificar em momentos como os agradecimentos das refeições, ou ao se abrir a roda do Jongo pedindo licença aos ancestrais, assim como nos cantos de trabalho, o no pedido de licença para se entrar no Candombe, nos cantos de despedida, enfim, entre inúmeros outros exemplos. Pela vivência nos rituais, o jovem pertencente à comunidade vai sendo inserido nas manifestações culturais. A aprendizagem se dá lentamente, por meio da observação paciente e do estímulo dos mais velhos.

Há de se destacar, nesse processo, a importância dos símbolos da cultura popular tradicional, tal como, nas festas populares, a presença das bandeiras, demarcando o espaço do sagrado, assim como os mastros, estabelecendo também uma ligação da terra com outros planos. Tal fato nos remete ao escritor basco Ortiz-Osés, quando este nos lembra do pensamento simbólico, cujo "fazer-se não é conhecer, mas conhecer-se". Este pensamento simbólico não é aquele da educação cartesiana. Significaria um passo na direção de conciliar razão (ratio) e sensibilidade (sensus). Sensibilidade esta que, segundo Ortiz-Osés, estaria ligada à emoção, ao afeto, à vivência e à con-vivência. É o "conhecer como sentir".

Ortiz-Osés nos lembra ainda que "sob o talento cerebral há o talento cordial (relativo ao coração)", falando em co-razão e que, na filosofia latina, o senso comunitário leva ao con-senso. Por que não podemos falar, então, de uma educação do con-sentir, do con-sentimento, ou seja, uma educação com sentido?

Penso que o sentido atribuído por mestres e griôs é o de uma educação ligada à cultura enquanto cultivo do sagrado. Mestres e griôs, que lavram a terra, onde a semente é a promessa do alimento, têm no cultivo do sagrado a promessa de legar a cultura herdada dos ancestrais às novas gerações.

Sem esse cultivo do sagrado, as manifestações culturais tornam-se mera repetição mecânica de atividades, correndo-se o risco de se incorrer em uma folclorização como resultado de um esvaziamento de sentido; quando ocorre o fazer sem o saber. Daí a importância do saber dos mestres e griôs na educaçao. Herdeiros legítimos das tradições populares, eles são os "cuidadores" e atualizadores desses saberes.

Na experiência com a Ação Griô e da pedagogia griô é possível a diminuição da distância entre a racionalidade analítico-discursiva do nosso sistema educacional e as histórias místicas (e míticas) dos griôs na busca da verdade. Nesta direção, somos levados por autores que buscam caminhos "pela terceira margem do rio", tais como o "princípio da autopoiésis" (Humberto Maturana); "princípio da razão sensível" (M. Maffesoli e G. Bachelard); "pensamento complexo" (Edgar Morin); ou uma "educação crepuscular", de Marcos Ferreira Santos, para quem o exercício da razão sensível pertence a um "re-encantamento do mundo".

A semelhança entre mestres escolares, mestres e griôs é que ambos são responsáveis pelo encontro iniciático com seus discípulos. Entretanto, diante da inflexibilidade dos currícula e modelos pedagógicos construídos historicamente com base unicamente no racionalismo, os professores não conseguem exercer sua verdadeira vocação. Isto porque, nas palavras do educador francês Georges Gusdorf, "em nosso sistema pedagógico, o ensino, em vez de visar à educação e de se apagar diante dela, tende a ser considerado um fim em si. É um obstáculo ao cumprimento da tarefa educativa, antes de contribuir para que ela seja cumprida".

O objetivo do professor, portanto, não é somente ensinar matemática, química ou história, posto que o objetivo último da educação é a edificação do ser humano. Existe, é certo, o pensamento de que a tarefa da educação é a de dar conta de uma tradição, modelada em conteúdos curriculares que são construções históricas e ideológicas. Eu falo aqui de um sentido da educação mais profundo, o da descoberta de si mesmo.

Por sua vez, o objetivo do mestre não é somente o de ensinar a tocar, mas o de mostrar-se enquanto ser. O artesão, ao concluir sua obra, está se auto-aperfeiçoando; assim como o mestre arqueiro da tradição zen budista, ao atingir seu alvo, está atingindo a si mesmo. Segundo Gusdorf, "o mestre ensina, mas ensina algo mais do que aquilo que ensina. O mestre é aquele que não ensina com palavras, mas, no silêncio. O mais alto ensinamento do mestre não está naquilo que ele diz, mas no que ele não diz".

Assim o faz o jongueiro no centro da roda por meio dos pontos. Assim o faz o candombeiro em Minas Gerais. Assim o faz o griot, ou dieli, no Mali, cujo objetivo não é somente o de ensinar a tocar a kora. Por meio das histórias, da genealogia, os griôs levam seus ouvintes ao encontro de si mesmos.

*Termo aprendido com o Mestre capoeirista Marquinhos Simplício, de Campinas, SP.
Cf. ARENILLA, L. et al. Dicionário de pedagogia. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.p.168.
CRITELLI, D. M. Educação e dominação cultural: tentativa de reflexão ontológica. São Paulo: Cortez, 1981.p.44-5.
Cf. LAENG, M. Dicionário de pedagogia. Lisboa: Dom Quixote, 1973.
ORTIZ-OSÉS, A. Cognitio matutina e razão afetiva. In.: SANTOS, M. F. Crepusculário: conferências sobre mitohermenêutica e educação em Euskadi. São Paulo: Zouk, 2005.p.12. Ibidem, p.11. FERREIRA SANTOS, M. Crepusculário: conferências sobre mitohermenêutica e educação em Euskadi. São Paulo: Zouk, 2005.p.19 Ibidem, p. 25-6. GUSDORF, G. Professores para quê? – para uma pedagogia da pedagogia. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.59. Ibidem, p. 116.Notas

Vivência da pedagogia griô, com Guitinho da Xambá e o Velho Griô - abertura do Encontro Regional da Ação Griô - Ventre do Sol.

Com a palavra o griô aprendiz Guitinho de Xambá – o Alumiado

Todos os dias nasce o mesmo Sol, mas o dia não é mais o mesmo, as pessoas não são mais as mesmas.

Encontro de margens, de margens que se aproximam, se tocam, se abraçam, se beijam. Encontro em margens que nos conduzem a um rio de sonhos que deságua em um mar de possibilidades. Cheguei a Piaçabuçu de mala cheia, pois carregava dentro dela um Sol e outro dentro de mim – o sol do alumiado, que sou eu, o melhor de mim. A mala estava tão pesada que recorri à ajuda de um carroceiro, que no momento da minha minha chegada passava. Então joguei a minha mala em cima da carroça, que, puxada por um sábio-burro, me levou até a casa de Dalva, coordenadora do Olha O Chico. O valor da corrida? Dois reais e muitos sorrisos com as minhas palavras engraçadas e as de seu Francisco. Literalmente, cheguei a Piaçabuçu na beira do Rio São Francisco no galope de um velho Chico.

Cheguei com o desejo de me fazer florescer nos olhos daqueles que não me conhecem e os guardarei como lua nova no céu que há dentro de mim. Também reencontrar os olhos daqueles que já me viram um dia, e, assim como os meus, estão vazantes de saudades. Nessa cidade-canoa, que flutua sobre o velho Chico, aconteceu o 5º Encontro da Ação Griô Nacional, dessa vez a Regional Ventre do Sol.

A Ação Griô caminha em cirandas, unindo os saberes de cada um que se coloca disponível a compartilhar aquilo que de melhor tem pra dar. Tem como missão nos fazer descobrir que dentro de cada um de nós existe um sol brilhando, que precisa constantemente ser alimentado com conhecimentos, com descobrimentos. Espero que todos estejam satisfeitos com o Encontro. Que tenhamos descoberto e nos reencontrado com aquilo que sempre somos e eternamente seremos: aprendizes.

A Ação Griô tem como proposta levar os seus encontros para cidades pequenas, para o interior do Brasil, como diz Mainha Li - para se interiorizar. Ainda nos encantamos com a força das pessoas dessa Regional. As recebemos com cantiga de boas vindas nos degraus do ônibus, fazendo a roda e cantiga de chegança, aprendida pelo Velho Griô com o Griô Pedro Ivo, da comunidade do Rose em Santa Luz, BA .

No centro da roda, convidamos para dançar a sabedoria das parteiras do Cais do Parto, conduzidas por dona Suely, que dentro de nós faz nascer a certeza de que todos os dias nascemos com as parteiras tradicionais; a pulsante força do Axé do Alafin Oyó, que com sua música faz a nossa ancestralidade dançar; a doçura do Cultura para o Desenvolvimento, estampada nos leves sorrisos de Mariângela e a griô aprendiz Consuelo, embaladas no tocar de sanfona do mestre seu Domingos, um pai; a jovialidade da mestre Dôdora do Casarão de Ofício, que com a griô de tradição oral, Damiana, e a griô aprendiz, Raquel, nos mostra o quanto a vida sempre se renova no mundo dos vivos e dos não-vivos; não-vivos que nos protegem, seguem juntinhos aos nossos passos e entram na roda do Côco de Umbigada para sambar, para brincar e se fazer vivo nos raiantes sorrisos de quem vai pra roda conduzida por Mãe Lúcia; e não há coisa melhor pra nos ligar com aqueles que materialmente não estão aqui, mas estão nas nossas manifestações culturais, como pudemos enxergar nas lágrimas de Neidinha, griô aprendiz do Felipe Camarão, o Boi de Reis, dançando e ouvindo ela dizer para o mundo "que um dia o boi fez ela voar", ao ponto de tocar no céu do Estrela de Ouro de Biu Neguinho, griô aprendiz que faz seu mundo nascer na pele de seu pandeiro, seu fiel amigo.

Todas essas pérolas aportaram na praia do Peba. Em sua chegada, os saudamos com o caloroso: "Sejam bem-vindos à nossa comunidade!" Para aliviar o cansaço da nossa viagem, todos estiveram à mesa para jantar e, em seguida, dormiram cobertos pelo céu estrelado das noites do Peba. Na manhã cedinho da sexta-feira, a parteira Aurora fez nascer o Alumiado para brincar de Sol, para brincar de mais um filho do Sol. E, com o seu pandeiro que faiscava cantiga para acordar quem tem sono de lua-leve, que o levasse, pois o dia já brincava lá fora, chamando gente pra lhe dar mais vida. Depois de o Alumiado ter acordado todos, ele foi se pôr no mar para logo voltar a nascer, na abertura do Encontro no Centro de Piaçabuçu. A cidade é muito rica em simplicidade: a cara da Ação Griô. Conseguimos com esse encontro ir além das paredes de hotéis. Acho que fomos mais comunidade. Comungo com a queridíssima Vaninha, que é de ferro e fogo e doçura, essa mulher. O meu desejo de sempre fazer melhor é eterno! A abertura do encontro na escola sobre a condução da mainha Li com os encontros dialógicos foi a coisa mais bela com as crianças e pessoas de todas as idades na roda descobrindo o que é educação, tradição oral e Ação Griô Nacional. Todos se descobrindo. A chegada do cortejo dos griôs aprendizes ritualizados pelo Velho Griô mostrou que é possível saber popular entrar na escola, trazer as pessoas para a roda, crianças, adolescentes, adultos, velhos, mestres, mestras, professores e aprendizes. Todos, donos da palavra!

Depois de termos uma manhã integradora, retornamos para a praia do Peba, onde, a partir da tarde, os griôs aprendizes iriam atuar como "invasores encantadores" do mundo "formalista" das escolas de Piaçabuçu, realizando a caminhada proposta pela pedagogia griô, criada por mainha Li.

Chegada a hora, me vesti de "Alumiado" e me fiz raiar em uma sala de aula. Confesso que pensei que os alunos me receberiam com estranheza, mas a recepção foi além, muito além do esperado. Isso me fez perceber o quanto o trabalho do Olha o Chico é forte em sua cidade. É algo que envolve todos os membros da escola. Após o "Alumiado" fazer o seu brincar de Sol, em sala de aula, foi ao encontro dos griôs aprendizes no pátio da escola, onde fizemos uma grande roda e dançamos um lindo toré, conduzido pelo griô Índio Matinho. O grande momento desta tarde foi quando puxamos os estudantes para um cortejo nas ruas de Piaçabuçu, cantando e dançando côco cerca de 150 crianças, indo parar às margens do Rio São Francisco para pedir a bênção ao grande griô Velho Chico. Assim finalizamos essa tarde, com o Índio Matinho retornando com as crianças para a escola e o "Alumiado" se pondo nas águas do São Francisco. Na manhã do sábado, mais uma vez o "Alumiado" nasceu junto com o Sol para acordar quem ainda nos olhos a noite fazia morada.

Desta vez, o "Alumiado" teve a bela companhia da griô aprendiz Linete, que, com a sua leve voz cantou cantiga pra acordar de porta em porta todos os 40 participantes do encontro, convidando todos a receberem o nosso "bom-dia". Acordados, seguimos para a escola, onde foi realizada a vivência da pedagogia griô, desenvolvida pelo Grão de Luz. Esse ritual é sempre muito importante, deixa marca fortíssima por onde passamos. Acredito que não foi diferente com as pessoas dessa Regional, que se mostraram disponíveis, carinhosas e abertas a conhecerem. Tivemos uma roda muito rica, devido a sua pluralidade e à sintonia das pessoas. À tarde, foi a hora de cada um falar de si e de seus trabalhos desenvolvidos com a Ação Griô e seus Pontos. Confesso que essa tarde foi muito longa, mas, ao mesmo tempo, curta: as pessoas têm muitas coisas para falar, para mostrar, uma necessidade grande e importante de expor suas ações na Ação Griô. Mas temos toda uma vida e uma rede para comungarmos de nossas histórias. Temos um time de assessoras: a Vandinha, a Claudinha, a Lí, a tia Lúcia, a Ruthinha, a Fatinha. Não há meio de campo que embole.

Na noite do sábado, tivemos aquele momento de festa em praça de interior. Fomos até o centro de Piaçabuçu em sua noite aconchegante: roda-gigante, carrossel, pula-pula, maçã-do-amor para os enamorados, banquinho de praça e apresentações de guerreiros, reisados e o Caçuá na Igreja móvel, onde o padre diz até "amém", mas não manda. Quem manda mesmo é o motorista do caminhão, onde fica a igreja. Então, todos os cuidados para não zangá-lo. Logo depois da apresentação do Caçuá, retornamos para o Peba. No dia seguinte, o cortejo apareceu de porta em porta acordando a todos. Houve o círculo de cultura com Ruth e Fátima, a vivência de transcendência com Cláudia Monteiro, a aula de educação para as relações étnico-raciais positivas com Vanda Machado.

E, por fim, a bênção ao grande irmão, com quem a cada reencontro aprendo mais, o adorável Márcio Griô. Então vamos adiante, que o mundo não pára nem as pessoas, quando falamos a sua história. Axé pra todos! Segue o cortejo, porque: "Todos os dias nasce o mesmo Sol, mas o dia não é mais o mesmo, as pessoas não são mais as mesmas".

Guitinho da Xambá, griô aprendiz da Regional Ventre do Sol – NE

Com a palavra Ruth Cavalcante
A Educação Biocêntrica na Pedagogia Griô

A Pedagogia Griô tem como base a Educação para as relações étnico-raciais, a Tradição Oral, a Educação Dialógica e a Educação Biocêntrica. Compreende que a comunidade humana foi perdendo a sua tradição de rituais de vínculos, fragmentando cruelmente os grupos sociais. Com essa compreensão, traz de volta a valorização de rituais de vínculos e aprendizagem, consolidando o sentido de sacralização da vida, da união e solidariedade das comunidades, aprofundando a memória dos fatos mais significativos da identidade do lugar e das pessoas.

Nos Encontros de Educação e Tradição Oral ocorridos no ano de 2007 nas sete Regiões do Brasil, a proposta da pedagogia griô e da Ação Griô foi trazer para os Pontos de Cultura e para as escolas a eles vinculadas um despertar a mais para considerar nossos mestres e griôs de tradição oral como verdadeiros símbolos ancestrais e arquetípicos, deflagrado através da força transformadora das vivências.

Nos referidos Encontros constava na pauta, entre outros temas geradores, um estudo sobre a conceituação e vivência da Educação Biocêntrica. Considerando a sua ontologia, sua epistemologia, assim como sua metodologia, trazíamos essa abordagem pedagógica como sugestão para ser aplicada nos pontos que se sentissem identificados com essa proposta. Essa experiência se constitui na mais ampla aplicação da Educação Biocêntrica na comunidade, em integração com a escola. Parte desse resultado se deve ao fato da idealizadora da pedagogia griô, Líllian Pacheco, já ter vindo de uma vivência de mais de 15 anos como facilitadora de biodança e como educadora biocêntrica.

Nessa breve reflexão, pretendo ampliar um pouco mais alguns conceitos da Educação Biocêntrica, que segue um modelo interativo, de rede, de encontro e de conectividade, partindo da vivência, como a educação dialógica parte da ação e do diálogo. Ambas estão profundamente comprometidas com a evolução da vida e têm como objetivo preparar o educando para viver e conviver com as mudanças no mundo em transformação, cultivando o núcleo afetivo das pessoas. O ponto de partida para a mudança das relações culturais, estéticas, sensíveis e biográficas do ser são as interações, a sensibilidade como movimento em conexão com outras realidades, incorporando dimensões éticas e dialógicas, em uma visão em que a pessoa é considerada como um ser inteiro, que pensa, sente, fala e age em cooperação com os outros.

A Educação Biocêntrica prioriza o deflagrar da inteligência afetiva, que é trabalhada partindo da vivência para a consciência. A inteligência afetiva clama pelo encontro entre aqueles e aquelas que, juntos, buscam o auto-conhecer-se, conhecer e mudar a realidade. E essa proposta pode gerar uma força poderosa de mudança social, formando um todo harmonioso através de seu método reflexivo-vivencial, pois uma pedagogia reflexiva envolve um pensamento mais complexo, que abarca os aspectos sociais, históricos, ecológicos além dos cerebrais, dando início a um grandioso movimento evolutivo. Como sujeitos da nossa realidade podemos reinventá-la através da poesia, da dança, da cantoria, da carícia, da ação política, tendo uma participação na vida comunitária com compromisso e solidariedade. No entanto, não basta mudar dentro de si. A mudança deverá dar-se também socialmente, na unidade dialética entre a dança e a política.

É preciso mudar profundamente o modo de pensar, sentir e agir, aprofundando os vínculos com as pessoas e com o meio onde vivemos. Acreditamos na força da prática de uma educação para a liberdade e felicidade das pessoas, para a justiça social entre o ser humano, para a busca do viver em paz, para a comunicação entre as pessoas mediada pelo diálogo amoroso. Queremos nos preparar cada vez mais para dialogar com os que pensam e fazem educação. Que a nossa linguagem amorosa seja compreendida por todos os educadores que, como nós, buscam contribuir para influir mais decisiva e rapidamente na mudança dos paradigmas da pedagogia contemporânea que reforça algumas deformações sociais e/ou patologias individuais.

A Educação Biocêntrica atende a uma necessidade natural de vida. Por isso transcende a cultura e a relação ser-humano x ser-humano, considerando a mulher e o homem como seres em movimento, em constante pulsação com todo o Universo. Cada um deve ser capaz de se mover por conta própria, de perceber a si mesmo e a realidade, sendo ele próprio a referência da sua percepção, da sua relação, da sua ação. No ser humano nada é definitivo, está permanentemente em mudança, embora conservando o núcleo da sua Identidade que é singular e única para cada um.

Através de recursos didáticos específicos, a Educação Biocêntrica favorece a expressão dos nossos próprios potenciais; expressão originária do que há de mais íntimo em nós mesmos, na essência do sentir-se vivo. Rolando Toro, cientista chileno, criador do Princípio Biocêntrico, considerou cinco canais de expressão dos potenciais genéticos, chamados de Linhas de Vivência; e classificou-as em ordem da menor à maior repressão na nossa cultura, quais sejam: vitalidade, sexualidade, criatividade, afetividade e transcendência. Por esses canais circulam a programação biológica em suas expressões vivenciais.

"O desenvolvimento evolutivo se realiza na medida em que os potenciais genéticos encontram opções para expressar-se através da existência. Podem ser obstruídos ou estimulados ao entrar em contato com o meio ambiente" (Toro, 1991)

A base da nossa metodologia é a vivência, que tem uma função mediadora, mediando a aprendizagem. É diferente da experiência, que maneja um objeto de estudo ou aprendizagem. A experiência é cumulativa. Nela pode acontecer a vivência ou não. A vivência não tem a função de conhecimento. Não se propõe como um lugar de conhecimento. Tem um sentido em si mesma e traz em si a possibilidade de formar uma nova atitude frente ao aprender. Favorece a formação de valores para aprender, mas não é o aprender propriamente, e, sim, a expressão e impressão de alta sensibilidade. É um instante em que a pessoa se expressa e o processo se imprime nela. A vivência é a formação de vínculos intensos, consigo mesmo, com o outro e com a sua comunidade. O instante em que se está vivendo não se acumula – é aqui e agora – mesmo que esteja relacionado com o passado, aos nossos ancestrais. É diferente da experiência que se acumula. Contudo, a vivência tem muita importância na construção do conhecimento, porque mexe também com as estruturas cognitivas, aumentando a capacidade de se ouvir e ouvir o outro e a realidade. Re-significa e revaloriza o aprendizado, desenvolvendo novas posturas do aprender, através das emoções e sentimentos, ampliando o processo pedagógico para um processo de vida.

Nós ouvimos, com muita freqüência, depoimentos de participantes dos nossos encontros falando que, ao participar deles, perceberam transformações existenciais, indicando que houve uma re-significação da aprendizagem para transformar-se a si mesmo e ao mundo.

A proposta da Educação Biocêntrica oferece um projeto para formação de Educadores que deverá não só ser pensado e refletido intelectualmente, mas, sobretudo, deverá ser vivido e sentido visceralmente. Numa perspectiva epistemológica, esta abordagem convida os educadores a uma reflexão que os coloque no caminho de conhecer o seu conhecer e conhecer-se a si mesmo, permitindo-os encontrar-se com o seu saber e a sua sabedoria. O conhecimento do conhecimento os levará a um compromisso de estar em uma atitude de constante vigilância, para não se apegar às suas certezas e verdades, mas estar abertos à percepção de um mundo que produzimos juntos, nós e os outros, um mundo que se move em direção a auto-regulação, à felicidade e à vida plena.

A metodologia da Educação Biocêntrica é aplicada no sentido de gerar novas condições de aprendizagem. Aprender não apenas pelo cognitivo, mas aprender a se conectar com nossas emoções e sentimentos, saber ouvir a nossa intuição, saber ouvir o outro, para, através da "escuta ativa", de que nos fala Carl Rogers, poder captar na fala do outro toda a sua existência, postura tão essencial na relação humana. Aprender a sentir para, mais facilmente, aprender a pensar. Nietzche vai mais além quando afirma que "para aprender a pensar é preciso aprender a dançar". É necessário tirar o foco da valorização dos aspectos externos das experiências e considerar as vivências internas das pessoas na perspectiva de uma Visão Biocêntrica.

Esse processo metodológico visa a estimular uma reflexão consciente, crítica, da realidade, estimular o potencial criativo e, principalmente, tocar o núcleo afetivo das pessoas, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, criativos, solidários, afetivos, éticos e envolvidos com o processo de transformação pessoal e social, no sentido da preservação e desenvolvimento de todas as manifestações de vida.

Acreditamos que essa proposta é necessária para a nossa prática transformadora, compreendendo o ser humano numa perspectiva que integra corpo, emoções/ sentimentos, razão, mente, espírito. As pessoas são concretudes e se expressam através da sua ação no mundo, da corporeidade vivida. O corpo como visibilidade do ser. O ser se fazendo no mundo. Daí porque usamos como recurso metodológico desenvolver o prazer cinestésico do movimento através de danças de harmonia e fluidez. Ativa-se a expressão afetiva e criativa através do canto de tradição, do desenho, da pintura, em que, muitas vezes, revelam-se símbolos ancestrais e representações do Universo e de todas as suas energias, restaurando, assim, os potências de vida do ser humano e reiniciando uma civilização de vida, um espaço sagrado de ensino e aprendizagem.

Utilizamos o diálogo fecundo, que exige o reconhecimento entre duas ou mais pessoas, exige uma postura de abertura para o mundo e para si mesmo, implicando em troca, construção da relação mediada pela realidade. O diálogo aparece como eixo central do processo de ensino-aprendizagem. Paulo Freire, que diz que "como educadores, somos artistas e políticos, mas nunca técnicos", no seu livro A Pedagogia do Oprimido, no capítulo que trata do diálogo amoroso, afirma:

"O diálogo começa na busca do conteúdo programático. Daí que, para esta concepção como prática da liberdade, a sua dialogicidade comece, não quando o educador-educando se encontra com os educando-educadores em uma situação pedagógica, mas, antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes."

Aliando-nos à Educação Dialógica, enfatizamos também o poder transformador do diálogo, o qual envolve a consciência, pensamentos e sentimentos. Com isso, chega-se a uma síntese que dá suporte à forma de estar com os outros e/ou à cultura de um grupo. O diálogo é uma prática muito antiga, encontrando-se referência a essa forma de comunicação humana entre os nativos e índios americanos e outros povos indígenas, nas tradições africanas, meditações orientais e, mais recentemente, nos trabalhos do filósofo Martin Buber e do psicoterapeuta americano Carl Rogers. Aqui no Brasil, essa prática foi valorizada pelo nosso mestre-educador Paulo Freire, que considera o diálogo como a mais significativa base de toda relação humana. E, para facilitá-lo, criou um instrumento de conversa que traz a palavra como símbolo capaz de gerar vida (a palavra-geradora), que ele chamou de CÍRCULO DE CULTURA. Passamos a empregá-lo, já na década de 80, na Educação Biocêntrica, desdobrando-o em muitos outros formatos, como: Encontros Temáticos, Roda Concêntrica de Diálogo, Círculo de Qualificação do Relato, etc. Todos eles guardando o princípio de ser um espaço circular de expressão do ser, considerando a Cultura como um conjunto de elementos fundamentais, que envolve mitos, histórias, valores, rituais, símbolos e linguagens, e o Círculo como uma representação geométrica onde não há começo nem fim, não há hierarquias, mas há mudança.

Partindo da CODIFICAÇÃO da realidade, o participante procede à DECODIFICAÇÃO, para voltar a CODIFICÁ-LA através da palavra ou de qualquer forma de arte. É um espaço reflexivo e participativo em que cada um é reconhecido na sua individualidade dentro do coletivo. Seja na Escola, na Organização ou na Comunidade, esse instrumento pedagógico possibilita a formação de uma consciência crítica e socializada a respeito das realidades que afetam a vida das pessoas do grupo. Favorece um agir pessoal e coletivo para obter e aperfeiçoar as transformações necessárias.

O primeiro passo do Círculo de Cultura é o LEVANTAMENTO DO UNIVERSO VOCABULAR do grupo participante, ou seja, detectar as palavras que são a síntese da compreensão que ele tem da sua realidade. Em cada palavra, há um universo de pensamento simbólico que está contido em códigos que deverão ser decodificados, descobertos e traduzidos. É desse universo que são retiradas as PALAVRAS GERADORAS, aquelas que vão além das falas cotidianas das pessoas e são carregadas de expressão sócio-político-cultural-emocional. São palavras geradoras de crescimento, provocadoras de reflexão, geradoras de idéias concernentes à formação da consciência crítica, geratriz de aprendizagem. Elas traduzem o mundo vivido do educando, estão plenas de sentido.

Na apresentação das palavras geradoras, as pessoas estão sentadas em círculo, fazendo as idéias circularem, gerando o diálogo e proporcionando a troca de saberes entre os participantes do grupo.

Nos Círculos de Cultura, realizados nos Encontros da Ação Griô, a força da palavra se fez presente no Universo Vocabular surgido dos grupos, como acontece na tradição oral, e aqui destaco algumas das palavras-geradoras que circularam nos grupos: vida, identidade, prazer, harmonia, diálogo, natureza, ecologia, evolução, contato, construção, liberdade, consciência, educação, conexão, ética, expressão, solidariedade, vínculo, amor, aprender, vivência, ensino, roda da vida, transcendência, espiritualidade, inteligência afetiva, contador de história, sábio, mestre, raízes, aprendizagem vivencial, diversidade, memória, sentido da festa, sentido da vida, ciência e mito, sabedoria e escola da vida.

Rubem Alves também nos fala sobre o poder da palavra. No seu texto "Escola: fragmento do futuro" escreve:

"Os antigos acreditavam que as palavras eram seres encantados, taças mágicas, transbordantes de poder. Os jovens também sabiam disso e pediam:

- A sua bênção, meu pai...

Bênção, bendição, bendizer, bem-dizer, benzer, dizer bem...

A palavra dita, dita com desejo, não ficaria vazia: era como sêmen, semente que faria brotar, naquele por ela penetrado, o desejo bom por ela invocado.

- E o pai respondia:

- Meus desejos são poucos e pobres. Te desejo tanto bem que não basta o meu bem-dizer. Por isso, que Deus te abençoe. Que seja ele aquele que diga todo o bem com todo o poder...

E então, pelo milagre da fantasia, tudo se tornava possível. As palavras surgiam como cristais de poesia, magia, neurose, utopia, oração, fruição pura de desejo. É isso que acontece sempre que o desejo fala e diz o seu mundo. Viramos bruxos e feiticeiros e a nossa fala constrói objetos mágicos, expressões simples de amor, nostalgia por coisas belas e boas, onde moram os risos..."

Patativa do Assaré, o nosso grande poeta do Cariri, conhece bem a potência da palavra falada e seus versos têm elementos que o vinculam afetivamente ao seu povo, à terra, à natureza e à sociedade. Trago um exemplo da beleza singela destacada do seu livro *Cante lá que eu canto cá*:

"(...) Mas porém eu não invejo
O grande tesôro seu,
Os livro do seu colejo
Onde você aprendeu.
Pra gente aqui sê poeta
E fazer rima compreta,
Não precisa professô
Basta vê no mês de maio,
Um poema em cada gaio
E um verso em cada fulô (...)

(...) Canto as fulôs e os abróio
Com toda coisa daqui.
Pro toda parte que eu óio
Vejo um verso se buli.
Se às vezes andando no vale
Atrás de curá meus mal
Quero reparar pra serra,
Assim que eu óio pra cima,
Vejo um diluve de rima
Caindo inriba da terra.(...)”
(PATATIVA DO ASSARÉ)

Com mestres como ele nos foi dado o privilégio de conviver neste Programa da Ação Griô Nacional e chegarmos a uma combinação lúdica entre a teoria e a prática, através desta metodologia reflexiva-vivencial, restabelecendo o caminho da formação integral e plena do lugar griô aprendiz proposto pela pedagogia griô e do(a) educador(a). Com essa Educação de dimensão transcendente, percebe-se o outro lado da realidade, podendo-se captar a profundidade da vida em ligação e re-ligação com todas as coisas entre si.

A música, assim como a palavra dita de forma poética, a literatura, a dança e a pintura representam, para a Educação Biocêntrica, possibilidades de suscitar vivências sumamente complexas e sutis, de grande intensidade e com efeitos transformadores na nossa existência. A consciência de ser parte integrante de um universo musical aparece já na origem da história humana, nas lendas antigas e nos mitos arcaicos. Já vem, portanto, de tempos muito antigos a percepção do ser humano de que o Universo era regido por pautas rítmicas, por acontecimentos que se repetem ciclicamente, por fenômenos de pulsação e vibração, mas tudo se ordenando dentro de um plano harmonioso, tal qual uma sinfonia cósmica. Basta olhar atentamente para a natureza para perceber que tudo é ritmo, assim como tudo é ritmo no nosso corpo, os batimentos cardíacos, a respiração, a circulação sanguínea, constituindo um harmonioso e complexo sistema interno.

Precisamos despertar em nós mesmos a musicalidade corporal, para que nossas ações se tornem mais fluidas, tomando como base os elementos da música: ritmo, melodia e harmonia. Considera-se que o ritmo nos une ao Universo, a tudo que é origem, à nossa ancestralidade. Já a melodia elabora nossa comunidade amorosa e a harmonia nos presenteia a intimidade e a transcendência. Assim, para os educadores biocêntricos, a música é uma linguagem que vai direta ao coração, sem precisar passar pela análise da consciência, embora a percepção musical seja uma experiência de totalidade. Ela é percebida com o cognitivo, com a sensibilidade e intensidade das emoções, com os instintos, enfim, com todos os órgãos da nossa corporeidade. A música é uma forma de energia capaz de estimular e despertar potenciais biológicos e emocionais, induzindo a certos estados que despertam emoções e sentimentos escondidos.

Na Educação Biocêntrica se usa a música como base para as atividades, o que não significa "um fundo musical" apenas para tornar a atividade mais agradável, mas, sim, um instrumento que é parte e está profundamente vinculado à mesma. São músicas selecionadas com base na semântica musical e na cultura popular com critérios de eficácia experimentados para produzir vivências intensas. São selecionadas para cada exercício através de um processo sensível e cuidadoso. Esses exercícios-danças já vêm sendo utilizados pela Biodança há quase 40 anos e são estruturados em uma estreita integração entre música, movimento e emoção. Há músicas que reforçam elementos de força e vigor, que são capazes de ativar, elevar os níveis de atenção, euforizar e energetizar as relações com o meio, ligadas á energia Yang; enquanto outras como que desarmam, induzem tranquilidade, sono, harmonia íntima, possibilitando a entrega, própria da energia Yin.

Outro pilar fundamental na metodologia da Educação Biocêntrica e que também é básico na nossa tradição cultural é a Dança, o movimento natural, a vida em movimento. A dança é tudo que pulsa, que se move: a dança é o nosso ritmo biológico, da respiração, o impulso de vinculação com a espécie. A dança é um movimento profundo que surge das entranhas do ser, é um movimento vivencial e é uma necessidade natural do ser humano. Portanto, precisamos desenvolver o prazer cinestésico do movimento através da dança de harmonia e fluidez, coordenação rítmica estimulada por músicas que despertem impulsos de conexão afetiva; um movimento que vem da vivência e da afetividade, substituindo a exigência de rendimento, competição e destreza muitas vezes exigidos nos exercícios mecânicos e sem motivação interna. O movimento do cirandeiro, que se transforma em ondas do mar, num vai e vem incansável é um exemplo de vivência do movimento sensível.

Como a dança significa um movimento de expressão humana, uma manifestação da Identidade, ela representa um poderoso instrumento de reeducação, tanto para o educando quanto para o educador. Na vivência do prazer existencial, sendo o movimento uma expressão profunda da Identidade, a dança pode ser um instrumento apropriado para o ensino = aprendizagem.

O objetivo da Educação Biocêntrica na Ação Griô, na integração com a escola, é, além de reencantar a educação, também cuidar da formação do(a) educador(a) no sentido mais amplo, desenvolvendo a sua inteligência afetiva; assim como considerar as dimensões totais da existência humana, ajudando o(a) educador(a) a conscientizar-se de sua tarefa como sujeito ativo e criativo no processo de auto-transformação e transformação da realidade. Dessa forma, há o despertar de sua consciência e de sua dignidade como pessoa humana, desenvolvendo o sentimento de compromisso, de solidariedade com a sua comunidade, com a humanidade e com o planeta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. *Escola: fragmento do futuro.* Disponível em: <http://www.rbc.org.br/feijao/escfuturo.htm> Acessado em: 03/06/08.

ASSARÉ, Patativa. *Cante lá que eu canto cá*. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia* do *Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

TORO, Rolando. *Teoria da Biodança: Coletânea de Textos*. Fortaleza. ALAB, 1991.

Com a palavra a assessora pedagógica Cláudia Monteiro

Um ano de Ação Griô Nacional: nascentes de veredas de encantamento, festa e celebração da vida. Como aprendi com minha querida amiga e colega Fátima Freire, meu corpo de assessora aprendiz está para sempre marcado por esta bela ousadia.

Sempre gostei de andar na contra-mão da mesmice e do esvaziamento de sentido, e desta vez encontrei uma turma grande disposta a "reinventar a roda da vida", provocada por Líllian Pacheco e Márcio Caires, que há muito a reinventam, e pelo Ministério da Cultura, na pessoa de Célio Turino, outro grande "reinventor" de rodas.

A compreensão da Ação na nossa regional e para todos, eu creio, foi acontecendo devagar, no próprio fazer. Afinal, estávamos abrindo trilhas. Além de aprendizes, somos, na maioria, filhas e filhos de uma educação desocupada de nossa memória e distraída da cultura popular e tradição oral.

Sabíamos que a proposta da pedagogia griô era promover o encontro de mestres, griôs, educadores, artistas-educadores e representantes de Pontos de Cultura, para contribuir com o encantamento da educação, reconhecendo e valorizando o lugar dos mestres e fortalecendo a identidade e o vínculo com a ancestralidade dos estudantes e, claro, de todos.

Vivemos muitas angústias e resistências, como é próprio de quase tudo que é novo, mas muita beleza no processo de entendimento do lugar e papel de cada um nesta missão revolucionária e evolucionária. Neste primeiro ano, na caminhada de conhecer, estudar e realizar a Ação Griô, a festa prevaleceu.

Vi o pátio das escolas e as praças se transformarem em palco de mestres e griôs, que cantaram, dançaram, contaram suas histórias e "causos" e fizeram muitas mágicas. Vi a vida e o sentido de viver renascer no brilho dos olhos de muitos deles. Testemunhei o acordar da memória da infância de muitas pessoas, lembranças perdidas no tempo, que surgiram emocionadas quando lhes foram devolvidas a voz e vez. Vi como simplicidade e sabedoria estão juntas e quantas lições sobre viver, amar e fazer ciência podemos aprender com os griôs e mestres da tradição oral.

Eu vi comunidades conhecendo sua história e reavivando festas e manifestações populares esquecidas. Vi ressurgir muitas rodas e versos. Participei de cortejos festivos pelas ruas: momentos inesquecíveis para mim e para vários moradores que olhavam a procissão assustados e alegres e, às vezes, ousavam entrar. Minha visão se enfeitou de cores, brilhos, fitas, roupas, adereços e instrumentos musicais e me fez confirmar como é bela, alegre e viva esta gente do nosso país.

Vi crianças e jovens embalados pela cultura de massa, antes envergonhados de suas tradições e desconhecedores delas, dançando nas escolas e nas ruas a dança de seus ancestrais na forma da Catira, Congo, Congado, Maracatu, Capoeira, Batuque, Candombe e de muitas outras expressões artísticas de nossa forma de ser, existir e resistir. Vi muitos deles descobrindo a força de serem filhos e netos de seus pais e avós e de serem quem são.

Vi muitos educadores entusiasmados, como que esperando essa forma de cumplicidade, porque já faziam esse caminho ou algo parecido com a pedagogia griô e a Ação Griô. Vi outros respondendo prontamente ao convite e felizes com a proposta. Vi a emoção que o seu encontro com os mestres e griôs deflagrou, fazendo-os também reconectarem-se com sua própria história. Eu os vi dançando, cantando, brincando e sorrindo mais do que de costume. Eu os vi crianças junto com as crianças.

Vi representantes de Pontos de Cultura numa disponibilidade imensa de fazer acontecer a Ação Griô na sua comunidade. Militantes que são do belo e do novo, vi muita coragem e força. Vi seu empenho em conhecer o processo e abrir portas. Vi o esforço na sistematização, vi troca de saberes e presenciei a ousadia de muitos que se dispuseram a fazer bem além do que o previsto no edital.

Vi griôs aprendizes - os artistas-educadores - conhecendo e reconhecendo devagar o seu lugar e chegando nele com a alma. Vi muito amadurecimento na construção da caminhada proposta pela pedagogia griô traduzida numa forma de se vestir, de se expressar, de encantar. Vi esses artistas tecendo a rede de tradição oral na aprendizagem com mestres e griôs de toda parte. Lindos eles.

Eu nos vejo, assessoras e coordenação nacional - aprendizes corajosos -, gratificados pela colheita desta caminhada.

Meu corpo está para sempre marcado e o meu país mais belo. E estamos apenas começando.

Com a palavra a assessora pedagógica Lúcia dos Prazeres

QUEM SEMEIA IDÉIAS COLHE AÇÃO GRIÔ

"A realidade só pode ser entendida por meio de experiências vividas no tempo atual."
Mara Stella Santos

A sabedoria africana é baseada em princípios, valores e crenças expressos nas relações que o povo estabelece com a natureza, com as forças emanadas pelo cosmo, com as vivências grupais e com o respeito à ancestralidade.

De acordo com essa cultura milenar, as ações e as relações acontecem em seu próprio tempo. E o tempo é algo que se cria quando se age, quando se vive experimentos pessoais e/ou coletivos na vida cotidiana, ou seja, no tempo atual. O tempo é um fenômeno que se realiza em duas dimensões: o SASA, que é o tempo dos fatos que estão a ponto de ocorrer, que estão ocorrendo ou acabaram de ocorrer; e o ZAMANI, que é o tempo que engloba todos os acontecimentos passados, ligando o início das coisas ao presente e a seus desdobramentos, que são as grandes tarefas que levam uma vida inteira para serem executadas.

A partir dessa compreensão, o passado, o presente e o futuro acontecem simultaneamente de acordo com as necessidades, escolhas ou prioridades das ações a serem executadas no sasa (tempo atual). As pessoas, na busca do bem-estar pessoal ou coletivo, orientam seu tempo/seu fazer dentro dessas três variáveis, mesmo que intuitivamente.

Para quem tem consciência de que seu corpo está marcado por essa filosofia de vida, a preocupação existencial passa a ser conduzida no sentido de: respeitar a natureza na perspectiva de aprender a desfrutar e a socializar os bens produzidos pela terra; compreender as forças emanadas pelo cosmo para se fortalecer com o axé (força vital) que empodera e potencializa toda a nossa caminhada; vivenciar experiências que possibilitem construções grupais, ganhos coletivos, acolhimento a todos que desejem contribuir com essa forma de vida; valorização e respeito à ancestralidade, por ser um dos guardiões da memória, do repasse dos fatos passados e do conhecimento acumulado por toda uma geração que assegura o bem-estar da humanidade.

Foi em um diálogo com o KITÁBU de Nei Lopes: livro do saber e do espírito negro-africano, que fui buscar esses conhecimentos para reafirmar minha compreensão sobre a importância da construção da Pedagogia Griô.

No SASA, o Grão de Luz e Griô está promovendo encontros para troca de saberes com mestres da tradição oral, na perspectiva da mudança e da re-significação do ambiente educativo, dos conteúdos trabalhados no currículo escolar, da promoção de diálogo nos ambientes de aprendizado, bem como da contribuição na formação de mestres aprendizes e de educadores que vêm se comprometendo em dar prosseguimento a essa pedagogia através de vivências educativas e ações realizados na atualidade, que aponta para novos princípios, valores e crenças, que serão consolidados no ZAMANI no sentido da mudança da forma de viver das próximas gerações.

SASA: TEMPO DE REESCRITA DA HISTÓRIA

"Não é o desafio com que nos deparamos que determina quem somos e o que estamos nos tornando, mas a maneira com que respondemos aos desafios".
Hinfil

Cada vez que ouvia, pela primeira vez, o choro de um filho meu, gritava de emoção e falava, repetidas vezes: "Meu Deus, o que vou dizer a meu filho? O que tenho a ensinar-lhe? Que histórias vou contar para ele dormir?" Repeti compulsivamente essas perguntas rindo e chorando, chorando e sorrindo. A cada vez que paria, a emoção se repetia e as perguntas vinham e eram lançadas no ar. A resposta não veio imediatamente. Foi chegando com o tempo, com as escolhas que fui fazendo, com as vivências que fui selecionando e com as relações que fui estabelecendo com pessoas mais experientes.

Lembro de uma tarde em que conversava com Paulo Preto, babalorixá, profundo conhecedor da ciência dos orixás. O baba Paulo tinha o hábito de sentar na calçada, em uma cadeira de balanço, para contar histórias sobre as casas de candomblé mais tradicionais de Recife e Olinda e a peleja de seus zeladores contra a perseguição dos "poderosos" (os policiais).

Nessa época, eu já tinha três filhos: um com seis anos, outro com cinco e o mais novo com quatro anos de idade. Eles davam muita risada quando Paulo Preto contava histórias de policiais que invadiam as casas de candomblé para acabar com as festas e, no meio do salão, recebiam o orixá e começavam a dançar. Segundo ele, muitos desses rapazes, quando voltavam do transe, saíam correndo do salão com vergonha. Outros faziam uma cara de surpresa e perguntavam o que tinha acontecido. Seu Paulo, com um ar de satisfação, dizia: "Meu filho, você tem o orixá no couro. Ele veio, dançou no salão para todo mundo ver. E fique sabendo que isso pode acontecer outras vezes. É só seu pai (seu orixá) desejar vir". Geralmente, eles (os policiais) ficavam com um ar aborrecido, iam embora e nunca mais voltavam para atrapalhar as festas.

Essas foram as primeiras experiências que vivi entre mestres da tradição e o repasse de seus saberes para as crianças. Buscar esses momentos era uma atitude intuitiva, nada muito planejado, mas foram momentos que marcaram minha vida e a vida de meus filhos. Hoje, meus filhos são pais, têm filhas e, para minha satisfação, levam-nas para beber na fonte da sabedoria dos mestres e mestras da tradição oral. Vão para ouvir histórias, tirar o mal olhado, buscar garrafada para anemia e lambedor contra a gripe. Nos momentos de lazer, levam as filhas para a sambada do maracatu, dançar côco, cavalo marinho e vão aos parques da cidade para brincar de reconhecer árvores e identificar sua idade pela grossura dos troncos.

A verdade é que as vivências com os mestres passaram a fazer parte de minha vida. Essas experiências se expandiram também para minha vida profissional, no trabalho com educação do Centro Maria da Conceição, entidade que coordeno. Lá as crianças, os adolescentes e os jovens realizam quinzenalmente encontros com pessoas que têm vasta experiência sobre a cultura local. Nos encontros se canta, dança, toca, contam-se histórias vividas e aprendidas com os antepassados. Todas as vivências com os mestres são relidas a partir das linguagens das artes e relacionadas aos temas trabalhados em sala de aula. A música assumiu um espaço de destaque nessa fazer pedagógico. Enquanto linguagem, passou a ser trabalhada como instrumento de aprendizagem de conteúdos pedagógicos, para trabalhar elementos que resguardam as histórias e a sabedoria da ancestralidade africana e dos brasileiros afrodescendentes.

A música que está presente na vida das pessoas, na história das comunidades e nas tradições culturais de todos os povos passou a assumir um espaço na sala de aula. Essa forma de trabalhar trouxe para a sala de aula a compreensão da força que a música tem nas tradições africanas. Ela está presente em ambientes religiosos, místicos, em cerimônias de cura, em festejos, em momentos de lazer, em espaços de trabalho. E, segundo Marcos Napolitano, em *História da Música*:

"Se você tem uma boa idéia, é melhor fazer uma canção. Mais além de ser veículo para uma boa idéia, a música... como um todo, também ajuda a pensar a sociedade e a história."

Nesse sentido, é de fundamental importância que as pessoas tenham oportunidade de ouvir, cantar, interpretar, improvisar, brincar com músicas que apresentem conteúdos sobre sua história, a história dos grupos de sua relação e, consequentemente, a história dos grupos étnicos que fazem parte de sua ancestralidade. A história sendo reescrita em um cenário onde estão presentes a tradição ancestral e, ao mesmo tempo, o lazer, o lúdico, vivências em roda de diálogo. Foram essas vivências que fizeram com que o Centro Maria da Conceição reconhecesse estar vivendo no SASA, no tempo dos fatos que estavam ocorrendo na atualidade, em busca do ZAMANI, tempo das mudas de cultura que favorecem toda a humanidade. Nesse momento nos encontramos AÇÃO GRIÔ.

AÇÃO GRIÔ – RITUAL DE PASSAGEM DO SASA AO ZAMANI

Em 2005, o Centro Maria da Conceição teve o Projeto Negras Raízes aprovado pelo Programa Cultura Viva do Ministério da Cultura, com o propósito de produzir um musical que contasse a história de quilombos urbanos e rurais de Pernambuco. Foram planejadas oficinas de artes para formação dos atores que iriam atuar no musical. Essas mesmas oficinas deveriam estimular a criação de atividades geradoras de renda a partir das vivências culturais das comunidades quilombolas. Para responder a essa segunda proposta, foi planejada Oficina de Estética Afro, de Culinária Étnica e de Formação de Jovens Griôs. Referente à Oficina de Griô, não sabíamos direito como trataríamos o assunto, mas tínhamos certeza de que gostaríamos de estimular a relação de adolescentes e jovens com mestres e mestras da tradição oral; estimular a convivência com homens e mulheres que diariamente constróem suas vidas como se estivessem em um grande teatro da vida, encenando histórias que estão inscritas em seu próprio corpo, como uma grande tatuagem que faz parte de sua pele e de sua própria identidade.

Em meio a toda essa construção, recebemos o livro da pedagogia griô, que já vinha "reinventando a roda da vida" desde Lençóis para todo o Brasil. Passamos a ler, sentir, viver e nos identificar com essa forma inovadora de fazer educação; uma educação centrada no saber vivido, apreendido no tempo atual (sasa) e repassado na perspectiva de assegurar um outro tempo, em que todos tenham direito de também saber o vivido e o aprendido com a ancestralidade.

A pedagogia griô tem se comprometido com o desenvolvimento da cultura do ouvir, viver e repassar. Tem se comprometido, ainda, na busca e no acolhimento de grupos e pessoas já comprometidas ou que desejam assumir o compromisso com esse fazer pedagógico. Nesse sentido, a pedagogia griô vem promovendo ações educativas na perspectiva de registrar, comparar, associar e fundamentar as vivências educativas/culturais, procurando fortalecer experiências em todas as dimensões do conhecimento educativo. Vem vivendo e refletindo sobre as vivências, vem teorizado sobre as práticas pedagógicas.

E, segundo Elza F. Falkembach: "Teorizar é fazer o pensamento funcionar de forma ordenada, coerente... é a caminhada na cabeça, procurando saber por que ela vem acontecendo assim. É ir a fundo! Relacionar os acontecimentos entre si, com as situações onde estão ocorrendo; selecionar o importante e o secundário; ver as semelhanças e diferenças; o específico e o global; penetrar nas aparências procurando as contradições. É dar sentido à realidade específica, ... e entendê-la por dentro,... é entender as relações dessa realidade com a conjuntura mais ampla, e a dimensão histórica dessas relações: como era antes e como está sendo agora".

O texto de Elza F. Falkembach vem fundamentar a compreensão que temos de mais um papel exercido pela pedagogia griô, o de teorizar sobre a prática pedagógica implícita nas vivências dos mestres da tradição oral; e o de ler pedagogicamente as ações desenvolvidas pelos mestres e como se deu a interlocução desses conhecimentos com escolas, universidades, parceiros; como griôs aprendiz, educadores(as) e assessoras pedagógicas interagiram com esse saber em cada ambiente em que ele esteve presente.

REGIONAL BAHIA

"Eu costumo dizer que eu tenho mais nome do que tamanho. Eu não passei na universidade. A minha universidade é a da vida, eu não tenho uma linguagem elaborada, uma linguagem cheia de "esses", cheia de "erres", mas eu tenho aquela que a criança me escuta, aquela que eu falo e eles não esquecem, entendeu? Então a Ação Griô pra mim veio resgatar tudo isso, a forma natural de se aprender a viver. Eu tenho muito amor à nossa ancestralidade. Um povo sem memória não tem alma."

Dona Cici (Nancy de Souza), griô do Ponto de Cultura Pierre Verger, Salvador, Bahia.

Expressões Sertanejas

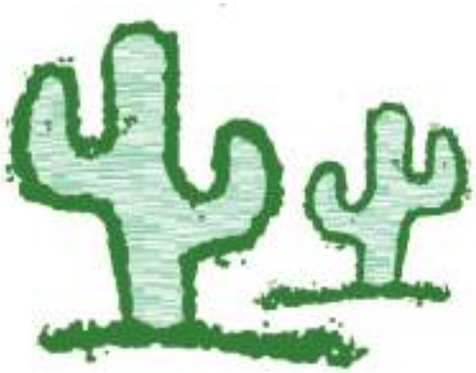
Conversas com a educadora Solange

Vou começar pelo antes. Estas pinturas foram feitas a partir das histórias da comunidade, com oficinas de literatura e artes plásticas promovidas pelo IMAQ *(Instituto Maria Quitéria)* e LIDER *(Liga Desportiva e Cultural dos Assentamentos da Região do Sisal).* Esta pintura da casa tem um significado muito especial, porque era a sede da fazenda que se tornou sede da nossa escola. Representamos aqui também a questão econômica que é o sisal. A gente conta o processo de cortar, armazenar, desfibrar, secar, bater nas batedeiras e ir para as indústrias

Esse trabalho era realizado por essas instituições em parceria com a escola, sob a coordenação de Roquinho. Ele, desde 2004, está envolvido na catalogação dos acervos culturais dos assentamentos de reforma agrária da região do sisal. A partir dos trabalhos desenvolvidos junto ao IMAQ, surgiu a oportunidade de conhecer a Ação Griô.

O griô aprendiz Roquinho Lima demonstra facilidade e segurança em articular e desenvolver as atividades junto aos griôs e educadores, opinando, ouvindo, fazendo ajustes. É muito comunicativo e consegue sensibilizar e mediar as conversas necessárias. Antes, ele já desenvolvia algumas atividades na escola. Hoje, isso se dá de forma mais significativa, pois há um maior envolvimento e participação não só nas oficinas como também nos demais eventos da escola, que já não são mais ações isoladas.

O griô aprendiz sempre teve parceria com a escola, e essa parceria aumentou com a Ação Griô. A gente acredita que quando se faz um trabalho de parceria, a comunidade toda ganha. Ele apresentou a proposta nova da Ação Griô. Daí eu falei: *"mas e se a gente precisar sair?"* Daí ele disse: *"isso depois a gente vê".* Então eu aceitei.



A gente combinou a ida dos griôs e mestres. Os meninos já tinham contato com Roquinho, o griô aprendiz, mas não conheciam ele como contador de histórias. Foi muito bom. A gente marcou oficina de contação de histórias à noite com os griôs, em que começou a se contar causos, piadas e saberes.

Ao longo da caminhada, ele conseguiu fazer uma ponte entre as atividades realizadas na escola e a tradição oral. O griô é a peça central. A contação de histórias ou causos é o ponto de partida, pois, a partir disso, trabalhamos com desenhos, pinturas, reescritos, dramatizações, letras de samba, cordel e xilogravura, assim estimulando a criatividade e a expressividade dos envolvidos. As crianças criam suas próprias histórias e isso é muito gratificante.

Há uma evolução entre todos os envolvidos. O griô aprendiz está buscando e incorporando a sua ancestralidade, construindo valores e conceitos, o que se reflete em sua vida cotidiana e na caracterização de suas personagens. A roupa vai sendo caracterizada de acordo com a personagem: o chapéu de couro ou de palha, roupas que representam o trabalho do campo, a mala e a sandália de couro nordestino. São peças que vão compondo o figurino do griô aprendiz. Um traço marcante que me encanta são os movimentos dos braços e a expressão corporal dele durante as atividades. Nas oficinas, ele consegue desenvolver uma cumplicidade com os alunos e professores. Forma-se uma certa magia no momento da contação de histórias e de causos. Todos são envolvidos e encantados.

Cada um leva a sua história para o ritual da roda e não são mais só os griôs bolsistas que vão. Toda a comunidade vai criando a roda. Depois a gente foi levando a questão do samba. Nas rodas de contação de histórias, acontece muita aprendizagem e todo mundo participa. Teve inclusive um menino deficiente auditivo que se mostrou muito talentoso.

Contamos a *História da sucuri,* do *Homem que perdeu o nariz*, do *Viajante*. E ele, fazendo a leitura labial, fez o desenho dessas histórias. Essa última, eles fizeram uma peça muito interessante, que também envolve todas as idades. A história contada desenvolve um leque de atividades e levamos tudo para a sala de aula: cordel, pintura, recontos orais e escritos, peças teatrais, desenhos, xilogravuras, literatura de cordel e músicas. Daí nascem muitas percepções, aprendizagens e linguagens.

A *História do nego velho*, por exemplo, de Seu Zezinho, foi uma verdade que gerou muitas criações. Na verdade, a roda de contação de histórias foi além dos griôs e mestres e se tornou um ritual com toda a comunidade. Temos mais de 180 histórias gravadas. Fizemos então uma parceria com estudantes de letras da universidade, que têm o desafio de digitalizar essas histórias. Em função de todos esses trabalhos, recebemos também um certificado e qualificação no prêmio Itaú Unicef regional e nacional.

Há uma preocupação constante por parte do griô, no que diz respeito à Ação. Ele utiliza todos os espaços para divulgar e apresentar algumas atividades. Por exemplo, se tem uma reunião na associação, aproveita para fazer uma leitura de um cordel. Durante as festividades da igreja, estamos lá. Inclusive no novenário de Senhora Santana, foi reservado um dia da celebração para os griôs e a escola. Na oportunidade, sentamos e preparamos o evento.

O interessante é que, após a leitura da programação, decidimos fazer uma música para o novenário. Então escolhemos o nome da musica e começamos a escrevê-la, trazendo a história da comunidade para a letra da música, buscando incorporar as questões e símbolos religiosos. A cada estrofe produzida, havia uma preocupação constante de um dos griôs com a rima. Depois cantamos e foi uma sensação muito boa. Ficamos rindo.

Na igreja, convidamos as pessoas a nos ajudar a cantar e, em poucos momentos, todos estavam envolvidos. A música ficou linda com os instrumentos utilizados pelos griôs. Então as meninas do coral adotaram a música como hino do novenário, o que nos deixou muito felizes.

Se tem o aniversário de alguém, fazemos uma surpresa com o grupo de samba. Sempre que recebemos visita na comunidade, articulamos o grupo e nos apresentamos. Em fevereiro, nós recebemos um grupo de estudantes da Universidade Federal do Recôncavo Bahiano, que estavam realizando um estágio de vivência nas áreas de assentamento de reforma agrária. Então eu, Roquinho, e outros griôs decidimos convidar os estudantes para fazer o fechamento do estágio lá na comunidade Rose.

Fizemos um jantar com alimentos típicos da nossa região e, depois, aconteceu uma roda de contação de histórias. Os estudantes também participaram contando suas histórias. Depois fizemos o samba de roda e fechamos com a moda de viola. Uma coisa interessante nisso foi que o grupo todo participou, ficando assim todos muito encantados.

Cada griô começou a fazer oficina de algum saber: aula de pandeiro, cavaquinho, e tudo mais. Foi assim que veio Maria Baia que cuidava da merenda.

A família dela era de sambador e ela era rezadeira, erveira e parteira. A primeira criança que nasceu no assentamento foi ela quem pegou e eu estava lá ajudando ela. Ela tem uma história de vida muito importante.

A oficina dela é no domingo em sua casa e quinzenalmente na escola. Ela tem um caderno com mais de 80 receitas anotadas. Cada um assume uma parte do trabalho da receita: colher, cortar, mexer, amassar, registrar a receita, criar música para, juntos, cantar e comer.

As oficinas de culinária na casa de Maria Baia acontecem com senhoras, jovens e crianças da comunidade. Sendo assim, o conhecimento é transmitido oralmente e vivenciado entre todos os participantes.

São saberes que passam a fazer parte do cotidiano das pessoas.

A cada dia, os espaços vão sendo construídos e geram reflexão na comunidade. Durante as oficinas de culinária realizadas na escola, Maria Baia fala da importância dos alimentos, do aproveitamento das cascas e sementes, da utilização da palma, do mandacaru, da babosa e da cabeça de frade, entre outros que podem ser adicionados na alimentação.

É um momento de integração, no qual, algumas crianças, junto com Maria, preparam os alimentos. Outras copiam os ingredientes e a receita, acompanham o processo de preparação e cozimento.

No final, a comida é servida por todos para todos.

É um momento de confraternização. Ao retornarmos para a sala de aula, trabalhamos a estrutura do texto, ortografia, e os demais assuntos que dão para trabalhar em outros conhecimentos. Por exemplo: a classificação dos alimentos, o valor nutricional, situações problema envolvendo as quantidades e preços dos alimentos na feira, a feira como lugar cultural de encontro. As aulas se tornam mais interessantes, pois estamos vivenciando os saberes e aproveitando o que temos na comunidade.

Dona Valdete decidiu fazer oficinas com as bolsas de sisal que ela já fazia. Ela tem um público de senhoras e mocinhas até de 8 e 9 anos de idade. São idades variadas. Ela já está produzindo para vender. Esse foi um resultado positivo, porque antes ela fazia para ela, mas não vendia e não tinha uma oficina. Agora elas já montam a barraquinha de forma cooperativa para vender.

No começo, a escola não via o que a gente fazia como pedagógico. É como se cultura fosse outra coisa. No começo, também vinham para as rodas só famílias que tinham um passado relacionado aos grupos culturais. Mas agora todo mundo canta e dança. Todo mundo se identifica.

Eu mesma caio na roda com os pequenos. Tem uns pequenos que já dão um baile nos mais velhos. Eu não sambo, só sapateio, mas isso não me impede de cair na roda com eles. Eu tenho a consciência de que foi a Ação Griô e essa minha participação nela que mudou a consciência dos meninos em relação à cultura e despertou em mim o gosto pelo que meus pais e avós praticavam e que aos poucos foi se perdendo.

A partir da Ação griô começou a chegar em mim de forma mais forte e marcante a minha história. Com certeza já estava em meu corpo. É como se estivesse adormecida toda a minha ancestralidade. Hoje tem mãe e pai que se surpreende ao ver seus filhos sambando e contando as histórias e causos que eles aprendem com os mestres de tradição oral de lá da comunidade Rose.

Eu já gostava de contar histórias e na escola eu gosto de ler história para meus alunos para que eles tenham curiosidade de ler. Mas, depois da Ação Griô, eu penso que os mais velhos podem não estar mais com a gente, que vão morrer e levarão essas histórias, e tudo pode se perder. Então eu estou sempre buscando aprender. Para mim, como professora, tem muito significado. Eu fiquei emocionada na nossa roda quando duas meninas da terceira série me pediram para que elas pudessem contar histórias.

Três dias depois elas disseram que inventaram duas histórias. Elas foram em minha casa e eu estava cozinhando. Parei e fiquei igual a elas olhando os griôs. Quando a primeira contou, eu percebi que ela estava contando uma história e relacionando com a sua própria história de vida. Ela não levou as dificuldades da vida como fatos negativos. Foi o contrário. Para mim, como educadora, isso foi marcante. Foi a partir da contação de histórias que despertou nessas crianças a criatividade e o interesse para criar suas próprias histórias. Foi muito emocionante vivenciar isso. A gente acaba construindo e mudando nossa postura e conceitos de educação.

Conversas com o griô aprendiz Roquinho

Desenvolvo atividades educacionais, pesquisas, planejamentos dos trabalhos, atividades desportivas com crianças e adolescentes, coordeno reuniões e integro meu trabalho em todas as ações do Ponto desde meados de 2005.

Na Ação Griô, facilito as oficinas de contação de causos (Projeto Recriando e Criando Lendas e Mitos, que acontece em parceria com a escola da comunidade Rose, desenvolvido pelos griôs e mestres), todas as segundas-feiras, das 19h às 22h.

O forte dessa oficina promovida pelos griôs e mestres é que nós não estamos competindo com as "novelas" da televisão, mas despertando nas famílias, crianças, adolescentes, adultos e idosos que nossa cultura, ou seja, nossos valores culturais têm muito valor educacional, moral, lazer e bem-estar social, que contribuem para a revitalização das nossas raízes culturais e podem gerar trabalho e renda através daquilo que faz sentido para nós.

O resultado das oficinas promovidas pelo Recriando e Criando Lendas e Mitos é a catalogação e reinterpretação dos diversos saberes da cultura oralizada da zona rural na região do sisal.

Este projeto tem um papel super interessante e vital dentro do nosso Ponto de Cultura e principalmente para a Ação Griô nas comunidades onde o Ponto de Cultura Expressões Sertanejas atua, pois há todo um processo de releitura dos conteúdos inventariados que está culminando na editoração de diversos materiais pedagógicos, que aos poucos estão sendo utilizados nas salas de aulas em programa de alfabetização de jovens e adultos.

Dessas oficinas, já contamos com dezenas de produções artísticas feitas pelas crianças, adolescentes, adultos, professores e griôs, que são transformados em livros, peças de teatro, letras de música, livros em cordel, artes plásticas e xilogravura.

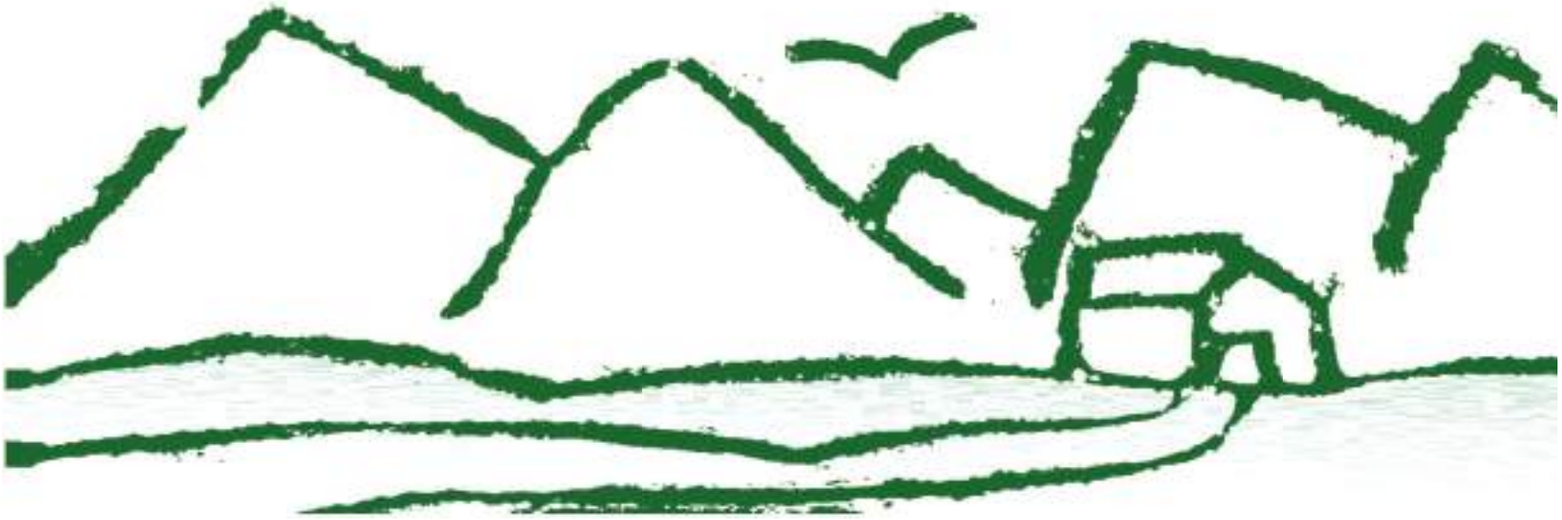
Estes causos a seguir estão sendo transformados em artes plásticas, xilogravura, literatura de cordel, teatro e letras de samba de roda, dentre outras produções feitas por crianças, adolescentes, adultos e pessoas da melhor idade.

Títulos

- João calai
- Música do fome zero
- O Homem que matou o cavalo
- A Vaca de Juvenal Pinheiro e o de Alvino
- A Cachaça na melancia de Alvino que Dedezinho tomou
- Os Passarinhos que comeu seis sacos de milho de bodão
- Bodão e a cerveja de Antônio Mota
- O Peba que toma pinga na roça de Zé de Souza
- O Pau que cai e levanta na baixa do gambá
- A Casa mal assombrada
- O Vaqueiro que perdeu o dente
- A Festa no céu
- O Comedor de frutas
- João e Mane
- Bondade e ruindade
- O Homem da rede
- A Estória do pum
- Compadre pobre e compadre rico
- Menino e menina
- Boi alazão
- O Pelegrino
- A Barata
- O Carro encantado
- A Pedra que vira uma jibóia de ouro
- Antônio beiju, o homem que arrancou uma panela de ouro
- O Sanfoneiro de Aquino
- O Sapo que adivinhava chuva
- O Copo de ouro e o padre
- O Sapo e a raposa
- O Passarinho viúvo
- O Fazendeiro que comprou dez novilhas
- A Vaca que comia peixes
- O Vaqueiro que perdeu o nariz

- Pedro e Paulo
- O Sumiço da jóia
- Estória sexta, sábado e domingo.
- Cacetim fora do saco
- O Nêgo véio
- Pobreza
- A Seca de trinta e dois
- Zé da vaca braba
- O Boi que matava onça
- O Poço grande, a sucuri e o boi
- Estória do pelego da onça
- As Éguas que seu Pedro espantou
- Quando tu queres tua felicidade?
- As Malandragens de Pedro Ivo assustando o amigo que trabalhava
- Pedro Ivo e o olho do jegue
- O Jegue que comia raspa de mandioca
- A Curiosidade maldosa faz mal
- Por que Lexeu foi embora do Rose?
- O Homem que pega lobisomem
- A Casada com lobisomem
- O Homem que comia borrego
- Madrugada em busca de água no Rose
- Por que os beijus sumiram?
- O Lobisomem que tomava facão
- A Ciência dos cavalos rinchando
- A Estória de futurelo
- O Padre
- A Abóbora de Miguel
- O Rei que gostava de peixe
- O Homem pobre e o bicho
- O Pai que matava os filhos
- O Homem que furou os próprios olhos

Esses são os títulos de algumas delas, dentre as mais de cem que estão gravadas.



Estudei na escola dez de julho, durante cinco anos do ensino fundamental e também estagiei um ano na mesma escola. O Ponto de Cultura também tem um enorme respeito pela pedagogia da escola.

Desde 1999 realizamos atividades na escola e em parceria com a mesma nas áreas de teatro, músicas, preservação e reparação de danos ambientais, produção orgânica, bancos de sementes naturais, produção de textos, desenhos. Trabalhei também um ano no prédio da escola como professor de jovens e adultos.

Todas as ações realizadas no Ponto de Cultura são pensadas, elaboradas e realizadas em comunhão com os educadores envolvidos na Ação Griô do Ponto de Cultura Expressões Sertanejas. Temos também uma boa relação com a coordenação pedagógica, com a Secretaria Municipal, inclusive os membros da secretaria participam de algumas atividades que são desenvolvidas pelo Ponto de Cultura, assim como nós também participamos de algumas ações desenvolvidas pela secretaria; e estamos fechando parcerias com outras escolas para apresentarmos a pedagogia griô.

Moro na comunidade desde os onze anos de idade, conjuntamente com os griôs e mestres. Esse envolvimento foi e é constante. A história que conhecia e conheço é que o Sr. Mané Canuto, Pedro Ivo, Zé de Souza, Anastácio Rufino, Dona Maria Baia, dentre outros, faziam samba de roda em toda região, que contavam estórias, que Dona Maria Baia foi parteira e que ensinava fazer remédios naturais entre outras riquezas culturais e culinárias. Ah! e que os pais e avos desses mestres eram "finos" sambadores, contadores de causos, rezadores, benzedores, dentre outras riquezas do sertão.

Comecei a gostar mais e a valorizar as tradições culturais, melhor dizendo, desenvolvi minha identidade sertaneja a partir dos ensinamentos desses mestres. Hoje sou um verdadeiro apaixonado pela cultura nordestina e brasileira, mas a nordestina tem um sabor especial! Somos um povo sofrido, mas um povo que não perde em alegria, bom humor e coragem pra ninguém no mundo. Sei que é muita coragem dizer isso, mas é com muito respeito a todos. Amo todas as manifestações culturais de nossa região, assim como aprendi a respeitar e a lidar com outras manifestações diferentes da nossa.

Mesmo antes da Ação Griô na escola, eu já realizava conjuntamente com o grupo de jovens, as pessoas da melhor idade, griôs e outros contadores de causos diversas atividades culturais. Por exemplo: samba de roda, contação de causo, reisados, batuques, bata de feijão, boi roubado, mutirão, bumba meu boi, casamento caipira, quadrilha junina, pau de sebo, danças regionais, dentre outras manifestações.

E vejo a importânicia dessas manifestações para a identidade de pessoas, inclusive as que desistiram da escola, como Silvia (ou Silvinha), adolescente que desistiu da escola na 6ª série, por motivo de descriminação racial. E Gilda, que também desistiu pelo mesmo motivo da escola na sede do município.

Ambas passaram a participar da Ação Griô com acompanhamento da griô de tradição oral Maria Baia nas oficinas de comidas alternativas.

Durante todo ano de dois mil e sete realizamos diversas atividades:

- 6 reuniões de planejamento com todos os griôs em Santa Luz e Conceição do Coité
- 8 apresentaçoes culturais realizadas em Nova Palmares em Conceição do Coité para mais de quatro mil pessoas; Assentamento Nova Vida em Cansanção - mil e quinhentas pessoas; Câmara de vereadores em Santa Luz - 120 pessoas; Escola Estadual José Leitão em Santa Luz - 115 pessoas; Assentamento Antônio Conselheiro em Santa Luz - 83 pessoas; dentre outras tantas no Assentamento Rose em Santa Luz, com a participação de quase toda comunidade.

- 22 rodas de conversas - a grande maioria aconteceu no ateliê e Escola Arte Sertão na comunidade Rose, no Assentamento Antônio Conselheiro, no Assentamento Nova Palmares em Conceição do Coité, no Hotel Santa Luzia em Santa Luz, na Escola Dez de Julho no Rose, na Escola Antônio Conselheiro em Mucambinho e na Escola Ducelita Bahia, na sede do município de Santa Luz.

- 60 rodas de vivências em todos os assentamentos, escolas, sede do município, ateliê Escola Arte Sertão, praças públicas, dentre outros setores - 3 cortejos durante o ano.
- 1 festival.

- rodas de contação de histórias e mitos - todas as segundas-feiras das 19h às 22h30min são realizadas as oficinas do Projeto Recriando e Criando Lendas e Mitos em que mais de 40 pessoas, entre crianças, adolescentes, adultos, professores, griôs, mestres e a terceira idade, se juntam na Escola Dez de Julho no Rose para contar causos, mitos e lendas.
- 2 aulas espetáculo - na Escola de Rose e em Antônio Conselheiro.

- espaço de criação coletiva - acontece toda semana no Ateliê Escola Arte Sertão, em que os alunos envolvidos nos projetos do Ponto de Cultura Expressões Sertanejas, alunos que estão cursando faculdade de letras, pedagogia, técnica agropecuária e magistério estão responsaveis por essas atividades em comunhão com os griôs.

Nosso público vai desde a criança de três anos até 90 anos. Participam homens, mulheres, independente da posição social. Contamos com atividades todos os dias da semana de teatro, xilogravura, roda de conversa, artes plásticas, artesanato e produção literária.

Nossa aproximação com a escola depois da Ação Griô melhorou muito, pois vemos a integração da escola com a comunidade e vice-versa.

Em relação à pedagogia griô, estamos fazendo de acordo a nossa realidade, pois acreditamos que cada região tem suas especificidades e como a cultura brasileira é bastante diversificada estamos contribuindo com a melhoria de vida de muitos mestres de tradição oral que antes da Ação Griô estava quase que esquecidos da nossa valiosa roda da vida.

Estou sendo um eterno aprendiz, que durante 2007 não parou de realizar as atividades. Pelo contrário, ganhamos forças e determinação, e fomos longe com nossos projetos sociais na região do sisal.

Um forte abraço
Que Deus proteja a todos.
Griô aprendiz Roquinho Lima.

Ponto de Cultura Expressões Sertanejas

Proponente
Instituto Maria Quitéria – IMAQ

Griô aprendiz
José Roque Sarturnino de Lima

Educadores
Solange Oliveira Pamponet da Silva, Adelaide Carneiro de Oliveira, Maria das Graças Bahia da Silva, Maria Fulgência Ribeiro, Josivaldo Pires, Maria Amélia Silva Nascimento, Maria Helena Teixeira da Silva e Patrícia Santiago dos Pereira.

Escola
Escola Municipal Dez de Julho

Mestres
Pedro Ivo Cerqueira e Martiniano Soares dos Santos

Griôs de Tradição Oral
Maria José Dantas das Mercês, Valdete Martins dos Santos, Manoel Canuto Santiago

Griôs não bolsistas
José Dantas de Ataides, Emidio Santiago dos Santos, Miguel Rodrigues da Silva, Anastácio Rufino dos Santos, Brasilino Ângelo Santiago, Anelita Santiago dos Santos, Ana Augusta de Lima, Floriano Cerqueira, Joanita Dantas das Mercês, Joana Maria Santiago dos Santos, Bispo Ângelo Santiago de Jesus e Lozinho Faustino Santiago.

Parcerias e Agradecimentos
O IMAQ (Instituto Maria Quiteria), Líder (Liga Desportiva e Cultural dos Assentamentos da Região do Sisal), A Rádio Comunitaria Santa Luz FM, O Ceaic (Centro de Apoio aos Interesses Comunitários), Codes Sisal (Conselho de Desenvolvimento Rural Sustentável-Território da Cidadania), Fatres (Fundação de Apoio aos Trabalhadores Rurais e Agricultores Familiares do Semi-Árido da Bahia), o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Luz, a Escola Dez de Julho da Comunidade Rose, a Escola do Assentamento Antônio Conselheiro, a Escola do Assentamento Mucambinho, a Escola do Assentamento de Nova Palmares, O Banco do Nordeste do Brasil, Prêmio Itaú Unicef, Ministério da Cultura, Programa Cultura Viva, Ação Griô Nacional, Pontos de Cultura, Ministério do Esporte, Incra, Associações dos Assentamentos da Região do Sisal, educadores, alunos, Pontão de Cultura Grão de Luz e Griô, amigos e amigas que, direta e indiretamente, têm contribuído com as ações dos nossos projetos na região do sisal.

Capoeira
Ginga e Malícia

Ponto de Cultura de Capoeira Ginga e Malícia, por Edmeia Nascimento

"Vamos invadir a escola, a escola é da comunidade"

(Mestre Marinheiro, griô de tradição oral – Ponto de Cultura Ginga e Malícia - BA)

Respondemos ao convite da Ação Griô e da pedagogia do Velho Griô de Lençóis e "invadimos" a escola. Como? Acolhendo os educandos com músicas, sentados em esteiras no chão, sensibilizados, disponíveis, despertos para o novo tão antigo que é a arte de ouvir, criar, contar, cantar e dançar a tradição oral da nossa cultura, do nosso saber de matrizes africanas e indígenas. Respondemos ao convite da Ação Griô e da Pedagogia Griô, do Velho Griô de Lençóis-BA. E assim renascem momentos e histórias na escola e na comunidade da antiga *Baixa da Égua*, hoje Rua Neide Gama, onde velhos mestres e griôs, moradores nascidos e criados no bairro do Engenho Velho da Federação, contam, cantam e dançam a história do bairro e de suas tradições.

"Eu considero um privilégio ter nascido aqui e ter vivido minha infância e juventude num tempo em que muitos dos valores de comunidades africanas ainda existiam aqui. Quem vem morar no Engenho Velho hoje, as crianças, os jovens de hoje, não têm a mínima idéia de como era essa comunidade antes. Antes era mesmo uma comunidade, com seu jeito próprio de viver, de educar crianças e jovens, de realizar coisas coletivamente, de se entre ajudar."

Macota Valdina, griô de tradição oral, descrevendo a vida no Engenho Velho da Federação há 50 anos atrás.

Quando iniciamos o projeto Ação Griô na Escola Engenho Velho da Federação, comunidade da Baixa da Égua em julho de 2007, foi um salto muito significativo. O Engenho Velho da Federação é um grande bolsão de pobreza. A comunidade adquiriu e adaptou novas maneiras de viver, com sua verdade de acordo com o tempo presente e que tem seu jeito próprio de ser. E o que tem de belo nessa comunidade? Tem um movimento de resistência cultural e social da capoeira, tem o samba duro, tem o grupo de samba chula, e tem o largo do Bogum, e as raízes africanas, que se expressam nos templos religiosos (candomblé), na festa junina, e na percussão dos grupos de samba.

Então qual é o lugar do griô aprendiz no Engenho Velho ?

A bênção a todos os presentes e ausentes, aos mais novos e aos mais velhos, a todos os mestres griôs e griôs aprendizes dos Pontos de Cultura do Brasil.

A princípio devo considerar que o trabalho do griô aprendiz perpassa por três eixos: O primeiro é o ser mediador, essa mediação que se encontra na conquista, na resistência, e na persistência.

O segundo eixo é o do ser político, socializador e potencializador nas relações étnicas, políticas e raciais.

O terceiro eixo é o educador contador de história, o pesquisador, um ser curioso que constrói a sua história a partir de outras histórias.

O encantamento e a conquista do griô aprendiz

A minha roupa de griô aprendiz está sendo construída com a oficina de retalho da escola, roupa de sambadeiras e sambadeiros de samba-chula. Utilizamos como instrumento da nossa caminhada o atabaque e o berimbau. As crianças sempre nos acompanham para o local da aula.

A Ação Griô mexeu com toda a minha vida. Eu, como professora, já não sei trabalhar sem essa questão dos griôs, porque, com essa pedagogia, os professores se vêm de novo como brincantes, reportam-se à memória emotiva, acabam lembrando -se de memórias das mães e valorizando seu local de origem, percebendo-se e reconhecendo sua ancestralidade e identidade. Eu aprendi a olhar com outro olhar a sabedoria dos mais velhos, voltar no tempo, ouvir: isso é muito novo. Na verdade, eu redirecionei o meu lugar de educadora. Não quero mais esse achismo de fingir que ensino e meus educandos fingirem que aprendem. Quando a gente passa na rua, as crianças já falam: *Lá vai o griô!*

Caminhando na escola, com Ginga e Malícia

"Ação Griô é um negócio importante, ensina muitas coisas importantes.
Tem música, dança, brincadeira, teatro...
Lá no mar tem uma pedra, nessa pedra mora uma índia.
Eu sou negra. Eu gosto de ser negra.
Mas tem gente que não gosta. Mas eu gosto de ser negra e dos índios"

Emília, 10 anos

A princípio, conquistar a escola não foi lá muito fácil. O corpo, docente se manteve muito resistente ao Projeto, ao contrário das crianças. No início, houve alguma estranheza, resistência, que a cada dia está acabando. A educadora é uma aposentada e ela retornou para a escola por encantamento em relação ao projeto. Utilizamos os contos africanos e outros contos. Chamamos de aula espetáculo e caminhada. O material didático são as pessoas. Fizemos algumas reuniões e encontros temáticos sobre a importância do Projeto para a escola e para a comunidade. A primeira capacitação aconteceu com a presença de todos os professores, direção da escola, coordenação pedagógica, mestres griôs e a griô aprendiz do Ponto de Cultura Pierre Verger, com as contribuições ilustres de Dona Cici e Jucélia Teixeira. Contamos também com os mestres griôs do Ponto de Cultura Ginga e Malícia.

Na posição de griô aprendiz, fiquei bastante satisfeita com a receptividade da escola. Saudamos os professores com cantigas e arrumamos a sala em círculo. Colocamos esteiras no chão, nas paredes. Penduramos objetos (pandeiros, fantoches, cabaças, berimbaus...). Os professores, a diretora e a coordenação, de pés descalços, sentaram nas esteiras, olhando uns nos olhos dos outros, e, atentamente ouviram a história de Dona Cici. Pedimos a bênção e fomos abençoados. Cantamos, dançamos e ficamos emocionados. E, assim, fomos caminhando e aprendendo com os mestres, com os professores, com a comunidade.

Como se dá esse aprendizado ?

"A Ação Griô ensina a ser griôzinho aqui. Griôzinho é ser griô pequeno. Eu sou uma griôzinho. Meu nome é Michele, uma aluna do Griô."

A Pedagogia Griô é a pedagogia que o Ponto de Cultura Ginga e Malícia abraçou. Resgata os costumes, os saberes, através da capoeira, teatro, música e folguedos.

Redirecionar o olhar e partilhar conhecimento popular. Os trabalhos da griô aprendiz e dos mestres griôs se dão principalmente através da espontaneidade e do sentimento. O educador griô propõe levar à sala de aula o brincar, o jogo, os rituais africanos e indígenas, o que pode ocorrer com um instrumento, um acessório, um chapéu, uma espada de madeira, uma flor, um sapato, etc. As atividades acontecem e o círculo gira o tempo todo. As histórias vão ganhando forma, os personagens vão surgindo, os corpos vão significando, os olhares se afirmando e o ritual acontece. A musicalidade é fundamental, assim como as longas pausas, que constituem o momento sagrado.

"Nós já brincamos da brincadeira do pisa no milho, que o mestre Dunga de Lençóis-BA ensinou ao Velho Griô. Nós já cantamos a música da pedra da índia, que mãe Rosa de Lençóis-BA ensinou para o Velho Griô. E também os índios vieram aqui na escola e dançaram. Contaram histórias dos indígenas e dos negros. Fizemos passeata pelo bairro e o teatro do bumba-meu-boi."

Sabrina, 3ª série

Referências da construção de uma pedagogia

"A Ação Griô ensina coisas interessantes: histórias do bairro, coisas da vida, a cultura africana, a literatura de cordel. Fiz uma caminhada pelo bairro. Fomos na rádio. Pretendo fazer mais passeata com os professores griôs, e quero me esforçar para ser uma menina griô."

Adriana, 11 anos

Através da rede de Pontos de Cultura da Ação Griô na Bahia, construímos um espaço de articulação dialógica, através da sistematização das capacitações continuadas na escola, com o intercâmbio entre os outros Pontos de Cultura de Salvador que integram o Projeto Ação Griô. Reunimos os mestres a fim de avaliar cada contribuição, descobrindo no que a escola, junto com a comunidade, pode contribuir para diversificar o processo de ensino e aprendizagem.

Esse espaço que criamos valoriza a ancestralidade, o saber ouvir e falar, a capacidade de esperar, escutar o silêncio, sentir a nossa espiritualidade, e quebrar tabus e ressentimentos; um lugar de seres humanos, feito com humanos e para humanos.

Utilizamos como referência para fortalecer a nossa pesquisa pedagógica as linhas de vivência da identidade humana propostas por Rolando Toro, precursor da Educação Biocêntrica: a Vitalidade - o potencial que nos faz estar na vida com coragem, disposição, alegria e entusiasmo; a Criatividade - possibilidade de criar, de participar, de transformar e de expressar os sentimentos; a Afetividade – o sentimento da relação afetiva, da amizade, do amor, do vínculo, da solidariedade e do altruísmo; a Transcendência - busca pela harmonia, pelo equilíbrio e sentimento de que fazemos parte da criação divina, fazemos parte do cosmo. Nasce um novo educador, que exige uma mudança existencial, uma nova maneira de ver o mundo, um novo paradigma, ao contrário daquele que reproduz o currículo que o sistema de educação propõe às escolas, que é castrador, que impõe um enquadramento militarista e etnocêntrico, com valores e visão unilateral, que leva a um processo de embranquecimento e exclusão.

Educação é também descoberta de saberes extra-sala de aula (academia). É o fazer, refazendo, com emoção, afetividade, experimentação e busca de novos métodos. É um caminho que nos deixa à vontade para "curiosear" as várias possibilidades de transformar a sala de aula, oportunizando os saberes que compõem a nossa diversidade cultural. A escola é vista aqui como local de encontro que pode ser resignificado, afetuoso, um local que nos conduz às reflexões a partir do pensar dos educandos e educadores, que nos permite saber um pouco mais da história de cada um.

Trata-se de uma pedagogia que transcende o tempo, que inova e compartilha saberes, que nos faz descobrir o nosso lugar de origem, descortinar os mitos, refazendo a estética da sala de aula. Educação de tradição oral, dialógica, política, em que o ensinamento é compartilhado a partir de coisas concretas – ensinamento dos princípios e valores. Uma educação que protagoniza. O real é o aqui e o agora, passado, ancestralidade presente que constrói o futuro. Educação das relações étnico-raciais e inserção das culturas afro e indígena. Educar vivenciando as manifestações culturais, identificando a sua história como história da comunidade.

Valorização da família, solidariedade, cuidado com o outro, o ato de pertencimento, religiosidade, descendência, ancestralidade. Respeitar os mais velhos e identificá-los como mestres e griôs de tradição oral: sabedoria popular. A Ação Griô vem resgatar a figura do velho que é sábio que entende dos segredos da vida, que vincula e veicula o saber da ancestralidade, da tradição.

São contadores e cantadores das tradições orais. São caminhantes que não desistem, nem com as tempestades, nem com o sol escaldante. Estão sempre atentos. Seu canto de viola, o cordel, os repentes, as quadras, os mitos africanos, as lendas indígenas, as cantigas de ninar, as rodas, cirandas, maracatus e sambas vão repassando, cuidando para que aqueles que aprendem não esqueçam jamais quem são: sua origem, sua história, seus antepassados, seus ancestrais africanos e indígenas.

"A aula da Ação Griô é boa. Tem bumba-meu-boi. Tem caminhada, o teatro, a dança indígena, a aula de história africana, a capoeira.
Nas aulas, tem o professor Nelito, Marinheiro, Braço de Ferro, Lia Vera, Macota, Mel. Tem tudo isso e tem aula de percussão e de várias coisas."

Alessandro, 12 anos

E, assim, nasce um novo momento, uma nova história na escola e na comunidade da antiga *Baixa da Égua*, hoje Rua Neide Gama, em que velhos mestres e griôs, moradores, muitos nascidos e criados no bairro do Engenho Velho da Federação, contam, cantam e dançam a história do bairro e de suas tradições.

Ponto de Cultura Instrumento de Educação -
Grupo de Capoeira Ginga e Malícia - Simões Filho - BA

Representante institucional: Valcir Batista Lima
Griô aprendiz: Edmeia Pereira Nascimento / Luanda Marcelo Lima / Diego Alcântara / Rosenildo Moreira
Educadora: Eliana Maria Spositivo Paiva dos Santos
Mestre e griôs envolvidos na Ação: Lia S. Paiva / Manoel Bispo dos Santos

Pankararus

Caminhada e toante de chegada na escola

por Atiã e Yuran Pankararu

A caminhada dos griôs e mestres Pankararus parte das aldeias onde moram, Aldeia Brejo dos padres e Aldeia Saco dos Barros, até a Escola Logradouro, na aldeia Logradouros, do outro lado da serra. Na chegada à escola, como é de costume, o momento é de acolhimento, em que os griôs chegam cantando três dos nossos toantes, que é uma forma de saldar com felicidade os nossos irmãos. Logo em seguida forma-se uma grande roda com os alunos e funcionários daquela escola para dançar o toré (dança típica dos Pankararu, onde todos em dupla cantam e dançam em circulo, roda como forma de agradecimento a nossa Força da Natureza).

A nossa história contada na escola

Depois da roda formada na escola, o momento dos contos, cantos e danças tradicionais de nosso povo Pankararu. Uma longa e importante conversa sobre histórias e fatos sobre os nossos costumes que são repassados e preservados por nós, nos dia atuais, já que em nossa cultura a lenda nunca existiu, fatos sim.

Na nossa primeira caminhada, foram contadas muitas histórias, e os educandos cada vez mais interessados queriam saber sempre um pouco mais, e a participação aumentando a cada momento. Como as nossas atividades sempre são marcadas pela participação de todos, a maioria contou alguma história real que os mais velhos contam, ou de "trancoso" que é o mesmo que história popular, criada. A seguir, contamos algumas delas.

Mas o melhor é que sabemos que esse trabalho da Ação Griô é de forma continuada, e que todos saem ganhando, tanto as crianças e professores das escolas que sempre estão prontos a nos receber como nós que através da troca de experiências aumentamos cada vez mais os nossos conhecimentos da nossa cultura, sobre nós ontem, hoje e o amanhã.

Preservar a arte indígena (cerâmica) para se ter uma continuidade futura!

Quando comecei a estudar no pré-escolar, a arte ou educação artística se resumia apenas em desenhar, pintar etc. Eu não tinha a consciência de que nossas danças, rituais tradicionais, a cerâmica, confecções de vassouras, a fabricação de colares, utensílios usados nos rituais, tudo isso fazia parte da arte. Fiz cursos de desenhos, mas não dava tanta importância, pois eram selecionadas apenas aquelas pinturas ou desenhos considerados belos. Já que eu não tinha jeito para desenhar, me achava um fracasso como artista. Alguns anos depois me escrevi no curso de cerâmica, com a minha tia e professora Merenciana, mais conhecida por Dos Santos. Ela é uma pessoa da comunidade indígena, e que desde cedo detinha esse oficio e através dele sustentava sua família. Ela nunca estudou por falta de condições financeiras. Então se dedicou à arte da cerâmica. Ao iniciar o curso, aprendemos detalhes de como escolher o barro, qual tipo de barro para cada utensílio. Primeiro passo, buscar o barro na serra ou em locais apropriados; podia trazer esse barro em um animal de carga ou na nossa própria cabeça. Segundo passo, colocar esse barro ao sol para secar, pois às vezes o barro se encontrava úmido. Depois de secar, vem a terceira etapa, pisar o barro com uma pedra ou utilizar um pedaço de madeira; depois de pisado era peneirado, molhado com água, amassado para ter uma consistência homogênea e guardá-lo em plásticos. Aí estava pronto para ser manuseado. Então aprendemos a fazer pratos, panelas, potes, etc.

Na arte Pankararu a cerâmica além de representar a cultura do meu povo também representa o sustento de algumas famílias. Pois essa arte requer dedicação total, mas para algumas pessoas se torna uma terapia ou um modo de expressar seus sentimentos. Na sala de aula é um incentivo para que as crianças desde cedo conheçam essa arte, que se torne um hábito, e que repassem e valorizem para as gerações futuras. Hoje me orgulho de estar repassando esses ensinamentos para outras crianças da aldeia, eu já tinha essa vontade, mas só foi possível agora através de um projeto de arte da Escola Indígena Carlos Estevão.

Começamos com uma turma de 4ª serie e depois com as demais. Contamos com a ajuda da artesã Vilma que aprendeu com a sua mãe Lizete essa arte, para nos apoiar nesse curso.

História contada por Tainá Pankararu

O movimento da educação indígena dos Pankararus

Por Eliza Pankararu

A contribuição enquanto Griô é do ponto de vista de momentos de rituais, como o canto dos Tuantes, o chamamento para a participação do grupo em danças e cantos. Também as explicações dos conhecimentos tradicionais, sempre apresentadas nas áreas do conhecimento e nos eixos.

Atualmente faço parte da Direção de Educação Indígena da Secretaria de Educação de Pernambuco. Estamos num movimento de construção dos princípios gerais do currículo do Povo Pankararu. O nosso Projeto Politico Pedagógico, bem como dos demais Povos, apontam para 5 eixos norteadores: Terra, Identidade, Organização, História e Interculturalidade.

EIXO I: TERRA

Objetivo geral: Reconhecer o território como um espaço natural de resistência e fonte de inspiração e de mitos para agir e interagir os conhecimentos tradicionais com a mãe natureza, preservando e mantendo a biodiversidade como direito ao patrimônio cultural.

Áreas do Conhecimento:

1. Linguagens, códigos e suas tecnologias
(português, arte, educação física, informática)

Objetivo: Desenvolver a leitura e a escrita fortalecendo o conhecimento nas diversas linguagens, estabelecendo o dialogo entre os indivíduos, favorecendo a compreensão da necessidade da boa relação entre comunidades indígenas e sociedades envolventes.

2. Ciências Exatas e Naturais e suas tecnologias
(biologia, química, física, matemática, estatística)

Objetivo: Identificar os recursos naturais como fonte de riqueza para nossa auto-sustentabilidade a nossa saúde, fazendo uso de conservação dos recursos naturais.

3. Ciências Humanas e suas tecnologias
(história, geografia, sociologia, filosofia, antropologia)

Objetivo: Desenvolver opinião sobre a história da ocupação do território e lutas do nosso povo pela demarcação de nossas terras, conhecendo as lutas e movimentos Pankararu pela liberdade territorial na história dos povos do nordeste, construindo mapas com o espaço geográfico e identificando os pontos tradicionais e os limites do território das aldeias que fazem limites umas com as peculiaridades entre as mesmas.

EIXO II: IDENTIDADE

Objetivo Geral: Fortalecer a nossa cultura, costumes e valores culturais, reencontrado através do patrimônio deixado pelos mais velhos, valorizando as formas de convivência cotidiana na relação sobre-natural e natural com os encantados na proteção, lutas e conquistas indígenas.

Áreas do Conhecimento:

1. Linguagens, Códigos e suas tecnologias

Objetivo: Apreciar e participar das tradições do povo Pankararu, valorizando e respeitando a crença nos encantados fazendo reflexões sobre os elementos culturais que caracterizam o povo indígena.

2. Ciências Humanas e suas tecnologias

Objetivo: Conhecer respeitando a diversidade religiosa existente no nosso povo quanto a origem e historicidade. Valorizar registrando os relatos orais de nosso povo sensibilizando cada vez mais a comunidade escolar como um todo sobre a importância de se conhecer e reconhecer como a essência do SER Índio Pankararu.

EIXO III: ORGANIZAÇÃO

Objetivo geral: Compreender a organização social e política do povo, elementos importantes de sustentabilidade da educação escolar indígena contribuindo no fortalecimento da identidade étnica na garantia da conquista dos direitos humanos.

Áreas de Conhecimento:

1. Linguagens, códigos e suas tecnologias

Objetivo: Reconhecer através de relatos do povo, a valorização a importância de fazer registro escritos desenvolvendo o senso pesquisador, fortalecendo, assim, a história de nossa existência e da nossa resistência enquanto povo indígena.

2. Ciências Naturais e suas tecnologias

Objetivo: Sensibilizar a comunidade a importância de preservar o meio ambiente Pankararu sobre algumas doenças provocadas pela degradação do mesmo.

3. Ciências Humanas e suas tecnologias

Objetivo: Compreender as diferentes formas de organização Pankararu e suas conseqüências em relação à saúde, segurança cultural e meio ambiente.

EIXO IV - HISTÓRIA

Objetivo geral: Conhecer, compreender e respeitar a história do nosso povo como reapropriação essencial para a reafirmação da nossa identidade, enfrentando e resistindo às situações de sofrimentos e perseguições, contextualizando e confrontando com a versão histórica da sociedade nacional.

Áreas de Conhecimento:

1. Linguagem, código e suas tecnologias.

Objetivo: Conhecer, compreender e valorizar a história oral, registrando e interagindo com os conhecimentos específicos que envolvem as diferentes formas de expressão e comunicação nas atividades cotidianas do contexto cultural e intercultural do povo Pankararu.

2. Ciências Humanas e suas tecnologias

Objetivo: Conhecer o processo de surgimento dos índios Pankararu e sua resistência, lutas e conquistas, valorizando as atividades tradicionais que envolvem o povo Pankararu como condição essencial para a continuidade da nossa identidade étnico-cultural.

3. Ciências Exatas e Naturais e suas tecnologias

Objetivo: Compreender e registrar as mudanças e transformações das paisagens da área indígenas identificando os recursos naturais (renováveis e não-renováveis), preservando a biodiversidade como patrimônio ambiental e cultural do território indígena Pankararu.

EIXO V: INTERCULTURALIDADE

Objetivo geral: Compreender e respeitar que cada povo tem cultura própria e diferentes uma das outras valorizando os direitos de ser e de viver em sociedade.

Áreas de Conhecimento

1. Linguagens, códigos e suas tecnologias

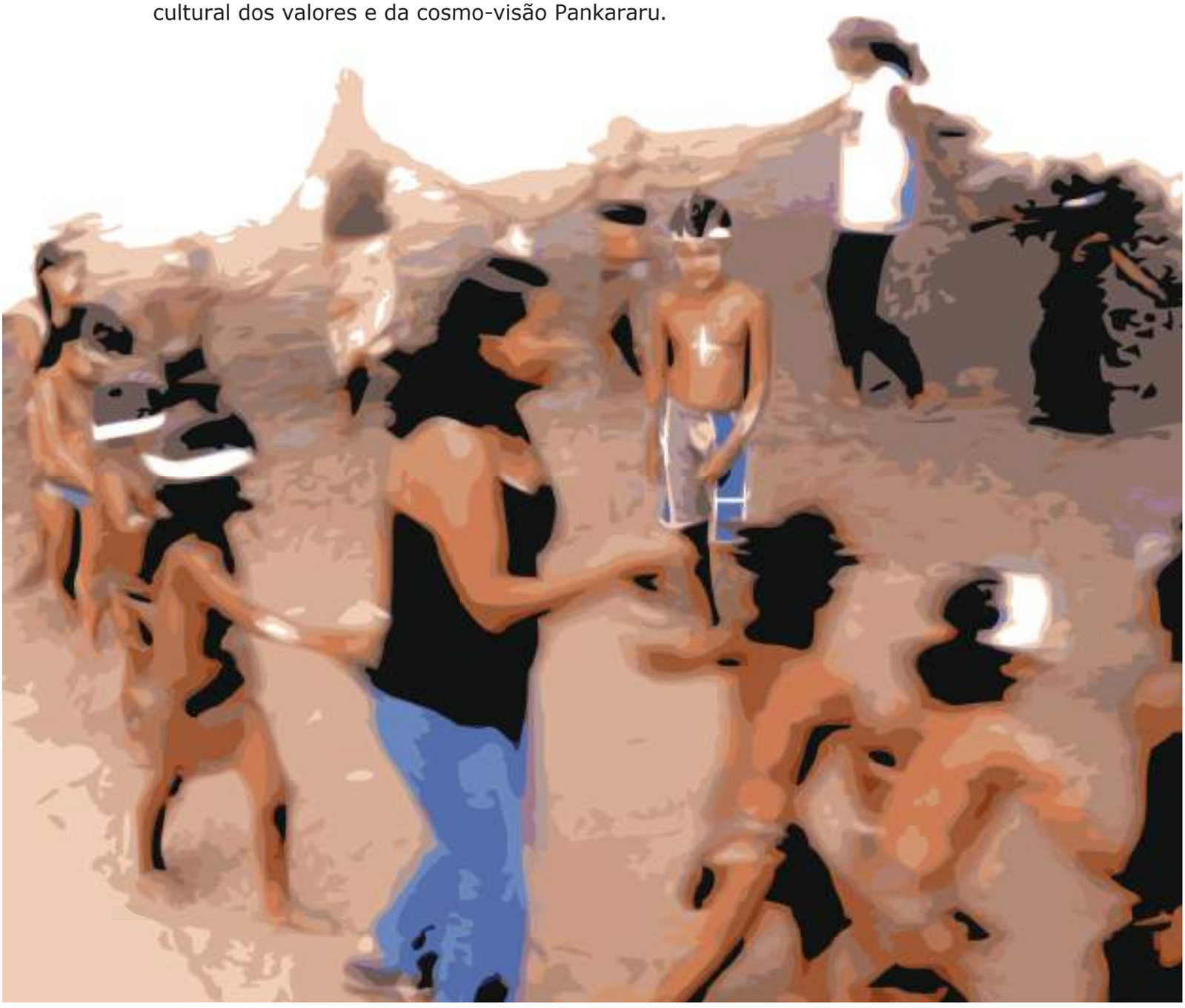
Objetivo: Identificar desenvolvendo a leitura e escrita através de pesquisas, entrevistas, interpretando e expressando opiniões reflexivas, compartilhando no processo de construção do conhecimento especifico e convencional como ser social.

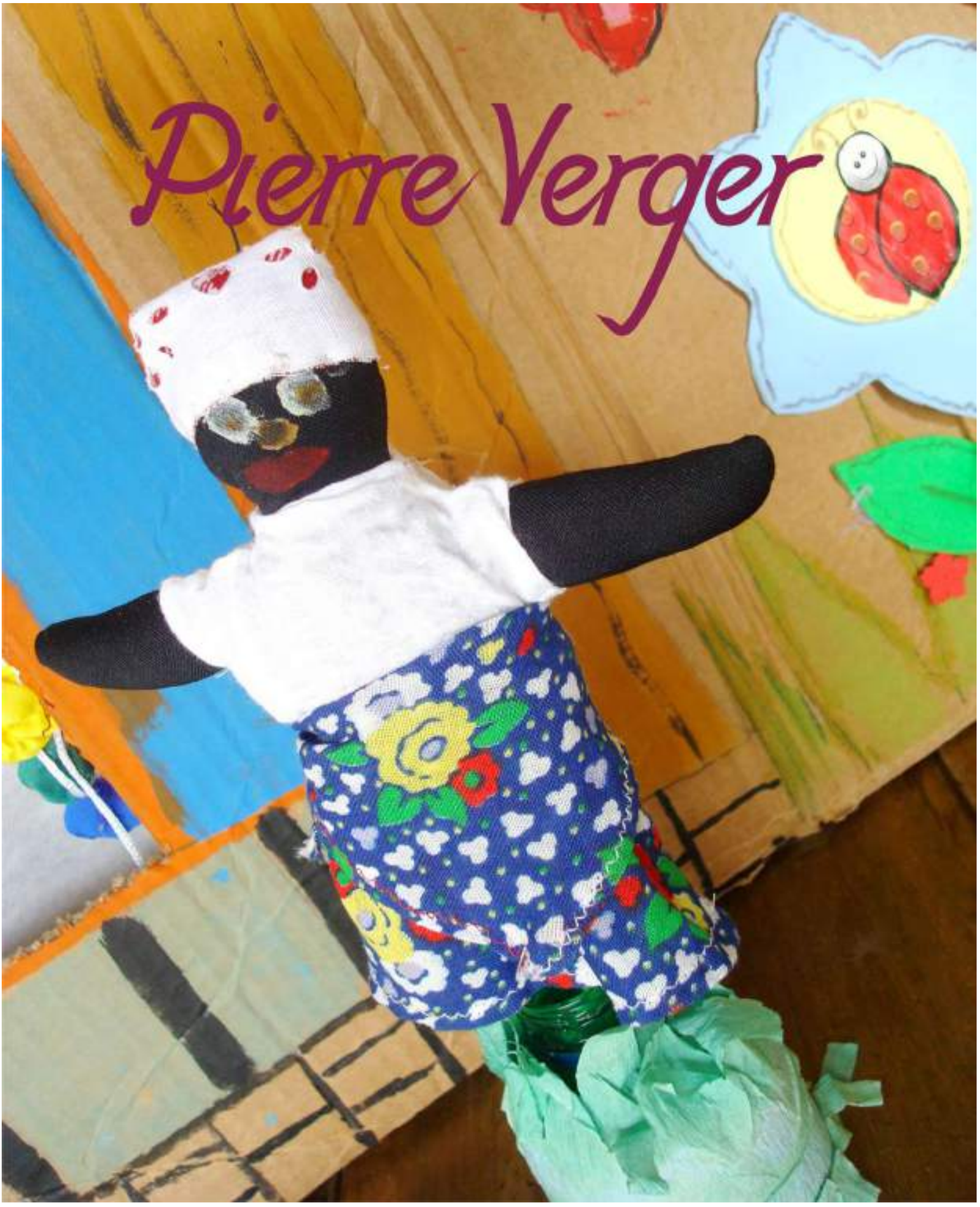
2. Ciências Exatas e Naturais e suas tecnologias

Objetivo: Reconhecer os processos de construção e reafirmação cultural através de registros e práticas culturais de um mundo significativo relacionado a Convenção da Diversidade Biológica e conhecimentos tradicionais de forma contextualizada com as experiências das diferentes formas de vida em sociedade de um mundo inter-cultural.

3. Ciências Humanas e suas tecnologias

Objetivo: Desenvolver e compreender ações para manter a preservação da identidade cultural, baseado na ética tradicional indígena e de direitos humanos com propriedades intelectual nas lutas sobre o patrimônio territorial, ambiental e cultural dos valores e da cosmo-visão Pankararu.




Pierre Verger

A Escola Municipal Maria Quitéria recebeu a parceria da Fundação Pierre Verger, que tem como objetivo a divulgação e produção de conhecimentos e a educação de cidadãos para desenvolvimento de seu sentido de pertencimento étnico racial como descendentes de africanos e de povos indígenas, capazes de interagir e garantir igualdade de direitos, valorização da sua identidade e respeito à diversidade. Pierre Verger, este mensageiro entre dois mundos – África e Brasil – nos deixou um acervo e uma casa que conta nossa história.

O Projeto Griô, na escola, surgiu da necessidade de alunos e professores conhecerem a história do povo brasileiro, enfatizando-se a participação efetiva do negro na constituição cultural, econômica e social do Brasil. Em concorde com a lei 11.645/08, a parceria com a Fundação Pierre Verger trabalha o comprometimento com a educação de negros e não negros, buscando criar situações educativas para o reconhecimento, respeito e valorização.

O trabalho realizado por Dona Cici e equipe (Dona Ana e Sandro) contribuiu de forma singular na área pedagógica da Unidade Escolar, pois acrescentou e fortaleceu as atividades inerentes à lei. Dona Cici e a equipe da Ação Griô permitiram aos estudantes se introduzirem no universo da literatura africana de forma lúdica e prazerosa, motivando-os a criar novas histórias, a procurar outras obras e a interagir com a leitura.

Gosto de ser chamada simplesmente de Cici.
Costumo dizer que tenho mais nome do que tamanho.

Sempre ouvi histórias contadas por antigas iaiás da casa de minha avó paterna, e mais tarde, nas noites estreladas dos terreiros de candomblés. Histórias de bichos que falam com gente e vice-versa, histórias de orixás e assombrações e encantamentos, coisas que me prepararam na minha juventude.

Ao trabalhar com Pierre Fatumbi Verger, meu amado pai, comecei a aprender e a me interessar pelas histórias do maior griô da nossa cultura jêje-nagô, que é Ifá para os iorubás, ou, Fá para os jêjes do Dahomé. Ao ter o meu nome somado ao Projeto Griô, vi realizado um sonho de levar um pouco da minha cultura além do Espaço Cultural Pierre Verger. O Projeto Griô caminha a passos largos pelos caminhos desta terra, dando-nos a oportunidade de integração com outros grupos regionais deste imenso Brasil. Correm "nas mesas de Brasília" mil projetos, disso e daquilo, mas eu juro ... tenho muitas idéias e espero que alguém tenha sua atenção voltada para o Projeto Griô e os Pontos de Cultura. O Projeto Griô me deu a oportunidade de conhecer outros costumes, outras culturas e outras vivências das quais eu só ouvia falar, e a grande oportunidade de contar por ai histórias de deuses, homens, bichos e mil encantamentos. O Projeto Griô fez minhas histórias criarem vida."

Dona Cici, griô de Tradição Oral

Durante as narrações, observou-se o quanto os alunos e professores sentiram-se encantados com o jeito calmo e talentoso de contar histórias de Dona Cici, que, habilidosa e experiente, envolveu a todos os ouvintes com sua surpreendente narração dos contos africanos, utilizando bonecos, aventais e painéis. A cada história contada, os alunos realizaram de forma prazerosa o reconto, com desenhos enfocando os personagens e suas qualidades dentro do contexto da história.

As histórias contadas de Dona Cici oferecem aos alunos um retrato de vida em sociedade com suas atividades diversificadas; o aprender a aprender, através das experiências de estudo e de ação. Com muito entusiasmo, suas histórias, jogos e músicas ajudam a superar a cultura do preconceito e discriminação através da afetividade e contribuem para a elevação da auto-estima e da identidade transformadora, resgatando a sabedoria do conhecimento africano.

"A partir do Projeto Ação Griô aprendi a dar mais importância à história, o encanto que ela dá nas nossas vidas e um rumo diferente também. Apreedi como juntar o mundo da criança com o mundo da tradição oral e levar o saber, que é fundamental para elas, que se encontram em um tipo de distúrbio causado pelas cenas de novelas, filmes e desenhos."

Sandro Espantalho, griô aprendiz

Nossa experiência prática dos últimos meses traz algumas questões e reflexões importantes em relação ao lugar do griô aprendiz. O perfil do griô aprendiz é de uma pessoa que deve pertencer aos dois mundos de saberes - os tradicionais e orais e os da escrita e da sistematização. Quando o aprendiz assume e abraça a sua tarefa, o Projeto de fato funciona. Mas quando há problemas com o seu perfil ou ocorre uma desistência, isso prejudica o Projeto como um todo, pois afeta a relação com os mestres e com os educadores e, por fim, as crianças. Isso fica ainda mais evidente se lembrarmos que na Ação Griô só tem um griô aprendiz.

Apesar de a escola ter entrado mais tarde no processo de colaboração, houve uma resposta muito positiva no sentido de um pleno acolhimento, inclusive com o interesse de desenvolver um material conclusivo com fins didáticos para a sua prática pedagógica. A aproximação dos professores e alunos das escolas em relação a nosso Espaço Cultural, para conhecerem o nosso trabalho, consiste na inserção de diversas linguagens e experiências na realização das diferentes oficinas de cultura afro-brasileira no currículo escolar. Acreditamos que podemos aprender mutuamente na relação entre o ambiente mais formal da escola e o nosso, que não pretende ser nem um (só formal), nem o outro (só informal ou não formal), mas simplesmente aposta na construção de outros saberes que podem ser de grande importância na ressignificação do processo de aprendizagem formal nas escolas.

"Como griô aprendiz, posso dizer que não tinha muita noção da minha ancestralidade antes de conhecer a Fundação Pierre Verger. Conhecendo a cultura afro-brasileira mais profundamente, me identifiquei. Antes eu não tinha uma visão da sua amplitude, de sua força e da ligação com a educação. Então venho aprendendo e desenvolvendo um trabalho de consciência e identidade afro-brasileira através da arte e cultura."

Sandro Espantalho, griô aprendiz

Na medida do possível, estamos sempre associando a Ação Griô a algumas das outras oficinas do Pierre Verger, como artes, capoeira, dança afro, percussão, teatro e penteado. É importante a tradição oral estar sendo trabalhada com os participantes, em geral, do Ponto. A Ação é de extrema importância para todos do Ponto, e buscamos integrá-la de forma transversal em todas as atividades e linguagens. Pelo fato de termos uma biblioteca comunitária, também ligamos oralidade, leitura e escrita, seja através da inclusão da biblioteca comunitária na realização das atividades, seja através da inclusão de novas tecnologias como a construção de um blog da capoeira, com as ladainhas criadas pelos participantes.

"Construir uma caminhada é levar a sua própria identidade e seu saber, sem impor limites de fala, porque a expressão oral ainda é uma ligação entre saber e fazer uma boa ação. A boa ação é quando assumimos que temos uma obrigação para com o melhoramento educativo e social."

Sandro Espantalho, griô aprendiz

Houve adaptações do projeto proposto em relação à realidade da ação efetivamente trabalhada, devido a questões práticas e operacionais. Os bordados propostos para expressarem as histórias em outra linguagem não funcionaram tão bem quanto esperávamos e continuamos trabalhando por muito mais tempo com desenhos em diversos suportes (papel, papelão, plástico), bem como partimos para a teatralização e a transformação das histórias em cenários a serem "operados" pelos meninos participantes da contação, que se tornaram os próprios contadores. Aliás, isso foi até uma iniciativa dos próprios meninos e nada sugerido pela coordenação ou pelo aprendiz ou mestre.

A sistematização está em processo de aprendizagem, especialmente em relação aos materiais organizados pelo aprendiz e sua transformação em um banco de dados com os nossos materiais diversos. Há um certo despreparo de todos nós, escola e Ponto, para lidarmos com novas propostas de educação, especialmente no que vai além do ensino formal.

Há também necessidade de aproximar os universos de vida e de aumentar o envolvimento da equipe com estudos relacionados às questões da nossa proposta.

Toda a coordenação do Ponto de Cultura está envolvida na temática da Ação Griô, socializando temas e discussões que ocorreram nos diversos encontros de formação e trocas de experiências com o "Grãos de Luz e Griô", assessorias, griôs aprendizes, educadores de todos os Pontos da regional. Além disso, resolvemos trabalhar durante este ano de 2008, a partir da oralidade, questões ligadas à ancestralidade de pessoas e tradições do nosso bairro. Sabemos que a história de nosso bairro é permeada pela oralidade e pelas tantas histórias que acompanham a sua constituição, como antigo bairro popular, o Engenho Velho, em situação central, mas periférico na visão das pessoas de outros substratos sociais, que não fazem parte deste mundo, que se encontra fora da visibilidade social e econômica de nossa cidade. Estamos fazendo dessa temática um exercício a ser construído em coletivo, incluindo visitas a partes mais distantes do bairro, com o levantamento de histórias e trajetórias de velhos moradores, bem como de alguns dos próprios professores do Espaço Cultural Pierre Verger, que também são
moradores do bairro.

"Como griô aprendiz dos griôs e mestres, sinto-me feliz em saber que estou fazendo algo que realmente muda a educação, política, identidade, ancestralidade e socialização dos meninos, em ver resultados diretos e saber que é conseqüência dos envolvidos na Ação, que somos nós os griôs aprendizes, griôs e mestres..."

Sandro Espantalho, griô aprendiz

Uma das questões que tornou necessária uma atenção especial foi o aspecto espiritual que envolve uma boa parte das histórias, pois em Salvador, como em diversas partes do Brasil, existem pessoas evangélicas que não aceitam o universo da religiosidade afro-brasileira. Muitas crianças reconhecem elementos deste universo afro-brasileiro religioso, enquanto outros não demonstram afinidade. Algumas crianças chamam as histórias mais ligadas ao universo de orixás de "histórias de assombração e de mistério", pela visão folclorizante tão divulgada, inclusive, na TV. Apesar de muitas crianças ligadas ao universo afro-brasileiro freqüentarem o Espaço Cultural Pierre Verger e participarem das atividades da Ação Griô nas escolas, em geral elas não assumem essa sua herança cultural em público, talvez por medo de se exporem a algum tipo de comentário. Muitas vezes, qualquer elemento que remete ao universo afro-brasileiro provoca comentários e incompreensões. Por esse motivo, buscamos o cuidado e respeito para evitar conflitos familiares ou religiosos, embora sejamos claros em relação à importância das histórias e mitos.

Os temas abordados pelas histórias e mitos estão sendo transformados em outras ações pedagógicas do currículo, alimentando não somente a temática afro-brasileira de uma forma geral. As escolas reconhecem a Ação Griô e a parceria com a Fundação Pierre Verger como algo que contribui para o desenvolvimento de temas concretos, ações específicas, reflexões e atitudes. Especialmente os professores da Escola Maria Quitéria estão vivendo o encantamento da Ação griô e expressam isso no seu relatório e no dia-a-dia das ações na escola, o que leva também a uma nova valorização de tradições e trajetórias até então não percebidas e vivenciadas com tanta clareza pelos professores.

A partir da Ação Griô, a mestra e a griô têm alcançado lugares de visibilidade e destaque na comunidade, tendo recebido constantemente convites para participação em rodas de contação, atividades especiais em escolas ou eventos comunitários, fortalecendo a Ação como algo que está integrado à nossa comunidade também.

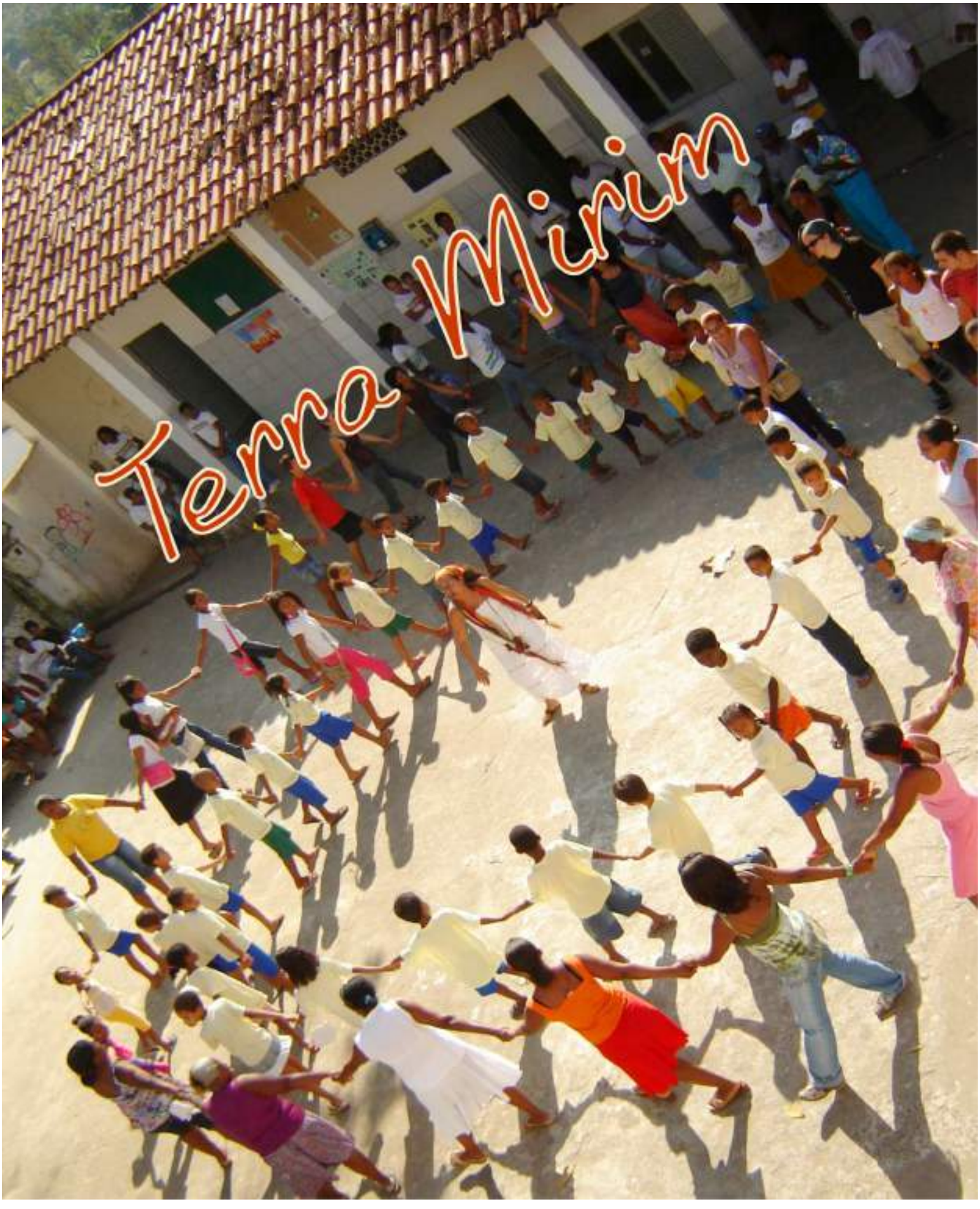
Para fechar este texto, fiquemos com a sabedoria expressa pelas histórias de *OBATALÁ E NANÃ - nossa origem, nossos pais ancestrais*. Nas palavras de Cici:

> Obatalá representa a criação e a paz com a qual a nossa entidade trabalha, realizando o seu trabalho de integração da comunidade com o Espaço Cultural dentro do princípio da calma e do entendimento mútuo. Nanã, que forma com Obatalá o primeiro casal mítico, representa para o Espaço Cultural e a Fundação Pierre Verger o trabalho na área de artes, nas oficinas diversas que aqui existem, e o cuidado com todos que fazem parte da grande família que é a nossa entidade, já que trabalhamos em conjunto. Nanã é a origem do ser humano, primeira artesã, e a patrona de todos os trabalhos manuais e nossa mãe ancestral.

Autoria do texto de Angela Lühning, Diretora da Fundação Pierre Verger, e Alda Conceição Barbosa Neves, diretora da Escola Municipal Maria Quitéria, com a participação da Mestra Dona Cici e do griô aprendiz Sandro Espantalho

Fundação Pierre Verger - Salvador - BA

Representante Institucional: Gilberto Pedreira de Freitas Sá
Griô aprendiz: Sandro Felix
Escola: Escola Municipal Maria Quitéria
Educadora: Angela Elisabeth Lühning
Griôs e mestres envolvidos na ação: Ana Lúcia Cândida da Silva Santos (Dona Ana), Nancy de Souza e Silva (Dona Cici)


Terra Mirim

Este foi o primeiro trabalho que ocorreu na escola. Nunca tinha ocorrido algo assim envolvendo anciãos. Conseguimos trazer a família para a escola. Os mais velhos trouxeram a história de vida, da comunidade. Nós aprendemos e os estudantes também. O mais importante foi a integração, a parceria dos mais velhos com a escola. Antes do encontro em Lençóis eu não sabia que existia este trabalho. Para mim, foi uma descoberta. Ficou tudo mais claro e eu pude divulgar para os professores. Hoje, eu entendo mais a comunidade, por causa do trabalho da Ação Griô e da Fundação Terra Mirim.

Descobri a história de Palmares. Espero que este trabalho continue...

Professora Helena Sousa, Coordenadora Pedagógica da Escola Municipal Maria Amélia.

A Fundação Terra Mirim (FTM) iniciou o contato com o grupo de anciãos que guardam a memória da festa Queimada da Palhinha - Dona Pina, Dona Sartíria, Seu Manoel, Seu Nilo e Seu Joaquim - em 2003, através de uma pesquisa em história oral dentro do Projeto Águas Puras I, com o apoio do Ministério do Meio Ambiente. A parceria entre os artistas-devotos com Terra Mirim tem dado bonitos frutos, uma relação de vizinhança e confiança já bem enraizada. As atividades realizadas durante a Ação Griô foram: visitas à Escola Maria Amélia; conversas com os professores; ensaios do Grupo Queimada da Palhinha no quintal de Dona Pina; apresentações da Queimada da Palhinha em eventos da região; encontro pedagógico na Escola Maria Amélia para apresentação da Ação Griô e planejamento do 2º. Semestre; visita da Coordenação Nacional da Ação Griô, almoço festivo no quintal de Dona Pina; cortejos para a escola Maria Amélia; visita da Profa. Helena à FTM para reunião de planejamento.

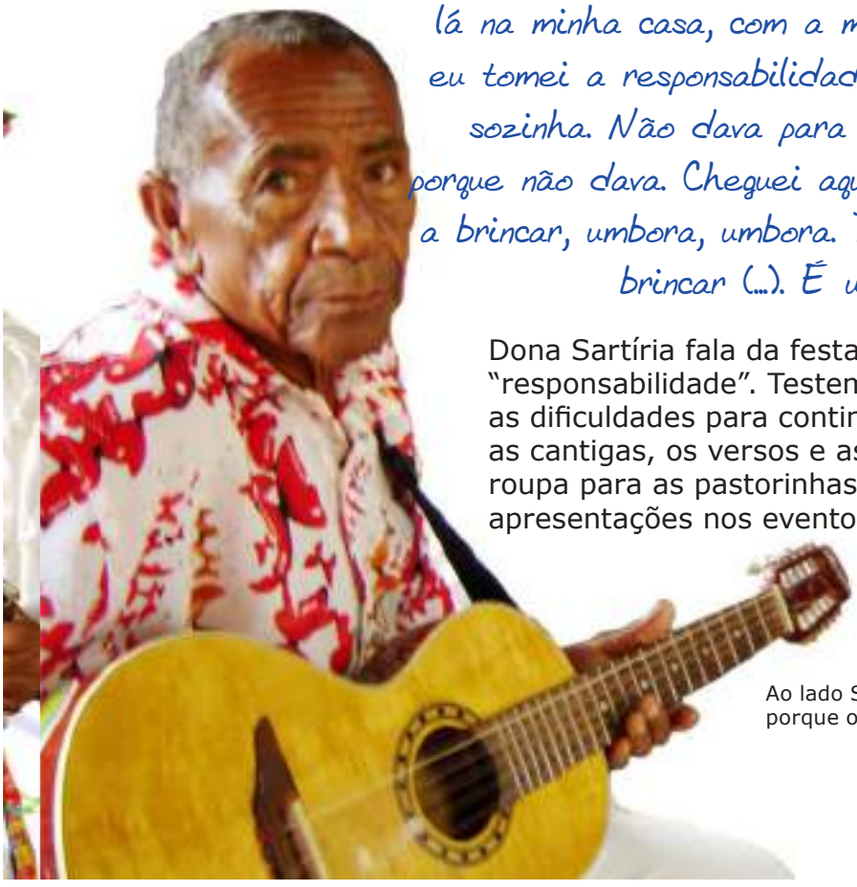
Mapeamento Cultural

O trabalho já iniciado desdobrou-se em uma pesquisa maior, o Mapeamento Cultural de Simões Filho, realizada voluntariamente por profissionais da FTM entre 2003 e 2006. Registramos alguns bens culturais do município: Queimada da Palhinha, Fonte Nossa Senhora da Guia, Festa de São Gonçalo, Parteiras, Festa dos Pescadores de Mapele, Saturnino Repentista, Festa de Oxum, Festa de São Miguel, Festa de Santa Luzia, Ruína da Igreja São Miguel de Cotegipe. No total, realizamos 31 entrevistas, fizemos 400 fotografias e gravação de 20 horas de vídeo.

Percebemos um processo de desvitalização da festa Queimada da Palhinha. Encontramos as mais velhas já cansadas, desmotivadas diante de tantos elementos modernos que transformaram a ética de reciprocidade e solidariedade desta comunidade centenária. Sobre a Queimada da Palhinha, Dona Sartíria informou em junho de 2002:

Essa é uma coisa que vem desde o princípio, como eu lhe falei, né? Desde o princípio (...) eu já conheço essa brincadeira, era uma brincadeira muito bonita, (...) já armei aqui mesmo na minha casa, já armei lapinha. Depois de Pina, já voltou lá para casa dela. Eu morava em Camaçari, festejava lá na minha casa, com a minha sogra. A minha sogra faleceu, eu tomei a responsabilidade. Aí depois abandonei tudo, fiquei sozinha. Não dava para eu enfrentar sozinha. Abandonei porque não dava. Cheguei aqui. Aí Pina chegou. Começou a armar, a brincar, umbora, umbora. Todo ano ela arma e aí a gente vai brincar (...). É uma festa daqui mesmo.

Dona Sartíria fala da festa como "brincadeira", mas também como "responsabilidade". Testemunha a sua antigüidade na região e as dificuldades para continuar com o ritual. Foram registradas as cantigas, os versos e as danças dessa tradição. Fizemos roupa para as pastorinhas e tocadores. O grupo começou a fazer apresentações nos eventos da região.



Ao lado Seu Saturnino com sua viola. Ele não podia mais tocar porque o filho vendeu sua viola para comprar uma bicicleta.

A Fonte de Nossa Senhora da Guia

Depoimento de Seu Manoel Lopes em janeiro de 2003:

"Ave Maria, a água era uma prata? Essa fonte é um minador que não pára mesmo, é um minador forte, medonho. Ainda hoje a Fonte da Guia existe, não acabou não. Chama assim porque diz que apareceu uma santa nessa fonte, que era Nossa Senhora da Guia. Tinha um negócio, um barro embaixo quando lavava a fonte. O pessoal tirava um barro que tava lá e dizia que era a 'relique' (relíquia) e aquilo usava em casa. 'Demovia' assim na água pra quando sentisse alguma dor. Eu mesmo acreditava, bebi muitas vezes na Guia. Por diversas vezes a velha minha mãe me dava quando eu estava com dor de barriga... Qualquer dorzinha que a gente sentia, dizia: 'Pega a relique aí menino...' ".

Outro tema bastante conversado no mapeamento cultural que antecedeu a Ação Griô está relacionado com os valores e crenças de Terra Mirim: a descoberta da Fonte da Guia. A fonte é um bem cultural e ambiental dessa região, inspirador de mitos e lendas que fazem parte do imaginário da população local. É uma nascente e, pela Legislação Ambiental Federal, Lei 6.569 e Decreto 6.785, é uma APP - Área de Preservação Permanente. A exploração desmedida da argila por pouco não fez desaparecer este importante local...

O Ambiental Terra Mirim vem tomando medidas para preservar a Fonte da Guia. São realizados mutirões de limpeza e preservação. Já foram plantadas cerca de 300 mudas de espécies nativas da Mata Atlântica. Esse cuidado é um dos temas do Curso de Direito Ambiental Comunitário e faz parte da agenda socioambiental do Vale, elaborada com lideranças da região.

Uma fonte de água pura, cheia de força mítica, água sagrada. Mas por que será que o povo do Vale não usa mais a "relique"?

"Porque o povo de hoje não tem fé e antigamente tinha. A gente antes tinha fé e hoje muitos não conhecem a história da Fonte da Guia. A minha mãe 'demolvia' a 'relíque' na água e dava pra gente beber pra dor de barriga passar."

Manoel Lopes, griô e mestre

"Houve uma grande descaracterização em relação à Fonte, e, conseqüentemente, à matéria prima, argila, mãe terra. O sagrado torna-se profano pela incrível relação do ser humano com o sistema que o atordoa, mas, ao mesmo tempo, o fascina. O cheiro das ervas e da natureza é substituído pelo cheiro do medicamento pronto, restando apenas um doce e teimoso imaginário a lembrar que algum dia...em algum lugar..."

Xamã Alba Maria, griô e mestra

"Porque ninguém acredita mais. A modernagem de hoje não acredita mais nisso. Mudou, não ligam mais pra essas coisas. Tinha a 'relique' também na Fonte das Candeias. O povo até vendia pros romeiro. Cansei de comprar. Antes a gente acreditava nessas coisa, as coisa da natureza. Meu cumpadre Zequinha tinha uma dor de cabeça braba. A esposa dele, Nastácia, me chamou um dia pra acudi. Eu fui rezar a cabeça dele com galho de folha de guiné. Cruzei uma na frente e uma atrás. Falei minhas palavras que eu não digo pra ninguém, e nunca mais a cabeça de Zequinha doeu..."

Dona Sartíria, griô e mestra

Queimada da Palhinha na Ação Griô

Depois de a gente buscar, por alguns caminhos, aprovar projetos que apoiassem a Queimada da Palhinha, escrevemos o projeto para a Ação Griô Nacional. O projeto pedagógico tem como propósito levar conhecimentos orais desta festa para a Escola Maria Amélia e fortalecer este grupo de artistas-devotos do Senhor Deus Menino. Quando saiu o resultado do edital, a Fundação Terra Mirim estava entre os 50 Pontos de Cultura do Brasil que fariam parte dessa experiência pioneira.

Foi um momento histórico dizer para anciãos esquecidos no interior deste país que o governo do Brasil, através do Minc, estava reconhecendo o valor dos seus saberes e oferecendo recursos públicos para que partilhem o que sabem, o que são. Versos e canções foram entoados em homenagem a Gilberto Gil e Célio Turino.

No momento em que entrei na escola, minha cabeça estava bem formal. Então preparei material didático para os professores. Foi bom, mas depois percebi que os caminhos podiam ser outros também. A gente sabia dos objetivos da escola, mas foi uma grata surpresa ver a possibilidade de realizar tudo o que foi planejado de maneira cortejante, brincante, ritualizando, fazendo cortejos e caminhadas, como propõe a Pedagogia Griô. O contato com Márcio Griô e Eniéle abriu muito esse caminho. Troquei muitos e-mails nessa época com eles para que me ajudassem a compor o lugar do griô aprendiz e a vivência em sala de aula. Passamos a cuidar da curva da vivência. Cuidamos da roda e do pedido de bênção aos mais velhos. Nosso instrumento sagrado, que passa de mão em mão na hora da bênção, é o cajado da Véia Caduca, um personagem cômico da Queimada da Palhinha. O cortejo chama atenção quando passa pelas ruas da comunidade. Nas rodas sempre vão visitantes e hóspedes estrangeiros de Terra Mirim. E é muito incrível essa riqueza, uma troca linda, a roda com tanta gente diferente, de culturas diferentes, junto com as crianças da escola. Uma visitante fez uma bonita doação: fiapo, um dos netos da casa, tem Seu Nilo como mestre e queria aprender a tocar pandeiro, mas não tínhamos como comprar o pandeiro. Naquele momento a gente estava juntando dinheiro para fazer as roupas novas do ritual. Aí a visitante, Amélia, doou o pandeiro para Fiapo. Ele agora é aprendiz do Mestre Nilo. A gente entra na escola, faz a roda, pede a bênção. Todos já conhecem este momento. Os mais novos pedem a bênção aos mais velhos. De 15 em 15 dias temos reunião no quintal de Dona Pina e escolhemos as cantorias que vão acontecer na escola...

Caminhada Griô Queimada da Palhinha na Escola Maria Amélia

Guia:
1) Bênção na Casa de Dona Pina
2) Cortejo Cantante até a Escola
3) Versos de Chegança:

Convidamos a meninada
Pra fazer uma grande roda
Meu amado, minha amada
Vamos cantar uma moda

Vou agora lhes contar
Os passos que a gente já deu
As flores que vimos brotar
No jardim do Menino Deus

Esta festa já faz muitos anos
É a Queimada da Palhinha
É dança, é verso, é canto
Em frente a uma lapinha

Quando a noite já vai bem escura
E as pastoras com fé já cantaram
Os homens no meio da rua
A roda de palha preparam

Com o povo dançando ao redor
A palha o fogo recebe
É luz, perfume, é calor
Momento que nunca se esquece

Salve Escola Maria Amélia
Viemos aqui pra mostrar
Brincadeira é coisa séria
A riqueza popular

Terra Mirim fez pesquisa
Das coisas tradicionais
Divulga, protege e registra
Os nossos saberes orais

Quem está presente aqui
É a Queimada da Palhinha
As meninas que estão ali
São umas das pastorinhas

Dona Sartíria e Dona Pina
São as donas desta festa
Preservam a nossa cultura
Palmares todinha atesta

De pandeiro tem tocador
Seu Nilo, Seu Joaquim
Tocam com tanto amor
Um amor que não tem fim

A memória de Seu Manoel
Sabe histórias do lugar
Pra ele tiro o chapéu
E sento pra escutar

Viva o saber dos antigos
Meus avós vêm me ensinar
Canta e dança comigo
Pra eu aprender a amar

Essa é a nossa cultura
O nosso bem popular
Tão linda, beleza pura
Então vamos se encantar?

4) Bênção
5) Cantiga: *Entremos por essa sala*... (As pastorinhas tiram seus versos)
6) Roda Redonda bem juntinho com uma cantiga de reverência
7) Sentar para ouvir história. Uma história por sala.
8) Cantiga de saída: Adeus, adeus. Adeus (As pastorinhas tiram seus versos)
9) Saída em Cortejo Cantante

Busquei fazer a ponte entre a Escola Maria Amélia e o grupo de tradição oral da Queimada da Palhinha. A experiência que tenho de 10 anos de trabalho comunitário ajudou na construção de uma boa comunicação com os anciãos. Os cortejos até a escola são mensais e a conquista dos professores acontece passo a passo.

Dois professores ficaram mais parceiros da Ação Griô da FTM: o Prof. José Feliciano Alves, de artes, e a Profa. Célia Passos, de Língua Portuguesa. Prof. Feliciano trabalhou com cantigas e versos da festa, fazendo até um jogral com os versos da Queimada da Palhinha:

1ª. Atividade de Artes

Fundação Terra Mirim
Ação Griô Nacional – Ministério da Cultura
Cantiga da Queimada da Palhinha
Disciplina: Artes

Cantiga de entrada da Queimada da Palhinha

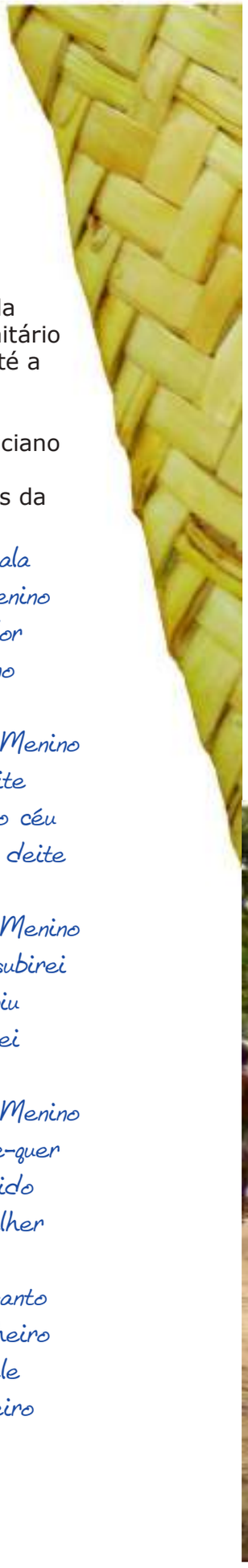
Entremos por esta sala
Pra louvar a Deus Menino
Ainda que nasceu flor
É sina de ouro fino

Meu Senhor meu Deus Menino
Tão alvinho como leite
Me guarde um lugar no céu
Onde a minha alma se deite

Meu Senhor meu Deus Menino
Me dê a mão que eu subirei
Todo mundo já subiu
Só eu embaixo fiquei

Meu Senhor meu Deus Menino
Minha flor de bem-me-quer
Me dê um bom marido
Que eu serei boa mulher

Deus menino já foi santo
Hoje em dia é marinheiro
Quero viajar com ele
Lá pro Rio de Janeiro



Quando o cortejo entrou na escola, havia uma grande ansiedade dos meninos em mostrar o jogral que haviam ensaiado na aula do Prof. Feliciano. Durante a vivência, várias estudantes foram para a roda e "tiraram" os versos que haviam aprendido. No final o jogral se apresentou com muita força e beleza! A Profa. Célia trabalhou com leitura e compreensão de textos sobre a festa, aplicou exercícios e redação.

Outra parceira foi a Profa. Ivone Leite, da disciplina História, que, de maneira silenciosa, divulgou este trabalho, fazendo 8 cópias do DVD do Mapeamento Cultural da FTM, que distribuiu a colegas, dizendo assim:

– De Simões Filho para Simões Filho.

Algumas palavras da Profa. Eliana Tranqüilino, atual diretora da Escola Municipal Maria Amélia:

"A parceria com o projeto Ação Griô da Fundação Terra Mirim foi muito válida dentro da nossa unidade escolar. Nossos alunos tiveram oportunidade de conhecer melhor sua cultura. A integração entre educandos e educadores foi muito interessante também. Cada educador, dentro da sua disciplina, criou metodologias diferentes para apresentar os conteúdos do trabalho."

O que mudou?

Chegou um momento do trabalho em que a gente se perguntou: Afinal, o que a gente quer mudar com a Ação Griô na Escola Maria Amélia? E foi maravilhoso descobrir que não queríamos mudar nada...

Percebi que o único propósito pulsante desta Ação era entrar na escola em cortejo, cantando, dançando, vivendo a cultura local. Foram muitas as coisas difíceis no caminho: a escola em condições físicas precárias, o muro da frente caído, as salas sem portas. Não se podia sentar no chão, pois era grande a sujeira e uma funcionária só não podia dar conta de tudo. Era alto o índice de agressividade entre os estudantes...

Mas o cortejo dos griôs da Queimada da Palhinha foi além dos impedimentos e abriu a dimensão da festa, da arte, da brincadeira, da transcendência que educa dentro da sala de aula, como uma corrente d'água que contorna as barreiras e segue o seu curso. As transformações que vieram deste trabalho, o respeito pelos mais velhos, o conhecimento sobre a história do seu lugar, o fortalecimento do cidadão, a afirmação da alegria aconteceram espontaneamente. Algumas transformações ainda estão invisíveis e só darão frutos mais tarde. Isso me faz lembrar uma frase de Alba Maria, mestre e xamã, que diz: *"faça sem fazer e tudo será feito..."*

Iniciamos a sistematização de toda esta experiência durante o processo, sendo feitos registros em foto, vídeo e arquivados todos os materiais produzidos. A infra-estrutura administrativa da FTM é disponibilizada para as necessidades da Ação Griô.

Histórias da vida de uma griô aprendiz – Waira

As vivências na Ação Griô reafirmam de maneira ardente o propósito de vida e o universo subjetivo, mítico e ancestral que já acesso na minha caminhada de vida.

Resido a doze anos na comunidade xamânica da FTM, vivenciando rituais com os quatro elementos da natureza, iniciações em fogueiras, matas, grutas e montanhas com a Xamã Alba Maria, em Viagens Iniciáticas por caminhos sagrados do Planeta.

Na trajetória artística que trilhei, tenho experiências no teatro como atriz e roteirista. Como escritora e poeta, já publiquei dois livros: *Um Conto de Bruxa* e a coletânea *Mãos Femininas Tecendo a Letra,* em conjunto com mais 3 poetas da FTM. Na minha herança, trago o amor pela música e pela dança. Sou filha de uma griô pianista, Dona Celice. Todo este capital simbólico facilita o contato com o encantamento, o que se reflete na construção da minha caminhada. Os conteúdos trabalhados na Ação Griô fazem parte também da pesquisa que estou realizando na Universidade Federal da Bahia, sob o título "A Queimada da Palhinha do Vale do Rio Itamboatá – A permanência de uma prática do Catolicismo Popular Rural na Região Metropolitana de Salvador".
A pesquisa busca perceber a relação entre essa prática do catolicismo popular rural e o mundo capitalizado e urbanizado.
A dissertação vai refletir sobre a Ação Griô Nacional como uma política pública que colabora para a permanência e a valorização dos saberes tradicionais do Brasil. Acredita que fazer parte da Ação Griô e ao mesmo tempo desenvolver uma pesquisa na Universidade sobre temas como cultura popular, mito e festa, é como juntar metades separadas. Representa um grande presente para mim.

Quando me perguntaram sobre o que mais me tocou em todo este trabalho, respondi rapidamente: o que me encanta é a poética da Queimada da Palhinha. Os versos e as cantigas me emocionam muito...

Já realizei inúmeros trabalhos na FTM em diversas frentes da instituição. Fiz parte durante oito anos da superintendência como Gerente de Arte e Cultura. Nesse período, coordenei eventos, projetos sociais e pesquisas que estavam sempre relacionados com os saberes tradicionais da região. Conheço o grupo da Queimada da Palhinha há 5 anos. Usando a metodologia da História Oral, fiz entrevistas com eles, para o Mapeamento Cultural. Durante esses trabalhos, me iniciei nos saberes orais da Queimada da Palhinha e nasceu em mim uma reverência e um grande amor por cada um deles.

Conheci os trabalhos de outros griôs aprendizes e o contato com essa gente bonita, feliz, aberta, deu um contexto para o meu trabalho. Nos contatos com Márcio, Líllian, Cláudia e Vanda percebi que o convite da Ação Griô Nacional é a vivência da ancestralidade, da transcendência em sala de aula, a inclusão do sagrado (não o religioso) no currículo. A sala de aula passa a ser vista como um espaço também de vivência da transcendência de cada um... Uau!!! Eu vibro muito com isso. Eu acredito nisso. Não sei se eu sei fazer isso, mas a gente vai fazendo até saber.

Creio que cada pessoa é uma multidão. Temos muitas faces, e minha face griô aprendiz é uma que eu amo muito, o eu mais alegre que sou.

Caixinha ou bolsa griô?

A bolsa trabalho veio em boa hora. Dona Sartíria precisava mesmo comprar uma geladeira. Dona Pina queria construir um barracão maior para a festa. Fomos até a Caixa Econômica Federal de Simões Filho para abrir as contas correntes. Foi um belo encontro da tradição com a modernidade. Lá pelas tantas, a funcionária do banco perguntou:

– Dona Crispina, seu estado civil?
– Meu o quê?
– A senhora é casada ou solteira?
Dona Pina baixou a cabeça, um risinho envergonhado:
– Tive 13 filho, mas nunca me casei não senhora...
– Seu Manoel, o senhor esqueceu de trazer o recibo da conta de luz, o original.
Silêncio. Um silêncio pensativo.
– O senhor entendeu, Seu Manoel? É necessário trazer o original da conta de luz. Ele então respondeu:
– Eu digo pra senhora, pode acreditar, não deixo de pagar a luz nenhum mês. A primeira coisa que faço é pedir pra minha neta pagar a conta de luz, tá tudo pago. IPTU a mesma coisa. Recebi até uma carta de parabéns do IPTU...

Os mestres griôs decidiram fazer uma caixinha doando um valor todo mês para partilhar com todos e suprir as necessidades do grupo. Essa prática de partilhar o que se tem com o grupo do qual se faz parte pode ser encontrada na história de solidariedade dos grupos negros, que, coletivamente, conseguiam comprar as alforrias dos seus irmãos ainda cativos. Parece que essa ética permanece viva.

Essa caixinha rendeu importantes frutos: partilha financeira com os integrantes do grupo; confecção de roupas novas; auxílio para a preparação da festa de janeiro de 2008; contribuição para a construção do novo barracão.

Mais ou menos no mês de agosto, Dona Pina me falou:

– *Uara, você não sabe...*
– *O que, Dona Pina? Me conte.*
Ela então abriu um largo sorriso:
– *Comprei um DDD!!!*
– *Ah... Um o quê?*
– *Um DDD!*

Encontros da Ação Griô e as marcas nos corpos dos griôs

O Encontro Regional aconteceu em Lençóis, Bahia, em agosto de 2007. A Profa. Helena ficou encantada com a proposta pedagógica da Ação Griô. Esteve aberta às novidades e refletiu sobre a sua ancestralidade. Dona Sartíria foi acolhida como uma pessoa de sabedoria, e as experiências que viveu fortaleceram a sua auto-estima. Encontrar representantes de outros Pontos de Cultura, conhecer os Mestres Dona Cici e Seu Zé Pedreira inspirou em Alba e em mim também muito respeito e reverência.

O segundo encontro foi durante a Teia, em Belo Horizonte, Minas Gerais, em novembro. Andar de avião era o sonho de Dona Sartíria. Ela sentou na janelinha prestando atenção a tudo. Quando chegamos a BH, ela disse, espantada: "Olhe, lá em baixo, um carrinho andando!", e caiu na risada.

O Ministro Gilberto Gil falou sobre a mudança de paradigma que estamos vivendo, a horizontalidade das relações, o diálogo entre diferentes, entre o individual e o coletivo. No final, ele cantou uma canção. O povo foi ao delírio!

Na avaliação da Ação Griô, o grupo não tinha um espaço adequado para estar em roda e fomos trabalhar sentados em fila, um vendo o outro pelas costas. Aí, quando a mesa se formou com a Coordenação Nacional e os griôs aprendizes regionais, os mestres griôs pediram para falar, palavras muito singelas e cheias de significado. Um dos griôs, na sua simplicidade, disse que um dia ele queria sentar também na mesa... Então, para ficarmos todos iguais, toda a mesa desceu e no espaço apertado na frente do auditório formamos enfim um círculo, redondo como a Terra, nos abraçamos e nos embalamos. A fala ficou livre. Cada um falou o que quis. Subiu uma eletricidade pelas minhas pernas. O meu corpo tremeu e chorou muito. Vivi aquilo que sempre escuto na Ação Griô sobre as experiências que marcam o corpo... Eu sinto isso. Somos tão diferentes, mas todos iguais. Lá, naquela roda de cura, eu disse uma poesia que fala sobre superação de diferenças:

"Eu tenho um guarda-roupa que se chama eu, nele há só armaduras; você tem um guarda-
roupa que se chama você, nele há só armaduras. Quando eu abro o seu guarda-roupa com amor só encontro estrelas nuas. Aberto o meu com idêntico cuidado você só encontra nuvens. Nós temos um guarda-roupa ou um céu estrelado?"

Dona Sartíria recebeu quilos e mais quilos de carinho. Pessoas de todo os lugares do Brasil vinham reverenciá-la, pedir a bênção. A sua apresentação no palco foi um sucesso Ela mostrou a sua força. Se apresentou sozinha. Falou da Queimada da Palhinha e da Fundação Terra Mirim.
Fomos à famosa feira de BH, enorme, cheia de artesanato, e encontramos uma imagem linda do Senhor Deus Menino! Trouxemos para a lapinha da casa de Dona Pina. Dona Sartíria ficou besta com o tamanho dos prédios em Belo Horizonte:

"Não moro num bicho desse nem..."

Os Saberes Xamânicos de Terra Mirim

a história de vida de uma griô

Alba Maria é uma xamã na contemporaneidade. Não nasceu no berço de qualquer tradição milenar, mas nas dinâmicas da cultura tradicional popular do nordeste brasileiro, em um mosaico de influências. A FTM salvaguarda o saber desta xamã, curadora griô de tradição oral.

Os saberes da xamã Alba Maria estão fundamentados na força dos quatro elementos da natureza: a Terra, da Água, do Fogo e do Ar - e nos seus atributos de regeneração e cura. O fundamento mítico que dá suporte à sua prática é o mito vivo da Deusa Mãe, a Mãe Terra curadora e nutridora, força que remete aos aspectos femininos da existência. Seus instrumentos de cura são os cantos, o tambor, as ervas, os rituais com os quatro elementos da natureza, os aromas, os campos de meditação e a sua clara intuição.

Esses saberes, que re-conectam ser humano e natureza, propõem práticas de cura através dos quatro elementos e um cotidiano simples e criativo. São partilhados pela Xamã em Círculos de Partilha, um rito com uma força que projeta os participantes em uma dimensão transcendente. A comunidade em roda dialoga com Alba Maria sobre diferentes aspectos da vida.

Neta de avó materna índia e avó paterna negra, Alba Maria é herdeira direta destas anciãs nordestinas nas práticas de cura com as ervas sagradas. Na infância, Alba Maria adoeceu gravemente e passou a viver reclusa, em contato com os seus mundos interiores. Essa doença foi o seu primeiro contato com as dimensões transcendentes da existência, quando aprendeu o caminho entre as realidades visíveis e invisíveis. Aos sete anos, foi curada numa fogueira de São João em um ritual conduzido por um mestre da sabedoria tradicional. O seu "dom espiritual" manifestou-se desde então. Viveu experiências e desafios que ligaram a sua alma com a alma do mundo e a legitimaram no caminho do êxtase e da cura. Já madura, atendeu ao chamado e assumiu o compromisso com a realidade simbólica-espiritual que a conecta com todas as coisas.

Alagoana de nascimento e baiana de coração, Alba Maria é uma líder comunitária. Há 19 anos fundou a comunidade residencial Terra Mirim, na Bahia, onde vive e se dedica ao atendimento de pessoas e grupos e manifesta a liderança do feminino primitivo conectado com os ciclos da Terra. Auxilia pessoas que lhe apresentam chagas do corpo e da alma, males provocados pelas contradições da cultura globalizante orientada para a competição no lugar da cooperação, para o ter no lugar do ser, para a dessacralização do mundo no lugar da reverência às coisas sagradas. Orienta o retorno das pessoas à natureza.

"A Ação Griô se apresenta para mim como uma grande possibilidade de tocar minhas raízes e fortalecer os ensinamentos dos meus ancestrais. Para, mim é uma possibilidade imensa de falar sobre o que acredito, sem pudores ou meias palavras. Falar da Deusa Mãe, do xamanismo matriarcal, origem da vida e o acolher da morte. Sinto-me muito feliz em partilhar alguns ensinamentos com os jovens e aprender com os mais velhos, griôs de coração aberto, mistérios que só o Tempo pode ofertar."

Alba Maria

Aprendizagens da griô aprendiz sobre a

FESTA QUEIMADA DA PALHINHA

A festa reúne pessoas em um barracão no quintal da casa de Dona Pina. Dona Satíria é a anciã que comanda a festa. O ritual acontece diante de uma lapinha enfeitada e iluminada e no centro a imagem do Senhor Deus Menino, ao redor outras personagens do presépio, além de velas, frutas, flores, bonecas, luzes pisca-pisca, folhas da árvore São Gonçalinho e arcos de folha do dendezeiro. Enquanto os homens tocam violão, pandeiro, triângulo e atabaque, as mulheres pastoras cantam, dançam e dizem versos. As duas pastoras mais velhas se vestem de branco e tocam pandeiros.

Janeiro de 2004. No barracão, as donas da festa já estão bem animadas. Dona Sartíria passou incenso no altar e no povo presente. Os tocadores se juntaram num canto e afinaram os instrumentos. As pastoras se arrumaram em duas filas e começaram os cantos e danças. Dona Sartíria puxava os cânticos em louvor ao nascimento de Deus e as outras mulheres batiam palmas.

Oh, meu Senhor Deus Menino
Deus lhe dê boa noite
Com despedida de festa
Com entrada de bom ano

Os instrumentos acompanhavam as vozes das pastoras. Lá para as dez da noite, abriu-se a roda de samba, samba chula, característico do recôncavo:

Eu vim aqui foi pra vadiá,
Eu vim aqui foi pra vadia
Só pra vadiar
Só pra vadiar

Dona Sartíria entrou na roda de samba girando a saia e as mulheres se sucederam no meio. Depois de alguns sambas era hora de voltar aos louvores ao Senhor Deus Menino e Dona Pina falou alto:

– *Abre a roda meu povo. Quem vai baiá, quem vai baiá?*

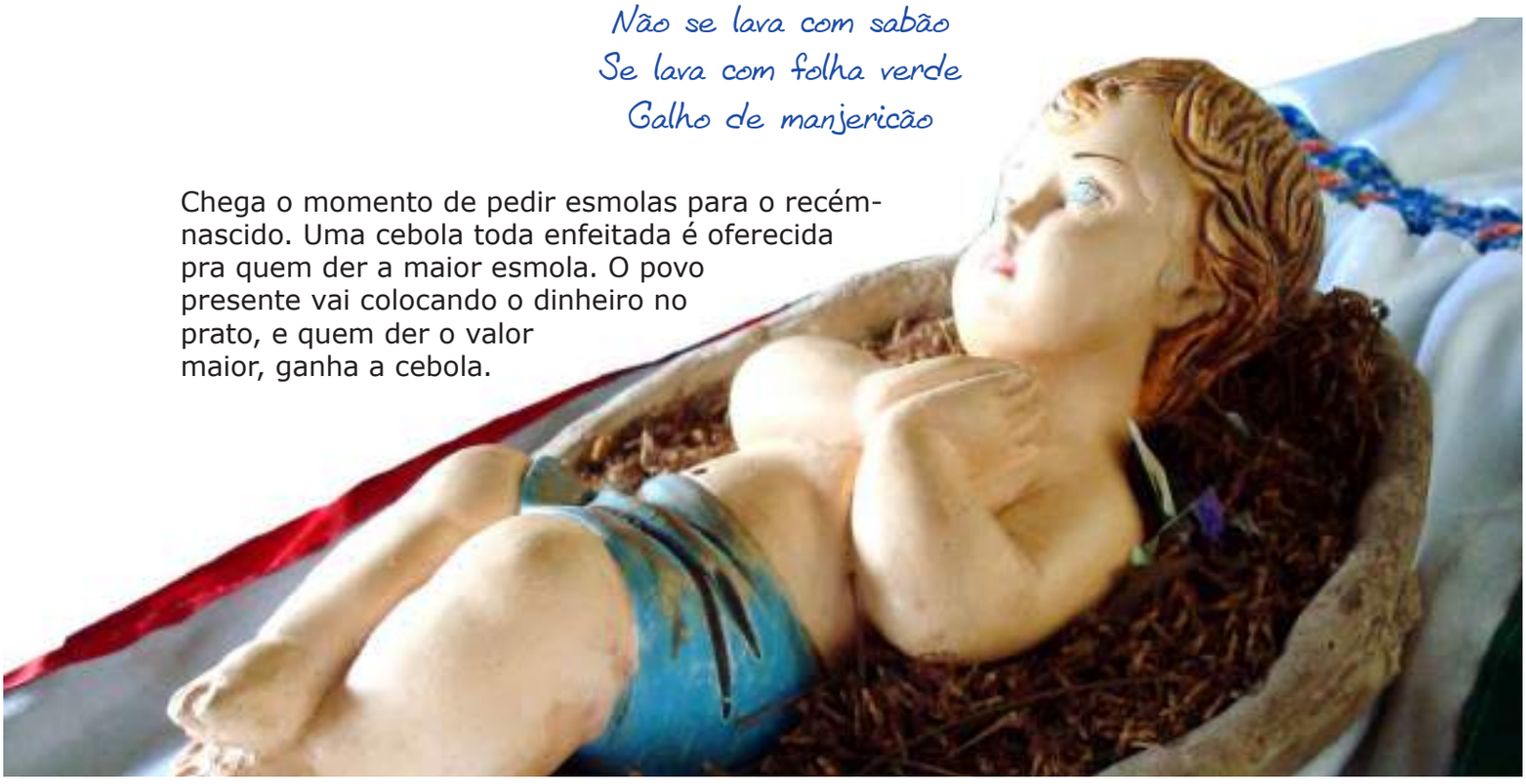
Na "hora da reza", momento de extrema reverência à Virgem Maria, todas as pastorinhas se ajoelham diante da lapinha:

Encrontei com a Senhora
encrontei com a Senhora
Na beira do rio...

As pastorinhas vez em quando gritam versos para o recém-nascido:

A roupa de Deus Menino
Não se lava com sabão
Se lava com folha verde
Galho de manjericão

Chega o momento de pedir esmolas para o recém-nascido. Uma cebola toda enfeitada é oferecida pra quem der a maior esmola. O povo presente vai colocando o dinheiro no prato, e quem der o valor maior, ganha a cebola.



A Véia Caduca representa um momento cômico do ritual. Ela entra na roda e as pastorinhas perguntam cantando:

A Véia Caduca que vem fazer cá?
Empatando as pastoras que aqui vem baiá

E a Véia então canta respondendo:

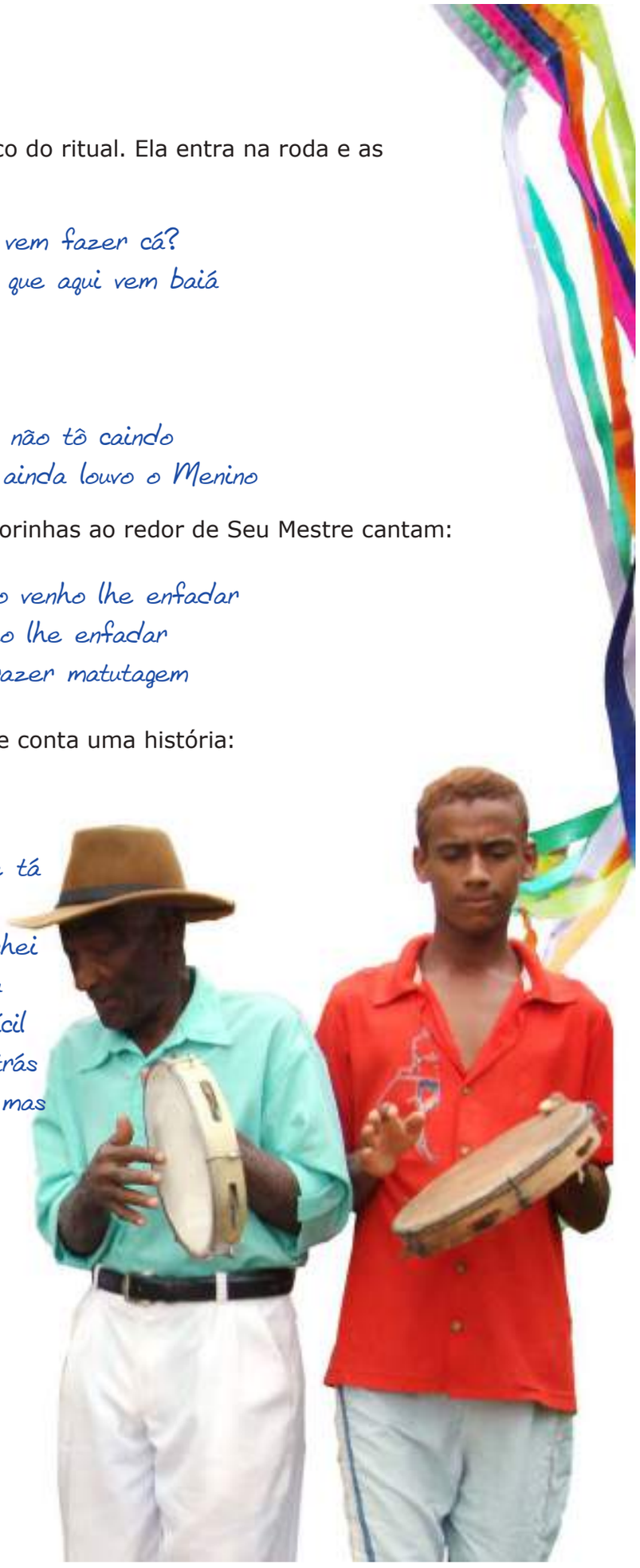
Eu já tô véia, mas não tô caindo
Ainda canto, ainda danço, ainda louvo o Menino

Em outro momento de dramatização, as pastorinhas ao redor de Seu Mestre cantam:

A bênça Seu Mestre não venho lhe enfadar
Não, não, não venho lhe enfadar
Nós viemos todas trazer matutagem

Cada pastorinha se aproxima do Seu Mestre, e conta uma história:

- A bênça, Seu Mestre?
- Deus te abençoe minha pastorinha, o que tá fazeno por aqui?
- Oh, Seu Mestre eu passei numa roça, achei um pé de jaca carregado. Aí eu pensei, vou levar jaca para o seu Mestre. Foi tão difícil de pegar. Entrei na roça. O dono correu atrás de mim. Na corrida pisei num formigueiro, mas consegui trazer a jaca...



E, finalmente, quando deu a meia-noite:

Já deu meia-noite
O galo cantou
O Menino Deus
Na lapinha chorou

Formou-se uma procissão, com velas acesas e crianças carregando os arcos e galhos das palhas de São Gonçalinho tiradas do altar, até a rua onde estava a roda da palha no chão. O ancião acendeu a palha e o fogo subiu. O perfume da palha queimada era intenso:

Minha gente fogo, fogo
Em Belém, lá na Lapinha
Olha o fogo que nunca se apaga
Das Queimada das Palhinha

Depois, o povo todo retornou para o barracão. O samba de roda recomeçou e a festa foi até o nascer do dia:

Adoremo a casa de Deus Menino
Adoremo a casa de Deus Menino

Janeiro de 2008. Saiu de Terra Mirim um grande grupo para a festa. Alba Maria presenteou a dona da casa. Fomos saudados com muita alegria pelos integrantes do grupo e seus parentes. A lapinha muito bela toda acesa, uma riqueza com os seus diversos elementos, e lá no meio o Senhor Deus Menino todo feliz. As adolescentes do grupo resistiram em trocar a roupinha da moda pelo vestido do ritual. Dona Sartíria chegou cantando, fez uma bonita reverência diante da lapinha, preparou e passou o incenso no povo. Dona Pina explicou que não deu tempo de terminar o novo barracão, porque se assentasse o piso não ia dar tempo de secar. Estará pronto para a próxima festa. Quando finalmente todos se encontraram em frente à lapinha, o ritual anual da Queimada da Palhinha, a reedição da chegada de Deus nesta dimensão, a renovação da esperança teve início. Algumas coisas foram bem significativas este ano: o grupo estava mais forte com quatro pandeiros. As pastoras mais velhas sustentaram uma devoção pulsante. Algumas pastorinhas estavam mais participativas, outras dispersas, mas todas sabiam as cantigas, os movimentos, o que não estava acontecendo cinco anos antes.

Mesmo com as conversas altas competindo com as cantigas, os bêbados tentando "participar", o caos generalizado ao redor, havia um respeito no ar, um espaço para o rito e para o mito. A manifestação do sagrado se deu bem em meio às coisas profanas. Os saberes xamânicos da xamã Alba Maria ensinam o diálogo com os quatro elementos da natureza: água, terra, fogo e Ar, - e tem como mito principal a face feminina de Deus, a Deusa Mãe. Articular esses saberes com a arte devocional da Queimada da Palhinha, tradição que traz o mito do nascimento de uma criança divina, o Senhor Deus Menino, me parece algo grandioso. Trabalhar juntos a Mãe e o Filho, comungar cantos,

danças e esperanças é solidário, divertido, sagrado. Nosso cortejo será mais festivo e o trabalho em sala de aula ainda mais rico. Alba Maria vai contar histórias, contar segredos da natureza, tocar o seu tambor e os anciãos da Queimada da Palhinha continuarão o trabalho iniciado em 2007, com os seus versos, pandeiros, dramatizações... estudando os aspectos comuns das duas tradições, as ervas, o fogo, a renovação, a fé, a alegria... os saberes orais do Vale do Itamboatá juntos pulsarão mais
fortes!

Os Participantes do Grupo Queimada da Palhinha

Pastorinhas: Dona Pina, Dona Sartíria, Dona Ana, Sueli, Virgínia, Bizuca, Jaqueline, Laiane, Sandra, Sheila e as pequenas gêmeas Neguinha (Larissa) e Neguinha (Laiara)
Tocadores: Seu Manoel, Seu Nilo, Seu Joaquim e Fiapo

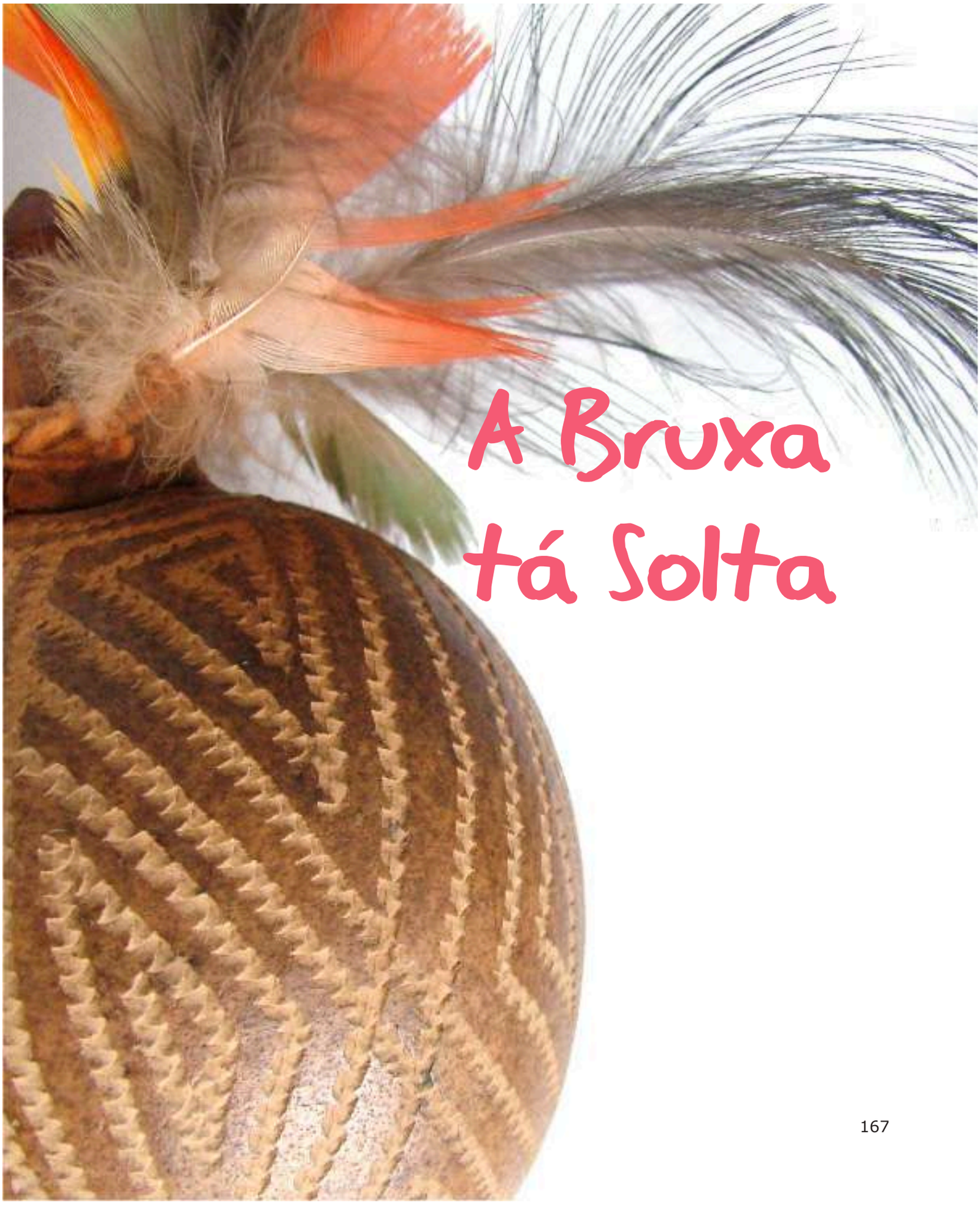
Cultura: Direito de Todos - Fundação Terra Mirim - Simões Filho - BA

Representante institucional: Rhavina de Mello Brandão Schertenleib
Griô aprendiz: Monica Souza Silveira (Wayra Silveira)
Educador: Helena Alves Santos Souza
Mestre e griôs envolvidos na Ação: Cristina Lopes (Dona Pina) / Otacília Pereira da Paixão (Dona Satíria) / Joaquim Pereira Anunciação (Seu Joaquim) / Nilo Lopes dos Santos (Seu Nilo) / Manoel Lopes (Miná ou Manoel Fabrício)

REGIONAL DAS ÁGUAS E AMAZÔNICA

"Para mim está sendo um experiência extraordinária. Através da Ação Griô eu posso passar tudo que aprendi com a minha mãe, que aprendeu com a mãe dela, isto é, a minha avó. Desenvolvemos uma troca de experiências que vai se identificando em cada criança que aprende e ouve nossa história. Repassamos a nossa história de vida para mostrar para eles a importância de valorizar os mais velhos, os griôs e mestres. Eu pude ensinar para as crianças brincadeira de roda, comidas típicas e aprendi muito também com os outros mestres histórias maravilhosas, a ancestralidade, as vivências, nossas tradições."

Dona Soliene, griô do Projeto Cultura ao Alcance de Todos, Floriano, PI.



A Bruxa tá Solta

Para mim as informações e sensações se misturam: falo como griô aprendiz do Ponto de Cultura a Bruxa Tá Solta, que atua no interior da Amazônia em dois núcleos do Ponto (Vilas Martins Pereira e Equador), no segundo maior assentamento agrário do país, o Anauá, município de Rorainópolis, em Roraima, e falo também como griô aprendiz da Regional das Águas. Nessa roda de prosa relato o que aprendi com minha mestra, dona Bié, e com os mestres da Regional das Águas.

Dona Bié é uma agricultora forte como uma castanheira amazônica, árvore que se destaca das demais e depende de todas as espécies para sobreviver, desde os arbustos que protegem suas raízes, às árvores de todos os tamanhos que lhe dão sombra. Dona Bié tem a persistência, a exuberância e necessidade coletiva da castanheira, mas também tem a leveza e a alegria dos passarinhos.

Foi com essa senhora que aprendi cantos do Lindô, brincadeira de origem maranhense que integra a todos na dança e nas cantigas e traz o desafio para os mais novos, inclusive eu, de resgatar ou aprender versos.

É nessa roda que gente de todas as idades começa a tirar a poeira da memória e trazer a alegria para o rosto num sorriso, e os menos tímidos transformam o sorriso no movimento da dança, e o terreiro fica pequeno pra tanto Lindô.

E foi navegando nas águas da Regional, águas doces da Amazônia e salgadas dos sotaques nordestinos do Maranhão, Ceará e Piauí, que tive a honra de celebrar a vida, e os saberes dos mestres dos Pontos de Cultura.

Jovens do grupo de Teatro Mapinguaris com Dona Bié, no núcleo do Ponto na Vila Nova Colina

Rodou, trocou, mão de pilão café.

Quero me casá, mas o papai não qué

Rodou, trocou, mão de pilão café

Quero me casá, mas o papai não qué

Com Dona Bié(RR) seu Servito e Chico Malta(PA), Santinha, Moacir Sapateiro, Seu Pedrinho, Zé de Calú e Juruta(MA), Dona Lourdes Parteira, Mestre Walmir, Dona Tica, mestre Pagé(CE), mestre Valdemarzinho(PI). E para viver as histórias deles e repassar adiante a acolhida, a generosidade de todos, criei uma saia rodada (inspirada nos modelos e cores das usadas por D. Bié) com bolsos onde guardo as histórias vividas em outros lugares. Também carrego no pescoço a matraca de maçaranduba que ganhei do mestre Moacir Sapateiro (de seu uso) em Viana no Maranhão. A matraca tem sido um símbolo importante, pois a partir dela tenho descoberto pessoas que conhecem essa expressão e se aproximam da Ação Griô em Roraima.

Na convivência com todos os mestres fui ouvindo, ouvindo, brincando, brincando, me afirmando e ousei criar dois versinhos para o Lindô. Fui beber nas fontes de seu Servito, na inspiração da melodia, e enfrento a timidez para compartilhar com todos.

Rodou, trocou, mão de pilão café
Quero me casá, mas o papai não qué
Rodou, trocou, mão de pilão café
Quero me casá, mas o papai não qué.

Se eu soubesse que tu vinha
Eu mandava prepará
Uma cuia de açaí
Pra você se deliciá.

Rodou, trocou, mão de pilão café
Quero me casá, mas o papai não qué
Rodou, trocou, mão de pilão café
Quero me casá, mas o papai não qué.

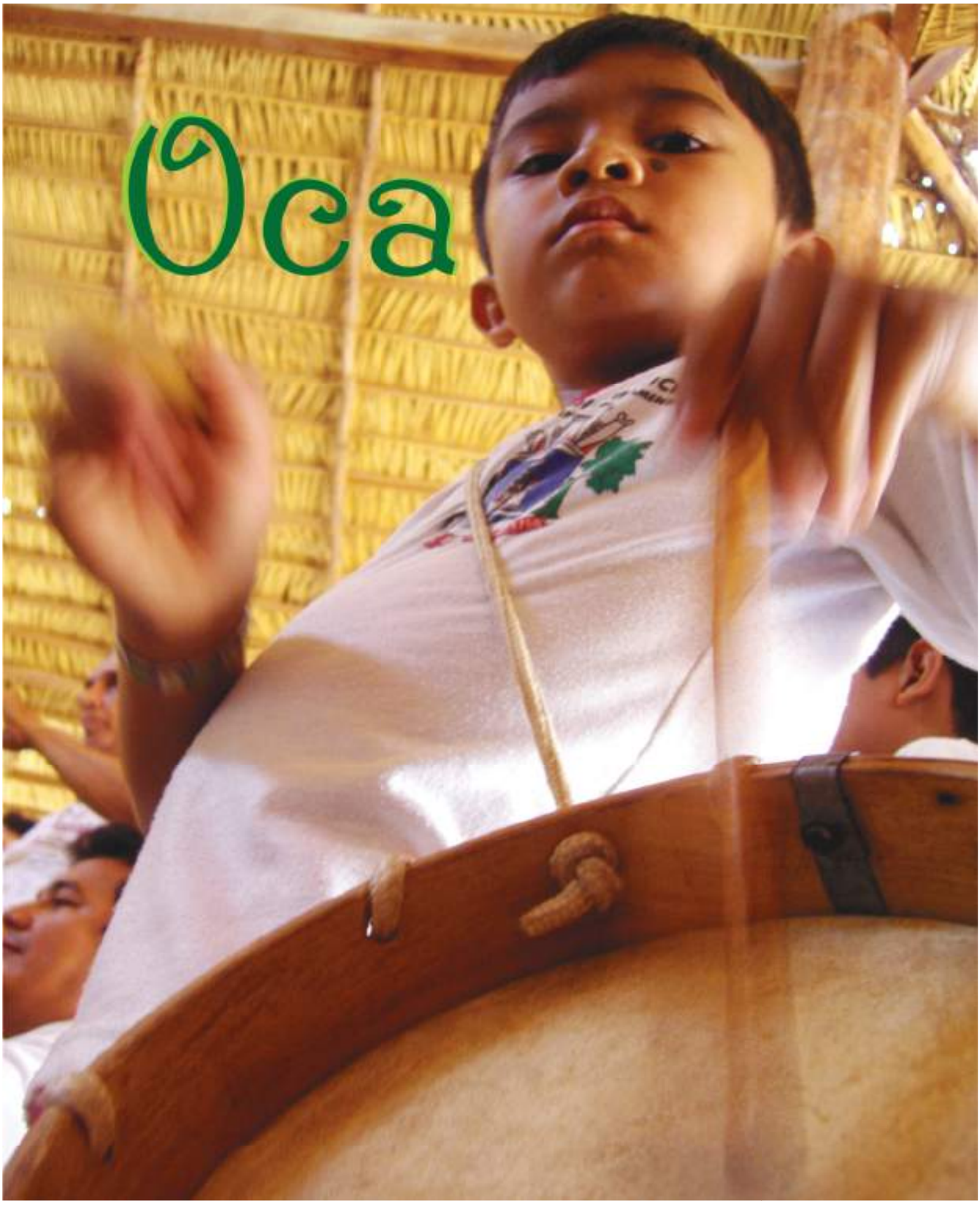
Amazônia é um mundo
Bicho, água, planta e gente
Gringos de dentro e de fora
Tão dizendo que os parente
Vão queimá toda a floresta
Isso é discurso de serpente.

E para encerrar essa roda de prosa vamos nos despedir com mais uma cantiga ensinada por Dona Bié ao Ponto de Cultura "A Bruxa Tá Solta".

Vamos dar a despedida
Como fez a jaçanã
Vamos dar a despedida
Como fez a jaçanã
Chego na boca da noite
Foi embora de manhã

Ponto de Cultura "A Bruxa Tá Solta" - Grupo de Teatro a Bruxa Tá Solta – Boa Vista - RR

Evandro Menezes Lavareda Junior
Griô aprendiz: Catarina de Fátima Ribeiro
Mestre e griôs envolvidos na Ação: Maria Barbosa da Silva (Dona Bié), José Ricardo Damasceno (Zé Ricardo), Maria da Conceição Silva (Dona Maura)


Oca

A Ação surgiu baseada no trabalho que eu já desenvolvia voluntariamente com vários mestres, entre eles o Seu Servito e Dona Benita, por isso a credibilidade dos mestres como griô aprendiz e o Griô Chico Malta – pelo vínculo afetivo criado entre nós.

No decorrer da atividade tivemos dificuldades com o corpo técnico da escola por conta deste não entender a proposta. Apesar dessa dificuldade, o educador parceiro sempre participou de todas as atividades da Ação, inclusive entrou em atrito com a direção por conta disso.

Conseguimos resultados positivos com uma parceria da SEMTRAS - Secretaria Municipal de Assistência Social de Santarém - para desenvolver o trabalho da Ação com os alunos da escola municipal conveniados com o programa PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil e os dois educadores responsáveis pelas duas turmas.

Estamos no processo de construção das indumentárias tanto do griô aprendiz como do griô. Elas representarão o caboclo amazônida e o carimboleiro do Pará.

Outro foco da Ação Griô é a valorização dos brinquedos e das brincadeiras de Alter do Chão, como: pira-bola, pira-pega, pira-esconde, pira-alta, o que significa peixe na língua nhengatu, do povo borari do qual eu descendo, o que por sua vez, significa flecha envenenada, gemerso, jacarandá, etc. Além das brincadeiras de roda que conta as histórias de pássaros da Amazônia, como Azulão, Pipira brasileira, Patativa.

Um dos objetivos da Ação é realizar oficinas baseadas num processo de sensibilização, contando com os mestres, o griô, educadores e estudantes. Devido a Alter do Chão ser um lugar turístico que recebe influência de outras culturas, faz-se necessário tal Ação para que busquemos formas de preservação da nossa cultura.

Griô Chico Malta e mestre Servito em vivência de resgate musical de Alter do Chão.

Símbolo do Sairé, mais de 300
anos de história
em Alter do Chão.

Despedida do griô aprendiz Luan

Para me despedir, quero fazer a vivência me apoiando no ritual de trabalho chamado Macucauá. Em roda, com a mão esquerda à sua frente e a direita com a cuia na mão, vamos girando e jogando versos para dentro da roda repetindo o verso:

"Mangerona da panela, Macucauá
Traz o galho repartido, Macucauá
Você me mandou cantar, Macucauá
Dentro da Cuia Pitinga, Macucauá"

A lágrima que de meus olhos escorre, corre antes por meu coração, fazendo-me ouvir o eco da minha dor...e regressa-me de mim mesmo. Passa um filme na minha cabeça e vejo quanto eu cresci, amadureci, criei laços de amizades, verdadeiros amigos. Me redescobri, tracei novos projetos de vida graças a belíssima experiência de poder ter participado desta família tão linda, tão diversificada, tão unida e fortalecida que é a Ação Griô Nacional.

Relembro o eterno momento em que compartilhei desta grande família, grande aprendizado, experiência, amor, perseverança, persistência, força de vontade, alegria, Educação, cultura, coragem, companheirismo e todos os mais belos sentimentos do SER HUMANO.

Griô aprendiz confeccionando
adereço da Festa do Sairé

Como dizer adeus se és a presença que pulsa em mim? marcada em minha verdade, em minha liberdade, em meu coração... nem sei onde começo, ou onde finda a Ação Griô em mim!

Não direi adeus ao que sou, simplesmente traço agora um caminho que preciso seguir para poder ter força, para lutar por um ideal de vida, o de construir uma comunidade melhor, mais unida, culturalmente fortalecida, e acima de tudo com força de voz e participação.

É neste momento que peço a benção a todos os mestres do Brasil, pois estes muito me ensinam e com toda sua luz, resplandecem o meu ser. Recebo a força da mãe terra, da mãe mata e da mãe água através do rio Tapajós no qual me banho todos os dias - preciso seguir em frente!!!

Vivi a Ação Griô intensamente e foi graças a ela que eu escolhi estudar Direito, pela dificuldade jurídica que existe na nossa região. É preciso que nossa comunidade tenha voz e participação e este é o meu projeto de vida daqui para frente.

"A Amazônia precisa de juristas que defendam os interesses das maiorias (as maiorias não são as classe dominantes, elas são dominantes, mas não a maioria do povo brasileiro). Os direitos difusos das populações ribeirinhas, os indigenas, as populações tradicionais, as ONGs legitimas, os grupos culturais precisam de advogados comprometidos. E você é um dos nossos! Então vá e faça o melhor por nós!"

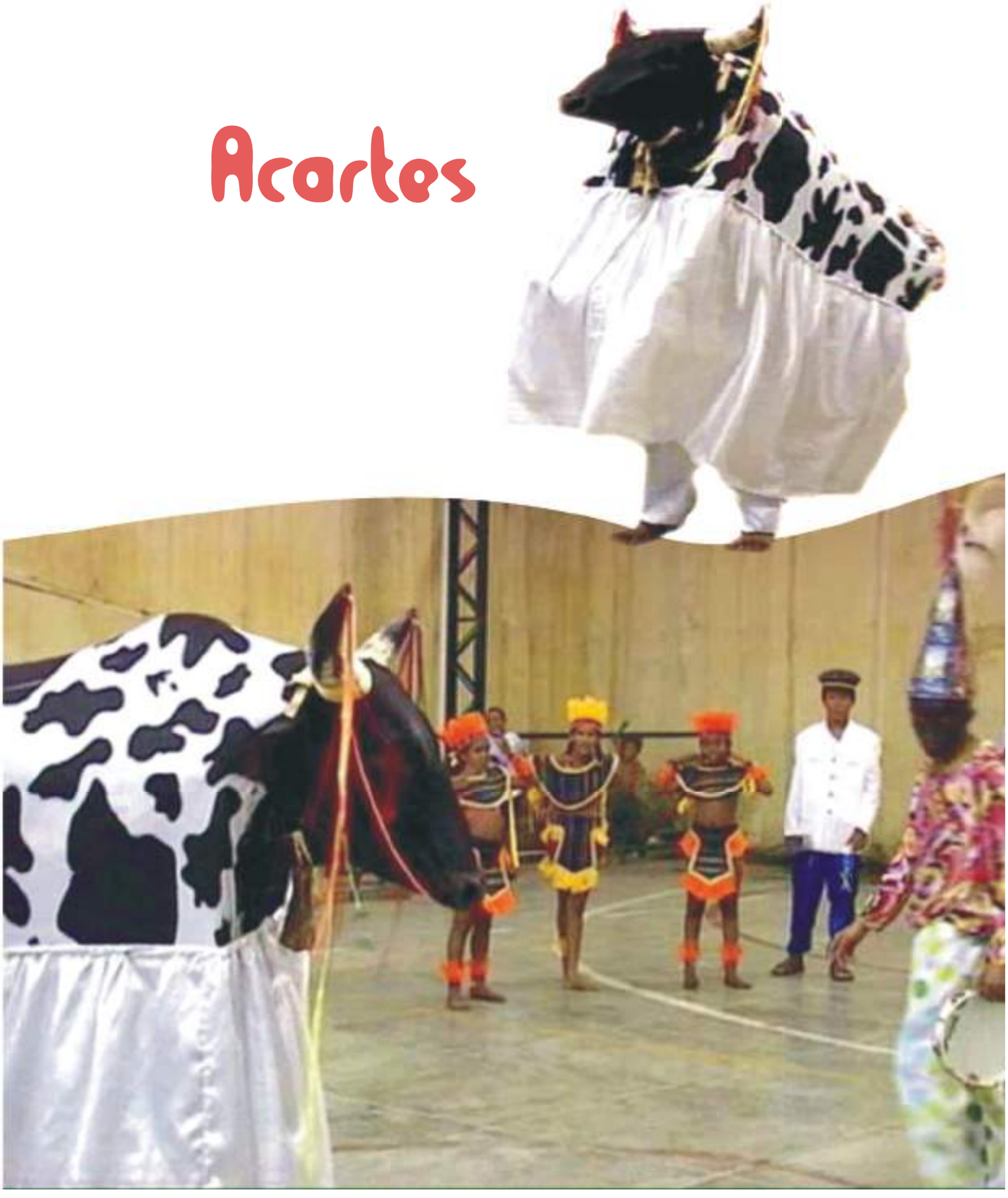
Despedida da griô regional Catarina para o griô aprendiz Luan Eboru Borari (o líder, o mais Sábio do povo, na lingua Ingariko).

Ponto de Cultura da Oca Grupo de Ação Ambiental Vila Viva. Alter do Chão - Santarém - Pará.

Representante institucional: Alessandra Saraiva Faria
Griô aprendiz: Dereck Luan Viana de Vasconcelos
Escola: Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof. Antonio de Sousa Pedroso Indígena Borari
Educador: Edilberto Ferreira Costa
Mestres e griôs envolvidos na Ação: Silvito Malaquias Ribeiro (S. Servito); e Maria Lobato Regateiro (D. Benita), Francisco Cardoso Feitosa (Chico)

Cunhatã Carimboleira, dançando ao som do ritmo tradicional de Alter do Chão, o Carimbó

Acartes



Acartes

"Meu divino São José
Aqui estou em vossos pés
Daí-nos chuvas com abundância
Meu Jesus de Nazaré

O Ponto de Cultura Acartes insere-se na comunidade do Pirambu, que é um grande caldeirão cultural, por conta da formação de sua população, que se deu a partir da união de vários povos do interior do estado do Ceará, que trouxe toda a sua cultura e sincretismo religioso. O bairro, que era inicialmente um povoado de pescadores, cresceu, tornado-se hoje uma das maiores favelas da América-Latina, com cerca de 300 mil habitantes. O ponto de Cultura que já desenvolvia trabalhos de revitalização da cultura local desde o ano de 2000. Agora com as ações desenvolvidas com a Ação Griô, conta com a contribuição dos trabalhos desenvolvidos por cinco mestres griôs: mestre parteira, mestre de boi, mestre de percussão, mestre de jangada e mestre artista-plástico. As principais atividades desenvolvidas pelos mestres neste primeiro ano de ação foram:

- Curso de desenho, ministrado pelo mestre artista-plástico, com apresentação de alguns desenhos feitos por seus alunos. O curso acontece no ponto duas vezes por semana;

- Produção de vídeos com uma roda de parteiras – uma conversa com seis parteiras da comunidade, sendo a mais velha com 103 anos, em que trocavam experiências e relembrávamos momentos de seu oficio na comunidade: dificuldades e remédios utilizados, etc. Está sendo realizado um projeto de pesquisa por alunas da Universidade Federal do Ceará, sobre o trabalho das parteiras;

- Produção de longa-metragem;

- Elaboração de projeto de lei que foi apresentado à câmara municipal de Fortaleza através da vereadora Eliana Gomes, que institui projeto semelhante à Ação Griô em caráter municipal;

- Trabalhos acadêmicos realizados por estudantes da Universidade Federal do Ceará e da Universidade Estadual do Ceará.

Gerardo Damasceno, coordenador do Ponto

Academia de Ciências e Artes– Acartes– Pirambu–CE

Cultura ao Alcance de Todos

Onde se reunir, como e por quê?

Toda grande ação tem seu começo na união de forças, na celebração de ideais e na construção de algo novo que venha alterar o curso natural das coisas, modificando pensamentos e abrindo portas que dêem acesso a novos horizontes. Jovens artistas oriundos de uma geração massacrada pelo militarismo, cheios de alegria pelo inicio da nova era democrática, percebendo que nossa nação enfrentava momentos complicados, se uniram para fundar algo que seria inovador e que duraria tempo suficiente para transformar de forma significativa a vida de todos.

Era um começo cheio de dúvidas. Janeiro de 1987, por trás da igreja matriz, bem no centro da cidade de Floriano/PI, a idéia já estava definida: "formar um grupo suficientemente armado que pudesse levar ao povo brasileiro a liberdade de viver o que durante muito tempo nos foi negado". A arma principal seria o "Teatro", mágico, fascinante e encantador. Deram ao grupo o nome de ESCALET, e todo escalatiano teria por missão re-significar a cultura do nosso povo, sua forma de ser e saber, construindo novos conceitos.

Espetáculos adultos e infantis e textos de autores nacionais e estrangeiros enchem os teatros por onde o grupo passa em todo o nordeste, no Brasil e no Canadá, recebendo prêmios.

Um espaço físico foi projetado pelo grupo na cidade Floriano em 2001: o "Complexo Cultural Cidade Cenográfica", que possui trinta e cinco mil metros quadrados, sendo cinco mil de área pavimentada. Nesse espaço o grupo vem construindo novos fazeres: a Biblioteca Ailda Cunha, o Cine-Teatro-Escola ESCALET, O Museu de Arte Folclórica do Nordeste, a Escola de Música e o Projeto "Cultura ao Alcance de Todos", oferecendo à comunidade cinema, teatro, música, literatura, lazer, cursos de artes cênicas, música e audiovisual, trabalhando o universo das crianças e adolescentes a partir da sua visão de mundo, afastando-os das zonas de risco e orientando-os para uma vida mais ativa e saudável. Sete entidades representativas da sociedade: o Grupo Escalet, Associação de Teatro Cidade Cenográfica, Grupo de Dança Cultura de Rua, Cia., Os Tais do Teatro, Associação dos Amigos do Museu de Arte Folclórica do Nordeste, Escalet Produções Cinematográficas e Associação dos Amigos da Biblioteca Ailda Cunha.

Fazer a cultura como algo que parte do humano, se entrelaça em novos conceitos, retorna para seu ponto de origem e re-significa o espaço e seu tempo. Costurar idéias que formam uma imensa colcha de retalhos onde todos participam fazendo da arte a razão de viver, esse é o ESCALET.

"Quando o sol nasceu, naquele dia que seria o mais diferente para nossa gente, ficamos perplexos, estava quente e o calor nos fazia mais próximos nas idéias e distante nos corpos, olhávamos um para os outros e não nos víamos, éramos desconhecidos dentro de nossa própria casa, escola, rua, cidade, estado e nação. De repente, de súbito, como um organismo vivo, uma atitude, uma ação, o pensamento Griô nos envolveu, nos olhamos e nos perguntamos: "é permitido penetrar neste universo que estava sempre alí, mas não víamos?" Mergulhamos, e foi tão fundo, que a experiência tatuou em nós marcas eternas, que são vivências, fazeres, saberes e lidas. Como agora ver o mundo sem nos perceber? Impossível. Sentimos-nos um Programa Piloto. Através da Ação Griô criamos um novo espaço, um Ponto, uma cidade que reflete a ancestralidade do nosso povo."

César Crispiniano, coordenador da Ação no Ponto

O grupo Escalet promoveu um encontro de lançamento da Ação Griô em Floriano-PI, em junho de 2007, quando contou com a presença do coordenador da Ação no Ministério da Cultura e da Presidenta da Fundação de Cultura do Piauí representando o governo do Estado. Os escaletianos do Ponto de Cultura apresentaram à comunidade as ações e objetivos do projeto e iniciaram o mapeamento das escolas que fariam parte da iniciativa para conhecer as necessidades e fazer o planejamento das caminhadas e atividades que seriam desenvolvidas pela Ação dentro do ponto, escola e comunidade.

Foi realizado o primeiro Seminário de Capacitação de Educadores para a Ação Griô, que aconteceu em Floriano-PI, no período de 16 a 18 de julho de 2007, com a participação de professores, coordenadores, diretores de escolas e membros da comunidade. Na programação foram discutidas as propostas e os objetivos a serem alcançados com o desenvolvimento da Ação nas escolas, comunidade e Ponto. O griô Benegildo, com sua viola, apresentou o cordel de lançamento da Ação Griô de Márcio Caires. Depois foi aberta a exposição de artesanato produzida pela griô Eva Maria e proferida a palestra "Educação Patrimonial" por Leonardo Carlos dos Santos Costa, integrante da equipe do Ponto e Diretor do Teatro Cidade Cenográfica. Logo após foi exibido o documentário "Sou Negro", produzido pelo Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô. Foi proposta pela griô aprendiz regional, Catarina Ribeiro, uma vivência com os educadores, na qual eles puderam mostrar um pouco da sua ancestralidade cantando e dançando as suas cantigas de roda. Houve também a oficina de "Cartilha de Papel e Retalhos" onde os educadores criaram uma cartilha que simbolizava o início do pensamento da tradição oral na cidade de Floriano/PI. A griô aprendiz Anizia Carvalho apresentou a quadrilha "A Mais Forte", o mestre Ademar apresentou o Boi "Terror das Ondas" e as griôs Célia e Soliene encerraram a programação servindo lanche com comidas típicas.

"um fascínio descobrir a essência da tradição oral como uma das melhores e mais importantes formas de ensino, o processo de educar através das manifestações da nossa ancestralidade, ouvindo os maiores sabedores e bibliotecas vivas, os nossos mestres. Foi algo que me emocionou trabalhar com essa Ação. Ela dividiu a minha vida em antes e depois de conhecê-la. A maneira como vemos o mundo muda, começamos a perceber o quanto somos cercados de conceitos pré-definidos, de rótulos já criados por uma sociedade manipulada e sem identidade e ou expressividade própria. Os nossos hábitos e costumes foram definidos e adaptados à sociedade em que vivemos, não podemos ser o que somos de verdade, com nossa identidade, hábitos e costumes próprios trazidos da nossa ancestralidade. Mais do que importante, é essencial e se faz urgente que as políticas públicas e culturais aceitem cada vez mais projetos como este, para evitar que um dia não saibamos quem fomos, quem somos e o que seremos..."

Claudenilson Cordeiro, Educador

O Projeto Ação Griô começa a tomar rumos próprios a cada caminhada e vivência realizada com as crianças e jovens. O mestre Ademar encanta a todos com seus ensinamentos e com os rituais do Bumba meu Boi ensinados por ele, que recebe também todo o auxilio da griô aprendiz Anizia Carvalho e das griôs Célia, Soliene, Eva e Benegildo.

"Para mim, foi uma experiência extraordinária. Foi através da Ação Griô que eu pude passar tudo que aprendi com a minha mãe, que aprendeu com a mãe dela, isto é, minha avó. Desenvolvemos uma troca de experiências que vai se indentificando em cada criança que aprende e ouve nossa história. E repassamos a minha história de vida para mostrar para eles a importância de valorizar os mais velhos, os mestres. Eu pude ensinar para as crianças brincadeira de roda, comidas típicas e aprendi muito também com os mestres: histórias maravilhosas, a ancestralidade, as vivências, nossas tradições. Eu senti que cada vez que contávamos histórias para as crianças, elas se manifestavam fazendo perguntas e todas ficaram muito impressionadas com cada história e brincadeiras de roda. Era gratificante ver no rosto das crianças a curiosidade que tinham em saber como era nossa cidade antigamente, nossas comidas e as maneiras de convivência das pessoas. Tenho muito a agradecer as todas as pessoas que fizeram parte da Ação Griô e me deram essa oportunidade para transmitir os valores esquecidos da nossa cultura."

Dona Soliene, griô.

A griô Célia faz brilhar o olhar dos participantes que ouvem suas histórias e cantigas de infância, como também estimula a criançada no desenvolvimento de peças do artesanato e auxilia no reisado. Já a griô Soliene satisfaz o paladar com suas comidas típicas. As crianças aprendem a preservar e apreciar a nossa culinária: a paçoca de carne seca, maria isabel (arroz com carne seca), farofa, e muitas outras. A Dona Eva encanta a todos com sua arte de rendeira, e enquanto produz sua renda vai contando histórias dos seus antepassados, garantindo a transmissão oral de geração em geração. O Sr. Benegildo diverte a todos com suas cantigas de roda.

"A Ação Griô entrou na minha vida como forma inovadora de resgatar a ancestralidade e culturas esquecidas. Pensamentos e ações esquecidos por grande parte da nossa população. Tive a grande oportunidade de ser griô aprendiz, de ir ao Grãos de Luz e Griô, onde me fizeram perceber a importância de se relacionar com os mestres e com suas tradições, aprendendo que a ancestralidade faz parte de nossa vida apesar de alguns pensarem que é coisa do passado. Tive a alegria de participar de alguns encontros que me proporcionaram a vivência com vários outros mestres do Brasil, onde cada um mostrou, não só para mim, mas para todos que participaram dos encontros, sua história, cultura e sabedoria.

Anizia Carvalho, griô aprendiz

O reconhecimento do Bumba meu Boi, que teve seu nascimento em 1953 e estava desativado há mais de 10 anos, foi um dos grandes marcos conquistados pela Ação Griô, através do mestre Ademar, que incansavelmente repassou desde as entoadas cantadas, a dança, a confecção do figurino, dos instrumentos utilizados e do próprio Boi, produzido pelo mestre em sua carpintaria.

"minha vida foi sufoco, batalhei muito pra chegar até aqui. Hoje o pessoal sempre me procura para participar de eventos com o Boi, o reisado e confecção de instrumentos na carpintaria. A maior satisfação que tenho hoje é ter me unido com o Ponto "Cultura ao Alcance de Todos" e a Ação Griô. Foi lá onde eu tive muito prestígio, fiz coisas que eu sempre tive vontade, desde quando era novo, mas não fazia, e vim participar depois de velho. A Ação Griô pra mim é uma verdadeira beleza, uma satisfação muito grande. Lá tenho paz e adoro conversar com aquele pessoal com um nível assim mais diferente. Tenho muito amigos e companheiros lá. A Ação Griô levantou o Boi de Floriano, "Terror das Ondas", que tava caído por muito tempo. Foi a Ação que deu essa força para o Boi renascer novamente e tocar ele para frente. O pessoal que não dançava mais agora voltou. A gente tá saindo com o Boi com muita satisfação. Conseguimos novas estradas para o Boi, ele agora se apresenta em muitos lugares. E uma coisa eu tenho medo: hoje eu tô com 72 anos e pode não haver uma pessoa que faça o que eu tô fazendo, que tenha o conhecimento exatamente como o que eu levava. E tem também a parte do Reis que é uma parte finíssima, maravilhosa que temos, porque o Reis ele saía todo ano e não tava saindo mais. Veio sair agora porque na Ação Griô resgatamos ele também e nos apresentamos nesses bairros de nossa cidade. Para mim é uma satisfação muito boa, saiu o Boi e o Reis, e acho que foi bom não só pra mim, mas pra muita gente, pois as pessoas gostam."

Seu Ademazinho

A griô aprendiz Anízia Carvalho deu sua contribuição, pois já possuía contatos com educadores, mestres e coordenadores, facilitando ainda mais a adaptação com o projeto. Estimulou os estudantes a conhecerem a magia e o encantamento do Bumba Meu Boi, ensinou as entoadas aos grupos que, com as palavras sábias do mestre Ademar, sensibilizou para participarem da montagem. Meses se passaram em visitas às escolas, caminhadas e vivências, toda a equipe do ponto e da Ação se uniu nos ensaios do Boi, a griô Célia mostrou como tocar os instrumentos e as griôs Eva e Soliene passaram a ensinar o processo de confecção do figurino dos brincantes do Boi.

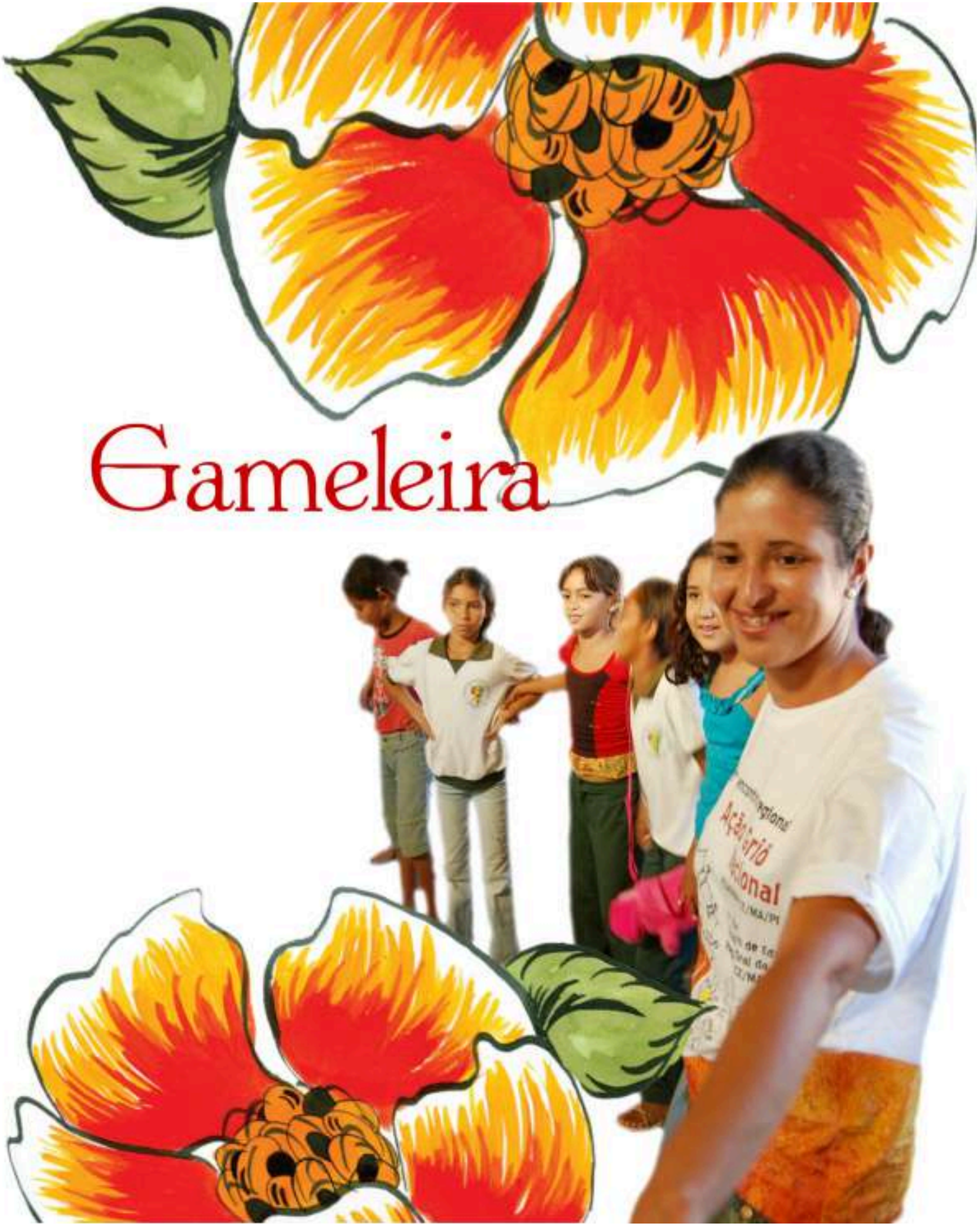
A integração dos representantes do projeto facilitou muito o desenvolvimento da Ação no Ponto, com isso o resultado tornou-se gratificante e o reconhecimento tomou proporções em todo o estado, sendo o projeto Ação Griô e o mestre Ademar convidados a participarem de eventos a nível nacional.

Os griôs hoje convivem diretamente nas escolas, comunidade e Ponto de Cultura. Nos identificamos com a proposta da Ação, pois o Ponto trabalhava com mestres de tradição oral e o projeto veio somar e completar as atividades que se desenvolviam. De imediato passou a ser o objetivo principal do trabalho dentro do Ponto. As atividades foram reorganizadas para se adaptarem às propostas da Ação, trabalhando assim diretamente com escolas e comunidade, passando a ter uma proposta de trabalho mais concreta e objetiva.

Cultura ao Alcance de Todos - Escândalo Legalizado Teatro - ESCALET - Floriano

Representante institucional: César Augusto Félix Crispiniano
Griô aprendiz: Anizia dos Nascimento Carvalho
Educadores: Maria dos Santos Carvalho Reis e Claudenilson Barreia Santos
Mestres e griôs envolvidos na Ação: Eva Celia Soares (Mãe Evinha), Ana Célia Soares (Célia), Bengildo do Nascimento (Mestre Bené), Francisca Soliene dos Santos (Dona Soliene), Ademar José Soares (Pai Ademazinho)

Gameleira



O Ponto de Cultura Gameleira de São Sebastião vem trabalhando a tradição oral através da contação de histórias da Chapada do Araripe. As histórias são contadas pelos mestres da Ação Griô na Escola de Ensino Fundamental Manoel Faustino do Nascimento, parceira do Ponto de Cultura. Após as contações de histórias, os estudantes a reproduzem em forma de texto e/ ou desenhos.

Os desenhos feitos pelos alunos são utilizados para inspirarem os mestres na confecção dos personagens das histórias, que são bonecos tradicionais feitos de pano. Esses bonecos têm um profundo significado, porque nasceram dos desenhos dos alunos, feitos após ouvirem as histórias dos mestres.

Eu nasci na comunidade de Gameleira de São Sebastião no ano de 1946. Aprendi a fazer bonecas com a minha mãe quando eu estava com 7 anos de idade. Agente fazia bonecas para sobreviver, porque não tinha outras condições.

As bonecas que a gente fazia eram vendidas na comunidade do Jamacaru que fica localizada a uns 12km da comunidade de Gameleira de São Sebastião. A gente colocava as bonecas dentro de um balaiozinho e ia a pé para o Jamacaru, pois não havia transporte na época. Devido às necessidades, fomos embora para Fortaleza e lá eu comecei a estudar. Cursei apenas o primário. Passado um certo tempo, voltamos para Gameleira de São Sebastião e então eu me casei com um senhor chamado José Narciso Miranda com quem tenho seis filhos. Então eu voltei a fazer bonecas que eram vendidas em uma feira que existia na comunidade de Gameleira. Todos os domingos eu vendia entre 10 a 15 bonecas. Eu sempre fiz bonecas, pois é uma das atividades que eu mais gosto de realizar. Quando veio a Ação Griô para nossa comunidade eu achei muito bom.

A Ação Griô está servindo muito para nós mestres e para todos os aprendizes da comunidade, porque quem é mais velho e já tem 61 anos, como eu, já está mais perto do fim da vida, e quem é mais novo vai ficar. Então vão ficar os aprendizes e os nossos ensinamentos para o futuro de Gameleira

Bonecas de pano

Sou uma boneca de pano
Sou linda como uma flor;
Ando de mão em mão
dos adultos e das crianças;
Porque sou inventada
Por mãos de idosos Griôs.
E quero continuar;
Pelos novos aprendizes
Que neste mundo ficar.

Mestra Maria dos Santos
Miranda (Maria de Narciso)

Dona Totonha, dona Maria, dona Adalgisa,
dona Geneuza e dona Tica

As vivências acontecem mensalmente na escola, e três vezes por semana no Ponto. Temos registro de vídeos e fotos, mas não conseguimos divulgação da ação. Da contação de história, é confeccionado um baú artesanal dentro do qual são colocados bonecos de panos, personagens das histórias e objetos dos cenários das histórias, feito em barro. De cada história contada é produzida um vídeo, inclusive temos dois vídeos de mestres da ação. E os alunos da escola parceira ilustram e produzem textos das histórias contadas que serão reunidas para produzir um livro ao final dessa etapa.

As atividades envolvem:

35 estudantes que participam de uma contação de história mensal que dura em média duas horas, nas escolas;

20 aprendizes que participam de vivências e oficinas de bonecas de pano e esculturas de barro, cumprindo oito horas semanais no Ponto;

Uma pessoa do áudio-visual que faz a edição dos DVDs; duas pessoas do núcleo gestor do Ponto; uma coordenadora técnica e uma coordenadora da Associação.

O Ponto de Cultura conta atualmente com 10 baús de histórias que ficam expostos para visitação no museu de brinquedos populares da Chapada do Araripe, que faz parte do Ponto de Cultura Gameleira de São Sebastião.

Após a confecção dos baús são realizadas exposições itinerantes dos mesmos nas escolas públicas do município de Missão Velha, CE, onde os estudantes da Escola de ensino Fundamental Manoel Faustino do Nascimento têm a oportunidade de ver os baús e seus personagens, que foram confeccionados a partir das suas reflexões. Às vezes nos deparamos com resistências de alguns, porque se envergonham dos seus ancestrais e querem construir uma identidade diferente. Essa chamada para despertar nossa ancestralidade vem ganhando espaço com a Ação Griô em nossa comunidade e está fazendo nascer um sentimento bom dentro de cada um que nos impulsiona a recriar a nossa história e a reconhecer nossa identidade. Os encontros de que participamos vêm fortalecendo essa vontade dentro de nós. É desafio nosso conseguir esse reconhecimento e recriar nossa história.

Nos despedimos com uma vivência que fortalece a identidade dos participantes quando são chamados pelo nome e recebidos com abraços no centro da roda.

Laranja

Ô laranja, ô laranja, deixa o suco amarelo (bis)
venha cá (chama uma pessoa na roda)
seu amor aqui cá quero (bis)
seu amor eu cá queria (bis)
não me sai do pensamento
nem de noite nem de dia (bis)

Baú confeccionado para guardar tudo que é produzido na contação de história.

Associação Comunitária Irene Cruz- ACIC –
Gameleira de São Sebastião– Missão Velha-

Representante institucional: Maria José Ana Cruz Macedo
Griô aprendiz: Cláudia Miranda de Sousa
Escola: Escola de Ensino Fundamental Manoel Faustino do Nascimento
Educadora: Dalila Moema de Morais
Mestre e griôs envolvidos na Ação: Maria Raimunda Januário (Geneusa), Maria dos santos Miranda (Maria), Antônia Maria dos Santos (Totonha),

Instituto Beija-Flor

Lampião da Arte e da Cultura

Patrimônio cultural material e imaterial

A partir dos anos 70, o conceito de Patrimônio Cultural passou a incluir, além de obras arquitetônicas e artísticas de valor excepcional, formas de expressão, modos de fazer e viver, criações artísticas e tecnológicas portadoras de referência à identidade, ação e memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Este conceito passou a fazer parte da Constituição brasileira de 1988, que estabeleceu para o poder público a obrigação de buscar novas "formas de acautelamento e proteção" desse segmento do Patrimônio Cultural Material e Imaterial. É neste contexto, na intenção de proteger, preservar e transmitir as manifestações culturais de caráter popular, que se coloca a proposta do Instituto Beija Flor da Paz e da Cidadania, hoje, Ponto de Cultura Lampião da Arte e da Cultura da Secretaria de Programas e Projetos Culturais do Ministério da Cultura. Propõe incrementar o Sistema de Artesanato do Barro de Cascavel, Ceará, apoiar e promover o desenvolvimento cultural, humano, econômico e ambiental sustentável através das alternativas promocionais que elevem o padrão e a qualidade de vida dos cidadãos e cidadãs, artesãos e artesãs, educando a comunidade com valores humanos, plantando sementes de uma Cultura de Paz e um desenvolvimento sadio, amplo e sustentável, respeitando as leis da Natureza através do aproveitamento racional de seus recursos renováveis.

Cascavel - Ceará, vale da montanha Mataquiri às várzeas do rio Choró e Malcuzinhado

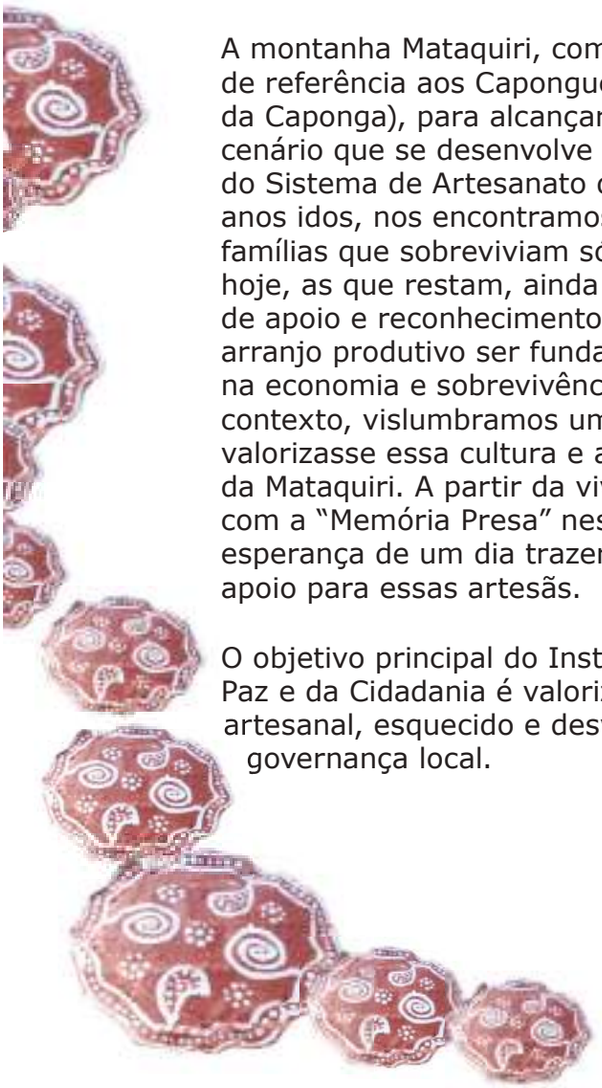
A sede do município fica situada há 20 metros de altitude no pé da montanha da Mataquiri, entre os rios Choró e Mal Cozinhado. A existência de boas argilas e também do caulim, que é uma argila branca muito pura, deu lugar à exploração da cerâmica artesanal pelo Povo Cascavelense, há muitos anos. Herança maior da presença indígena no Ceará, a cerâmica cozida recebeu ainda forte influência de africanos fugidos de antigas fazendas e que foram ficando nessas paragens. Tribos como Anacés, Paiacus, Genipapos, Canindés que habitavam o Rio Choró, utilizando o barro para produzir seus utensílios caseiros e até para enterrar seus mortos em urnas funerárias formadas de potes de barro. Hoje, séculos depois, o barro da várzea do rio Choró e Mal Cuzinhado continua servindo de matéria-prima para a confecção das "louças de barro", produzindo tudo que o imaginário popular pode produzir com suas mãos e barro queimado, uma produção que apresenta rica manifestação e diversificação de peças decorativas e de uso doméstico. Apesar de não ter apoio efetivo da governança local e do poder público municipal e Estadual as artesãs moradoras do Bairro do Alto Luminoso e Moita Redonda, há muito abastecem a região com diversos utensílios de cerâmica. Essas artesãs dominam saberes que são transmitidos de geração a geração há séculos. Entretanto as dificuldades de produção e comercialização, que as coloca diante de intermediários que compram a produção a preços mínimos, revendendo-as bem mais caro nos grandes centros urbanos e a extrema pobreza em que vivem (renda per capta de R$ 50,00) trazem o risco do desaparecimento de sua arte Ancestral.

A história do Instituto Beija Flor e do Ponto de Cultura

O grande fenômeno da violência urbana que acontece hoje nas grandes cidades, principalmente nas capitais do Brasil, acontece na maioria das vezes através da migração de jovens e famílias, que sem perspectiva, longe de seus lares e sua comunidade de origem, se vêem diante das dificuldades e exclusão, levando-os muitas vezes a buscar a sobrevivência na prática de delitos e criminalidade, e quando mulher, facilmente na exploração sexual. Portanto é preciso que o País se volte para a valorização dos saberes desses artesãos e artesãs que guardam o conhecimento dessas práticas ancestrais, que dão manutenção à vida saudável nas comunidades do Brasil, impedindo a migração e evitando o avanço da violência nas grandes cidades, bem como a extinção da arte ancestral e seus arranjos produtivos, responsáveis pela economia local e sobrevivência de milhares de brasileiros e brasileiras nativas das pequenas comunidades da nação brasileira.

Em 1980, movidos pela necessidade de viverem em comunidade, os diretores do Instituto Beija Flor foram morar no pé da montanha Mataquiri no município de Cascavel.

A montanha Mataquiri, com seus 180 metros de altura, é um sítio notável que serve de referência aos Capongueiros (jangadeiros da Região da Praia da Caponga), para alcançarem a costa do município. É nesse cenário que se desenvolve há pelo menos 312 anos, a cultura do Sistema de Artesanato do Barro de Cascável-CE. Naqueles anos idos, nos encontramos com a força das Artesãs e suas famílias que sobreviviam só das "loças de barro", e até hoje, as que restam, ainda sobrevivem em pobreza e falta de apoio e reconhecimento do seu valor, apesar de seu arranjo produtivo ser fundamental, de grande importância na economia e sobrevivência do povo dessa região. Nesse contexto, vislumbramos um dia desenvolver um trabalho que valorizasse essa cultura e a arte dessas mulheres guerreiras da Mataquiri. A partir da vivência dessa realidade, ficamos com a "Memória Presa" nessa proposta e cheios de esperança de um dia trazer uma melhora e apoio para essas artesãs.



O objetivo principal do Instituto Beija Flor da Paz e da Cidadania é valorizar esse trabalho artesanal, esquecido e desvalorizado pela governança local.

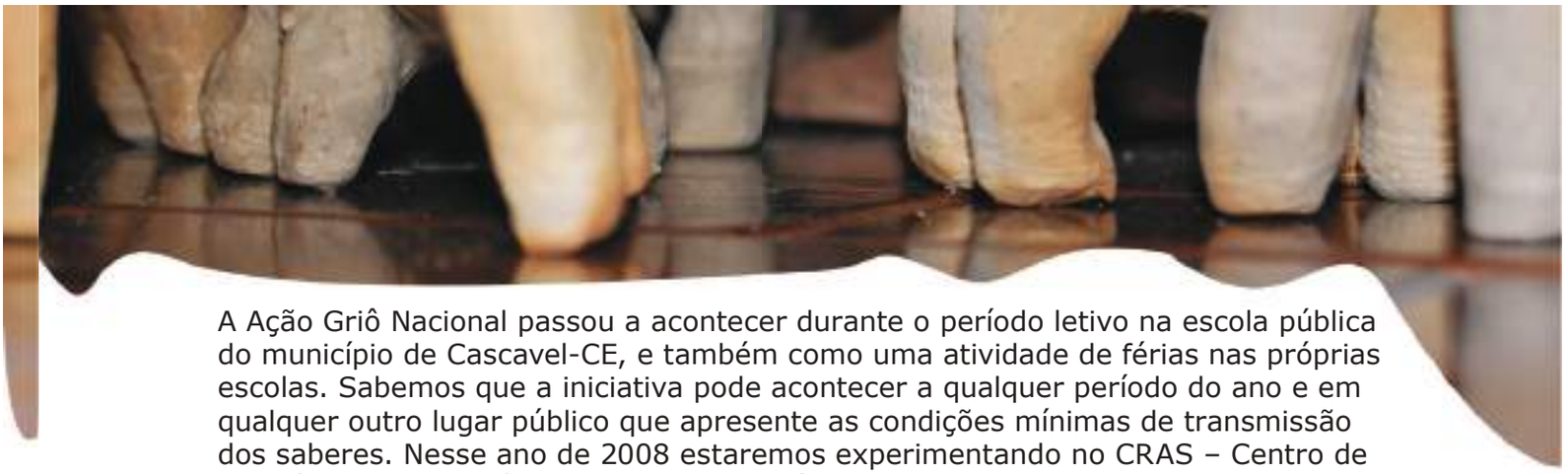
Os Pontos de Cultura e a Ação Griô Nacional

Com a valorização da diversidade cultural do nosso povo pelo Governo Federal atual, vislumbramos a luz no fim do túnel. Em 2005 o Ministério da Cultura abre Edital no Programa Cultura Viva da Secretaria de Programas e Projetos Culturais para os Pontos de Cultura, e do Edital da Ação Griô Nacional, dentro de uma filosofia de que "os Pontos de Cultura, já existem", o que precisam é de uma força "federalizada", e assim conseguimos o convênio com o Minc/FNC e o Instituto Beija Flor, Ponto de Cultura com a iniciativa Lampião da Arte e da Cultura.

As atividades da iniciativa do Projeto Lampião da Arte e da Cultura são desenvolvidas através da transmissão dos saberes e práticas acumuladas há mais de 310 anos da história do Sistema do Artesanato de Barro de Cascavel-CE, pelas próprias artesãs das comunidades locais. A metodologia se desenvolve no currículo de aulas, onde o passo-a-passo é revelado todo o conhecimento dessa arte ancestral. Além das aulas no Ponto de Cultura e na Escola Pública, os alunos participam das aulas vivas na comunidade, nos ateliês (quintais) das artesãs.

A iniciativa atualmente já envolveu 30 artesãs e cerca de 80 jovens, e é acompanhado por dois educadores. O Projeto se mantém através do convênio com o MinC/FNC e o Instituto Beija Flor da Paz e da Cidadania. O principal critério e procedimento adotado para uma pessoa participar das atividades da iniciativa do Projeto Lampião da Arte e da Cultura é a vontade de querer melhorar a vida, seus conhecimentos, e desenvolver uma arte ancestral que gera trabalho e renda. Quanto aos jovens e crianças, precisam estar matriculados e freqüentando a escola formal; a iniciativa é desenvolvida como uma ação educativa complementar ao currículo formal da escola pública.

Com a Ação Griô Nacional em Cascavel identificamos a proposta e convicção de que o reconhecimento das mestras e mestres seria um passo bom para a caminhada dentro da comunidade artesanal de Cascavel-CE. A iniciativa chegou no momento em que firmávamos parceria com a escola pública do município e veio coroar essa parceria com a firmeza do protocolo das responsabilidades apresentadas pelas partes.



A Ação Griô Nacional passou a acontecer durante o período letivo na escola pública do município de Cascavel-CE, e também como uma atividade de férias nas próprias escolas. Sabemos que a iniciativa pode acontecer a qualquer período do ano e em qualquer outro lugar público que apresente as condições mínimas de transmissão dos saberes. Nesse ano de 2008 estaremos experimentando no CRAS – Centro de Referência da Assistência Social do Município.

Os mestres e mestras guardiões dos saberes e os estudantes se utilizam de um espaço com os seguintes materiais didáticos: barro (argila da Várzea do Rio Choró) e água, sabugos de milho e sementes de Mucunã para relar a peça, cacos de cabaça e pedaços de pano para alisar, lâminas de ferro velhas usadas para cortar o barro, algodão natural para fazer os pincéis com palitos de coqueiro e a tinta ancestral vermelha e branca, chamada de Toá, para pintar as peças com grafismo, que segundo as mestras, já aprenderam com os "troncos Velhos" (os mais antigos). Após as peças feitas, o material vai ao forno, última etapa do trabalho. Nesse momento, vem o mestre do forno para realizar o ritual do assar as peças sem deixá-las estourarem pelo excesso de fogo.

Consideramos a pedagogia griô e a educação biocêntrica, reveladas durante os encontros da Ação Griô pelas assessoras pedagógicas Líllian Pacheco e Ruth Cavalcante como uma contribuição não só teórica, mas efetiva para essa prática pedagógica da Ação, e para o seu desenvolvimento e compartilhamento. O aprendizado do respeito aos mestres e griôs e a forma como é vivenciada na pedagogia griô é coerente com nossa prática e me confirmou o valor desse trabalho.

Outro aprendizado é com relação ao ritual e o sagrado que envolve os momentos de encantamento; essa vivência do sagrado com o cuidado e uma boa preparação para que a vivência aconteça de forma sistêmica, com dimensão universal, mas com os elementos simples da cultura local, ou seja, tudo isso sem sair da simplicidade, uma forte característica dos mestres.

A vivência da bênção do pilão é mágica e reparadora, pois quando entramos em contato com os nossos "troncos velhos" renascemos para uma dimensão espiritual transcendente e em elevação, de onde podemos sintonizar com a fonte, a "recordação" de "quem somos nós".

A Ação Griô de Cascavel – Ce, iniciativa do Ponto de Cultura Lampião da Arte e da Cultura conseguiu reconhecer melhor os saberes e didáticas próprias juntando com outras referências aprendidas no contato com a assessoria pedagógica e/ou na caminhada do griô aprendiz nacional.

Estamos diante do reconhecimento da universalidade da arte ancestral do barro, a alquimia dos elementos, o ritual da água e da terra na preparação da argila, o ar e o fogo na queima das peças, o reconhecimento das forças feminina e masculina no acendimento do fogo, o conhecimento dos tipos de barro e sua mistura que vão gerar uma argila adequada pra confecção de cada peça que será levada ao forno. A didática inicia desde o princípio quando se colhe o barro na várzea do rio, e prossegue na escolha do tipo de peça a ser feita. Ao final temos o cozimento das peças, o tempo de fogo, temperatura, o caldeamento – momento mágico do encantamento das peças, que viram obras de arte. A magia da criação nas mãos hábeis e mágicas das artesãs que transformam barro em arte e cultura. Agregado a isso, há o valor terapêutico dessa prática artística, revelado na harmonização dos pensamentos e sentimentos e no equilíbrio espiritual dessas pessoas que tem constância nesse trabalho, essa antiga arte das pessoas que vivem e morrem ligadas ao barro e deixam o seguimento do seu trabalho.

Aqui no Lampião da Arte e da Cultura estamos buscando a sistematização dos saberes da arte do barro que está resumida em 4 (quatro) verbos: Torá, Relá, Toá e Alisá, é a síntese dessa arte ancestral e resume todos os saberes, são os quatro verbos populares mais falados na comunidade e dá nome ao produto multimídia do Ponto de Cultura, que é nosso objetivo e estamos desenvolvendo. Também temos desenvolvido uma rede de ensinamentos e saberes mais relacionada à prática da arte ancestral do barro. O que queremos aqui e agora com a Ação Griô é aprimorar os "rituais" de encantamento, e sacralizar nossa ação enriquecendo as vivências dentro de uma perspectiva de visão e construção coletiva, fortalecendo a nossa ação.

"A principal justificativa, e digo que só por ela já se justifica tal iniciativa, é o fato de que esses saberes esquecidos, com sua simplicidade, representam o ELO quase perdido (em alguns casos já em extinção) da tradição ancestral dos saberes do povo que está se rompendo em grande escala e de forma desastrosa, pois a perca da identidade cultural dos jovens nessas pequenas comunidades onde existem esses saberes vivos, levam os jovens à busca da identidade perdida nas grandes cidades, nas "selvas de Pedra".

As peças que foram apresentadas no ritual de apresentação da produção dos pontos fazem parte do acervo da Ação Griô e foram confeccionadas no momento de integração do Ponto com a escola da Ação Griô Nacional.

Concluímos esta apresentação com a dança e a música do mestre Pajé chamada Acuã

Acuã foi dar um passeio
Na beirada lá do rio

Acuã foi dar um passeio
Na beirada lá do rio

Um cento de carrapato
Acuã voltou de papo vazio

Adeus Acuã eu já me vou Acuã
Sodade Acuã do meu amor

Adeus Acuã eu já me vou Acuã
Sodade Acuã do meu amor

REGIONAL NASCENTES DAS VEREDAS

"As mães conversavam entre si: – você planta um pé de abóbora e vira ele pra onde você quer que ele dê frutos. Se deixar alastrar e madurar, na hora de virar, ele quebra. Tem que educar antes de amadurecer, enquanto o cipó está molinho."

Dona Narcisa, grió do Projeto Guaimbê, Pirenópolis, GO.

PROJETO
Casa
da
Juventude

Casa da Juventude

No alto da ladeira, dentro do grande monumento cultural Romaria, em Congonhas, Minas Gerais, se localiza a sede do nosso Ponto de Cultura Casa da Juventude, lugar em que a todo momento se vivencia cultura: Festival de Cultura, Festival da Quitanda, Festival do Congado e muitos outros. A Casa da Juventude integra a FUMCULT – Fundação Municipal de Cultura, Lazer e Turismo – que desenvolve um trabalho amplo na preservação da cultura popular e atua em todas as festas populares da cidade, que é um celeiro de arte e cultura.

O Ponto de Cultura, sob a coordenação de Samuel Damian de Oliveira, sempre se fez presente em todas as ações culturais do município e principalmente do Ministério da Cultura. Possui estúdio multimídia formado com a participação da comunidade e instalou telecentros em várias localidades do município. Trabalhou com cento e vinte agentes "Cultura Viva" em oficinas de meta-reciclagem em áudio e vídeo. Realizou oficinas de sabão, de crochê, tricô, decupagem, reciclagem com garrafas pet e jornais, artesanato em palha, bordado e manicure para cento e dez adolescentes e mulheres de várias comunidades. Todas essas atividades contribuíram para que o Ponto conquistasse mais esse grande projeto que foi a Ação Griô, em parceria com a turma da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Dona Maria de Oliveira Castanheira.

A educadora e coordenadora pedagógica da Ação Griô, Kátia das Graças Souza, exerce a função de diretora de educação para o trabalho na Secretaria Municipal de Educação e é uma das idealizadoras do projeto "Arte na Escola – Unidos pela Cultura", que tem como objetivo aflorar talentos e promover o desenvolvimento da arte e cultura em Congonhas. O projeto "Arte na Escola" atende a sete mil crianças e adolescentes de vinte e oito escolas da rede municipal, com oficinas de: pintura em tela, pintura em tecido, biscuit, bijuteria, artes cênicas, dança de rua, música, canto, capoeira, desenho e artes plásticas, além de formação de orquestra de sopro e orquestra de corda. Além do Projeto "Arte na Escola", a Secretaria Municipal de Educação, junto aos professores de 1ª a 4ª série, com sua equipe pedagógica, desenvolveu os projetos "Contadores de Causos" e "Cantigas de Roda", que aconteceram antes da Ação Griô. No projeto "Contadores de Causos", as crianças tiveram a oportunidade de conhecer os contadores da cidade. Os causos eram ouvidos pelas crianças e a seguir eram transformados em textos e, na finalização dos projetos, os textos com a imagem dos contadores foram transformados em banners. O projeto "Cantigas de Roda" consistiu em pesquisas realizadas pelas crianças com pais, avôs e mestres da cultura oral a respeito destas cantigas, que então foram registradas em livros confeccionados pelas crianças e professoras.

"A Ação Griô complementa estas ações, torna as aulas mais dinâmicas e traz muita alegria para as crianças."

Kátia das Graças Souza

Dona Fiinha

Dona Fiinha, negra, miudinha, mas forte e fortalecida em seus 83 anos, vive em Congonhas com suas 8 filhas e filhos, 25 netos e 14 bisnetos. É uma cozinheira de mão cheia, que adora brincar com as panelas, conversando e contando causos dos mais variados, fazendo toda a cozinha tremer de tanto rir. Sempre viveu na comunidade do Campinho, um bairro com descendentes afro carregados de uma cultura de santos, orações, rezas no terreiro, danças em grandes festas no caminho de chão batido que levanta poeira ao som dos tambores. Ela não se cansa de falar:

" gosto daqui, sou muito feliz aqui, toda minha alegria e tristeza passei aqui e aqui quero morrer..."

Na Escola

Os professores contam, alegres e entusiasmados, com os olhinhos encantados:

"Ô meu pai, meu pai, QUE COISA, HIII, PARECE QUE TÔ VIVENDO DE NOVO. Já vivi isso e já vi isso na minha rua e na minha casa. Meus avós sentados em bancos com uma chapa de brasa no meio do chão. E só contavam histórias de assombração. Dava arrepios, mas a gente não arredava o pé. A cantoria, o chiado da boca, a virada do corpo e o clamor da alegria que soltava do corpo e do coração."

E não são diferentes dos alunos que, boquiabertos, se encantam com as histórias e pedem mais e mais. Fazem perguntas e sugerem outras histórias quando lembram nomes de avós, vizinhos... São os mestres que chegam fazendo festa, lançando no ambiente escolar uma emoção que leva os alunos presentes a fazerem uma volta ao passado, revivendo emoções do tempo dos avós.

O tambor toca. Dona Fiinha puxa uma música e todos cantam e dançam. Assim que termina a cantiga, pedem outra e, a seguir, sugerem um caso e mais outro e mais outro... Assim a roda se anima, o tempo passa e o momento torna-se ímpar para todos. É só olhar e ver todos os olhinhos cheios de brilho e uma e outra gota que teimam em cair de emoção.

E lá vai Dona Fiinha, contadora de prosa e versos, faceira e leve, com sua roupagem de "moiça", meio que desconfiada e arteira, vestida de branco. Chega às crianças com jeitinho manso e atrevido, dizendo "ocêis não pode fazer coisa errada, tem que obedecer sua professora e não pode, de maneira nenhuma, falar nome feio". A meninada acha tudo muito engraçado e fica todo mundo calado. Então dona Fiinha começa a contar como era a vida naquela comunidade e como ela mesma viveu sua vida de criança:

"Nossas brincadeiras eram muito inocentes. A gente brincava de pique, de boneca de milho, brincava em roda e aí cantava e dançava, batendo o pé na poeira e fazendo rodopio com o corpo moleque, mas dono de uma infância sofrida, pois não tinha quase nada, mas tinha a alegria dos mais velhos que contavam histórias de assombração e de nossos guerreiros negros"

E assim Dona Fiinha viaja nos olhinhos das crianças, criando um mundo de figuras e canções. A criançada sorri imaginando que em sua própria comunidade tem alegria, tem festa, tem raiz e tem gente boa, gente nossa, gente que gosta de nós...

A professora brinca e pergunta
"Dona Fiinha, como foi seu casamento? Como foi o namoro e a escola?"

Dona Fiinha retruca:
"Ih, nem te conto! A gente não tinha escola. Aprendia em casa com as histórias de nossos antepassados. A gente num sabia ler nem escrever, mas aprendia a contar casos como ninguém."

Lembra sua avó e pára de falar... Convida todos a rezarem. Começa rezando uma Ave Maria, daí a pouco vem a cantoria triste que dá dó, mas ela bate palma e dá um pulinho. Passa para outra música e ai é uma alegria só, pois nesse instante começa a contar como foi que aconteceu seu casamento e a criançada dá risada.

A meninada silencia e lhe escuta; ao mesmo tempo, solta risinhos de devaneios, deixando claro que aquele saber pertence à Dona Fiinha e à comunidade. Os educadores têm a nítida certeza de que muita história ainda vai rolar e de que ela tem cadeira cativa no seio da escola. A professora se dirige a ela e pergunta se deseja voltar para contar mais caso. Ela responde rápido: "claro! Quando ocês quiserem. Esses meninos são meus netinhos e precisam saber como era esse povo todo daqui e das histórias que eles contavam".

Eu já vou imbora, já vou sim
Levo no coração
O sorriso de ocês
E o carinho da escola
Volto quando quiser

Pois quero contar
Minha história
e a história de ocês...
E o carinho da escola

Batendo palmas a porta se fecha

Os mestres sempre despertam uma alegria firme e diferente na escola. Na turma de jovens e adultos, surpresos, os alunos diziam: "conta mais, canta mais, queremos ouvir, queremos dançar ...". Foram assim as rodas e os encontros com Dona Fiinha, Seu Sebastião e Seu Paulo na turma da EJA. A cada encontro, os alunos eram motivados a escrever ou desenhar as emoções sentidas e vividas. E todo esse trabalho resultou em um arquivo de conhecimentos conquistados.

Em Congonhas, a Ação Griô, no seu primeiro ano, aconteceu em uma escola municipal e também na turma de alfabetização da Unidade Regional de Saúde Mental. Nessa experiência inédita, emocionados, os alunos ouviram histórias, casos e cantaram com Dona Fiinha e o mestre griô Albertino Gomes. Na Escola Estadual Rosália Andrade, o Projeto já foi apresentado para os diretores e, em seguida, para os professores.

Mestre Tim - por Luiz Bento da Silva, griô aprendiz

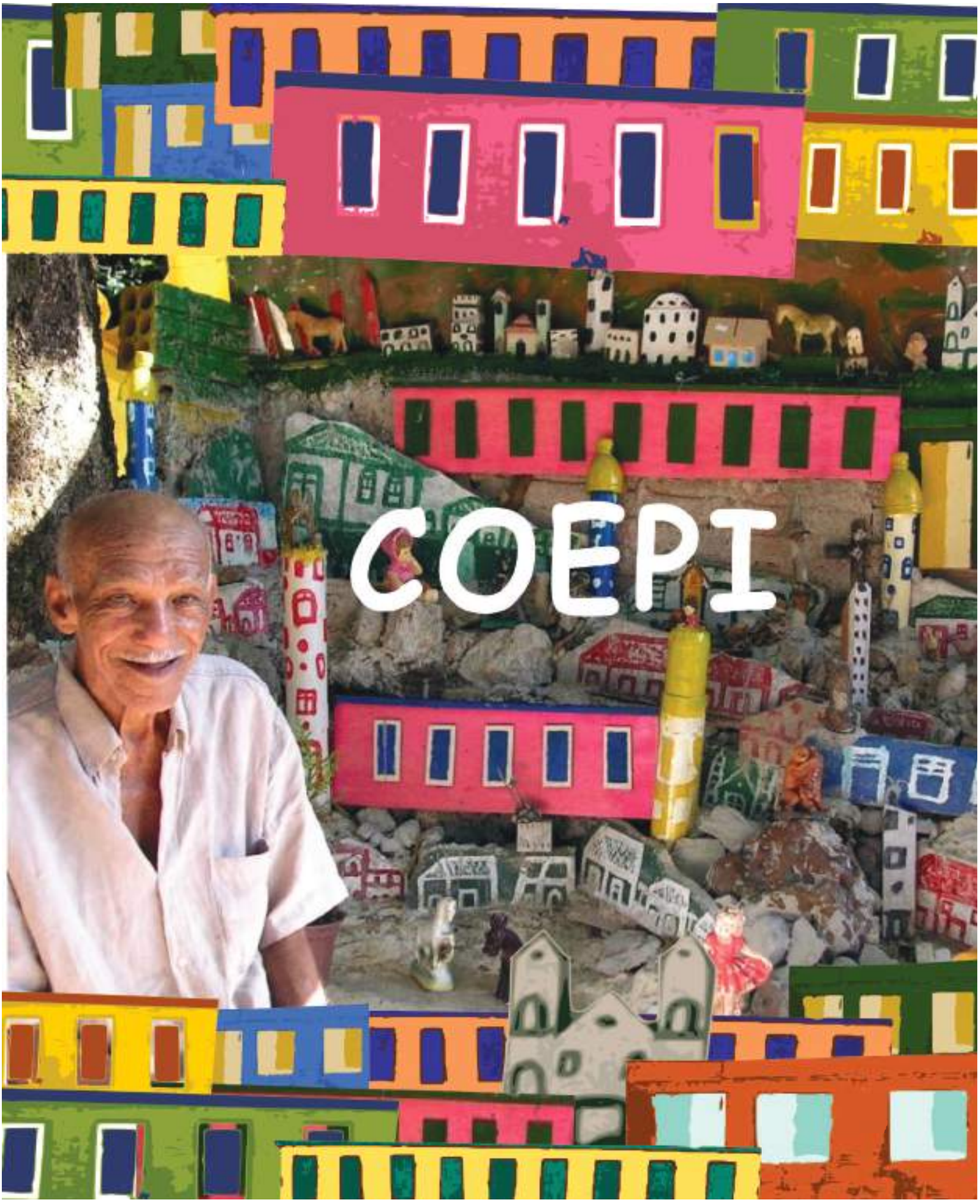
Descendente de comunidade Quilombola e filho de mestre do Congado, mestre Tim cresceu aprendendo as tradições de seus antepassados e convivendo com vários mestres. Integrante da comunidade da Escola Dona Maria Oliveira Castanheira, já se apresentou ali várias vezes com a Banda de Congado. Realiza oficinas de tambores e contribui na realização do Festival de Congado e Folia.

" Na minha família toda criança começa o vínculo com sua ancestralidade no berço. Nossos antepassados nos preparavam para o futuro com nossas tradições, ensinando-nos primeiro a rezar, cantar e entender o que somos neste mundo."

Mestre Tim

Fundação Municipal de Cultura, Lazer e Turismo - FUMCULT
Ponto de Cultura Casa da Juventude - Congonhas

Representante institucional: Mirian Lúcia Palhares Silva
Griô aprendiz: Luiz Bento da Silva (Mestre Tim)
Escolas: Escola Municipal Dona Maria de Oliveira Castanheira e Turma de Alfabetização da Unidade Regional de Saúde Mental
Educadora: Kátia das Graças Souza
Mestre e griôs envolvidos na Ação: Albertino Marcos (Baião e Carioca), Vera Lúcia Moreira (Dona Vera), Maria de Lourdes Coimbra (Tia Lurdinha), Paulo José dos Santos (Mestre Marujão), Maria Rezende de Paula (Dona Fiinha)


COEPI

A SUA BÊNÇÃO, MEUS MESTRES

Enquanto Marieta poetisa o caminho, Mário e Dedé ensinam aos meninos a postura reta de vida na catira. Seu Duti, com dignidade e mão certeira no pandeiro, dá o toque e elegância de quem viajou sem sair muito daqui. A força que vem da alma e da voz do Armando e do Luís causam estrondo às montanhas e aos vales da cidade. O toque das sanfonas do Lourenço e do Nô alegram o coração de qualquer um. Dá vontade de dançar! Seu Nego Aires é exemplo de determinação no cavaquinho e postura de vida! Miuza tem uma força tão delicada e absolutamente intensa, como das ervas do cerrado. Tânia, arauto da alegria, traz o sorriso que cura e alivia. Dona Helena, sempre acolhedora e terna, com "causos" tão engraçados… Dona Laurita, com fé intensa, capaz de mudar o mundo, declarada nas canções de presépio. Dona Narcisa, com força e generosidade que transparecem no olhar e nas brincadeiras recordadas. Mestre Bastião, alegria de criança diante do poder renovar, a cada momento, a si e aos amigos que fez. Peço a bênção a vocês, avós e avôs, pessoas de grande coração e coragem de se revelar e compartilhar! Deus os guarde e proteja!

Cristina Campos – griô aprendiz

A AÇÃO GRIÔ NA ESCOLA

Quinze griôs e oitocentas crianças do Colégio Estadual Senhor do Bonfim, através da Ação Griô, trouxeram para a COEPI, neste ano de trabalho, a certeza de que, numa comunidade, se há veneração, respeito e escuta de seus avós e mestres, fica muito verdadeiramente possível a busca de soluções para as questões fundamentais da vida (e para as questões simples e delicadas também), que são transformadoras e norteadoras de valores e do real sentido da vida, amor e troca. No convívio entre gerações, todos crescem de forma orgânica – sementes, flores e frutos. E, assim, o ciclo continua e vamos caminhando, plantando e colhendo...

AULAS DE CAMPO NO CERRADO

Saíamos para o campo com turmas diferentes, acompanhados por 4 ou 5 griôs com grande conhecimento e sede de transmiti-lo. A palavra era compartilhada e os mestres faziam inserção de referências históricas e contavam "causos" para apresentar as árvores e ervas e contextualizá-las no tempo e no espaço. E sempre com muitas cantigas na chegada e na saída.

MÚSICA

Nos encontros musicais com os jovens da escola, depois de algumas experiências, chegamos à forma básica de acompanhamento da Catira: 1ª, 2ª e 3ª posições no violão, na viola e cavaquinho. Nas aulas de canto (com a griô aprendiz que é professora de canto), cantamos as cantigas de roda e de brincar aprendidas com os griôs e composições de modas dos mesmos, como, por exemplo:

Eu não sei se você lembra
(Luís Cantor)

Eu não sei se você lembra
Morena, daquele dia
Eu cheguei na sua casa
Pensando que eu não te via
Mas você estava de amor mudado
Moreninha, eu não sabia, ai, ai, ai

Quando foi no outro dia
Na sua porta eu passei
Mas eu tinha muita pressa
Por isso eu não importei
Mas mesmo assim de lá de longe
Moreninha, eu te saudei, ai, ai, ai

No outro dia seguinte
Regulava horas daquela
Eu cheguei na sua casa
Você estava na janela
Mas para mim o resto do dia
Foi uma tarde tão bela, ai, ai, ai

Faço uma comparação
Eu não sei se era pecado
Você era uma santinha
A janela era o quadro
Mas santinha que eu tanto amei
Só não tinha era beijado, ai, ai, ai

CATIRA

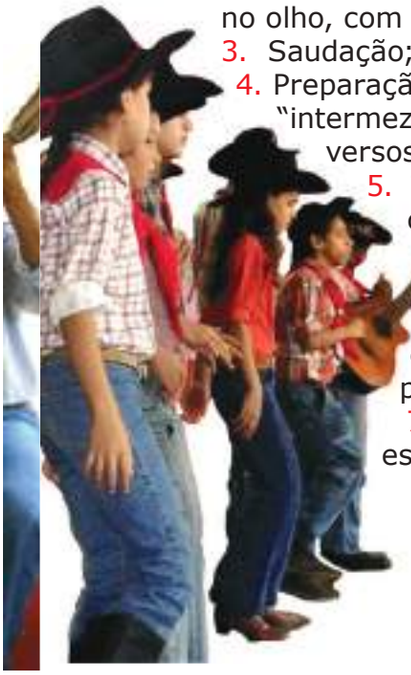
A Catira foi introduzida na escola a partir da prática seguida e vivenciada pela griô aprendiz, seis griôs (Dedé, Lourenço, Luís Cantor, Mário, Seu Nego, Duti) e Baú (um novo griô e parceiro que tem nos apoiado em algumas ações), professora Nívia, de Educação Física, e todos os alunos dos turnos matutino e vespertino (mais ou menos 500).

Esse grupo se encontrava semanalmente na escola e os alunos, no início, estranhavam e muitas vezes ficavam olhando de longe. Contudo, aos poucos foram chegando e se integrando à vivência com os griôs, estreitando laços, cantando e batendo palmas catireiras por todos os cantos da escola.

A professora também se encantou e desejou dar prosseguimento ao projeto através da inserção da Catira no Currículo de Educação Física.

A sequência da Catira na Escola

1. Contação da história da Catira em Pirenópolis pelos mestres e griôs;
2. Alinhamento e postura: duas fileiras, uma em frente à outra, olho no olho, com postura ereta e firme, num misto de coragem e nobreza;
3. Saudação;
4. Preparação da postura de descanso, alerta ou espera: espécie "intermezzo" entre pulos e palmas. Hora de ouvir versos e toadas dos cantadores;
5. Treino do olhar para identificar os comandos dos dois catireiros (guias) próximos aos cantadores: há que se ter uma prontidão para identificar e realizar o tipo de movimento correto, a intensidade e a duração;
6. Palma: a palma é um importante instrumento e deve ser bem sonora. Para tanto, há maneiras próprias de executá-la;
7. Recortes: são movimentos mais elaborados, uma espécie de floreio.



CONSTRUINDO O MEU LUGAR DE GRIÔ APRENDIZ

Cristina Campos

"Na primeira vez que vim a Pirenópolis, já faz alguns bons verões, parei meu carro perto de uma senhora e perguntei se ela sabia de um lugar tranquilo com comida caseira. Ela, que puxava um carrinho cheio de biscoitos, me disse: "eu levo vocês lá, me deixem entrar!". Depois de algumas curvas e subidas, chegamos ao destino. "Podem descer", disse Dona Benta. "Bem-vindos à minha casa. Vou fazer um franguinho delicioso!" Nesse dia, cantamos. Ela contou histórias e eu, tão encantada, nunca mais me separei dela: "Benta que Bento é o frade".

Peço a sua bênção nesta caminhada, Dona Benta, primeira pessoa que conheci e com quem me encantei nesta cidade, minha querida mestra que hoje é uma estrela que brilha no céu, iluminando nossos caminhos.

Meu lugar de griô aprendiz Cristina começou a se desenhar quando ainda bem pequena, no exercício cotidiano vivenciado em família de respeito, veneração e escuta dos griôs que circulavam em casa. Daí veio a paixão pelas histórias e a oralidade. Em 2000, participei da pesquisa "Contos do Arco da Véia" (UFG - Universidade Federal de Goiás), sob a coordenação da professora Ângela Barcellos, revitalizando contadores de histórias e seus causos. O encantamento com os mestres levou-me ao teatro com Marieta, poetisa; Dona Benta (in memorian), fazedora de biscoitos, e Seu Ico, sineiro da Igreja da Matriz (in memorian), coordenado pela diretora de teatro Julia Pascali. O grupo se encontrou, brincou e se apresentou inúmeras vezes para diferentes platéias com o espetáculo "As Empregadas". Tudo surpreendia sempre: eram momentos permeados pelo inusitado, um exercício profundo de se situar no mundo com coragem e dignidade, sem medo de ser feliz.

Em 2003, coordenei a pesquisa da Época do Natal na escola Waldorf Pirilampo, com as griôs Laurita e Narcisa, tendo como resultado um singelo CD gravado com as mestras de Canções de Presépio, pais e crianças. Todos se envolveram e se emocionaram profundamente. Em 2005, participei do projeto de reorientação curricular no estado de Goiás, representando os historiadores de Pirenópolis e defendendo a necessidade de valorização da tradição oral e ancestralidade dentro da escola.

Desde então, venho realizando um trabalho de reconhecimento da história local e mapeamento de griôs da comunidade, com o envolvimento de alunos dos ensinos fundamental, médio e Educação de Jovens e Adultos - EJA. Dentro desse trabalho, diversas ações vêm sendo promovidas, como sessões de contadores de história, pesquisa sobre a história do bairro, vivências com cantigas de presépio, brincadeiras, catira e outras tradições locais, propiciando, por meio dessas atividades, a interação entre a comunidade e o ensino formal, fortalecendo a identidade cultural do bairro e da cidade como um todo. Em 2006, desenvolvi uma ação com contadores de história no Colégio Estadual Senhor do Bonfim e atualmente estou trabalhando em um espetáculo de teatro e música com dois griôs e no grupo ProFusão Rítmica da COEPI.

"Sinto-me privilegiada por trilhar a jornada da Ação Griô 2007/2008 com tão honrados mestres do maior ofício – o da vida. Mestres do poder da fé e veneração às modas de viola, do profundo respeito às ervas do cerrado e à alegria de se pular catira e bater palmas com o eco da terra tremulando o coração! Grão a grão venho descobrindo possibilidades cada vez maiores de luz no caminho da ancestralidade, reveladores da minha própria identidade, que se fortalece e recria com símbolos desses velhos amigos tão mestres. A Ação Griô oportunizou aos saberes locais a possibilidade de cruzar caminhos em todo o Brasil, fortalecendo a rede de tradição oral que, por se consolidar de dentro pra fora nas comunidades e indivíduos, é capaz de transformações na estrutura do ser e da sociedade. Considero importante ampliarmos encontros e trocas 'tali-quali' se faz na tradição oral: com mais rodas de conversa e escuta - 'assim um ajuda o outro'."

HISTÓRIA LOCAL

Em sala de aula, os professores promoveram o encontro dos alunos e griôs, o que por si só já representou incrível mudança de paradigma na estrutura das aulas. Isso gerou encantamento para os griôs, que foram ouvidos com grande carinho e veneração; para professores, que começaram a vislumbrar possibilidades de uma história mais viva e pulsante, e para os alunos, que se envolveram com uma história que os liga aos antepassados e à cidade como sujeitos, não apenas como platéia.

O PONTO DE CULTURA

A Comunidade Educacional de Pirenópolis – COEPI - tem como missão promover a felicidade e o desenvolvimento humano através da Arte, Educação e Meio Ambiente. Fundada em 1996, a entidade firmou-se na cidade como um centro complementar ao ensino formal. Em 1999, teve início a construção de sua sede com o apoio de associados e do comércio local. Pouco a pouco, o trabalho foi ganhando força da comunidade e a instituição foi ampliando suas atividades artísticas, lúdicas e ambientais através de oficinas, vivências, treinamentos, festas e eventos culturais, buscando sempre o desenvolvimento integral do ser humano. Hoje, a sede conta com 4 módulos circulares para o desenvolvimento das oficinas, integrados com ampla área verde onde a jardinagem ecológica comunitária vem crescendo e ganhando força.

A COEPI teve a grata satisfação de conviver com dois importantes ícones da tradição oral em Pirenópolis: Dona Benta e Seu Ico. Ambos atuaram em diversos encontros e oficinas em nossa anual Feira do Livro, em sessões de contadores de história nas escolas públicas, em peças de teatro com o grupo "Coisas Nossas" e no Projeto "Conhecer para Preservar", realizado pelo IPHAN em parceria com a COEPI. A saudosa perda por falecimento de tais depositários do saber popular nos levou a reforçar a importância da divulgação e registro da sabedoria destes e de outros mestres pirenopolinos.

No ano 2000, a professora Ângela Barcellos Café deu início à pesquisa "Contos do Arco da Véia: registro e valorização da cultura oral pirenopolina", identificando e registrando contos e narrativas de alguns contadores de histórias de raiz. Formou-se, então, um grupo de contadores de histórias por meio de oficinas teórico-práticas ministradas pela professora Ângela, composto por professores da rede pública e moradores de bairros diversos de Pirenópolis. Com o principal objetivo de valorizar a cultura oral, todos os registros das histórias foram recolhidos em sessões públicas e gratuitas de contação de histórias, procurando atingir vários espaços com públicos diferentes, como escolas, pousadas e hotéis, centros comunitários e outros. Em 2007, o grupo de pesquisa da UFG iniciou o registro dessas histórias para publicação de um livro e de um CD, ainda em andamento.

Como parceira na Ação Griô, a professora Ângela montou, junto ao Conselho Estadual de Educação, um curso de formação continuada para os professores da rede pública, com 120 horas de duração, iniciado em 2008, dando subsídios para o desdobramento de ações e formalização de um currículo que contemple os saberes da tradição oral dentro e fora da sala de aula.

Em 2006, a COEPI realizou o projeto Modinhas de Goiás – registro em imagem e som, que identificou várias fontes guardiãs de memória da prática desse gênero musical nas cidades de Pirenópolis, Cidade de Goiás, Goiânia e arredores. Coordenado pelo músico e pesquisador Roberto Corrêa, o projeto teve a participação de vários griôs e culminou com a publicação de um vídeo musical de 30 minutos, distribuído para Pontos de Cultura, bibliotecas e escolas.

Preocupada com a falta de apoio aos grupos tradicionais de Catira em Pirenópolis, a COEPI vem trabalhando há 4 anos no fortalecimento do grupo Raiz de Pirenópolis, através de oficinas, em nossa sede e em escolas da cidade, e da promoção de apresentações públicas. Idealizado pela coordenadora do Ponto de Cultura Isabella Rovo e comandado pelos griôs Mário e Duti, esse trabalho se desdobrou, em 2007, no grupo ProFusão Rítmica, e integra os grupos de Catira, Dança de rua, Percussão, Teatro Infantil e Fruto Maduro da COEPi, reunindo diferentes gerações no resgate e fusão de linguagens tradicionais e contemporâneas. Experimentando e fundindo ritmos, o grupo vem dando uma nova roupagem às brincadeiras e danças populares do interior de Goiás, e se apresentando em festivais e encontros desde sua criação.

Em 2008, a COEPI, junto com os griôs, vem formatando novas apresentações em parceria com os empresários da cidade e, através do projeto "Valorização da Cultura Popular para o Turismo de Pirenópolis", com o Ministério do Turismo, prosseguirá com as pesquisas e ações de valorização e geração de renda com as apresentações artísticas, incorporando, revelando e renovando os valores aprendidos com os mestres.

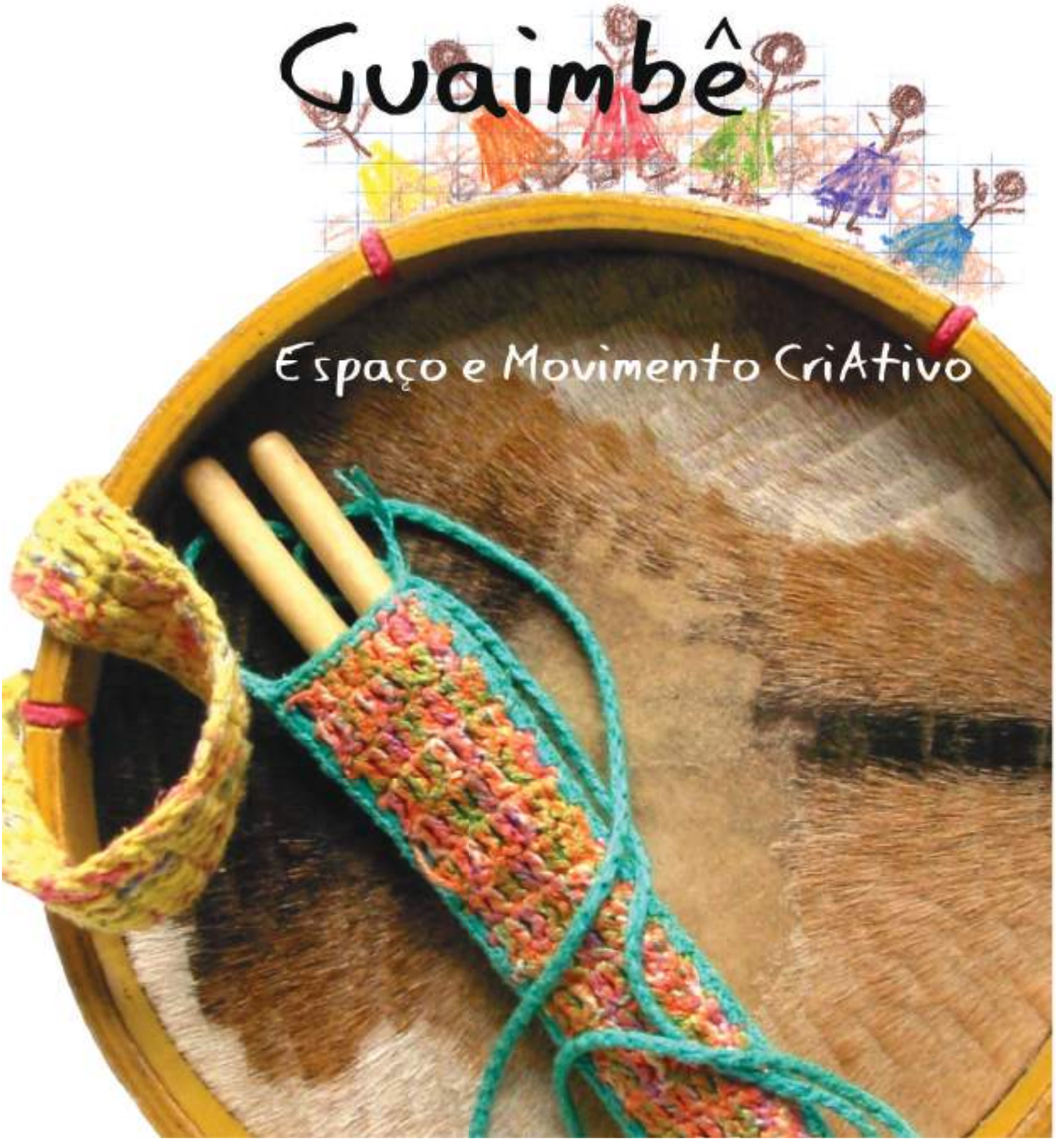
E segue o plantio...
Com a bênção dos mestres!

Comunidade Educacional de Pirenópolis - COEPI - Pirenópolis

Representante institucional: Vera Lucia Lucena Ribeiro da Costa
Educadores da COEPi: Isabella Rovo e Patricia Ferraz
Griô aprendiz: Maria Cristina Campos Ribeiro
Escola: Colégio Estadual Senhor do Bonfim
Educadores: Noêmia Dasdores de Sá, Nívia Camargo de Almeida Diniz, Joyce Giordana Lopes Godinho, Edna Maria da Veiga Basílio, Cleusa Gomes e Jovânia da Veiga
Mestre e griôs envolvidos na Ação: Sebastião Profeta (Bastião de Chica), Mauro V. dos Santos (Mauro Catireiro), Marieta Amaral (Dona Marieta), Laurita V. da Veiga (Dona Laurita), Narcisa de Jesus (Dona Narcisa)
Griôs colaboradores agregados na execução da Ação: Verduti José da Costa (Duti), Emílio Aires da Silva (Seu Nego), Miuza Correa de Souza, Lourenço Morais da Luz, Ana Conceição Oliveira (Tânia), Helena Maria de Oliveira (Dona Helena), Armando Machado, Luis Francisco Xavier, Geraldo Vicente dos Santos (Dedé) e Gracilino Machado (Nô)

Guaimbê

Espaço e Movimento CriAtivo



A semente griô que brota do convívio

"As mães conversavam entre si - você planta um pé de abóbora e vira ele pra onde quer que ele dê frutos. Se deixar alastrar e madurar, na hora de virar, ele quebra. Tem que educar antes de amadurecer, enquanto o cipó está molinho." Griô Narcisa

Ser griô aprendiz na Guaimbê é diferente: lá no Quintal da Aldeia trabalhamos de turma - somos 6 griôs aprendizes com idades variadas entre 17 e 48 anos. O cotidiano da gente é assim - vivemos em relação direta com nossos griôs/ avós/ mestres/ orientadores/ companheiros de jornada. A Flor de Pequi uniu a gente, as Guerreiras do Bonfim e seus aprendizes. Com elas a gente adentra as escolas, ganha as ruas e a simpatia de todo mundo: crianças, jovens, homens, mulheres, professores e griôs, ufa! na cintura, um cinto boniiiiiito, cheinho de tiras de fuxico, fitas de cetim, penduricalhos... um bando de trem que significa alguma coisa pra cada um de nós.... tudo tem sua própria história. Lá vem a Flor de Pequi, festiva, alegre, convidativa. Vem cantando alto, as caixas ressoando ao longe. A criançada alvoroçada, esperando, ansiando.

"Papagaio louro, do biguinho dourado, toma esse presente, morena, dá a seu namorado, ai ai!"

Seu Ico adorava receber a Flor de Pequi em sua casa... ele ouvia o rufar das caixas e já nos esperava na janela ou no portão e logo fazia seus pedidos das brincadeiras preferidas....

"o coqueiro de sabido, bota os côco nas altura,
ele pensa que eu num sei, quando os côco tá maduro,
quebra côco nego, eu não, eu não,
quebra côco nego, eu tô quebrando..."

Um dia ele nos pediu de presente de aniversário de 80 anos uma caixa do Divino: Quando o Sr. faz 80 anos, Seu Ico? - nós perguntamos. - Em agosto! - ele respondeu. Pedido feito, desejo realizado: no mesmo ano ele ganhou sua caixa. Qual não foi nossa surpresa, quando descobrimos que ele faria 80 anos somente em agosto do ano seguinte! Quando nós falamos com ele sobre isso, ele veio com uma das dele:

- Uai, se eu falasse que era no ano que vem eu não ganhava a caixa!

Foi perfeito, pois, no seu aniversário de 80 anos, ele tinha passado pro andar superior, e de quebra tinha nos encomendado tocar caixa em seu enterro. Foi o que fizemos.

Rega, cuida, alimenta... assim em 2001 a semente ganhou um nome em Brasília: Guaimbê quer dizer coluna vertebral na língua dos índios munduruku. Nasceu no convívio com as comunidades da tradição popular, na aprendizagem de seus saberes e fazeres. Daraína Pregnolatto, sua coordenadora e griô aprendiz, deu um impulso nessa construção por causa do seu conhecimento em dança educativa (Método Laban) e o convívio com mestres de dança, tai chi chuan, terapias corporais e da cultura popular. A Flor de Pequi - Brincadeiras e Ritos Populares, nasceu em 2003 e é assim: tem pesquisador que vira brincante tradicional e tem brincante tradicional que vira pesquisador, e no final das contas é tudo uma coisa só. O importante é que encanta todo mundo por onde passa, cria amizades, sensibiliza, reconhece os protagonistas da comunidade, reúne uma porção de gente de todas as idades e cria os tais dos vínculos. É uma farra só, revitaliza e fomenta a prática das brincadeiras infantis e da tradição popular nas escolas. Integração e respeito entre as gerações. A gente descobriu que a semente que foi plantada em São Paulo, e tanto caminhou pelo Brasil, era uma semente griô! Foi em 2007 que nossas raízes econtraram-se com outra raiz ancestral debaixo de solo tão fértil: a semente do Programa Ação Griô Nacional... Foi uma festa! A turma do Quintal foi compartilhando seus fazeres. Dona Laurita, Dona Narcisa e o Mestre Bastião de Chica, e a griô aprendiz Daraina. A parceria com a Ação Griô tem contribuído pra sistematização da nossa prática e pra relações de respeito e reconhecimento às histórias ancestrais e experiências de infância e juventude da nossa comunidade.

"O que eu gosto: bater pandeiro. Pelejei para passar para meu filho. Se a criança tem interesse tem que ser incentivada. Com um músico, um sanfoneiro, um pandeirista, a festa está feita. A Folia, o folião tem que saber pular catira e cantar, senão não é folião. Eu toda vida mantive meu repertório. Sempre pulei pra dentro pra ir aprendendo, pra salvar o bolo. Sanfona, eu tive duas, e ainda tenho o sonho de ter de novo. E o pouso de folia, só de ver a bandeira chegar, aquele povão, a bandeira no altar da sua sala, é uma satisfação."

Da Flor de Pequi se inaugurou o Quintal da Aldeia – nossa casa, sede, quintal. Foi aqui que cresceu e amadureceu a vivência educativa: uma educação comunitária organizada em ciclos temáticos anuais com a comunidade, com mestre Ico e outros mestres. Ô quintalzinho bão! Todo mundo que entra lá se encanta, de lá leva pra casa e hoje em dia tá todo mundo diferente! Tem muita gente da comunidade que agora é educador- jovem, moço e velho! Lá é assim: surge uma idéia, ela se transforma em tema e vira teatro, auto teatral, texto, ilustração, livro, peça artesanal e artística em madeira, como quebra-cabeças. De lá vai pras escolas, pro teatro, cinema. E às vezes pra outras cidades também!

"Ser griô significou uma maior união entre os mais velhos. A gente se reergueu: chega no meio da turma, dos meninos e das mocinhas. Aumentou a amizade com a turma, tocando junto, cantando. O que era desvalorizado, valorizou."

Griô Nego Aires

Do que se alimenta a semente griô

Em Brasília nasceu o Grupo de danças brasileiras Flor de Babaçu. Em Pirenópolis se juntou com brincantes de Catira, Folias de Reis e do Divino. Foi quando encontrou o primeiro mestre do Planalto: Seu Ico.

"Ser reconhecido como griô é como nascer de novo. É muito importante divulgar o conhecimento, transmitir pros outros".

Griô Lourival Catireiro

Quando a gente adentra a escola com a Flor de Pequi, a roda vai se formando como que por encanto, uma criança, outra, a mãe, a avó, os irmãos, ao redor, a curiosidade dos que percebem. A sacolinha das brincadeiras está sempre cheia de surpresas cantadas e brincadas.

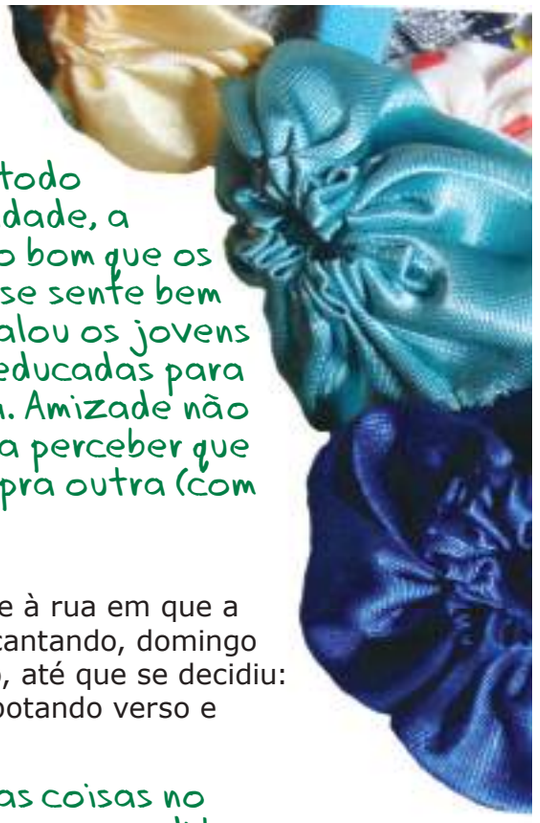
"Bento que benze é o frade frade / Na boca do forno forno / Jacarandá dá / Tudo que seu mestre mandar / Faremos todos!!!"

A criança que primeiro se manifestou sorteia a brincadeira da sacolinha e a roda vai se animando, ganhando força, respirando vida. As Guerreiras cantam, contam histórias e os olhos das crianças ganham mais brilho, imaginam os tempos de antes. A serpente surge do alto do morro, linda, colorida com seu imenso rabo que... ops... ela perdeu!?

"Essa é a história da serpente que desceu o morro para procurar um pedaço do seu rabo... você aí, é um pedaço do meu rabãããão..."

A criança que primeiro se manifestou sorteia a brincadeira da sacolinha e a roda vai se animando, ganhando força, respirando vida. As Guerreiras cantam, contam histórias e os olhos das crianças ganham mais brilho, imaginam os tempos de antes. A serpente surge do alto do morro, linda, colorida com seu imenso rabo que... ops... ela perdeu!?

Nós, griôs aprendizes carregamos um sentimento profundo da nossa ancestralidade; Seu Ico, o primeiro griô que se encantou de verdade com a Flor, já ensinava isso pra gente. Depois nós conhecemos Seu Bastião, velho sabido dos tempos do congo e do tapuio.... fez dupla com a Marieta e Seu Ico com Dona Benta e lá fizemos o casamento do Jorge e da Jorgina, dois bonecões que nós temos no Quintal.



"Na Ação Griô não se faz pouco caso de ninguém, todo mundo é considerado importante, sempre tem novidade, a gente faz reunião, se diverte, fica mais feliz. Acho bom que os meninos querem ouvir o que a gente conta. A gente se sente bem pela união, não tem um melhor do que o outro, igualou os jovens e os velhos. As crianças não iam nas festas, eram educadas para o trabalho. Agora podem ir aos bailes, pular catira. Amizade não se compra, minha filha, vocês estão me ajudando a perceber que eu sou uma pessoa boa... Vou passar a minha vaga pra outra (com relação a morrer)." Mestre Bastião de Chica

Depois veio Dona Narcisa, que mora na Vila Mutirão, em frente à rua em que a Flor brincava aos domingos. Aquela meninada.... ela foi se encantando, domingo a domingo, foi lembrando da sua infância, domingo a domingo, até que se decidiu: essas brincadeiras eu conheço.... e chegou logo de uma vez, botando verso e ficando....

"A pessoa idosa, assim como eu, que aprendeu muitas coisas no passado, passar pros mais novos, que muitas vezes nem acredita. Depois que a gente passa a falar aquilo, eles passam a ver a mudança do tempo e cai na realidade, acaba acreditando no que a gente diz e de alguma forma passa a viver esse tempo também". Griô Narcisa

Da Flor pro Quintal e o novo chamado foi trazendo as companheiras griôs e lá chegaram Dona Helena, Taninha e Dona Laurita. Miuza veio vindo, trazida pelas mãos da neta.

"Acho que tudo que sei é importante. Foi importante pra mim, deve ser pros outros, só não o estudo, pois foi pouco. A seresta, a reza, o bordado, cozinhar. A coisa mais importante que ensinei pros meus filhos foi a responsabilidade, honestidade e respeito ao próximo, pois são o melhor bem que a pessoa pode ter." Griô Laurita

Uma coisa leva à outra: uma festa, um almoço, aniversário de Dona Benta, dia das mães, pamonhada. O convívio foi se estreitando, as griôs foram se descobrindo guerreiras e renasceram Guerreiras do Bonfim. Hoje em dia, vejam só, são educadoras griôs nas vivências educativas, da criação do programa à sua avaliação, são conselheiras do Colegiado e co-gestoras do espaço sede (Quintal da Aldeia).

Seguindo nessa mão, a amizade com os outros griôs foi sendo alimentada nas festas de tradição popular - Festa do Divino e de Reis, principalmente. Griô aprendiz também é catireira e foliã e aprende diretamente com os mestres nas festas. Todo mundo mora no Bonfim, ou Aldeia, como querem outros pejorativamente, esse grande bairro mãe que acolhe todos os moradores da roça - "é uma turma só", como eles gostam de dizer.

A partir deste convívio, foi proposta a criação dos "Bailes da Roça", atividade que vem reunindo um número cada vez maior de griôs da comunidade. Essa atividade tem valorizado sobremaneira a comunidade griô local, valorizando a relação intergeracional e dando a oportunidade às crianças e jovens de recriarem suas histórias a partir deste convívio.

"Desde pequena adoro festar. Quando era dia de baile, eu engomava com polvilho a saia rodada e ia pras festas, flap, flap, com a saia fazendo um movimento bonito." Griô Taninha

Nos bailes quem toca são os griôs, Nô Sanfoneiro, Armando, Luiscantor, Nego Aires, Tio Duti (tio da Tereza é nosso tio também) e Lourenço Sanfoneiro. Quem organiza são as Guerreiras. Dedé e Lourival (este último não bolsista no programa) organizam o Catira, que já tá virando grupo: o infantil e o adulto. E ainda tem o Lundu, que renasceu das cinzas da Vila Propício. Assim outros griôs locais estão se reconhecendo sabedores e fazedores.

" O projeto griô foi importantíssimo pra fazer renascer as festas e comemorações entre os griôs. Os nossos bailes fazem com que Pirenópolis viva de novo. Jovens da cidade e de outros lugares já estão participando junto com a gente." Griô Nô Sanfoneiro

Essa caminhada é longa e acabou formando uma caravana - a Caravana Guaimbê – que viajou por lugares importantes da cidade juntando as crianças e professoras da escola, os griôs e quem mais queria.

"Os jovens precisam aprender a trabalhar; tem que estudar, mas estudar demais pode atrapalhar a fazer outras coisas importantes... aprender não ocupa lugar, quanto mais sabe, melhor fica".
Griô Nego Aires

Virou auto teatral e se apresentou no Cine Pireneus e no Theatro de Pirenópolis, importante que só! A montagem do "espetáculo" foi totalmente coletiva e foi sendo construída ao longo do semestre. O que a gente contou? Contou as histórias de vida das Guerreiras e de Seu Bastião, a história do Bairro do Bonfim, um "pedacin" da história da cidade, figuras que fizeram a diferença, como Santa Dica da Lagolândia e Comendador Joaquim Alves da Fazenda Babilônia. Mais importante que tudo foi a riqueza dessa história, que foi inventada bem de pertinho, no convívio que se estabeleceu entre a equipe do Quintal da Aldeia, os griôs, as crianças e as professoras, todo mundo unido.

Em se plantando tudo dá

"Plantar, é o que considero mais importante. Saber limpar o arroz, o feijão e o milho prá planta crescer. Se não souber tirar o arroz, perde tudo. Tudo tem sua época certa de plantar e de colher, a lua certa. Porque sem alimento ninguém sobrevive e hoje em dia nenhuma criança sabe de onde vem o alimento." Griô Miuza

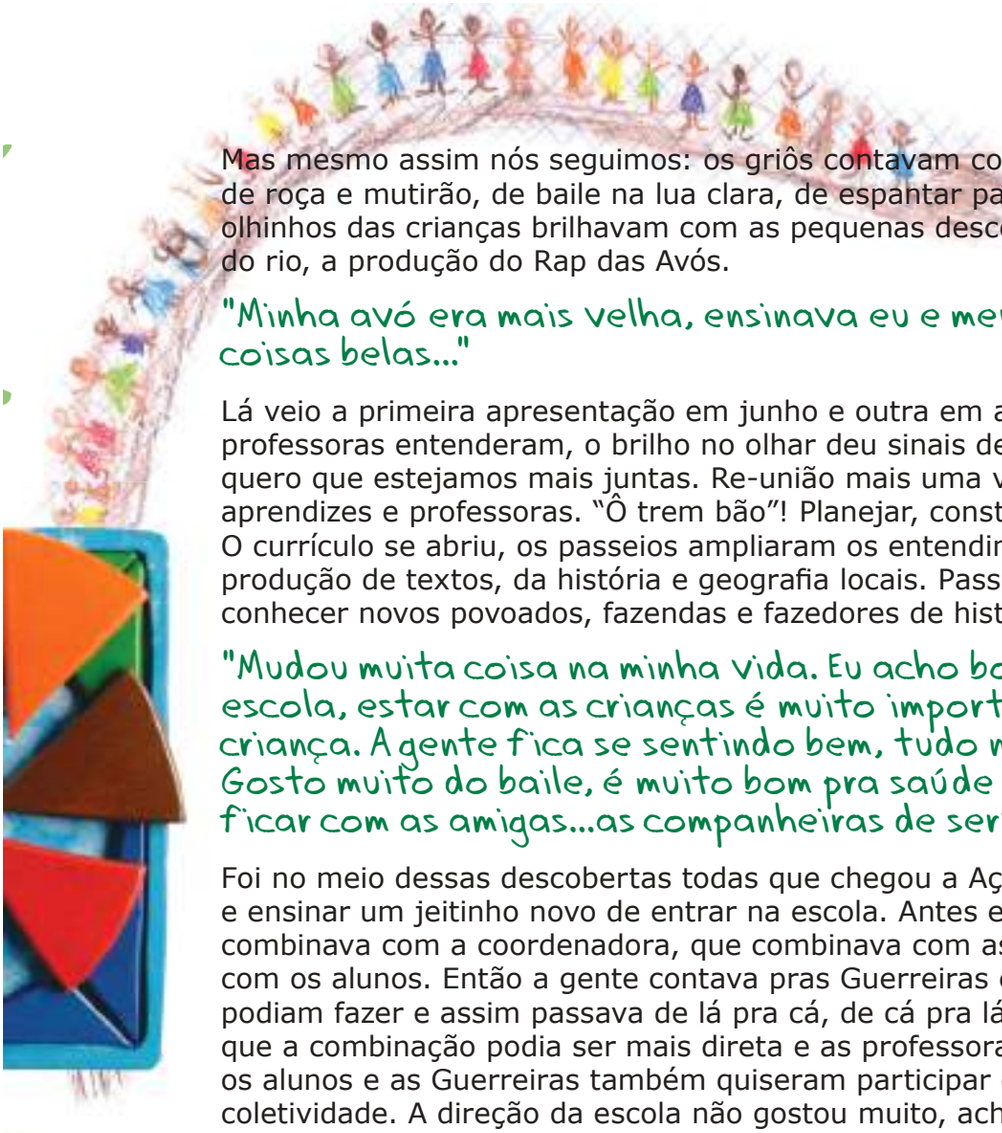
Uma caminhada se inicia com o primeiro passo. Encontro, troca, encantamento, re-união: presentes os griôs aprendizes do Quintal da Aldeia, três professoras do Colégio do Bonfim, a coordenadora griô aprendiz e a griô Narcisa. Visitas ao Quintal da Aldeia foram programadas, cada semana uma turma. Tudo estaria certo se o errado não chegasse junto... Os pais não entenderam a saída das crianças para brincar. Brincar de aprender não pode.

Até aqui a Ação Griô ainda não tinha chegado em Pirenópolis. Novo encontro, nova solução: se as crianças não podem ir ao Quintal, o Quintal vai até as crianças. Combinado. Toda semana adentrava a escola, junto mais três griôs: Helena, Taninha e Miuza, cada uma com seu cada qual. Você já viu alegria tamanha? E a algazarra? Maior ainda! As reclamações começam: que barulho fazem 60 crianças juntas no pátio interno de uma escola, já pensou? Criança que não faz barulho é criança? Criança que não se mexe é criança? Criança que não experimenta, ousa, inventa, cria, recria, faz e acontece é criança? Na escola criança tem que ser criança quieta e comportada, acomodada. Se atividades lúdicas e interessantes não fossem tão raras a excitação seria mais natural, menos exagerada.

"Bento que benze é o frade..!"

A Caravana avança, passeia, conta, reconta. As professoras quase em estado de choque... eu consigo? Eu entendo? Eu quero?

"Acho muito importante a troca de sabedoria, é importante estar na escola e ensinar o que sabemos para as crianças e jovens."
Griô Lourenço Sanfoneiro



Mas mesmo assim nós seguimos: os griôs contavam coisas dos tempos de antes, de roça e mutirão, de baile na lua clara, de espantar passarinho da plantação e os olhinhos das crianças brilhavam com as pequenas descobertas, a canção de acalanto do rio, a produção do Rap das Avós.

"Minha avó era mais velha, ensinava eu e meus irmãos, coisas lindas, coisas belas..."

Lá veio a primeira apresentação em junho e outra em agosto. Sucesso total! As professoras entenderam, o brilho no olhar deu sinais de conhecimento. Agora eu quero que estejamos mais juntas. Re-união mais uma vez, toda semana, griôs aprendizes e professoras. "Ô trem bão"! Planejar, construir, criar, programar, agir. O currículo se abriu, os passeios ampliaram os entendimentos da matemática, da produção de textos, da história e geografia locais. Passeio pra aprender a tecer e pra conhecer novos povoados, fazendas e fazedores de histórias.

"Mudou muita coisa na minha vida. Eu acho bom demais trabalhar na escola, estar com as crianças é muito importante. Eu gosto muito de criança. A gente fica se sentindo bem, tudo na vida da gente melhora. Gosto muito do baile, é muito bom pra saúde da gente: essa alegria, ficar com as amigas...as companheiras de serviço..." Griô Taninha

Foi no meio dessas descobertas todas que chegou a Ação Griô pra somar com a gente e ensinar um jeitinho novo de entrar na escola. Antes era assim: primeiro a gente combinava com a coordenadora, que combinava com as professoras, que combinavam com os alunos. Então a gente contava pras Guerreiras e perguntava o que elas podiam fazer e assim passava de lá pra cá, de cá pra lá. Depois nós fomos percebendo que a combinação podia ser mais direta e as professoras acharam bom. Depois ainda os alunos e as Guerreiras também quiseram participar e tudo foi construído nessa coletividade. A direção da escola não gostou muito, acho que é porque nós somos muito barulhentos!

O semestre andou e a história do bairro foi se revelando junto com a história da cidade, se construindo na Caravana Guaimbê, na Ação Griô e na Expedição do Redescobrimento. Crianças felizes se mostraram ao Brasil Central na dança do catira, sob a orientação de todos os griôs. Os visitantes encantados com a dimensão e importância do evento. Mas o grande evento ainda estava por vir e finalmente a Grande Caravana do Bonfim encerrou sua jornada no teatro de Pirenópolis, numa forma encantada de contar seu conto.

Hoje os griôs caminham pelas ruas e são reconhecidos. Hoje as crianças sabem que seus pais e avós também sabem histórias dos tempos de antes. Hoje as crianças cantam músicas desse tempo, recontam as histórias da sua cidade e experimentam os primeiros passos em direção aos seus próprios dons.

"É uma pessoa mais vivida, que tem mais conhecimento, que guarda aquilo que aprendeu e que sabe transmitir. Principalmente em relação às crianças, eu fiquei muito mais conhecida e criamos uma afinidade maior: eles vêm, abraçam, chamam pelo nome..." Griô Laurita

Agora a Caravana seguiu em direção à Escola de Educação Infantil Geraldo de Morais, e a gente miúda dessa nova viagem já se encanta com tantas cores e histórias da Flor de Pequi - Brincadeiras e Ritos Populares. As professoras municipais se alegram com a nossa chegada, pedem, sugerem, solicitam, interagem, integram. A Secretaria de Educação já começa a se encantar. Outras escolas municipais pedem nossa visita... é muita ação pra pouca gente! Sabemos que nossa equipe tem que aumentar!

Nas ruas crianças e jovens nos abraçam, correm ao nosso encontro. Viajantes da outra caravana nos procuram, saúdam, perguntam... quando vocês voltam? Algumas professoras do Colégio do Bonfim e do Colégio Santo Agostinho (a pedido da diretora) já planejam ações em conjunto com a gente: são professoras de artes, história, geografia e português. Como nossa Caravana não pára, faz pouso, elas nos visitam, saem a passeio conosco, programam atividades em sintonia com as nossas. O próximo livro contará com a participação delas.

"Eu acho muito importante. A gente sente grande, sente gente, principalmente quando ajuda as crianças. Pra mim é bom demais, aí eu sinto que sou alguma coisa. Quando eu tô no meio das crianças, eu fico toda feliz, elas trazem a felicidade!" Griô Miusa

Pela nossa experiência, sempre que ouvimos os anseios e necessidades dos griôs, seus desejos e vontades, tudo se torna claro, afinal nós é que aprendemos com eles e por eles somos orientadas. Percebemos que nosso papel como griôs aprendizes é ouvi-los com profundo respeito e tentar fazer com que os professores e as crianças queiram ouvi-los também e se encantem com seus saberes.

"Ser griô é muito bom. Não gosto de estar insistindo coisas para as pessoas, o que tiver no meu alcance vou ajudar. Estou revivendo o passado quando estou junto com os outros griôs." Griô Duti

Griô é o guardião das memórias e tradições do seu lugar. Ele faz, guarda, conta e reconta, assim passa adiante tudo que sabe. Seu Ico já ensinava isso pra gente. Ação Griô é a vontade de levar todo esse povo e conhecimento para dentro das escolas, que nem batatinha quando nasce, que espalha as ramas pelo chão... Griô ouvido é griô despertado. Griô reconhecido é griô feliz. Griô fortalecido é griô saudável. Griô valorizado é griô empoderado.

No Quintal da Aldeia os griôs não conseguiram se separar da "turma" e dividiram suas bolsas com outros dois companheiros que no final somaram 15 griôs bolsistas. Isso que é solidariedade e companheirismo. Não tem conta o tanto de ensinamento bonito que eles compartilharam com a gente, com as crianças, jovens e professores.

O fruto da semente tem mais semente dentro

A criança que tem o dom pra música precisa ser estimulada, a criança precisa aprender olhando os mais velhos tocando, que foi como eu aprendi com 10 anos." Griô Armando

Miriam, jovem estudante com necessidades especiais, se identificou muito com o projeto, nos contava como se sentia excluída pelos colegas e pelo ensino, no qual não se ajustava por suas dificuldades de aprendizado. Ela revelou talentos nas atividades corporais e plásticas, dando vazão à sua inteligência intuitiva em sintonia com as propostas: ”Foi bom ter a Caravana Guaimbê na escola. As Guerreiras ensinavam, cantavam música. Aprendemos muito com elas e os educadores. Comecei a me interessar pelo que as pessoas faziam. Aprendi como trabalhar com projeto, os alunos dão continuidade ao jeito de cantar, de movimentar. Lembrei da minha avó, que mexia com roça, com plantação. Alguns alunos não gostavam, porque atrapalhava a aula. Outros passaram a gostar, a se interessar pelas coisas. Eu me senti melhor porque a pessoa vai convivendo com os outros, vai aprendendo e se desenvolvendo mais. Pra mim ajudou a esquecer os problemas de convivência. Lembro que o projeto começava com movimentos, depois vinham as músicas dos griôs. Tinha a música das avós, “minha avó era mais velha”. Tinham os movimentos da água... a pessoa reconhece mais quando faz o movimento com o corpo. Gostei do Arroxoxô, porque é música com movimentos das árvores que fazíamos uns com os outros. A escola é melhor com projeto, a gente vai reconhecendo, vai dando continuidade. A professora gostou. Quando as Guerreiras falavam as Histórias, a turma se interessava mais. Esse ano tem gente que sente falta do projeto.”

Na apresentação do teatro, apresentou o espetáculo e dançou hip hop acompanhando o grupo “Mensageiros do Rap”, também formado por jovens da comunidade e coordenado por Murcego, griô aprendiz que trabalhou com os alunos a composição do Rap das Avós: “O Murcego ficava cantando música, fazendo movimentos da Capoeira. Jackito fazendo hip hop dentro da roda. O Rap é bom de dançar, de desenvolver. Vai passando pela mente. A gente vai fazendo e vai ajudando outras pessoas que não conhecem o ritmo. Eu sou assim, gosto de fazer e ajudar os outros a aprender. Na escola, os jovens gostam do Rap. Pra mim dançar no palco foi legal, as pessoas ficaram olhando, me disseram que acharam bonito. Quando acabou o teatro, fez aquele baile.”

Passou a freqüentar os bailes do Quintal da Aldeia e conviver com os Griôs e Guerreiras. No almoço do dia dos pais tocou pandeiro e violão com grande senso musical, com aquilo que os mais velhos chamam de dom. Sua mãe passou a incentivá-la nestas atividades, quando antes partilhava com a filha o desconforto do ser “diferente”: “Acho bom os bailes, os movimentos. São momentos de reunião da comunidade. No baile da Guaimbê toquei pandeiro, violão. Não tinha tido oportunidade de experimentar instrumentos, achei bom mexer com música, dá aquela tranqüilidade. Gostei dos desenhos, fizemos diferentes: quadrados, retângulos bem coloridos, quebra-cabeças. Já contei histórias pros meus sobrinhos. Se tivesse que dizer algo aos griôs, pediria para eles ensinarem mais da vida deles pra gente, porque faziam de tudo e conheciam muita coisa.

Quero continuar participando, desenvolvendo mais, reconhecendo mais. Quando eu for mais velha vou ensinar sobre o que se conversava, como era a vida antes.

Já contei histórias pros meus sobrinhos. Se tivesse que dizer algo aos griôs, pediria para eles ensinarem mais da vida deles pra gente, porque faziam de tudo e conheciam muita coisa. Quero continuar participando, desenvolvendo mais, reconhecendo mais. Quando eu for mais velha vou ensinar sobre o que se conversava, como era a vida antes. "

Não se corta a bananeira, deixa o cacho madurar
Não despreze o amor velho, deixe o novo acostumar

Como tudo que é novo, uma nova metodologia que propõe um trabalho de reconstrução do modelo pedagógico oficial demora um pouco a acostumar... Sabemos que as escolas vivem suas próprias limitações de experiência e convívio com metodologias criativas e de cunho comunitário. O convívio escolar é cansativo, competitivo e quase nada criativo, prática que estimula processos de tensão e stress na equipe. A Ação Griô é um verdadeiro oásis no árduo cotidiano dos educadores. As escolas precisam e querem ser "encantadas", apesar de terem muito medo dessa inovação.

Tememos o que desconhecemos. Griô dentro da escola é a referência que faltava para que a educação voltasse a ser parte importante da vida familiar, e não apenas transmissora de conteúdos curriculares. Os pais não compreendem totalmente uma educação que não repita o modelo formal estabelecido e ficam alarmados ao perceber seus filhos "brincando" ao invés de "estudar". As escolas têm sido corajosas ao aceitar, mesmo desconhecendo a metodologia dentro de seus muros.

Para os que estão se 'encantando', aqui vai uma dica: promover o convívio entre todas as gerações é fundamental para garantir a ação educacional criativa. Se os griôs transmitirem seus saberes nas escolas da maneira como eles mesmos aprenderam, essa simples ação promoverá grandes mudanças nos paradigmas educacionais e toda essa sabedoria se espalhará dentro da escola com ramas por toda a comunidade.

Guaimbê / Quintal da Aldeia - Pirenópolis - GO

Representante institucional: Daraína Pregnolatto
Equipe de griôs aprendizes: Daraína Pregnolatto, Elias Bastos Melo, Emilia Brosig, Luciana Soares Santos, Rawston Barbosa da Veiga (Murcego) e Tereza Santana Lopes
Escolas: Colégio Estadual Nosso Senhor do Bonfim e Escola Municipal Geraldo de Morais
Educadoras: Cleusa Gomes dos Santos, Edna Mariada V. Basílio, Susi S. Farinha e Joyce Giordana Lopes Godinho
Mestres e griôs envolvidos na Ação: Anada Conceição Oliveira (Taninha); Armando Machado; Emilio Aires da Silva (Nego Aires); Geraldo Vicente dos Santos (Dedé); Gracilino Machado (Nô sanfoneiro); Helena Maria de Oliveira; Laurita Vitoriano da Veiga; Lourenço Morais da Luz (Lourenço sanfoneiro); Lourival Peixoto da Silva (Lourival catireiro); Luís Francisco Xavier (Luís cantor); Miuza Correa de Sousa; Narcisa Pereira da Cunha; Verduti José da Costa (Seu Duti) e Sebastião Profeta do Amaral (Mestre Griô Bastião Chica)

Humanizarte

Mestres Encantadores

O mestre e griô Geraldo Félix nasceu em Peçonhas, Minas Gerais. Era o caçula dos homens de uma família de 12 filhos. Afro-descendente crescido e educado numa roça no interior do Rio de Janeiro, aprendeu a tocar viola com 10 anos de idade, inspirado por José Dias Nunes e pelos criadores e reis do pagode, Tião Carreiro e Pardinho.

Em 1970, mudou para Viçosa e recebeu o convite para cantar e fazer um programa sertanejo na rádio local, Montanhesa. Participou de vários festivais na cidade e na região. "Guardo como relíquias mais de 70 troféus conquistados em festivais", exalta o mestre olhando para suas conquistas, com um olhar de criança.

No começo da década de 80, Geraldo mudou para São Paulo em busca de maior conhecimento musical, estudando música na teoria e na prática. Foi nesse momento que ele observou que o seu conhecimento era bastante para o desempenho de uma atividade que servisse de resgate da cultura brasileira do mundo caipira.

Com o objetivo de repassar essa cultura, o prefeito Raimundo da "Violeira" criou a oficina de Viola no Centro Experimental de Artes e convidou Geraldo Carreiro para ser o professor. Hoje, a iniciativa conta com aproximadamente 120 crianças e com o apoio do Programa TIM ArtEducAção, da Prefeitura Municipal de Viçosa e da Ação Griô Nacional. Com o sucesso da oficina, o Mestre Geraldo Carreiro, incentivado pela Prefeitura Municipal de Viçosa, criou o Clube Raízes da Viola, entidade considerada de utilidade pública municipal e subvencionada pelo município. O mestre procura conciliar o desdobramento da sua ação entre a propagação do seu conhecimento e a agenda de apresentações que realiza em conjunto com os meninos da viola de Viçosa.

"Todo e qualquer resgate cultural é muito importante de ser trabalhado nas escolas. O Projeto Griô veio resgatar a cultura dos pais, avós e até mesmo bisavós dos alunos, mostrando como era sua cultura em vários aspectos. Os causos contados despertam o interesse nas crianças, através do seu conteúdo e da maneira como eles são contados. Na maioria das vezes, bons projetos chegam, mas não têm continuidade. Espero que este Projeto Griô esteja sempre presente nas escolas como fator de fundamental importância para alunos, professores e toda a comunidade escolar."

Maria de Lourdes Silva Rodrigues Ventura
Profª. 5º ano da Escola Municipal Dr. José Teotônio Pacheco – Posses – Zona Rural

Para Dona Chiquinha, tudo teve início em 1993. Com a poupança confiscada e tendo que fechar o seu salão de estética, Chiquinha foi convidada pelo então Secretário de Cultura de Viçosa, Marcelo Andrade, para participar da oficina de Contadores de Histórias da Biblioteca do Rio de Janeiro, que estava sendo realizada na Universidade Federal de Viçosa.

A partir daquele momento, houve uma revolução na sua vida. Ela começou o ofício de contadora no Lar dos Velhinhos, em praças, na universidade e na rádio e TV locais. Depois de vários anos de contação, foi convidada para ministrar oficinas a crianças de todas as escolas públicas de Viçosa, através do Centro Experimental de Artes, com apoio da Prefeitura Municipal de Viçosa e da Ação Griô Nacional. O resultado dessa ação pôde ser vista no aumento de concentração dos alunos nas aulas e na propagação da oralidade como forma de saber. Decorrente do seu êxito na contação de história, a nossa Dona Chiquinha foi capacitada para ser multiplicadora do Teatro do Oprimido. Em Viçosa, o trabalho foi iniciado na Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC). Essa foi a primeira vez no estado que a contação de história foi utilizada no trabalho com presos. E, para surpresa de muitos, com sucesso. Atualmente, Dona Chiquinha divide seu tempo, segundo ela mesma, "entre os seus dois passatempos favoritos".

"Eu acho importante para a gente saber como era a vida das pessoas no passado, como era a história que eles ouviam, como eram os seus costumes. As histórias que eles contam são histórias verdadeiras e que, em muitas dessas, eles foram personagens principais. Tem histórias que são muito engraçadas. Também revivem lendas interessantes e mostram os seus costumes. Essas histórias fazem nós alunos ficarmos interessados em aprender mais com eles e também despertam vontade de ler, tocar violão e contar causos."

Renato da Silva Bento, 5º ano

O prefeito Raimundo Nonato, da "Violeira", é um profundo incentivador da causa, apresentando o encantamento de contador de causos e de andarilho, ações essas que se encaixam perfeitamente nas de um mestre ou griô.

"O projeto da Ação Griô em nossa escola é importante porque me faz sentir que quando crescer posso ser melhor por ter observado as visitas deles aqui na escola. Aprendo muito sobre histórias, canções, e como usar o instrumento, principalmente a viola. Essas visitas poderiam acontecer mais vezes, porque incentivam o aluno a vir à escola". Cleisson Júnior Donato Santos – 4ª série – 9 anos

Os convênios com a Prefeitura de Viçosa, especialmente com a Secretaria de Cultura - e com a Humanizarte (ONG), agregam ao Ponto de Cultura de Viçosa uma experiência de mais de quinze anos na administração e execução de ações junto às escolas, referentes ao regaste e à vivência da cultura popular. As atividades do Centro Experimental de Artes, em parceria com o TIM ArtEducAção, nos seus 15 anos, tem atendido a mais de 800 alunos das Escolas Municipais, nas 44 turmas espalhadas em 16 bairros do município.

Atualmente, como ponto alto das atividades das oficinas, é realizada uma grande mostra artística em plena praça pública para uma platéia de mais de 3000 pessoas. Em 2007 o tema foi "Mudança de Hábitos". A escolha do tema se deu devido ao grande envolvimento das crianças na busca pelo resgate das suas raízes, contribuindo com a qualidade de vida no planeta.

Inserido nesse ambiente, o Ponto de Cultura Popular e Folclore de Viçosa decidiu modificar a sua proposta inicial de implantação, buscando, assim, expandir a Ação Griô para 22 escolas municipais viçosenses, atendendo a cerca de 7000 alunos da rede pública de ensino. Nesse momento foi realizada uma sólida parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Viçosa, que, apoiando e acreditando na iniciativa, através de seu Secretário, Antônio Carlos Miranda, disponibilizou a supervisora escolar Elenice Lopes Pereira, em tempo integral, para ser coordenadora pedagógica da Ação Griô. O Ponto de Cultura de Viçosa, devido a esses laços criados com a Prefeitura Municipal, além de ter o subsídio do fomento do Minc, começou a receber apoio das Secretarias da Prefeitura, por meio de transporte, material para auxílio em pesquisas e outros, como papel e lápis utilizados nas visitas.

Nas escolas de Viçosa, ocorre um fenômeno de sinergia entre a Ação e a direção das escolas participantes, devido ao desenvolvimento de uma metodologia pedagógica que não existia anteriormente. Outro fator que contribui para o desenvolvimento desse grande projeto nas escolas é a identificação e o convite de novos mestres nas comunidades onde a Ação está inserida (já foram identificados o Sr. Salvador Pena; o prefeito da cidade, Raimundo Nonato, da "Violeira"; Dona Chiquinha, com sua contação de estória; o Teatro do Oprimido, além dos dois mestres bolsistas financiados pelo Minc). O resgate de princípios e valores que regem a vida humana tem sido o sustentáculo do planejamento das atividades a serem desenvolvidas em Viçosa. A constante e contínua busca da identidade dos alunos através do estudo de sua ancestralidade, da sua integração com a natureza e do reconhecimento dos mestres da tradição oral são os fatores que norteiam os passos da sistematização da Pedagogia Griô no município. Neste primeiro ano, dois eventos foram determinantes para o desenvolvimento e reconhecimento da identidade do Ponto de Viçosa: o Encontro Regional e o Teia. Ambos ajudaram a despertar a sensibilidade nos griôs aprendizes que, além de tudo, têm de repassar a serenidade para ouvir e serem ouvidos, o que é uma das bases da pedagogia. Outro aprendizado foi a prática do caminhar pelas escolas sem muitas formalidades, considerando que cada visita serve para a formação da identidade do griô aprendiz.

Centro de Cultura Popular e Folclore de Viçosa - Humanizarte - Viçosa

Representante Institucional: Marcelo Soares de Andrade
Griô aprendiz: Silvio Félix de Souza
Educadora: Elenice Lopes Pereira
Mestre e griôs envolvidos na Ação: Raimundo Matias, Geraldo Félix de Souza (Geraldo Carreiro)

Invenção Brasileira

Invenções Brasileiras

O Ponto de Cultura Invenção Brasileira está situado no Mercado Sul em Taguatinga Sul, no Distrito Federal, em um beco que, no dizer do Mestre Dico, deveria se chamar a Rua dos Artistas... um lugar que acolhe gente do Brasil inteiro, com saber de todo tipo. Nesse espaço, a gente faz rodas de prosa ao som de viola e pife, cantoria de ciranda e serenata, cuidamos de uma espiral de ervas medicinais, participamos de celebrações, rememoramos o calor de um fogão a lenha, a batida do pilão e, é claro, a alegria dos mamulengos. Pra quem não conhece, nem nunca ouviu falar, MAMULENGO; MAMOLENGO; JOÃO REDONDO; BABAU são nomes de um tipo de teatro de bonecos muito popular no Nordeste e que percorre todo o Brasil encantando a todos com a arte do improviso e comunicação direta com o público.

Quem iniciou toda essa história de união de artistas foi o Mestre Dico: um violeiro e lutier (construtor de violas) que mora há 15 anos no mesmo lugar. Em 2003, Chico Simões, um grande mestre/aprendiz brincante de mamulengos, reuniu uns amigos e juntos alugaram uma lojinha ao lado do mestre, que resolveram chamar de Oficina Teatro Invenção Brasileira, em homenagem ao trabalho do mestre de mamulengos Solon. Ali ofereciam oficinas de teatro comunitário e realizavam o projeto Violas e Outras Prosas, que contava com a presepada do boneco Benedito de Chico ("Meu nome é Benedito Dito Bacurau da Silva Babau, dá no oco dá no pau, da Serra do Berdo Erga, enverga, mas não quebra, esticou, enrolou, namorou, abraçou, chipou"), da viola do mestre Dico e do fogão à lenha móvel da Tetê, que faz um caldo e um cafezinho sem igual...

Em 2004, nos tornamos um Ponto de Cultura do Programa Cultura Viva. Por isso, e com o tempo, a família cresceu e a rua ganhou outros artistas como Moisés Bento, um escultor de bonecos em madeira; Luciana Meireles, uma brincante de palhaço e tocadora de caixa; André Duarte, grande artista gráfico e coordenador do Cine clube Mutirão; Farid e Magnus, dois raqueadores de software livre; reúne

Dia de vivência no Mercado Sul: construção da espiral de ervas medicinais com Mestre Dico, Dona Estelita, Tia Jacira e amigos da comunidade.

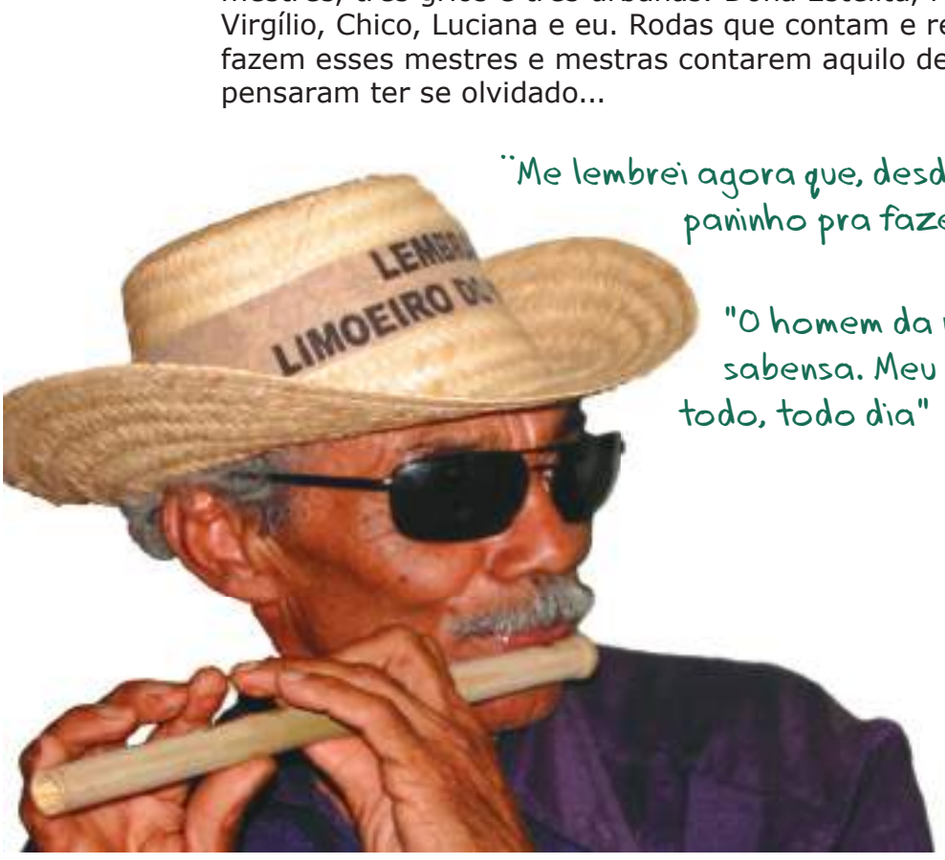
Chiquim Lopes, um aprendiz de Zé do Pife; mestre Dico e agora o griô caminhante Virgílio Mota, que cria e recria em sua oficina Tempo Eco Arte, ao reutilizar o saco de cimento e papelão para construir móveis e engenhocas inimagináveis. Muitos outros amigos/artistas fazem parte do dia-a-dia desta rua e é assim que estamos cada dia mais aprendendo a viver em comunidade, compartilhando nossos saberes e nossas histórias de vida. Também somos o Pontão da Ação Escola Viva, tendo lançado um vídeo e uma revista Escola Viva que giram em muitos lugares e escolas do Brasil.

Em março deste ano inauguramos o Mercado Brasileiro, um espaço de exposição e venda de produtos artesanais de vários artesãos e artesãs de Brasília, agregando muitos mestres e mestras como Virgílio e Dona Estelita, como forma de sustentabilidade e divulgação de seus trabalhos. Como já diz Virgílio, o principal do seu trabalho não é a venda dos produtos, mas a venda da história, da reutilização de matéria prima descartada.

Atualmente, há vários pontos compondo o nosso Ponto, e um destes é a Ação Griô Nacional, integrado à Ação Brasil Memória em Rede que, em parceria com o Grãos de Luz e Griô e o Museu da Pessoa, nos ajuda a fortalecer o trabalho de memória e histórias de vida na nossa comunidade, e é a mola propulsora para o início das nossas ações na escola.

Caminhos da Ação - Fabíola Resende, griô aprendiz

Peço bênção e sabedoria para narrar com a escrita dias únicos vivenciados... Em março de 2007, iniciamos os nossos encontros por meio de rodas de prosa com dois mestres, três griôs e três urbanas: Dona Estelita, Mestre Dico, Tia Jacira, Zé do Pife, Virgílio, Chico, Luciana e eu. Rodas que contam e rememoram as nossas vidas e fazem esses mestres e mestras contarem aquilo de que, por algum tempo, pensaram ter se olvidado...



"Me lembrei agora que, desde menina, pegava o paninho pra fazer boneca"
Tia Jacira

"O homem da roça tem muita sabensa. Meu avô carriava boi o dia todo, todo dia"
Mestre Dico

Nas rodas, contamos sobre o nosso nascimento. Qem se lembra do dia em que nasceu? Nós mesmos não lembramos, mas sempre ouvimos muitas histórias boas de ouvir e contar. É preciso falar sobre quem nasceu nas mãos de uma parteira, na sabedoria da medicina natural, para ajudar no fortalecimento desses métodos pouco usados e falados atualmente... Todos esses mestres e mestras nasceram nas mãos de mulheres. E contam seus nascimentos como se lembrassem do calor de dentro de uma barriga d'água.

E nessas rodas a gente se conheceu desde este nascer até onde dá de saber, porque também há de se ter o mistério para os dias que virão! Por isso, como registro, é importante contar um pouco das histórias compartilhadas por cada um desses mestres e mestras.

Em São José do Egito no ano de 1943, Pernambuco, recebeu Francisco Gonçalo da Silva. Nesta cidade interiorana, ele viu muita procissão e, por trás desse cortejo, ele ouviu seu futuro. O som harmonioso do sopro de um bambu, só e simplesmente, transformou por completo sua trajetória. Aos 10 anos, Francisco se apaixonou verdadeiramente pela profissão dos píferos e decidiu: eu vou aprender isso também. Assim fez o seu primeiro pife de Girimu. Coisa de que se recorda com alegria e orgulho.

O pessoal da Banda Riacho de Cima viu aquele esforço todo e deu a ele um pife pequeninho, desses que ele faz até hoje pensando nas crianças como ele. Mas os amigos deram o pife e não deram explicação nenhuma. Ele aprendeu sozinho, de ouvido. Andou pra São Paulo e lá virou Zé, Zé do Pife. E em Brasília continua Zé, caminhante e contador de causos e versos de cordel.

Dona Estelita, numa casa construída por índios, nasceu em Amargosa, na Bahia. Ali cresceu no grande pomar de seu quintal, dançou muita ciranda. Disse que no dia do seu casamento largou o noivo e foi cirandar com os amigos. Namorou dois anos e meio por meio de cartas e, quando resolveu casar, teve que Amargosa deixar pra em Belo Horizonte (MG) ir morar. De BH pra "Teofilotônio", e, de lá para o Pará, e do Pará pra Brasília, contar suas andanças, ensinar a bordar, costurar, fazer poesia, novelas, benzer, pintar e é claro, a cirandar...

Titia Jacira: Jacira Maria dos Santos Rita, mineirinha quietinha de São Gortado, desde menina se interessou pela costura e até hoje nunca deixou de praticar a arte de emendar pedaços de pano e vestir gente. Fez muitas bonecas de pano e comida em fogão à lenha. É uma avó exemplo que distribui todo carinho do mundo para os filhos de seus filhos.

Disse que agora que encontrou este grupo está entrando na roda de novo. Está revivendo.

Mestre Dico, Seu João, goiano por natureza, segue na tradição do seu bisavô que já construía e tocava violas. Na sua família, todos continuam a corrente de violeiros; seus filhos, netos e bisneto já estão dando conta de aprender pra continuar a fazer o povo feliz com muita moda de viola e outras prosas.

Virgílio Mota, ah! esse caminhante tem história pra mais de livro e meio! Virgílio é filho da Dona Estelita. Nasceu em Amargosa, mas já andou meio mundo... Hoje mora aqui no Mercado Sul, na sua oficina, nos ensinando a sua invenção de fazer tudo, tudo que se possa imaginar, reutilizando papelão e sacos de cimento. Também nos ensina a viver. Todos os dias narra histórias surpreendentes sobre sua vida, e diz o seguinte: "nas minhas andanças eu já fiz muita coisa e por fim encontrei o papelão e as pessoas dizem que eu virei artista e acho que tudo que as pessoas fazem é arte. Por isso posso dizer que sou um artista, e eu gosto muito do que eu faço, e todos têm que saber a arte de bem viver".

E daí em diante começamos um processo lento, porém muito produtivo dentro do Centro de Ensino Médio 3 da Ceilândia, no ensino de jovens e adultos. Dona Estelita, que também é escritora, fez um relato muito bonito desses primeiros dias. Posso destacar a maravilha do seu olhar: A professora Vilmária Meireles cedeu o seu horário de aula para a nossa visita. Foi de muito proveito. Conheci os seus alunos. Comuniquei-me com eles muito bem. Depois de nos apresentar, falei com eles sobre os nossos planos e fiz algumas perguntas das suas vivências. Porém, eles, muito tímidos, quase não sabiam o que responder. Os chamei para fazer uma roda, que foi organizada pelas aprendizes Fabíola e Luciana e animada, também, pela professora, muito alegre e prestativa. Cantamos a cantiga de roda que eu canto desde os 6 anos de idade.

"Meu limão, meu limoeiro, meu pé de jacarandá
uma vez, tindolêlê; outra vez, tindolalá"

Dona Estelita, em relato escrito

Vivência com educandos do Centro de Ensino 3, Maria de Barro e Mestra Estelita.

Desde então, começamos a desenvolver a nossa maneira de adentrar à sala de aula, com muita alegria e sabedoria, nossa maneira de encantar com a diversidade da tradição oral. Fizemos uma apresentação de mamulengos, acompanhados da boneca gigante Chicota. Foi muito importante para o início do diálogo com a escola e os educandos. Esses bonecos são incríveis: eles encantam todas as idades, de todas as maneiras. São vivos e parecem reconectar humanidade e imaginação. Quando um boneco assume sua raiz e canta "O papai tem; a mamãe tem; o nariz chato; eu também tenho", faz com que as pessoas presentes percebam a importância de conhecerem a si mesmas.

Em outros momentos, tivemos a experiência de ir para a sala de aula somente com uma caixa para tocar e vontade de prosear... Em uma roda, a aprendiz Luciana Meireles contou a história de vida de sua mãe, a professora Vilmária Meireles, o que foi uma ponte para aguçar a percepção dos educandos sobre a educadora, como pessoa humana e recheada de sonhos. Fizemos roda, cantamos versos. Dona Estelita contou história. Uma senhora se emocionou e se lembrou de versos da infância. Foram dias simplesmente inesquecíveis na cabeça e no coração da gente. Lá pra outubro, percebemos que a criação de um personagem seria essencial para mediar o diálogo, pois seria um elemento a mais para encantar. Por isso, iniciei uma busca incessante. Não sabia o que fazer nem por onde começar, até que um dia, numa noite de chuva seca, eu acordei pensando que estava chovendo. Comecei a agradecer, porque, pra quem não sabe, Brasília é uma terra muito seca e quente. Chega uma época do ano em que a gente pede que chova. Mas não era chuva. Eram as folhas secas "avoando" pelo quintal, num vento que me traria Maria de Barro Gritadora do Tempo, reconectando-me com minhas raízes, porque foi lá em Nazareno, Minas Gerais, que nasceu um projeto sobre construções de adobe, bonito que só, chamado Maria de Barro.

As folhas me tiraram o sono e trouxeram muitos ensinamentos necessários:

Maria: Mãe, Mãe Terra, organismo vivo e solidário.

Barro: Pai, Solo Sagrado, sistema fundamental para a vida.

Gritadora: Uma das possibilidades, que me contou Márcio, da origem da palavra griô, é de que, quando os portugueses foram para a África, eles gritavam as notícias de aldeia em aldeia.

Tempo: Tempo de chuva, tempo de seca, tempo para plantar e para colhe, tempo de lua cheia, tempo de lua crescente, tempo para ouvir e aprender.

Maria de Barro na roda com educandos e a educadora Vilmária

De março a julho de 2008, Maria de Barro Gritadora do Tempo cantou, contou, encantou e se encantou em rodas de prosa no C.E.M 3 (Centro de Ensino Médio 3) da Ceilândia; com 30 educadores das escolas classes de Samambaia no Caique; 50 jovens do Projeto Super Jovem em Ação, com 30 educandos de pedagogia da Universidade de Brasília e alguns educadores como Maria Luiza Angelim, uma grande estudiosa de Paulo Freire e, agora, admiradora da Ação Griô.

Junto com os nossos mestres e mestras, a gente vem criando uma maneira de "aprochegar" com educandos e educadores, e, para isso, estamos propondo um ciclo de brincadeiras. Quando não temos oficinas práticas, o ciclo para a Roda de Prosa e Vivência é mais ou menos assim:

¨Senhores desta casa,
licença, eu tô chegando,
com a voz e o tambor
e o coração cantando...¨

(Aprendida com Gabi, que aprendeu com o grupo Boca em Boca)

Desfazemos o quadrado, pedindo que cada um levante sua cadeira, levando-as para os cantos da sala, para assim, formarmos uma roda e, no centro, brincar o jogo dos versos:

"Uma cartinha
daqui pra Lagoinha,
uma cartinha
da tua mão para minha.

Da Bahia me mandaram
um lencinho com pimenta
mandaram me perguntar
se eu era ciumenta.

Uma cartinha
daqui pra Lagoinha,
uma cartinha
da tua mão para minha."

(dentre outros versos aprendidos com Dona Estelita)

Iniciamos a vivência pedindo a proteção de um ancestral, um familiar, um mestre ou um amigo (ritual aprendido com o Velho Griô), e abrimos a Roda das Histórias de Vida. Abre-se, assim, o espaço para compartilharmos e percebermos em comunidade as belezas locais. Cada mestre ou mestra escolhe um de seus saberes para dialogar com o educador e educandos:

Virgílio - oferece oficinas de reutilização de papelão e sacos de cimento, ensinando a fazer caixinhas, maquetes de casas, flores. Também conta muita história e, sempre com muito humor, dá uma aula de educação ambiental.

Mestre Dico - fala de como nasceu a viola. Toca, canta e encanta a todos, com seus causos e piadas de goianos e mineiros.

Tia Jacira - Canta serenata de encher os nossos olhos. Faz bonecas de pano. Mas o melhor e mais bonito que faz é costurar com perfeição. Lá na escola, ela surpreendeu o coordenador ao ensinar 15 jovens, considerados os mais ¨levados¨, a pegar uma agulha, enfiar a linha, pregar um botão e fazer casas.

Dona Estelita - nos ensina os versos que recorda com precisão da infância de ciranda que viveu. Conta e escreve histórias, poesias e novelas. Pinta, borda e costura colchas de retalho pra caber cada pedacinho de nossas vivências. Ela tem sido um exemplo de mulher para as demais pessoas da escola, uma prova viva da força de vontade de bem viver cada dia.

Zé do Pife - Ah! esse seu Zé... Quando vai à escola faz o povo rir, faz o povo chorar, toca o pife, canta e recita os versos de cordel que ele sabe tudinho de cor. Ele inventa uns, outros ele lembra do povo contando lá em São José do Egito, Pernambuco, onde ele nasceu.

Luciana Meireles - É uma grande companheira de aprendizados. Ela criou a sua brincante/palhaça Carona, que conta e inventa histórias de caminhadas, além de tocar uma caixa de cacuriá feita pelo pessoal lá da Guaimbê, de Pirenópolis.

Em cada caminhada, um saber é evidenciado e vivenciado. Com esses saberes, aprendemos que, de uma forma ou de outra, toda sabedoria remeterá a alguma lembrança sobre alguém ou algo de nossas histórias de vida - o que mexe com o nosso corpo, porque é um momento de nos reconhecermos no centro da roda. Também, nesse momento, dialogamos com o currículo escolar. Maria de Barro pode saber o que o educador está trabalhando para mediar reflexões entre o que é falado em sala de aula e o que está sendo compartilhado em roda. Também usamos das palavras geradoras propostas por Paulo Freire. Colocamos na roda palavras como encantamento, memória, diálogo, casa, amor, humano, urbano... e cada participante escolhe uma palavra para falar:

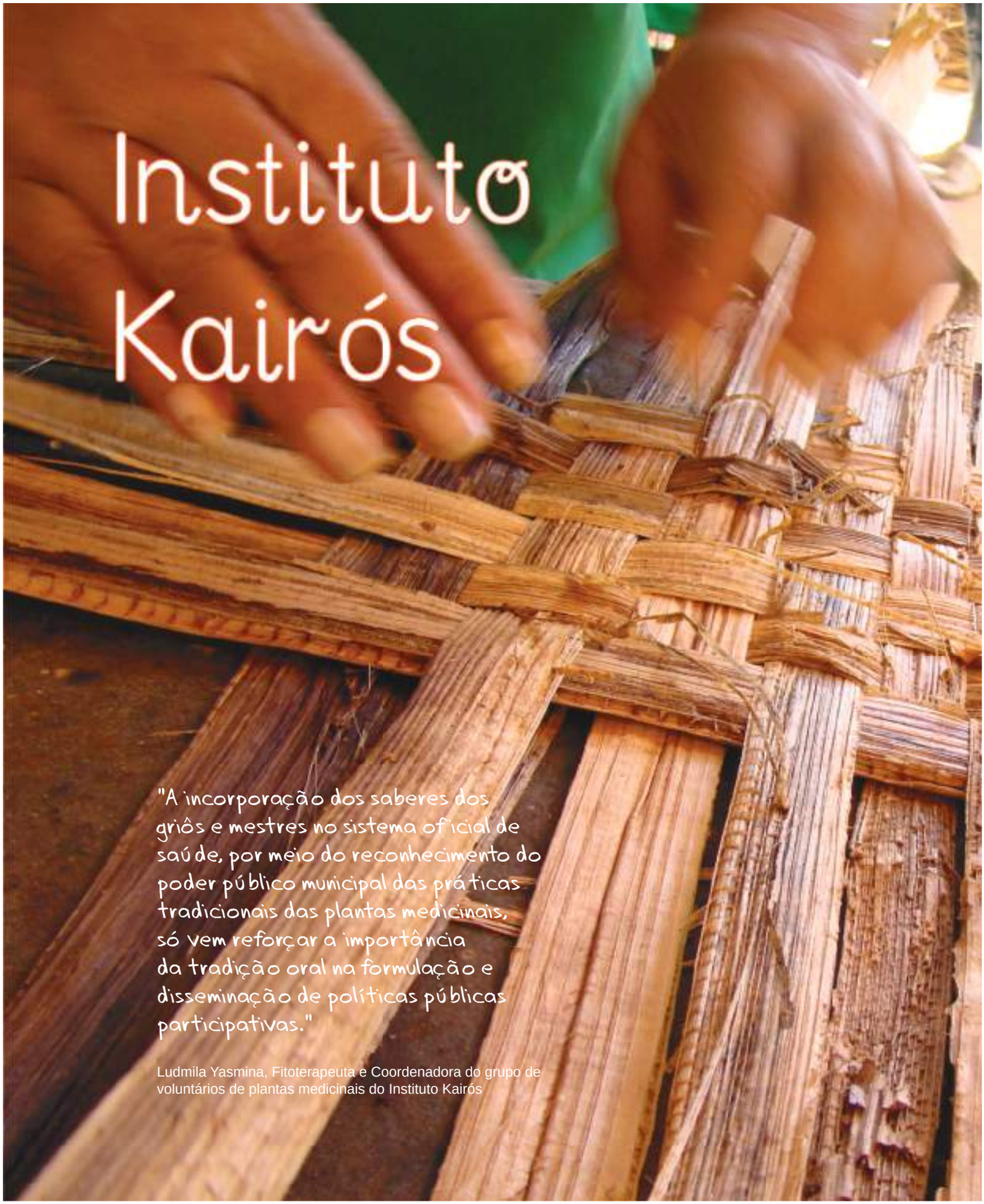
"Urbano porque é onde eu vivo e eu gosto desse asfalto, desse concreto. Eu sou esqueitista e por isso eu gosto do urbano. Gosto de ver quando anoitece e a cidade silencia e quando amanhece os barulhos vão voltando"

(fala de um jovem do EJA, C.E.M 3)

Novas vidas, novas emoções encorajadas giram no centro para que cada pessoa presente sinta-se inventor e participante dessa história. E finalizamos com uma roda de embalo. Na roda, todos são participantes ativos, construtores e pensantes, conscientes de onde estão e porque estão.

Grupo de Teatro Mamulengo Presepada - Invenção Brasileira - Taguatinga - DF

Representante Institucional: Francisco Simões de Oliveira Neto (Chico Simões)
Griô aprendizes: Chico Simões, Fabíola Resende e Luciana Meireles
Educadora: Vilmária Meireles de Jesus
Escola: Centro de Ensino Médio 3 - Ceilândia/DF
Mestre e griôs envolvidos na Ação: Jacira Maria dos Santos (Tia Jacira), Estelita Mota Leite (Dona Estelita), Leovirgildo Mota Leite (Virgílio), João Pedro da Silva (Mestre Dico), Francisco Gonçalves da Silva (Zé do Pife)



Instituto Kairós

"A incorporação dos saberes dos griôs e mestres no sistema oficial de saúde, por meio do reconhecimento do poder público municipal das práticas tradicionais das plantas medicinais, só vem reforçar a importância da tradição oral na formulação e disseminação de políticas públicas participativas."

Ludmila Yasmina, Fitoterapeuta e Coordenadora do grupo de voluntários de plantas medicinais do Instituto Kairós

O Kairós e a tradição oral

É no meio das montanhas, no Distrito de São Sebastião das Águas Claras, mais conhecido como Macacos, no Município de Nova Lima, Minas Gerais, que funciona o Instituto Kairós: uma instituição não governamental que tem como missão a promoção do desenvolvimento sustentável por meio do fortalecimento de redes sociais, da autonomia produtiva, da valorização dos recursos naturais e do protagonismo cultural das comunidades em que atua.

Foi fundado em 2002 e em 2004 implantou sua sede: o Centro Kairós. A inspiração foi criar um espaço onde cultura e ambiente interagissem num jogo contínuo de criação e recriação de relações de identidade, onde as trocas simbólicas e a experiência do aprendizado prático fossem as principais matrizes das ações desenvolvidas. Essa forma de organização apontou para a promoção de encontros múltiplos de gerações que fizeram emergir habilidades inatas e adquiridas pela comunidade através do tempo, e que hoje, surpreendentemente, têm se revelado como o seu "mapa da mina".

No Centro Kairós são promovidos cursos, oficinas, treinamentos e uma rede de ações ligadas ao desenvolvimento socioambiental da comunidade, ampliando as possibilidades de renda e de trabalho, bem como as relações de identidade com a cultura local. Dentre outras atividades, pratica-se a permacultura (no planejamento de sistemas ambientais de culturas permanentes e integradas), a bioconstrução (na utilização de tecnologias construtivas aliadas aos recursos locais), e a agroecologia (nos processos da agricultura familiar e no uso popular das plantas medicinais), além de atividades culturais, artísticas, educativas e de formação.

Mestre Griô Lucília compartilhando com crianças seus saberes sobre plantas medicinais.

Para erguer a estrutura do Centro Kairós, foram muitos os que abraçaram a causa e literalmente botaram a "mão na massa". Iniciou-se este processo com a prática da bioarquitetura, em que os mestres adobeiros, bambuzeiros e artesãos da região religaram seus saberes e fazeres na construção coletiva do espaço. Incentivando os moradores a desenvolver a permacultura por meio do diálogo sistêmico com o ambiente, buscou-se a interligação entre o conhecimento popular e as práticas locais de produção, a partir da utilização dos recursos disponíveis

As raizeiras e benzedeiras da região foram trazendo seus conhecimentos para a formação da farmácia viva comunitária, que hoje é parte oficial do programa municipal de saúde, tendo sido incorporada ao SUS e revalidada por práticas científicas capazes de garantir a segurança e a produção dos medicamentos naturais. Isso tem fortalecido e validado uma rede de trocas de saberes nas demais comunidades, que aos poucos vão também se envolvendo neste processo.

As crianças e jovens foram aprendendo as cantigas, parlendas, cirandas, casos, lendas e mitos contados pelos contadores de casos e de prosas da comunidade, por meio de momentos e rodas coletivas na escola, na igreja, nos quintais, na rua e em outros espaços de convívio comunitário.

As bordadeiras foram tecendo suas histórias e memórias em roupas, colchas, panos e painéis que, customizados, ganham contexto e significância na identidade do artesanato local, garantindo uma produção e a geração de renda para o grupo de mulheres mais jovens. As quitandeiras e doceiras foram trazendo suas habilidades da culinária tradicional, valorizando o contexto turístico e econômico da região por meio de receitas e segredos herdados de suas mães e avós.

As festas e os rituais foram sendo novamente incorporados à prática cotidiana comunitária, assim como o cinema, as rodas, a religiosidade, a alegria e o prazer de estar vivo na reconstrução de um espaco coletivo, capaz de garantir o fortalecimento da cultura e da identidade local.

Mestre Griô Moisés compartilhando com crianças cantigas, parlendas, cirandas, casos, lendas e mitos.

Tudo isso foi sendo tecido por fios de histórias de vida bordados e rebordados em pontos, contos e encontros capazes de formar uma teia viva, em que as crianças, os pais e os avós da comunidade, religados afetivamente pelo tempo de suas experiências, passam a ser faces lapidadas de um mesmo cristal, regidos por uma ordem cíclica e interativa, construindo e reconstruindo a todo momento a colorida roda da vida.

O Kairós se construiu deste modo: na condição do aprender fazendo! Na perspectiva da prática criativa constante, em que os saberes desses mestres de tradição oral foram delicadamente revelando a riqueza de seus ritos, de sua memória e de sua tradição, mas também apontando a necessidade de seu diálogo operativo com as práticas cotidianas capazes de ressignificar o tempo e a ação cultural presente.

Macacos teve sua origem na mineração e, durante anos, passou por um intenso processo extrativista. O turismo tem despontado como possível atividade econômica na região, mas, como ocorre sem planejamento, vem encobrindo vários processos culturais e produtivos que seriam premissas básicas para o fortalecimento da identidade local.

Em função do esvaziamento cultural ao qual o Distrito de Macacos tem sido submetido há décadas, o Instituto Kairós vem estimulando a formação de redes de comunicação comunitária e de cultura capazes de propor diálogos vivos intergeracionais, voltados à valorização dos modos próprios de viver, de fazer e de saber do vilarejo.

Painel de pano, bordado e pintado, produzido pelos mestres griôs no Instituto Kairós e na escola, representando a Igreja de São Sebastião e suas casas.

Mestres griôs ensinando bordados para as crianças no projeto Colcha do Rio São Francisco / Bené Fontele e Gisa, no Instituto Kairós.

A Ação Griô no Kairós

Com a Ação Griô, esse processo de esvaziamento cultural passa a ser preenchido com as memórias dos griôs e mestres de tradição oral da comunidade, ancorando Macacos a um novo tempo, marcado por um movimento mais consciente e cuidadoso, garantindo uma relação mais delicada com seu contexto ambiental e criando formas mais orgânicas e interativas, capazes de reencantar as relações sociais presentes.

Depois de um ano de Ação, ampliamos as parcerias, contribuindo para sua sustentabilidade. Recebemos um Prêmio Nacional do Banco Real, através de Programa Talentos da Maturidade, reconhecendo o trabalho de tradição oral desenvolvido pelos mestres e griôs na comunidade. Além disso, aprovamos um recurso no Fundo Estadual de Cultura de Minas Gerais, para a realização de um vídeo documentário; Roda de Memórias: recortes e costuras; que reinventasse a comunidade de Macacos por meio da história de vida desses mestres da localidade.

A Ação Griô inicialmente foi incorporada ao Ponto de Cultura Kairós como um de seus projetos. Mas, na medida de sua compreensão e de sua vivência por todos aqueles que estavam envolvidos e comprometidos com sua missão, passou a funcionar como uma costura afetiva, que hoje permeia toda a prática do Instituto Kairós na comunidade de Macacos. **Ela se tornou uma pedagogia do Ponto, um jeito de fazer, de entender e de contextualizar tudo que vinha sendo desenvolvido há quatro anos.**

Como o campo já estava bem semeado pelas inúmeras ações de tradição oral que vinham sendo desenvolvidas desde sua fundação com os mestres, foi possível colher da Ação Griô diversos frutos ao longo de um ano.

Ela ampliou, no Ponto de Cultura Kairós e na própria comunidade, a reflexão acerca do papel e da relevância dos saberes dos mestres de tradição oral, e das inúmeras formas com que todo esse conhecimento e experiência podem estar a serviço da reconstrução das práticas e das relações de identidade do lugar (no resgate de sua memória afetiva, de sua cultura material e imaterial, e de seus valores mais fundamentais).

Embora já houvesse um movimento e uma prática de valorização desses inúmeros saberes e fazeres anteriormente à Ação, deve-se ressaltar que a existência de um programa de âmbito nacional propiciou o desenvolvimento de uma pedagogia sistematizada no Ponto de Cultura Kairós, contribuindo para sua prática coletiva contextual.

Troféu que representa o Prêmio Talentos da Maturidade, concedido pelo Banco Real ao Instituto Kairós, em 2007.

Nas atividades junto aos griôs e mestres da tradição oral, a pedagogia auxiliou na consolidação, validação e reconhecimento de seu lugar social na comunidade. Depois da Ação, as crianças passaram a fazer apresentações musicais e artísticas dentro da Igreja. Os vídeos de contação de histórias gerados começaram a ser exibidos nos muros da comunidade, ampliando seu alcance e levando aos griôs e mestres um reconhecimento público e formal. Os grupos produtivos passaram a aproveitar diversos desses fazeres em suas práticas e produtos, muitas vezes modificando receitas, técnicas e elencando novas/antigas formas de produção. O poder público municipal passou a reconhecer os saberes das raizeiras e benzedeiras nos procedimentos oficiais de saúde, incorporando ao SUS a prática da fitoterapia e das plantas medicinais. Enfim, inúmeros são os exemplos que podemos dar da transformação social que a Ação Griô vem gerando na comunidade de Macacos; exemplos visíveis, de fácil reconhecimento, pois se deram em contextos públicos e coletivos.

Além dessas, são inúmeras as transformações geradas em espaços privados, quando temos notícia de que uma avó passa a ensinar os pontos de bordado para sua neta ou de que uma mãe leva seu conhecimento e sua experiência de vida para a educação cotidiana de seus filhos. Essa rede é ilimitada e, felizmente, desprovida de controle. Ela se tece no fio da vida, que vai se construindo por valores e significâncias cotidianas capazes de abrilhantar e encantar o processo de construção e reconstrução da própria identidade cultural do lugar. Ela possibilita empoderar toda a comunidade, num processo de educação informal, em que se fazem presentes crianças impregnadas de sonho e de orgulho de serem quem são e de pertencerem a um mundo onde sua ancestralidade seja repleta de significado e de valores reconhecidos.

Rosana Bianchini, coordenadora da Ação local e gestora do Ponto Kairós

Mestres griôs bordam no projeto Colcha do Rio São Francisco / Bené Fontele e Gisa, no Instituto Kairós.

A Ação Griô nas escolas

"A interface da Ação Griô com o trabalho desenvolvido com as crianças, adolescentes e adultos tem trazido resultados muito positivos na construção da identidade cultural de nossa comunidade. As crianças e adolescentes reconhecem suas origens, e, em conseqüência, se reconhecem nas histórias contadas pelos avôs e avós, nas brincadeiras de roda e de rua, nas cantigas e rimas trazidas com tanta afetividade pelos mestres. Os educadores do projeto vêm assimilando de forma efetiva esses conteúdos e transformando suas práticas pedagógicas a partir desse encontro de saberes e gerações." Ana Lúcia Braga - educadora e coordenadora do programa de arte - educação do Instituto Kairós

No que diz respeito às ações de políticas públicas de educação, o Instituto Kairós promove, desde 2004, por meio de uma parceria formal com a Secretaria Municipal de Educação, e com o patrocínio da empresa Vale (na época MBR), o seu projeto de arte-educação, que contribui com a formação integral, lúdica, artística e cultural das crianças e adolescentes da escola local. Com a validação do Conselho Municipal da Criança e do Adolescente, essa parceria, que existe há quase quatro anos, busca explorar, numa linguagem prazerosa e cotidiana as relações dessas crianças com o ambiente em que vivem, despertando o gosto pela natureza, pela arte e pelos valores culturais da comunidade. Nas oficinas do projeto, as crianças e os adolescentes passaram a ter rotineiramente o contato com os griôs e mestres de tradição oral e com seus saberes, enriquecendo e contextualizando os conteúdos trabalhados pelos educadores.

Como a griô aprendiz Vânia era também uma das educadoras da rede municipal de ensino, as práticas da Ação Griô logo foram levadas à escola formal, mas, num primeiro momento, se restringiram principalmente às suas ações pessoais pedagógicas. Vânia levou essas práticas para dentro de sua sala de aula, resultando em oficinas de contação de histórias, redações, representações artísticas, levantamentos e pesquisas sobre a própria comunidade, com a participação dos griôs e mestres. Mesmo com esse trabalho, ainda sentíamos a necessidade do encantamento de toda a prática educacional da localidade e o envolvimento de toda a escola local no processo: diretora, supervisoras, outras educadoras, cantineiras e o restante da equipe.

Tivemos a clareza, quase ao final do ano de 2007, de que Vânia não poderia ocupar ao mesmo tempo o papel de educadora e de griô aprendiz, pois esses dois papéis exigiriam dela focos completamente diferenciados, o que dificultaria sua trajetória e caminhada. Faltava, assim, alguém que ocupasse formalmente o lugar do griô aprendiz para consolidar essa mediação. Foi então que convidamos Eda Costa, uma colaboradora do Instituto Kairós, para, oficialmente, mediar esse processo, já que estava naturalmente realizando isso de modo voluntário durante a Ação, em função de seu próprio perfil e de sua história de vida. A decisão de fazer essa passagem se deu em consenso entre o Ponto de Cultura, a educadora Vânia e a assessora pedagógica regional e foi validada e legitimada por todos os envolvidos.

Já em 2008, depois desse processo inicial de compreensão da missão da Ação Nacional e do fortalecimento do lugar social desses mestres e griôs nos espaços oficiais de convívio comunitário, ampliamos, enfim, o trabalho com a escola local e outras escolas da rede municipal de ensino. Promovemos no Ponto de Cultura, em maio desse ano, um encontro com 35 educadores da rede formal de ensino, para apresentação da Ação Griô. Nesse encontro, os educadores puderam conhecer a sua pedagogia; conhecer parte do que a Ação Nacional tem desenvolvido por meio dos vídeos e materiais didáticos produzidos pelo Minc e pelo Ponto Grãos de Luz e Griô, além de vivenciar atividades de vínculo e de reconhecimento de sua própria oralidade no seu processo de vida e formação.

Foi um trabalho de sensibilização dos educadores para seu universo ancestral, para validar suas experiências de vida e recriar a conexão dos seus saberes e conhecimentos intergeracionais com sua prática escolar. Por meio dessa sensibilização, que teve em 2008 mais quatro encontros sistemáticos, foi realizada com os educadores a continuidade desse processo pedagógico, com várias práticas lúdicas, vivenciais e reflexivas, com o objetivo de fortalecer o currículo escolar, possibilitando o encantamento da educação pelo reconhecimento dos saberes e fazeres dos mestres de tradição oral em suas escolas e em suas práticas pedagógicas.

A Ação Griô chegou também à universidade. Em 2007, houve uma pesquisa aprovada e financiada pela Pró Reitoria de Extensão – PROEX PucMinas, com o título "Resgate dos saberes locais a partir dos mestres de tradição oral do Instituto Kairós", que envolveu cinco estagiários e beneficiou 150 alunos em sala de aula. Esse trabalho culminou em maio desse ano com a vivência "Cirandas e Ritmos", realizada também na universidade, que contou com a pedagogia do Ponto de Cultura Kairós, com a participação dos mestres e griôs da comunidade de Macacos, dos alunos do curso superior de turismo e do curso de teatro, e das educadoras Eda Costa e Thaís Ribeiro, proponentes da atividade.

"Também as artesãs têm ressignificado sua prática produtiva, incorporando os saberes e ofícios dos mestres em sua produção e gerando produtos repletos de histórias de vida e de novos contextos." Natália Sette, coordenadora do programa de geração de renda do Instituto Kairós

Mestre griô repassando seus conhecimentos de agricultura orgânica para as crianças do Centro Kairós.

Depoimento da griô aprendiz e educadora

Eu, como griô aprendiz e educadora, me envolvi de modo muito especial com a Ação. E o que levo comigo depois de um ano de Ação é a descoberta do meu universo ancestral, minhas origens e meu potencial criativo como educadora.

Abaixo, relato brevemente algumas atividades que foram desenvolvidas com os griôs e mestres na escola:

Primeiro encontro: Os griôs contaram como acontecia o processo de aprendizagem e as relações estabelecidas na escola na época em que eram crianças, as dificuldades e o valor que foi dado por eles ao estudo, já que foi tudo muito difícil, a necessidade de lutar desde cedo pela sua subsistência. Relataram também como eram as brincadeiras e algumas músicas da época.

Segundo encontro: Os griôs, ao chegarem à escola, convidaram os alunos para fazerem uma grande roda no pátio e ensinaram brincadeiras antigas de roda e outras, como Maré (um tipo de amarelinha).

Terceiro encontro: A escola desenvolve um projeto de horta-escola também em parceria com o Ponto de Cultura Instituto Kairós. Durante a plantação das mudas, foram convidados alguns dos mestres que possuem experiência nas técnicas de plantio. Eles deram algumas dicas aos alunos de como fazer o plantio e cuidar de algumas hortaliças. Nesses encontros, foram recuperados alguns rituais do plantio e da preparação da terra com as crianças, assim como orientações a respeito de luas, de épocas do ano e do dia apropriado para se plantar e colher.

Quarto encontro: Também no projeto de horta-escola, uma das griôs, que tem grande conhecimento de raízes e de plantas medicinais, orientou um grupo de alunos sobre o plantio de algumas ervas medicamentosas para chás e ensinou sobre o poder curativo de algumas plantas.

Quinto encontro: Era a semana do folclore e os alunos só tinham conhecimento de lendas que não faziam parte do contexto da comunidade. Sabendo que os griôs são contadores de casos e transmissores das histórias e das lendas locais que estavam se perdendo, foi feita uma sessão de contos em que os alunos ficaram conhecendo muitas lendas locais, e fizeram na escola um trabalho de divulgação das mesmas. Passaram a conhecer casos, alguns até reais, valorizando a cultura e a história local.

Sexto encontro: Com a visita da griô aprendiz regional, os griôs locais foram convidados a ajudar na encenação de um teatro de bonecos na comunidade e na escola. Durante essa atividade, a griô aprendiz regional ensinou às crianças e aos mestres e griôs algumas músicas que trouxe de outras comunidades, aprendendo também músicas e histórias com os griôs e as crianças, para levar para outros lugares.

Essas atividades foram desenvolvidas diretamente na escola. Eram completamente diferentes da realidade diária das crianças. Os griôs, a partir do segundo encontro, chegavam cantando e convidando os alunos para novas experiências de diferentes formas. Hoje, eles sabem que, quando os griôs chegam à escola, eles entram em um universo mágico e encantado, de maneira nova e lúdica, e aproveitam para viver um dia atípico, com muita sabedoria.

Durante o trabalho desenvolvido na escola, algumas mudanças de postura, tanto individuais como grupais, foram observadas.

Uma das alunas da turma onde o projeto foi mais desenvolvido morava com os avós, em virtude de questões de estrutura familiar. Era meio revoltada. Não respeitava muito os avós, pois quando lhe era sugerido que pedisse ajuda a eles, sempre dizia: "eles não sabem de nada".

Quando o Projeto se iniciou, não era muito participativa e ficava meio distanciada do que estava acontecendo. Com o desenvolvimento do Projeto, ela começou a perceber como esses mestres poderiam contribuir com suas experiências de vida, trazendo uma visão diferente da realidade e auxiliando nas posturas de respeito mútuo que estamos perdendo tanto. Aos poucos, seu discurso foi mudando, passou a respeitar mais os avós e está descobrindo como são sábios. Quando algum questionamento surgia em sala de aula e não se sabia a resposta, ela era uma das alunas que falava: "Vamos chamar os griôs. Algum deles deve saber". Quando foi pedido aos alunos para escreverem como viam o Projeto, ela produziu ótimos textos.

Além da mudança de atitude dessa aluna, foi observada uma melhor postura dos alunos no sentido de ouvirem e esperarem a vez de falar, pois, durante o Projeto, foram orientados a se sentarem para ouvir os casos, experiências e histórias de vida, que certamente trouxeram bons momentos e aprendizagem, tanto para eles quanto para os docentes e os mestres e griôs.

"Também as artesãs têm ressignificado sua prática produtiva, incorporando os saberes e ofícios dos mestres em sua produção e gerando produtos repletos de histórias de vida e novos contextos."

Natália Sette, Coordenadora do programa de geração de renda do Instituto Kairós

Depoimento de outros mediadores da ação local

"Em minha prática cotidiana como professora do curso superior de turismo da PUC MINAS, tive a oportunidade de experimentar, depois da Ação Griô, uma nova forma de educar. O maior exemplo disso foram as práticas em roda, pois minhas aulas começaram a ser dadas em círculo,como uma maneira de alterar completamente a relação pedagógica e possibilitar a construção de um saber coletivo, que se aproxima muito mais da prática e possibilita uma reflexão teórica que se dá de dentro para fora. A cada aula, peço a benção e a licença aos mestres para que eles guiem e validem a minha prática cotidiana." Professora Thaís Ribeiro, coordenadora do grupo da terceira idade do Instituto Kairós e professora universitária da Puc Minas.

"A incorporação dos saberes dos griôs e mestres no sistema oficial de saúde, por meio do reconhecimento do poder público municipal das práticas tradicionais das plantas medicinais, só vem reforçar a importância da tradição oral na formulação e disseminação de políticas públicas participativas." Ludmila Yasmina, fitoterapeuta e coordenadora do grupo de voluntários de plantas medicinais do Instituto Kairós

Instituto Kairós - Nova Lima - Macacos

Representante institucional e coordenadora da Ação local: Rosana Bianchini
Griô aprendiz: Vânia Grigório
Educadora: Vânia Grigório
Mediadoras: Thaís Ribeiro, Ana Lúcia Braga, Natália Sette, Eda Costa, Flávia Britto, Cíntia Lopes e André Neves
Escolas: Escola Municipal Rubem Costa Lima, NIEC, Universidade PUC Minas
Mestres e griôs envolvidos na Ação: D. Lucília, D. Maria de Chica, D.Vicentina, Sr. Moisés, Sr. Rivalino, D. Ana, D. Araci, D. Catarina, D. Conceição, D. Dorvina, D. Elza, D. Expedita, D. Helena, D. Inês, D. Maria de Lourdes, D. Maria dos Anjos, D. Maria Helena, D. Nair, D. Nilza, Sr. Dufim, Sr. Gessy, Sr. José Miúdo, Sr. Juventino, Sr. Odilon.

Parceiros

MINC - Programa Cultura Viva
Banco Real – Programa Talentos da Maturidade
Prefeitura Municipal de Nova Lima – Secretaria Municipal de Educação, Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria Municipal de Ação Social
Secretaria Estadual de Cultura de Minas Gerais – Fundo Estadual de Cultura
Vale Puc Minas – Departamento de Cultura Fundação Dom Cabral

Encontro com educadores da rede municipal de ensino para trabalho de sensibilização da Ação Griô, no Centro Kairós.

Manguerê e ABC/Serra

Ação Griô, quando a arte canta e encanta

Quando a arte canta a história
vão buscando as novidades,
quando através de um tema,
e um canto, de um poema,
a arte interpreta a vida,
em uma sociedade.

É quando retrata os momentos,
buscando a educação,
não se resumindo em fatos.

Trazendo conhecimento,
diversificando fontes
de um teor acumulado
no meio das gerações.
Ação Griô, um alerta
da cultura popular,
troca de conhecimento,
veio para transformar...
as ações e gestos humanos
de um sonho que vive.

Tenta colocar em prática
um princípio acumulado
que ainda não morreu.
Germina cultura viva
Acendendo este país.
mostrando que mantém vivo
aquilo que foi raiz.

Ação Griô na Escola

A todos mandaram avisar que
a ação iria começar
ÃH!!! Quanta expectativa!
Os alunos se puseram a esperar.

Guardiões da cultura
entRe nós começaram a circular
Seu valioso conhecimento
conOsco se colocaram a partilhar.

No repique das casacas e tambores
nA estórias cantadas de coração,

Estavam presentes histórias de vida
Singelas, de toda uma geração.
a marCa de cada vivência
ficou nO coração.
Ação Griô na escoLa,
nossAs raízes vividas com emoção!

Elaíse Sonegueti

Poeta e músico nascido no município de Aracruz, ES, em 28/06/1950, Teodorico tem sangue de índio e é filho de pais operários que plantavam e tiravam da terra o alimento. Adquiriu do pai todo amor, vivência de luz e a sabedoria de criar e encantar com seus aprendizados. Transforma os saberes populares da comunidade em versos e histórias, musicando-as para as crianças. No sangue do poeta, corre a alma do guardião da cultura.

Entre os sons dos tambores e o repicar das casacas

Iniciamos nossas atividades com a griô aprendiz Terezinha, filha de mestres. Cresceu sobre o berço da cultura popular, entre os sons de tambores e o repicar das casacas. De dançarina de banda de congo, caminhou até assumir a presidência da ABC/Serra, instituição fundada por seu pai, o velho mestre Antônio Rosa, no intuito de congregar todas as bandas de congo do município da serra, no Espírito Santo, fortalecendo-as. Terezinha foi eleita por unanimidade pelos mestres congueiros para dirigir a associação, o que vem fazendo há anos com muito louvor. Foi aluna da Escola Serrana e participou da Primeira tentativa de levar o congo para dentro da escola em 1980. Essa primeira tentativa durou pouco, mas, em 1994, a partir da consciência da necessidade do reconhecimento da ancestralidade, identidade e valor, atrelada à necessidade de não deixar a cultura popular ser sufocada e perder-se no tempo, foi retomado o projeto e instituída a Banda de Congo Mirim, que tinha como mestre o Senhor José Carlos Miranda.

A Ação Griô na escola teve início através das atividades da banda de Congo Mirim. Com a parceria, ampliamos a atuação do Congo Mirim, tendo a participação do mestre Sezóstenes. Começamos a desenvolver, nas turmas de 1ª a 5ª séries, oficinas de cantos & contos, em que o mestre Teodorico encanta os alunos com seus causos contados e cantados.

Os alunos participaram de oficinas, ouvindo histórias sobre a fundação da cidade, a vida dos afro-descendentes, seus costumes e hábitos, sua cultura, nossa cultura. Progressivamente, aprenderam sobre os instrumentos, sua história, confecção e sonoridade, aprendendo a tocá-los. Mais tarde, foram inseridas junto às aulas as atividades de cantorias e contação de histórias.

No início, a inserção de um elemento novo foi um pouco difícil, tendo em vista que nossa escola era muito grande e com muitos professores - com diferentes pensamentos e interesses. Com o desenrolar da Ação, a identificação das crianças com o Projeto foi visível. Elas esperavam ansiosamente as visitas recebidas. A partir daí, os professores que ainda resistiam foram sendo conquistados. Os mais difíceis foram aqueles que queriam usar esse momento para 'descansar' das longas jornadas de trabalho em sala de aula. A escola pública hoje tem problemas em relação a ela mesma e sua razão de ser. Assim, as dificuldades vivenciadas não dizem respeito à Ação em si, pois qualquer que fosse a proposta a ser desenvolvida na escola, esbarraria nas dificuldades já existentes ali.

Outra situação vivenciada foi em relação à diversidade religiosa existente na escola. Acreditamos ter havido muitos conflitos nas famílias em relação a este aspecto, pois temos crianças de diversas religiões e cada uma dessas religiões tem diferentes níveis de tolerância em respeito às demais, sendo algumas bastante intolerantes. Apesar disso, as crianças resistiram a todos os apelos das famílias e continuaram as atividades no Congo e os próprios pais acompanharam os filhos nas apresentações. Nas atividades de contação de histórias, alguns pais questionaram sobre as histórias de assombração e outras, mas, nesses casos, trabalhamos com eles a fantasia e a mitologia. Após conversas e mais conversas, finalmente chegamos a um consenso. Todas essas situações foram superadas.

Com as atividades na escola, muitos filhos e netos de mestres redescobriram o valor de sua arte no espaço escolar, passando, eles mesmos, a se valorizarem mais, bem como às suas famílias.

"... ela tinha vergonha de ser negra e estava sempre com problemas de comportamento e notas na coordenação da escola... Nas aulas teóricas dadas pelo mestre, descobriu a importância das rainhas, princesas e porta-estandarte do Congo, redescobrindo suas funções e redescobrindo, no uso das vestimentas para as apresentações, a linda menina que era. Através da participação em diversas apresentações do Congo Mirim, em que os alunos eram aplaudidos de pé e sempre olhados com admiração e elogiados pessoalmente pelas pessoas, Jéssica foi gradativamente descobrindo seu valor, se olhando, se gostando...

"Começou até a 'tirar onda' na escola com as demais crianças. Em seu primeiro ano no Congo, ainda ficou reprovada. Porém, nos anos seguintes, suas visitas à coordenação praticamente não existiam mais. Embora não leve desaforo para casa, não é mais aquela menina agressiva que todos evitavam. Está bem sociável e, principalmente, encantada consigo mesma e orgulhosa de ser congueira."

Elaíse Sonegueti – Educadora e coordenadora pedagógica da Ação Griô

Na continuidade da caminhada, tivemos que buscar mais um colaborador para a Ação. Assim, a griô aprendiz Suziê passou a compor o grupo e agregou grande valor à Ação, uma vez que sua intermediação junto às atividades desenvolvidas pelo Mestre Teodorico potencializou o diálogo com o currículo escolar e deu nova disposição aos professores e ao próprio mestre.

Como o estudo da história local, das histórias de vida da comunidade e de toda sua cultura já eram elementos constitutivos do currículo escolar, fazer isso através de instrumentos vivos, portadores da cultura, deu mais significado ao cotidiano das aulas. Ganhou a escola em sua dinâmica de trabalho, ganharam os alunos nas vivências experimentadas e ganharam os mestres e griôs, que redescobriram seu valor na comunidade e o respeito por si mesmos e por seu conhecimento.

As atividades desenvolvidas culminaram em ações de grande valor, como as apresentações feitas pelas crianças por todo o município, levando o nome do Congo e da escola. Também destacamos a participação do grupo no Encontro de Bandas de Congo da cidade, um cortejo que desfilou pelas ruas seguido de uma multidão. As crianças participaram da gravação de uma faixa no CD mirim "Canto da Alma - Vol II", com as demais bandas mirins do município. No encerramento do ano letivo, foi realizado um teatro sobre as histórias ouvidas e cantadas, que contou com a participação de toda a comunidade escolar. Essas ações marcaram a história de vida dessas crianças, que, hoje, com certeza, reservam um espaço em cada coraçãozinho para a cultura popular.

O sentimento de um dever cumprido e de realização exala no ar. Dada a simbiose existente entre os envolvidos no processo e a cultura popular, percebemos que ela se apresenta como uma forma de humanização das pessoas nesse mundo apressado e individualista em que vivemos.

Manguerê

O Ponto de Cultura Manguerê/ES é produto do Centro Cultural Caieras, uma OSCIP que atua em um bairro de periferia da cidade de Vitória, tendo com missão oferecer alternativas às situações de risco que envolvem os jovens dessa comunidade. Promove o incremento e difusão da cultura local, com trabalho de sensibilização às artes e formação técnica através de três núcleos: núcleo de percussão, com ritmos regionais brasileiros e instrumentos alternativos; núcleo de artes cênica com teatro e montagem de espetáculos e o núcleo de memória audiovisual, com oficinas de produção de texto, fotografia e vídeo. O Ponto de Cultura Manguerê, embora esteja em Vitória, foi a porta de entrada para a institucionalização da Ação Griô na Escola Serrana, no município da Serra. Sua relação com os griôs e mestres é tradicional, uma vez que um dos coordenadores e idealizadores do Ponto, o Sr. Fábio Carvalho, buscou sua inspiração na convivência e nas conversas com mestres do Congo Serrano, em especial o Mestre Antônio Rosa, que sempre salientava: "os velhos estão morrendo e os novos não querem participar da brincadeira". Assim foi estabelecida uma ponte entre a Ação Griô, o Manguerê e a Associação de Bandas de Congo da Serra.

Associação de Banda de Congo (ABC)/Serra

A ABC/Serra é uma instituição forte e presente no cenário cultural capixaba e serrano. Bem estruturada, desempenha um importante papel de revitalização das bandas, proporcionando autonomia e força, como entidade representativa, e congregando em irmandades as bandas de congo que hoje têm reconhecimento e respeito em âmbito nacional. Esse fato culminou em mudanças dos papéis estabelecidos junto à Ação Griô, uma vez que a ABC/Serra foi desempenhando o papel de coordenação da Ação na Serra, na pessoa de Terezinha que, por esse motivo, convidou Suziê para assumir, junto aos griôs e mestres, as funções de griô aprendiz antes executadas por ela. Essas novas costuras são inerentes a todo processo em construção e vêm sendo realizadas de forma muito espontânea. Todas as ações, parcerias e realizações convergem para valorizar os saberes de tradição oral e levar esse conhecimento à instituição escolar, para que a tradição oral conquiste um espaço institucionalizado com laços fortes e significativos.

Ponto de Cultura Manguerê - Vitória - ES, em parceria com a ABC/Serra - Associação das Bandas de Congo da Serra - ES

Representante institucional: Fábio Carvalho de Souza
Griô aprendiz: Terezinha Ozória Machado Pimentel
Escola: Escola Serrana de 1º Grau – localizada no bairro São Judas Tadeu – Serra sede - ES
Educadora: Elaíse Carla Sonegueti
Mestre e griôs envolvidos na Ação: José Carlos de Miranda Filho, Sezóstenes Bermudês e Teodorico Boa Morte

Projeto
Presente
Serra do Cipó - MG

Uma Ação ao pé do fogão - Casa de Dona Piedade

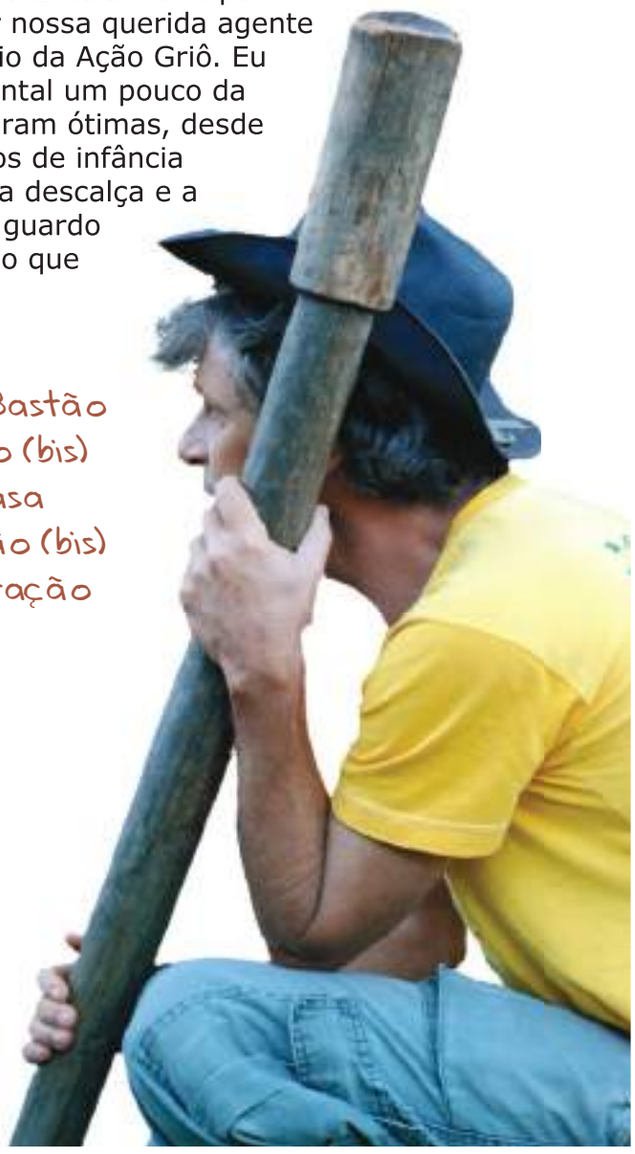
O aprendizado começou a afunilar. Dona Piedade me orientou numa conversa ao pé do fogão sobre as ervas medicinais. Disse-me acreditar que tudo que aprendeu sobre ervas veio de sua tia, uma senhora vidente que lhe pediu em primeiro lugar que nunca deixasse de conversar com as plantas. Só assim as ervas dariam o favor da cura ao próximo. Disse-me também, naquela tarde, que não gostava do Anum Preto porque é sinal de notícia ruim. Depois mais uma aprendizagem: curar câncer com argila. Afirma Dona Piedade que é só se entender com o barro, e, se possível, o barro que vem do fundo da terra, trazido pelas formigas. Nesse mesmo dia, pedi a ela com devoção que preparasse um chá que devorasse minha bronquite. E Dona Pi, com muita piedade de mim, disse para eu ter calma, que em setembro o Cipó de São João floresceria novamente e me traria a cura.

Dona Divina

O encontro com dona Divina na escola foi um encanto! Parecia que todos nós estávamos flutuando naquela sala de aula. Aconteceu na Escola Municipal Cândida de Lima, em Jaboticatubas. Foi organizado por nossa querida agente cultural, Paula Oliveira, e fazia parte de nosso calendário da Ação Griô. Eu soprava aos alunos da quarta série do Ensino Fundamental um pouco da sapiência de Dona Divina. As perguntas das crianças foram ótimas, desde "o que é sapé?", até como era a cidade nos bons tempos de infância de Dona Divina. Perguntaram também se ela ia à escola descalça e a "rizaiada" foi geral. Uma lembrança boa e especial que guardo desse encontro foi um hino que recebi dos céus. O título que escolhi foi: O Divino e a Fé. Vejam!

Todo São João, ergue o Bastão
Tem fogueira no Matição (bis)
Atravessar aquela brasa
Tem que Mirar, pedir Perdão (bis)
Faz o festejo da consagração

O Divino e a Fé
A dona Divina
Ela é Divina
Majestosa, sapiente (bis)
Reza a oração, faz a comunhão
Em seu terreiro Matição (bis)



Feira da Palavra - Pra quem sabe ler, um pingo é letra

Ainda não eram sete da manhã quando Rafael e Gilmara (netos de Seu Juquinha e de Dona Lina) nos acordaram para tomar café e começar a arrumação do terreiro. Meio sonolentos e felizes, acordamos, eu e Daniel Porto, amassados da dormida na barraca, e partimos para a organização final da festa.

Decidimos que o nome "Feira da Palavra" ficaria afixado na cerca de arame farpado, na entrada do terreiro onde seria o encontro festivo. Os transeuntes perguntavam a todo momento o significado daquela peleja e pedimos às crianças que respondessem por todos. Dona Lina pediu que comprássemos mais balões para enfeitar o varal de secar roupas.

Colocamos à disposição das mais de dez crianças que já estavam presentes dezenas de lápis de cera para que pudessem desenhar e escrever frases de boas práticas para colorir ainda mais aquele terreiro. Wilmar, o agente cultural que atua na comunidade da Lapinha da Serra, trouxe e fixou com um barbante os trabalhos que foram escritos inspirados nos casos contados pelo Mestre Juquinha, em sua passagem pela escola.

Quem disse que Dona Mercês conseguia voltar no horário combinado? Eram beijos e abraços por todos os lados. Dona Piedade, emocionadíssima, abraçava todos. Na despedida, sugeri que saíssemos da casa de seu Juquinha cantarolando "tá caindo fulô".

- "ô Fernando, cê gostou da festa? Foi do jeito que você queria?"

Eu, então, respondi:

- Adorei! Tudo que sonhei em ver eram os nossos mestres juntos aqui na Lapinha!

"Viva a Feira da Palavra
Quem vai querer,
Quem vai levar.
Quem vai querer,
Quem vai chegar. "

Um vento soprou a poeira que nos envolvia e descemos a ladeira, em direção à casa do nosso Mestre Juquinha, cantarolando as mais belas cantigas de improviso.

Seu Juquinha

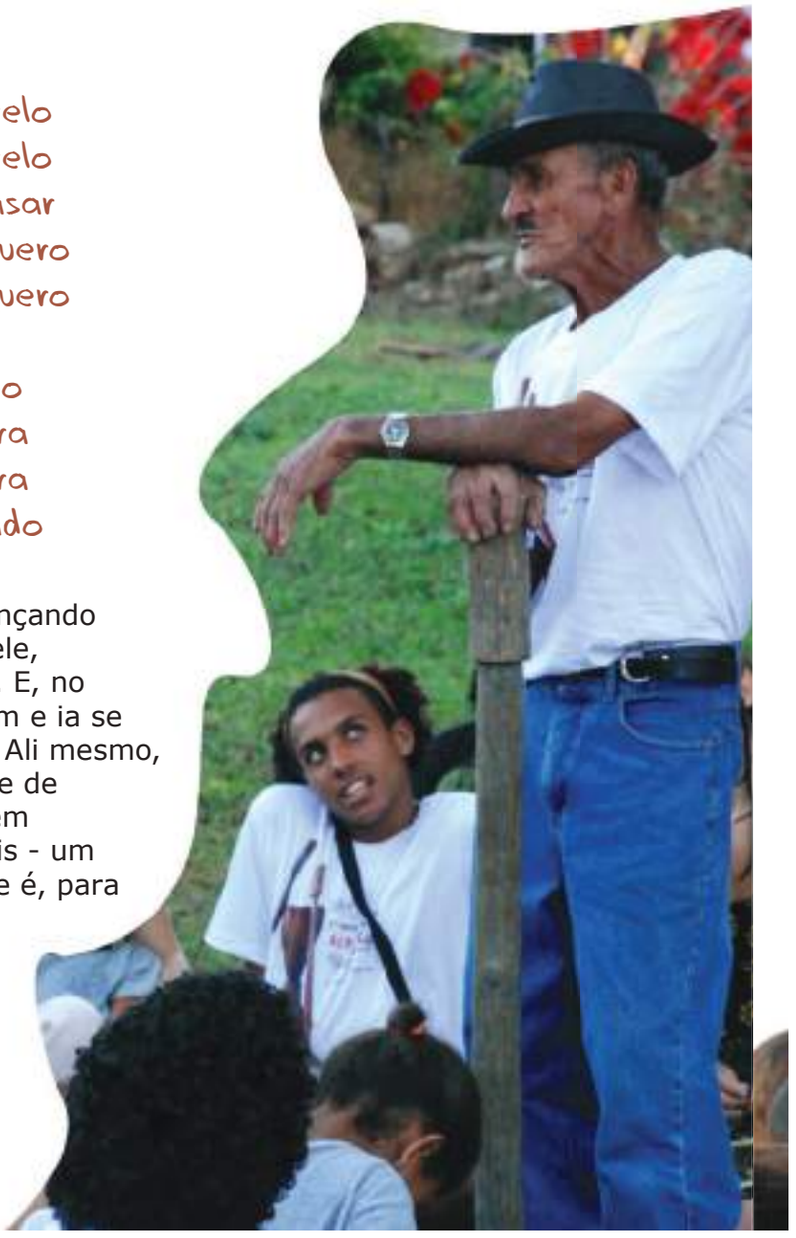
Sempre após a abertura das vivências com Seu Juquinha todos os meninos queriam abraçá-lo. Ele conquistava alunos e professores em geral e tudo se tornava muito fácil de conduzir. Levava os alunos para o pátio da escola e perguntava se eles escutavam histórias de seus pais ou avós... e, sempre, principalmente as meninas, contavam fatos belos de seus antepassados. Quando alguma criança perguntava algo para o Zé e o menino dizia seu nome completo, era hilário:

"Zéfidelispererícopererecamichiricadaroseiraponteguarabeiraalta"

Lembro-me, hoje, acordado, as cantigas que cantei com os meninos. Eram músicas do nosso Mestre Juquinha, que as crianças aprendem num instante:

BATUQUE
eu desci ali abaixo
prá panhar café amarelo
prá panhar café amarelo
Se não for pra nóis casar
namorar também não quero
namorar também não quero

Lambari tá pelejando
pra subir na cachoeira
pra subir na cachoeira
Eu também tô pelejando



E o Zéfideliz, após horas de encantamento, dançando batuque com as crianças já conquistadas por ele, convidava todos para uma nova roda do saber. E, no momento da despedida Zé abraçava um por um e ia se desfazendo devagarzinho de seu traje de griô. Ali mesmo, em frente às crianças, ele entrava em sua nave de ilusão, sonhando com um Brasil mais digno, sem corrupção e repleto de ONG´s e projetos sociais - um Brasil que, agora, implementa a Ação Griô, que é, para o Zé, o futuro da educação em nossa nação!

Projeto Presente aos olhos de Vinícius Moreira - diretor do Ponto de Cultura

Neste ano que passamos associados à Ação Griô Nacional, a entidade Projeto Presente, proponente e executora do Ponto Cultural e Ambiental da Serra do Cipó e de variadas atividades em arte, educação e meio ambiente desde o ano 2000, cresceu significativamente, tanto no âmbito do aprofundamento das pesquisas sobre manifestações culturais, como no desejo compartilhado de ver essas práticas reconhecidas como um direito do povo brasileiro. Sem perder de vista a dinâmica local, as nossas dificuldades e o contexto sócio-econômico e cultural fazedor e vivificador das aprendizagens coletivas, o Projeto Presente celebrou o impulso que a Pedagogia Griô dá ao processo de fortalecimento da nossa identidade, liberdade e dignidade.

Nesta rede, que é criada pela Ação Griô, integrando o Grãos de Luz e Griô e diversos Pontos de Cultura em todo o Brasil, temos o interesse crescente de nos educarmos ligados à nossa ancestralidade e pertencimento à comunidade, buscando o fortalecimento dos vínculos inter-institucionais, e estamos determinados a melhorar o processo de ensino-aprendizagem, transformador da nossa realidade.

Antes do ingresso do Ponto na Ação Griô, a instituição que represento - Projeto Presente - já trabalhava com a comunidade local e pesquisadores da cultura popular, na força espiritual e vital que as manifestações tradicionais corporificam e na perspectiva ambientalista. Entre alguns destes trabalhos estão a capoeira, a dança afro, o teatro, o intercâmbio entre comunidades adjacentes, festas de integração, carnavais temáticos, festas de levantamento de bois e visitas a instituições regionais.

No momento em que a Ação Griô Nacional foi anunciada em forma de Edital para os Pontos de Cultura, vimos o "cavuco" Fernando Fabrini como griô aprendiz, tendo em vista sua entrega e dedicação na construção conjunta de um projeto político pedagógico básico, capaz de orientar e favorecer nossas atividades. Assim, entrelaçamos nossos planos e nos entendemos arduamente nessa criação, como uma nova possibilidade para o griô aprendiz e para o Ponto, indo além da reprodução do que já era feito ali.

Nessa etapa de preparação do projeto para o Edital, os proponentes ficaram incumbidos de formalizar uma parceria com Escolas e/ou universidades. Qual a importância dessa parceria para o encantamento na educação? Provocar mudanças de paradigmas nas instituições vai além do alcance de atuação dos projetos. Mas "agulha puxa linha" e, nesse processo educativo, que conceitos não estarão sob influência de posições e trajetórias pessoais, políticas e/ou ideológicas? Essa reflexão contribui para a ampliação do nosso universo educativo, que se desenvolve na valorização extra-escolar, na vida familiar e nas práticas sociais.

Em julho de 2007, aconteceu o Encontro da Regional Nascente das Veredas (naquela época denominada Regional Brasil Central) na Serra do Cipó e tivemos o privilégio de contar com a participação das duas secretárias de educação, de duas supervisoras pedagógicas, da diretora e de duas educadoras de uma escola.

Resta a certeza de que temos ainda um caminho de entrada a percorrer nas escolas e na política local de educação no sentido de promover o reconhecimento e a incorporação, na prática docente, dos saberes tradicionais. Fica a opção estratégica proposta pelo Grãos de Luz e Griô, que é de empoderamento de "baixo para cima", com a conquista do corpo docente, dos alunos e da comunidade escolar, para que a demanda da valorização desses saberes na educação formal possa eclodir e se tornar uma norma ou lei.

Nas intervenções diretas, nos núcleos, meandros e no entorno dessas dificuldades e potencialidades, vai crescendo e assumindo importante papel o lugar dos griôs aprendizes e de sua ação político-pedagógica. O nascimento desse ser que movimenta a auto-imagem do povo, que dá luz às conexões orais de uma região, tem o dever de, inclusive, dar espaço às preocupações e expectativas depositadas pela instituição na qual está inserido. Essa sensibilidade é necessária para suporte e organização do Ponto, para fazer frente às demandas e responsabilidades assumidas e, portanto, buscar o fortalecimento institucional, de afirmação de identidades e direitos.

A mediação do Ponto de Cultura implica em algumas interferências: na estrutura político-cultural relativa aos direitos dos mestres; na didática e conteúdo a serem apresentados em conjunto com os educadores, escolas e familiares; na valorização dos mestres e sua ocupação do espaço comunitário e junto às forças dominantes. Somam-se a esses vários níveis de interferência, outros aspectos que definem, transformam e reinventam a organização do aprendizado, como, por exemplo, afinidades, engajamento, disponibilidade, discernimento, compreensão, disposição e saúde, mobilidade e acessibilidade, entre tantas outras situações, articulações e iniciativas de todas as partes envolvidas na Ação que são imensuráveis, imprevistas e indiscutíveis, pois estão sempre acontecendo independentemente do nosso consentimento.

Na busca experimental de um "modus operandis" que contemple as iniciativas, ritmos, interesses e tempos da sociedade e que, simultaneamente, estabeleça uma dinâmica comum, própria de grupos, devemos nos apoiar sobretudo na nossa capacidade de renovar e enfrentar os problemas surgidos no decorrer da Ação. Isto tem se mostrado possível em meio a todo confronto necessário entre entidades civis, órgãos públicos, escola, poderes locais e componentes da equipe.

Nessa trajetória, tenho constatado a criação de um percurso infalível e inesgotável do saber, na troca que se estabelece nas transmissões orais. Descobrimos na nossa região diversos elementos, miudezas e invisíveis facilitadores, sejam de origem histórica, familiar e/ou social. A Mestra Piedade, por exemplo, descobriu que o Mestre Juquinha é casado com uma prima sua e que ele aprendeu um pouco do batuque que sabe num lugar comum, onde Piedade também costuma ir à procura das ervas milagrosas dos campos rupestres.

E a bisavó de Dona Mercês veio da África no mesmo comboio da bisavó de Dona Divina e, no Brasil, seus antepassados viveram juntos na mesma senzala - aquela onde fizemos a vivência da Pedagogia Griô no Encontro da Regional Nascente das Veredas - local de onde saíram cada uma e foram constituir família, cada qual no seu mocambo.

Outra discussão a salientar: será a bolsa auxílio um reconhecimento do que já foi feito? Uma compensação? Ou representará este recurso financeiro mais uma tarefa a ser feita para a sua conquista? Ou será um estimulo à constância das práticas? Trata-se, sem dúvida, de assunto bastante polêmico, que, ao ser abordado a partir de referências culturais e identitárias dos grupos não dominantes, trazem imensa gama de abertura e desalienação em relação à realidade. A bolsa que os mestres recebem mensalmente representa o início do reconhecimento da existência dessas pessoas, porém ainda não compensa o desnível condicionado pela visão eurocêntrica guardada na sociedade há quinhentos anos. Nesse sentido, o destino desses recursos visa ao suprimento de direitos básicos, fundamentais à vida, como moradia, compra de remédios, de mantimentos, de serviços fúnebres, e de contas de água e luz. Ademais, é um compromisso assumido entre os participantes, uma troca oficial, de uma ação a cumprir e uma moeda a receber por um sujeito que ocupa um novo espaço social. E, por ser novo esse espaço, inclusive para as pessoas que o circundam, altera-se o dia-a-dia da comunidade em seus desejos, em suas cobranças, opiniões, subjetividades, constrangimentos e liderança.

Isso observado, é fundamental pensar na memória, na história das raízes brasileiras, na oralidade, e que essa educação não é exclusividade da escola. Entretanto, cabe à escola abordar e dialogar com a diversidade dos diferentes raciocínios e vivências que a rodeiam e a compõem. A experiência da Ação Griô na Serra do Cipó serve praticamente como possibilidade de aproximação entre as cercas da escola e o que a cerca, quer dizer, o que está contido na escola e o que a contém. Bem ou mal, buscou-se esta convivência, com problemas da instituição Projeto Presente, do Ponto de Cultura, da própria escola, dos adolescentes aprendizes que foram alunos, dos educadores, dos mestres, dos griôs aprendizes, das assessorias e coordenação da Ação, dos moradores e até dos visitantes da região.

Ponto de Cultura e Ambiental da Serra do Cipó
Associação Projeto Presente - Santana do Riacho - MG

Representante institucional: Vinícius André Diniz Moreira
Griô aprendiz: Fernando M. Fabrini
Aprendizes de griô aprendiz: Paula T. Gonçalves, Ana Paula, Vandernilson dos Santos, Vilmar Aparecido
Educadores: Maria Stela dos Santos, Isa dos Santos
Escolas: E. E. Dona Francisca Josina - E. M. Padre Candinho - E. M. Cândida de Lima - E. M. Alegria Infantil e E. M. Francisco Pinto
Mestre e griôs envolvidos na Ação: Divina de Siqueira (Divina), José Cancio (Sô Juquinha), Piedade Fernandes (Dona Pi), Maria Mercês (Dona Mercês)

REGIONAL RIO

"O mais importante deste Projeto Ação Griô não é a bolsa que a gente recebe. A bolsa é importante. No primeiro mês comprei um monte de coisa para melhorar a minha oficina, porque recebo sempre muita criança. O mais importante do Projeto é conviver com tanta gente que reconhece o dom que eu tenho nas mãos e eu poder dar esse dom para a escola, para a Rocinha e tanta gente do Brasil. Eu sinto que somos uma família na Ação Griô e eu tenho um dom importante dentre dessa família."

Lino, griô de tradição oral, do Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha, Rio de Janeiro.

América Futebol Clube

No coração da Baixada!

Peço licença aos mestres de todos os saberes e de todas as crenças e ao Mestre dos mestres, mas não existe nada neste Brasil com tantas raízes de ancestralidades que tenha agregado multidões de pessoas numa vivência como nosso futebol !

Passado um ano da Ação Griô em nosso Ponto de Cultura, hoje, mais do que nunca, temos a certeza de que este é o caminho para transformar o futebol profissional do América Football Club, por vermos o quanto essa transformação se faz presente nos treinos aplicados pelo griô técnico de futebol, Jairo Mello, e seus auxiliares, nas escolinhas de futebol do América do Amanhã e na categoria de base infantil do clube. Jairo Mello é o supervisor e técnico, e envolve os jogadores, familiares e profissionais na vivência da Roda da Vida, quando facilita exercícios para liberar a timidez e a insegurança, fortalecendo a cada um e levando-os a aprender sobre a vida de grandes craques do passado, na contação das histórias da vida dos ídolos como Pelé e Garrincha.

Nossa primeira vivência foi coroada com a presença de um desses craques do passado do América Football Club, o jogador Canário, que há muitos anos mora na Espanha e ficou encantado com o convite para participar com sua família dessa primeira atividade da Ação Griô no futebol do América. Grande foi sua emoção, e dos familiares que o acompanhavam, ao descobrir a transformação imediata que a Ação Griô, através de sua Roda da Vida, faz com as pessoas. Temos certeza de que, naquele dia, todas as crianças que participaram dessa vivência ficaram encantadas em poder partilhar com o próprio Canário sua história de craque de futebol do América.

A cada vivência, o griô Jairo Mello, técnico responsável por desenvolver a Ação Griô no futebol do América, foi transformando e adaptando a pedagogia griô para ser vivenciada nos treinamentos como forma tática de integração do grupo, relaxamento e contato com o corpo e a ancestralidade, sendo a prática muito bem aceita e elogiada por todos os que participam ou simplesmente assistem. Procuramos fazer a vivência da Ação no gramado do Estádio. Entramos descalços. Já em círculo, procuramos primeiramente sentir a grama sob os pés e, depois, respirando, sentir e viver a natureza que nos envolve. Fomos descobrindo no encantamento do mestre e dos griôs a beleza de ouvi-los contar e cantar as histórias vividas por grandes craques do futebol brasileiro, lembrando com detalhes daquele gol que mudou a história de um clube, um time e sua torcida, falando daquele ídolo que nos deu o título tão esperado, que passou a ser o mais amado de todos, lembrado para sempre, citado por escritores, contadores e pelos torcedores que compõem o deslumbrante mundo do futebol. A vivência nos faz viajar pelo tempo em busca de nossa ancestralidade, falar das raízes dos ídolos, suas histórias sofridas e felizes de vida, sua genialidade e ancestralidade; contar para os pequenos jogadores de hoje cada drible, cada passe e o encantamento da jogada final que antecede o êxtase da emoção do gol.

Usando um apito para dar início à vivência e a bola como símbolo do futebol, o griô Jairo Mello consegue envolver a todos os presentes, preparando a vivência de iniciação da pedagogia griô no futebol do América Football Club, usando sempre a roda como um eixo de encontro e de contato, que vai progredindo até todos se sentirem livres dos preconceitos e energizados pela força e pela fé que cada um deve ter em si mesmo e nos companheiros, numa corrente de emoção e paixão pelo futebol e pelo Clube. Esse é um dos objetivos de trazer a Ação Griô para o América Football Club, e, quem sabe, disseminarmos para todos os clubes do Brasil, envolvendo até mesmo a seleção brasileira, que se encontram tão carentes de raízes e paixões, vivendo somente em função dos valores materiais.

Usando sempre a bola no centro da roda como referência para início de todas as vivências, o griô Jairo Mello diz: *"o estádio é o palco, eu sou o diretor e vocês são os atores"*, comparando o futebol a uma peça de teatro, lembrando que a vida do ator e do jogador têm suas semelhanças e que, para ser um griô do futebol, assim como no teatro, os jogadores precisam conhecer seu passado, sua ancestralidade, suas raízes, para se auto-afirmarem como jogadores e, acima de tudo, como cidadãos. O griô Jairo Mello pega a bola que está no centro da roda, apresenta-se e passa adiante para que outro faça o mesmo e assim até que todos se apresentem, sendo que, nesse momento de auto-afirmação, todos os participantes da Roda da Vida encontram-se relaxados mentalmente, fisicamente e, porque não dizer, espiritualmente.

Usamos para encerrar a vivência do Caracol e do Grito de Guerra. Um griô se posiciona com a bola no centro da roda e todos são convidados a andarem em círculo, gritando ao vento o que vieram buscar no América e o que desejam para suas vidas. Fechamos lentamente em caracol o griô que está com a bola no centro da roda, culminando no Grito de Guerra do Clube.

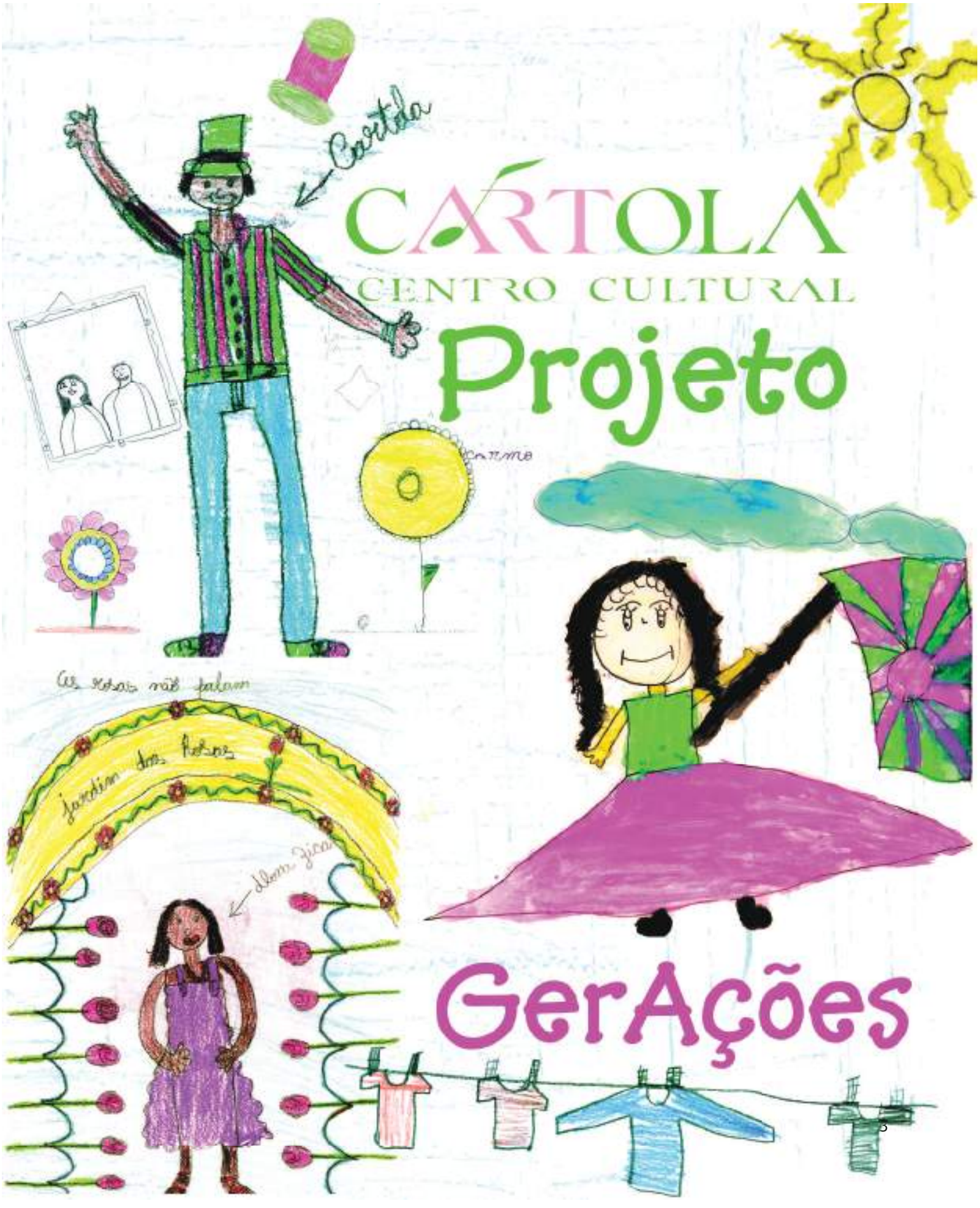
NOSSA ! É DE SE ARREPIAR COM TANTA ENERGIA E EMOCÃO ! ! !

Nas escolas em que fizemos a caminhadas de griôs nem tudo foi amores. Enfrentamos alguns preconceitos religiosos, porque algumas das responsáveis entenderam como uma nova seita religiosa voltada para o candomblé. Em outros casos, as dificuldades surgiram graças a envolvimentos politicos, lembrando que nosso Ponto de Cultura fica na Baixada Fluminense, periferia do Rio, onde existe um grande contingente de igrejas evangélicas e dificuldades na política local. Mas conseguimos realizar algumas caminhadas com sucesso, deixando as crianças animadas com a Ação.

Estamos plantando e ainda falta muito para plantar. Os frutos já estão aparecendo. Isso podemos observar na formação de cada novo griô.

Lembramos que temos o programa de rádio América no Coração da Baixada, levado ao ar há mais de três anos na rádio Tropical Solimões, AM 830, todos os sábados, das 20h às 21h, que é produzido e apresentado pela griô Mary Monteiro, tendo com segundo apresentador o griô Jairo Mello. Nossa intenção é criar uma janela para que todos os Pontos de Cultura da Ação Griô possam usar para se divulgar, divulgando a Ação Griô.

Mary Monteiro e Jairo Mello


Cartola
CARTOLA
CENTRO CULTURAL
Projeto
GerAções

Pedimos a bênção a Dona Zica e a Cartola para contar o que é o Projeto GerAções, da Ação Griô, no Ponto de Cultura Centro Cultural Cartola. E, com a poesia inspiradora do compositor, alinhavamos nossas histórias, nossas palavras.

O SOL NASCERÁ

A SORRIR
EU PRETENDO LEVAR A VIDA
POIS CHORANDO
EU VI A MOCIDADE
PERDIDA

FIM DA TEMPESTADE
O SOL NASCERÁ
FIM DESTA SAUDADE
HEI DE TER OUTRO ALGUÉM PARA AMAR

A SORRIR
EU PRETENDO LEVAR A VIDA
POIS CHORANDO
EU VI A MOCIDADE
PERDIDA

Diz aí, Cartola!

Jovem de 22 anos, Maíra de Freitas Ferreira é griô aprendiz. Com formação clássica em piano pela UFRJ, é produtora musical de peças teatrais e recitais. Filha de pai músico – Martinho da Vila – e mãe porta-bandeira – Rita, do Salgueiro – traz a vida latente na confiança de que o sol nascerá para as crianças que aprendem flauta e teoria, num processo de descoberta pela musicalização.

Fala Maíra!

A participação na Ação Griô ocorreu como conseqüência de um trabalho que eu já vinha fazendo no ponto Centro Cultural Cartola com as crianças na oficina de flauta. Através da Ação Griô, eu pude relacionar de forma mais sistemática a tradição oral com a minha prática pedagógica na aula de música.

Meu contato com a tradição oral é de origem familiar. As questões da música popular, do samba e da cultura do carnaval estão presentes na minha vida desde muito cedo. Durante a Ação, eu pude trocar essas experiências e aprender novos saberes juntamente com a organização dos mesmos em relação ao trabalho musical nas oficinas de música.

A convivência étnico-cultural na comunidade é muito harmônica e natural. Recebemos crianças de diversos locais, idades e classes sociais. Minha atuação é no sentido de conduzir para uma boa convivência e um compartilhamento dos diversos saberes que cada criança traz de casa. Confrontamos essas realidades e discutimos, fazendo uma reflexão sobre a própria diversidade.

Minha forma de incorporar a missão da Ação é, justamente através da aula de flauta, trazer as questões da tradição oral e aplicá-las aos conteúdos tradicionais da aula de música, não esquecendo dos próprios conteúdos. Dessa forma, comparamos e confrontamos o que é dito como formal e acadêmico com o que vem da tradição oral, ambos em graus iguais de importância e valor artístico.

O vínculo com a minha ancestralidade se fortalece quando posso pensar nos saberes que incorporei ao longo dos anos, de forma a relacioná-los com os conceitos teórico-musicais acadêmicos consagrados. Sem juízo de valor, posso colocar em pé de igualdade a cultura popular e a erudita, acabando com preconceitos e divisões que, nos dias de hoje, já não fazem mais sentido. Minha identidade e a identidade dos pequenos griôs se fortalece quando a nossa cultura ancestral é valorizada da mesma forma como é valorizado o currículo tradicional, sem supervalorizar um ou diminuir o outro. A Ação Griô foi muito importante para mim, pois pude, através da troca de experiências, desenvolver um trabalho que incorpora valores importantes para mim e estão muito presentes na cultura carioca, especialmente na comunidade da Mangueira. Maíra Ferreira, griô aprendiz

ENSABOA MULATA, ENSABOA
ENSABOA
TÔ ENSABOANDO
ENSABOA MULATA, ENSABOA
ENSABOA
TÔ ENSABOANDO
TÔ LAVANDO A MINHA ROUPA
LÁ EM CASA ESTÃO ME CHAMANDO, DONDON
ENSABOA MULATA, ENSABOA
ENSABOA
TÔ ENSABOANDO

ENSABOA,
DE CARTOLA

Lília Gutman Paranhos Langhi é educadora, mestre em Letras pela UERJ e graduada em Gestão do Carnaval. Responsável pedagógica pelo Projeto GerAções, cria desdobramentos a partir da contação do griô e do mestre, estabelecendo pontes com o trabalho de musicalização da griô aprendiz.

O fazer do educador é marcado pelo gerúndio – tempo verbal que enuncia a ação em processo. A educação é um constante vir a ser. No espaço democrático de um Centro Cultural, o desafio é equilibrar os saberes entre o antigo e o novo, entre o popular e o erudito, entre o sagrado e o profano, entre o pessoal e o coletivo, o acadêmico e o experimental.

Fazer um projeto de tradição oral em que o patrono, Cartola, canta que "as rosas não falam", foi tomar um caminho para descobrir como as rosas falam, sentindo seus aromas, percebendo sua essência...

Minha busca do samba tocou minha ancestralidade. Meu pai, professor Paranhos, foi pioneiro no trabalho em sala de aula com letras de samba, no início dos anos 60. Mostrava aos alunos o caráter poético desses textos, dando crédito à voz do sambista... Esse aspecto me inspirou o desejo de criar o projeto GerAções, com o intuito de explorar esse universo.

Cartola é tema de muitos livros e projetos para escolas. Mas falar de Cartola dentro de sua própria casa tem gerado novas possibilidades. Algumas crianças não o conheciam, outras só conheciam suas composições. Aproximá-las de outros nomes destacados do mundo do samba fez com que se identificassem nas histórias familiares, relacionando-as às suas próprias, às dos avós, pais e irmãos, buscando informação sobre outros tempos.

O jeito de contar da Griô Maria Moura é muito natural. É espontâneo, entremeado por citações de trechos de música e falas de expoentes da música popular, com quem conviveu.

Dessa forma, a fala ganha rubrica de verdade, ainda que se misturem referênciais desgastadas pelo tempo, vivências da infância e testemunhos de um universo delimitado pelas fronteiras cariocas. As crianças construíram o painel da Pedra do Sal – onde, segundo Maria, teria sido enterrado o segredo e o axé dos primeiros negros - e sentam-se sob a bananeira decorativa, um espaço eleito para a contação de histórias. No discurso da griô, diversas histórias mostram questões de discriminação racial e social, provocando um questionamento sobre o que ainda é permanência na realidade.

Um exemplo de atividade em que se buscou a relação com a ancestralidade afro-brasileira foi quando Maria mostrou ao grupo símbolos africanos. Com o conhecimento de seus significados, começaram a identificar esses desenhos nos elementos decorativos de grades das casas, nos portões, signos que transcenderam os ferreiros que os fizeram e reproduziram.

A partir desse entendimento, passaram para uma atividade coletiva de pintura com carimbos produzidos por eles. Já bem familiarizados, escolheram o símbolo para representar sua identidade como heróis, criando uma bata pintada com tinta para tecido. Maria explicou o símbolo do "sankofa" e ensinou a idéia de que "nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou para trás", associando o símbolo ancestral a um conceito atemporal. Para nós, educadores, nada melhor do que ajudar a perceber o que é erro e transformá-lo em acerto, clarificar o processo de sua releitura e resignificação. Depois dessa atividade, percebemos uma mudança muito grande na escuta e na participação dos meninos.

O Centro Cultural tem um acervo relacionado ao samba como patrimônio cultural, com exposições permanentes e uma pequena biblioteca especializada. É do Centro Cultural Cartola a tarefa de zelar pelo plano de salvaguarda do samba carioca como patrimônio imaterial.

E uma vez protetores do samba, estendemos os limites do mapa para além Mangueira, contando a história das tias de outras comunidades, das porta-bandeiras, das pastoras e cabrochas, dando saltos temporais que façam pontes entre Tia Doca e Dodô da Portela, Zé Pereira e o Bloco dos Arengueiros, o Corso, Chiquinha Gonzaga e os homens vestidos de baianas.

Nessa releitura de carnavais passados, propus a criação de golas de papel crepon, decoradas com pompons e purpurina. Paralelamente, Maíra incluiu no repertório marchinhas de antigos carnavais – Viva o Zé Pereira e Abre-alas, entre outras.

O projeto GerAções estabelece também elos entre nós, da equipe, três diversas gerações – griô aprendiz, educadora e griô mestre.

Tenho buscado fortalecer esses elos, aprendendo sempre, porque o trabalho do professor é sempre o de aprender.

Lília Paranhos Langhi
Educadora

Maria Moura é figura tradicional no mundo do samba. Circula entre as rodas das quadras das escolas, das festas de velha guarda, dos rituais relacionados à tradição popular e à espiritualidade, inspirando profundo respeito entre representantes de todas as gerações.

Advogada, graduada em Gestão de Carnaval, é incansável na luta pela ressignificação das questões sociais no país. Dispõe-se integralmente ao trabalho com as crianças do projeto Ação Griô no Centro Cultural Cartola, afinada com as lembranças de quem viveu e conviveu com o compositor e outras grandes figuras do samba.

VELHO ESTÁCIO DE CARTOLA

MUITO VELHO, POBRE VELHO,
VEM SUBINDO A LADEIRA
COM A BENGALA NA MÃO
É O VELHO, VELHO ESTÁCIO
VEM VISITAR A MANGUEIRA
E TRAZER RECORDACÃO
PROFESSOR, CHEGASTE A TEMPO
PRA DIZER NESTE MOMENTO
COMO PODEMOS VENCER
ME SINTO MAIS ANIMADO
A MANGUEIRA A SEUS CUIDADOS
VAI À CIDADE DESCER

Solta a voz, Maria!

A cultura popular e a cultura negra sempre estiveram presentes na minha vida. Desde a infância, convivi com as senhoras da tradição do Carnaval e dos terreiros da Praça Onze, onde, dentro das casas de cortiço, no bairro do Rio Comprido e do Estácio, minha avó Eliza, Tia Daí, Tia Guiomar me ensinaram a tradição que elas, por sua vez, aprenderam na antiga Praça Onze e que foi trazida das fazendas de escravos da Bahia e Minas Gerais.

Dessa forma, o Projeto Griô me deu oportunidade de poder exercer esse "ofício" de griô no Centro Cultural Cartola. Meu contato com o griô começou na Universidade Estácio de Sá, quando fui aluna da professora Nilcemar. A primeira tarefa foi elaborar uma proposta para a Ação Griô no nosso Ponto de Cultura.

No encontro de Vassouras, tomei contato com outras regiões onde o projeto atuava e assisti à exibição do documentário sobre o trabalho do "Grãos de Luz" e de outros mestres de várias origens.

O que pude observar durante esses meses de convivência com os alunos foi a mudança de comportamento, principalmente a auto-estima, concentração e participação dos alunos e responsáveis. As mães das comunidade da Mangueira, por exemplo, fizeram até uma horta na área da Casa de Cultura. Além disso, observo que o grupo exercita a convivência com a diversidade, a partilha do material coletivo, voltada para uma ação ou produto e a capacidade de expressar-se através de diferentes linguagens. Maria Moura, griô mestre

CANÇÃO DE SAUDADE, DE CARTOLA

TUDO DE ALEGRIAS E DE TRISTEZAS CONHECI,
COISAS DO AMOR E DO SOFRER, EU JÁ SENTI,
NADA ME TRANSFORMA A ALEGRIA DE VIVER,
VER A NOITE VIR E SORRIR, AO SOL NASCER,
VIVO ESPERANDO O NOVO DIA,
QUE IRÁ TRAZER A LUZ, QUE SEMPRE FICARÁ!

Nilcemar Nogueira é Mestre em Gestão de Bens Culturais e Projetos Sociais (FGV). É vice-presidente do Centro Cultural Cartola e atua como guardiã do plano de salvaguarda do samba carioca como patrimônio cultural do Brasil. Trabalha para construir um novo dia para as crianças e jovens do nosso Rio de Janeiro.

Com a palavra, Nilcemar:

Como membro de família de sambistas, atuando com meu irmão Pedro Paulo no Centro Cultural Cartola, convivendo com pessoas consideradas ícones da cultura popular praticada no Rio de Janeiro e sendo ouvinte de histórias vivenciadas pela família, sinto um compromisso com as pessoas que integram essa memória afetiva.

Não existe uma rede de transmissão ora. Observa-se a passagem do saber cultural apenas nos principais núcleos familiares. Existem poucos, porém, com consciência de que são detentores e produtores de um bem cultural. A Ação Griô veio preencher uma lacuna no nosso programa, ajudando na sobrevivência da nossa identidade cultural - o samba - contribuindo, no Centro Cultural Cartola, para o resgate, registro e difusão da música, da dança, do ritmo e de símbolos identitários da comunidade Mangueirense.

Nilcemar Nogueira - Coordenadora Geral do Projeto GerAções

Sistematização de Lília Gutman Paranhos Langhi

Depoimentos de Maíra Ferreira,
Lília Gutman Paranhos Langhi,
Maria Enésia Alves de Moura e Nilcemar Nogueira.

JONGO da SERRINHA

O TEMPO DANDO MUITO DE SEU TEMPERO EM UM ANO

Era festa de são Cosme, Damião, Doum. A roda de jongo aberta à visita. Chega Alexandre Santini, griô-caminhante-regional. Ganhou de presente água com sabor – daquela que passarinho não bebe - encontro de encantamento no dia dos três encantados.

Nesse dia e outros dias, cinco conversas e três histórias acontecem com esse griô que é aprendiz, com Tia Maria e com a Escola Municipal República Dominicana. Vou contar. As palavras das conversas e histórias se ligam umas com as outras. Depois vem Marisa e conta mais histórias em sua dissertação acadêmica.

Conversa 1 - DAS NAÇÕES QUE CON-FRATERNIZAM EDUCADORES:

- Carlos, me desculpe, qual é seu Santo?
- Não é Santo. Sou feito de Yemanjá, é Santa.
- Qual sua Nação?
- Sou de Keto.
- Sou de Angola.
- Bacana Denise. Eu fui abiã durante anos e anos em Angola, Zara Tempo!!!
- Eu sou Ekede, sou de Odé. Meu Orixá me deu liberdade de trabalhar fora do barracão.

Caí na educação.
Rimos muito.
Liberdade?
Uma das primeiras conversas com Denise, coordenadora pedagógica da escola a respeito de nossa ancestralidade preta.

Conversa 2 -

UMA MEMÓRIA SINALIZADORA

"Eu tava com minha turma. Eram meninos grandes, uma terceira série (atual 4º ano). Cê tava contando a história da menina que era enterrada viva. Bateu o sinal, da saída, mas ninguém levantou. As crianças e eu ficamos esperando o final... Outra coisa que lembro com gosto foi o cortejo, o inesperado. Foi isso que envolveu toda escola."

Falas da Maristela em momentos distintos: em 2006, quando Maristela estava com turma, a respeito da História da Figueira, registro de Monteiro Lobato – Histórias de Tia Nastácia. E, em 2007, sua opinião como Diretora adjunta, que abriu os portões da escola para o cortejo Griô, nosso representante de Laroiê à frente, o Santini.

Conversa 3 - QUANDO UM PÁTIO SE ENFEITA DO CHITÃO

Por vezes, Kátia, a diretora, sente nossa ausência. Aí, me chama e diz: *"Olha, Carlos, parceria é contínua. Tô sentindo falta de contação de história no pátio!"*

O pátio já não é o mesmo há muito tempo. Sempre tem histórias, tem dança, tem saia e calça colorida no lugar do uniforme. Tudo ao som dos atabaques, toda sexta-feira.

"E QUANDO EU TIVER SAÍDO PARA FORA DO TEU CÍRCULO, NÃO SEREI NEM TERÁS SIDO. AINDA ASSIM ACREDITO SER POSSÍVEL RE-UNIRMO-NOS NUM OUTRO NÍVEL DE VÍNCULO. TEMPO, TEMPO, TEMPO, TEMPO!"
CAETANO VELOSO

Conversa 4 - O TEATRO MUNICIPAL E O TEMPO

Era o espetáculo da Débora Kolker "Cruel". Tia Maria estava com um broche lindo! Era uma coroa Imperiana. A Vanessa, educanda de 11 anos, olha o broche e solta:

- Tia Maria, quando a senhora não quiser mais, a senhora me dá esse broche?

Na hora, Tia Maria me chama e diz:

- Oh, Carlos, quando eu morrer eu quero que o broche vá para Vanessa. É só assim que não vou usar mais! E aí, vai para ela!

No intervalo do balé, a história de vida, de morte, de tradição, de amor ao samba, ao Tempo.

Conversa 5 - DO JORNALISTA FOLCLORIZANTE

Uma outra vez Tia Maria foi com um jornalista da TVE lá ao Jongo. Ele perguntou no início da entrevista pela importância de São Benedito. Tia Maria riu e disse para o jornalista que São Benedito não tinha tanto destaque para o jongo, e que ela não sabia muito sobre o santo...

Mais perguntas e, de novo, o jornalista pergunta por São Benedito. Tia Maria já sem sorrir informou que era católica, sabia de São Benedito, mas não sabia explicar a importância dele para as danças, não!

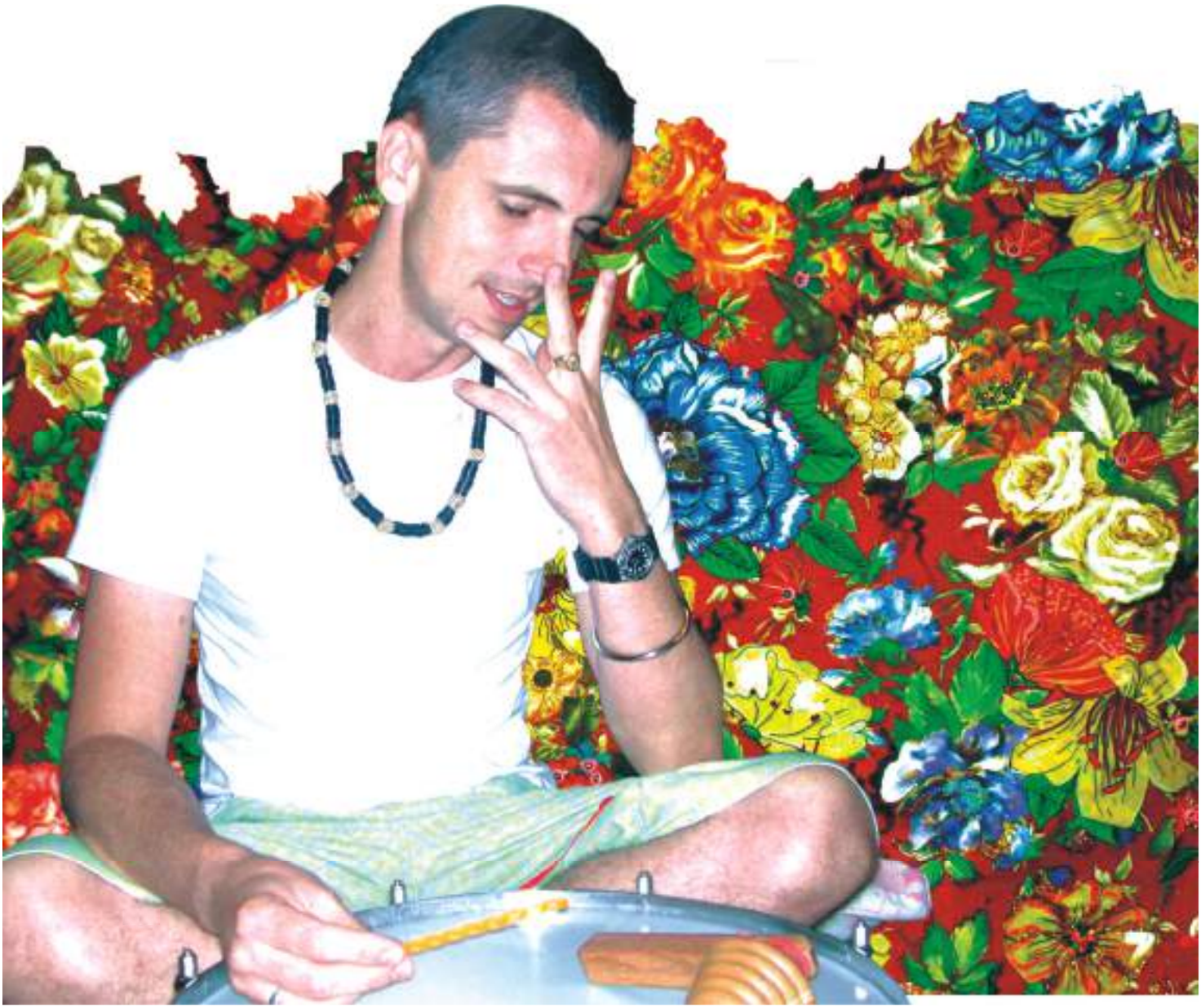
Quando mais uma vez ele tentou outra pergunta, Tia Maria foi contundente: "Olha, sobre santo você pergunte ao Carlos! – oh, Carlos, fala pra ele de São Benedito. Eu já disse que sou católica!"

Mestre Darcy do Jongo

Conversa 6 - GRACIOSA YÁ

Uma outra vez que Tia Maria apontou bem essa relação de mediador do aprendiz foi no encontro de Vassouras: "- *oh, Carlos, eu fico até sem jeito. Toda hora vem um e me pede 'sua benção, minha Yá'. Que coisa é essa de Yá?"*

Lhe disse pra responder '*que minha Mãe te abençoe*'. A mãe poderia ser Maria ou uma ayabá ao sabor da imaginação do interlocutor. Claro, isso nunca pretendeu ser um conselho, nem Tia Maria deixou de responder bem a qualquer pedido de bênção. Nessas nossas conversas fica claro o quanto ela ri desse ideário do preto folclorizado. E, ao rir disso comigo, Tia Maria me convida a tomar parte no colóquio. Ela valida a relação do mediador, puxa a cadeira para que'u me sente à mesa. Assim, eu passo a ser de fato um griot, passo a ter cor, um nome, uma pulsação. O griô passa a ser pista para a transmissão oral. O griô tem nome: é Carlos, Carlos Alarcão. Ele é pai da Maria, é Filho de Yemanjá, de Regina e de Ernesto, do Nildo de Ogum. Ele sou Eu.



UMA MEDIAÇÃO QUE LEVA O BARCO A UM HORIZONTE BONITAMENTE PRETO

Um bom marcador dessa mediação-griô tratada acima foi o novíssimo convite para estarmos na Sala de Leitura. O acervo literário aos cuidados jongueiros: eu, Su e Brayon, pontes entre dança, livro, percussão. Antes já estávamos lá e sempre muito bem recebidos, mas sempre "recebidos". Agora o assunto é outro. Estamos no processo pedagógico estável da escola, parcerizando um espaço nunca d'antes navegado. Mar cujo horizonte é preto, feito gostosa geléia de jabuticaba - receita Lobatiana.

História 1 - ## OBJETOS DE ENCANTAMENTO QUE USAMOS PARA ABRIR AS RODAS DE CONTAÇÃO

Eu sou uma fruta-gogóia, eu sou uma moça, eu sou calunga-de-louça, eu sou uma jóia...
Cultura Popular da Bahia, na voz de Gal.

Outro dia, eu tava contando pras meninas e meninos do Jongo sobre a primeira fada preta na literatura do Brasil – quiçá do mundo. Aparece em uma história da Ana Maria Machado, *Uma Gota de Mágica.* Usei uma Calunga para essa história. Joana é a personagem. Ela vai à fila da bica pegar água numa lata. Daí ela fica olhando a gota cair, gota a gota... E imagina uma fada de gola leve...

...então Joana já não é mais Joana. Virou fada, uma bonita-fada-preta. O melhor é que Ana Maria Machado não tece alusão alguma à cor de Joana. Não há politiquismos. A personagem é preta como toda maioria brasileira, mas principalmente da cor da Serrinha, Madureira, dessa São Sebastião do Rio de Janeiro.

É uma história de caligrafia griô. É que Ana, discípula de Lobato, cria uma fada preta, muito ao tempero de Nastácia, personagem cuja vara-de-condão era a colher de pau. Esse era o objeto de encatamento de Lobato. O poder fantástico era sempre dado a Nastácia. Emília e Visconde ganharam vida – e forma – por suas mãos. A lata é objeto de encantamento da Ana. A mágica está ali naquele objeto. Nossos objetos ritualizam todo início das rodas de contação. Apresentam nossos verdadeiros heróis.

Deli é a herdeira de direito do jongo, neta de Vovó Maria Joana, que trouxe o Jongo para a Serrinha. Essa história é a história de Deli. Ela – tal qual Joana - percebeu nesse buscar a água lá na balaiada uma mágica, uma ludicidade. Ela não perde seu lugar de rainha equilibrando a lata de 20 litros na cabeça. Ela é plena de beleza, de poder, de boniteza. É invejada pela comunidade. Essa coisa etimológica da inveja, invídia, que tem raiz no in vídeo. Aquilo que vejo, eu desejo. É um exercício difícil, mas cada menina pode pegar um livro da Ana Maria Machado/ Monteiro Lobato para ser uma Joana-Deli-Nastácia. Qualquer um pode ser assim, uma rainha, uma bonita fada preta, cantante, contente e, producente. Ator de sua própria história, por mais branquinho que esse leitor venha a ser.

A gude é outro poderoso objeto de encantamento. Quando dizemos quem somos e pedimos bênção ao ancestral – louvando o presente, bem-dizendo o passado, para melhor aproveitar o futuro, que é mágico –, seguramos a bolinha-de-gude. A meninada se vê reverenciada ali. É um objeto de seu mais particular universo, dando o tom ao sagrado. É brinquedo que impõe respeito, tal qual é o livro.

O cajado é outro objeto dessa roda griô. Ele simboliza o mais velho que encontra o mais novo, tal Oxalá que fecha o Xirê descansando da vida no seu Apaxorô. Qual Exu, que carregando seu Ogó, vai espalhando vida, anunciando alegria quando abre – e guarda - todo o Xirê.

História 2 - PEQUENO ARGUMENTO PARA OS OBJETOS DE ENCANTAMENTO

Mulheres trouxeram e sustentam o Jongo na Serrinha, recriando as regras, pondo as crianças para tocar, para dançar. Mulheres que dão a pista do novo... Fiz uma Calunga para representar e homenagear essa Mulher. É uma Calunga de Mãe Senhora (do divisor de valores pretos: o Terreiro Baiano Afô Oponjá), e levei para o Jongo para apresentar esse objeto de encatamento às crianças. Logo depois, essa Calunga passou a representar outras histórias, Euá, Cumadre Florzinha, Nastácia.... histórias femininas. Mas as crianças nunca falaram: - Ah, mas ela é a Mãe Senhora do livro do Pierre Verger, da pintura do Carybé... É que a Calunga é espetacular. Ela entrega e integra o herói, essas mulheres, da comunidade ou não, mas que são histórias de reivindicação. E os espaços estão tomando estes nomes. É a comunidade assumindo isso. A creche leva o nome de Vovó Maria Joana. Outra creche leva o nome de Tia Maria do Jongo. A rua se chama Tia Eulália (antiga Balaiada). A escola municipal leva o nome do Mestre Darcy. Outra rua se chama Mano Décio...

Livro, Gude, Cajado, Calunga. Esses são os objetos de maior força mágica em nossas rodas de bênção. A Bandeira do Jongo, uma penca-de-Ogum ou mesmo uma camisa de São Sebastião, padroeiro de nossa cidade, vão se juntando às mágicas das novas histórias, mas são esses três primeiros a força da nossa bênção.

História 3 - O RITO, IKU – E A VIDA NO ENCONTRO GRIÔ

Passa o tempo e morre um irmão de mamãe - Tio Mário. Num encontro com a meninada, na hora da roda de bênçãos, estávamos usando a Bandeira do Jongo para passar na roda. Na minha vez, pedi a bênção ao meu Tio Mário. Lembrei e contei meu carnaval de criança. Mário montava o molde de barro, colava tiras de jornal, pintava e fazia nascer a máscara. Era uma máscara parente das 'do Diabo, do Morcego, da Morte'. No meio do meu relato para as crianças, o choro veio e cortou a fala. Eu era só memória. Me recompus e passei a Bandeira do Jongo adiante na roda. Aí o Claudinei pediu também a bênção ao meu Tio Mário, depois Su e os outros. Também pediam bênção ao Tio do Tio Carlos. Claro, a emoção foi muito maior. E pude ali, no encontro griô, chorar a morte de meu tio, como ainda não tinha feito. Tia Maria pediu bênção a Xangô, Orixá de vida... E era isso, identidade, ancestralidade, cultura. Numa troca de ensinamento, de delicadeza, de memória.

A AÇÃO GRIÔ ENTRANDO NA DISSERTAÇÃO. MARISA – COORDENADORA PEDAGÓGICA DA SERRINHA – AOS TEMPEROS ORALIZANTES, AFIRMANDO À ACADEMIA A MESTRA QUE DE FATO É.

Tia Maria do Jongo tornou-se uma das pessoas mais importantes e conhecidas da Serrinha. Percebemos isso também durante as apresentações do Grupo Cultural Jongo da Serrinha. Em momento de muita emoção, Tia Maria do Jongo entra com "suas" crianças, e, orgulhosas; ela mesma apresenta, restituindo simbolicamente um elo entre as gerações, em que passado e presente se encontram, anunciando um futuro mais esperançoso, que se descortina a cada "tapiado", sinalizado na cantiga "Preta velha jongueira", de Lazir Sinval: "Preta velha jongueira, meu Caxambu está lhe chamando. Sinto a poeira do chão levantando com seu tapiado (...)".

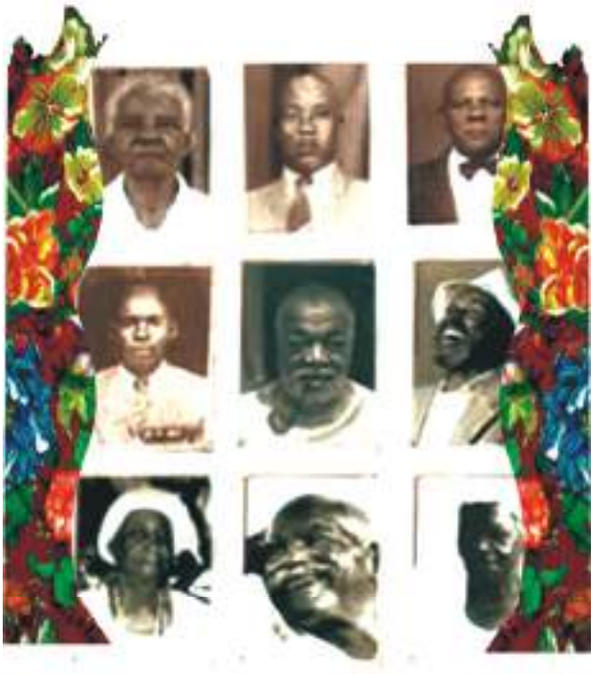
A participação ativa e o olhar atento à narrativa são fortemente ressaltados como acontecimento em rodas de contação de histórias em diversas regiões deste país. A interação narrador-ouvinte é fator importante para que o conto cumpra sua função social de mediador de experiências vividas e guardadas na memória, na forma

Tia Maria do Jongo conta histórias em seu quintal/Projeto Griô/Arquivo Escola de Jongo/Outubro/2007

de histórias, contos, mitos, fábulas, lendas, cantigas de embalar crianças e uma infinita série de brincadeiras cantadas que - falando especificamente da natureza humana, de suas necessidades, mazelas e grandezas - atraem públicos de todas as idades até os dias de hoje, perpetuando o que defendemos ser um "evento comunicativo".

E o que conta e comunica nossa Tia Maria do Jongo em seu maravilhoso quintal? De quais valores estamos falando? O que é ser um jongueiro? De que tipo de educação estamos falando?

Uma das respostas pode ser encontrada no ponto de Jongo descrito abaixo, que saúda o jongueiro velho que veio para ensinar às próximas gerações seus saberes jongueiros, dando-nos uma dimensão de como esses conhecimentos circulares vêm sendo transmitidos de geração a geração:



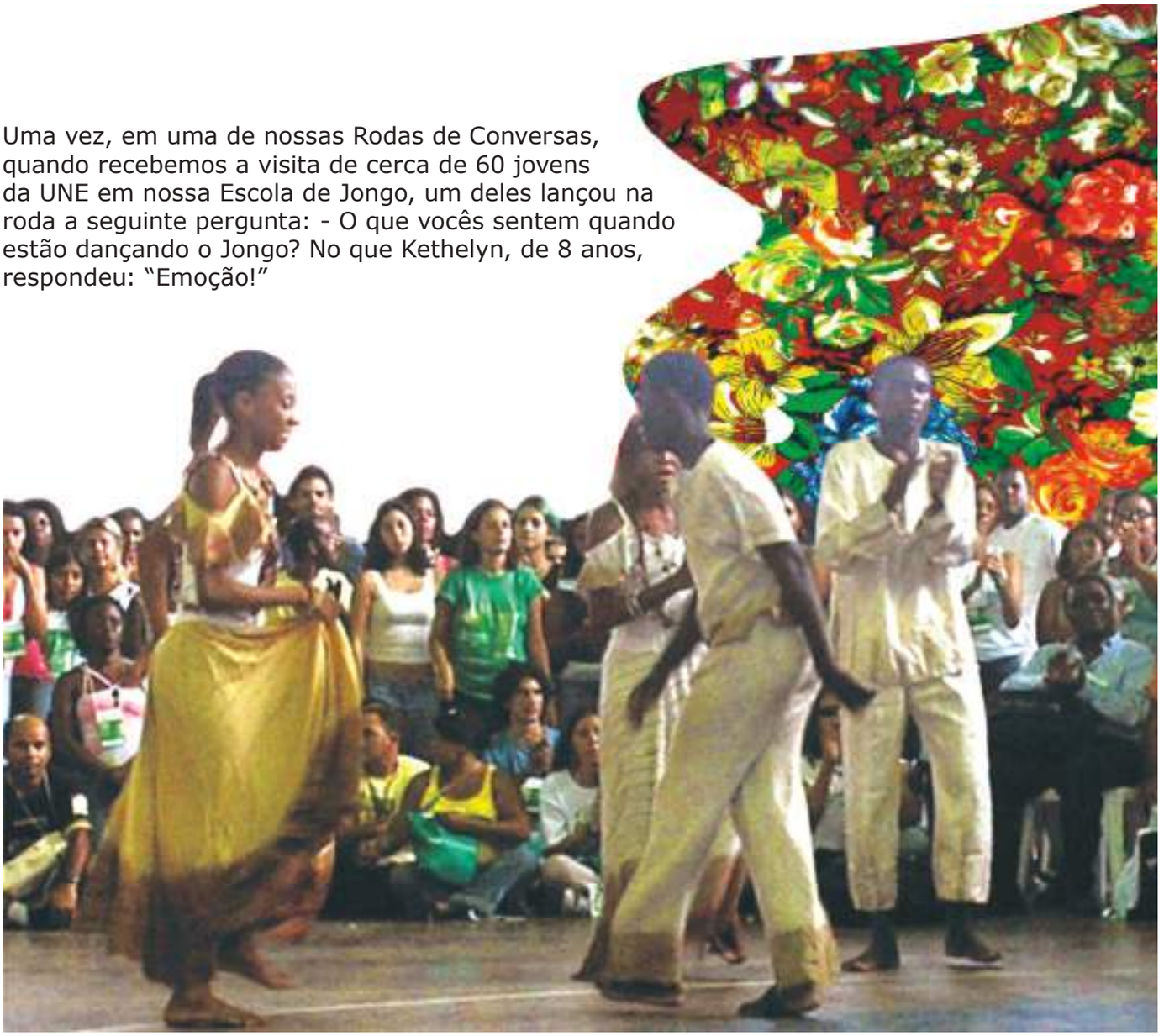
SARAVÁ JONGUEIRO VELHO
QUE VEIO PRA ENSINAR
QUE DEUS DÊ PROTEÇÃO
PRA JONGUEIRO NOVO
PRO JONGO NÃO SE ACABAR!
PONTO DE JONGUEIRO/GUARATINGUETÁ/SP

Tia Maria, nascida e criada em Madureira, conta que a música e a dança sempre fizeram parte de sua vida, e que teve o privilégio de ver no quintal de sua casa o nascimento de uma das mais importantes e tradicionais escolas de samba do Rio de Janeiro, a Império Serrano. Ficava, menina ainda, escondida - só a lua como testemunha - por detrás das árvores, ouvindo, cantando e ensaiando os primeiros passos e pontos das rodas de Jongo que aconteciam até altas horas da noite no terreiro de sua casa. Naquele tempo, as crianças eram proibidas de participar das rodas de Jongo. Eram reuniões fechadas, envolvidas em fundamentos e mistérios.

Sua "curiosidade espontânea" era tanta, que ela ficava só espiando e, de tanto espiar, acabou aprendendo tão bem a arte de ser "jongueira" que, em 1977, Mestre Darcy do Jongo – considerado por todos o "pai" do Jongo da Serrinha – convidou-a para montar com ele um grupo de Jongo com as crianças: semente que há quase 30 anos cresce e frutifica, gerando o Centro Cultural da Serrinha que temos hoje.

Aliás, romper com as fronteiras dos espaços oficiais do saber, atravessar muros e paredes e chegar, quem sabe, a legitimar o quintal da Tia Maria como um ecossistema educativo, é um desafio. O que se passa, quando nada parece se passar?

Uma vez, em uma de nossas Rodas de Conversas, quando recebemos a visita de cerca de 60 jovens da UNE em nossa Escola de Jongo, um deles lançou na roda a seguinte pergunta: - O que vocês sentem quando estão dançando o Jongo? No que Kethelyn, de 8 anos, respondeu: "Emoção!"



É descobrir-se "jongueiro" que emociona o sujeito. Um sujeito, grande ou pequeno, que descobre sua necessidade desconhecida: a de pertencer primeiramente a si mesmo, depois a um grupo - a uma "pátria mãe" que precisa ser amada para se tornar "conhecida", como tão bem nos lembra Roger Bastide, que, ao olhar as coisas pelo avesso, afirmou: "só se conhece aquilo que se ama" (BASTIDE).

Ao penetrar no campo afetivo, onde valores altamente simbólicos são acionados, este mesmo sujeito começa a gostar, ou seja, a "amar", pelo viés do Jongo, a si mesmo, às pessoas e às coisas à sua volta; e, amando, busca conhecer. Conhecendo, quer valorizar; valorizando, não quer perder; não perder significa guardar. Guardar na dimensão poética que Antônio Cândido anunciou: sem trancar, mas fazendo o conhecimento circular.

A necessidade de perpetuação de valores ancestrais, em que saber dos mais velhos é repassado aos mais novos, leva-nos a refletir sobre esta "gnose jongueira", na qual Tia Maria e tantos outros jongueiros mais velhos nos ensinam, motivam e encantam.

Ela atua no sentido de provocar as curiosidades. E aquele menino e menina que chega ao seu quintal o tempo todo, "de repente, aprende". Portanto, consideramos relevante o olhar reflexivo em direção ao momento que vivemos agora, em que os altos índices de exclusão e repetência escolar continuam a ser o grande desafio a ser vencido, se realmente quisermos democratizar o saber e mudar a imagem subalterna que se acumulou por anos e anos de história sobre a cultura popular.

O Projeto Griô, apresentado como proposta de trabalho junto à Escola de Jongo da Serrinha, em parceria com a Escola Municipal República Dominicana, propõe-se, principalmente, a direcionar e aplicar essas reflexões sobre o acervo da tradição oral que circula na comunidade do Morro da Serrinha, no cotidiano escolar, propiciando, com isso, que o ambiente da sala de aula se torne um espaço capaz de permitir uma identificação cultural do sujeito cognoscente, tanto com o objeto de conhecimento quanto com os seus processos, aumentando a rede de transmissão de conhecimentos, descentralizando e democratizando saberes. Quais os poetas daquela comunidade de jongueiros? Quem é Tia Maria do Jongo? Por que os nomes das ruas daquela comunidade são Mestre Darcy do Jongo ou Mano Décio da Viola? Por que o nome da creche ao lado da escola em que eles estudam é "Creche Tia Maria Joana"? E a casa ao lado, por que se chama "Tia Eulália"? Quem são essas pessoas e o que fizeram por sua comunidade? E como o aprendizado desses saberes pode ajudar o menino ou a menina em seu processo de alfabetização? Quais os símbolos jongueiros, os ritos, os valores que podem ser utilizados como estratégia alfabetizadora? Trata-se de saberes locais que, ao dialogarem com o currículo formal da escola, fortalecem o sentimento de pertencimento e enraizamento, tão necessários ao desenvolvimento humano, motivando o sujeito a ir em busca do que ele ainda não sabe. Acredito que essas, e tantas outras histórias locais, possam também servir de ferramenta de luta contra projetos globais de subalternização em relação aos saberes das classes populares.

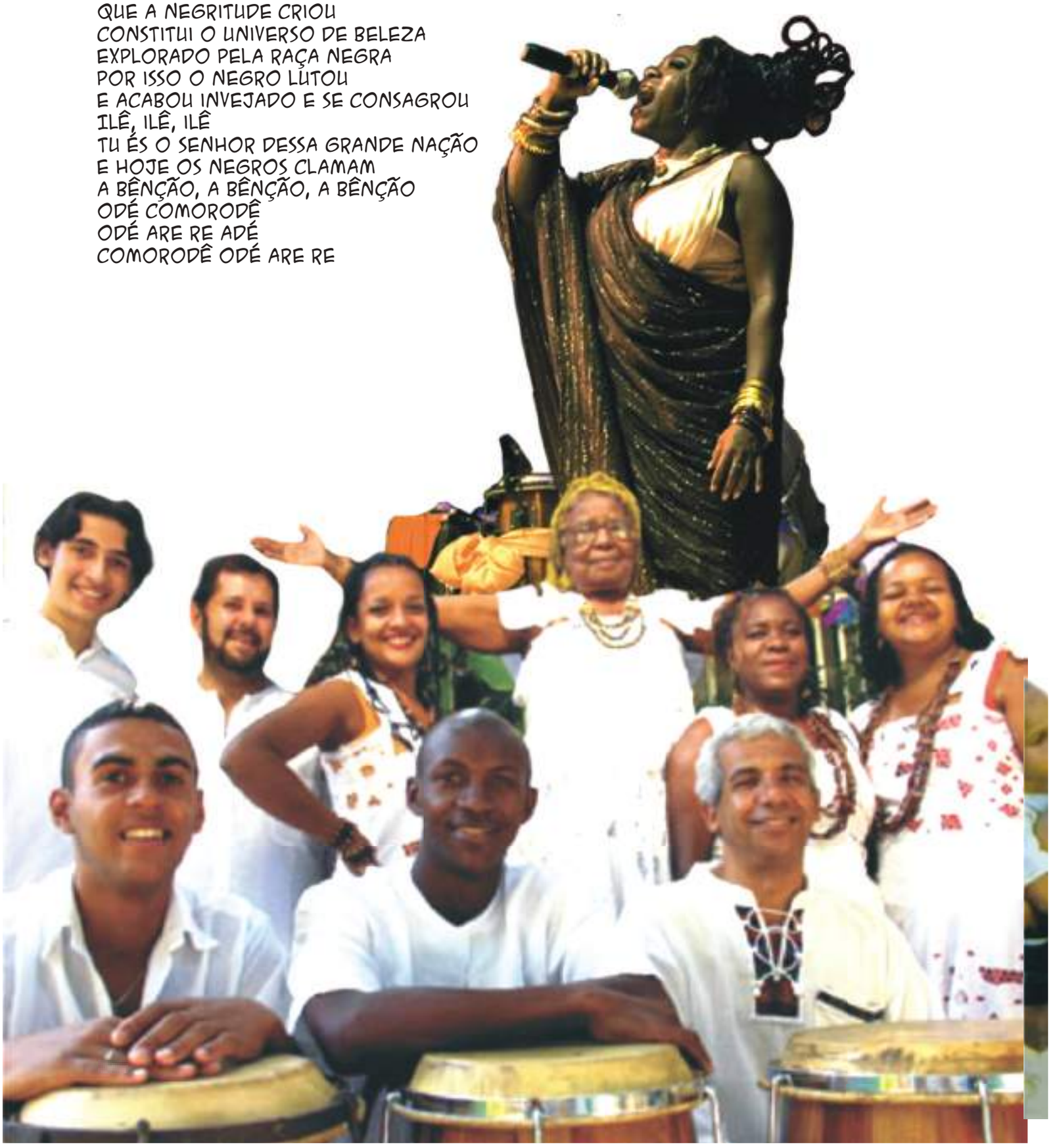
É importante realizar uma apropriação significativa da leitura e da escrita, possibilitando ao menino e menina jongueira a apropriação dos saberes de tradição oral, de maneira que ele se sinta encorajado e fortalecido a procurar outros e a desmistificar os estigmas que pesam sobre ele. "Se negro é burro, quero burro no mestrado".

A certeza de que precisamos buscar um diálogo constante com a escola nos anima a caminhar. Agora, como os caminhos não estão dados, cada dia é dia de reinvenção em nossa escola, que busca romper com esse paradigma dicotômico entre cultura e educação.

A inclusão, não apenas de livros que problematizam a questão da discriminação racial brasileira, mas que proporcionam leituras de matrizes históricas e culturais do negro, mais a mudança de postura do educador(a) no acolhimento às diferenças e à diversidade, à hibridização e plurietnia brasileira, pode vir a ser um caminho para quebrar e desconstruir essa visão negativa das identidades negras ou afro-descendentes no Brasil, inaugurando novos discursos.

Discursos esses que contemplem cada vez mais a luta, mas também a poesia, as falas, as festas e danças, os batuques, o riso e a rebeldia de um povo que quer valer-se de sua própria história, como na cantiga "Negrume da Noite", cuja letra aqui transcrevo, como um convite a reflexões futuras e duradouras, fazendo o que está invisível transbordar abundantemente dentro de cada um de nós:

O NEGRUME DA NOITE
RELUZIU O DIA O PERFIL AZEVICHE
QUE A NEGRITUDE CRIOU
CONSTITUI O UNIVERSO DE BELEZA
EXPLORADO PELA RAÇA NEGRA
POR ISSO O NEGRO LUTOU
E ACABOU INVEJADO E SE CONSAGROU
ILÊ, ILÊ, ILÊ
TU ÉS O SENHOR DESSA GRANDE NAÇÃO
E HOJE OS NEGROS CLAMAM
A BÊNÇÃO, A BÊNÇÃO, A BÊNÇÃO
ODÉ COMORODÊ
ODÉ ARE RE ADÉ
COMORODÊ ODÉ ARE RE



Desenvolvemos um trabalho de valorização constante da oralidade e da escrita, na medida em que entendemos que aquele espaço pode ser um espaço onde os educadores, como eu, possam ser mediadores de leitura.

Tal pensamento vai ao encontro do pensamento elaborado por MÁRCIA CABRAL sobre os mediadores de leitura:

Os mediadores de leitura nem sempre estarão, portanto, enraizados nos meios familiares, nas instituições escolares. Muitas vezes é em meio a outras situações culturalmente significativas que o sujeito encontrará alimento para seu pleno desenvolvimento como leitor. (CABRAL)

O griô aprendiz Carlos Alarcão é um mediador de leitura. Nesta fotografia, crianças escutam uma história no quintal da Tia Maria do Jongo. No canto acima, o inseparável tambor. Arquivo Escola de Jongo da Serrinha/Madureira/2007

Dessa forma, acreditamos na possibilidade de interferir de forma positiva no processo de formação identitária desses sujeitos que, por estarem em um espaço marcado referencialmente pelas questões de matriz afro-brasileira, são potencialmente capazes de se tornarem multiplicadores deste Patrimônio Imaterial da cidade do Rio de Janeiro: o Jongo da Serrinha. Para que esse processo de aquisição de conhecimentos se complete, o diálogo com espaços formais de educação é um desafio. Carlos Brandão analisa essa questão da seguinte forma:

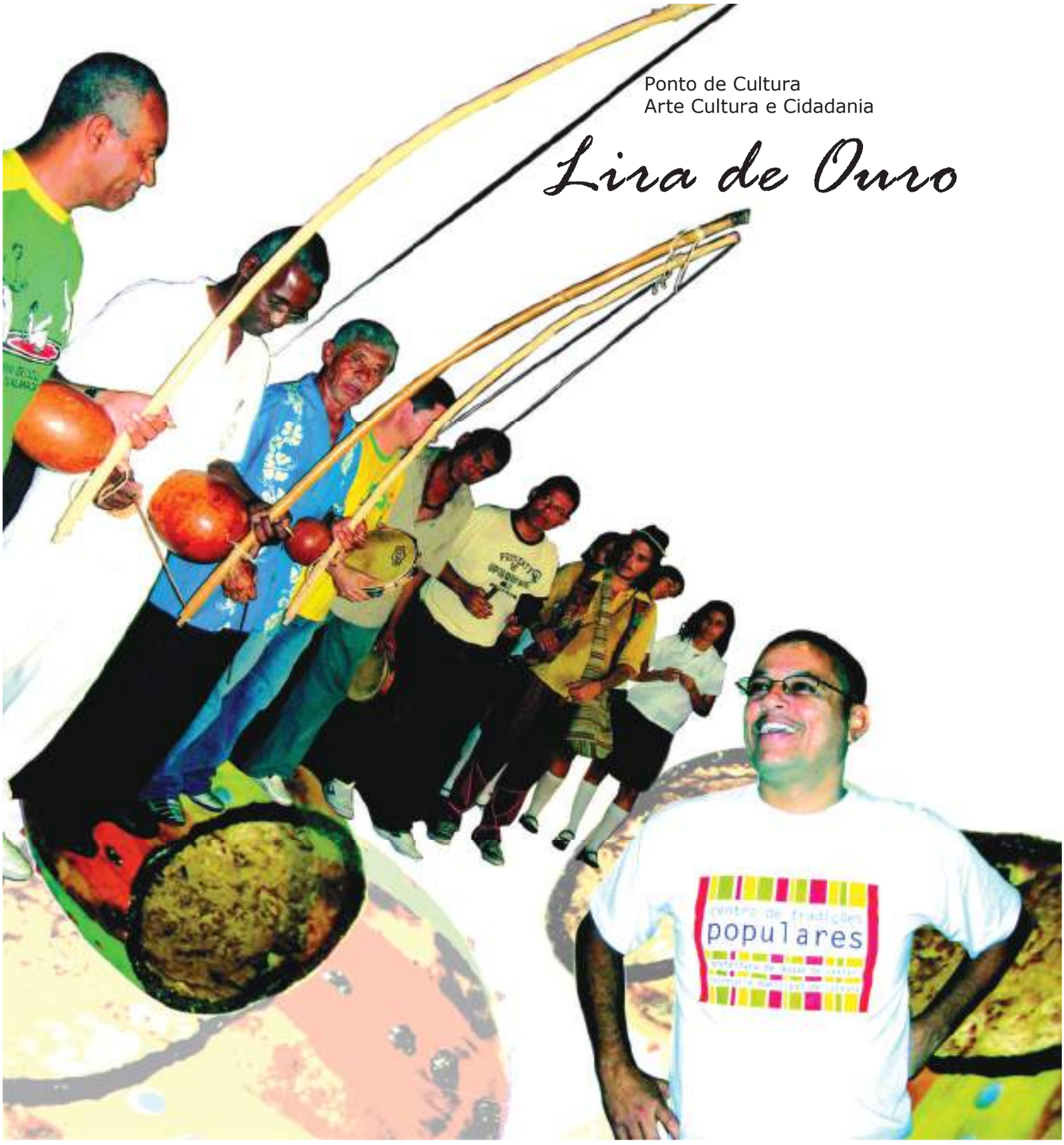
O diálogo entre o espaço formal e o não formal me leva a perceber cada vez mais a necessidade de trabalharmos com os conceitos de hibridização cultural, onde as fronteiras entre os saberes ou zonas de intersecção não estão tão claros e definidos como a cultura hegemônica nos impõe acreditar, e precisam ser compreendidos como movimentos circulares cujos limites e fronteiras nos convocam a novos desafios e aprendizagens, que se dão de maneira efetiva dentro e fora da escola. Então, o que eu acho que nós podemos fazer é criar condições para que, de uma maneira autônoma, criadores de cultura popular, desde uma pessoa individualmente até toda uma comunidade, possam recriar e viver da maneira mais livre e autêntica possível as suas próprias experiências de festas, de criações de cultura imaterial e assim por diante.

Ao atuar hoje na construção de um outro espaço possível de conhecimento e aprendizagem, buscamos, na contramão das dicotomias e separações culturais das quais somos fruto, penetrar por outras vias novamente no território escolar, para melhor instrumentalizar estes jongueiros mirins produtores de cultura(as) em relação à sua imersão na cultura escrita. Esse é o desafio que o projeto Tangolomango se propõe a partir deste momento: investigar as situações culturalmente significativas que promovem a formação do sujeito leitor dentro e fora da escola. De repente, por que não, esses meninos e meninas vão poder registrar as histórias que há tanto tempo circulam na comunidade?

Pela complexidade que as questões por hora levantadas nos suscitam, gostaria de ressaltar a necessidade de construir "pontes", não dicotomias e, mais uma vez, separações entre os saberes. Reconheço, entretanto, que o caminho escolhido é delicado, é como andar em "um fio de navalha". Para um lado, valorizamos os saberes locais, mas não promovemos possibilidades do menino e menina se apropriarem de outros saberes; para o outro lado, corremos o risco de enfraquecer e colaborar com o desenraizamento de sua cultura. Por isso, optamos pela fluidez e pelo fortalecimento do hibridismo cultural. Optamos pelo caminho que provoque a possibilidade de transitar entre e com as culturas.

Ponto de Cultura
Arte Cultura e Cidadania

Lira de Ouro



A importância das palavras, das histórias e da comunicação oral. A Ação Griô Nacional em Duque de Caxias

Alexandre dos Santos Marques e Fátima Bitencourt David

Ô Abre alas que eu quero passar... Eu sou da Lira, não posso negar... Sou de Caxias não posso negar...

Ao som dessa música foi que, em maio de 2007, participei do I Encontro de Educação e Tradição Oral realizado na cidade de Vassouras, Rio de Janeiro, e fui apresentado à Ação Griô Nacional. Com o som de outras músicas, os demais participantes também se apresentaram ou foram apresentados. Representando o Ponto de Cultura Sociedade Musical e Artística Lira de Ouro, naquele momento me tornava um griô aprendiz que acompanharia por um ano um mestre griô e três mestres de Tradição Oral ligados à cultura da capoeira na cidade de Duque de Caxias.

Nesse início de caminhada, não me ocorreu que conheceria outros mestres, de outras tradições, com os quais iria aprender as vivências da "roda da vida", que em vários momentos foi reinventada, como propõe a pedagogia griô .

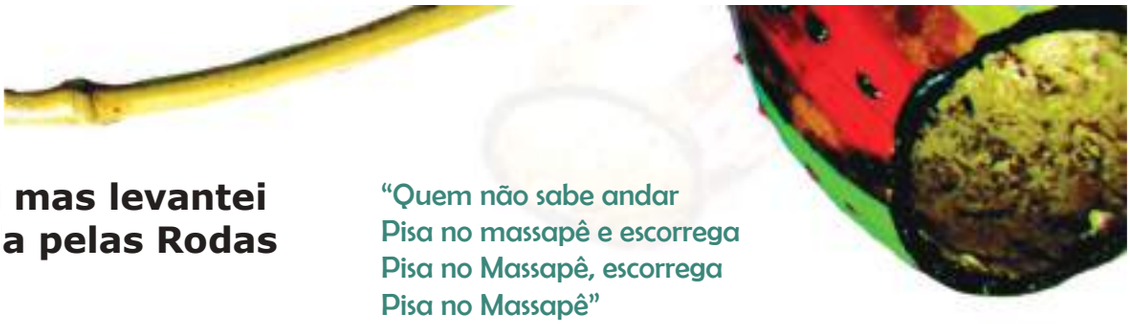
Sociedade Musical e Artística Lira de Ouro 1957-2008.

Duque de Caxias. Baixada Fluminense. Em 1957 surgiu a Sociedade Musical e Artística Lira de Ouro. Artistas locais, todos migrantes, em sua maioria negros, decidiram criar um espaço que agregasse os músicos da cidade.

Ano de 2004. A Lira foi transformada em Ponto de Cultura, com a proposta de ser um espaço para as mais diferentes linguagens culturais. Hip Hop, reggae, charme, cineclubes, bailes da felicidade, teatro, percussão, instrumentos de corda, de sopro, poesia. Tudo juntinho, misturado. Interagindo na alteridade.

Três anos depois, a Lira, com a colaboração de Norma Sueli dos Santos, foi um dos Pontos contemplados pela Ação Griô, com a proposta de atuar com os mestres de capoeira. A escolha dos mestres para desenvolver a Ação partiu de um consenso de que o Mestre Barboza seria, na cidade, o mais antigo guardião dessa ancestralidade, sendo os Mestres Gegê, Levi e Monge bons representantes para mantê-la. Esse consenso surgiu no I Encontro de Capoeiragem de Duque de Caxias, que contou com o apoio do Projeto "Capoeira Viva" e da Secretaria Municipal de Cultura. Esses mestres se tornaram, a partir de então, os meus griôs.

A divulgação da Ação atraiu para a Lira outros grupos de tradição oral: as folias-de-reis, a velha guarda do samba e sua própria orquestra, possibilitando a re-significação do espaço e das próprias manifestações.



Escorreguei mas levantei
A Caminhada pelas Rodas

"Quem não sabe andar
Pisa no massapê e escorrega
Pisa no Massapê, escorrega
Pisa no Massapê"
Música aprendida nas "rodas" com os Mestres.

De freqüentador da Lira, da escrita acadêmica na dissertação "Militantes da Cultura numa área periférica - Duque de Caxias: 1950-1980", fui desenhando minha trajetória de griô aprendiz, confirmada pelos diversos diálogos com os mestres de capoeira.

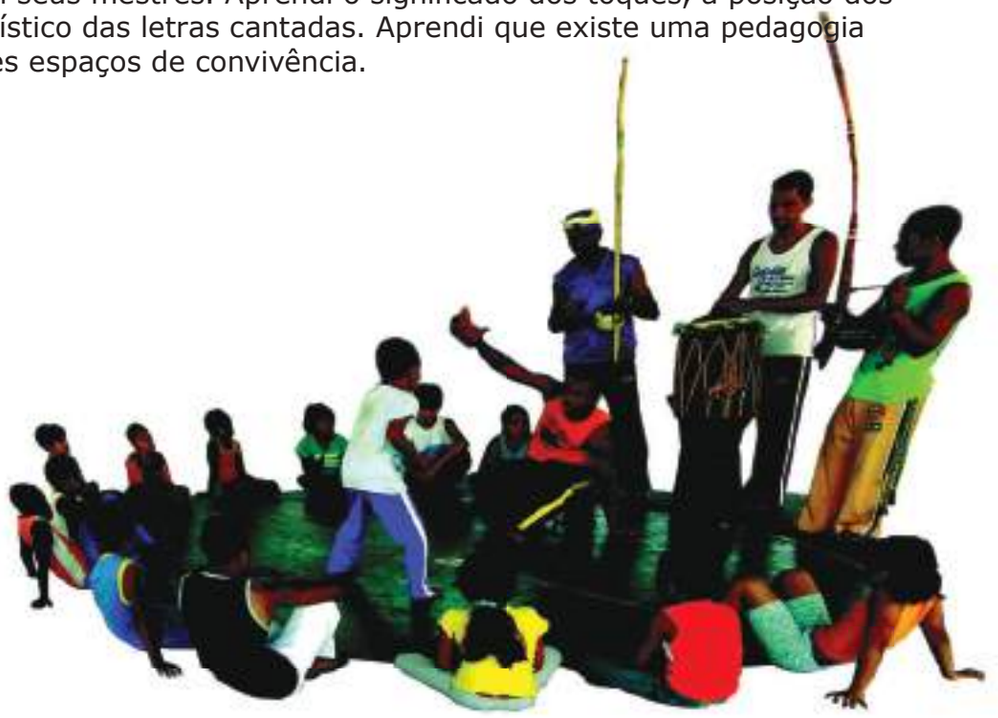
O Capoeira Viva possibilitou conhecer todos os mestres e muitos praticantes da capoeira em Duque de Caxias. A Ação Griô oportunizou o contato com seus ensinamentos, seus símbolos, significados.

A atuação como pesquisador e professor da História da cidade de Duque de Caxias impunha limites ao trabalho com a tradição oral. O saber acadêmico, voltado para questões intrínsecas aos programas escolares, limitava o aprendizado. A coordenação que exercia, junto ao núcleo de Patrimônio Histórico e Cultural da cidade de Duque de Caxias, impunha alguma ação. A relação que mantinha com as redes de educação criava a necessidade de rever as propostas dos projetos políticos pedagógicos. A Ação Griô me levou para a rua.

Com os mestres, visitamos "rodas". Em uma delas, escorreguei no massapê: caí! Mestre Levi me avisou "um aluno ou mestre mais novo não pode 'comprar' o jogo de um mestre mais velho."

Com os mestres, acompanhei muitas caminhadas, muitas rodas, muita musicalidade, até que compreendi a simbologia das rodas e do jogo. Não se "compra" o jogo de um mestre, ou seja, a ancestralidade está presente nas rodas de capoeira e na roda da vida: todos reverenciam seus mestres. Aprendi o significado dos toques, a posição dos berimbaus, o sentido místico das letras cantadas. Aprendi que existe uma pedagogia presente em todos esses espaços de convivência.

- Caí, mas levantei!



Mestre Gegê, Contra-Mestre Célio, Cão e Coelho - Escola Municipal Solano Trindade

Encontrei novos aliados na construção de um projeto político-pedagógico para a cidade, para a educação. Nele se valoriza o ser humano e o conhecimento que ele constrói em seu cotidiano. Numa das rodas, o Contra-mestre Dezoito me alertou: "O conhecimento? Tá tudo aqui na cabeça."

Saí dos arquivos; dos documentos escritos; das paredes frias do patrimônio material; da crueza dos conteúdos; para a oralidade; para a não-formalidade.

A construção da identidade griô

"Da forma como aprendi, com meu Mestre,
passarei para meus alunos." Mestre Levi

A criação de uma identidade de "griô aprendiz" passa por vários espaços. Em casa, muitas das músicas, dos instrumentos e das "danças" foram incorporadas pela família, principalmente por minha filha, Maria Eduarda, que, com a inquietude de seus cinco anos, delicia-se com "Periquito Maracanã, cadê sua Iá, Iá...", cantiga aprendida pelo Velho Griô com Caio, 7 anos, na comunidade quilombola do Remanso, BA. Delicia-se também com "Não me maltrate este negro, este negro foi quem me ensinou..."; com "Baraúna caiu, quanto mais gente, quanto mais gente, quanto mais gente..."; e outras cantigas das rodas de capoeiras.

Na Secretaria Municipal de Cultura e na Lira, sou chamado de "griô aprendiz", um novo sobrenome. Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FEUDUC), e no Instituto de Educação Governador Roberto Silveira, sou o "Capoeira". Para os amigos que não atuam na Cultura, sou "O muso dos capoeiristas". Onde estiver, na cidade, tem sempre um capoeirista à minha procura. Essa procura ocorreu devido aos desdobramentos do "Capoeira Viva" e da "Ação Griô."

As apresentações nas escolas em que atuo, as palestras que realizo, as músicas que aprendi e as histórias que ouvi serviram para fortalecer essa identidade. Interiorizei princípios e apreendi novas visões de mundo: de que o aprendizado vem com o tempo; valorizando a importância do "saber ouvir"; da energia da roda; da força do berimbau e da batida do atabaque.

A mediação entre os mestres apresentou alguns pontos de encantamento e outros de atrito. O primeiro desafio foi apresentar uma possibilidade de ação que não se limitasse somente à realização de rodas; uma ação que valorizasse a cultura da capoeira, o saber de cada um, o valor simbólico no universo onde cada um atua e, principalmente, suas histórias de vida. Aqui ocorreu o encantamento, a descoberta, a transformação.

Eles se espantaram com o quanto guardavam de conhecimento e como pouco se conheciam, mesmo convivendo tanto tempo juntos. Como pouco sabiam de suas trajetórias...

Como tinham acontecimentos guardados no baú das memórias! Como aprendiz encantei-me com as descobertas deles e fui aprendendo com elas!

Suas trajetórias se cruzam num passado muito vivo nas memórias, que em alguns momentos são conflitantes. Devido às várias articulações políticas possibilitadas pelo projeto, os conflitos foram consensualizados. Das muitas aprendizagens, uma das que mais gostei foi em relação ao berimbau. Eduarda, estudante de História da FEUDUC, ouviu de um mestre que o berimbau é uma menina: "o corpo é a vara, a cabaça a cabeça e a corda a voz". Um instrumento que pensava em nunca aprender e, depois da insistência do praticante Coelho, já estou levando jeito. Levo São Bento Pequeno, o São Bento Grande, e o Angolinha.

Em relação à oralidade, aprendi a relação com o tempo, com as diferentes temporalidades, com os diferentes ritmos. Na pedagogia das músicas, aprendi coisas novas "... quem não sabe andar, pisa no massapê e escorrega...", percebendo como a musicalidade da capoeira envolve os menorzinhos. A humildade pregada pelos mestres através de "Baraúna caiu; quanto mais gente, quanto mais gente, quanto mais gente...", encontrada nas rodas, nos espaços de sociabilidade, na vida.

Os Mestres me levaram pela mão: a colheita do aprendizado.

Domingo eu vou
Vou vadiar
Na roda de capoeira
Pra ouvir Barbosa cantar
Na roda de capoeira
Pra ver Gegê cantar
Na roda de capoeira
Pra ver Levi cantar...

Na roda de capoeira
Pra ver Lima cantar

Canção aprendida com os Mestres nas rodas

Depois do primeiro contato, fui "dar a volta no mundo". Girei pelas rodas.

Através do Mestre Barbosa, conheci a mandinga da capoeira, a malandragem, a ancestralidade, a força de sua simbologia.

Na Escola Municipal Regina Celi Cerdeira, percebi com emoção a interação entre o Mestre Gegê e o Contra-Mestre Jabá, que, juntos, atuam com crianças e jovens em turmas de inclusão. O maculelê é admirável! Mestre Gegê e a força de seu canto encanta a quem ouve. Anima quem joga.

Com Mestre Levi, aprendi a tradição dos instrumentos e da roda, a musicalidade, a leveza do gesto, a necessidade do tempo para o aprendizado.

Com Mestre Dominguinhos, aprendi a força do tempo e de sua singularidade. Disse-me: "Quanto mais tempo a fruta amadurece, mais gostosa ela fica". Atuando com alunos surdos na Escola Municipal Barro Branco, ele estudou e investigou, como afirma a orientadora pedagógica Kátia Cristina dos Santos Veillard, buscando caminhos não-formais que possibilitassem o contato dos alunos surdos com a cultura da capoeira. Criou uma didática baseada nas ondas musicais e na posição dos pés.

Com Mestre Monge experimentei a importância de atuar em comunidades, a paciência para ouvir os pequeninos, apropriar-se de seu universo. Na "Roda de Caxias", tive contato com a capoeira de rua e um importante espaço de memória. Ela acontece no mesmo lugar, na Praça do Pacificador, há mais de trinta anos e, como diz Mestre Russo: "Ela é a mais importante do mundo!"

Na roda do Mestre Raymundo Filho, percebi a pluralidade de linguagens e a democracia do espaço, com mulheres e crianças compartilhando a roda com os mestres e praticantes.

"Onde você aprendeu capoeira? Na barriga da minha mãe! Já nasci capoeira!"
Mestre Barbosa

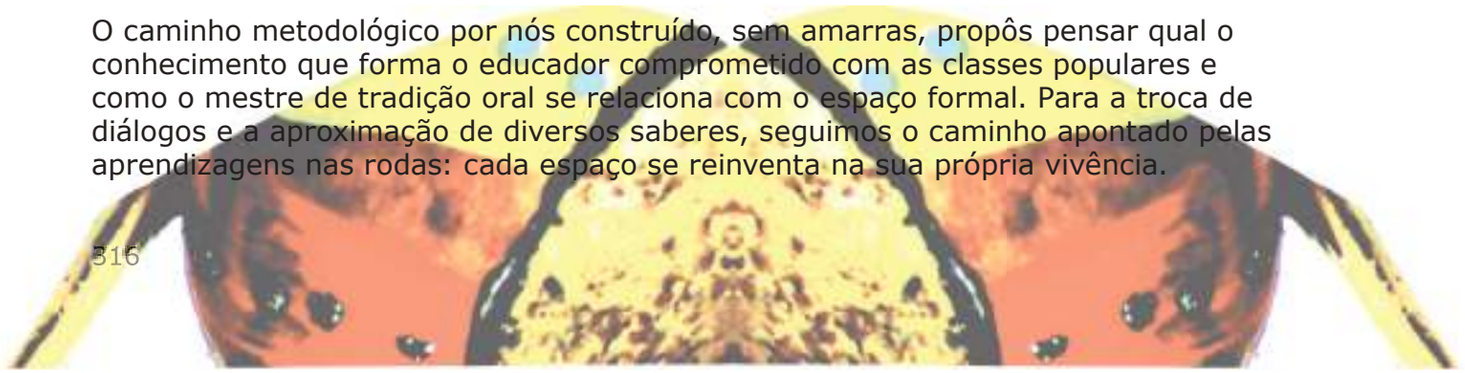
A apropriação da linguagem da capoeira estimulou novas descobertas, novos conhecimentos e propiciou a gestação de um projeto que entrecruzasse os saberes da educação não-formal e o currículo gradeado da formação docente, surgindo o que passamos a chamar de "diálogos de saberes": a mediação dos saberes dos mestres, dos educadores e dos participantes dos encontros.

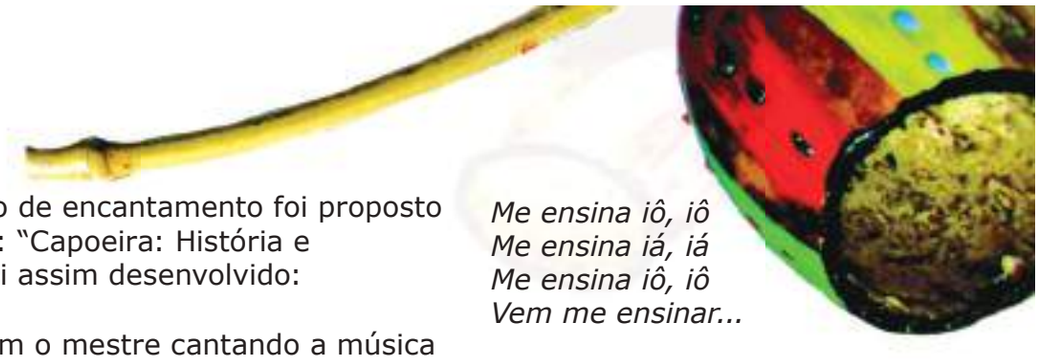
O diálogo com o currículo se deu em dois momentos distintos e complementares: o primeiro na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Duque de Caxias (FEUDUC), relacionando-se com as disciplinas História da África e História da Baixada Fluminense. O outro foi no Curso de Formação de Professores de Nível Médio, do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira (IEGRS). Em ambos, procuramos uma interação entre o saber acadêmico, o saber popular e as trajetórias individuais dos mestres.

A FEUDUC assumiu a Ação cedendo um estagiário, e espaço para a gravação das trajetórias de vida e para a criação, manutenção e preservação de um acervo sobre a capoeira na Baixada Fluminense. Muitos alunos e, principalmente alunas, incorporaram-se ao projeto e ajudaram na sistematização do aprendizado.

Para estimular o encantamento entre professores e alunas para com a herança da tradição oral, no movimento do corpo apreendido na capoeira, no canto que solta a voz sempre tão silenciada, propusemos um caminho que propiciasse a valorização do conhecimento popular emancipatório.

O caminho metodológico por nós construído, sem amarras, propôs pensar qual o conhecimento que forma o educador comprometido com as classes populares e como o mestre de tradição oral se relaciona com o espaço formal. Para a troca de diálogos e a aproximação de diversos saberes, seguimos o caminho apontado pelas aprendizagens nas rodas: cada espaço se reinventa na sua própria vivência.





Na FEUDUC, o espaço de encantamento foi proposto com o seguinte tema: "Capoeira: História e musicalidade", que foi assim desenvolvido:

1- Início da "roda" com o mestre cantando a música "meu professor" na forma de ladainha.

"Não me maltrate este negro
Este negro foi quem me ensinou
Este negro da calça rasgada
Camisa furada
Foi meu professor"

Me ensina iô, iô
Me ensina iá, iá
Me ensina iô, iô
Vem me ensinar...

Mestre Levi

2- Apresentação com saudação aos ancestrais, aos mestres e presentes. Os mestres mais antigos ficam próximo aos beimbais e atabaques.

3- A apresentação "gira" na "roda" até retornar ao mestre.

4- É distribuído aos participantes um texto relacionado à História da Capoeira (nos primeiros encontros foram distribuídos trechos do livro "Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida".)

5- O mestre "conta" casos referentes ao material que foi distribuído.

6- Eventualmente são apresentados filmes, gravuras, pinturas e fotos relacionados ao tema do encontro do dia.

7- Os participantes recebem as letras das músicas relacionadas aos temas expostos e depois "cantam" com os mestres, principalmente os refrões. Como os mestres buscam a improvisação, muitas vezes as letras não são seguidas. A estratégia da distribuição das letras foi utilizada para que os alunos tivessem materiais para serem utilizados em outros espaços em que atuassem.

8- A cada encontro se recupera trechos que foram discutidos anteriormente. Nesse momento, os participantes são estimulados a falar.

9- Eventualmente, os participantes fazem propostas de letras de músicas ou adaptações de músicas de outras manifestações culturais para o ritmo da capoeira. Acompanham as orientações do mestre para entrar na "roda", modificar as batidas das palmas e sobre a expressão corporal. Uma das letras reinventadas na roda foi:

10- Eventualmente, os participantes foram estimulados a produzir desenhos ou frases relacionadas aos temas dos encontros.

11- As "rodas" se encerraram com a música "Adeus, adeus".

"Eu não sou daqui
Capoeira (Alexandre) eu sou
Eu não tenho amor
Capoeira (Alexandre) eu sou
Eu sou de Caxias
Capoeira eu sou"

12 - Eventualmente ocorrem "cortejos".

13 - São apresentados os filmes: "Sou Negro", "Capoeira no mundo", "Memórias do Cativeiro", "Jongos, Calangos e outras danças" e "Narradores de Javé".

Os encontros realizados na FEUDUC contaram com a presença de Alexandre Marques, griô aprendiz e dos Mestres Barbosa e Gegê, do contra-mestre Jabá, de Cláudio Maré, do praticante Coelho e, eventualmente, dos Mestres Levi e Lima, contando com a acolhida da educadora Marlúcia Santos de Souza.

"Adeus, Adeus
Boa viagem!
Eu vou com Nosso Senhor
Boa Viagem
Eu vou com Deus
Boa viagem
Nossa Senhora
Boa viagem
Adeus, Adeus"

A tradição oral e a ancestralidade estimuladas por esses encontros são perceptíveis nas falas de quem deles participou. Lúcia Helena Rodrigues Lucas, estudante do curso de História, diz que:

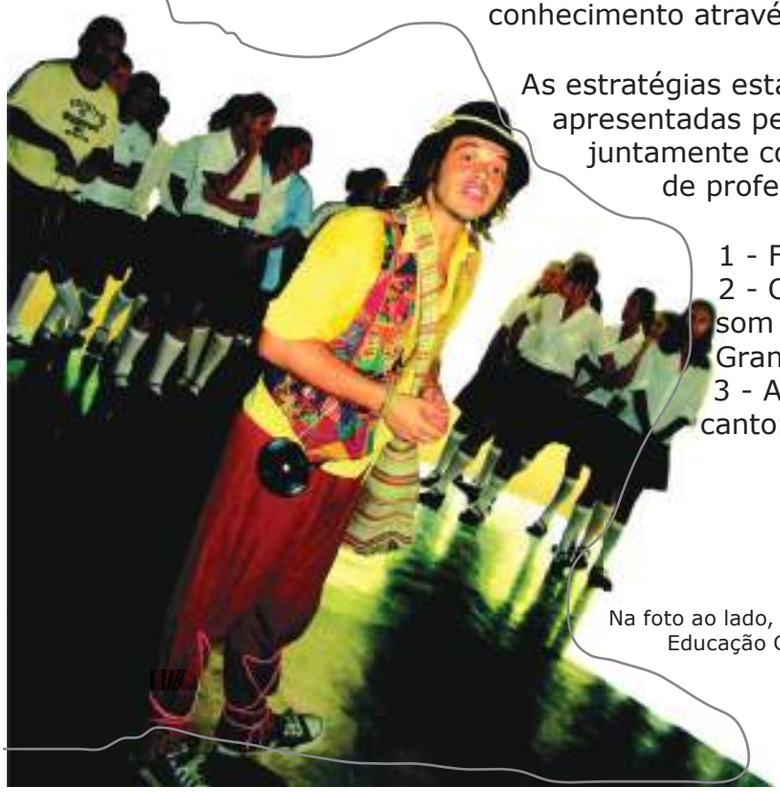
"com a capoeira aprendi a riqueza da musicalidade, melodias e cantos. Estou aprendendo a instrumentar o berimbau. Compreendi a importância da oralidade, da documentação dos conhecimentos griôs. Descobri a influência dos capoeiras na história da Baixada Fluminense, principalmente em Caxias, e aprendi uma parte do papel do negro na história do Brasil, que até então era desconhecida para mim."

Os encontros aconteceram semanalmente e neles existia a preocupação de apresentar letras de música e aspectos da capoeira que se relacionassem ao universo escolar, principalmente com o Ensino Fundamental das séries iniciais. Para sua concretização encontramos dificuldade, pois as alunas se apresentavam uniformizadas (saias) e não havia um local adequado para se sentarem e interagirem com as dinâmicas. Outro problema enfrentado foi que o IEGRS comporta muitos alunos, aproximadamente 1.500 por turno, o que o torna barulhento, dificultando a transmissão do conhecimento através da oralidade.

As estratégias estabelecidas nesses encontros foram apresentadas pelos mestres e por nós sistematizadas juntamente com as educadoras do curso de formação de professores:

1 - Forma-se o círculo.
2 - O Mestre inicia a vivência somente com o som do berimbau, com o toque de São Bento Grande.
3 - Após algum tempo, ele inicia o seguinte canto:

"Me ensina iô, iô
Me ensina iá, iá
Me ensina iô, iô,
me ensina
Vem, vem me ensinar".



Na foto ao lado, Alexandre Santini e estudantes do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira

4 - Após repetirmos por duas vezes, há uma parada e os presentes saúdam o mestre, reverenciam um ancestral ou uma pessoa que achem importante e se inicia novamente o canto. Isso se repete até todos se apresentarem.

5 - O mestre apresenta algumas observações sobre o berimbau, o atabaque, a roda e outras simbologias.

6 - Para finalizar, cantamos "Adeus, Adeus".

7 - Nessa despedida, o mestre incentiva os improvisos.

8 - Foram apresentados os vídeos "Sou Negro" e "Capoeira no mundo."

9 - Apresentaram-se gravuras, pinturas e fotos relacionados ao tema do encontro do dia.

O mestre invariavelmente valoriza em sua apresentação a importância do silêncio, do saber "ouvir" e o momento certo de "falar". As educadoras estimulam técnicas relacionadas ao afeto (abraços, toques nos rostos; e braços e movimentos sincronizados e livres) e encorajam os participantes a produzirem desenhos ou frases relacionadas aos temas dos encontros.

Já Eduarda Daudt da Silva, estudante do curso de História da FEUDUC, após participar da vivência com berimbaus, diz que:

"uma das coisas que aprendi, vale dizer, é a importância das palavras, das histórias, da comunicação oral. Na capoeira, tudo parece ser passado pela oralidade, geralmente do mais experiente para o inexperiente - o que não impede o processo inverso. O conhecimento é produzido, transmitido e transformado através do convívio e da experiência. Aprendi também que o respeito por aquele que sabe mais é importante, mas nem por isso o torna intocável."

Mestre Levi e estudantes do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira

No IEGRS, as educadoras Fátima Bitencourt David e Kátia Cristina dos Santos Veillard acolheram Mestre Levi, o griô aprendiz e o colaborador Claudio Marê. Eles apresentaram aos alunos o universo simbólico da capoeira e a força de sua musicalidade.

Em alguns dos encontros e nas salas de aula as educadoras estimularam o debate sobre a Lei 10.639 e orientaram os alunos a pesquisarem sobre a História da Capoeira. No encerramento, os participantes apresentaram o resultado da pesquisa em cartazes, flanelógrafos, biografias, músicas e Alexandre Santini, griô regional, vestido como um andarilho, acompanhado de uma bolsa e de uma gaita, estimulou um "cortejo" que percorreu todos os corredores da escola e foi acompanhado por vários alunos e professores.

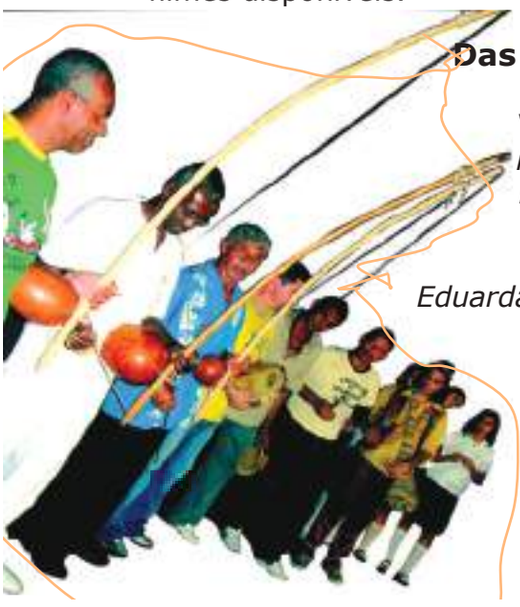
Encantada com as oficinas, com a musicalidade e com os cortejos, Luana Bezerra, estudante do Curso de Formação de Professores, disse que: "a capoeira contribuiu bastante, pois com ela eu pude entender melhor o seu significado. E vou poder ensinar aos meus alunos e, com isso, não deixarei eles pensarem que a capoeira se trata de uma religião, como muitos acreditam".

Para Mariete Silva de Mendonça, do mesmo curso:

"O projeto de capoeira foi super importante e ficou melhor quando as crianças do ensino fundamental se juntaram ao grupo e começaram a participar. Deu pra perceber o quanto as crianças gostam. Este projeto melhora a auto-estima deles. Melhora o comportamento, sem contar que a música exerce um certo fascínio sobre as crianças. Eles aprendem mais rápido".

Juntamente com essas oficinas, realizamos as entrevistas com os mestres. Elas seguiam o seguinte roteiro: local de nascimento; onde e como foi sua infância; do que mais lembra dela; como chegou a Duque de Caxias; como se aproximou da capoeira; quais os mestres que participaram de sua formação; quais os mestres que ainda são importantes para sua formação; quais foram os espaços de sociabilidade para os capoeiristas de Duque de Caxias e se a capoeira é tradição ou espetáculo.

Estes registros visuais, assim como todo material doado pelos mestres, encontram-se na FEUDUC à disposição de pesquisadores e comunidade em geral. A Faculdade cedeu uma sala com DVD e TV para aqueles que queiram assistir às entrevistas ou aos filmes disponíveis.



Das nossas escolhas... das nossas estratégias...

"Ensina-se a quem estiver interessado em aprender, independentemente de cor, sexo, idade ou classe social. Demonstrando interesse e dedicação, o aprendiz mostra respeito e, sobretudo, ganha o respeito de quem ensina".

Eduarda Daudt de Souza, estudante do curso de História - FEUDUC

Mestres Gegê, Levi, Barbosa, contra-mestre Jabá, Claudio Marê, Alexandre Marques e Alexandre Santini.

No horizonte de expectativas por nós vislumbrado, os espaços escolhidos para abrigar a Ação possuíam objetivos estratégicos: que os diálogos e a apropriação do universo simbólico e da cultura ligada à tradição, à oralidade, ao fazer das camadas populares, desdobrem-se na sua atuação junto às escolas das séries iniciais.

A partir desse vislumbre, o Instituto de Educação Governador Roberto Silveira e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Duque de Caxias se constituem em dois importantes espaços de formação de educadores. O primeiro forma educadores que atuarão nas séries iniciais do ensino fundamental. O segundo forma quem atuará com alunos do quinto ao nono ano do ensino fundamental e no ensino médio.

Há uma trilha pensada para atingir os próprios currículos de formação docente, o seu desdobramento nos projetos pedagógicos a serem implementados na rede pública de ensino, para que incorporem esse conhecimento. Assim, os educadores repensam seu processo de inserção no mundo, de formação profissional e de atuação social. Repensam as ações de formação inicial e continuada e intervenção nos currículos e nos projetos político-pedagógicos. Pensamos ser possível atingir a própria formação do educador, procurando identificar o ensino-aprendizagem da capoeira com sua trajetória de vida, estabelencendo, ou não, relação com os currículos, procurando modificá-los.

Planejamos divulgar as letras das músicas procurando contextualizá-las no universo da roda e da transmissão oral, destacando seu caráter de educação não-formal; reservar uma sala no Centro de Tradições Populares ou no Instituto de Educação para que seja exposto permanentemente o que foi colhido nas caminhadas; montar banners com as fotos e frases dos mestres para que seja feita uma exposição itinerante pelas escolas da cidade. Numa ação mais efetiva de intervenção nos currículos e nos projetos político-pedagógicos, buscamos propor encontros de educação para apresentar as propostas da Ação Griô e neles apresentar temas para discussão que levem às mudanças nos conteúdos programáticos.

É um desafio incentivar, no espaço acadêmico, pesquisas sobre memória, tradição oral, saberes e fazeres mantidos pelas pessoas, valorizando o conhecimento que é transmitido de geração a geração, mas que é valorizado na educação formal.

Mesmo com todo o encantamento e com as avaliações feitas, percebemos algumas dificuldades durante a realização das oficinas e das discussões acerca do programa e da prática pedagógica.

Nas aberturas das vivências, quando utilizamos a cantiga "não maltrate este negro" para apresentação e reconhecimento das pessoas no centro da roda, ela funcionou com grupos pequenos, mas, naqueles com muitos participantes, o tempo de apresentação se alongava. A solução encontrada foi substituir pela canção "Me ensina iôiô", que é mais curta e rápida, e todos se apresentavam falando o nome e o lugar de onde vinham ou que representavam.

Para grupos maiores, ou em eventos que contaram com a presença das autoridades, utilizamos a vivência de apresentação que aprendemos na caminhada do I Encontro de Educação e Tradição Oral com o Velho Griô Márcio Caires e com Alexandre Santini. Nela, todos se sentem relevados, apesar de nem sempre todos falarem. Todos ocupam o centro da roda, são vistos e se vêem.

No Instituto de Educação, após a reunião de planejamento do aprendiz com as educadoras, surgiu o compromisso de implementar a proposta nas disciplinas ligadas às práticas de ensino. A ação foi denominada por elas de "Educação não-formal".

Os educadores participaram das atividades e incorporaram algumas das propostas apresentadas. Leram e discutiram *Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida*. Um dos desafios vividos a partir do livro foi perceber a falta de habilidade dos educadores relativa à "Contação de Histórias", e depois reconhecer na linguagem da capoeira e dos mestres, aos quais nos vinculamos, todas as possibilidades de crescimento nessa área. O corpo da escola ainda está comprometido com uma visão de mundo calcada nos programas, mas o encantamento com a tradição oral que a pedagogia griô propõe pôde ser percebido no momento em que os mestres explicavam sobre a simbologia da roda, dos instrumentos, dos toques e contavam suas trajetórias de vida dentro da capoeira. Como em ambos os espaços existem muitos negros e, muitos deles, evangélicos, desmitificou-se o senso comum relacionado à cultura negra, ao atabaque e às batidas das mãos (palmas).

Outra percepção foi de como, em espaços exteriores à escola, essas histórias e aprendizados absorvidos são repetidos. Mesmo assim, ainda existe uma reação negativa a essa proposta, que, segundo muitos, está ligada à tradição afro-brasileira.

Existe a possibilidade de, em ambos os espaços, serem desenvolvidos trabalhos de registro de saberes dentro das comunidades, principalmente aqueles relacionados à cultura popular.

Caminhada Griô... o desafio do cortejo

Cláudio Marê, Coelho, Mestres Gegê e Levi – Caminhada Griô – Cortejo no Instituto de Educação Governador Roberto Silveira

"Na roda são todos iguais. Na roda todos são diferentes.
Encontro Ação Griô Nacional (Vassouras)

A mais desafiadora e encantadora das atividades propostas pela Ação Griô Nacional foi o cortejo; desafio para o aprendiz e também para os mestres que nele foram iniciados por Alexandre Santini no encerramento da oficina "Cantos e Encantos da Capoeira".
A apresentação foi preparada para receber o griô aprendiz regional no encerramento da oficina. Santini se apresentou no auditório do Instituto acompanhado de sua gaita, dos mestres, do griô aprendiz e de vários colaboradores. Com instrumentos afinados e com o canto apurado, os mestres e os estudantes interagiram no coro e nos vários movimentos corpóreos. Eis que, de repente, Santini convoca a todos a descer as escadas, passar pelos corredores e visitar as salas onde estavam ocorrendo as aulas. Muita música! Muita animação! Os berimbaus, o atabaque, o pandeiro e o agogô não paravam! Eram acompanhadas pelo imenso coro que foi se formando.
Quando percebemos, boa parte da escola, principalmente os miudinhos, estavam nos acompanhando em direção à quadra. Ali se formou a "roda", da qual todos participaram, inclusive alguns professores que reclamaram do barulho dos instrumentos e da gritaria dos alunos. Ali, na "roda", foi que a diretora da escola percebeu a importância da Ação por ela criticada e convidou os mestres a continuarem no ano seguinte.

Depois do aprendizado, organizamos, na FEUDUC, o segundo cortejo. Nas comemorações do Dia Nacional da Cultura e do Dia Nacional do Samba, foi organizada na oficina "Capoeira: História e Musicalidade", uma roda de capoeira. Dela participaram todos os mestres da Ação e muitos outros que foram convidados. O som dos berimbaus e dos atabaques chamou a atenção de vários alunos e professores.

A animação aumentou quando se organizou uma apresentação de maculelê com os alunos, que se vestiram com roupas características e acompanharam o cortejo. O cortejo saiu pelo corredor da faculdade até chegar à área onde estava sendo montada uma roda com o grupo "Colher de Samba".

Reconhecimento de saberes e a necessidade de construção de políticas públicas de cultura

Se você for
Lá em Duque de Caxias
Vai jogar a noite e o dia
Tocar atabaque e berimbau...
Mestre Levi

A Ação Griô em Duque de Caxias possibilitou não só um espaço de encantamento, mas também de articulação de uma rede que fortalece a implementação de políticas públicas que valorizem o saber dos mestres e que, a longo prazo, modifiquem a percepção hegemônica de nossa identidade nacional. Procuramos atores sociais que possibilitassem essa busca e esse debate. Com o Centro de Referência Patrimonial e Histórico de Duque de Caxias, coordenado por Marlúcia Santos de Souza, desenvolvemos várias atividades relacionadas à educação patrimonial e ao registro de memórias de moradores da cidade. Nelas inserimos as questões culturais e, particularmente, as da capoeira e as do candomblé.

Com Fátima David Bitencourd, com a qual atuamos na direção do Sindicato dos Professores e em outras atividades relacionadas à educação no Instituto de Educação Governador Roberto Silveira e no Centro de Memória da Educação de Duque de Caxias e da Baixada Fluminense, encontramos um espaço para inserir a discussão sobre a educação não-formal e a importância da tradição oral nos currículos escolares e nos projetos político-pedagógicos. Nesse mesmo Centro, encontramos a parceria de Márcia Montilio, que desenvolve atividades ligadas à memória da educação na cidade.

Com elas, houve a troca de experiências pedagógicas e, principalmente, aquelas relativas ao "fazer" da Pedagogia Griô: a musicalidade, a corporalidade e o "ouvir" para contar.

O abrigo institucional permitiu que a Ação entrasse na rede de Memória Local, formada pelas instituições parceiras e outras que não foram relacionadas, tais como: Memória em Rede, Rede de Museus, Café com História, Instituto Histórico e outros..

Capoeira como paixão.
Atuação social como compromisso:
O empoderamento dos mestres.

"Ninguém está aqui de bobeira.
A gente está aqui para construir."
Ruth. Encontro Griô.

A partir da Ação, ocorreram alguns avanços relacionados tanto à ocupação de espaços políticos e de instituições pelos mestres quanto às discussões de políticas públicas voltadas para a capoeira:

- O Mestre Gegê foi convidado pelo Ministério da Cultura da Austrália a apresentar a proposta griô. O objetivo desse convite foi inserir essa prática nas escolas que trabalham com os aborígenes da Austrália. Essa aproximação ocorreu antes da Ação, mas somente após o seu início e da apropriação de algumas práticas pedagógicas pelo mestre é que ele foi contemplado para visitar aquele país. Um reconhecimento por manter uma tradição popular como a capoeira ligada ao meio acadêmico.

- O Mestre Barbosa, depois de longo tempo afastado das rodas, voltou a freqüentá-las. Agora reconhecido como mestre griô, foi convidado a fazer palestras sobre o seu papel na Ação e sobre sua trajetória de vida. Foi entrevistado pelo Museu da Pessoa e participou de várias discussões sobre o Inventário Nacional da Capoeira, que está sendo realizado.

A constante presença de Mestre Levi na Secretaria Municipal de Cultura o levou a se candidatar ao Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial e Étnica.

- O griô aprendiz, Alexandre Marques, conseguiu fortalecer o Núcleo de Patrimônio Histórico e Cultural, principalmente no que se refere ao Patrimônio Intangível, e vem sendo procurado pelos mestres de folias, pelos que atuam com "ervas e garrafadas" e por representantes da velha Guarda da Grande Rio, para desenvolver projetos semelhantes. Construiu roteiro étnico que passa pelas rodas de capoeira, pelos terreiros de candomblé e pelas ruínas de um quilombo.

- A presença de vários mestres no "IV Encontro: Capoeira como Patrimônio Imaterial", realizado no Teatro Raul Cortez, onde, pela primeira vez, muitos deles "ouviram dizer" que está sendo construída uma política pública nacional para a Capoeira.

- A presença dos mestres na peça "Água de Beber", apresentada no Teatro Raul Cortez, que, para alguns deles, foi a primeira oportunidade que tiveram de entrar em um espaço dessa natureza.

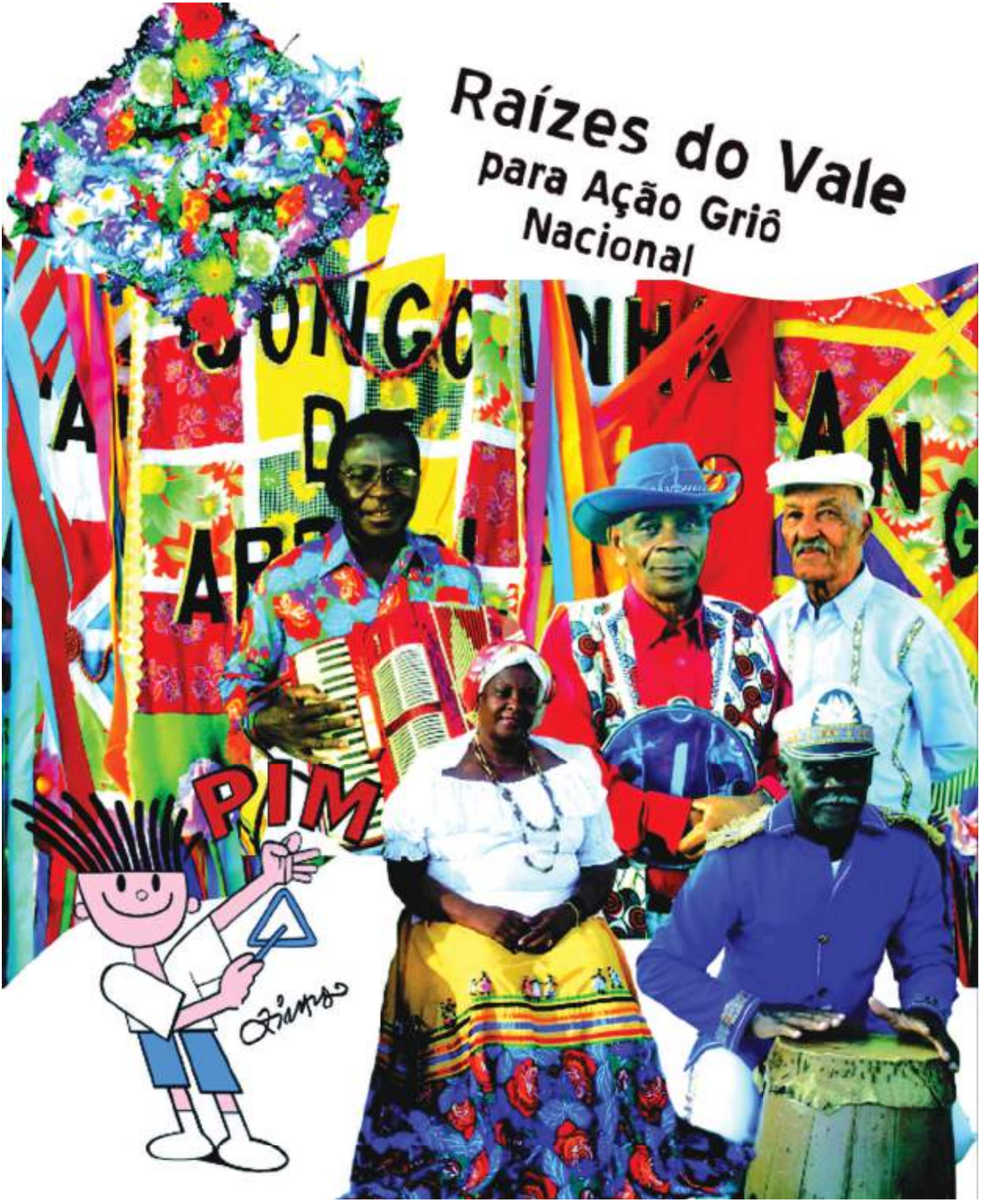
Esse processo de formação política e intervenção social pode ser apreendido pela fala do Mestre Levi: "não gosto que me chamem pelo nome. Gosto que me chamem de mestre. Mestre Levi. Demorei muito tempo para chegar até aqui."

Acreditando que o aprendizado é dialógico, interativo e transformador, seguimos o que diz Mestre Nogueira: "Capoeira encanta quem vê. Fortalece quem pratica"

griô aprendiz
Alexandre Marques

Adeus, Adeus
Boa viagem!
Eu vou embora
Boa viagem!
Eu vou com Deus
Nossa Senhora.
Adeus!
Adeus, Adeus!...

Raízes do Vale para Ação Griô Nacional



Como uma ação político-pedagógica sistematizada, o PIM, Programa de Integração pela Música, teve contato com a Ação Griô pela primeira vez em setembro de 2006. Foi quando identificou nas propostas da Ação alguns aspectos fundamentais do seu dia-a-dia, principalmente na relação com a escola. Quando teve a idéia de criar o PIM, em 1998, o maestro e também professor Cláudio Moreira reuniu jovens das escolas públicas da cidade para formar um coral natalino. Dois anos depois, a quantidade de crianças havia se multiplicado.

A "Integração" proposta pelo PIM permite que crianças, jovens, adultos e idosos interajam, com o mesmo objetivo, e, conseqüentemente que aprendam a se respeitar. A integrante de mais idade na Orquestra do PIM é Vó Silvinha, de 88 anos.

Iniciei no PIM em 2006, como voluntário, cuidando da assessoria de imprensa e comunicação. Encantei-me com o Ponto e com as pessoas que fazem parte dele. Houve uma identificação muito forte e a parceria inicial se estendeu para outras atividades, como uma incubadora de produção cultural, e as aulas de música que também passei a fazer. Fiz parte da concepção inicial do Projeto Raízes do Vale, colaborando nas reuniões, e participei das atividades propostas no Projeto, na área de de comunicação e vivenciando os saberes que estavam sendo compartilhados, até me tornar um griô aprendiz.

A tarefa de potencializar a convivência étnico-cultural em uma cidade e em uma região marcadas pelo mais cruel regime escravocrata do Brasil imperial, e que ainda tem grande dificuldade em assumir sua identidade, é árdua, mas a batalha não tem sido inglória e é uma das bandeiras do PIM.

Um dos caminhos usados pelo PIM nesse sentido é a sua matéria-prima principal: a música. O Programa mescla a música dita erudita com a erudição dita popular, em seu repertório, e dá um claro sinal dessa mistura quando a orquestra toca junto com tambores de Jongo, ou com elementos da Folia de Reis, ou uma soprano canta com um mestre folião.

O PIM mescla o erudito e o popular, mais explicitamente quando batiza sua harpa, adquirida em 2007. Reza a tradição que toda harpa deve ter um nome. O nome da harpa do PIM foi escolhido em votação de que todos os integrantes, alunos, professores, e parte da comunidade participaram. Duas alternativas de nome foram apresentados: Eufrásia (Teixeira Leite), a eterna e benevolente sinhá da cidade; e Mariana Crioula, a eterna guerreira, companheira do líder quilombola Manuel Congo. Mariana Crioula ganhou disparadamente e esse é o nome que batizou a harpa do PIM.

Através da música Maria Bonita, que agora é tema do cortejo griô, estamos trabalhando a questão do gênero e a violência contra a mulher. Daí emendamos na história e seguimos com Lampião e a própria Maria Bonita. Esse é o gancho para começarmos a falar sobre resistência. Fazemos assim uma analogia entre Lampião e Maria Bonita e Manuel Congo e Mariana Crioula. Caímos na história local e Manuel Congo e Mariana Crioula são a ponte para começarmos a falar do Jongo.

De todos os conteúdos, o mais discutido e o mais polêmico foi a questão do negro no Brasil. A seguir, uma parte do relato de um encontro de aprofundamento da nossa didática, em que discutimos essa questão: em um dado momento, Mestre Agostinho falou que uma vez, durante uma apresentação que fez, usou diversos instrumentos de tortura dos escravos no Brasil, no seu próprio corpo, ao que a griô Fatinha ficou muito irritada, e fez uma intervenção na mesma hora, dizendo pra ele que isso não era bom:

"Não faz mais isso não, Seu Agostinho. Nosso povo já sofreu tanto." (Fatinha)

Na discussão sobre a afirmação da identidade étnica, comentamos algumas das causas das distorções históricas e as histórias que não são contadas no colégio. Eu e Fatinha fizemos um paralelo entre um filme que ela citou, "A História Não Contada" (conta a verdadeira história do negro no Brasil), e um ditado africano que aprendi, que diz que *"Até que os leões possam contar suas próprias histórias, as histórias de caça sempre irão glorificar o caçador"*. A partir desse ditado, fizemos uma reflexão sobre a "história" dos vencedores e dos vencidos, e sobre a importância da Lei que insere o estudo da história da África no currículo do ensino brasileiro.

Começamos a falar sobre Manuel Congo. Eu disse à Fatinha que, na escola, aprendi que Duque de Caxias, o homem que sufocou a rebelião de Manuel Congo, era um herói, quando, na verdade, o verdadeiro herói dessa história é o próprio Manuel Congo. Depois, ao batuque dos tambores dos meninos do PIM Lata, Fatinha e eu dançamos Jongo. Fatinha falou sobre as diferenças no modo de dançar, e sobre as peculiaridades de cada grupo. Tive contato com a tradição oral pela primeira vez ainda quando criança. Neto da rezadeira Antonieta Nogueira, a Dona Nêta, que "era cega, mas enxergava como ninguém", como se costuma dizer de Dona Nêta, ouvi muitas histórias de minha mãe e de minha avó em volta da fogueira. Na casa de Dona Nêta, recebia-se também muitas Folias de Reis, e foi lá o meu primeiro contato com essa tradição. A relação com os mestres hoje se baseia na reverência e, sobretudo, no diálogo. Foi estabelecido, de forma natural, um vínculo muito forte de afetividade entre eu e os mestres vinculados à Ação. E, melhor do que isso, os desdobramentos da Ação e de outras atividades do Ponto possibilitaram ampliar a relação, sempre mediada por mim, com outros mestres que vivem na região e não fazem parte burocraticamente da Ação.

Em Vassouras, foi escolhido o Colégio Estadual Santa Rita, onde fui aluno nos anos de 1994 e 1995, cursando a sexta e sétima série do antigo ginásio. Dos professores desse período, restam poucos na escola, mas há professores que atuam lá que deram aula em outros colégios. A diretora e uma grande maioria dos funcionários ainda são os mesmos. Essa escola é o lugar onde o Ponto de Cultura realiza as atividades do final de semana, quando concentra todos os estudantes de música.

A escola já havia abraçado o PIM havia algum tempo, e isso facilitou a entrada da Ação. Mas nem todos os professores dessa escola são receptivos à Ação. Muitas barreiras ainda precisam ser quebradas. É preciso ainda vencer a resistência desses educadores. Quando chegamos ao Colégio Estadual Santa Rita pela primeira vez, não sabíamos ainda em que sala iríamos entrar. Chegando lá, a substituta da diretora me indicou a última sala do corredor, cuja turma cursava o terceiro ano do ensino fundamental. A professora chamava-se Simone. Fomos eu, Mestre Filhinho Santana, Maestro Cláudio, três jovens do PIM, e o griô aprendiz regional Alexandre Santini. Dentro da sala de aula, comecei a chamar o pessoal para abrir a roda. Houve um pouco de resistência. A gente estava cantando "Acorda Maria Bonita".

Em seguida, começamos a cantar "Nessa hora abençoada", uma música composta pelo Mestre Agostinho e uma aluna do PIM. Depois que eu e Alexandre conseguimos a atenção do grupo, demos início ao nosso ritual, pedindo a bênção e passando o bastão de madeira da caninha-verde para todos na roda. Iniciamos a ciranda. Foi o primeiro momento em que realmente conseguimos integração total, porque os movimentos da ciranda estimulam isso. Pedimos então que fôssemos formando outras rodas dentro da roda grande e que todos olhassem uns dentro dos olhos dos outros.

Enquanto os meninos do PIM tocavam o trenzinho do Caipira, Alexandre falou sobre Villa-Lobos. Foi poetizando o nome dele, lembrando que vinha a Vassouras de trem, que ia no salão Brasil, e que essa viagem o fez ouvir o som do trem e criar a música. Alexandre mostrou o som do trem com um instrumento. Pedimos aos participantes da roda que fossem rodando em fila, como se fôssemos um trem, e fomos fechando a roda num caracol, até que Seu Filhinho ficasse no centro dela. Sentamos depois em reverência ao Seu Filhinho, para ouvir e contar histórias.

A convivência religiosa e étnico-cultural ainda é um grande problema, pois muitos dos alunos são evangélicos e completamente avessos, por exemplo, a qualquer religião de origem africana. A Ação estimulou, de forma indireta, uma mobilização cultural comunitária histórica sem precedentes no município de Vassouras. Sem levar em conta sua capacidade natural de resistir por excelência, os movimentos culturais estão agindo coletivamente, e criaram a Associação de Manifestações Culturais Populares e Folclóricas. Voluntários de toda a comunidade se ofereceram ao Mestre Filhinho Santana, do Raízes do Vale, para formar um grupo de Caninha Verde sob a batuta dele.

A griô Fatinha, jongueira do Raízes do Vale, ampliou sua atuação na comunidade. Participa agora inclusive da articulação de um encontro nacional de jongueiros.

Mestre Edgar se articula em Piraí para fazer de seu Jongo uma associação. Chamou a atenção da mídia e da comunidade ao inserir seu Jongo na apresentação de um programa musical, de uma TV regional, chamado "Canta Rio Sul". Seu Edgar deu entrevista falando inclusive sobre a importância do reconhecimento da cultura popular.

No município de Valença, mestre Agostinho, folião do Raízes do Vale, também formou uma associação municipal de Folias de Reis.

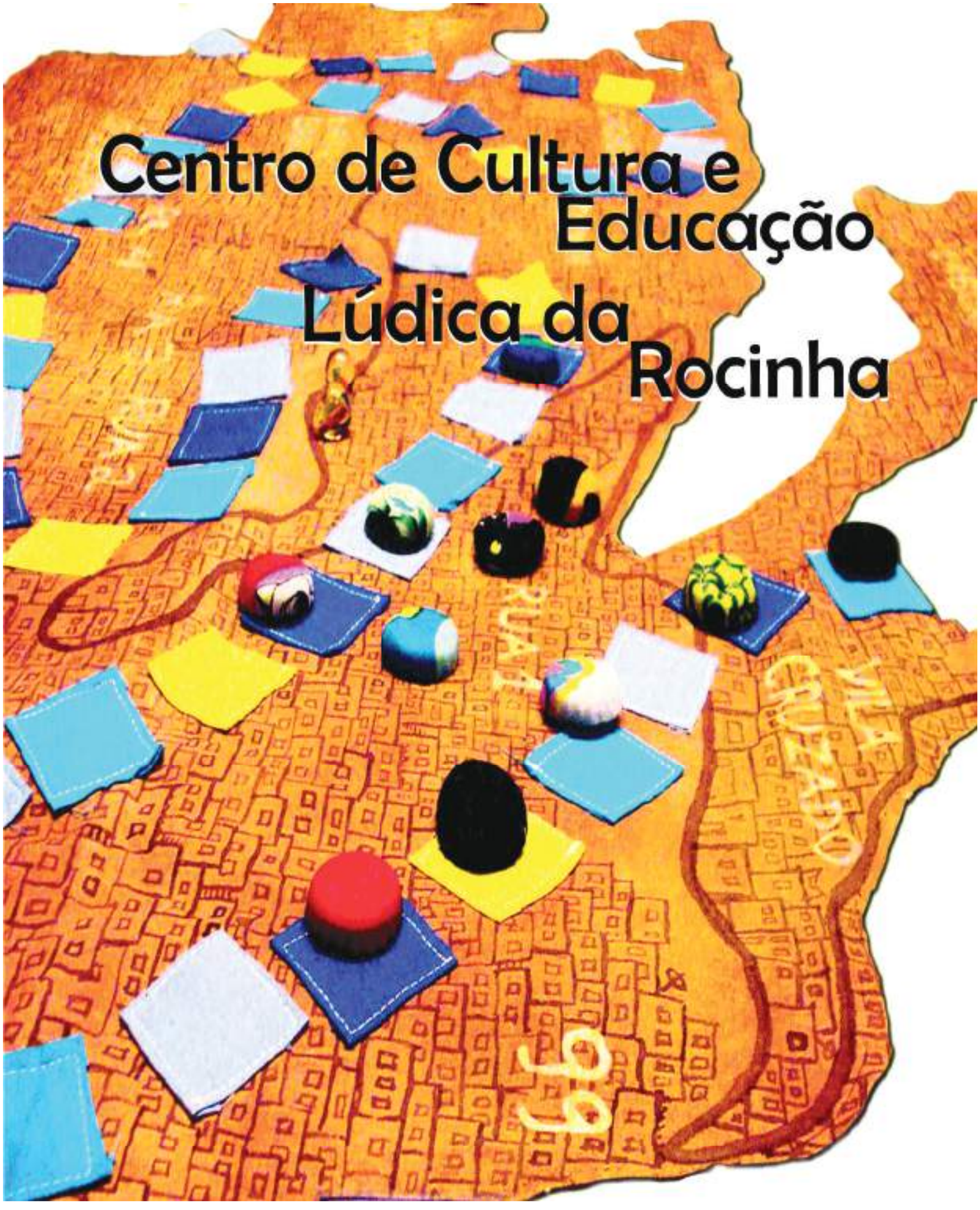
"Não vejo forma melhor de começar este assunto que não seja mostrando uma curiosidade observada por mim. Muitas vezes o primeiro comentário que as pessoas fazem sobre a Ação Griô é: esse bagulho (gíria usada na minha região) chamado griô é pra velho macumbeiro (termo usado por pessoas de preconceito para com a história e cultura negra). Mas, depois que elas entendem o real sentido da Ação e começam a se envolver, isso vai mudando. Quando passei a entender o que é a Ação Griô, em curtas palavras foi realmente mágico! Na Ação Griô eu aprendi a valorizar nossa cultura de forma prazerosa e a importância de conservar e transmitir nossa preciosa história."

Jéferson Luiz, 16 anos, aluno do ensino médio do Colégio Estadual Santa Rita

"A Ação é muito importante pra nossa vida, porque aprendemos a conviver com pessoas diferentes no nosso dia-a-dia. Aprendemos a lidar com as pessoas, a nos enturmar, deixar de ser aqueles caras vergonhosos, e participar. Aprendemos a enxergar também que existem pessoas diferentes de nós em vários cantos do Brasil e aprendemos a respeitar isso. Aprendemos culturas diferentes. Eu acho que a Ação Griô é espetacular"

Yuri Rogério, 17 anos, aluno do ensino médio do Colégio Estadual Centenário

Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha



Rocinha ontem e hoje: histórias brincantes

Ao lado estandarte do Ponto de Cultura

A parceria

A história do Ponto de Cultura Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha começa com uma parceria de longa data. Antônio Carlos Firmino, coordenador da ASPA (Ação Social Padre Anchieta) e Nathercia Lacerda, coordenadora de projetos do CIESPI (Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância), vêm traçando caminhos que convergem para práticas que promovem e debatem o sistema de garantia de direitos, mais especificamente de crianças e jovens, nos âmbitos da educação e da cultura.

Esse caminhar através de inúmeros desafios, longe de ser solitário, agrega experiências, saberes, profissionais e estudantes, amigos de convivência que enriquecem e ampliam perspectivas, tornando a ação coletiva: Marta, Carla, Eduardo, Pablo, Everton, Carol, Tayná, Isabelli, Heitor, Maicon, Arthur, Vicente, Aerson, Lino, Maria da Paz, Lena.

Diante de um território com área ocupada em mais de 877.575 m² e uma população aproximada de mais de 150.000 habitantes, os parceiros afinam o olhar para uma Rocinha lúdica, com uma história de lutas comunitárias e uma rede de cultura e educação infantil ativa e combativa. O estandarte, confeccionado pelo grupo *Mulheres Solidárias: confecção em artesanato*, sintetiza essa rede com a frase elaborada pela artesã Maria da Paz: "Educação é cultura na Rocinha".

No caminho, uma Rocinha lúdica

O Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha tem, em sua estruturação, a proposta de integração entre educação, cultura, ludicidade e memória. Nesse sentido, promove ações que estimulem e favoreçam a articulação entre os diferentes atores e instituições locais: artistas, educadores, moradores de idades variadas, espaços formais e não-formais de educação que atingem diferentes faixas etárias.

Entre as atividades realizadas destacam-se:

Levantamento sócio-cultural, que criou um pequeno acervo com informações (filmadas, fotografadas, gravadas e escritas) sobre a Rocinha, no que diz respeito à sua formação inicial, urbanização, como também às brincadeiras, cantigas, festejos, histórias locais e pessoais, etc;

Formação de jovens agentes cultura viva, através de palestras e debates, abordando temas como educação, cultura, diversidade, participação, cidadania, dentre outros; e de práticas lúdicas envolvendo brincadeiras, confecção de brinquedos artesanais e a criação de espaços de convivência através do brincar;

Oficinas Lúdicas voltadas para crianças e educadores, tendo os jovens, agentes cultura viva, como monitores.

A Rocinha é ampla e tem muitas histórias a serem descobertas, desvendadas, recontadas. Encontramos pontas de fios dessa longa história em cada canto. Como juntá-los?

O levantamento sócio-cultural, que visa a facilitar a junção de muitos desses fios, tem como um dos focos a tentativa de colher dados que esclareçam a possível existência de um quilombo na área hoje ocupada pela Rocinha.

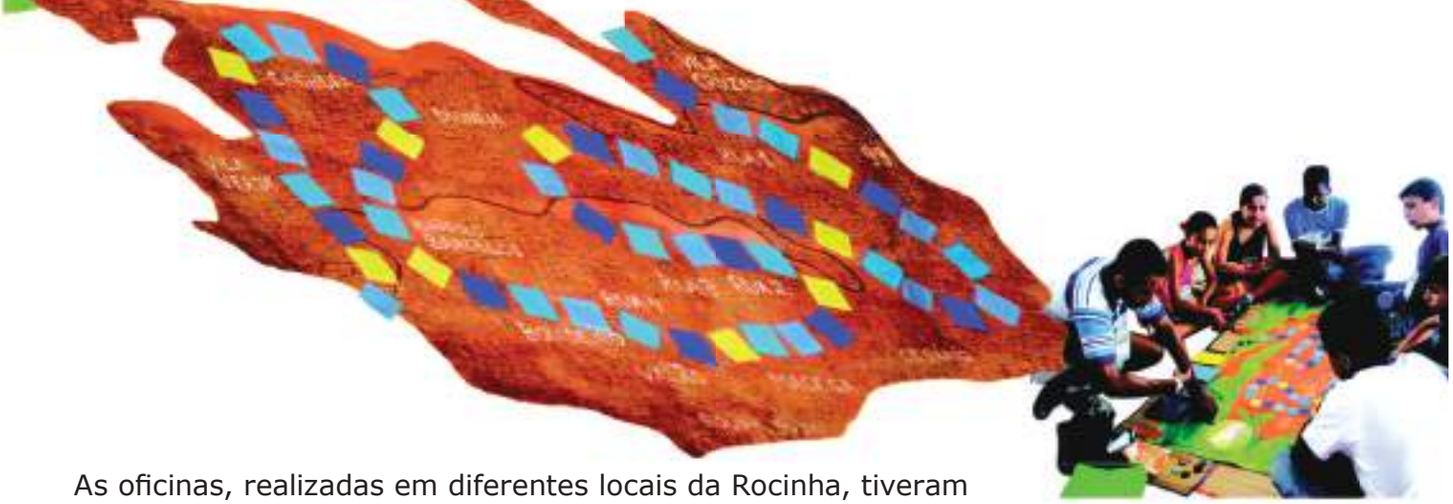
Informações recolhidas sobre a história local, registradas no livro *Varal de Lembranças: Histórias da Rocinha (1983),* datam de uma época mais recente, já no século XX. Contam os mais velhos que, na Rocinha, já houve, sim, um quilombo. Alguns dados históricos sobre a cidade do Rio de Janeiro também apontam para essa possibilidade.

Outro foco reside no fato da Rocinha estar situada numa das franjas da floresta da Tijuca, estando também plantada à beira-mar. Como vivem hoje e viviam os caiçaras?

Outra questão que se soma a esses muitos fios a serem tecidos em uma história única: será que em tempos remotos também viveram índios nas terras litorâneas para onde hoje se expande a Rocinha?

O levantamento não só gerou um pequeno acervo de informações sobre a Rocinha, sua história e seus moradores, como também acionou no grupo de jovens agentes cultura viva o desejo de ampliar essa ação, promovendo o diálogo entre as escolas e os saberes e memórias da comunidade. Como forma de facilitar esse diálogo entre instituições e gerações, unindo o levantamento sócio-cultural às oficinas lúdicas, alguns brinquedos foram confeccionados pelos jovens, sob a orientação do grupo *Mulheres Solidárias: confecção em artesanato.*

Em um espaço de educação e cultura que tem como foco o lúdico, a idéia e a prática a serem expandidas residem na realização de oficinas com crianças, jovens e educadores locais, promovendo um grande caldeirão de histórias, em que os tempos se entrelaçam através do brincar. Brincando aprendemos sobre nós, sobre os outros, sobre o mundo; brincando, criamos elos entre pessoas, grupos e lugares; brincando, juntamos fios de história.



As oficinas, realizadas em diferentes locais da Rocinha, tiveram os jovens agentes cultura viva como monitores e se tornaram um rico laboratório, que permitiu aos jovens experimentarem os conhecimentos assimilados no processo de formação, ampliando seu aprendizado como atores ativos no espaço comunitário.

Dentre os brinquedos criados, destaca-se aqui o jogo de tabuleiro "No Caminho", que tem como base um mapa da Rocinha, mostrando suas diferentes localidades/bairros. Através do percurso sugerido pelo tabuleiro, os participantes trocam informações sobre a história local e seus protagonistas, como também são levados a brincar, cantarolar, adivinhar, etc. Para a criação, concepção e confecção desse jogo, o grupo de jovens contou com a parceria de Vicente Barros (professor do departamento de Artes e Design da PUC-Rio).

"Nós queríamos mostrar a Rocinha de forma lúdica, pois temos esse compromisso com a ludicidade. Daí pensamos na construção de um brinquedo que, ao mesmo tempo, trabalhasse a questão geográfica e histórica da Rocinha, pois já tínhamos passado por um processo de levantamento sócio-cultural através do Ponto de Cultura. Cada casinha representa uma cartela. Cada cartela aborda atividades diferentes. Umas são perguntas relacionadas à história e geografia da Rocinha; outras são de quadras populares e "o que é, o que é"; outras cartelas são de sorte ou revés e as últimas são brincadeiras e músicas. Muitas das perguntas relacionadas à Rocinha; retiramos do "Varal de Lembranças" (livro que conta a história da formação da Rocinha). Outras são de relatos de moradores antigos que entrevistamos em nossas caminhadas. Temos também o "Rodo do Bonde", antigo meio de transporte que percorria a rua Marquês de São Vicente (localizada na Gávea, bairro vizinho) com moradores da Rocinha. No Mapa-jogo, o "Rodo do Bonde" funciona como uma espécie de roleta que determina o número de casas que andaremos.

O Mapa é um brinquedo que estará sempre em processo de construção (cada participante pode opinar, inserir perguntas, sugerir brincadeiras, etc., ampliando o leque de cartelas), pois ele é também uma forma de coletar informações, brincadeiras e músicas, através do brincar." (Pablo, jovem agente cultura viva)

"A gente faz uma comparação do uso do espaço da Rocinha com fotos da Rocinha antiga e da Rocinha atual. São muitas dúvidas sobre a Rocinha e sua ocupação, começando pela quantidade de habitantes: 110 mil habitantes, 200 mil habitantes, 156 mil habitantes? Quando queríamos falar sobre ocupação e crescimento e vimos que de fato não existe um censo que trate da realidade atual e desse processo de ocupação e surgimento da comunidade, começamos a desenvolver atividades com os jovens, através de um mapa antigo, e foi criado o mapa-jogo".

(Firmino, equipe coordenadora do centro Lúdico)

O caminho para a Ação Griô na Rocinha já estava criado, possibilitando uma integração imediata entre as propostas, como uma ampliação e um fortalecimento de iniciativas, em andamento, que valorizam a tradição oral e a convivência étnico-cultural na comunidade.
Sobre esse percurso do Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha integrando-se à Ação Griô, com o projeto Rocinha Ontem e Hoje: Histórias Brincantes, Firmino, da equipe coordenadora, dá seu depoimento:

"Nós começamos as atividades do Ponto numa parceria entre o CIESPI (Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância) e a ASPA (Ação Social Padre Anchieta), que desenvolviam atividades complementares, que envolviam a ludicidade e a criação de brinquedos. Com o passar do tempo, convidamos pessoas da comunidade que pudessem disseminar esse saber, educadores(as) e professores(as) das creches. Vimos então que tinham outros talentos ligados à questão da cultura e educação para serem compartilhados. Daí aconteceu o edital griô, com o qual nós nos identificamos. Eu já tinha ouvido falar de vô Aerson. Encontrei com ele no ônibus e ele falou que me viu na televisão local com o Gilberto Gil falando sobre a Rocinha como quilombo. Daí a gente começou a contar a história da Rocinha. Lembrei que sempre quis conversar com ele. Fui a sua casa na época em que surgiu o edital do griô e então indiquei Vô Aerson. Desde o início, foi uma troca muito rica de saberes com ele, que vem sendo muito gratificante. A gente não imaginava o que ele fazia como dirigente religioso e espiritual; não imaginávamos a dimensão que tinha. E tio Lino, este eu já conhecia desde 1999, realizando trabalhos fantásticos na comunidade

da Rocinha. Ele transforma tudo que a gente conversa em brinquedo. A gente fala, ele ouve, imagina e cria o produto. Os materiais utilizados por ele são todos reciclados e reutilizados. Ele está sempre criando. Um exemplo é o Jacaré que ele construiu e que estamos sempre usando para falar do meio ambiente. Havia uma grande lagoa antes de chegar à antiga praia da Gávea, hoje praia de São Conrado. A gente começou a contar as histórias da Rocinha e seus mitos, a história da Bica das Almas e a história da lagoinha que era um pântano. Ele contou que quando ia pescar via aquele rabo grande. Daí surgiu o jacaré como símbolo da ocupação e devastação do espaço para o surgimento do bairro de classe média alta de São Conrado. O jacaré acompanhou diversas atividades, inclusive foi o mediador do diálogo do griô regional Alexandre com as crianças e as histórias que ele trouxe para contar.

Tio Lino fez também a casinha que retrata como era a Rocinha de antes: a casa de taipa, de estuque. Fizemos também um barco, pois, quando falamos de jacaré, as crianças sugeriram que tinha que ter um barco. Lembrando que se usava barco para chegar a uma parte da praia da Gávea, este barco rendeu em torno de um mês de histórias. A Martinha eu já conhecia do Centro Comunitário da rua Dois e da ASPA, pelo trabalho que ela já desenvolvia como brinquedista."

(Firmino, equipe coordenadora do centro lúdico)

Martinha, uma andarilha brincante

Maria Marta Diniz da Silva, a Martinha, é uma brinquedista de longa data. Sua experiência com brinquedos e os diferentes espaços de brincar tem início na criação da Brinquedoteca Peteca da ASPA (Ação Social Padre Anchieta), em funcionamento ininterrupto há 20 anos. Sua facilidade de comunicação a faz referência na comunidade, para escolas, educadores, pais e, principalmente, crianças.

A trajetória de brinquedista a griô aprendiz foi talhada no trilhar diário de sua prática, ampliando sua atuação comunitária e lúdica. Tendo o brincar como eixo, sua principal fonte brota de sua própria infância.

"Na minha infância, não tinha brinquedo, pois minha família sempre foi muito pobre. Mas tinha espaço para brincar de pique-bandeirinha, pipa, corda, amarelinha, roda e queimado, brincadeiras que hoje quase não se vê por falta de espaço. Nessa época, não havia luz elétrica na minha casa, somente em alguns pontos da Rocinha. Fazíamos lamparinas com lata e uma vela dentro. Brincávamos muito de sombra na parede. Quando chovia, a gente ficava brincando de barquinho dentro da vala.

Finca-finca também era legal. A gente pegava um prego e íamos brincar no chão depois da chuva. Bola de gude nem se fala!" (Marta, griô aprendiz)

A relação entre Marta e o mestre e griô de tradição oral tem sido de total sintonia, formando uma equipe ativa que troca lembranças, idéias e encaminhamentos.

"O Vô Aerson eu já havia ouvido falar porque ele é rezador conhecido, mas não o conhecia pessoalmente. Hoje temos uma sintonia que se dá através das histórias da Rocinha que lembramos e contamos e das atividades desenvolvidas com as crianças. Vô Aerson é uma figura fundamental no que diz respeito à educação passada, conhecedor de saberes culturais para o nosso trabalho. O Lino eu já conhecia de vista, pois ele também passou a infância na Rocinha." (Marta, griô aprendiz)

"O encontro em Vassouras foi muito pessoal e eu pude pensar em situações sobre as quais ainda não havia parado para refletir. Sendo eu de uma família evangélica tradicional, tinha um certo preconceito com determinadas religiões, embora nunca tenha deixado de conviver com pessoas de religiões diferentes. Mas também nunca tinha tido uma proximidade com nenhum deles. Fiquei na minha, mas não me senti bem. O tempo passou e chegou o dia do encontro dos griôs aprendizes. Convivendo dois dias com o pessoal, pude perceber que são pessoas totalmente simples, que não fazem discriminação de raça, cor e tampouco de religião. Foram dois dias de reflexão e bastante aprendizagem, de um povo que fala da sua cultura sem necessariamente citar religião. Esse trabalho como griô aprendiz me mostrou um novo horizonte e pessoas que, muitas vezes, não tiveram acesso à escola, mas trazem um conhecimento popular de fundamental importância para nossa cultura, como também pessoas que têm nível superior e nem por isso se sentem os donos do saber."

(Marta, griô aprendiz, sobre o I Encontro Regional de Educação e Tradição Oral realizado em Vassouras)

À sombra do jambeiro

Ao pé de um jambeiro, ladeado por um coqueiro e um pé de urucum, Martinha, Lino e Aerson conversam e tecem lembranças. Essas rodas de conversas semanais sob o jambeiro se mostraram um celeiro rico em grãos de histórias e causos a serem maturados e germinados no terreno da escola. Esses encontros incensados pelo fumo do cachimbo de Vô Aerson (mestre de tradição oral), pelo olhar visionário de Tio Lino (griô de tradição oral) e pela energia brincante de Marta (griô aprendiz) trouxeram à tona muitas traquinagens, causos, folias, descrições de uma Rocinha de antes, com suas construções em estuque, com aparições de seres fantásticos, brinquedos construídos com sobras caseiras, pessoas marcantes que se foram, ervas que curam e não se encontram mais com tanta facilidade. Risadas, curiosidades, perguntas e conversas, lembranças adentro movem as tardes desses griôs, que as transmitem com alegria contagiante para as crianças e jovens.

Griôs conversam...

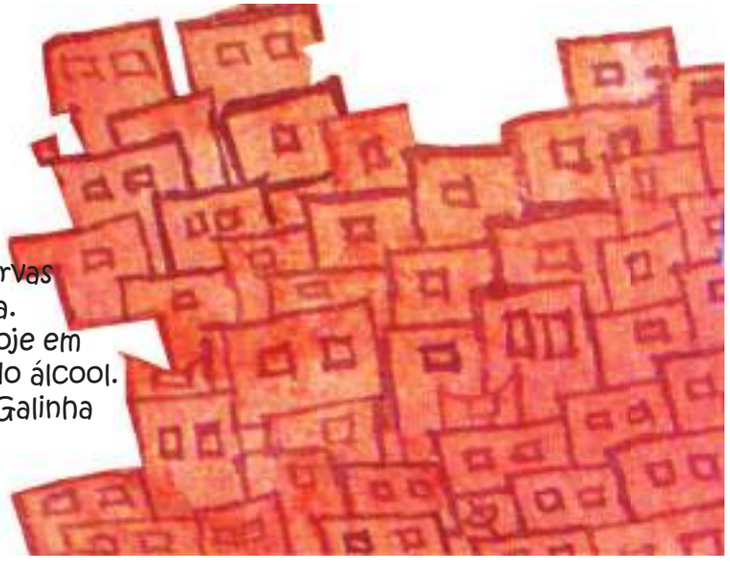
Passo a passo, de tarde em tarde, ensolaradas ou friorentas, mas sempre cercado de crianças, que brincam, perguntam e olham curiosas o grupo que conversa, a história da Rocinha vai sendo mostrada através da palavra de griôs e mestres, que partilham suas memórias do tempo de menina e menino, montando, como em um quebra-cabeça, as peças de uma história vivida.

Vô Aerson tem a palavra:

"É com a raiz que estamos trabalhando. Com a Ação Griô, depois do encontro em Vassouras, com as vivências do Grãos de Luz e Griô, eu entendi que tinha que cuidar da herança que tenho da minha família. Eu estou indo atrás de tudo. Tá tudo lá no sul e eu tô juntando e vou abrir minha casa".

O quilombo

"Na mensagem que recebi, eu vi direitinho: eram uns homens assim, cor de canela, naquela pilha de barco vermelho, e eles pareciam ciganos com aqueles brincos de argola e tudo, com aquelas roupas de pano de saco do tempo colonial. Andando assim tudo sério, se dirigiam lá pra cima e lá era um quilombo. Eu comentei isso com o Firmino bem antes de entrar com vocês no Projeto. Aqui, antes, eram fazendas de portugueses e espanhóis. Os escravos é que mantinham as fazendas daqui. Por isso a nossa raiz. Por isso na mensagem eu vi esse homem assim um pouquinho mais claro que ela aqui (Marta). Cabelo assim bem crespo, aquele brinco assim bem grande, e aquela roupa: "Eu vou subir." Aí subiu. A rua Quatro era uma trilha assim dessa largura. A rua era no meio da favela. Só podia ser a rua Quatro no século passado." Vô Aerson



As ervas que curam

"Aqui na Rocinha tinha muito o que colher de ervas que curam. Cânfora, não encontra mais Cânfora. Lembra de Cânfora? Dava em qualquer lugar. Hoje em dia você não acha. Você botava ela na infusão do álcool. Você passava, aquilo ali curava... Arnica, Pé de Galinha pra dor de dente. Muita coisa boa. A evolução acabou com tudo. Isso não era plantado, nascia pela natureza. Tomate também... broto de tomate também era bom pra dente. O Quebra-Pedra que fazia chá pros rins... Cana do Brejo também é pra chá. Erva Santa Maria, que é pra verme, socava ela, mas tinha que botar na minguante pra poder resolver. Na lua cheia, aí é que crescia mais. Erva de Santa Maria ou Óleo de Ríceno. Oh, coisa ruim. E tinha que beber senão a vara de marmelo já estava esperando. Óleo de Fígado de Bacalhau! Tudo pra limpar o intestino."

Vô Aerson

Aparições

"As lendas que tinham! A gente tinha medo da Mula-Sem-Cabeça. 'Vem a zebra aí!' Não ficava um.

Era bom então o Lobisomem. Ninguém saía pra fora de casa. Naquela época tinha mesmo. Aqui na Rocinha, perto da minha casa, tinha um cachorro chamado Espião. Já tava dando uma meia noite e pouco, quase uma hora da manhã. Aí o cachorro: au, au, au! Eu senti o cachorro dando em cima, debaixo da janela. Eu levantei e fui ver o que era. Aí eu abri a porta. E tô vendo o cachorro au, au, au... Quando eu vi que era aquela bola preta. Tô vendo o cachorro dando em cima, mas de uma bola desse tamanho! O cachorro dando em cima, dando em cima. Aí eu disse: 'Olha a foice! Me dá a foice!'. Aí, ele, por aqui, descendo ribanceira abaixo. E o cachorro foi atrás. Eu entrei e fechei a porta. Aquilo foi rolando, rolando, rolando... que tinha um galinheiro lá perto de um chiqueiro... E aquela bola rolando e o cachorro dando em cima. Essa bola era o lobisomem. Era um velho. Eu não botava muita fé não, mas depois que eu vi... ah, existe mesmo. E ele virava mesmo. Ali onde tem a mina d'água, ali tinha um chiqueiro de porco e tinha uns pés de bananeira ali. Ele saía dali." (Aerson, mestre de tradição oral)

Aconchegados em roda, embalados pelas histórias, Tio Lino conta:

Folia de Reis

"Naquele tempo existia um grupo muito bonito na nossa comunidade que era a Folia de Reis e, de madrugada, aquele apito: Piiiiiiiii! Bum! A gente já sabia. E aí nós falávamos assim: 'Vem descendo a Rua Um!' Nós, no passo, na batida do tambor. Minha mãe tinha um terreiro. Minha mãe dava almoço pra eles. E aí eu rezava pra visita todo dia chegar em casa. Minha mãe só fazia coisa boa: café, era batata doce, aipim, inhame. Mamãe matava galo, fazia aquela panelada de galo com quiabo, angu... Jesus! Sai de baixo! Aí eu ficava chateado porque a gente não comia aquilo, mas, quando vinha a visita da Folia de Reis... carne de sol, aquela carne bonita. Vinha gente do subúrbio que vinha fazer isso na Rocinha. Mamãe recebia eles. Mamãe tinha que rezar a bandeira. Tinha um São Pedro que vinha na bandeira. Existiam vários palhaços. Então era uma coisa bacana porque, quando as Folias de Reis se encontravam, era uma briga dos palhaços... a gente vaiava eles. Era uma briga dos palhaços pelos territórios. Minha mãe cansava de discutir com os palhaços: 'Você vai comer na minha casa, vou servir você...' "

Tio Lino

Avô índio

"Meu avô era caboclo, era índio. Engraçado que eu falava com ele assim: 'Ih, vô, você não tem botão na frente da sua calça não?' Ele usava tipo um pijama. É um barbante. Você fazia a camisa e a calça de pano de carne seca. Engraçado que eu me lembro disso. Ele tinha cabelo pretinho. Ele não usava henê não. Mas o cabelo... eu nunca vi! Cor de canela! E a roupa que ele usava, roupa que chamavam de carne seca, vinha de Portugal, não vinha aqui do Brasil não. Poucas pessoas podiam usar aquilo porque era caro. Nós morávamos na casa do meu avô, que era feita de barro e bambu." Tio Lino

Bichos, frutas e água

"Eu comia muita carne de paca. Meu avô falava assim pra mim: 'Hoje tem carne de paca. Aqui na Rocinha tinha muita paca.' Tinha paca, tinha tatu. Eu comia muito tatu, paca, lagarto, cada lagarto maior do que o outro. Tinha gambá. Porque meu avô falava assim... ele chegava no meu ouvido e falava assim: 'Eles fogem de lá pra vir parar aqui, sabe por quê? Porque aqui tem comida, tem muita fruta: jaca, jabuticaba.' Tinha muita jabuticaba, tinha muito jamelão. Tinha uma cachoeira ali na curva do S, fantástica a cachoeira. Quando a gente vinha da praia, tomava banho ali. A gente carregava água dali porque não tinha água em casa." Lino, griô de tradição oral.

Conversa vai, conversa vem, Tio Lino transforma as lembranças em objetos.
Faz surgir, através das mãos, o tempo de hoje e de antes, antenado com o futuro.

Conversas que viram casa.
Casa que conta as tantas histórias.

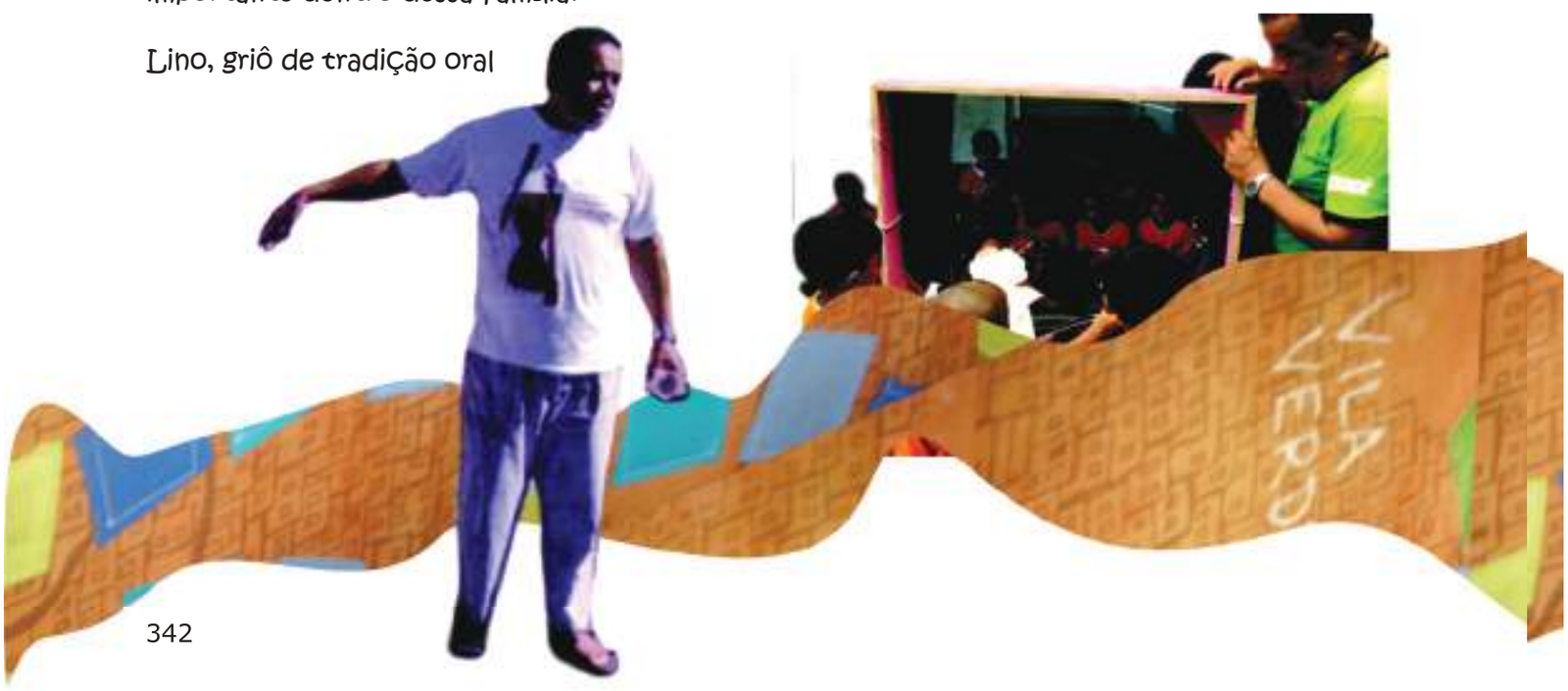
Casa de estuque de brinquedo, casa de terra, casa da terra, casa-raiz, produzida por Tio Lino.

"E a casa de sapê... eu já tô montando essa casa e trouxe aqui pra vocês. Então acontece uma coisa interessante: as pessoas passam no meu ateliê e falam assim: 'Caramba, tio Lino, o senhor vai dá isso pra quem?' Não, isso é do projeto, eu não vou dá isso pra ninguém, porque isso aqui é um histórico, é pra todo mundo vê e aí vai ter uma placa de como as casas de primeiro eram feitas. Essa casa tá ficando um mistério. Todo mundo quer essa casa! Falta um bocado de coisa. Vai ter o fogão à lenha. O chão vai ser o seguinte: vou jogar areia da praia por fora. Depois vou jogar o barro com pincel e verniz. Eu tô com a idéia de botar uns móveis aqui dentro. Não vou esquecer do poço não. Tá tudo aqui na cabeça. Aqui são as janelas e as portas. Aqui vai ter uma cerca de arame farpado... E essa casa seria dos anos 40, 1940 até 60. Hoje você ainda acha casa assim. A gente pode fazer o seguinte: vou encher a casa de barro até aqui, mal acabado, pra aparecer o bambu e, em cima, vou deixar cru. O bambu, aqui... vou pegar um barbante, porque de primeiro existia cipó, era feito com o cipó, cipó caboclo. Meu dom está nas minhas mãos. Agradeço a Deus esse dom. Meus filhos me dizem: 'Pai, seu saber tá nas suas mãos' "

Lino, griô de tradição oral

"O mais importante deste projeto da Ação Griô não é a bolsa que a gente recebe. A bolsa é importante. No primeiro mês, comprei um monte de coisa para melhorar a minha oficina, porque recebo sempre muita criança. O mais importante do projeto é conviver com tanta gente que reconhece o dom que eu tenho nas mãos e eu poder dar esse dom para a escola, para a Rocinha e tanta gente do Brasil. Eu sinto que depois do encontro entre griôs e o Grãos de Luz e Griô em Vassouras, cada um voltou pro seu lugar, mas a gente não está distante, a gente é uma família. Eu senti isso na Ação Griô, e eu tenho um dom importante dentro dessa família."

Lino, griô de tradição oral



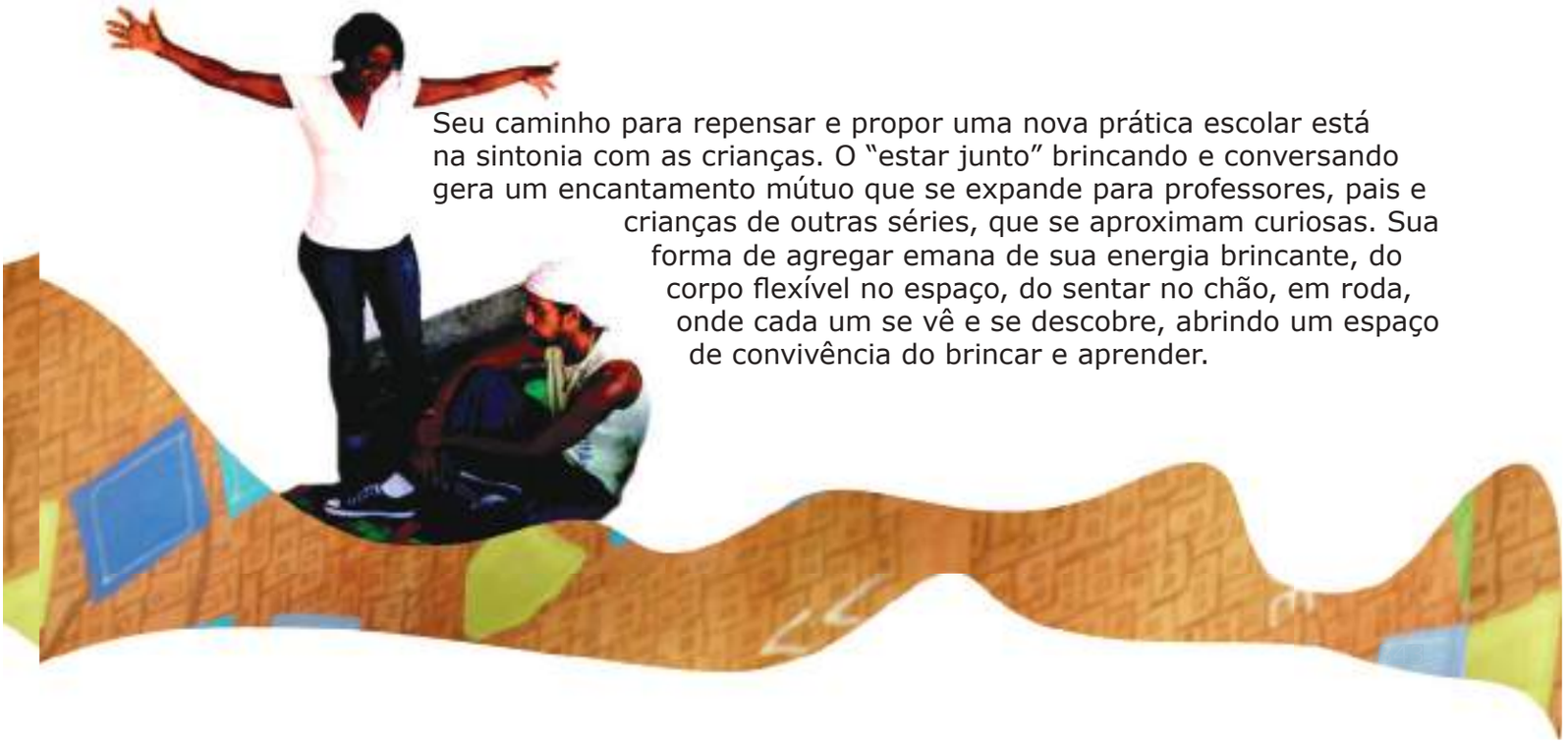
Escola Caminhante

A mediação de Martinha entre crianças, jovens, educadores e griôs é brincante, alegre e estimulante, integrando saberes, histórias e vivências. As conversas à sombra do jambeiro são fonte inspiradora e ponte para a valorização do saber de tradição oral no processo da educação formal. Estabelece com os jovens uma relação de compromisso e companheirismo, possibilitando uma importante interlocução entre diferentes gerações.

Sua atuação na escola está ligada a uma presença constante que se realiza a cada semana. A parceria com o CIEP Dr. Bento Rubião é anterior à Ação Griô, tendo sido local de estágio em sua formação no curso de Pedagogia.

"A Ação Griô dentro do CIEP Bento Rubião veio me mostrar uma outra fonte de conhecimento, que deve ser levada em consideração, no nível do aprendizado fundamental, para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil. A leitura e a escrita têm que fazer parte da vida do ser humano, mas tem saberes que são de grande valor para o homem, como, por exemplo, conhecer o local em que mora e valorizar os saberes dos antigos. Na conversa que tive com as crianças, percebi que todos sabiam que moravam na Rocinha, mas não sabiam em que local. Então mostrei o mapa-jogo da Rocinha, onde pude visualizar, junto com elas, o local onde moravam. Comecei falando onde eu morava, Estrada da Gávea. Depois perguntei a uma criança onde ela morava e ela falou na Rua Um; e outra falou no Valão. Como tinham crianças que não sabiam direito o local que moravam, pedi para perguntarem aos pais em casa. Esse trabalho dentro da escola trouxe uma ligação com o professor de sala de aula que, de uma forma ou de outra, sabe que os griôs trabalham com o lúdico e os resultados são bem positivos. Apesar das professoras não acompanharem o processo da nossa atividade junto com as crianças, as mesmas percebem que a turma consegue atingir nosso objetivo, que é retratar um pouco da história da nossa comunidade. No final das atividades, as crianças passam para a professora, através de fantoches, um pouco da história da Rocinha, da maneira como elas entenderam."

(Marta, griô aprendiz)



Seu caminho para repensar e propor uma nova prática escolar está na sintonia com as crianças. O "estar junto" brincando e conversando gera um encantamento mútuo que se expande para professores, pais e crianças de outras séries, que se aproximam curiosas. Sua forma de agregar emana de sua energia brincante, do corpo flexível no espaço, do sentar no chão, em roda, onde cada um se vê e se descobre, abrindo um espaço de convivência do brincar e aprender.

Casa de estuque, casa de todos

O jacaré do pântano

Houve um tempo em que a parte mais baixa da Rocinha era um pântano. A Rocinha tem muitas histórias! O que será que tem nessa caixa? Fechem os olhos que tem uma surpresa! Antigamente, as casas na Rocinha eram de estuque, assim desse jeito que está aqui.

Encantamento é a palavra para esse encontro dos pequenos olhos curiosos diante da maquete que resume as tantas histórias contadas e brincadas. Ali é possível ver o tempo de ontem e de hoje da Rocinha e antever o futuro. A moça que se prepara para cozinhar, o cachorro na porta, o poço que guarda a água, o quarto de dormir, o quintal de brincar. Hoje é igual a ontem? Como era antes? Como é hoje? Como será depois? Como tem sido a vida na Rocinha desde os tempos em que era uma grande floresta banhada pelo mar? Vamos conhecer brincando e contando histórias?

Brincar é criar, construir, desconstruir, pensar, organizar, descobrir, recriar, reconstruir, repensar, reorganizar, redescobrir, redescobrir-se a cada dia, em um espiral que se move permanentemente, confeccionando brinquedos a partir de materiais simples e acessíveis, como patinete, carrinho de rolimã e arco, e brincando brincadeiras que atravessam gerações e levam a um mergulho no tempo, acionando saberes e aprendizados.

O caminho de Martinha é um caminho pelo brincar e pelas crianças. Sua aposta metodológica é que, encantando as crianças, os adultos serão encantados e, com o tempo, agregados. Pelas ruas, crianças passam e apontam: "Olha, mãe, essa é a professora que brinca e conta histórias!". O ato de brincar, por sua vez, cria um espaço de menos resistências, despertando lembranças de infâncias e convidando a participar.

No espaço escolar, caminha como observadora da prática institucional cotidiana. Busca compreender os inúmeros desafios da escola atual, mais especificamente da que está inserida em um grande centro urbano e em uma comunidade com dimensões e complexidade de cidade. Observa, anota, reflete e devolve seu aprendizado à equipe da educação infantil (segmento com o qual iniciou a Ação), através de oficinas lúdicas e encontros de avaliação e planejamento. As oficinas instigam temas que estimulam a reflexão coletiva da prática escolar e o diálogo entre o currículo e a tradição oral. Apostam na construção de uma relação de confiança, abrindo canais para possíveis transformações na escola atual.

Brincadeiras no chão do quintal

Caminhos da griô aprendiz: palavras, frase, brinquedo

Nos muitos quintais por onde Martinha passa, um dia apareceu Vicente, que, andarilho e brincante como ela, acompanhou os seus passos junto a crianças de diferentes lugares da cidade do Rio de Janeiro. Em encontros de observação e convivência, onde brincadeiras e conversas se misturavam, Vicente recolheu as muitas palavras que ouvia dela e fez vários desenhos que refletiam sua prática. Martinha selecionou palavras, acrescentou outras e organizou frases. Outras pessoas, parceiras de trabalho, também montaram frases com as mesmas palavras. Das frases, ela escolheu uma: brincadeira no chão do quintal é mundo de criança, alegria e convívio, beijos e abraço. Como síntese, definiu: brincadeira no chão do quintal. Vieram, então, a partir desse foco, os experimentos com materiais variados que eram utilizados com as crianças. Aos poucos, os materiais também foram definidos e um objeto esboçado e confeccionado: um jogo de tabuleiro.

A esse jogo, que mais parece o chão de um quintal, foi dado o nome "Pegadas". Como Martinha, o jogo já nasce andarilho. Como o Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha, o jogo faz-se desafio. Como a Ação Griô, as pegadas marcadas no tabuleiro são como raízes. Como o brincar, é vereda encantada.

Como se trilha esse jogo? Como são suas regras? Só conhecendo de perto e descobrindo, reinventando-se nele, com ele, com Martinha.

Um convite à experimentação

Tudo pode ser brinquedo: uma caixa, um pedaço de madeira, uma roupa usada, um sapato maior que o pé, etc. Brinquedos novos ou usados, saídos da loja ou reaproveitados, têm o mesmo caráter desafiador e desencadeador de curiosidade que leva à interação e à brincadeira; são sempre um convite a brincar.

O Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha possui um acervo de brinquedos artesanais singulares, versáteis em sua forma de uso, em sua maioria sem regras previamente definidas, que possibilitam a expressão livre e criadora, um convite à descoberta e à experimentação. São brinquedos únicos confeccionados com materiais simples que, assim como o mapa-jogo, brotam da convivência entre adultos, jovens e crianças, explorando cor, textura e movimento. São brinquedos orgânicos criados em parceria com o olhar sensível de Vicente Barros e as mãos bordadeiras de Lena e Maria da Paz.

Oficina lúdica com professores da Educação Infantil - CIEP Dr. Bento Rubião

Histórias, brincadeiras, informações sobre a Rocinha, cantigas, encenações, construção de brinquedos fazem parte desse universo colorido e múltiplo, onde o brincar e o aprender caminham juntos.

O grupo de jovens agentes cultura viva realiza oficinas brincantes com adultos e crianças utilizando esse acervo e relembrando brincadeiras populares passadas de geração a geração.

Encontro de gerações

"Quem faz a ponte entre as idades, entre as crianças e os mais velhos, são os jovens; eles têm esse papel de interagir. Uma das ações que cada vez mais vai enriquecendo essa interação é que os griôs jovens vão chamando os mais velhos da comunidade para darem seus depoimentos. Quando mostramos o mapa-jogo, eles vão corrigindo as informações das cartelas e contando sobre os brinquedos e brincadeiras. Um saber que mexeu muito comigo, e que é parte da pedagogia griô, é essa coisa do "impacto de gerações". Sempre que temos alguma atividade com os mais velhos, procuro estar presente, pois acho superinteressante ouvi-los. Como sou jovem e, conseqüentemente, não desfrutei das vivências contadas por eles, fico imaginando e desenhando todo esse processo e isso pra mim é fantástico." (Pablo, jovem agente cultura viva)

Trilhas primeiras

Esses primeiros passos contados aqui na direção da construção coletiva da Ação Griô na Rocinha, através do Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha, deram-se em um caminho formado por nomes. Nomes como pés caminhantes que deixam marcas e traçam trilhas em uma terra repleta de gravetos, folhas, pedras, asperezas, temperaturas, umidades, onde o vento, a chuva e o cotidiano intrincado e agitado da vida urbana interferem mudando rumos, desafiando os andarilhos.

Fomos desenhando, em conjunto, um esboço repleto de linhas e formas, que se organizaram em trilhas brincantes, trilhas de histórias, trilhas de memórias, trilhas de oralidade, trilhas dos artistas da comunidade.

Chegamos a um momento em que não se delimita mais, tão claramente, o que é o centro lúdico e o que é a Ação Griô. O que é desenhado mistura-se, fazendo surgir novas veredas, que instigam, inspiram e desafiam aqueles que as percorrem juntos, apostando em uma convivência justa e brincante, na direção da garantia de direitos igualitários para todos.

"Quando saímos de Lençóis, BA, e iniciamos a caminhada no Brasil, a grande questão era: como uma pedagogia construída por uma educadora interiorana com o pé no mesmo chão de um Velho Griô que caminha nas estradas rurais iria dialogar com os griôs aprendizes que caminham em grandes centros urbanos? Na realidade rural, o velho griô chega cantando e se comunicando diretamente com a janela e a porta de uma escola, ou encanta a grande mãe dos estudantes, a merendeira. Na realidade urbana, ele tem que encantar o porteiro e os fiscais. Seu grande desafio é flexibilizar a hierarquia do portão e dos corredores com a sua magia. Na Rocinha, eu vi a griô Martinha, Vô Aerson e Tio Lino contruindo essa simplicidade do diálogo com suas próprias linguagens e saberes. A questão é mesmo o encantamento e a esperança na força da ancestralidade e da identidade da comunidade dando sentido às ciências. No jeito genial e cotidiano de transmissão oral, aliados a uma objetiva paciência pedagógica que se recria ... "

Lílian Pacheco, Coordenadora da Ação Griô nacional e criadora da pedagogia griô.

Sistematização: Nathercia Lacerda
Fotos: Everton Carlos Maia, Lucas S. de Oliveira, Nathercia Lacerda.
Autoria Coletiva: Antônio Carlos Firmino, Aerson Luiz Costa, Carla Daniel Sartor, Everton Carlos Maia, Lino dos Santos Filho, Lucas Pablo S. de Oliveira, Maria Marta Diniz da Silva, Nathercia Lacerda, Vicente Barros
Bibliografia: *Varal de Lembranças: histórias da Rocinha*. Rio de Janeiro: União Pró-Melhoramentos dos Moradores da Rocinha: Tempo e Presença: SEC: MEC: FNDE, 1983.
Capa e ilustração do mapa: Vicente Barros (arte).

Tá na rua

Com vocês, o grupo Tá Na Rua
Teatro, Alegria, Animação
São séculos, milênios de Teatro
Ao alcance do seu coração

(Trecho da canção de abertura do grupo Tá Na Rua/ 1981)

Minha atuação enquanto griô aprendiz do projeto político pedagógico do Ponto de Cultura Tá Na Rua, em parceria com o Colégio Pedro II, vincula-se diretamente à minha história e projeto de vida, na medida em que integra e articula dimensões significantes e fundamentais de minha identidade, ancestralidade, formação e visão de mundo.

Nós levamos nas mãos
O futuro de uma grande e brilhante nação
Nosso passo constante e seguro
Rasga estradas de luz na amplidão
(...)
Estudaram aqui
Brasileiros de enorme valor
Teus exemplos, seguis, companheiros!
Não deixemos o antigo esplendor!
(...)
Vivemos para o estudo
Soldados da ciência
O livro é nosso escudo
E arma, a inteligência...

Trechos do Hino do Colégio Pedro II

Sou ex-aluno do Colégio Pedro II, unidade Centro, onde desenvolvemos a Ação Griô durante o ano de 2007/2008. Nessa escola, construí parte importante de minha formação, cidadania e inserção social e política na sociedade. Fui representante de turma, presidente do grêmio, participei do grupo de teatro amador da escola. Primeiros amores, prazeres, tristezas, grandes mestres e amigos para toda a vida.

Ingressei no grupo Tá Na Rua em 2001, e, desde então, assumi como minha a missão dessa instituição. Ao longo desses anos, atuei e atuo como ator, dramaturgo, dirigente institucional e na elaboração e coordenação de diversos projetos, dentre os quais o Ponto de Cultura e o Memória Tá Na Rua.

Um dia pobre, um dia rico, um dia no poder,
Um dia chanceler, um dia sem comer
Eu sou do Tá Na Rua
Eu tô legal
No palácio Guanabara ou em Vigário Geral

– É Roubada?? (É!)
– É de graça?? (É!)
O Tá Na Rua tá na praça!
(Rap do Tá Na Rua, 1993)

PARCERIAS, ENCONTROS, AFETOS E VÍNCULOS

O projeto da Ação Griô, que firmou uma parceria entre o Tá na Rua e o Colégio, possibilitou-me fazer a ligação entre essas dimensões que formam a minha identidade. Portanto, muito mais que um trabalho, a Ação Griô se insere no meu projeto e história de vida. Assim, o meu lugar enquanto griô aprendiz e articulador entre os saberes de tradição oral e o espaço escolar foi bastante natural e positivo.

"Os amigos já me chamavam de griô há muito tempo, talvez por ser filho do Abdias do Nascimento, uma figura mitológica para o movimento negro no Brasil e no mundo. Eu já era um griô músico na boemia da Lapa. Fui 'presidente de la movida madrileña' na Espanha dos anos 80. Mas agora eu sou um griô oficial, do Tá Na Rua e do Brasil, com carimbo do Ministério da Cultura".

(Abdias do Nascimento Filho - Bida)
Griô de tradição oral/ Ponto de Cultura Tá Na Rua - RJ)

Os griôs e o mestre do projeto são pessoas cuja história de vida está diretamente ligada ao teatro popular e ao trabalho do grupo Tá Na Rua, que constrói sua linguagem e dramaturgia a partir de fontes da cultura oral. Meu vínculo afetivo e de trabalho com eles se consolidou em oficinas, ensaios, apresentações de espetáculos, viagens pelo Brasil e exterior e reuniões diversas, atividades próprias da dinâmica de um grupo de atuação e pesquisa teatral, que levam a uma convivência quase diária e bastante intensa.

Minha ligação mais recente com o Colégio Pedro II começou através do convite de uma aluna, Renata Sampaio (hoje estudante de artes cênicas na UNIRIO, onde me formei), que conheceu o meu trabalho no Tá Na Rua, soube que eu era ex-aluno e me convidou para orientar as oficinas de teatro que ela desenvolvia voluntariamente na escola, com o apoio da equipe docente do departamento de sociologia. No final de 2006, com lançamento do edital da Ação Griô, propus aos alunos e à professora Silzane que desenvolvêssemos um projeto conjunto. A proposta foi aceita e, posteriormente, a educadora Jane Aguiar se ligou ao projeto e foi a professora que se vinculou efetiva e afetivamente nessa parceria, como parte de seu projeto de vida, sonhos e aspirações profissionais.

"Quando eu falei com a Líllian sobre observação participante, um conceito clássico da antropologia, ela me falou de encantamento. No Encontro Regional da Ação Griô, eu entendi o encantamento, que tem a ver com a vivência, e com a nossa história de vida, criando novos elos e dando novos significados ao que a gente fazia. Eu trabalho em outra unidade e não poderia invadir o espaço de outro professor, mas a aproximação com a pedagogia griô me transformou. Não só ler, mas vivenciar, virou estratégia de sobrevivência.

(Janecleide Moura de Aguiar, educadora do Depto. de Sociologia do Colégio Pedro II/ Unidade São Cristóvão - RJ)

E foi assim que me tornei um vetor dos desejos, aspirações, propostas, linguagens, projetos e histórias de vida que se reuniram no projeto da Ação Griô nesta parceria Pedro II / Tá Na Rua.

A construção do lugar do griô aprendiz

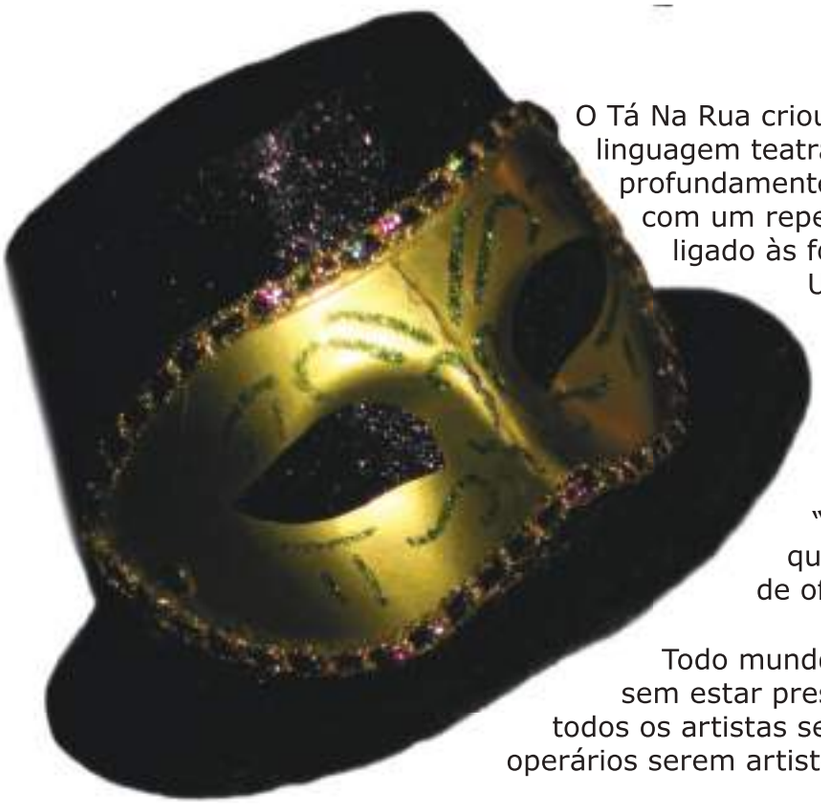
Como traduzir em ação esse diálogo entre a linguagem do Tá Na Rua e a pedagogia griô? Vivenciei essa pergunta no meu corpo. Procurei incorporar essa dimensão da teatralidade que o Tá Na Rua propõe na construção do meu lugar de griô aprendiz: na roupa, nas máscaras, na postura, nos gestos, na palavra.

Minha roupa de griô já vinha se construindo ao longo dos espetáculos do Tá Na Rua. Nas apresentações do grupo, os atores sempre entram em cena com uma roupa-base. Eu uso sempre uma calça colorida, tênis all-star, colete, uma casaca que achei do acervo do grupo, que, pra mim, é uma roupa ancestral que vem de geração em geração há mais de 500 anos, uma roupa de arlequim da comédia dell'arte. Cartola de mágico enfeitada com uma máscara dos carnavais de Veneza. A essa base eu fui acrescentando elementos e acessórios necessários encontrados e recebidos ao longo da caminhada: instrumentos musicais (zabumba nordestina, agogô de cabaça e 06 gaitas de blues), bolsa a tiracolo, bonequinho do Invenção Brasileira, broche da Escola Roberto Silveira, de Caxias, que troquei com uma estudante pela gaita, elementos das culturas indígenas Xavante e Tapajoara, que recebi em Mato Grosso e Alter do Chão (PA).

Trabalhar com griôs cuja linguagem de tradição oral é essencialmente o teatro contribui muito nessa construção e nesse aprendizado. Essa linguagem teatral, em diálogo com a inspiração da pedagogia griô e da caminhada do Velho Griô em Lençóis, definiu posturas e didáticas de caminhada.

Lá, nos Sertões da África
Entre aldeias distantes
Caminham mulheres e homens
Aprendendo e ensinando as histórias de seu povo
E quando os griôs chegam nas aldeias
As crianças, os pais, as mães e as avós se sentam na roda
Está aberto o ritual do contador de histórias!

(Apresentação do Velho Griô, incorporada ao roteiro das caminhadas da Regional RJ)



O Tá Na Rua criou sua própria pedagogia griô, linguagem teatral com características urbanas, profundamente ligada aos espaços públicos, com um repertório cênico e dramatúrgico ligado às fontes populares da nossa cultura. Uma cena que se constrói com a participação do público, baseada na oralidade, no poder de síntese e na capacidade de comunicação, aproximando o cidadão e o artista:

"Ser artista é uma possibilidade que todo mundo tem, independente de ofício, carreira ou arte.

Todo mundo pode viver a sua expressão sem estar preso a um papel. Não se trata de todos os artistas serem operários, mas de todos os operários serem artistas.

Das pessoas terem relações férteis, criativas e de transformação com o mundo, a realidade, a natureza, a sociedade. O homem não está condenado a ser destruidor, consumista, egoísta, como a sociedade nos leva a crer."

Manifesto do Grupo Tá Na Rua, 1981

Nossa proposta de trabalho na Ação foi desafiadora, no sentido de pensar a questão das redes de transmissão oral no espaço urbano, e de compreender a linguagem do Tá Na Rua como uma pedagogia teatral. Identificamos muitos pontos de aproximação, possibilidades de contribuição e comunicação entre a nossa concepção de teatro e a proposta da pedagogia griô. Compreendemos que o teatro é, em si mesmo, uma poderosa rede de transmissão oral. Particularmente o teatro popular, que é feito há milênios nas ruas e nas praças das cidades, com sua linguagem narrativa própria da cultura oral, que confere ao espetáculo uma dimensão de acontecimento único, de vivência, de ritual.

A Ação Griô nos caminhos do Tá Na Rua

É importante ressaltar o impacto positivo na implementação da Ação Griô no Ponto de Cultura Tá Na Rua, um resultado que a princípio não estava previsto no projeto e superou nossas expectativas. Os griôs do Tá Na Rua viram o seu lugar no Ponto reconhecido e ressignificado a partir da Ação Griô. Passaram a ser reconhecidos e chamados de "griôs" pelos atores do grupo e pelos alunos das oficinas do Ponto de Cultura. Foram valorizados enquanto grupo nos encontros da Ação com os outros Pontos da Regional. Isso contribuiu para a valorização, auto-estima e empoderamento pessoal e social desses artistas. As atividades internas do Ponto de Cultura também foram influenciadas pela Ação Griô, Lillian Pacheco realizou duas atividades no Ponto de Cultura (vivência da pedagogia griô e oficina de biodança). Diversos alunos do Ponto de Cultura participaram das caminhadas no Pedro II e nos Pontos da Regional.

O livro da pedagogia griô e o filme Sou Negro foram objetos de estudo e debate nas oficinas do Ponto. Como griô aprendiz e também dinamizador das oficinas teatrais no Ponto, eu trouxe diversos conteúdos aprendidos na Ação para as oficinas: cantigas aprendidas nas caminhadas e encontros regionais, metodologias como os círculos de cultura, histórias de tradição oral e relatos das experiências de caminhadas nas escolas, como a ida com o repentista Zé Pedreira a uma sala de aula em Lençóis (BA), ou a lenda do boto contada e cantada pelos estudantes de Alter do Chão (PA).

Eu sou educador e artista. Fui animador cultural no primeiro governo do Brizola. Trabalhei com Augusto Boal, Darcy Ribeiro, Amir Haddad. Me Convenci de que a escola estava falida, não tinha mais jeito. Tinha que acabar e fazer outra! Mas começo a perceber que a Ação Griô pode ser uma possibilidade interessante de diálogo entre cultura e educação...

(Licko Turle, coordenador do Ponto de Cultura Tá Na Rua - Vivência da pedagogia griô, MINC/ RJ, 2006)

No entanto, na primeira conversa com a equipe de griôs do Tá Na Rua para combinarmos o início das atividades na escola, senti uma certa resistência da parte deles. Eles diziam que eram artistas do Tá na Rua, atores, músicos e não griôs, que não queriam ser vistos ou ter que se apresentar como uma coisa que não eram.

Eu falei que eles eram griôs exatamente por isso, justamente por serem os artistas que são, e que a Ação Griô existia como espaço para afirmar esse lugar, essa identidade. Eles não teriam que ser outra coisa para serem griôs. E foi a partir do reconhecimento e afirmação desse lugar que eles tomaram para si essa idéia de serem griôs, e, de vez em quando, dizem para alguém mais novo do grupo, com um misto de orgulho e ironia: **"me respeita que eu sou griô, cara..."**

Caminhando no Colégio Pedro II

Jane ressignificou sua atuação como educadora em sala de aula, articulou a metodologia da Ação com os conteúdos da disciplina de sociologia, mobilizou educadores de seu departamento e revisou suas referências bibliográficas para estudo da sociologia. Hoje divulga e implementa a Ação Griô nos seus espaços de atuação profissionais e acadêmicos.

O Pedro II é muito tradicional, no bom e no mau sentido da palavra, com diversas disputas políticas. A questão é como conseguirmos ocupar esses espaços. Nessa história toda, o que fica é o que já está marcado em mim, e não tem mais jeito. A caminhada gerou uma parceria vinda de baixo, e daí eu entendi a estratégia da pedagogia griô que Líllian propôe. Não vem por cima, das estruturas hierárquicas. São parcerias de vínculo e de identificação. Isso, para o tipo de política pública que estamos propondo, é essencial. Tivemos uma reunião com os educadores, uma capacitação solicitada por eles a partir da caminhada. O Pedro II é hoje a base de uma disputa ideológica.

Janecleide Moura de Aguiar, educadora, Colégio Pedro II

Para a caminhada na escola, procurei elaborar um roteiro muito semelhante aos que eu escrevo para os espetáculos do Tá Na Rua, traçando uma linha temática e de conteúdo que abordasse a identidade histórica do Colégio Pedro II (que completou 170 anos em 2007) com o território onde sua sede está localizada. Até a inserção do projeto pedagógico da Ação Griô, o Colégio Pedro II não realizava nenhum trabalho relacionado aos saberes e fazeres da cultura oral da comunidade, apesar de se localizar em uma região da cidade próxima do Bairro de Santo Cristo (conhecido no séc. XIX como "África Pequena") da Pedra do Sal (onde eram feitos o comércio de negros escravizados), da estação Central do Brasil, da Praça Onze (onde era a casa de Tia Ciata), da região portuária da praça Mauá, espaços com grande importância na história da cultura negra e popular no Rio de Janeiro e no Brasil.

A escola, considerada modelo na educação pública do país, chegou a responder uma interpelação do Ministério Público Federal por não ter aplicado, de forma sistemática e consistente, a Lei 10.639 em seus parâmetros e estruturas curriculares.

Lendas Brasileiras
Câmara Cascudo
Janecleide, educadora do Colégio Pedro II

A caminhada na escola foi feita em grupo, com os três griôs mais quatro jovens do Ponto de Cultura junto comigo. Saímos em cortejo, pelas ruas no entorno do Colégio, vielas do Rio antigo, de manhã cedo, atraindo muito a atenção do povo da rua e a companhia de um cantador passante, que se juntou a nós e foi incorporado na atividade. Quando chegamos à escola, passamos pela bela escadaria de mármore do hall de entrada, por onde os estudantes normalmente não podem subir. Entramos no corredor que dá acesso às salas e aí foi surpreendente: os alunos saindo da aula e vindo atrás da gente, batendo palma, dançando, seguindo o cortejo! A princípio tínhamos delimitado um roteiro, em acordo com a educadora parceira e a direção da escola: iríamos entrar em cortejo e fazer a atividade com uma turma. Mas, conforme a gente caminhava e tocava, os estudantes nos seguiam e aquilo virou uma mobilização da escola inteira.

Para conseguir estabelecer comunicação com a massa de estudantes que nos acompanhava, recorri ao repertório de agitação estudantil que aprendi nas ações do grêmio. Subi na mureta e puxei o grito de guerra dos estudantes do Pedro II, que todo aluno ou ex-aluno da escola conhece, a "Tabuada":

Pedro II, tudo ou nada??

TUDO!!!

Então, como é que é?
TABUADA:
Três vez nove vinte e sete
Três vez sete vinte e um
Menos doze ficam nove
Menos oito fica um
Zum, zum, zum, Parátibum, Pedro I

A escola toda cantou, junto, um coro fantástico, tipo torcida de futebol. Nessa hora deu a "liga". Surgiu uma ordem do meio do caos que criamos. Não a ordem da escola, hierarquizada e rígida, mas uma outra ordem, a do encantamento, do ritual. A construção colonial da escola tem uma estrutura de teatro elisabetano, com o pátio interno e as varandas voltadas para dentro. A teatralidade imanente do espaço foi incorporada na vivência da caminhada.

Fui na Bahia, e vim aqui para lhes contar
A história de um brasileiro
Seu nome é Dom Obá
Obá de Rei, Dom de Guerreiro
Nasceu junto com Lençóis
Na guerra do Paraguai foi feroz
Morreu na favela do Rio de Janeiro

(Cordel de Dom Obá, de Lillian Pacheco e Márcio Caires, na caminhada do Tá Na Rua, Colégio Pedro II, 2007.)

Apresentamos o cordel de Dom Obá em um formato de narrativa dramática, eu falando e os atores apresentando imagens daquelas cenas. Na entrada de Dom Obá, o griô Bida se apresentou com um chapéu comprido de palha. Tinha tudo a ver o Bida fazer o Dom Obá. Por essa coisa dele ser filho do Abdias Nascimento, a figura dele ficou forte. Depois, os três griôs entraram fazendo os Reis Magos. E, depois, Marcelo Bragança e Bida improvisaram um encontro entre Dom Obá e o Imperador Pedro II, um número engraçadíssimo de pura comédia pastelão e patifaria, aplaudido em cena aberta.

A caminhada segue, a história acaba. Dom Obá morre e renasce na história contada, aprendida e vivenciada naquele momento. Parte do público se torna o coro que repete as falas do griô, o eco humano que fazia as palavras reverberarem por todo o ambiente.

O professor de história se pergunta quem foi Dom Obá. Outros perguntam se agora ia ter macumba na escola. O diretor diz que atividades daquele tipo são necessárias e fundamentais na vida escolar. Após nossa despedida, relatos dão conta de que reinou a paz e a tranquilidade entre os estudantes no resto daquela manhã. A caminhada modifica, mexe, provoca, estimula as conversas e a exposição das opiniões. Torna o espaço da escola mais alegre, afetivo, participativo e democrático.

Depois da caminhada e vivência no Colégio, a assessora pedagógica Líllian Pacheco e eu, no lugar de griô aprendiz, fomos convidados a participar da Reunião de Colegiado do Departamento de Sociologia, visando a sensibilizar um grupo de 25 educadores e a promover a capacitação na pedagogia griô. O objetivo principal seria oferecer recursos para a reformulação curricular já iniciada no ano de 2007.

A seguir, temos uma reflexão profunda da educadora parceira Jane a respeito de suas aprendizagens e vivências na Ação Griô e das mudanças que estão sendo formuladas no Projeto Político Pedagógico do CPII. Os educadores estão pensando em novos diálogos entre os conceitos sociológicos que integram o conteúdo programático, em conexão com diferentes abordagens metodológicas.

Caminhando nos Trilhos Urbanos do Rio de Janeiro

A essa tarefa, já bastante desafiadora, de construir a parceria entre o Tá Na Rua e o Pedro II, somou-se o convite para assumir o lugar de griô aprendiz regional, articulador dos 8 Pontos de Cultura vinculados à Ação Griô no Rio de Janeiro. Ocupar este "duplo papel", de griô aprendiz do Ponto e da Regional, enriqueceu muito minha experiência e conhecimento vivencial sobre a cultura do Rio de Janeiro, estabelecendo pontes e conexões, vislumbrando uma rede de transmissão oral que se constrói nas grandes cidades e mistura samba, jongo, capoeira, trem, teatro, asfalto, favela, fazenda, compondo o mosaico cultural carioca e fluminense.

Caminhando pelos 8 Pontos de Cultura que compõem a regional da Ação Griô no Rio de Janeiro, pude vivenciar e circular pelos "trilhos urbanos" da geografia cultural carioca: nosso cortejo encantado caminhou pelos becos e vielas da Rocinha, a maior favela da América Latina, subiu pela Floresta da Tijuca e desceu pelo bonde de Santa Teresa até o Largo da Carioca, coração da cidade, onde o Tá Na Rua faz suas apresentações semanais. De lá, caminhando pelo SAARA, gigantesco centro de comércio popular a céu aberto, chegamos à estação de trem Central do Brasil, onde o lendário sambista Paulo da Portela tinha uma padaria que reunia a nata do samba carioca nos fins de tarde de outrora. Embarcando na linha principal, passamos pela estação Leopoldina, sede do Ponto de Cultura Barão de Mauá, e, em seguida, desembarcamos na Estação Primeira de Mangueira, onde está o Centro Cultural Cartola. Nossa próxima parada é a estação de Oswaldo Cruz, em Madureira, berço do samba, onde fica a Portela, o Império Serrano e o Jongo da Serrinha.

O trem continua até a estação Edson Passos, em Mesquita, onde fica o estádio do América Futebol Clube, onde se integra a pedagogia griô com a magia e a arte do futebol, paixão nacional. Seguindo pela baixada fluminense, chegamos a Duque de Caxias, cidade-sede do Ponto de Cultura Lira de Ouro. Saindo do perímetro urbano, pegamos o ramal de Japeri e tomamos a linha férrea que vai até Paracambi, a 15 km de Vassouras, de onde o PIM (Projeto Integração pela Música), emite suas notas musicais, que se espalham pelo Vale do Paraíba, integrando o erudito e o popular. Caminhei por essa trilha urbana circulando entre pessoas, mitos reais e imaginários e tradições inventadas. Ao percorrer essa trajetória meu corpo vivenciou esse território a partir de seus espaços educacionais, culturais e comunitários.

Considero que, na minha atuação como griô aprendiz, compreendi, incorporei e vivenciei a missão da Ação Griô, com desdobramentos concretos e definitivos em minha vida. Pessoalmente considero-me um indicador de resultados positivos da Ação Griô.

Encontrando e me reconhecendo nesse meu lugar de griô aprendiz, dialogando com a pedagogia griô, reconhecendo as especificidades e particularidades do meu lugar de artista, de militante do movimento social, engajado nessa movimentação dos Pontos de Cultura pelo Brasil, todas essas facetas se encontraram em minha caminhada da Ação Griô. Muitos caminhos numa só caminhada pela vida.

Ponto de Cultura Tá Na Rua

Griô aprendiz: Alexandre Santini
Mestre: Amir Haddad
Griôs de Tradição Oral: Roberto Black, Marcelo Bragança e Bida Nascimento
Educadoras parceiras: Jane Aguiar e Silzane Menezes
Depto. de Sociologia do Colégio Pedro II

Porque nossos alunos não se identificam com a sociologia?

Um diálogo entre a sociologia, a pedagogia griô e a linguagem do teatro de rua do Tá na Rua , por Janecleide Moura de Aguiar, Coordenadora de Pesquisa do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II – RJ

"Pois aqui está a minha vida/ Pronta para ser usada/ Vida que não guarda/ Nem se esquiva, assustada/ Vida sempre a serviço da vida/ Para servir ao que vale a pena e o preço do amor (...)". (*A vida verdadeira* - Thiago de Mello)

Relembrando algumas de minhas memórias mais cativas, percebo que a minha família sempre representou uma referência significativa... As histórias contadas sobre o passado de cada um sempre me fascinaram e até hoje me emocionam: as rimas e cantigas, as ervas e rezas poderosas, as brincadeiras e aventuras proibidas, o céu e as estrelas, as receitas e comidas, as costuras e pinturas, a literatura de cordel e os livros amarelecidos pelo tempo.

Experiências reveladas sob a forma de conhecimento, alguns diriam perdido no tempo, talvez até adormecido pela racionalização impositiva de verdades científicas e acadêmicas que se tornaram hegemônicas no espaço escolar.

A Sociologia surgiu na minha vida com muita força e intensidade, no momento de puro desencanto com a Faculdade de Farmácia. Encontrei nas Ciências Sociais um caminho para revelar enigmas que as fórmulas químicas não conseguiam me responder. Dessa época, guardo na memória o início de grandes amizades ainda presentes e também uma bela história de amor que dura até hoje. Pesquisa de campo, observação participante, entrevistas, questionários, referências teóricas, escolas de pensamento... ganharam um significado especial com a conclusão de minha licenciatura e o início de meu trabalho como educadora preocupada com a qualidade das escolas públicas.

Ao longo de sua história, desde o século XIX, a Sociologia sempre viveu intensos embates para se firmar como um conhecimento de cunho científico. E, fazendo um retrospecto de minha experiência de treze anos no Colégio Pedro II, percebo uma similitude entre os dois cenários.

Portanto, a Sociologia representou em minha vida um encantamento que, até então, em conjunto com meus companheiros do Departamento, buscava expressar sob a forma de conhecimento teórico, sobretudo para marcar território dentro da composição curricular do Colégio Pedro II.

O ano de 2006 começou com muitas mudanças, principalmente pelo contato sistemático que passamos a ter com a querida e generosa professora Maria das Mercês Navarro, naquele momento integrante da Coordenação de Educação em Ciências do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), e hoje atuante no Museu da Vida (FIOCRUZ). Com a ajuda de Mercês, organizamos o nosso Programa de Iniciação à Pesquisa em Sociologia, elegemos a companheira Fátima Ivone como Chefe de Departamento, capaz de enfrentar as turbulências do Conselho Pedagógico.

E dessa relação entre "sujeitos de carne e osso", expressos por uma parceria interinstitucional, estamos consolidando uma relação de parceria e sinergia entre museus (MAST, Museu da Vida e Fundação Jardim Botânico) e escolas, "Tecendo Redes", o que nos rende vários desafios, emoções e trabalhos significativos com os nossos alunos a partir da realidade local.

Mas, para além de atividades mais relacionadas ao universo da pesquisa, o Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II ousou oferecer oficinas de teatro geridas pelos próprios alunos da Unidade Centro, sob a coordenação da professora de Sociologia Silzane Carneiro, que sempre foi grande parceira de vários projetos.

Para exemplificar as resistências do tradicionalismo de nossa escola, uma professora de Língua Portuguesa chegou a questionar: "Como um aluno sem formação pode escrever um roteiro? Quem é ele para isso?" Atualmente, nosso brilhante roteirista, Carlos Eduardo Oliva, cursa, para nosso orgulho e grande satisfação, Ciências Sociais na UFRJ.

Contar um pouco dessa história significa também relembrar o empenho e a dedicação da aluna Renata Santos Sampaio, que, com sua voz mansa e jeito meigo, mostrou-se incansável na tarefa de organizar e dinamizar as atividades teatrais no espaço escolar, através da Livre Oficina de Teatro (LOT). E, sempre movida por esse propósito, Renata tomou a iniciativa de fazer contato com o ex-aluno Alexandre Santini, que passou a acompanhar sistematicamente as atividades do grupo, trazendo sua experiência acumulada no "Tá na Rua".

Com o decorrer do tempo, as oficinas de teatro tornaram-se populares, principalmente porque, em nossa escola, os alunos não tinham contato com as artes cênicas.

Lembro-me especialmente da primeira aula-espetáculo, que originalmente aconteceria no pátio, mas que, por razões climáticas, acabou acontecendo no Salão Nobre da Unidade Centro. Se "o bom filho a casa torna", Santini voltou em grande estilo: subindo na mesa central do imponente salão para desenvolver uma bela narrativa sobre a história do teatro. E como o evento foi realizado para comemorar o dia do estudante, o grupo LOT também realizou uma breve encenação que retratava um pouco da luta estudantil no período da ditadura militar.

Enquanto as oficinas semanais de teatro aconteciam, Renata consolidava a certeza de sua opção profissional: as artes cênicas. A seguir, depoimento de Renata Santos Sampaio, ex-aluna do Colégio Pedro II e estudante de Artes Cênicas da Uni Rio.

"O Teatro quase sempre é visto como uma arte burguesa, sendo acessado por poucos. O próprio formato tradicional do teatro, o palco italiano, nos traz uma idéia de hierarquia: 'nós, que estamos no palco, pessoas melhores, contaremos pra vocês, que estão na platéia, nos assistindo, uma história'. Quando decidi fazer teatro, as pessoas reagiam sempre de um modo adverso. Todos achavam que este deveria ser um lazer meu e não a minha profissão. Era necessário ter uma situação financeira estável, realidade diferente da minha, para fazer teatro. O consumo de arte no Brasil era voltado pra poucos, e alguém de origem popular não fazia parte dessa minoria abastada.

Esse pensamento era bem diferente para um grupo chamado Tá na Rua. Eles pensavam um teatro popular, feito na rua, causando uma comunhão entre o executivo engravatado e o morador de rua, dispostos em arena, o que acabava com aquela hierarquia do palco italiano: todos eram iguais. A filosofia desse grupo, que acreditava que todos poderiam ser atores, encantou-me e gerou em mim uma vontade enorme de trabalhar com eles, de alguma forma, vontade essa concretizada pela Livre Oficina de Teatro (LOT) do Colégio Pedro II.

O Tá na Rua criou uma parceria com o Colégio Pedro II, e a presença do grupo no projeto era constante: visitas ao centro de documentação do grupo; espetáculos assistidos; presença de um participante freqüentemente em nossas reuniões semanais, fazendo com que a ideologia do grupo passasse do plano das idéias e fizesse parte da prática das aulas. Era a minha referência de teatro adentrando a instituição secular em que eu estudava. E saber que fui eu a responsável por isso... O ápice dessa parceria foi quando o nosso grupo representou partes do texto "Dar não dói, o que dói é resistir", texto do Tá na Rua que fala sobre a ditadura militar brasileira, no Salão Nobre do CPII - Centro. Era a representação do teatro e do movimento estudantil, tão importantes naquele período, em nós.

Enfim, foi uma experiência importantíssima. Primeiramente, representou uma afirmação da decisão pelo teatro em minha vida, e a comprovação da sua possibilidade para aqueles que nela não acreditavam. Foi também uma auto-afirmação, um reconhecimento até mesmo pessoal, e uma troca de saberes. Proporcionou-me uma soma de pessoas novas, que conheci, de portas que se abriram a partir do projeto; de lugares novos a serem explorados e, principalmente, força para continuar lutando pelo que acredito. Um verdadeiro divisor de águas na minha vida e na vida do CPII.

Renata Santos Sampaio, ex-aluna do Colégio Pedro II e estudante de Artes Cênicas da UniRio.

Apesar de não trabalhar na Unidade Centro, local onde as oficinas de teatro aconteciam, passei a acompanhar todo o trabalho desenvolvido, principalmente porque ocupava a coordenação de pesquisa do Departamento de Sociologia. Em uma de nossas reuniões de avaliação, Santini chegou com algumas novidades para o grupo: o Cordel de Lançamento da Ação Griô Nacional (de Márcio Griô) e a notícia sobre um edital elaborado pelo MINC para selecionar propostas de trabalho que integrassem cultura e educação, mais precisamente Pontos de Cultura e escolas.

De acordo com meu universo de experiências naquele momento, comecei a formular um roteiro de pesquisa que pudesse ser desenvolvido por nossos estudantes, até porque esse seria o caminho mais óbvio entre meus pares.

Algum tempo depois do projeto ter sido selecionado para integrar a Ação Griô, Santini convidou a assessora pedagógica Líllian Pacheco para uma de nossas reuniões. Sinceramente, achei que seria mais um típico monólogo, monopolizado por uma pedagoga enfronhada em suas teorias distantes da sala de aula. Mas, para minha grata surpresa, ouvimos um relato, emocionado e emocionante, sobre o método vivencial da cultura oral, especialmente a partir dos projetos e ações realizados pelo Ponto Grãos de Luz e Griô.

Naquele dia, comecei a me envolver com a pedagogia griô, como um processo de redescoberta ainda inconsciente, resgatando pontos da minha própria história de vida, em diálogo com projetos atuais. E foi esse "encantamento" que começou a me despertar de um "sono" letárgico e profundo...

Lembro-me que, depois dessa conversa, comecei a formular uma idéia que já me acompanhava há algum tempo:

Se temos um conteúdo tão problematizador e desafiante politicamente, por que nossos jovens alunos não se identificam com a Sociologia?

No meu convívio escolar, pude observar que cada professor ou mesmo os gestores escolares sempre encontram respostas prontas para essa questão nos manuais de pedagogia, mas nenhuma delas conseguia resolver concretamente nossos impasses na sala de aula.

Com esse questionamento na cabeça, recebi o convite para participar do I Encontro de Educação e Tradição Oral do Rio de Janeiro.

Em Vassouras, conheci pessoas de diferentes Pontos de Cultura do Rio de Janeiro e com cada uma delas compartilhei a missão de fortalecer a identidade e a ancestralidade dos jovens estudantes. Ao invés de aulas expositivas e dinâmicas de grupos, interagimos de uma maneira inusitada, ao experimentar vivências carregadas de memórias e emoções. Para construir o diálogo entre os saberes da escola e os saberes da tradição oral, conhecemos as referências da pedagogia griô, de Líllian Pacheco, vivenciando a educação biocêntrica, com Ruth Cavalcante; e a educação para as relações étnico-raciais positivas, com Vanda Machado.

Nesse encontro, também conheci um pouco da "história viva" do Tá na Rua através dos griôs: Bida Nascimento, nosso Dom Obá com refinado gosto musical; Roberto Black, com suas intervenções cômicas e críticas magistrais, além de seu indefectível tênis All Star; Marcelo Bragança, quem diria, Raul Seixas está vivo e passou parte de sua infância no meu querido bairro imperial de São Cristóvão. Todos eles foram apresentados pelo nosso "diplomata do teatro de rua", Alexandre Santini, e, até hoje, não sei como, convenceram-me a participar durante o encontro de uma encenação inspirada na música Coração Materno, de Vicente Celestino. Essa música me trazia recordações que reencontrei nos manuscritos do meu saudoso avô Careca.

> "(...) Piso firme no meu chão, sei que estou no meu lugar,
> como a panela no fogo e a estrela na escuridão.
> O que passou não conta? Indagarão as bocas desprovidas.
> Não deixa de valer nunca.
> O que passou ensina com sua garra e seu mel.
> Por isso é que agora vou assim ao meu caminho.
> Publicamente andando (...)"
>
> (*A Vida verdadeira* - Thiago de Mello)

Ao reler alguns autores como HUERTAS (2001), TAPIA & FITA (1999), que falam da motivação como elemento catalisador da produção de conhecimento, sobretudo através de componentes afetivos e emocionais, vislumbrei algumas pistas que somente pude desvelar a partir do Encontro de Vassouras.

Evidentemente, não se trata da motivação extrínseca que a escola acaba valorizando, principalmente quando prioriza a quantificação por notas através de trabalhos e provas, criando um contexto desprovido de vida, movimento e pulsação.

Retomando os estudos de FITA (1999), é possível entender que "a motivação é um conjunto de variáveis que ativam a conduta e a orientam em determinado sentido para poder alcançar um objetivo". De fato, não basta o conteúdo da Sociologia ser desafiante, até mesmo pelas possibilidades concretas de fornecer subsídios para transformação da realidade social. Acredito que precisamos de uma reestruturação metodológica que consiga dialogar com nossos jovens estudantes.

Talvez a mudança mais significativa na minha prática pedagógica tenha sido perceber que a motivação requer outros referenciais, e não pode estar apoiada somente na pesquisa científica. A naturalização desse modelo pautado exclusivamente na ciência acabou se legitimando e se reproduzindo exatamente porque sempre esteve relacionado às rotinas aprendidas ao longo de minha vida escolar e acadêmica.

Enfim, somente refletindo sobre o horizonte de vivências oferecido pela pedagogia griô consegui compreender que o problema maior não estava no conteúdo, mas, sim, na forma exageradamente academicista com que esse conteúdo era apresentado para nossos jovens. De fato, a Sociologia acaba representando apenas mais um conteúdo formal que, embora estivesse relacionado ao cotidiano desse aluno, não criava nenhum tipo de vínculo mais profundo entre os estudantes e todo o referencial conceitual.

Contudo, isso não significa abandonar por completo o aparato teórico-metodológico das Ciências Sociais, mas buscar referências que consigam dialogar tanto com as investigações de campo, quanto com a cultura e a educação populares.

Pensando na obra do antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, é possível perceber que a formação da identidade social de nossos jovens precisa ser feita através de situações de encantamento e vínculo, disponibilizadas pela cultura popular, capazes de envolver as famílias e a comunidade escolar.

Como aproximar as diferentes gerações, que parecem estar separadas por seus diversos códigos de linguagem e referenciais tecnológicos? Para os céticos talvez possa parecer contraditório realizar rituais de vínculo, como propõe a pedagogia griô, no contexto em que a tecnologia assume papel preponderante.

"Acorda Maria Bonita / Levanta vai fazer o café
Que o dia já vem raiando / E os griôs já estão de pé (...)"
(Acorda, Maria Bonita - Antônio dos Santos, ligeiramente modificada)

E os alunos "acordaram". Saíram das suas salas, para a surpresa da inspetora de disciplina, a princípio ainda desconfiados, mas depois acompanharam, com uma euforia atenta, a caminhada do Tá na Rua pelos corredores e pátio da Unidade Centro. Afinal, quem não ficaria contagiado com a maneira pela qual foi apresentada a trajetória de Dom Oba II d'África? Puro encantamento...

Nos versos de Lenine ("Ô cirandeiro, cirandeiro, ô / A pedra do seu anel/ Brilha mais do que o sol"), eu vi professores e alunos dançando, sem qualquer pudor de expressar, através dos seus corpos, a alegria do momento, e todo o sentimento que costumamos conter no cotidiano escolar.

Por outro lado, também ouvi uma professora dizendo que "aquilo mais parecia um ritual de macumba" e outra desesperada "porque tinha perdido a 'sua' aula e as provas já estavam chegando." Mas, como nem tudo está perdido, ouvi também o relato de uma professora que afirmava "nunca ter visto uma aula depois do recreio tão calma como naquele dia".

Mas o grande desafio que enfrentamos acontece, principalmente, quando tentamos introduzir tal mudança no currículo. Primeiro, porque tais ações não podem ser "grandes eventos pontuais" que não tenham uma continuidade. Segundo, não podem "depender de vontades individuais", pois precisam fazer parte da missão de cada instituição.

Pensar o Projeto Político-Pedagógico representa um espaço de grandes embates ideológicos. Enfim, para além de redefinir os "conceitos teóricos" integrantes da composição curricular, torna-se necessário rever a forma como os conceitos podem ser trabalhados.

"*Naquele ano de 2007, várias novidades ancoravam no Departamento de Sociologia. Era o primeiro ano do meu mandato de chefe de Departamento e a equipe foi renovada pela chegada de doze novos professores contratados. Ampliou-se o espaço da disciplina do Ensino Fundamental, que passou a constar da composição curricular do oitavo ano, além do sexto e do sétimo e das séries de Ensino Médio. Começamos então a construir um novo programa, com o sempre presente desafio de seduzir e mobilizar jovens para as questões sociais.*

A Pedagogia Griô surge para nós, através da presença de Líllian e de seu texto, exatamente nesse momento de recomeço, de reescrita de uma história que, por intuição ou pela razão, já valorizava o espaço que concerne à subjetividade. O encontro com Lillian aconteceu numa das viagens da assessoria pedagógica ao Rio de Janeiro e, estrategicamente, buscamos combinar um dia em que o maior número de professores pudesse estar presente. E eles vieram com suas dúvidas, idéias e curiosidades: 'O que é Ação Griô?'. 'Por que não se aprende na escola a história de D. Obá?' 'Se a Pedra do Sal é tão pertinho da nossa Escola, por que não vamos até lá?'

Líllian então nos propôs ouvir os sons do mar, os sons do nosso coração, sentir o outro e dançar ciranda... Cada um, com seu corpo, sua história e suas marcas. Cada um recebendo o outro e formando muitos: o coletivo e a consciência do pertencimento ao grupo. Ouvir o outro, respeitá-lo e acolhê-lo são etapas de um movimento indispensável para quem deseja transformar mentalidades. Nesse dia, conseguimos manejar afetividades e redesenhar algumas relações dentro do grupo, que se fez mais forte para continuar na roda da vida".

(Fátima Ivone de Oliveira Ferreira, Chefe do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II - RJ)

Depois desse encontro, pensando a realidade concreta da minha escola, e talvez de muitas outras, seria importante oferecer algumas sugestões de estratégias metodológicas que poderiam fazer parte do Projeto Político Pedagógico:

* Redimensionar alguns espaços físicos dentro da escola, de modo a promover "rituais de vínculo e de aprendizagem", sobretudo através das "rodas de vivência" e "círculos de cultura".

* Promover situações de "encantamento", visando a identificar/despertar um interesse pela temática da "cultura popular", sobretudo através das "redes de transmissão oral". Relevar a importância das gerações anteriores na construção do saber representa uma oportunidade para o estreitamento dos laços com a comunidade e entre as gerações.

* Trabalhar conceitos teóricos, especialmente da Sociologia, através de festas populares, músicas e cantigas, danças, cortejos de tradição e caminhadas, rituais, aulas-espetáculos, histórias de vida e mitos afro-brasileiros, contribuindo para expressar e reafirmar a identidade cultural brasileira. Trabalhar com conceitos no sentido de promover o diálogo entre o saber acadêmico/científico e a cultura popular/ tradição oral.

* Fazer com que a pesquisa de campo seja precedida por situações de interação, capazes de promover vínculos entre os atores sociais. A técnica dos "relatos orais" precisa ser apresentada não somente como uma técnica de pesquisa, mas também como uma estratégia de valorização da tradição oral e da cultura popular.

* Utilizar, de forma sistemática e expressiva, a linguagem do teatro, especialmente agregando músicas do repertório popular, como uma ferramenta para reflexão sobre os problemas sociais.

* Privilegiar um referencial bibliográfico de autores brasileiros do campo das Ciências Sociais, sobretudo buscando construir o conhecimento de forma dialógica e compartilhada; agregando, coerentemente, olhares de diferentes tradições teóricas, da cultura oral e da educação popular.

Trabalhar com a tradição numa escola com 170 anos não é uma tarefa fácil, principalmente quando tentamos estabelecer um diálogo com gestores escolares resistentes ao processo de mudança.

Ficou claro também que a Ação Griô Nacional tem seus limites de interferência no espaço escolar. Entendemos que nós é que precisamos assumir um caminho de identificação de uma "rede de colaboração" dentro da escola, tendo como interlocutores pessoas e grupos que compartilhem valores e projetos. Nesse sentido, o conjunto de experiências apresentado pelas vivências da pedagogia griô sensibilizaram o meu olhar dentro do espaço da escola, tanto para as atividades que eu já realizava, quanto para possíveis interlocutores que simplesmente pareciam invisíveis, mas que de fato tinham uma prática que podia ser integrada ao processo mais amplo de repensar a metodologia de trabalho, visando a resgatar a tradição oral e a ancestralidade como fontes de conhecimento para nossos jovens alunos.

Para delinear como esse processo de mudança de paradigma influenciou minhas ações cotidianas seria importante relembrar alguns momentos, em 2007. Cabe frisar que as estratégias adotadas para fortalecer a Ação Griô dentro do espaço escolar consistiram em começar a agregar indivíduos e grupos que pudessem compor uma rede de colaboração, mas sem abandonar a interlocução com o Ponto de Cultura.

Primeiro, trabalhar com Ciências Sociais na educação básica significa estabelecer um nexo entre o campo teórico e a realidade mais próxima dos estudantes. Naquele momento, o Rio de Janeiro estava sendo duplamente invadido: por uma grande onda de patriotismo (gerada pelos Jogos Pan-Americanos e também pela escolha do Cristo Redentor como "maravilha do mundo"); e pelo poder coercitivo do Estado (sobretudo através da Força de Segurança Nacional, que ocupava vários pontos da cidade e agia com extrema violência no Complexo do Alemão). Nesse cenário, era necessário realizar uma reflexão crítica...

Assim, numa turma rotulada como problemática pela escola, começamos com a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Nesse dia, a aula aconteceu no pátio da escola, com os alunos sentados numa grande roda: cada um deles foi lendo os artigos da declaração e relembrando músicas que falassem de questões como liberdade, segurança, tortura, crueldade, justiça, etc. A princípio alguns estavam tímidos, pela situação inusitada, mas, ao final, todos queriam continuar cantando músicas que faziam sentido para cada um e para todos do grupo.

Assim como o Tá na Rua costuma utilizar músicas do repertório popular para mobilizar seu público, as aulas também podem "ganhar vida, pulsação e vibração" quando abrimos espaço para alunos cantarem suas músicas e discutirem assuntos relacionados aos problemas sociais.

"Sem ter palco, sem luz e sem cortina
Sem poltrona, sem camarote e friza
O teatro de rua realiza
Este sonho que o povo descortina (...)"

(O Teatro de Rua na Memória do Futuro
Crispiniano Neto, Poeta Popular)

Na aula seguinte, dentro da sala, minha estagiária Viviane e eu percebemos uma proximidade que até então não havíamos experimentado com aquele grupo. De fato, o respeito e o interesse nas aulas foram conquistados pela proximidade. Dois alunos dessa turma se integraram nas oficinas de cinema de animação, que realizamos junto com o MAST, e desenvolveram um "curta de animação", tendo como propósito retratar o desrespeito aos direitos humanos e a situação de violência vivenciada pela população da cidade do Rio de Janeiro, especialmente, mas não exclusivamente, na ocasião dos Jogos Pan-americanos.

Para criar o roteiro do trabalho, sugeri para Cecília, minha companheira do MAST, que, além da pesquisa mais teórica, também ouvíssemos músicas. E como "os astrônomos não são de Marte e nem de Vênus", Cissa também freqüentava aulas de "dança afro". Assim acabamos utilizando tal linguagem corporal em nossos encontros com os alunos. Numa das reuniões do grupo de pesquisa, fomos vestidos com as camisas de nossos times de futebol e, a despeito das rivalidades esportivas, nesse dia surgiu uma brilhante idéia apresentada pelo aluno Ramon Ribeiro: o PAN se transformaria em PÂNICO durante a animação. Nesse contexto, todos puderam expressar livremente sua oralidade, mas nem sempre a escola encontra-se preparada, ou mesmo acha que seja relevante, oferecer condições para o processo de livre criação através da oralidade.

E todo o empenho dedicado para a conclusão da atividade reverteu-se em orgulho durante a apresentação do trabalho para a comunidade escolar: vários pais e professores ficaram emocionados com o olhar crítico de nossos jovens.

Desse dia, ecoam ainda os versos de "Pedra e bala" do Cordel do Fogo Encantado e os versos pungentes de Renato Russo, em "Que país é este?", tocados no ginásio depois da apresentação de flauta.

"Nas favelas, no senado / Sujeira pra todo lado / Ninguém respeita a constituição. Mas todos acreditam no futuro da nação / Que país e esse?"

(Renato Russo)

"Juntem... As forças pra seguir nessa jornada... Busquem...As forças pra lutar na sua própria batalha... A poeira subiu de ambos lados / Arames farpados olhos e punhos fechados, cerrados / A face marcada pela mesma vida seca como a terra, rachada/ Uma sombra densa e pesada eclipsando o que há de melhor na sua alma / O verdadeiro terror mais sufocante que o calor / Eu disse: 'Essa é a sua jaula' "

(Bnegão e Lirinha)

De fato, trabalhar com as Ciências Sociais na educação básica representa o desafio de articular temas, teorias e conceitos próprios de um campo de conhecimento que se enriquece pelo diálogo dentro do espaço escolar e com a própria instituição, (re)definindo práticas e ações dos diferentes atores sociais. E esses ditos atores sociais são pessoas com suas histórias de vida, cada nome carregando a força de sua identidade e ancestralidade.

O professor de Sociologia Jorge Luiz Carvalho Nascimento representa a minha principal referência profissional. Com o amigo Jorge (Salve Jorge!) fui "iniciada" na arte de elaborar avaliações criativas. Admiro seu senso de humor refinado para descrever tipos humanos, com uma boa dose de poesia, e, principalmente, a sua capacidade intelectual para diálogos acadêmicos.

Jorge/ Jorge reggae/ Jorge xote/ Jorge soul/ Jorge samba/ Jorge funk/ Jorge n'roll. Jorge sentou praça/ Na cavalaria/ E eu estou feliz porque eu também/ Sou da sua companhia....Oxossi aylodá yamalabê/ Yambelequê yorô/ Odé matá coroná

(Fernanda Abreu. "Jorge de Capadócia")

E das nossas conversas sobre a pedagogia griô surgiu a aproximação com o Setor de Atividades Artísticas e Culturais (SAAC-CPII), exatamente no momento em que a professora Diana Eisfeld Magalhães estava organizando a montagem do espetáculo Epopéia Negra, em comemoração aos 170 anos do Colégio Pedro II. Vale registrar que, em 2004, a mesma professora Diana ousou encenar um espetáculo de maracatu no encerramento da I Semana Nacional de Ciência e Tecnologia.

Para compor a Epopéia Negra, como um espetáculo itinerante de uma hora e vinte minutos, a professora Diana contou com diferentes gerações da sua própria família (as filhas Alexandra e Adriana, e a neta Alexia); além de vários segmentos da comunidade escolar: professores, técnicos, pais, mães, alunos e ex-alunos.

Relatar a epopéia dos negros desde a África, passando pelos Estados Unidos e Brasil, significou recuperar elementos culturais da tradição popular: maculelê, jongo, maracatu, samba, etc. De acordo com relatos da própria Diana, o trabalho com formas de expressão cultural de matriz africana ainda encontra muita resistência no espaço escolar. Basta lembrar do comentário da professora de história que comparou a "caminhada" do Tá na Rua com um ritual de macumba.

Para registrar a memória do evento, conseguimos documentar em vídeo o espetáculo Epopéia Negra, recebendo apoio do CTAV (Centro Técnico Audiovisual) / MINC. Contamos também com duas participações para lá de especiais: do nosso professor de História, legitimamente anarquista, e quase cineasta, Alex Côrtes; e do aluno Davi Melo, oriundo da turma estigmatizada, que passou a ser nosso fiel escudeiro de todas as horas.

Além do vídeo, também conseguimos elaborar um questionário buscando identificar algumas dimensões: "atitudes em relação à África (passado/presente)"; "atitudes em relação à escravidão"; "conhecimentos sobre cultura e expressão africanas"; "percepção da dimensão africana na formação sócio-cultural brasileira". Logo após a apresentação do espetáculo, a equipe (formada por professores do Departamento de Sociologia e por alguns alunos) aplicou os questionários.

Evidentemente que, naquele dia, foi de extrema importância realizar um levantamento sobre as percepções que as pessoas têm sobre a África, até mesmo para superar algumas generalizações e também para testar um questionário que pudesse ser mais tarde aplicado para toda a comunidade escolar. Contudo, o mais importante daquele dia foi ter vivenciado e compartilhado um momento de encontro entre as pessoas do Departamento, para além das reuniões fechadas por uma pauta a cumprir. Comer feijoada, beber em caneca de barro, jogar conversa fora... Depois de tudo isso, a nossa "cota de questionários" foi simplesmente esquecida, mas sinceramente já não tinha a menor importância. Enfim, sem aquela proximidade não poderíamos compartilhar nenhum projeto efetivamente coletivo.

Por outro lado, uma reflexão sobre o papel da escola como instituição social implica em perceber um claro processo de valorização da ciência e da razão, sendo esse capaz de criar uma série de hierarquias. E, por ser também uma instância poderosa de controle social, percebo a dimensão do nosso desafio assumido com a Ação Griô: fazer com que a tradição oral tenha um papel relevante na escola, no sentido de valorização da ancestralidade e da identidade dos estudantes e educadores.

Dentro da escola, reconheço que ainda somos poucos os que pensamos e agimos de acordo com essa lógica, mas uma proposta de encantamento se constrói pela proximidade e pelo diálogo, através de parcerias de vínculo e de identificação, para além das estruturas hierárquicas.

Durante o nosso Colegiado, acontecido em fevereiro de 2008, e que congrega os professores de Sociologia de todas as unidades do Colégio Pedro II, o professor e sindicalista Andrey Cordeiro colocou em pauta as "Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais". Além das mudanças realizadas no currículo, discutiu-se a organização, pelo Departamento de Sociologia, de um encontro ou seminário sobre o tema.

Se for verdade que "a África se aproxima do Brasil com a Bahia de Verger", o trabalho de Verger representou minha primeira aproximação com a cultura africana. Lembro-me que, em 2002, Jorge e eu, visitamos a exposição comemorativa do Centenário de nascimento de Pierre Fatumbi Verger. Aproveitamos o instituído "Dia da família na escola" para compartilhar com as crianças da 6ª série e alguns pais/mães a beleza das fotografias de Verger.

"Ele era uma ponte entre a Europa, a África e o Brasil. Ninguém conseguiu como ele compreender a alma e a cultura da Bahia. Ele era um francês que pesquisou a África e se fez mais baiano que todos. Era um baiano fundamental" (Jorge Amado, 1996).

Bahia de belezas naturais incomparáveis, temperos fortes, frenéticos ritmos musicais, filhos ilustres. Nesse rol também tenho que incluir duas baianas legítimas: Mercês e Líllian.

No fundo, a "motivação" de Mercês e o "encantamento" de Líllian revelam a preocupação com a "colaboração", dentro de um processo coletivo de ação-reflexão. Através do diálogo entre essas duas referências, vislumbro a possibilidade de transformar a prática pedagógica alienada e alienante, numa pedagogia que se construa pelo desafio de aproximar os atores sociais que interagem no espaço escolar.

E foi através dessa sinergia entre "motivação" e "encantamento", entre saber local e tradição oral, que me reconheço como parte dessa missão maior de rever práticas e ações pedagógicas, no sentido da teoria dialógica da ação apresentada pelo grande mestre e conterrâneo, Paulo Freire.

Meus projetos atuais se comunicam com minha história de vida e minha ancestralidade, no sentido de reafirmar que hoje deixei de ser apenas Jane, como preferia ser chamada até há pouco tempo... Enfim sou Janecleide Moura de Aguiar, batizada por minha família, e hoje assim me reconheço pela força do encantamento da Ação Griô...

Como mãe de dois meninos, educadora de escola pública, nascida no agreste pernambucano há quase 40 anos e moradora desde bem pequena da cidade do Rio de Janeiro...

Peço benção a todos os que por aqui estiveram, aos mais novos e aos mais velhos, que sempre me dão muita sabedoria...

"(...) Não, não tenho caminho novo.
O que tenho de novo
é o jeito de caminhar.
Aprendi (o que o caminho me ensinou)
a caminhar cantando
como convém a mim e aos que vão comigo.
Pois já não vou mais sozinho."

A Vida verdadeira (Thiago de Mello)

Janecleide Moura de Aguiar

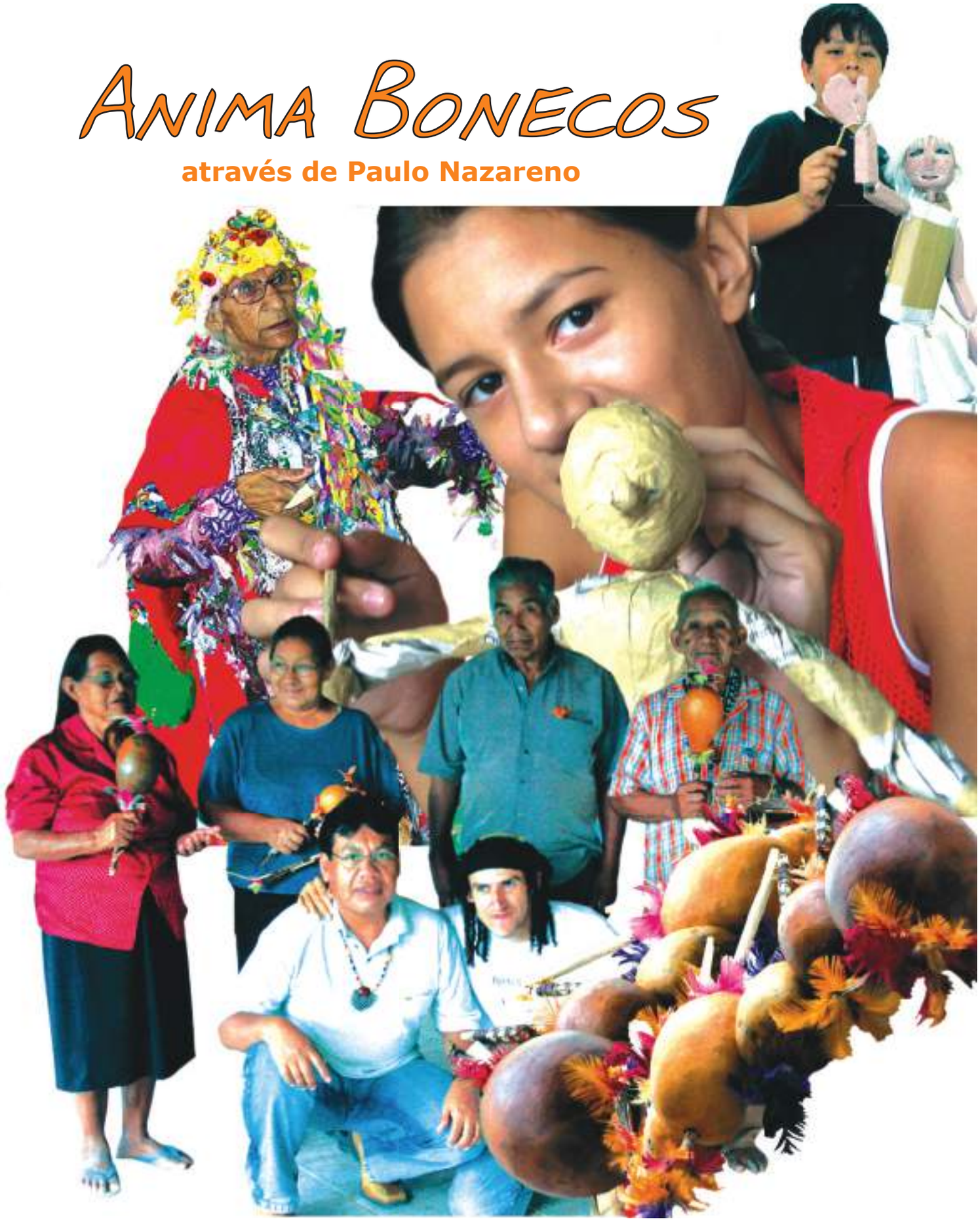
REGIONAL DA TERRA

"Pra mim o Griô faz parte da evolução dos espíritos. Eu tô simplesmente apaixonado por esse Projeto Griô e eu espero que Deus ilumine essas cabeças aí, esses organizadores, esses coordenadores, esses projetistas que esse projeto não termine mais . . ."
Neives Baptista, griô do Ponto de Cultura Chibarro, Pelotas, RS.

"Não é só pela costura, é pela arte toda, pela história toda de vida. Porque eu não sei se tu tem visto nas entrevistas que o Griô é de tradição oral, que é aquela pessoa que conta várias coisas, né, de vários tempos.
Sirlei da Silva Amaro, griô do Ponto de Cultura Chibarro, Pelotas, RS.

Anima Bonecos

através de Paulo Nazareno



Anima Xokleng: aprendendo e ensinando com a tradição oral indígena

Como coordenador do projeto Anima Xokleng, acredito que o griô aprendiz assume o seu lugar na rede de transmissão oral por ser do mesmo povo e compartilhar os desejos e interesses de sua comunidade, além de ser educador mestre na língua materna do povo Xokleng.

O griô aprendiz é uma referência para o povo Xokleng, e os educadores da escola reconhecem o seu valor e dedicação. A maioria dos professores, sendo indígenas, percebem seu esforço em conquistar sua formação acadêmica e ocupar um importante papel na preservação da sua língua materna e dos costumes de seu povo.

Os conhecimentos tradicionais do povo indígena Xokleng já faziam parte da grade curricular da escola, que já vinha trabalhando nesta linha de atividade. O trabalho da Ação Griô veio para complementar e reforçar o que já estava sendo feito.

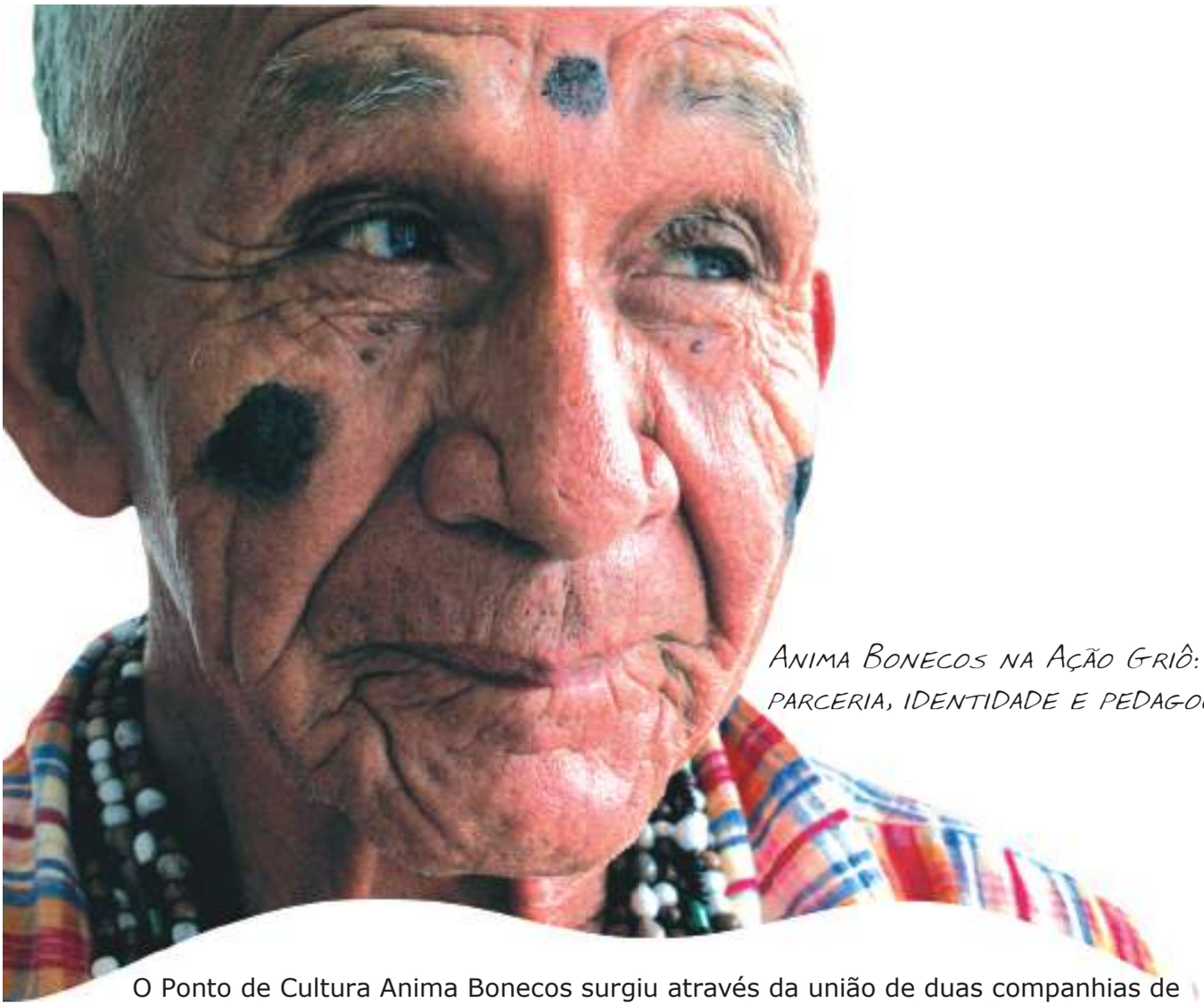
Nesse caso, o griô aprendiz tem grande importância na defesa social-político-pedagógica de sua cultura, sua língua materna, sua ancestralidade. Sinto que falta ainda ao griô aprendiz reconstruir os rituais, o encanto, as vestes, para a construção de seu lugar de encantamento do espaço escolar.

Em relação a isso, vendo de fora, acredito que ainda falta a sacralização dos conhecimentos orais propostos, devido a vários fatores como: interferência religiosa, ritos esquecidos ou deixados de lado.

Acredito que o griô aprendiz sabe da importância de incorporar a missão dessa ação na escola parceira, porque ele é o principal elo de ligação entre as partes envolvidas nesse processo: mestres anciãos, a escola, o Ponto de Cultura e sua comunidade.

"É possível, em conjunto com os griôs e mestres anciãos, nós transmitirmos os conhecimentos tradicionais para os jovens e a comunidade desta Terra Indígena. Porque acredito, que em todos os sentidos, a recuperação dos nossos costumes é relevante para o fortalecimento de nossa identidade como povo. Porque, ao longo da história de contato com a sociedade não índia, foram deixados os costumes tradicionais de lado e o povo está consciente para recuperar".

Nanblá Grakam - griô aprendiz



Anima Bonecos na Ação Griô: parceria, identidade e pedagogia.

O Ponto de Cultura Anima Bonecos surgiu através da união de duas companhias de teatro de bonecos, a Nazareno Bonecos e a Cia dos Bonecos, hoje chamada Trip Teatro de Animação, com um primeiro objetivo de juntarmos as nossas forças para podermos ter um teatro próprio, com ateliê e biblioteca buscando pesquisar, produzir e apresentar os nossos espetáculos.

O ponto reconhece e se identifica com a missão da Ação Griô, de grande importância e valor étnico-sócio-político-cultural, para que não se percam as conexões com as origens ancestrais em todos os aspectos de nossas vidas.

O Ponto de Cultura dispõe de uma boa infra-estrutura para as inúmeras atividades que realiza no Ponto. Mas, apesar disso, consideramos insuficientes os nossos equipamentos para atender com mais qualificação às ações na Terra indígena, devido à distância e, principalmente, às dificuldades de comunicação (não há internet, apenas um telefone celular com a direção da escola).

O projeto Anima Xokleng da Ação Griô potencializa a relação religiosa e étnico-cultural no Ponto através da troca de experiências realizadas nos espetáculos de teatro de bonecos e em encontros de intercâmbios, porém ainda não da maneira como o Ponto gostaria. Temos grandes dificuldades, devido à não previsão orçamentária da Ação Griô no plano de trabalho do Ponto de Cultura.

A equipe da Ação Griô vem sistematizando suas práticas pedagógicas através de avaliação conjunta com griôs, escola, lideranças comunitárias e o Ponto, para descobrir outras novas formas de construílas, ultrapassando assim os muros da escola, porque entendemos que a aprendizagem acontece em todos os lugares.

Como coordenador do projeto, tenho socializado o maior número de informações possíveis com as demais pessoas do Ponto, para garantir um melhor desenvolvimento, apoio e esclarecimentos da Ação.

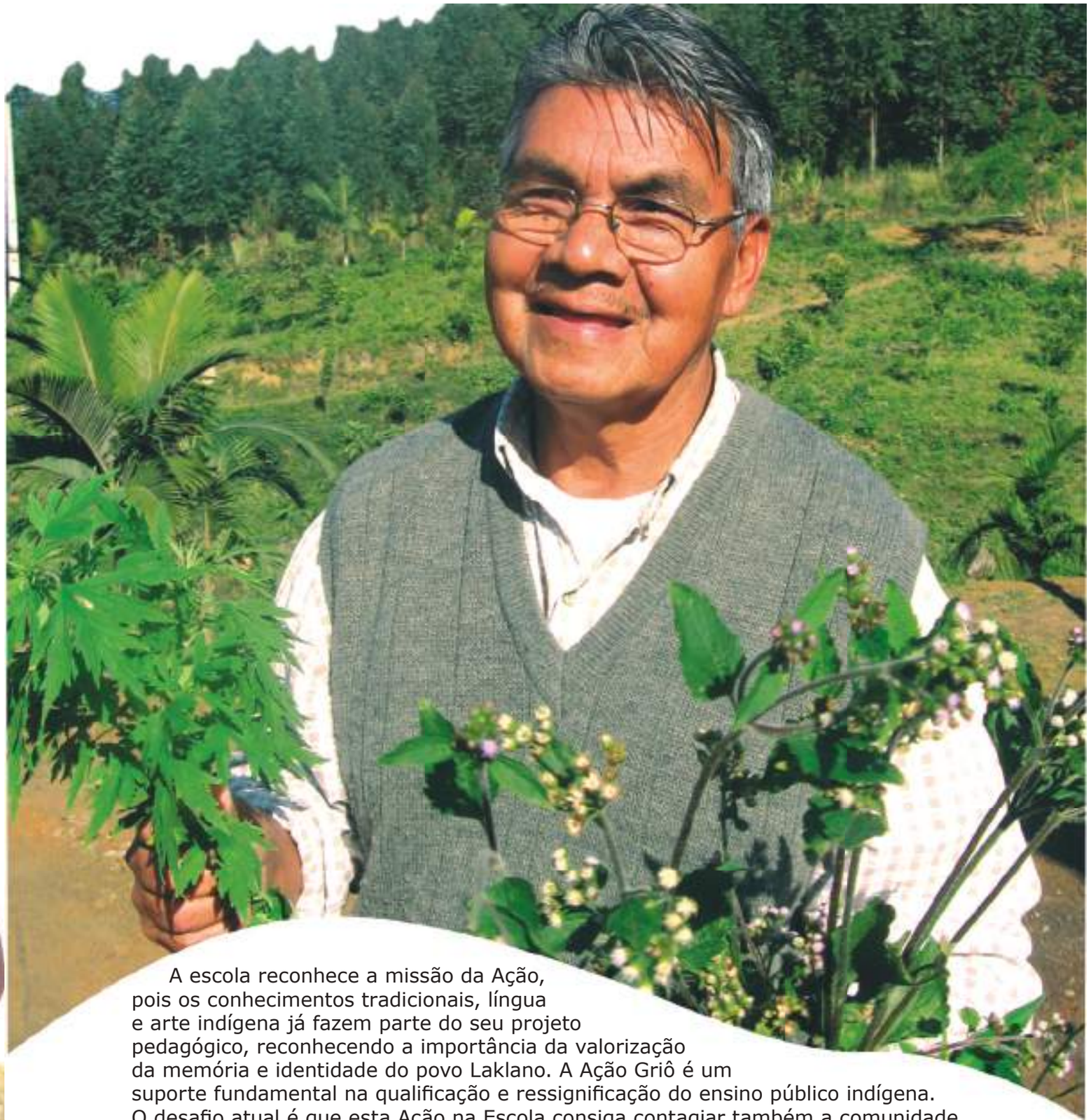
Creio que estamos todos aprendendo juntos durante esse processo de auto-conhecimento, em que tivemos muitas conquistas valorosas e inesperadas. Porém, não podemos negar que, no caminho, foram surgindo dúvidas e dificuldades, com relação à sistematização das práticas pedagógicas, aos deveres e ao lugar de cada um na Ação. Em alguns momentos, o próprio coordenador do projeto viu a necessidade de também assumir uma postura de griô aprendiz, com atividades dentro da escola, principalmente na relação com os mestres, griôs, lideranças e comunidade. O importante é estarmos abertos às críticas construtivas e dispostos a aprendermos, nos qualificando ainda mais e construindo juntos a pedagogia ideal para cada realidade.

Ação Griô em uma escola indígena: Desafios e práticas pedagógicas

Posso dizer que vejo coerência entre o projeto apresentado para o edital e a prática na escola e na comunidade, porém sempre teremos novos desafios a serem superados.

O projeto está sendo desenvolvido dentro da escola que fica dentro da comunidade indígena, com alunos do ensino Básico. Encontramos em nossa prática algumas dificuldades com relação à interação da cultura tradicional com o sistema formal de ensino, bem como na própria infra-estrutura da escola. Por isso, identificamos a necessidade de fortalecer a Ação também com uma maior inserção dos trabalhos do Ponto junto à comunidade.

A escola tem grande potencial para ampliar ainda mais a disponibilidade de tempo e comprometimento com as atividades da Ação Griô. Os educadores passaram a potencializar a valorização da convivência religiosa e étnico-cultural junto aos alunos, através de vivências e atividades com mestres e griôs. Existe hoje respeito e diálogo entre a escola, educadores e griôs, porém essa relação pode ser ainda mais afetiva e encantadora para todas as partes envolvidas



A escola reconhece a missão da Ação, pois os conhecimentos tradicionais, língua e arte indígena já fazem parte do seu projeto pedagógico, reconhecendo a importância da valorização da memória e identidade do povo Laklano. A Ação Griô é um suporte fundamental na qualificação e ressignificação do ensino público indígena. O desafio atual é que esta Ação na Escola consiga contagiar também a comunidade como um todo, no sentido do reconhecimento de sua identidade e ancestralidade...

Os griôs e mestres têm sentido a necessidade de ampliarem suas ações, no sentido de sua emancipação, se empoderando de seus anseios, desejos e necessidades. Para isso, estão se organizando em uma associação, para poderem realizar outros projetos de sua própria autoria junto ao povo Laklano.

Posso dizer que a comunidade indígena passou a produzir e a valorizar ainda mais a sua cultura, sentindo até a necessidade de construir um espaço (Oca) para produzir, expor e vender seu artesanato para visitantes da aldeia, aumentando assim sua renda familiar, sem ter que sair a perambular pelas cidades vizinhas, esmolando a sua valorosa arte.

A Ação Griô trouxe o reconhecimento dos mestres anciãos, fazendo-os perceber a grande importância dos seus conhecimentos e a vontade de compartilhá-los com os mais jovens e a sua comunidade em geral, para assim garantir um futuro e uma qualidade de vida melhor dentro da Terra Indígena.

Um projeto como esse só vem a qualificar a formação dos educadores, fortalecendo seus vínculos de afetividade com seus alunos e a comunidade. Como a Ação Griô é recente e inovadora, ainda não podemos mensurar os níveis de auto-reconhecimento ainda possíveis de se conquistar.

Os estudantes têm aprendido, principalmente, a reconhecer e a valorizar sua cultura, o seu lugar e o respeito aos mestres anciãos. O griô aprendiz acredita que, em todos os sentidos, a recuperação dos costumes tradicionais é relevante para o fortalecimento da identidade desse povo indígena.

Mitos e Histórias de Vida dos Mestres

Por Paulo Nazareno

História de vida foi relatada pelo Griô Antônio Cuzung Copacan, nas primeiras vivências com jovens da escola indígena, ressaltando a importância da preservação da cultura de seu povo e como foi o seu despertar para o reconhecimento de sua ancestralidade.

Copacan, 68 anos de vida, é conhecido em seu meio pelo nome "Ka", sendo grande conhecedor das histórias de seu povo. Ele, com sua família, já moraram na cidade, mas voltaram, porque queriam criar seus filhos ao modo da cultura indígena.

O Despertar

Nessa ocasião, Copacan estava morando e trabalhando na reserva indígena Laklanõ, tirando madeira do mato para alguma empresa. Sua esposa freqüentemente lhe pedia para trazer madeira para fazer arco e flecha.

Ele, meio contra a vontade, ia trazendo. Dona Iocô, de vez em quando, mostrava-lhe a produção e pedia sua opinião, se estava bonito e tal. Seu Copacan falava que sim, que estava bonito, mas em seu íntimo não dava muita importância e valor àquele trabalho artesanal.

Certo dia, Dona Iocô já tinha feito bastante flechas. Então ela chamou Copacan para ir com ela vender os artesanatos. Copacan desconversou, dizendo que não estava bem, que estava indisposto, aproveitando que já estava deitado em sua cama.

Dona Iocô então chamou as crianças, pegou seu precioso artesanato e foi para a estrada. Enquanto isso, seu Copacan ficou em casa pensando: "quando ela chegar, vai brigar comigo".

No fim da tarde, Dona Iocô e as crianças chegaram carregados com sacolas de alimentos nas duas mãos. Foram entrando em casa contentes e chamando por Copacan para ver tudo o que haviam ganhado.

Seu Copacan saiu do quarto um pouco disfarçado, meio sem jeito, olhando todas as sacolas de alimentos e logo percebeu que não havia mais nenhum fardo de flechas, mas não quis perguntar nada, de vergonha e medo de levar um xingão da esposa...

Logo em seguida, Dona Iocô meteu as mãos no bolso e retirou um monte de dinheiro, resultado da venda dos arcos e flechas. Dinheiro superior a mais de três meses de seu trabalho no mato, sem fazer força bruta.

A partir desse dia, ele prometeu a si mesmo nunca mais desvalorizar a sua cultura, e passou a ajudar sua esposa a preparar e vender o artesanato, por entender a riqueza que eles têm em suas mãos.

Mito aprendido com Vei-tcha Uvanheccu Teie, 73 anos, mais conhecido na comunidade indígena como Veitcha – mestre da tradição oral

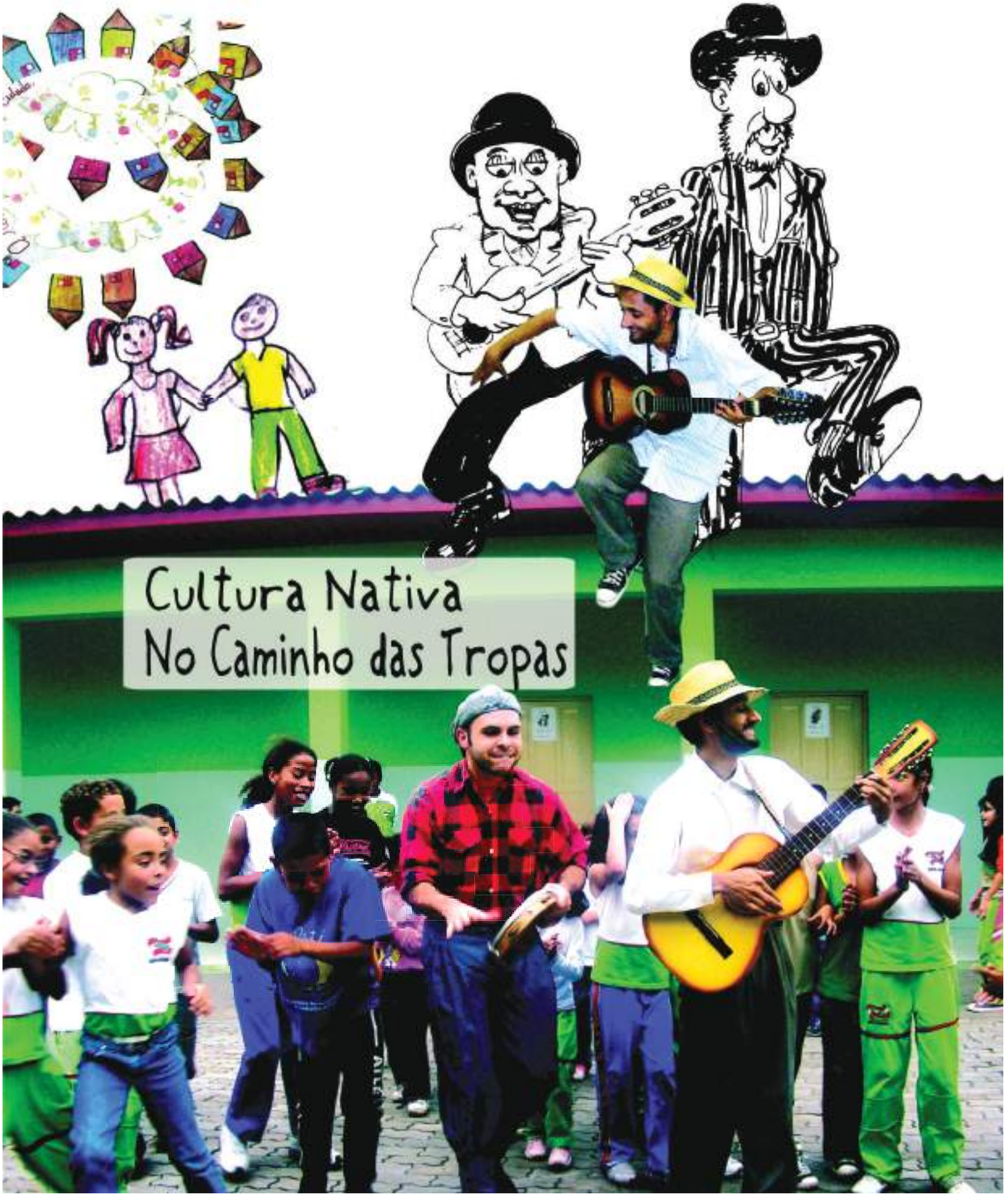
Na época do dilúvio, tinha um "espiritista" (Kujá) que conversava com o espírito das palmeiras. Então, quando as águas começaram a subir, ele pediu para que o espírito da palmeira abaixasse, e subiu com seus parentes na copa da palmeira, que foi levantando na medida que as águas subiam. E eles ficaram lá em cima da palmeira, esperando as águas abaixarem.

Para saber quando iam poder descer, eles jogavam o côco lá de cima, esperando ouvir o barulho: "glub, glub". As águas não tinha baixado. "Ploc": barulho que caiu no chão. As águas baixaram.

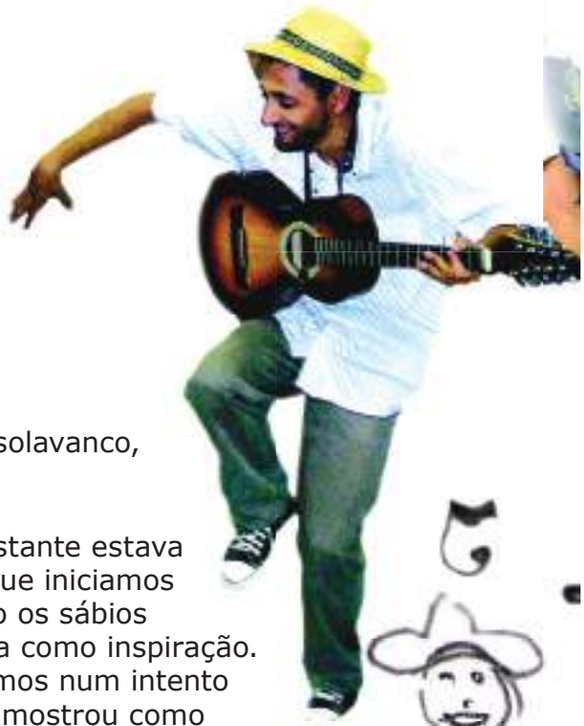
O espiritista então disse à palmeira para descer. Aí, como eles eram todos parentes, o kujá pintou símbolos nos rostos que os diferenciavam, e, através deles, saberiam os que podiam ou não se casar.

A gente tinha uma religião, a gente tinha um deus, uma tradição. A gente respeita o deus de todas as pessoas. O deus do índio também tem que ser respeitado.

Griô Vei-tcha Uvanheccu Teie


Cultura Nativa
No Caminho das Tropas

Mestre da Oralidade Serrana, Sábios Semeadores de Sonhos



Minha mãe se chamava Maria
Meu pai se chama Miquelão
Eu me chamo Grilo Seco
Contador de Causo seu irmão

Versando essa quadrinha, fui puxando pela memória e, num solavanco, me lembrei como fui chegar aqui.

O mais inusitado foi varar a encruzilhada e perceber que o distante estava próximo, e o próximo estava querendo se mostrar. Recordo que iniciamos utilizando os sábios da vida como inspiração. Seguimos num intento que se mostrou como missão: semear sonhos e revelar facetas da ancestralidade do povo serrano. Hoje, em nosso trecho, ainda estamos em construção.

O pouco que se fez serviu-nos de lição... Gostaria de relatar e causiar o que meus olhos viram e o coração sentiu. No caminho do aprendizado, não posso esquecer aquele que está do meu lado nessa missão, o assistente geral Testa de Lampião, que serve de comparsa na construção dessa Ação.

Mestre Mandraqueira Maria Inês e a árvore griô

Professora Mascarada

Juntos, aprendemos a reverenciar a sábia Mandraqueira Maria Inês, que nos ensinou que o segredo da vida está em viver e nunca deixar-se esmorecer. Mas foi a Dulce Véia que nos ensinou esta lição: o oral também é escrito, e que o sonho versado fica bonito! Das tristezas, das alegrias e dos acontecimentos, Dulce Véia faz versos e poesia em formas décimas (tipo cordel).

Tio Miga, não precisa nem falar... Ele é meu pai e na vida me ensinou a lutar. A mim e ao Testa, muitos causos a contar.

Com o seu Zélio, aprendemos a amar a tradição de laçar, e um bom carreteiro apreciar. Mas foi com a Dona Gorete que aprendemos a dançar xote e vanerão.

Tio Miga

Dona Gorete

Seu Zélio

Escola antes da Ação

Na escola Visconde de Cairu, à qual, juntos, em cortejo, chegamos, as portas estavam abertas, os corações desconfiados. A solução foi recorrer ao Grãos de Luz e Griô, que nos inspirou a ressignificar a pedagogia griô em pedagogia da cooperação e do amor.

Foi num encontro da Regional da Terra que reafirmamos o nosso compromisso de aprendiz, de mestre, de griô. O compromisso é encantar para os sonhos aflorar.

Vivendo o sonho com os alunos, professores e comunidade, pretendemos dialogar, pensando em oferecer antes de receber. Conceituamos a nossa ação em: falar, fazer e viver, em que cada idade é atendida conforme solicitação. Nada é deixado de lado. Assim juntamos o nosso grão ao Grãos de Lençóis, na intenção de afirmar uma rede de transmissão da cultura popular.

A trajetória do griô aprendiz, como ator e pesquisador da cultura popular serrana, facilitou o desenvolvimento de conteúdos e didáticas, buscando a readequação das práticas a potencialidades regionais e locais. O que ficou claro para nossa equipe foi a pedagogia griô como inspiração para a construção do conhecimento a partir de nossa realidade específica, um grande estudo e mergulho em nossas raízes, descobrindo outros mestres e saberes relacionados à nossa prática e a outras manifestações da cultura serrana. Extrapolamos assim a idéia simples de reprodução de métodos e compreendemos a dificuldade e ousadia que representa a proposição de um edital dessa natureza em esfera nacional. Em termos objetivos, há coerência entre os conceitos fundamentais que orientaram a construção do projeto e os pressupostos que disciplinam a execução da Ação, mantendo e desenvolvendo a gênese da idéia.

No âmbito das atividades da Ação, sua força foi direcionada para a educação, algo que antes se restringia ao fazer artístico.

O conteúdo aplicado com os mestres é pensado e agregado ao diálogo com os professores, viabilizando o projeto pedagógico. A percepção que tivemos neste primeiro ano de trabalho reitera a opinião de que as ações vão surtindo efeito à medida que são vivenciadas, avaliadas e continuadas com experiências de educação na escola.

Em termos de Ação Griô, a condução vem sendo ampliada juntamente com a educadora, que participa na teorização e construção da mesma. A Associação Cultural Matakiterani já trabalha com pesquisa e difusão de cultura popular há sete anos, e construiu nesse tempo um método voltado especificamente para a criação artística. No âmbito da Ação Griô, está adaptando suas experiências dentro da perspectiva educacional. Com a bênção de São João Maria, nosso andante milagreiro, quero agora encerrar, tenho muito a fazer e mais nada a falar.

Grilo Seco - Associação Cultural Matakiterani

"Na capoeira não adianta só ganhar o cordão, também tem que ter paixão"
Camila Franco Martins – 12 anos – 6ºA

CEACA

A maestria de Alcides

Queremos provocar um diálogo entre cultura popular, a tradição oral, e a cultura formal, usando como fio condutor a capoeira, o maculelê, o samba de roda, o samba duro e o côco, e com grande reforço na oralidade que entendemos ser o princípio do verdadeiro griô (Dieli em Bambara).

Eu vou fazer uma homenagem,
Do fundo do coração,
Não quero que batam palmas,
Quero que prestem atenção
Pros meninos da Ação Griô,
Isto serve muito bem,
Eles cantam, jogam e dançam,
Eles sempre me querem bem,
Quem falar mal dos meninos,
Não gosta de mais ninguém,
Ê, ê, ê, ê, diLelê
Ê, ê dilelê camará...

Alcides de Lima, mestre de Tradição Oral

"Espero que ela continue sempre dando valor à capoeira e ao professor que é muito dedicado e atencioso com os alunos, e que mais tarde ele também passe tudo isso de bom que ela aprendeu para essa geração que vem vindo. Gosto da proposta porque ela faz com que a criança se interesse mais pela escola, e não vá à escola só para ler e escrever"

Mãe Hortência Ferreira de Mattos

Nosso desafio aqui é fazer com que a escrita dialogue com o mundo da oralidade, ande com ela. As crianças e adolescentes possam ler emoções nos semblantes dos seus pares, possam observar as estrelas, o sol no horário de saída para a escola, observando se é necessário levar agasalho. Quando manusear em um instrumento, explorar quais notas musicais possam tirar. Essa leitura ágrafa lhes dará condições riquíssimas no seu desenvolvimento cognitivo.

A tradição oral tem como característica fundamental a incansável repetição fidedigna do discurso do fato narrado, isso para que haja uma reprodução da narrativa daquilo que deve ser repassado das antigas gerações para as novas. Faz-se necessário uma linguagem simples e associada a dinâmica do dia-a-dia do indivíduo (pode ser um conto ou um mito ligado "a ancestralidade daquele grupo) e/ou de sua comunidade.

"Capoeira é conhecimento das nossas tradições culturais Afro-Brasileiros, é disciplina, respeito por todos os idosos e novos professores e alunos" Pai Julio Cesar de Campos

"É desenvolvimento físico e social, a capoeira desenvolve a criança em todas as situações" Pai Wagner Eduardo Ogata

A hierarquia e o reconhecimento da sabedoria dos mais velhos é um dos pontos fundamentais, é o ápice do fundamento na manutenção das tradições da oralidade. Isso se reconhece e se expressa nas manifestações dessa comunidade, tais como: festas religiosas, casamentos, rezas e rituais de passagem.

"Um dia eu queria um esporte só para mim, que tivesse a minha raça, com o Brasil dentro de mim. Ele se chama Capoeira como o Brasil sempre quis" Stephane dos S. Moreira, 12 anos, 6ª série

Analiso fatos ocorridos nas vivências e oficinas, nas conversas com crianças, adolescentes e adultos da escola e da comunidade onde atuo. Uso essa prática para contextualizar a fala das pessoas e para que elas possam passar de objeto a sujeito de suas ações. Sempre registro com fotos ou trabalhos escritos, inclusive comentários que ouço de alguém sobre o trabalho ou sobre cada tema. Os nomes dos autores são fictícios quando podem comprometê-los. Quando é uma letra de música, se não for de domínio público, cito o autor. Trabalhamos com um público de crianças, adolescentes e adultos. Somados são mais de 500. Com exceção do mestre Durval, trabalhamos em equipe e todos com as mesmas modalidades, só que em grupos diferentes.

As oficinas são de capoeira, samba de roda, samba duro, maculelê, puxada de rede e côco. Todas elas têm parte histórica e parte prática.

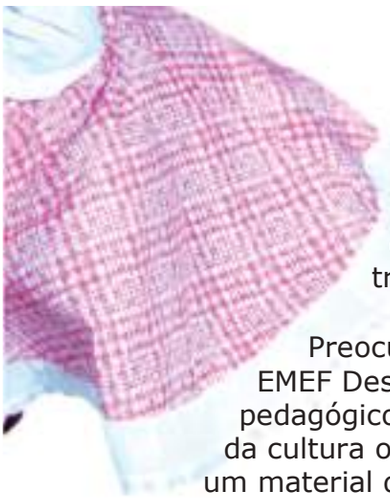
"Um capoeirista joga sempre com o coração/ capoeira é pra homem, menino e mulher/ só não joga quem não quer capoeira é brasileira/ quem criou é de angola/ depois de muita luta/ veio parar na escola".

Diego de Souza Cardoso - 14 anos - 6ª série A

Na vivência de uma das oficinas analisei a letra de uma música cantada por Clementina de Jesus: *"Xique xique Macambira/ filho de preto d'angola/ inda bem não sabe lê/ já qué sê mestre de escola".*

Nessa quadra podemos observar a fala ou o recado de alguém que conhece os fundamentos da tradição oral: ele está criticando um mais jovem que acha que está acima dos mais velhos. É como no ditado "quer ensinar Pai nosso ao Vigário". Isso geralmente é cantado quando se quer mandar um recado a alguém, e ele deve entender a mensagem, mas muitos não entendem. Quando vejo nos olhos atentos muita ansiedade querendo aprender tudo em muito pouco tempo, como na Internet, eu digo "oxotokanxoxo", que significa "paciência, paciência e muita paciência". É a mitologia do arqueiro de uma flecha só, Rei de Oyó (Oxóssi).

Na parte histórica contamos a origem e onde é praticada cada atividade cultural, qual o objetivo e a época do ano que acontece. Temos as indumentárias para cada uma das modalidades que trabalhamos. As crianças aprendem as letras das músicas e as coreografias de todas as danças, e apresentam em ocasiões festivas da escola e apresentações fora da escola. Todas as crianças aprendem os instrumentos.



Nossas atividades fazem parte da dinâmica pedagógica da Escola Des. Amorim Lima. As oficinas fazem parte do currículo escolar da 1ª a 5ª séries todos os dias de semana; além de três dias por semana para a comunidade.

Preocupados com a qualidade do ensino da capoeira na escola EMEF Des. Amorim Lima e o seu alinhamento com o projeto pedagógico da escola no que diz respeito à qualidade e valorização da cultura oral, o CEACA volta os seus esforços para a construção de um material didático para as aulas de capoeira ministradas no currículo escolar.

Este material tem como objetivo dar apoio às aulas práticas já ministradas sobre os conhecimentos da capoeira e do côco e os elementos que as constituem, ajudando as crianças na construção das relações no espaço da escola e da sua vida cotidiana, além de fazer parte do processo avaliativo e comparativo do desenvolvimento da criança quanto à capoeira.

Caminhada de griô aprendiz de Rodrigo Pança

Olha agora eu vou cantar
quem quiser pode ouvir
quem quiser diga que não
ai meu Deus, quem quiser diga que sim.
Abomino a escravidão
quem quiser que ache asneira
se não fosse o negro esperto

O Método do Ceaca

"Eu quero ser um profissional de capoeira, espero que a capoeira cresça mais e mais, minha família gosta muito que eu faça capoeira"

Kauã Paulo de Oliveira – 08 anos

"É uma forma deles verem o mundo Com outros olhos"

Mãe Rosilane Silva

O Ceaca segue alguns passos para dialogar com o currículo da escola:

1 - Escolha de temas relacionados com a capoeira (capoeira, ritmo, samba de roda/duro, maculelê, Zumbi dos Palmares e Puxada de Rede).

2 - Desenvolvimento de material de apoio sobre os temas com a preocupação de não fugir daquilo que foi proposto nas aulas práticas e do cotidiano escolar e familiar da criança, para que não ocorra uma descontextualização do material teórico oferecido.

3 - Facilitação de aulas práticas no tema, segundo planejamento já trabalhado pelo CEACA, com: apresentação do tema, atividades lúdicas, contextualização histórica e prática, curiosidades, valorização cultural, vivência, roda de conversa; apresentação do material didático explicando o que ele propõe; leitura conjunta do material com professores e crianças; debate geral sobre o tema;

4 - Análise do material pelos professores com reunião para análise na semana seguinte.

"Espero que ajude na disciplina pessoal dele e que ele possa conhecer as raízes da cultura de onde começou esse jogo-dança, e também quem sabe conhecer até outros países"

Mãe Maria das Graças da Silva

"Eu gosto muito, pois faz com que a criança seja mais participativa, comprometida e principalmente feliz"

Pai Márcio P. Pereira

O Ceaca

Todo projeto pedagógico do CEACA, Centro de Estudos e Aplicação da Capoeira, é fruto de longa caminhada que remete ao final dos anos sessenta (1969), quando Mestre Alcides, na USP, iniciou com Mestre Eli Pimenta sua volta ao mundo da capoeira. Dedicando-se ao caminho da arte, procurou sempre buscar a história e a cultura contida no universo da capoeiragem. Em 1988 fundou o C.E.A.CA (Centro de Estudos e Aplicação da Capoeira), tendo como objetivo principal a formação de um grupo de pesquisa Cultura e Educação usando a capoeira como método de ensino e aprendizagem, tendo como resultado materiais didáticos pedagógicos, apostilas, registros, CD`s e DVD´s, os quais fazem parte do acervo do CEACA, para elaboração de trabalhos destinados aos alunos.

A partir de 1990 esta idéia se materializou com projetos de cultura popular brasileira em escolas de ensino fundamental localizadas em São Paulo e na universidade de São Paulo, com o "Projeto Minha História", em parceria com o Departamento de História da USP, destinado a crianças das comunidades do entorno da Universidade. Por esse projeto desenvolvido teve participações no Laboratório de Estudo da Criança (LACRI), no Simpósio Nacional coordenado pelo Instituto de Psicologia da USP nos anos de 1995 a 1999. Neste mesmo período Mestre Alcides recebeu o convite dos Departamentos de Antropologia, Dança e Música da Universidade Estadual do Colorado, na cidade de Fort Collins-USA, para atender crianças com a faixa etária de 6 a 10 anos.

Em abril de 2000, através do "Projeto Crer Pra Ver", com uma equipe de agentes multiplicadores já capacitados, o CEACA iniciou um projeto de cultura popular brasileira na EMEF Des. Amorim Lima, que atendia toda comunidade escolar e comunidade do entorno. Em 2004, passou a integrar o projeto pedagógico da escola, e em 2005 foi selecionado pelo edital Ponto de Cultura tornando-se o "Ponto de Cultura Amorim Rima". Sendo Ponto de Cultura, o CEACA ampliou suas ações com o Projeto Ação Griô, valorizando e reconhecendo os mestres dos saberes populares que são nossos acervos vivos.

Mestre Durval deixa seu recado para o presidente: Ele seguiu com os versos:

"É quinze, quatorze, treze
Doze, onze, dez e nove
Só faz lama quando chove
Nas terras de Garanhuns
Pássaro Preto é o Anum
Que tem um vinco no bico
Oito, sete, seis, cinco
Quatro, três, dois e um".

(coro) Senhor presidente
Tenha de nós compaixão
Se não congelar os preços
Dinheiro não resolve não

(Improviso)
Veja que a nossa nação
Tem muitos passando fome
Nós precisamos de um homem
Pra governar o povão
Falta arroz, falta farinha
Alguns que criam galinha
Que façam a composição

(Coro) Senhor presidente
Tenha de nós compaixão
Se não congelar os preços
Dinheiro não resolve não

A Maestria de Durval

Durval é mestre griô da tradição oral no Ponto de Cultura Amorim Rima e realiza um trabalho com a cultura popular voltado para o currículo escolar e a comunidade em torno. Considera o côco de raiz uma forma de comunicação, de expressão e de transmissão de conhecimentos através da musicalidade, da expressão verbal e corporal.

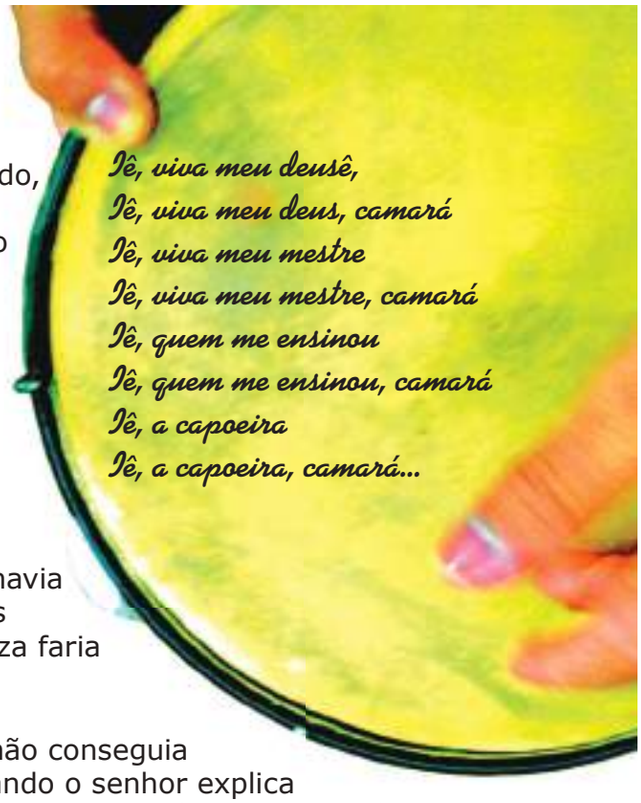
A musicalidade se desenvolve nos instrumentos com o ritmo do côco, numa linha melódica representativa de um lamento, uma louvação, uma saudação, ou de qualquer outro tema cotidiano.

A dança característica do côco é em roda com um par ao centro. Tem o passo ritmado pelo batuque do atabaque, do ganzá e o pandeiro. Os dançarinos representam a expressão da manifestação através da espontaneidade da brincadeira com os seus corpos.

A caminhada do griô aprendiz Rodrigo Pança

Minha caminhada de iniciação na cultura popular começa em 1996, quando pela primeira vez tive contato com a capoeira e com os mestres Alcides e Dorival. Na época eu tinha 13 anos e passei a integrar o projeto "Minha história", idealizado e desenvolvido pelo Mestre Alcides em parceria com a Faculdade de História da USP. Esse projeto era destinado às comunidades da região do entorno da USP, cujas crianças ficavam perambulando pelo campus.

No inicio do projeto, nos reuníamos semanalmente na frente da Faculdade de História e descíamos até os alojamentos dos estudantes da USP (CRUSP), onde o mestre Alcides tinha uma sala para ministrar as aulas de capoeira.



Quando cheguei lá pela primeira vez, fiquei com medo, meio desconfiado; não sabia se aquilo valeria muito pra minha vida... mas sabia que estava ali e que não tinha mais volta! Com o passar das semanas, dos meses, fui gostando do que aprendia e me sentindo mais à vontade, até que comecei a perceber que o conteúdo ensinado pelos mestres não era algo momentâneo. Não é algo que o aluno aprende somente na aula e que acaba com o fim dela. Percebia que algo mais profundo pairava naquele espaço nos momentos das aulas de capoeira; algo orgânico, cheio de vida, que me fazia querer mais. Podia sentir que grande parte do que era ensinado havia sido anteriormente vivido pelos mestres e que essas vivências fizeram sentido para eles e que com certeza faria sentido para mim também.

Uma vez fui me queixar para o mestre Alcides que não conseguia tocar os instrumentos da capoeira. Disse a ele: "quando o senhor explica como se tocam os instrumentos, o berimbau, o atabaque, o pandeiro e o agogô, consigo entender tudo. Mas quando coloco em pratica não sai! Por quê?" E o Mestre me respondeu: "Oxotokanxoxô, meu filho! Você tem que ser persistente". Naquele momento, a resposta dele não fez sentido algum. Eu queria uma resposta mais concreta, que solucionasse de vez a minha dificuldade de tocar os instrumentos.

Muito tempo depois o Mestre Alcides me contou um mito de "Oxossi, o caçador de uma flecha só". Oxossi, tendo apenas uma única flecha, tinha que ser certeiro pois, se errasse a flechada, desperdiçaria sua chance de acertar a caça e deixaria de levar alimento para seu sustento e de sua tribo. Para que isso não acontecesse, era imprescindível que ele fosse muito paciente, para não errar o alvo.

Em seguida o mestre também falou que oxotokanxoxô quer dizer: paciência, paciência e paciência.

Só a partir desse momento pude realmente entender o que ele queria me ensinar naquele momento da minha infância em que eu não conseguia tocar os instrumentos; o que ele queria me dizer com suas palavras era que eu deveria ter paciência e ser persistente nos aprendizados que vinha adquirindo na capoeira e principalmente na vida, porque quando alguém está no caminho certo, tudo tem sua hora e momento de acontecer. Basta ter paciência e não desistir.

Foi assim. E é assim até hoje que vou aprendendo no CEACA. Com esse jeitinho mineiro de ser do Mestre Alcides, misturado com o jeitinho paranaense de ser do Mestre Dorival, fui vivendo a cultura brasileira, e hoje posso afirmar que os mestres fizeram escola: a escola da vida.

Chibarro Mix Cultural

por

Paulo Sérgio Barbosa

Chibarro chegando na Ação Griô

Chegamos à escola com ossos instrumentos: sopapo, violão e xequerê. Enquanto nos preparávamos para o cortejo, os pais dos alunos nos observavam curiosos. Seguimos nossa caminhada pela escola visitando as salas. Para chegar, inventamos a canção *Chegou Chegou.*

Para realizar o trabalho da Ação Griô na escola, dialogamos com as referências do livro da Pedagogia Griô do Grãos de Luz e Griô, mescladas aos jogos e exercícios da Pedagogia do Teatro do Oprimido, colocando o corpo no centro da atividade, como também nos inspirou Fátima Freire, nossa assessora regional, afirmando a utilização pedagógica dos instrumentos, das brincadeiras, das cirandas, da musicalidade e da criação a partir de improvisações, apoiados pela griô regional.

Começamos a sistematizar nossa metodologia para encontrarmos nosso caminho próprio, o que vem sendo sempre transformado no decorrer do trabalho. Essa forma encantada de ensinar e aprender muitas vezes bate de frente com a educação formal. Estamos tentando quebrar esta postura rígida da escola, principalmente em relação ao corpo.

Formamos um círculo, nos apresentamos. Os estudantes chegam um por vez ao centro da roda e, olhando para todos, sorriem e dizem seu nome bem alto. Ao final todos são aplaudidos. Conversamos sobre a origem do bairro Fragata, local de residência da maioria dos alunos. Recolhi informações sobre a história do bairro. Após iniciarmos a montagem dos instrumentos para a bandinha, a Griô Sirley recomendou que cortássemos fitas coloridas para enfeitar os instrumentos.

Chegou, chegou
Oh, na escola, quem chegou
Ação Griô já chegou
Já chegou, já chegou
Chegou para dançar e ensinar,
Chegou para contar histórias
que não passam na TV
Chegou para cantar e dançar
Ação Griô já chegou.

(Paulo Sérgio Barbosa, griô aprendiz)

Inicialmente, nossa seqüência estava muito voltada para o currículo escolar, a partir de métodos mais convencionais. Começávamos as atividades com os alunos sentados e eu falando sobre um tema relacionado a algum evento histórico da cidade de Pelotas, previamente articulado com a professora parceira. A partir dos aprendizados no Encontro Regional, passamos a explorar a força da roda, a energia que emana dessa célula e a valorização da identidade de cada ser que a compõe.

A formação da roda foi um diferencial importante. O que parecia ser uma ação simples se transformou em uma prática pedagógica constante, que permitiu o exercício do olhar, do observar e ser observado, momento de afirmação de identidades. O contato físico ainda é um desafio. Muitos se constrangem até de pegar na mão de um colega menos chegado. Atualmente, temos realizado atividades em duas escolas, em uma trabalhando com séries iniciais, e, na outra, desenvolvendo uma ação direcionada ao curso de magistério do Colégio Pelotense. Nossa intervenção no espaço escolar hoje é muito mais rica e profunda.

A pedagogia griô contribuiu efetivamente na prática pedagógica de nosso ponto de cultura. Tanto eu como os mestres e griôs conseguimos nos aproximar dessa pedagogia mais pela prática que pela teoria. É no fazer que exercitamos essa pedagogia.

Descrição de uma vivência da Ação Griô no Colégio Pelotense:

1. As pessoas levantam-se e formam um círculo.
2. Todos ficam descalços para entrar em contato com a terra.
3. Damos as mãos. Cuidamos do constrangimento de algumas pessoas.
4. Na tentativa de elevar a auto-estima, convidamos um a um para ir ao centro da roda e se apresentar.
5. Propomos para o grupo conversas e cantorias. Apresentamos marchinhas de carnaval e cirandas, proporcionando a experimentação do samba de roda.
6. Realizamos oficinas de produção de instrumentos musicais a partir de materiais reciclados. Ou oficinas de fuxico com contação de histórias da Griô Sirley e do Mestre Baptista.

Desdobrando a Ação Griô na vida comunitária

Falamos sobre o valor das crianças escutarem os mais velhos e resgatarem a sabedoria e valores perdidos. Assim poderemos avaliar a evolução de tudo que está contido em nossas vidas.

O contato com a pedagogia griô e a descoberta do princípio biocêntrico como diferencial nas práticas educativas têm sido compartilhados especialmente com grupos culturais, em reuniões e debates sobre a cultura afro-descendente. A partir desses relatos do projeto, alguns estudantes da área de educação despertaram o interesse por essa pedagogia diferenciada, que valoriza a tradição oral, o vínculo proporcionado pela roda, a musicalidade e a afetividade. Abrimos um canal de diálogo com a academia, importante para fortalecer nossa caminhada.

Em ciclo de debates sobre a cultura e o pensamento negro realizado no Clube Cultural da cidade, o livro da pedagogia griô foi citado como referência da valorização da oralidade e dos saberes do povo. Nas atividades da Semana da Consciência Negra, os griôs participaram ativamente da organização, mas foi propondo brincadeiras e cantigas de roda que cativaram o público presente no largo do mercado público.

Parcerias, ComunicAção e Sustentabilidade

Através do diálogo estabelecido pela Ação Griô em Pelotas (RS), conseguimos que a secretaria municipal de educação nos fornecesse o material para construção de 20 sopapos (tambores), com os quais iremos formar o grupo Tambores de Pelotas, na escola do bairro Dunas. Firmamos também uma importante parceria com o curso de magistério do Colégio Municipal Pelotense.

Em 2008, através de parceria com a TV Comunitária, canal fechado que tem grande alcance, estamos propondo a edição semanal de um programa educativo e de entrevistas, com duração de uma hora, com o nome provisório "Chegou o Griô". Ainda estamos construindo o formato. A concepção já temos: seria um programa de entrevistas feitas pelos griôs, um momento de descobrirmos e colocarmos em evidência saberes e fazeres populares. Contamos com o apoio do curso de comunicação social da Universidade Católica de Pelotas e com alunos do curso de Especialização em Educação Biocêntrica da Universidade Federal de Pelotas.

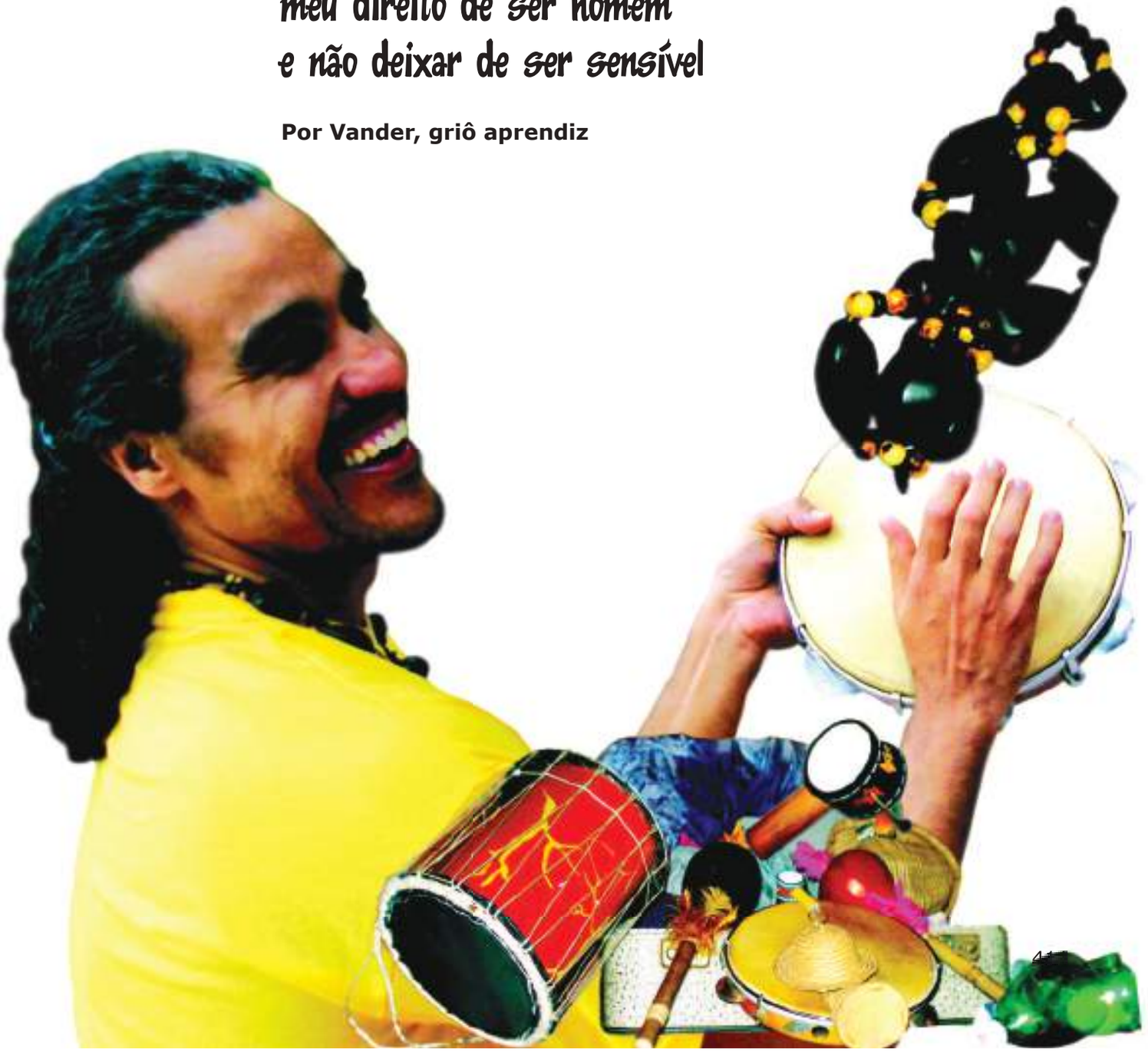
Instituição proponente - Ponto de cultura - Chibarro Mix Cultural, Pelotas, RS

Representante institucional: Eliane Pardo
Griô aprendiz: Paulo Sergio Medeiros Barbosa
Escola: E. Municipal Dunas
Educadora: Denise Silva
Mestre: Neives Meirelas Baptista
Griô envolvido na Ação: Sirley Amaro

De Olho na Cultura

A Ação Griô ajuda a assumir meu direito de ser homem e não deixar de ser sensível

Por Vander, griô aprendiz



O Mestre Griô é a raiz

Eu sou o PONTO de Encontros

Meu chapéu velho da América Central é feito de uma palha trançada por mãos mágicas de mulheres de um país chamado Panamá. Meus sapatos ganhei de um palhacinho (Marcucos) que faz muitas pessoas rirem para elas nunca ficarem tristes. Minha calça eu ganhei de uma mulher que andou muito pelo mundo e tem um olhar de pureza sobre as coisas. Márcia é minha irmã, uma mulher menina, que saiu de casa, no Brasil, aos dezenove anos e encarou a estrada. Com muito pouco estudo, foi parar na França e outros países do velho continente. Desenvolveu trabalhos de rua com teatro e dança. Com uma sensibilidade intuitiva e muita coragem, abriu espaço de participação em companhias de dança, participou de três bienais de Lyon, mas, por algumas facetas do destino, teve que voltar e continuar sua história em Alvorada, onde tudo começou.

Hoje vive nas ruas e bairros de Alvorada, encantando as crianças com suas danças e muitos tipos de malabares que envolvem os jovens em fazeres de montagens coreográficas. Praticamente sem instrução escolar, mas com uma metodologia prática envolvente, tem grupos de jovens em duas escolas da cidade. Sobrevive assim trabalhando como doméstica e educadora popular. Atualmente, levo-a nas caminhadas, com seus encantamentos, para ver a dinâmica do trabalho que fazemos juntos, meu Mestre Tio Neno e eu. Ela tem tudo para estar com a gente em nossas caminhadas. Aprendemos muito juntos.

Chegada em Alvorada

Quando desci, na parada quarenta e oito de minha cidade, há vinte e seis anos, um músico me deu um pandeiro que carrego comigo até hoje. Tenho maracás que os índios Xoklengs de Santa Catarina fizeram e que embelezam as mãos das pessoas que tocam neles. Minhas cantorias, aprendo com vários mestres e griôs. Os que mais considero são o Velho Griô Márcio Caires, de longe, na Bahia, cidadezinha chamada Lençóis; Mestre Gilmar e Dona Olga, sua mãe, do Maracatu Estrela Brilhante de Igarassu (PE), que conheci em 2006, na TEIA (SP); Mestre Afonso, de quem busco encontrar cantorias, através de minhas pesquisas, para embelezar meu trabalho e o Mestre Zé da Terreira, de Porto Alegre, mestre de Samba. Minhas palavras, aprendo a torná-las mágicas e lindas com meu Mestre Tio Neno, que me acompanha e dá a força da minha rima e minhas brincadeiras. Minha alegria vem de meu pai.

Através do vínculo forte que se perpetua com o tempo de vivência, principalmente, entre o Mestre Tio Neno e eu, griô aprendiz, surgiu a essência que mudou o ar da nossa caminhada. Então, a chegada do griô aprendiz nas escolas surgiu junto às turmas de alunos e professores. Nascido em Gravataí, meu Mestre Tio Neno tem nome de Bernardino Fialho, de uma leva de quinze irmãos.

Tio Neno viveu seu mundo de infância na lida dos campos de sua cidade natal, perto das árvores, criação de animais e lavoura. Desse universo de vida o legado que resiste é seu gosto por servir e a humildade. Suas palavras e seu olhar refletem um manto de gentileza, simplicidade e alegria, que se traduz em dividir seu amor pela vida e tudo o mais que puder com as pessoas. Ele é um nome respeitado na história dos andantes da poesia popular, seja ela tradicionalista ou não, em Porto Alegre.

Ver, cantar, ouvir, sonhar

Matraca-samba pra argentino ver: pode ter sido o meu primeiro ouvido musical. Quando tinha apenas seis, sete anos de idade, eu vendia "casquinha" na rua. O material no qual as casquinhas ficavam era um latão enorme que a meninada carregava nas costas, com uma matraca na mão, para chamar a atenção de compradores. No parque Farroupilha, o mais conhecido e tradicional de Porto Alegre, via-se vários meninos com esses latões enormes nas costas, pintados de amarelo com uma lista branca ou verde e branca. Na época, tinha muito turista argentino no parque, que é um parque enorme. Então desenvolvi um ritmo diferente na matraca. A minha diversão não era vender ou ganhar o dinheiro, mas sim o bolo de gente que juntava para me ver tocar a matraca.

Eu ganhei meu primeiro dinheiro assim... e com o dinheiro meus primeiros tênis, bolas de couro, bolitas, piões, chicletes e tudo o mais que uma criança poderia comprar se tivesse o seu dinheiro. E eu, nessa idade, já tinha, pelo simples fato de que meus pais não tinham muitas condições materiais de vida. Aquele sentimento de menino acontece ao reencontrar as árvores, as plantas e ao semear a semente nas vivências com o mundo das escolas de minha caminhada. Minha imagem renasce, viva, pura e quase infantil quando enfrento a construção do griô aprendiz, uma figura mais mitológica de educador; uma eterna busca do sagrado, na troca de conhecimentos com as crianças e os colegas professores das escolas.

Símbolo concreto e vivo

Esse subtítulo é um sentimento que tive no meu primeiro encontro com o Velho Griô Márcio Caires em Presidente Getúlio, Santa Catarina. Estávamos no nosso Quarto Encontro da Ação Griô, Regional da Terra, durante a atividade de recepção de encontros temáticos com a Líllian Pacheco. Ficamos muito sensibilizados naquele momento. De repente, nos convidaram a pegar nossos instrumentos, apenas os griôs aprendizes, e nos direcionarmos a um determinado local da cidade. Foi intrigante porque eu estava tomado do ambiente no qual estávamos trabalhando e, de repente, tive que sair dele... era como se estivesse me desligando de pessoas com quem tive uma vivência muito intensa mas não concluída. Só entendi quando me comunicaram que encontraríamos o Velho Griô.

Quando o vi naquele lugar, à beira de um riacho, ao pé de umas bananeiras e de um (se não me engano) jacarandá lindo, reconstituí a vivência de instantes atrás com as pessoas da sala em que estávamos trabalhando. Olhei para os olhos dos outros griôs aprendizes e notei que estávamos muito felizes juntos naquele encontro. A figura do Velho Griô Márcio Caires saiu do livro, no qual sempre o olhamos, para se tornar figura viva e concreta à nossa frente. Suas palavras tinham uma simplicidade e uma força de história vivida e vívida de suas experiências de caminhadas e aprendizados. As tradições das quais nos falava conduziam minha mente e meu corpo para um tempo no qual o respeito e a poesia andavam muito próximos.

Quando nos fez refletir sobre nossos ancestrais, para que pedíssemos a companhia deles na caminhada que iríamos iniciar, toda uma raiz de meus parentes e amigos que consolidam a pessoa humana que sou me vieram instantaneamente à mente, junto com cada uma das ações e atitudes de meus antepassados, que definem o que realmente sou, para além de minha formação intelectual. Foi muito intenso e vívido aquele momento: as cores das plantas e do céu, os sons, as roupas que usávamos, cada elemento que eu observava nas roupas do Velho Griô.

Tudo mudou muito, na minha sensibilidade, naquele elo que construímos entre nós na roda de preparação que fizemos para iniciar a caminhada com o Velho Griô naquele dia. Certamente não mais esquecerei. Fortificamos nosso elo na caminhada através das cantorias e voltamos para a sala na qual o pessoal nos esperava. Foi muito lindo quando chegamos: fizemos uma roda linda e envolvente.

Ponto de Partida...

O encontro com o Velho Griô foi o ponto de partida para aprendermos a olhar como poderíamos construir nossas maneiras locais de fazer chegadas e saídas das escolas. Eu tive uma preocupação com a montagem de minha indumentária. Todos os detalhes dela teriam que ter um sentido objetivo de vivências felizes e afetivas. É instigante para a gente quando encontramos nossas roupas, porque nos preocupamos com a construção desse encontro e reencontro com os estudantes e professores das escolas. As vestimentas, os símbolos desabrocham: eles existiam em minha vida como presentes que já havia ganhado.

É como me re-busco de uma caminhada em que a pedagogia griô faz ver e rever como vem acontecendo há tempos em meu ser. Eu pouco percebia, como educador, a força educativa de minha história pessoal. Os símbolos vêm dali, de dentro de minha casa, dos meus amigos, dos meus parentes, dos meus mestres e vão tomando o lugar onde me organizo, por já estarem essas marcas dentro de meu ser. Minha mala, meus sapatos, camisas, colares, enfeites, brinquedos e todo um universo de pertences que falam em meu corpo, engrandecem e embelezam minha presença diante dos ambientes escolares em que atuo. As crianças e jovens, ao tocá-los, comunicam-se comigo e o diálogo plural de nossos encontros se manifesta em beleza singela e poesia pura. Meu Mestre Tio Neno é uma âncora, que sustenta o que sou nesses momentos.

Quando iniciei minha nova maneira de entrar na escola, tive minhas inseguranças. Quando eu usei essas roupas, levei todos os escudos comigo, para minha caminhada da escola: minha família, meu mestre - pessoas que já não estranham quando me emociono diante do fazer poético da Ação Griô no contato com as crianças. Esses elementos, parte de nosso ser, são nossos pés no chão. Os mestres, as escolas, professores e alunos são os pomares, plantações. Como reclamar das árvores?

As escolas falam pouco de assunção, de sensibilidade, emoção, abstração, divagação, declaração de amor. Nós avançamos em direção a esses prédios com nossa bagagem carregada exatamente dessas coisas que não estão no diálogo das escolas. Nossa maneira de nos relacionarmos, seja com professores ou com alunos, foi ficando assim: sempre o griô aprendiz envolve, tira a tensão, cria um ambiente, uma atmosfera lúdica e atraente. Depois o Mestre Tio Neno toma conta da sustentação desse ambiente, mediado por seu aprendiz.

Encontramos a rudeza diariamente em nossa caminhada. Em Alvorada e na região em que trabalhamos a Ação Griô, as situações que se apresentam à nossa frente são como uma batalha de Davi contra Golias. É um lugar que resiste à gentileza, à singeleza e outras maneiras de manifestar nossa sensibilidade, mas nós, antes de tudo gente humana, nos comunicamos e nos tornamos mais plenos e intensos quando assumimos esses elementos em nossa convivência na relação com as crianças.

Mestre Tio Neno, griô aprendiz Vander e educador Eloenes

PROSPERAMOS

No contato direto com as crianças, nos renovamos... Quando cada uma das vozinhas que nos reconhece chama nosso nome, percebemos nosso ser receber mais um tijolinho que reforça sua construção. As crianças cantam tanto e com tanta vida, que, em meio ao trabalho, nos arrepiamos com um arrepio que chega a arder na pele de tanto prazer de viver aqueles momentos tão marcantes e ao mesmo tempo tão efêmeros. Nesses instantes, os sentimentos nos afirmam que jamais esqueceremos, e as crianças também, de nossos encontros.

É onde reside a continuidade da ação pedagógica griô, para além das instituições financiadoras... Está na atitude, no desejo que temos de ali estar e mostrar com nosso corpo antigas maneiras de aprender; com nosso corpo e nossa brasilidade.

É fantástico quando entramos pela primeira vez em uma turma, principalmente de oitavas séries ou ensino médio. Os jovens nos vêem como loucos que acabarão fazendo o mesmo marasmo monológico dos quais já estão enjoados. Vamos produzindo ludicidade e eles vão se envolvendo.

Vem com toda a força sua participação. O griô aprendiz trabalha orquestrando aquela euforia que os jovens manifestam de estarem felizes e intensos na troca. Uma espécie de maestria que se fortifica com a resposta dos estudantes às propostas e vivências que criamos juntos. Quando os jovens percebem, já os surpreendemos e eles já estão querendo saber quando voltaremos. Esse é o melhor termômetro. Da força dos jovens é que emana nossa continuidade e o ECO de nossa ancestralidade nos conduz para além da RUDEZA dos lugares onde atuamos. Esses lugares são lindos porque tem gente lá.

Sempre chegamos à turma e ouvimos a aclamação de nossa recepção. É muito festejada a nossa presença. Então entramos na sala de aula e somos recebidos pelo educador e seus alunos. Sempre convidamos o educador a ficar em nossa atividade. Iniciamos o trabalho comigo, o griô aprendiz. Eu agradeço a presença de todos e a disposição desse espaço que temos. Então falo das tradições do meu Mestre Tio Neno, que logo após o meu trabalho vai iniciar a poesia e a contação de histórias. Trabalho amparado por tudo o que sou. Quando são alunos de oitava série para cima ou professores, conto a história do encontro com o Velho Griô e outros mestres e griôs que já encontrei e canto com eles algumas músicas que aprendi. Com os professores fico atento ao conteúdo que estão trabalhando e vivo sugerindo que possamos articular o trabalho, em parceria. Com a professora Neuzinha, da EMEF Normélio Pereira de Barcellos, já fizemos trabalhos com crianças de quarta série ligados à questão do asseio para com o ambiente em que vivem. As crianças retrataram a questão da água, que inspirou a nossa performance de cantoria do RAP CICLANDO (de um CD educativo que encontramos na biblioteca do colégio, com autores de São Paulo, André de Souza e Rapper Sidnei Gomes Ferreira).

Com o professor Eloenes, do CAIC Campos Verdes, tivemos uma participação interessante nos estudos de história sobre a África que realizou com seus alunos de ensino médio, quando relatamos histórias e lendas. Trabalhamos em roda. Existem turmas em que fazemos uma introdução do trabalho relembrando cantorias, que pesquiso como griô aprendiz, ou poesias, que o Mestre Tio Neno distribui depois. Na roda trabalhamos sempre com jogos teatrais diversos e, principalmente, com o Teatro do Oprimido de Augusto Boal.

Depois temos cantorias e o griô aprendiz sempre "baixa a poeira", acalma os ânimos e ansiedades, na preparação do "clima' para o Mestre Tio Neno falar com os jovens. É incrível, mas, quando o Mestre fala, tudo fica sereno e calmo. Então Mestre Tio Neno envolve as crianças com suas histórias, piadas, poesias e dedicações de acrósticos. Os jovens e crianças entram nesse universo de relação tentando aprender poesias, que levam para casa para decorar; acrósticos que recebem e pedem, com os nomes das mães e namoradas, para fazerem ou para o Mestre Tio Neno fazer, para, no próximo encontro, pegarem. Assim as crianças e jovens podem oferecer, para seus parentes e amigos, as palavras rimadas que constróem junto com o mestre.

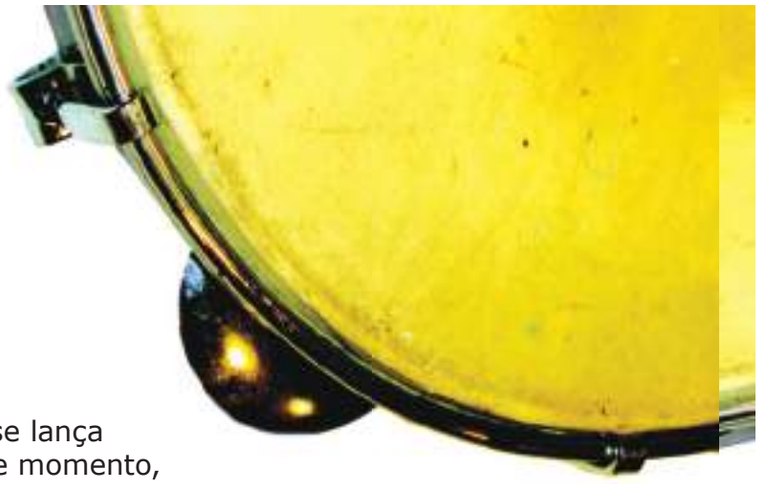
Sempre vamos à sala dos professores para levar nossos recados, conversar com eles, deixar cópias de poesias, cópias de partes do livro de Lillian Pacheco (*Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida*), rever professores simpatizantes e tentar articular ações conjuntas, entre outras voltas mais dentro da escola, como, por exemplo, a visita aos funcionários, merendeiras e operários de zeladoria e manutenção.

Já expomos nossa maneira de trabalhar em outras cidades da região metropolitana de Porto Alegre, tanto com professores, quanto com alunos. Tio Neno não está preso a minha atuação de griô aprendiz. Antes de trabalharmos juntos, ele já visitava escolas. Porém isso se intensificou a partir do trabalho com a Ação Griô e, em Alvorada, ele vive visitando outras escolas a convite de outros professores. A Secretaria Municipal de Educação de Alvorada nos possibilitou uma relação com um professor de cada escola da rede municipal e isso fez com que muitos professores soubessem quem somos. Assim estamos nos organizando para abranger um território maior de Ação Griô em Alvorada.

Como propõe a pedagogia griô, os mestres pedem licença para chegar, pedem licença e se despedem para sair, sempre cantando. Então, em nosso encerramento de trabalho, sempre cantamos "Oh Meu Senhor, oh minha Senhora, Oi dá licença pra folia ir embora", que aprendemos com os griôs aprendizes Celso Pan e Jacqueline Baugarthen e seu Mestre Zé Mira, do Ponto de Cultura Bola de Meia, de São José, SP.

A Ação Griô levou o mestre Tio Neno a conhecer os mais profundos rincões da periferia de Alvorada, o que gerou um envolvimento do mestre com crianças muito carentes. Ele descobriu o respeito afetivo e jovial que a sua personalidade distribui no ambiente escolar. Os jovens adoram suas poesias. Decoram poesias, esperam ansiosos seus acrósticos e vibram com as homenagens que Mestre Tio Neno presta a cada um dos meninos e meninas que abrem seus problemas familiares e de escola para ele. Sua chegada na escola junto de seu griô aprendiz é fascinante, e, ao mesmo tempo, intrigante. Apenas o tempo vai dizer qual o resultado que vai se originar dos encontros dos griôs com as três escolas onde atuamos.

É impactante a energia que se impõe no ambiente da roda quando o griô aprendiz abre o espaço e o disponibiliza para o trabalho do mestre junto às crianças e adolescentes. O Mestre Tio Neno, além de instigar os jovens a se relacionarem com a poesia e a contação de histórias, os instrui sobre a postura de respeito que eles têm que aprender a ter em relação aos autores das poesias. Ele sabe muitas histórias das pessoas que escreveram as poesias que recita, quando não são as suas.



A rima pausada e pacholenta da alma gaúcha, que emana do mestre, faz com que os jovens primeiramente se atenham a essa dicotomia: como se um Centro de Tradições Gauchescas (CTG) surgisse à frente deles. Ao final, quando entendem o que a poesia diz, aplaudem muito. Então o Mestre explica alguns significados de palavras de seu tempo, para melhor ilustrar a história que a poesia conta. Mas, logo após, ele se lança a recitar poesias gauchescas humorísticas. Nesse momento, ganha mesmo a juventude ou as crianças e se consolida como um vozão que todos querem ter. A poesia abaixo reflete bem o que o Mestre Tio Neno é, para mim, griô aprendiz e também pra gurizada da escola:

Eu tenho quase certeza
Que a melhor coisa que existe
Quando se chega à velhice
É ter família e um lar
Ver cada filho criado
Cumprindo o dever sagrado
De sempre nos amparar

Na velhice a gente chega
À seguinte conclusão
Se vivermos em união
Vamos ter quem nos conforte
Alguém que nos estenda a mão
Deus pai, o grande patrão
Será o nosso suporte

Mas o melhor dessa vida
Digo com sinceridade
São aquelas amizades
Que dia a dia se conquista
É tão gostoso ver alguém
Sorrindo e fazendo o bem
Esse é o meu ponto de vista

Os amigos verdadeiros
Nunca me deixam sozinhos
Vão emparelhando os caminhos
Na hora da precisão
Nos sentimos amparados
Quando estão ao nosso lado
Dando apoio e proteção

Todo o dia encontramos
Na longa estrada da vida
Buracos, lombas e descidas.
Vivemos num perde e ganha
Jesus morreu na cruz
É Ele quem nos conduz
Na cidade ou na campanha

Se você pretende entrar
No alto reino da glória
Ponha isso na memória
Que foi Cristo quem falou
Quem vive na minha amizade
Ganhará na eternidade

Para não esquecer jamais

Tio Neno tem um olhar clínico. Quando a gente chegou à formação da roda, naquela manhã fria de julho, ele percebeu que os jovens de uma oitava série estavam meio travados e angustiados. Mestre Tio Neno disse assim: "vou dizer uma poesia de amor". (Quem diz que é impossível ter amor na escola não fala a verdade, ou não a vê). Nesse momento se concentrou e disse a poesia de Odilon Ramos.

Aliança de papel

Foi só de brinquedo que eu disse que amava
Brincando disseste: te amo também
A gente brincava e jamais esperava
Que os anjos ouvindo dissessem amém

Em um gesto infantil e sem desconfiança
Tu confeccionaste, de simples papel
Para os nossos dedos duas alianças
E em tom de brinquedo jurei ser fiel

Os dias se passaram e na realidade
O que eu sinto agora é um terrível medo
Medo de estar te amando de verdade
E sendo amado apenas de brinquedo

(poesia recitada por Meste Tio Neno em uma manhã fria de julho de 2007, para alunos de uma turma de oitava série, do CAIC Mário Quintana, Alvorada, RS)

Quando acabou de recitar a poesia, a sala era outro lugar, eram outros jovens. Eles não estavam mais angustiados e tristes. Depois dessa poesia, os caminhos se abriram. Os jovens pareciam não acreditar que aquelas palavras e aquela singeleza toda da poesia tinham acontecido ali na frente deles, no ambiente da sala de aula. Era um encantamento espantoso. Parecia que dava pra ver a pergunta: como é que pode? O tiozinho nos cativou todos em umas poucas palavrinhas? Foi muito emocionante.

Essa poesia me fez descobrir, como aprendiz de griô, que também gosto de poesia rimada. Agora estou decorando uma poesia para o dia dos pais, "Missão de Pai", de Milton Souza.

Essa vivência de griô aprendiz que tenho em três escolas com os Mestres Tio Neno e, de outra forma, com o Mestre Seu Gilberto e o Griô Seu Prudêncio ocorre num lugar onde participei da organização da ocupação dos prédios, casas e sobrados.

São ocupações que ajudei a fazer, na década de oitenta. As tais invasões, como chamavam na época, me tornaram forte para acreditar que Deus nos dá força para mudar o mundo para melhor. Hoje esses lugares são bairros e, onde não havia pessoas morando, estão milhares vivendo felizes, com escolas, professores, casas de comércio e tudo o mais. Fazer essa Ação com a pedagogia griô é continuar mantendo acesa a chama de que a mudança que queremos no ensino se deve muito à postura do educador, na sua entrega aos encontros com sua história de vida, a história de vida de seus alunos e da comunidade escolar como um todo, incluindo seus arredores. Voltar aos bairros Onze de Abril, Campos Verdes, Parque Residencial, Umbu, entre outros dessa região de minha cidade, é ter a oportunidade de fazer provocações positivas de revelação das belezas humanas que também nos revelam belos. É sempre gratificante. Nesses momentos, percebemos todo o sacrifício de professores, pais e alunos que fazem a região das ocupações habitacionais, que já foi tão marginalizada em nossa cidade, tornar-se um lugar desafiador, principalmente para quem tem coragem de dizer de peito aberto que mora nesses bairros. Dessa maneira é que me fortifico: com os PÉS NO CHÃO DE MINHA CIDADE.

E no Cosmos de onde eu vim
Com a imagem do caos
Me projeto futuro sem fim
Pelo espaço num tour sideral
Minhas roupas estampam em cores
A beleza do caos atual
As misérias e mil esplendores
Do planeta de Neanderthal

Música Tubi Tupy, Lenine e Carlos Rennó

Futuramente, pretendemos abranger outras regiões, principalmente de ocupação habitacional irregular, nas quais já existam escolas, para que possamos desenvolver trabalhos junto a outros colegas professores. Nosso intuito é alcançar a consideração e a inclusão de nossas ações de enraizamento, principalmente afro-brasileiro, no currículo escolar de cada escola de nossa região; planejar e agir junto com o corpo atuante das comunidades escolares; descobrir e revelar as várias experiências de vida que cercam a escola e que são conhecimento vivo na mente dos vários griôs distribuídos por nossos bairros, cidade, estado, país... mundo.

Me digas com quem tu andas, que te direi quem és. (Ditado Popular)

Em casa, ouço as histórias de minha mãe (D. Mercedes), as músicas que meus amigos da Ação Griô e outros griôs do meu mundo me dão para que eu possa aprender a gostar delas, aprender com elas e levá-las do anonimato de onde as encontrei até os mundos da escola. Toda minha educação de agora em diante é medida muito mais pelo OUVIR. Por ouvir meus mestres griôs renovo minha sensibilidade.

Em São Leopoldo, onde atuo como professor do quadro de funcionários do município, na Escola Olímpio Viana Albrecht, vivemos um momento no qual percebi que estou em um crescendo de amor. Propusemos apresentação de nossa dinâmica de trabalho aos meus colegas professores exatamente em um dia em que foram discutidos temas polêmicos ligados aos encaminhamentos da eleição para nova direção da Escola. Quando chegamos ao refeitório, lugar onde normalmente ocorrem as reuniões dos professores, senti na pele um ambiente hostil, uma atmosfera de decisões e encaminhamentos muito objetivos. Então pedi que pudéssemos fazer nosso trabalho na sala de vídeos. Pedi meia hora, para fazermos uma vivência e falar da Ação Griô Nacional. Fomos para a sala eu e o Mestre Tio Neno.

Preparei a sala para que todos os mais de sessenta professores ficassem sentados de bem com o ambiente.

Na maneira como os colegas entraram, percebi que estavam muito cansados e saturados das discussões da reunião. Corpos e mentes prontos para não agüentarem física e emocionalmente nenhuma atividade racional e objetiva. Entretanto, à medida que falava com a platéia, percebi que o grupo de educadores não se abria ao que conversávamos sobre a pedagogia griô. Resolvi cantar com meus colegas e não foi uma tarefa muito fácil.

Em determinado momento, desligaram-se do passado recente da reunião e sintonizaram-se com o passado mais ancestral que todos temos, através da cantoria de "Senhor, Senhor!", Terno de Reis aprendido com os mestres pelo Ponto de Cultura Bola de Meia de São Paulo. Logo após, quando percebi que estavam prontos para a conversa com o Mestre Tio Neno, liberei o espaço para ele. Os colegas não conseguiam ir embora, mesmo quando acabou o horário da reunião, de tanto envolvimento que criamos com eles nessa conversa com o Mestre. Tio Neno vendeu mais de quinze de seus livros e ficaram encomendados mais cinco.

Quando eu ando dentro das escolas, tenho o princípio de meu Mestre Tio Neno. Toda minha demanda é muito diferenciada para aquele ambiente. Então me coloco nele através de minha alegria, gentileza e paciência. Assim, conquisto meu espaço e ganho respeito primeiro respeitando.

A Ação Griô vai tomando conta de mim

(Vander de Paula, griô aprendiz,
da Ação Griô Pés no Chão de Alvorada,
Ação Griô Nacional, Regional da Terra,
Rio Grande do Sul, Mestre Tio Neno)

REGIONAL VENTRE DO SOL

"A gente não sabia como as crianças ia nos receber na escola. Antes eu me preparei, fui atrás de ervas e matos. Peguei um balaio para amarrar as plantinhas e fui com Dona Zefinha e um bocado meio mundo, mas antes fui falar com a pró para pedir licença e para os meninos não saber que a gente ia entrar de surpresa."

Parteira Biró, griô do Cais do Parto, Olinda, PE.

Alafin Mimi

O que motivou a escrever o projeto para a Ação Griô foi o que a Ação vinha propor, uma nova forma de educação, uma forma que já se trabalhava no dia-a-dia dos brinquedos populares, mas com conhecimentos que não eram sistematizados. Meu contato com a tradição oral vem desde pequeno, pois minha vivência com os mestres de cultura popular é muito forte. A minha relação com Ação Griô é de renovação, pois eu acredito que só com a renovação pode haver transformação.

A minha relação com os mestres, antes da Ação, já era de muito respeito a todo conhecimento por eles adquirido durante toda a sua vida junto a outros mestres. Hoje, na Ação, meu sentimento de respeito se agrega ao sentimento calmo de aprender, de me alimentar desse vasto conhecimento agregado pelos mestres.

Já a relação com a escola ficou, por um lado, sufocada pela falta de assistência dada por parte da diretoria, e, por outro, livre, em função da parceria com as educadoras, que superaram todos os problemas causados pela coordenação. A minha ação foi de estimular, para que os mestres e educadores interagissem de forma livre sem muita mediação.

O papel da Ação foi muito forte, tanto para os alunos quanto para os professores, que, naturalmente, introduziram no seu currículo escolar, para alfabetizar os alunos, músicas cantadas pelos mestres.

As minhas vestes foram aquelas que sempre usei. O meu nome, que significa "fava que cresce", tenho motivos para vibrar quando o escuto. Minha conexão com a ancestralidade sempre foi muito próxima, porém, depois do primeiro encontro da Ação Griô, eu consegui chorar e despertar em mim sentimentos esquecidos pelo tempo.

Fabiano, griô aprendiz

O ritual da bênção proposta na pedagogia griô, que foi esquecido na maioria das famílias, o agreguei a outro valor, do beijo no rosto ou na mão, que fez com que os alunos se rendessem aos encantamentos da Ação.

A Ação, como eu tinha falado antes, é a grande mudança para compreensão do que chamamos hoje de educação, quebrando o formato militar de se contar dois mais dois, transformando isso numa coisa mais lúdica.

O envolvimento da escola e dos educadores só vai valer a pena se for de forma natural e expressiva, pois a mudança deve ser pensada de forma horizontal: que todos possam ver a mudança, compreender-se nessa mudança e se ver com mãe ou pais deste processo.

Os conflitos podem existir se nós não trabalharmos a tradição oral trazida pelos mestres de forma integradora, passando pelas diferenças de cada religião e etnia, até mostrar como somos tão parecidos e tão diferentes.

Mestre Dito

Alafin sou eu
Venho de terras distantes daqui
Venho de terras africanas
Quem me chamou aqui?

Estava no meu canto quietinho
Quando ouvi o tambor me chamar
Se demorei, demorei um pouquinho
Estou aqui. O que é que há?

Os mestres e os griôs sempre desempenharam um grande papel na comunidade onde moram ou atuam, pois eles são os pretos velhos do presente. Eles detêm o conhecimento da vida, da cura espiritual e medicinal. Então, quando o médico não cura, os velhos dão o seu jeito.

Na Escola Rotary, a compreensão foi incrível, pelo fato do público alvo ser misto. A compreensão da pedagogia griô ficou mais fácil porque os mais velhos tinham muito o que trocar. Eles se tornaram mestres junto aos mestres da Ação. Os mais novos começaram a escutar os mais velhos e se tornaram griôs aprendizes. Juntos, como um só, pensamos o encerramento, escolhemos as fotos de cada ciclo e organizamos a festa.

A pedagogia griô é um caminho de mudança dos modelos tradicionais de educação, para a criação de uma nova visão educacional, através da sensibilização do aluno para que ele se sinta aberto a se alimentar de conhecimento.

A partir das aprendizagens adquiridas durante o Encontro Regional e por meio da própria pedagogia griô, foi possível dar um novo significado às aulas.

Isso trouxe algumas mudanças na prática pedagógica, como a organização da sala, a maneira de interagir com os alunos na troca de conhecimentos e o modo de pensar as propostas de atividades.

Depois dessas transformações ficou evidente que o novo formato de aula viabilizou o aumento da participação, do interesse e do entusiasmo dos alunos.

Carnaval da Ala Alafin Mimi

Representante institucional: Fabiano Santos da Silva
Griô aprendiz: Fabiano Santos da Silva
Educadoras: Fernanda Michelle, Maura Roberta, Adja Roseane
Escola: Escola Rotary
Mestres e griôs envolvidos na Ação: Expedito Paula Neves, Ana Lúcia Nunes

Cais do Parto
De Antena Ligada

A nossa visão, como Ponto de Cultura Cais do Parto, a princípio e no decorrer dos primeiros meses Ação Griô, era focada na tradição das parteiras, preservando a cultura enquanto guardiãs do saber milenar das ancestrais. Nosso trabalho junto às parteiras é ancorado nos rituais que envolvem as rezas, a intuição, as simpatias, os chás, a espiritualidade.

O trabalho era grandioso, profundo. A base cultural da prática das parteiras tradicionais é resultado da fusão de duas culturas: a das parteiras indígenas que habitavam o Brasil antes do descobrimento (ou invasão colonial) e a das parteiras negras trazidas da África. Nossa relação étnico cultural é permanente na valorização, transmissão e fortalecimento dessas raízes. Nós sabíamos o tesouro de que cuidávamos. Mesmo percebendo que alguns setores e/ou indivíduos compreendem e são aliados da luta política das parteiras tradicionais, vivíamos nossos rituais de transmissão oral e de atendimento à comunidade em guetos, sempre com muita precaução, sentindo o risco de sermos perseguidos e nos perdermos se nos tornássemos uma organização pública.

A história nos conta quanto sofreram nossas antepassadas desde as fogueiras da inquisição. Cada passo era muito bem pensado. Quando descobri o fundamento e a proposta da Ação Griô, foi o sentimento de "alforria". Graças a Deus Deusa e Orixás estou aqui para testemunhar esse marco histórico, momento de libertação das nossas Tradições, dignamente, como é merecido.

Foi necessário um tempo existencial para compreendermos que era chegada a hora da nossa ação ser incorporada à estrutura da formação do Ser na educação formal. Para seguirmos por esse caminho, sentimos necessidade de primeiro conhecer nossa própria história e torná-la pública com segurança, beleza e alegria, utilizando o antigo e o moderno e nos incluindo socialmente. Concordamos com o cientista brasileiro Ubiratan D'Ambrosio quando, em 1988, falava no Fórum Nacional do Pensamento Inquieto: **"houve uma profunda ruptura entre a ciência e a tradição nos séculos XIII-XIV-XV e XVI. Há que se restabelecer o diálogo entre a ciência e a tradição para que se crie uma nova ciência".**

A partir de uma oficina interna com o grupo griô no Ponto de Cultura, na sede do Cais do Parto, fizemos nossa árvore genealógica, revisitando nossa ancestralidade desde as nossas bisavós até nós. Nos sentimos fortalecidas em nossa identidade e projeto, e nos empoderamos do nosso lugar na rede de transmissão oral do Brasil. Estávamos agora prontas para a ação. Ainda não sabíamos exatamente o que iríamos realizar.

Quando lemos o edital da Ação Griô, vimos que era exatamente o que fazíamos, mas não sabíamos o que era griô. Ao ler o livro da pedagogia griô desenvolvida pelo Grãos de Luz e Griô, nos encontramos no conteúdo. Vimos pela primeira vez escrito num livro o que antes era parte de um sonho.

Nossa querida assessora regional pedagógica, Lúcia dos Prazeres, junto com a nossa também querida educadora pedagógica do Cais, Daniele, pensaram em algumas idéias e, em seguida, num dia de planejamento, preenchido de revelações de talentos e emoções, as idéias viraram planos. O passo seguinte foi a realização da Ação nas escolas.

A ação político-pedagógica nas escolas foi completamente exitosa. Vimos na prática que encontramos o caminho certo: contar aos alunos a história das parteiras antepassadas, falar da tradição ancestral, o que eles ouvem com grande interesse, sentindo-se estimulados a contar como nasceram.

Os que não sabem ficam desejando ir para casa e perguntar para sua mãe.

Percebemos como foi grande o equívoco das famílias "escondendo" ou omitindo de suas crianças a história do nascimento, uma parte tão importante da história de vida de cada um e cada uma, que sempre se refere às parteiras tradicionais e à rede de transmissão oral dos seus saberes de geração em geração. Porque a porcentagem de partos cezarianos têm aumentado assustadoramente no Brasil? Por que as mulheres têm perdido a sua força feminina de parir? Que cultura tem nos afastado do significado do nascimento e dos cuidados tradicionais e gregários das parteiras?

De que forma as pessoas irão contar suas histórias de vida sem contar como chegaram a esta vida, como se suas vidas iniciassem após algum tempo de nascidos ou como se o nascimento não tivesse importância? O tempo da gravidez, quando a pessoa está sendo gestada, bem como o momento do parto, que é um "rito de passagem", são determinantes para inúmeros fatos no decorrer da vida... As crianças percebem claramente a importância de todas essas questões e retomam sua própria história.

" O meu processo individual enquanto griô aprendiz foi um mergulho profundo nas histórias dos meus avôs e bisavôs, que eram raizeiros descendentes de índio, nômades e rezadores da cruz de caravaca, seguidores de São Cipriano e pescador. A riqueza de detalhes das histórias que eles me contavam me fez registrar imagens inesquecíveis, que eu imaginava que morreriam comigo, sem socializar com outras pessoas, porque acreditava que não havia interesse. Finalmente, encontrei o lugar onde essas histórias estão dignamente colocadas: minhas bisavós e avós, que eram parteiras, de quem herdei o dom e a tradição.

A Ação foi desenvolvida em quatro escolas: uma em Ipojuca, no Engenho Queluz; duas em Caruaru e uma em Serra do Vento. Nas escolas de Caruaru, uma municipal, no bairro Santa Rosa; e outra estadual, as Parteiras Zefinha e Biró chamaram um trio de forró pé de serra e fizeram uma festa inesquecível. Na parte da manhã, numa escola; e à tarde, em outra escola".

Sueli, parteira tradicional e griô aprendiz

As professoras ficavam assustadas a princípio, sem entender o que estava acontecendo, com aquele grupo de pessoas entrando na escola com um forró pé de serra. Não havia mais como segurar as crianças nas salas de aula.

Nos dirigíamos para o pátio, tocando e dançando e a criançada atrás, gritando de alegria e dançando. As professoras, quando viram o que fazíamos, ficavam emocionadas, ajudavam a organizar as crianças para sentarem e ouvirem as histórias. Atentas, elas faziam comentários, davam depoimentos de como nasceram em casa com a ajuda de parteiras. Algumas sabiam inclusive o nome da parteira.

Na escola municipal várias crianças reconheceram Biró como sua parteira e madrinha. Biró perguntava o nome das mães para lembrar das crianças, que eram muitas. Na escola estadual foi emocionante, porque muitos alunos adolescentes reconheceram Zefinha como colega. Ela tem 70 anos e estuda o 3º ano do ensino médio naquela escola.

Assim que chegamos a uma das escolas, havia uma briga e uma ameaça entre dois alunos. O aluno ameaçado estava na sala em que atuávamos com o grupo de forró. Fizemos uma ação de auto-ajuda com músicas, abraços, brincadeiras e histórias que valorizavam a amizade e a família.

Para chegarmos à Escola do Engenho Queluz foi necessário caminharmos 15 quilômetros a pé. Não havia nenhum tipo de transporte. Foram duas horas de caminhada pelo canavial. A escola municipal estava em reforma e as aulas estavam ocorrendo na casa da professora. Fomos para o quintal e brincamos de roda, dançamos mazurca puxada pela parteira Luzinete. As histórias eram de assombração e despertaram muito interesse das crianças.

Em todas as escolas, deixamos com a professora o Caderno Volante. O convite é que cada criança o leve para casa, ficando por dois ou três dias, enquanto registra as conversas com seu pais, perguntando sobre seu nascimento, como se conheceram e namoraram, do que brincavam quando crianças. Da mesma forma com os avós, se os têm por perto, a idéia é pedir que avô e avó contem histórias de seu tempo de criança e de juventude em relação às brincadeiras, à família, como se casavam, tinham filhos e educavam os filhos e filhas. O caderno, após passar por todas as crianças, fica na biblioteca da escola. Imaginamos anos após essas histórias estarem registradas e disponíveis na biblioteca da escola!

Na escola de Serra do Vento, a parteira é mestra em plantas medicinais. Ela levou várias plantas da região e garrafas de chás que foram oferecidas às crianças enquanto ela mostrava cada planta, explicando para que serve e como se usa. As crianças contaram histórias das mães, pais e avós sobre o uso do conhecimento das plantas. Ao final, dançamos em roda.

Das parteiras griôs, duas não lêem nem escrevem, uma assina o nome e duas sabem ler e escrever. Para mim, enquanto griô aprendiz, ver essas parteiras nas escolas falando para os alunos e alunas, para as professoras, foram momentos de verdadeira alegria e muita emoção.

A oralidade pode criar ciências que ajudam a democratizar a comunicação como um instrumento de inclusão, rompendo barreiras do preconceito e discriminação.

Finalmente, as mestras parteiras eram ouvidas no lugar onde se oficializa a educação. Contar histórias vividas, dos antepassados, ancestrais e ou criadas nos costumes das culturas, desenvolve os talentos, as artes e abre possibilidades de sonhar, elevando a auto-estima, com perspectivas de melhoria da qualidade de vida.

Biró é uma parteira de 69 anos de idade que iniciou seu oficio de parteira com 13 anos de idade. Trabalha na roça junto com o marido. Usa vestidos de saias rodadas bem coloridos.

Na parede da sua casa tem uma placa "Parteira 24 horas". É muito procurada para atender partos e para mediar conflitos familiares, como aprendemos na Ação Griô a respeito dos griôs (dielis) de tradição oral do Mali. Ela é muito respeitada na sua comunidade.

"A gente não sabia como seria o recebimento na escola. Antes eu me preparei, fui atrás de ervas e matos, peguei um balaio para amarrar as plantinhas e fui com Dona Zefinha e um bocado meio mundo. Mas antes fui falar com a professora para pedir licença e para os meninos não saber que a gente ia entrar. Era surpresa."

Biró, griô e parteira

Severina Regina é uma parteira mestra das plantas medicinais. Na sua casa tem um grande terreno plantado e cultivado com ervas medicinais que ela distribui para pessoas que vão até sua casa pedir. Ela doa e orienta como utilizar. Não sabe exatamente a idade porque só foi registrada quando ia se casar. Quando criança, vivia nômade com seus pais e duas irmãs, ajudando nas lavouras para comer. Quando vinha a seca, passavam fome. Seus pais morreram muito jovens de desnutrição. Ela e suas irmãs sobreviviam pedindo comida nas casas e ajudando nas cozinhas. Não podia estudar. Para casar-se, seu marido ensinou-a a escrever o nome e fez seu registro de nascimento, imaginando uma idade para ela. A generosidade, o acolhimento e o conhecimento das plantas foi o resultado de todo o sofrimento que enfrentou na vida.

"Surpresa foi a minha. Eu tava em casa esperando e chegou um sanfoneiro e zabumbeiro que a griô aprendiz foi buscar, porque a gente queria chegar fazendo música na escola. Daí a gente foi. Se a gente fosse igual quando vai fazer parto a gente ia era de cavalo. Cheguei cantando "ô iaiá vem ver, ô iaiá vem cá, vem ver tanta criança, nesta sala estudar".

A gente escolheu uma sala de aula bem grande com meninos de doze e treze anos, mas o corredor era grande e a sala lá no final. Daí todas as salas queriam participar.

Sueli contou uma história da reprodução feminina, se eles sabia como é que a criança nascia, como se formava. Fui falar das plantas para que servia, chá de manjericão ... As ervas não deu para o grupo, porque todos queriam para levar para casa para dizer à mãe para que servia.

A erva para parar de fumar o sanfoneiro disse que era dele. Contei a minha história de vida e como me tornei parteira. Cada planta explicada passava na roda para as crianças pegar e cheirar. Depois eles tinha que adivinhar o chá pelo sabor. E depois a gente dançou forró e ralabucho. Os meninos não queriam que a gente fosse embora. Na volta, passamos embaixo de um pé de jabuticaba e nos lavamos".

Severina, griô e parteira

Trabalhamos com diversas parcerias no Cais do Parto. Nossa entidade tem uma longa experiência e caminhada com as parteiras, mas, na Ação Griô, até o momento, contamos apenas com o financiamento da FUNDARPE, além do Ministério da Cultura. Iremos investir na busca de financiamento para ampliar as ações em Pernambuco. Desejamos propor que a Ação Griô atinja toda a Rede Nacional de Parteiras Tradicionais.

Para isso, estamos pensando um projeto com algumas parcerias, como o Grãos de Luz e Griô, Centro de Formação do Educador Popular Maria da Conceição e Casa de Xambá. O projeto Griô do Cais do Parto tem formatação diferente dos demais projetos dos Pontos de Cultura.

As griôs do Ponto de Cultura do Cais são parteiras mestras. Cada mestra griô atua em sua comunidade ou município. Criamos a metodologia de nos reunirmos uma vez ao mês por dois dias na sede do Cais do Parto sempre às terças-feiras e quartas-feiras. Assim, realizamos uma Ação Griô com grupos de casais grávidos, que se encontram semanalmente. São rituais em que as grávidas e grávidos compartilham o sonho do nascimento, em que as mulheres com seus nenéns contam o parto natural e humanizado que fizeram, e em que cantamos e ninamos a mulher grávida que está nos dias de parir. Nesse momento, temos o acompanhamento das grávidas que planejam realizar o parto humanizado com as parteiras e doulas (ajudantes de parteiras) do Cais do Parto.

No outro dia, planejamos as atividades do mês seguinte. Temos encontros anuais da rede de parteiras tradicionais a nível nacional e internacional, com uma articulação política que tem conquistado a parceria de deputados para o reconhecimento econômico e cultural da parteira tradicional.

Essa luta vinha sendo travada na área de saúde. Vínhamos enfrentando o preconceito acadêmico com o saber do parto tradicional e humanizado, envolvendo as questões de gênero e as questões de classe por sermos na maioria mulheres que vivem uma realidade de baixa renda. Temos enfrentado os interesses econômicos que permeiam o parto cezariano e a cultura do medo que tem sido incorporada pela mulher. Hoje, com a Ação Griô, temos a consciência de que é uma luta pela proteção da cultura oral e pela educação do nosso país.

Cais do Parto De Antena Ligada

Representante institucional: Cais do Parto
Griô aprendiz: Suely Carvalho
Educadora: Marcely Carvalho
Mestres e Griôs: Zefinha, Biró, Severina Regina, Teresinha, Luzinete.

Casarão de Ofícios

Meu contato com a tradição oral surgiu ainda na infância, através da vivência que as profissões exercidas pelos meus pais de feirante (mãe) e de caminhoneiro, açougueiro e mecânico (pai) me permitiram desde cedo: o contato com pessoas de todos os segmentos sociais, de todas as vivências e de muitos lugares do país, experiências que despertaram em mim o desejo de ouvir as pessoas, especialmente aquelas mais velhas.

Aprendi a sentar e a ouvir histórias por horas a fio. Era muito mais que escutar. Era aprender todas aquelas experiências. Cresci com esse mesmo desejo, de continuar ouvindo e aprendendo. Ainda na adolescência criamos um grupo de pesquisa da história local (Grupo Cultural Jandu-Cari). Com a institucionalização da Fundação Félix Rodrigues no município, em 1997, todos nós, que fazíamos parte do grupo de pesquisa, fomos apoiados por essa instituição e nos envolvemos nas suas atividades. A fundação vem incentivando a valorização da cultura popular, a tradição oral, através das pesquisas, da capoeira, dos cursos de história local, da vivência com a Mestra Dodora, que desde, o início, é uma presença constante na minha vida e na história da Fundação Félix Rodrigues.

A participação na Ação Griô surgiu pela necessidade que sentíamos de concretizar, potencializar e reconhecer a presença dos mestres dentro da comunidade. Para mim, no lugar de griô aprendiz, a participação como potencializadora dessa parceria tem sido de uma riqueza ímpar, possibilitando ouvir e vivenciar os conhecimentos dos mestres juntamente com a comunidade escolar, estreitando a relação já existente.

É uma experiência que tem marcado a minha vida, pois me identifico com a missão de griô aprendiz e com a missão do Ponto, porque ambos têm proporcionado aos alunos a compreensão de si mesmos como sujeitos responsáveis pela própria história dentro da comunidade, reconhecendo a participação dos mestres e griôs como iniciadores e parceiros nessa construção.

Desejo ressaltar o prazer de ter identificado novos mestres na comunidade, não apenas através da Mestra Dodora, mas através dos próprios alunos, que, ao final de cada roda de contação de história, de vivência, indicavam um outro nome dentro da comunidade que deveria ser ouvido e reconhecido por nós como mestre. Registrei o prazer de ouvir as próprias crianças se identificarem com a figura de griô aprendiz e se declararem griôs.

A relação com a Mestra Dodora iniciou-se através da relação professor/aluno. Sempre a admirei pelo carinho que demonstrou pela história e tradições locais e regionais quando foi minha professora.

Mesmo após termos seguido caminhos educacionais diferentes, visto meu ingresso no ensino médio e, posteriormente, na universidade, Dodora sempre foi presença constante nas pesquisas que o Jandu-Cari realizava sobre a comunidade. Suas informações eram de extrema importância para o desenvolvimento e credibilidade dos trabalhos que apresentávamos.

Já com Damiana, a relação iniciou-se na própria comunidade onde hoje desenvolvemos a Ação (Porto do Carão) e onde desenvolvi, no ano de 2000, um trabalho como educadora, que me permitiu propor o desenvolvimento da Ação na escola da comunidade, idéia que foi prontamente aceita, nos levando a encaminhar o Projeto da Ação Griô para o Minc.

Assim se construiu uma relação de respeito e afeto com os educadores, as crianças e a propria comunidade, permitindo que o papel de mediador que preciso desenvolver como griô aprendiz ocorresse de forma natural e produtiva.

As educadoras da escola são grandes parceiras para o sucesso da Ação. Juntas criamos uma lista de sugestões para nortear as atividades a serem desenvolvidas durante 2007/2008 e desenvolvemos ainda os seguintes Projetos: "Cantigas de Roda, na Roda da Vida," para ser desenvolvido com alunos das séries iniciais; e "Cordel, Arte e Identidade", para ser desenvolvido com os alunos das séries finais.

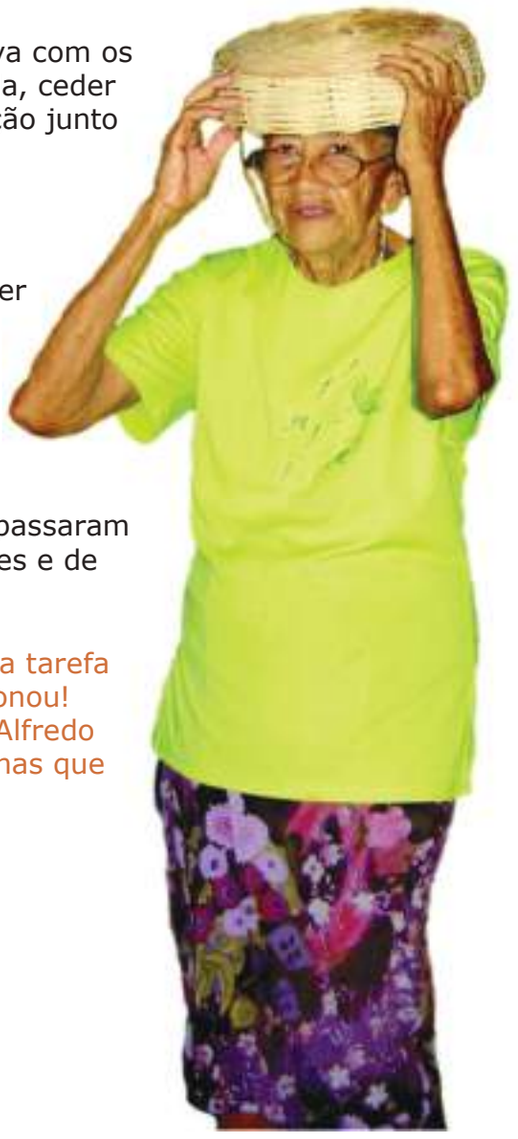
Sinto-me à vontade para desenvolver os rituais e vivências a partir da nossa realidade local. O encantamento e respeito pelas raízes de cada indivíduo e comunidade sempre fizeram parte da minha vivência familiar, e através desse respeito eu convivo em paz com minhas raízes.

É evidente que algumas características são preponderantes em minha postura e personalidade, mas acredito que isso faz o meu papel como griô aprendiz mais rico e dinâmico.

Busco, em contato com minhas mestras, encontrar a essência da nossa Ação, de forma a fazê-la comungar com a essência da Ação Nacional e, em conjunto, construirmos nossa rede local de transmissão oral.

A relação da escola com a Ação Griô é de parceria e encantamento. Todos os educadores do turno matutino estão inseridos nas atividades. Buscamos nessas atividades reconhecer e ampliar o respeito à diversidade e à identidade de cada indivíduo, através da interação do saber dos mestres com o conhecimento prévio de cada criança e educador, fazendo das rodas de contação de histórias, de cantigas e de vivências uma perpetuação das tradições orais.

Posso afirmar que a escola tem dialogado de forma efetiva com os saberes da tradição oral, ao flexibilizar seu horário de aula, ceder seu espaço geográfico e potencializar a inserção da tradição junto aos conteúdos do currículo.



A relação da Mestra Dodora e da Griô Damiana com a comunidade e a escola já era de muito respeito e cumplicidade, visto que as duas são reconhecidas pelo saber e zelo que expressam sobre a história e tradições, mas a Ação Griô potencializou essa relação, que se tornou mais dinâmica e produtiva. Os alunos deixaram de vê-las apenas como gestoras da escola e passaram a vê-las como mestras na comunidade. No entanto, o mais especial foi que essa relação potencializou e permitiu o envolvimento com os demais mestres da comunidade, que passaram a ser reconhecidos como portadores de saberes, de tradições e de conhecimentos que precisam ser perpetuados.

Experimentar o relato da história de vida dos mestres é uma tarefa muito rica, entre as vivências que a Ação Griô nos proporcionou! Fazendo um apanhado, é possível citar a alegria de Mestre Alfredo ao ser ouvido por crianças que não o viram dançar *O Boi*, mas que ficaram encantadas em ouvir sua vivência;

O prazer e a alegria de D. Lica, que, sendo uma mulher sem uma instrução formal, assumiu nossas salas de aula com o encantamento e a sabedoria de poucos educadores;

Seu Veridiano, sentado em sua canoa, voltando de mais um dia de pesca, nos deu uma aula de como conviver com a natureza de forma sábia, mostrando para a meninada que não é o status que faz um bom profissional e, sim, o amor que devota a seu ofício;

Podemos citar ainda o encantamento de D. Tereza, única parteira viva da comunidade, ao ser entrevistada pelos nossos alunos, verificando ainda o prazer deles em pesquisar quem, na comunidade, nasceu de parto natural, e pelas mãos de quem;

As histórias das salinas partilhadas por Chico Bode e seus conselhos para que as crianças se dedicassem ao estudo e reconhecessem os esforços realizados pelos seus pais para oferecer uma oportunidade de educação;

As experiências de vida e o conhecimento compartilhados pela Mestra Dodora, que levou nossas crianças a sentarem com seus familiares, vizinhos e conhecidos, buscando saber com mais detalhes a história da comunidade;

As horas de encantamento ouvindo os "causos" da Griô Damiana, que, até iniciar a participação na Ação, não sabia a importância de seus "causos" e histórias de assombração para a tradição oral.

Diante de tudo isso, posso afirmar que todos fomos impactados, nós e os alunos, que se prontificam a contar e a buscar as histórias para partilhar na roda. Nós temos o prazer de sentir o prazer deles em ficar sem intervalo para retextualizar uma história ouvida, sem reclamar do atraso na merenda para fechar uma roda de contação de história ou de vivência. Temos o prazer de ver educadores que chegam com novas idéias de atividades a serem desenvolvidas para fazer o currículo dialogar com a tradição oral. Para mim, tudo isso é encantamento.

Casarão de Ofícios

Representante institucional: Maria do Socorro de Melo Pereira
Griô aprendiz: Raquel do Nascimento Barboza
Educadora: Maria do Socorro de Andrade Borges
Escola: Escola Municipal Sebastião Ferreira
Mestres e griôs envolvidos na Ação: Maria das Dores Barboza, Maria Damiana de Lima, Mestre Alfredo, Dona Lica, Dona Tereza

Núcleo de Memória e Produção de Cultura Popular

Côco de Umbigada

O Ponto de Cultura Núcleo de Memória e Produção de Cultura Popular Côco de Umbigada é um terreiro que vem da herança familiar com a brincadeira do côco. Tem como missão a Memória e a difusão da cultura popular, com destaque para o côco e suas vertentes. Traz a troca de saberes e a vivência dos terreiros como espaço de criação e salvaguarda da cultura popular de matriz africana.

A participação na Ação Griô veio com a identidade da proposta pedagógica de valorizar o saber popular. Já tínhamos essa ação materializada no nosso ponto e, com a chegada da Ação Griô, nossa missão foi fortalecida e parceirizada com a Universidade de Pernambuco, compartilhado saberes.

Os mestres já participavam da Sambada de Côco, já trabalhavam oficinas de troca de saberes no Ponto e já tinham relação pedagógica com os alunos da escola da comunidade.

Porém a bolsa trouxe auto-estima aos griôs e mestres e trouxe também aquilo que não se mensura, o reconhecimento de sua sabedoria, que muitas vezes não tinham nem mesmo em suas próprias casas.

Muito valorosa a ação de ir ao Ponto, ir à escola e percorrer a comunidade trazendo sabedoria ancestral, valorizando os terrenos das tradições, trazendo auto-estima a quem fez de sua vida a história de uma brincadeira popular. É muito importante a política pública compartilhar o reconhecimento desse saber.

Ser griô aprendiz é ser o grande vaso. No nosso caso, eu sou a griô aprendiz e recebo os mestres no nosso terreiro. Recebo-nos no terreiro da Umbigada já há pelo menos dez anos, e faço desse encontro uma grande sambada.

No início, eram poucos. Agora, a noite toda é pouca pra tanta gente cantar. Obtivemos muito respeito e muito aprendizado nesta Ação Griô, um espaço de visibilidade pra todos nós.

A nossa auto-estima é grandiosa. Fico demasiadamente feliz. Toda sexta-feira, das 14h às 20h, os moradores, os mestres, os jovens, os estudantes, educadores, todos estão aprendendo juntos, com um formato diferente, integrando educação, cultura popular e comunidade. Penso que o griô aprendiz deva conduzir esse novo paradigma, de valorização dos espaços não formais de educação, vivenciados nas aldeias indígenas, nos assentamentos, nos terreiros e afins.

Na escola, fortalecemos a cultura popular, puxamos por este pertencimento, trazemos identidade em matriz africana. Já enfrentamos intolerância, muitas vezes pelo próprio processo de desconhecimento da cultura popular, pela forma folclórica ou satanizada como a grande mídia nos rotula, porém penso que foi determinante estarmos na escola e trazer a escola para nosso terreiro, nesta perspectiva de aproximar estes dois saberes, o científico e o popular, sem intolerância, aprendendo juntos.

Nossos mestres e griôs são lideranças artísticas e espirituais na aldeia indígena do povo Fetha, em Águas Belas, Pernambuco, e nos terreiros da região metropolitana do Recife. Com a Ação Griô, o protagonismo deles foi fortalecido em suas famílias, seus terreiros e suas comunidades.

Nas oficinas e vivências, foram desenvolvidas pedagogias que envolvem canto, dança, ritmos, oralidade, contação de história, brincadeiras da cultura popular, pesquisa, leitura, elaboração de conteúdo para programação da rádio, gravação de cd's e formação continuada de multiplicadores, novos mestres de cultura popular.

Somos procurados com freqüência por escolas e universidades para ministrar oficinas e fazer vivências que retratem a Ação Griô. Nossa mestra griô Mãe Lúcia de Oyá representa o Grupo de Trabalho, GT de Matriz Africana na Comissão Nacional dos Pontos de Cultura. Esta griô também foi convidada pela Universidade Maurício de Nassau e Faculdade Barros Melo para ministrar aulas sobre a história da África e Africanidade Brasileira, como curso de extensão.

Em rodas de diálogos, conversamos bastante sobre o universo de comunicação das rádios, sobre o universo social da comunicação, que comunicação queremos para nossos ensinamentos. Temos uma rádio no Ponto e elaboramos, em conjunto com nossos mestres, programação para a Rádio Amnésia.

Gravamos 10 cd's, todos dos mestres e griôs do nosso terreiro. Eles foram gravados com o kit multimídia do Ponto de Cultura, pelos jovens da comunidade, na perspectiva de nos apoiarmos nas novas tecnologias de informação e comunicação, entendendo esses cd's como novos produtos culturais, oriundos de outra lógica de mercado cultural.

O encantamento é geral: dos mestres, que tiveram esse reconhecimento; dos estudantes, que tiveram esses ensinamentos; e da comunidade, que ora se descobre protagonista da cultura popular. Precisamos acreditar naquilo que fazemos, trazer vigor e identidade ao ensinamento. Essa é a nossa proposta griô, de pertencimento com a cultura popular e identidade com a matriz africana.

O resultado foi maravilhoso. Hoje temos uma escola integrada com a cultura popular do côco e suas vertentes. A proposta inicial de trazer a educação caminhando com a cultura da comunidade foi vivenciada e fortalecida. O resultado foi uma escola empoderada com sua cultura popular e com formação de novos mestres e griôs.

A Sambada de Côco gera trabalho e renda para os mestres e para toda comunidade, envolvendo aproximadamente duas mil pessoas, entre mestres, artistas, estudantes, professores, gestores públicos, produtores culturais, turistas.

A Sambada se inicia com o Cine-Clube Macaíba, mídia que promove pertencimento, forma platéias e foca suas exibições na matriz africana e na cultura popular, com destaque para documentários que retratem a história de vida dos mestres do nosso país.

Posterior ao cine-clube, temos a apresentação do Côco de Umbigadinha, grupo infanto-juvenil da comunidade que resultou das oficinas com os mestres e griôs no Ponto de Cultura. Após o Côco de Umbigadinha, chamamos os mestres e griôs do côco e começamos a Sambada, que continua durante toda a noite e só termina ao raiar do dia.

O griô aprendiz usa da prerrogativa de ser rama de uma raiz ancestral, integrando o caminhante, o contador de história, o artista, a Iyalorixá, o poeta, o mestre conquista uma nova forma de aprendizado.

Eu penso ser importante a mística da roupa, dos utensílios, dos paramentos na troca de saberes e na promoção da identidade griô. Sempre trago os paramentos, as guias (cordão de miçangas), o mojôlo (cordão de argila ou pedra pintada com os elementos do orixá), o ojá (pano de cabeça), e as vestes brancas.

Minha referência de indumentária griô, de sabedoria, vem com o axó (roupa) da Iyalorixá (sacerdotisa de matriz africana). Também trago o mestre griô usando um chapéu de palha e com um pandeiro na mão, sempre ele e seu pandeiro. Nos nossos encontros, uma forma de estar com a brincadeira sempre à mão.

"Apesar da Escola Maria da Glória Advíncula estar localizada no bairro do Guadalupe, Olinda, PE, local de extrema riqueza e diversidade cultural, a equipe pedagógica até então não tinha percebido a grande idéia de fazer parceria com um dos tantos centros de cultura que rodeiam a escola. Nosso direcionamento cultural estava concentrado em visitas e caminhadas para valorização e reconhecimento da história local e, em sala de aula, nossos alunos faziam a releitura do que aprendiam através de desenhos, produções de textos, expressão corporal e oral. Percebíamos que faltava algo que trouxesse mais satisfação no processo ensino-aprendizagem. Para minha surpresa, um dia vi as crianças tocando. Quis saber imediatamente quem lhes havia ensinado e, numa só voz, disseram que havia sido Beth. Naquele momento notei que se tratava de uma pessoa muito importante para aquela comunidade.

As crianças me levaram até o Centro Cultural Côco de Umbigada (local onde fazem oficina de percussão) e lá me apresentaram a Beth. Percebi naquele encontro a oportunidade de uma grande parceria, finalmente algo que traria vida para nossa escola.

Beth agendou comigo algumas visitas dos alunos ao Centro e, com muita generosidade, envolveu-nos num processo de identificação e reconhecimento afro-descendente. Tivemos também aula de percussão e conhecemos a história que não está nos livros.
Em sala de aula, nos ensaios de dança com voluntários, os alunos fizeram a releitura do côco em várias dimensões: o côco de roda e suas vertentes populares. Foram trabalhando o côco canção, na linguagem oral e escrita; o côco enquanto fruto, na criação de um livro de receitas (Sabores do Côco) e ainda conhecemos a arte produzida com a casca (catemba), o talo, a palha e a quenga do côco.

O projeto desenvolvido na escola tomou como ponto de partida o côco da Beth e abraçou os outros ritmos, do Guadalupe ao Bonsucesso (bairro onde está localizado nosso anexo, Espaço Aberto). Confesso que, a princípio, não foi fácil envolver o grupo de educadores na convivência religiosa e étnico cultural, visto que o preconceito, gerado pela falta de informação, ainda persiste em nosso meio. Sabendo disso, eu me apoiava no discurso de que o que permeia a educação é a informação, e que o indivíduo tem o direito a um desenvolvimento pleno, e é necessário que o educador oportunize ao aluno não só o conhecimento científico, mas também o saber popular. Hoje sinto-me mais confiante, pois sei que por trás dessa semente plantada existe a Ação Griô, que irá garantir a continuidade desse trabalho." Professora Glauciane

Duas idades se encontram na Ação Griô. Mãe Lúcia tem uma trajetória de vida ligada ao terreiro. Aos dezoito anos foi iniciada. Vem da rama nagô de Pernambuco, com sua avó Bernardina trazendo ensinamentos do velho sítio de pai Adão.

Na década de oitenta, presidiu o Afoxé Alafin Oyó, trazendo polêmicas ao admitir e integrar pessoas não negras nessa instituição religiosa. É coordenadora pedagógica da Escola de Ensinamentos de Mãe Preta, escola de vivência que traz os ensinamentos dos terreiros. É parteira, benzedeira e Iyalorixá. Coordena e lidera espiritualmente o terreiro de candomblé Ilê Axé Oyá Togum, passando ensinamentos de cura, cidadania e espiritualidade a seus mais de 50 filhos de santo.

Ministra oficinas e aulas de matriz africana em escolas e Universidades de Pernambuco e compõe o Quadro de Oficineiros de Matriz Africana no Projeto Multicultural da Prefeitura da Cidade do Recife. Coordena a Rede de Saúde dos Terreiros na cidade de Paulista, em Pernambuco. Protagoniza a Ação Griô em Pernambuco e tem assento no GT de Matriz Africana na Comissão Nacional dos Pontos de Cultura.

Rayane é menina de nove anos, afro-descendente, moradora do Beco da Macaíba, onde se localiza o Terreiro da Umbigada, estudante da segunda série da Escola Pública Municipal Maria da Glória. Seus pais têm mais três filhos. A renda da família se dá a partir da venda de bebidas na Cidade Alta em Olinda e durante a sambada no primeiro sábado do mês. Rayane tem muita dificuldade no aprendizado. Repetiu a primeira e a segunda séries. Falta bastante aula e não tem acompanhamento das atividades escolares em casa.

Não se identifica com a escola e confessa ir à escola, na maioria das vezes, pela merenda. Em contrapartida, no terreiro "Ponto de Cultura" é sempre a primeira a chegar e a última a sair. Está sempre sendo convidada a dar entrevista. Tem na dança e no canto grande protagonismo. Compõe o grupo de cantores mirins do Côco de Umbigadinha e guarda várias matérias de jornais que retratam o côco e trazem sua foto.

Sua avó lhe presenteou recentemente com um quadro onde ela está dançando umbigada com outras crianças, foto extraída de um jornal de grande circulação em Pernambuco. Ela pendurou esse quadro durante um tempo no Ponto de Cultura e na escola onde estuda, demonstrando sua alegria e auto-estima com a brincadeira que desde cedo aprendeu. Também é entusiasmadíssima com o afoxé do nosso terreiro.

Núcleo de Memória e Produção de Cultura Popular Côco de Umbigada

Representante Institucional: Maria Elizabeth Santiago de Oliveira
Griô aprendiz: Maria Elizabeth Santiago de Oliveira (Beth de Oxum)
Educadoras: Cristina Carvalho, Glauciane Maciel dos Santos
Mestres e griôs envolvidos na Ação: Mãe Lúcia de Oyá, Mestre Pombo Roxo, Mestre Zeca do Rolete, Índio Matinho, Saudosa Mãe Ivanise de Xangô, Beth de Oxum
Parceiros: Serpro, FUNDARPE, Cineclubes do Brasil, Gessac-Ministério das Comunicações, SID-MINC- prêmio de Culturas Populares, SPPC-MINC- Prêmio Escola Viva, Iphan-Prêmio Rodrigo Melo de Franco, Museu da Pessoa - Brasil Memórias em Rede

Cultura para o Desenvolvimento

Nós resolvemos participar da Ação Griô por acreditar que a proposta pedagógica lançada no edital tinha a ver com o trabalho desenvolvido em nossa comunidade há mais de vinte anos.

Antes da Ação Griô, nossas atividades eram desenvolvidas basicamente de forma oral, já que não tínhamos muita preocupação com registro. Desde as letras das músicas às histórias dos folguedos eram ensinadas e aprendidas oralmente.

Com o envolvimento na Ação Griô, começamos a ter também cuidado com a questão do registro de toda essa riqueza que são os conhecimentos dos mestres e griôs, e isso é transmitido para as crianças. Então, além delas aprenderem ouvindo e se envolvendo nas ações, também ficam com um pouco desse registro escrito e, em alguns momentos, como na contação das histórias, fazem a sua própria interpretação e recriação.

Até o momento, não trabalhamos relacionando diretamente as questões étnicas, mas procuramos trabalhar sempre a valorização e o respeito entre todos.

Acreditamos que nossa missão junto à Ação Griô Nacional seja a valorização dos mestres e griôs e a preservação da riqueza do conhecimento deles, transmitido pela oralidade, fortalecendo assim a identidade de crianças e jovens, relacionando-os com todas as expressões da cultura popular da comunidade.

Consideramos muito importante nesse processo o envolvimento do espaço da escola, seja material ou imaterial, pois devemos integrar toda a comunidade e absorver toda forma de aprendizagem, principalmente quando ela ocorre de forma prazerosa.

Minha relação de griô aprendiz com os mestres vem de muitos anos de convivência e de admiração, pois nasci e me criei ao lado dessas pessoas maravilhosas que não perderam o encantamento pela vontade de viver. Com o desenvolvimento das atividades da Ação Griô, essa relação de respeito se fortaleceu ainda mais.

A minha relação com a escola é muito forte. A escola é uma herança do meu avô. Está localizada em frente a minha casa. Estudei parte do ensino fundamental nela, e, antes de sermos reconhecidos como Ponto de Cultura, eu já desenvolvia lá atividades sociais e culturais. Foi através da aproximação da Ação Griô que comecei a trabalhar e a realizar, de forma mais direta, as atividades com os outros educadores na escola.

Vou mediando a comunicação entre escola e tradição oral de forma integrada e, ao mesmo tempo, diferenciada, pois com os griôs e mestres existe uma relação de confiança e admiração profunda, que se evidencia pelo prazer e vontade com que eles se envolvem nas atividades. Com os educadores ainda não existe o envolvimento total, mas muitos já trabalham a oralidade através da contação de história.

Nas reuniões de planejamento, sempre coloco a importância da oralidade, no falar e no ouvir, e cito exemplos da pedagogia griô do Grãos de Luz e Griô. Todo esse processo, de certa forma, é novo para mim, pois antes de conhecer a pedagogia griô eu não percebia a necessidade desse personagem; um griô aprendiz mediador e articulador de saberes; e nem a necessidade de preparação de um ambiente, seja material ou simbólico, para a transmissão oral. Agora percebo que isso é importante, pois estimula a imaginação e o prazer de quem faz e de quem vê.

Antes da visita do griô aprendiz regional, e do encontro regional, nós ainda não tínhamos entendimento de como trabalhar a pedagogia griô propriamente dita. Executávamos as atividades em forma de oficinas e espetáculos. A partir do encontro, percebemos a dimensão dessa Ação Griô e iniciamos um novo processo, não descartando o que vínhamos fazendo, mas aperfeiçoando e inovando de acordo com o que presenciamos e vivemos. Estamos procurando aprender e melhorar a cada dia.

Sinto-me responsável pela continuidade de sonhos e realizações de mestres e griôs, que se sentem renovados desenvolvendo e participando dessas ações sinto-me muito feliz em fazer parte desse contexto, que não é mais somente o Ponto de Cultura de Canafístula e, sim, um universo maior, que deseja melhorar a qualidade de ensino.

Estamos assim ajustando a proposta da pedagogia griô à nossa realidade, aprofundando nossos conhecimentos, adequando cada aprendizagem ao nosso contexto. Como já disse antes, já desenvolvíamos atividades de transmissão oral, só que não com o olhar e a importância que a Ação propõe.

O envolvimento e encantamento da escola com a tradição oral precisa de pessoas mais abertas para o ouvir e o falar. O estímulo da convivência religiosa e étnico-cultural e a consciência histórica na escola, relacionada à tradição oral, precisam ser trabalhados, através do respeito, de forma ampla e profunda, procurando conhecer as diversas formas de expressão da tradição oral.

Os mestres e griôs estão ocupando um novo lugar na comunidade. Sempre estão presentes nas reuniões da associação e alguns participam de outros grupos sociais e religiosos.

Todos estão diretamente envolvidos na execução das oficinas. Além das oficinas, eles participam de outros grupos oficiais que fazem parte do Ponto e que desenvolvem um trabalho social mais amplo, apresentando-se em diversos municípios e até fora do estado.

Perceber o envolvimento e encantamento das crianças é extremamente gratificante e, quando há uma participação mais efetiva por parte de alguns, a satisfação cresce ainda mais.

É o que percebemos em relação ao Rodrigo, Gabriel e, principalmente o Lucas, que ultimamente vem assumindo uma postura de griô aprendiz, fazendo o papel de mediador, nas oficinas de músicas, entre o mestre e os colegas que sentem mais dificuldade.

Cultura para o Desenvolvimento

Representante institucional: Maria Consuelo Lopes
Griô aprendiz: Maria Consuelo Lopes
Educadoras: Maria Bernadete, Maria de Lourdes, Ana Lúcia Guimarães, Maria Vitória Lopes
Escolas: Escola Domingos Lopes da Silva, Escola Professor José Moacir Teófilo, Creche Dr. Geraldo
Mestres e griôs envolvidos na Ação: José Magalhães, Maria Joana, Eurides Ferreira, Josefa Lima, Angelina da Silva, Domingos da Fonseca
Mestres e Griôs não bolsistas: Maria José da Silva, Maria do Carmo, José Wilson, Sr. Rosalvo, Delvita Maria, Ana Xavier, Antônia Barbosa

Estrela
de Ouro

O Ponto de Cultura Estrela de Ouro do Maracatu, com sede no Sítio Chã de Camará, no município de Aliança, a 72 km de Recife, faz parte do primeiro edital dos Pontos de Cultura. Os mestres são todos ligados ao corte da cana, envolvidos no canavial desde a infância, sendo que nunca tiveram acesso à escola.

Preocupado com a situação de necessidade econômica e financeira dos mestres, o Ponto de Cultura buscava uma maneira de lhes assegurar um ganho mensal permanente, quando foi publicado o edital do programa Ação Griô, que foi entendido pelos coordenadores do Ponto de Cultura como uma possibilidade de realizar uma ação educacional junto à comunidade, ao mesmo tempo em que possibilitava uma maior condição financeira mínima aos mestres, sendo que eles poderiam verificar de imediato o valor de seus trabalhos.

Pela própria história de vida de cada um dos griôs e mestres do Ponto de Cultura Estrela de Ouro, eles são parte da tradição oral da região onde vivem desde o seu nascimento.

Tudo que aprenderam dependeu do uso atento dos sentidos, especialmente a visão e a audição. Todos eles trabalharam com as mãos e aprenderam, pela convivência com as diversas artes que utilizam no dançar, no contar as histórias, no versejar, e na realização das tarefas que lhes eram confiadas no canavial.

Entretanto, toda essa produção e erudição não era processada conscientemente com o seu verdadeiro valor histórico e cultural. A Ação Griô permitiu aprofundar o trabalho que vinha sendo realizado para dar organização à sede do Ponto de Cultura.

Os encontros passaram a ser mais sistemáticos e oficinas foram realizadas para preparar as atividades que iriam ser postas em prática nas escolas da comunidade.

A comunidade de Chã de Camará, onde funciona o Ponto de Cultura, é formada por seis famílias de trabalhadores rurais. Alguns ali trabalhavam quando da fundação do primeiro Ponto de Cultura do Mestre Batista. Ali se encontram as diversas etnias formadoras do povo brasileiro, e as conversas sobre as diversas tradições culturais fortalecem o sentimento do grupo, nas suas diferentes ancestralidades.

A missão do Ponto de Cultura é a promoção da estima, a valorização de todos e de cada um, estabelecendo um lugar onde todos atuam para o bem de todos. Nesse sentido, observa-se que a Ação Griô adequou-se bem aos objetivos propostos pelo Maracatu Estrela de Ouro de Aliança e do Ponto de Cultura. Os mestres griôs são mestres do Maracatu, dos Caboclos, do Côco, do Terno do Maracatu e do Cavalo Marinho.

A coordenação do Ponto de Cultura garantiu a celebração de todas as tradições. Assim, na Chã de Camará há um Centro de Jurema, mas os griôs e mestres não participam dos rituais, enquanto se sabe que alguns caboclos e mulheres da comunidade adjacente participam dos ritos. O sacerdote do Centro Nossa Senhora da Conceição é o rei do Maracatu e não são poucos os caboclos que entendem a sua importância.

Embora seja boa a existência da Ação Griô, o Maracatu Estrela de Ouro de Aliança cuida para que nem o Ponto, nem a Ação Griô suplante a tradição do Maracatu e das demais tradições geradas na Zona da Mata Norte.

No processo da Ação Griô, o griô aprendiz Biu do Côco melhorou sensivelmente sua relação com os mestres griôs. Ao mesmo tempo em que se viu mais valorizado, o griô aprendiz passou a conceder maior importância às palavras que escuta dos demais mestres, aprendendo a não ter receio de ofendê-los com as suas opiniões. Ao longo desse ano, pudemos assistir o crescimento da autoconfiança, do auto-respeito e estima do griô aprendiz.

O Ponto de Cultura Estrela de Ouro considerou a diversidade cultural dos freqüentadores, daqueles que são parte do Maracatu Estrela de Ouro de Aliança e dessa tradição. Embora tenham sido produzidos alguns trabalhos acadêmicos que querem fazer ligação direta entre o folguedo do maracatu e as entidades religiosas, verifica-se que os que desejam participar do maracatu, seja como caboclos, seja como baianas, participam de variados credos e tradições religiosas.

O Maracatu Rural ou de Baque Solto, diferentemente do Maracatu de Baque Virado, não exige filiação religiosa de seus membros, convivendo com as diversas tradições e sofrendo os preconceitos que as tradições populares sofrem.

Antes de ser iniciada a Ação Griô, o Maracatu Estrela de Ouro de Aliança exigiu a sua participação no desfile cívico do aniversário da cidade, o que causou estranheza, pois aquele desfile era apenas para as escolas e algumas outras instituições culturais e educacionais.

Após o susto inicial, o Ponto de Cultura Estrela de Ouro de Aliança se pôs na sociedade como um lugar cultural e como um lugar de ensino-aprendizagem. Assim, quando se organizou a Ação Griô, ficou estabelecido que os griôs iriam visitar as escolas e apresentar as suas criações e as suas vidas aos estudantes, em seus lugares de estudo. Não se pretendeu que os saberes entrassem na matriz curricular, mas que estudantes e professores pudessem perceber que há mais que dança, há mais que balanço, na tradição que a escola não estuda em seus cursos. Ao chegarmos às escolas, o aprendizado já havia se iniciado antes, através do griô aprendiz, que visitava a escola para conversar com a direção. Assim, ele desenvolvia a sua capacidade de comunicação, vencia as barreiras sociais que impunham o temor de falar, os limites impostos pela sua condição social. Depois, o contato com outras instâncias do poder estatal, antes tão distante, também foi feito.

A recepção nas escolas foi uma surpresa para os mestres. Na região, como em todos os espaços populares rurais, o respeito aos mais velhos é parte integrante da vida social; um respeito que se perde, aos poucos, nas sociedades letradas, em que o saber é transmitido profissionalmente pelos mais jovens, nem sempre mais experientes.

O carinho e o respeito com que os estudantes ouviam o que os mestres diziam sobre as suas vidas e o significado de suas artes emocionou a cada um deles. A inserção dos mestres e griôs contribui para introduzir uma reflexão nas escolas e um maior aprofundamento de estudo das artes e culturas brasileiras.

Considerando política como o reconhecimento do poder que a experiência produz, um prestígio novo e a criação de uma nova audiência, nota-se que a comunidade, em seu sentido mais amplo, referenda um pouco melhor a atuação e os atos dos mestres do saber popular. Esse reconhecimento é maior no seio da comunidade do Ponto de Cultura.

O maior ganho parece ter sido no ambiente da escola, lugar onde se discutia como cultura apenas o que era produzido fora da cidade. Agora se pode notar um orgulho dos aliancenses por seus mestres, não apenas os griôs do Ponto de Cultura, mas de todos os maracatus da cidade.

Ainda é grande o espaço a ser percorrido por todos os membros da sociedade local, mas hoje ela sente orgulho em saber que homens simples que eles conhecem são convidados a se apresentarem, não mais como uma atração exótica, mas como senhores de um saber que só aquela região produziu. Cada vez é mais fácil conseguir espaço nos meios de comunicação da região, onde esses mestres são reverenciados.

A permanência maior dos mestres no Ponto de Cultura tem permitido a eles receber um maior número de pessoas que chegam ali para conhecê-los e ouvi-los. Essa presença alimenta a disposição de voluntários, que acompanham jovens e senhoras na produção de artesanato e no acompanhamento de atividades com crianças.

"Outros passaram a me ver de maneira diferente, mas eu aprendi a me ver de uma nova maneira".

Biu do Côco

Todos os sábados, os mestres, no terreiro, dividem-se e, cada um, forma um grupo para transmitir a sua arte: a arte de tocar, a arte de dançar, a arte de cantar. Assim, eles atendem jovens que chegam de Aliança, e jovens, que chegam das cidades vizinhas.

Os mestres griôs e o griô aprendiz também recepcionam visitantes do Ponto de Cultura e com eles conversam, cantam e dançam. Importante é que, nessas ações, eles contam com a presença de duas jovens, que os auxiliam e com eles aprendem a arte da conversação, dança ou canção.

Zé Duda, José Bernardo Pessoa, nasceu no Engenho Cavalcanti, em Buenos Aires, no ano de 1939. Mestrava maracatus desde 1950, sendo já respeitado como o "Peito de aço" quando foi ser morador de Chã de Camará. Zé Duda diz que passou a noite ouvindo o mestre Baracho e aprendeu as suas cantigas. Dono de uma memória prodigiosa, Zé Duda nunca aprendeu a ler, mas guarda seus versos na memória.

Durante algum tempo, viveu no Recife como ajudante de pedreiro, mas sempre voltava para a Zona da Mata para ser Mestre de Maracatu. Na Chã de Camará ficou amigo do Mestre Batista, com quem aprendeu Cavalo Marinho, sendo um dos maiores conhecedores dos versos e canções.

Como mestre de maracatu, o seu primeiro trabalho foi no Leão do Engenho Vasconcelos, de Buenos Aires. Em seguida mestrou um boi amaracatuzado de Lau Marchante, também de Buenos Aires. Depois, no Engenho Jardim, mestrou na caravana composta de Maracatu e um bloco de Manuel Rafael. Foi mestre, ainda, no Engenho Bonito de Condado, no Maracatu Cambida Estrela de Luiz de Justo. E, enfim, foi pro Engenho Retiro, também em Condado, onde foi mestre do Leão Coroado, cujo dono era João Bevenuto.

Vindo morar e trabalhar em Chã de Camará desde 1968, a vida do Mestre Zé Duda e a do Maracatu Estrela de Ouro se confundiram. Foi o mestre do Estrela de Ouro até 1991. Por algum tempo, Zé Duda afastou-se do maracatu, retornando em 1997 para ser o mestre até os dias atuais.

Estrela de Ouro

Representante institucional: José Lourenço da Silva
Griô aprendiz: Severino José de França
Educador: Severino Vicente da Silva
Escolas: O grupo mantém trabalhos com várias escolas das redes Municipal e Estadual, estabelecidas no município de Aliança
Mestres e griôs envolvidos na Ação: José Bernardo, Aluízio Belo, José Mário, Mariano Telles, Antônio Bernardo.

Olha o
Chico

A griô aprendiz Linete Matias

A gente já desenvolvia atividades com os mestres da cultura popular. Já havia um diálogo dentre o "saber popular" e o "saber científico". Tínhamos mesmo que escrever esse projeto para a Ação Griô e nos dar a oportunidade de conhecer e dialogar com instituições que tinham trabalhos afins.

Nasci na cidade de Piaçabuçu, AL, em um povoado chamado Potengy (rio de camarões). Não tinha asfalto nem luz elétrica. Quando alguém ficava doente, ia pra casa de um rezador ou logo procurava na mata ou no quintal plantas que curavam.

Não tinha TV e, quando era noite, as pessoas sentavam em suas portas para conversar, contar histórias. Chegou luz elétrica e as pessoas foram mudando seus hábitos. Já não sentam em suas portas pra conversar. Em 1999, chegou uma oficina de canto-coral no Potengy e, aos cânticos da Igreja Católica, misturam-se músicas diferentes, cantigas de roda, cirandas...

Em 2000, aos quinze anos, fui convidada a participar do grupo de artes integradas Caçuá. Lá, percebo hoje, em função da Ação Griô, já existia a roda das idades que Líllian Pacheco identifica na pedagogia griô: no grupo havia pescadores, poetas populares, pifeiro, estudantes universitários, professores, crianças e adolescentes.

Fui vivendo sem questionar nada. Tudo era comum e diferente. O pífano, antes usado nas procissões, ocupava outro espaço também. Composições havia com facilidade da cabeça do pifeiro Cícero Lino. Fui, até sem perceber, tomando posse das coisas que já eram minhas, mas que, de certa forma, estavam esquecidas, adormecidas em mim.

A partir de então, conversava com outros pifeiros, cantadores de côco, com mestres da cultura popular relacionados à música.

Em 2002, conheci o contador de histórias Luciano Pontes. Foi quando lembrei das histórias que as pessoas contavam quando não tinha luz no meu povoado. E essas histórias ficavam o tempo todo dentro de mim gritando:

"*Conta-me!!!! Conta-me!!!!*" Contei-as. E outras vivem a aparecer e pedem para que eu as conte.

Neste lugar de griô aprendiz criado pela pedagogia griô, tive e estou tendo a oportunidade de ouvir, contar e recontar as histórias tão apaixonantes desses mestres e griôs, agora bem mais próximos de mim e do Ponto Olha o Chico.

Estou aprendendo a sistematizar esses saberes e a possibilitar sua propagação.

Em Piaçabuçu potencializamos a convivência social. Entendemos que somos um coletivo e temos descendência africana, indígena, portuguesa. Ao fazermos essas informações chegarem às pessoas, fazemos com que haja uma potencialização da convivência humana e étnico-cultural. Nenhum desenvolvimento se fará com qualidade se não houver a valorização da cultura popular e o fortalecimento da identidade das pessoas. No nosso Ponto, mobilizamos a comunidade através de trabalhos com os temas cultura e meio ambiente e contribuímos para a organização do povo ribeirinho, através da articulação em rede de comunicação e trocas de experiências, de forma que cada um se perceba protagonista consciente de sua história. Isso só acontece quando me conheço e ao outro, valorizo a mim e a minha história, quando respeito e valorizo a história do meio a que eu pertenço.

Seu Círero Lino, pifeiro, vivia reclamando que não tinha aluno, que ninguém mais queria aprender esse instrumento, que ele mandava os meninos irem para a casa dele e nenhum aparecia. Durante o ano de 2008, ele chegava ao Olha o Chico perguntando que dia poderia utilizar o espaço para dar aula de pífano, porque havia muito menino indo aprender na casa dele.

Os mestres e griôs da cidade ficavam dentro de suas próprias bolhas. De lá, eles repassavam o seu saber. Não havia construção. Para o mestre era aquilo e pronto. Talvez nós também estivéssemos em bolhas, sem perceber.

Questionávamos se podíamos propor mudanças na forma de repasse de conhecimento dos mestres, e de que forma intervir durante suas falas quando era necessário otimizar o tempo e concluir o raciocínio, pois eles devaneiam e não estão muito preocupados com o tempo.

"O nosso Brasil cresceu, depois que o homem amostrou,
o grande e pequeno mestre desse projeto griô.
Seja bem vindo todo mestre griô,
afirmar nossa cultura que o ministro pensou.
Governador assinou, senador e deputado.
Com nosso projeto aprovado, nossa cultura mudou"
Letra da Música de Cícero Lino.

A pedagogia do Grãos de Luz e Griô, criada por Líllian Pacheco, foi como um espeto que furou as bolhas. Juntos, estamos aprendendo a conviver e a interagir. Aprendemos a respeitar os saberes dos griôs e mestres e eles aprenderam a respeitar nossos saberes. Percebemos o quão é importante dialogar, expor outro ponto de vista; ouvir e ser ouvido. Não importa quem e em que "classificação" essa pessoa está. Há um respeito e uma valorização mútua. Estamos construindo um novo saber. Não era assim, mas hoje existe respeito e carinho dos educadores para com os mestres e griôs. Muitas vezes, nem é necessária a mediação do griô aprendiz nas vivências das escolas. Coordenadores pedagógicos e professores estão assumindo o lugar de griô aprendiz, o que se faz possível graças aos encontros de estudo sobre a pedagogia griô, em que estes discutem sobre as atividades nas escolas junto com mestres, griôs e alunos, não apenas os conveniados pela Ação Griô, mas com todos os mestres e griôs identificados pelas escolas em sua cidade, bairros e povoados.

E isso tem funcionado. No Povoado Penedinho, a escola municipal fez um encontro com seus mestres. Só fomos convidados. Os mestres vão às escolas, a escola vai aos mestres. Uma vez no mês, elas param para rodas de contação de histórias, apresentação de danças e folguedos, conversas com mestres convidados, etc. Isso se da não de forma aleatória, mas a partir de uma ação pensada e inserida nos planos de aulas das escolas, para que venham a compor o processo de ensino-aprendizagem.

Em se tratando da questão curricular, especificamente, nem o município nem o estado têm um currículo definido. Um grupo, formado pelos coordenadores municipais e sob facilitação de uma consultora contratada (Joana Dark), vem se reunindo periodicamente, duas vezes ao mês, para estudo e, dentre outros itens em pauta, estudam a construção de um currículo para o município. São esses mesmos coordenadores que integram o grupo de estudo sobre a pedagogia griô.

O pedir a bênção antes de todas as atividades, invocar a presença dos espíritos de luz, dos meus ancestrais... tem me ajudado a ter paz e calma na mediação das vivências. Minhas vestes, em geral, lembram a etnia africana, com cores fortes e contrastantes, mas poderia associá-las à indígena, pelos adereços; à cigana, pelos seus enfeites, etc.

Logo no começo da Ação Griô, e mesmo antes dela, o uso do figurino e a construção de um personagem dava-me a segurança necessária para mobilizar a comunidade e falar de idéias nas quais eu acreditava, mas que talvez ainda não tivessem sido de fato incorporadas como crenças e verdades a serem respeitadas por todos. É como se fosse vergonhoso ser diferente e isso, de certa forma, me incomodava. Hoje percebo com orgulho que sou diferente – que em verdade todos são, ou deveriam ser se não se moldassem a um senso comum. Confio em minhas crenças, no que posso fazer para mudar o mundo para melhor.

Minhas vestes para vivência da Ação Griô são parecidas e, às vezes, a mesma roupa que uso no dia a dia. Quero dizer, com isso, que não considero a roupa que uso como griô tão diferente. Gosto muitas vezes de escolher com carinho um figurino para esse trabalho – ou outro – mas, acima de tudo, eu sou Linete, pessoa, igual e, ao mesmo tempo, diferente de todos.

Será que todos os griôs devem usar roupas diferenciadas das que utilizam em seu cotidiano? Gosto de saber que a roupa que estarei usando vai facilitar que as pessoas olhem para mim e escutem o que estou falando, mas gosto também quando, em um trabalho feito em círculo, as pessoas têm dificuldade de perceber quem está mediando. Com uma vestimenta muito diferente, isso não acontece.

Por Dalva Castro

Antes da Ação Griô, a cidade já vinha trabalhando em sua rede de educação as questões ambientais. E pensar o ambiente é pensar as pessoas que aí habitam, seus valores e práticas sócio-culturais. Assim, a Ação chegou com uma energia forte e contagiante, materializou-se com facilidade no som do pífano, nos passos e cantos do guerreiro e reisado, na delicadeza das bonecas de pano, nas plantas que curam, ocupando as salas de aulas, os pátios das escolas e ecoando pela cidade. O pai de uma aluna do Penedinho, que não conhecíamos, nos relatou que nos conhecia através da filha dele, que era muito tímida e passou a se expressar a partir da pesquisa em que ela passou a cantar canções de trabalho em sua comunidade. Vários alunos passaram a participar dos grupos de folguedos: Guerreiro e Reisado.

Desde quando o projeto foi escrito estava, claro que haveria relação com as escolas, mas não imaginávamos que essa relação fosse ganhar proporções tão mágicas. É ainda incalculável a proporção que se firma nesta cidade – e nas outras 10 cidades ribeirinhas de Alagoas. São Planos de Trabalhos de Escolas planejados sob novas perspectivas. São mestres, griôs, coordenadores e alunos sentados juntos e pensando sobre que tipo de escola se quer e de que forma construí-la – nos encontros mensais sobre a pedagogia griô. É uma cidade se re-encantando com seus saberes, suas belezas vivas.

As escolas, que já vinham buscando a relação com a comunidade, encontraram nessa ação simples e forte a possibilidade de trazer os pais para o convívio desse ambiente. São rodas de conversas em que os pais contam histórias sobre a cidade, em que mestres, orgulhosos, repassam seus saberes. Buscamos a construção de um ambiente de respeito, independente de raça, crença, opções sexuais, partido político, grau de instrução, etc. Em uma escola apenas (estadual) chegou a ser discutida a questão específica da religião, propondo a retirada da disciplina do horário escolar e organizando momentos de espiritualização ao início do expediente, e de seminários com representantes das diversas expressões espirituais presentes na cidade: cristã (católica e protestante), espírita, umbandista, etc.

O diálogo efetivo entre o currículo e os saberes de tradição oral tem, por sua vez, provocado transformações bastante significativas, como fica claro no texto de apresentação inserido em um dos Planos de Trabalho elaborados para 2008, o da Escola Municipal Deraldo Campos:

"Partindo de nosso contexto, que é a falta do espaço físico e a possibilidade de transformar toda a comunidade em espaço efetivo de construção do saber, nosso Plano de Trabalho se pauta na construção coletiva de trilhas temáticas, a partir das quais serão planejadas atividades pedagógicas para alunos e de melhoria da qualidade de vida para comunidade".

"A última vez que vi o Reisado, deixe eu dizer bem, em 60, eu tinha 6 anos. No mês de abril, eu fui embora pra Colégio. Minha mãe morreu e minha vó veio buscar a gente: eu e a minha irmã. Passei 2 anos lá... Dá 62, né? Quando nós voltou... Em 63! Foi em 63 o último Reisado! Eu tinha 9 anos quando vi o último Reisado lá no Retiro. O Mateus era o finado Zé Preto. Esse já morreu. Quem cavou a covinha dele foi eu. Tá enterradinho lá no Retiro. O Reisado era lá no Retiro. Quem fazia era um rapaz que tinha, chamado... não tenho bem lembrança o nome dele. Vou perguntar. Já morreu.

Vivo hoje, que eu lembro, tem a Gruinaura e a Socorro, das mais velha. Os que tem agora nem nunca viram essa brincadeira. Além da Guinaura, tem outra mulher lá que brincava no Reisado, nesse reisado que existia lá no Retiro. Tá bem velhinha. O nome dela é Creuza, mas ela não brinca com a gente não. Ela brincava no tempo dela moça. A gente lá começou porque a Guinaura já sabia brincar. Aliás, a mestra e a contra-mestra, que é a Guinaura e a Socoro, elas já brincavam quando eram crianças. Então elas me convidaram pra nós fazer assim... a brincadeira. Então começemo a chamar as meninas e vamos ver se nós consegue fazer. Mas, com fé em Deus, nós vamos fazer, nem que fique só 4 num lado e 4 no outro, e a mestra e a contramestra, mas nós vamos fazer. Eu tô esperando para ver quem fica e quem não fica. Uma brincadeira dessa, hoje, você sabe, uns começa a ensaiar, aí na outra semana já não vai, aí entra outra na outra semana. Eu tô preferindo mais as crianças. É para brincar quem quiser, mas eu tô preferindo as crianças. É porque a criança que vai ficar com o nosso saber.

Nós já estamos ficando velhos. Aí, se nós não fizer agora, se não ensinar as crianças, acaba. Hoje em dia, a gente procura um palhaço, um mateus, não tem. Acabou. Os três que brincavam lá no Retiro tá tudo enterrado lá no cemitério. A gente chama os meninos, eles não querem, não sabem. A gente coloca só pra representar, mas eles não sabe. Foi parando e o povo foi esquecendo."

Entrevista feita por Dalva com Seu Pagode, em 18/08/2007, do Reisado do Penedinho

A pedagogia griô, ainda que em construção, foi incorporada pelos educadores do Olha o Chico e, a partir daí, tem se propagado e vem influenciando todos os projetos trabalhados por este Ponto de Cultura. Na medida em que os mestres e griôs passam a discutir sobre a educação local (nos encontros da pedagogia griô), sobre políticas públicas (nos encontros da REDE NUDAP, Núcleo da Dircussão e Ação Permanente) e a assumir cargos de diretoria em organizações (a exemplo de Seu Correia, griô voluntário / contador de histórias, escolhido como diretor de comunicação do Olha o Chico), acreditamos que estejam ocupando importantes lugares políticos e sociais em suas comunidades.

No projeto encaminhado, a Ação Griô contempla quatro estruturas educadoras: Viveiro Educador de Plantas Medicinais, Bonecas de Pano, Banda de Pífano e Guerreiro Aprendiz. Com o desenvolver das ações, mais uma estrutura surgiu, o Reisado. E muitos outros saberes vêm sendo vivenciados, como: as canções de trabalho, casa de farinha, olaria, lendas, etc. Os mestres e griôs têm dominado essa prática das vivências. Eles têm estado nas escolas sem a presença do griô aprendiz, recebendo todo um acompanhamento dos coordenadores e professores da rede.

Somos sementes na terra. Germinar e crescer é nossa missão. Mas, por algum motivo, muitas de nós paramos de crescer a certa altura da vida. Onde chegamos, podemos ver o que nos é necessário para viver. Mas a semente carrega a força de toda sua ancestralidade. E ainda que tenham se passado muitos e muitos anos, chegará um dia em que a semente lembrará que já teve sonhos. Sonhos de ser árvore com muitas flores, de fertilizar com muitas outras sementes aquela terra, de onde ela não precisava sair para viver com intensidade, pois sua missão era germinar e crescer e, para crescer, ela só precisava viver com intensidade e isso tinha liberdade para fazer.

"Somos sementes carregadas de sonhos e a Ação Griô veio nos lembrar que temos liberdade de sonhar."

Caminho do Rio São Francisco

Representante institucional: Vicentina Dalva Lyra de Castro
Griô aprendiz: Maria Linete Matias
Educador(es): Educadores e coordenadores pedagógicos da Rede NUDAP – Núcleo de Discussão e Ação Permanente
Escola: REDE NUDAP - 14 Escolas da Rede Municipal, uma particular e uma da rede estadual
Mestres e griôs envolvidos na Ação: José Gomes dos Santos, Maria de Lourdes dos Santos, Manoel dos Santos (Pagode), Cícero Lino dos Santos, João Francisco dos Santos (Ferrete), Mestra Guinaura, Zé Correia.

Entre em contato conosco para adquirir os filmes e jogos da
Ação Griô Nacional
www.nacaogrio.org.br e www.graosdeluzegrio.org.br